

MÉTODOS PROJETIVOS E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: ATUALIZAÇÕES, AVANÇOS E PERSPECTIVAS

Organizadores:

Deise M. do Amparo
Erika T. K. Okino
Flávia de L. Osório
Carla Luciano C. Hisatugo
Marcelo Tavares



VI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos

ASBRo - Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos
e-mail: asbro@asbro.org.br - Fone/Fax: (16) 3632-1427
<http://www.asbro.org.br>

ISBN
9788562020018

2 a 4 de Agosto de 2012

Promoção e Realização



Patrocínio



Apoio



**MÉTODOS PROJETIVOS E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA:
ATUALIZAÇÕES, AVANÇOS E PERSPECTIVAS**

Organizadores

Deise Matos do Amparo
Erika Tiemi Kato Okino
Flávia de Lima Osório
Carla Luciano Codani Hisatugo
Marcelo Tavares

**MÉTODOS PROJETIVOS E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA:
ATUALIZAÇÕES, AVANÇOS E PERSPECTIVAS**

ASBRo

2012

**Os textos e posicionamentos teóricos e ideológicos contidos neste
livro de programa e resumos são de responsabilidade dos respectivos autores**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

159.9.072 Amparo, Deise M.

Métodos projetivos e avaliação psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas / Deise Matos do Amparo, Erika Tiemi Kato Okino, Flávia de Lima Osório, Carla Luciano Codani Hisatugo, Marcelo Tavares, Organizadores.

C749L Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (6 : 2012 : Brasília, DF)

ISBN 978-85-62020-01-8

1. Métodos Projetivos – Encontro Científico
2. Rorschach, Teste
3. Avaliação Psicológica. I Título

SUMÁRIO

PARTE 1

NORMATIZAÇÃO, PADRONIZAÇÃO E VALIDAÇÃO DOS MÉTODOS PROJETIVOS: PROPÓSITOS E CONTEXTOS

Capítulo 1: Convergências entre Variáveis do Método de Rorschach e o Fator Estabilidade Emocional: Informações Preliminares

Priscila Medeiros Margarida Borges
Otília Loth
Ana Cristina Resende

Capítulo 2: O método de Rorschach em adolescentes: Especificidades de produção em função do gênero

Roberta Cury-Jacquemin
Sonia Regina Pasian
Fabiana Rego Freitas

Capítulo 3: O psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes de diferentes origens escolares

Roberta Cury-Jacquemin
Nicole Medeiros Guimarães
Sonia Regina Pasian

Capítulo 4: O teste das Pirâmides Coloridas de Pfister em adolescentes: Dados preliminares

Joana Brasileiro Barroso
Sonia Regina Pasian

Capítulo 5: Particularidades do funcionamento psíquico de adolescentes e de adultos a partir do Rorschach

Maria Luisa Casillo Jardim-Maran
Sonia Regina Pasian

Capítulo 6: The Rorschach Performance Assessment System and Advances in the Rorschach Method

Donald Viglione
Gregory J. Meyer
Joni L. Mihura
Robert Erard
Philip Erdberg

PARTE 2

TÉCNICAS PROJETIVAS, PRÁTICAS E CONTEXTOS DE INTERVENÇÃO

Capítulo 7: Ansiedade situacional durante a aplicação do psicodiagnóstico do Rorschach

Arlene Kely Alves de Amorim
Nídia Nóbrega Barbosa Sanchez
Élyman Patrícia Da Silva
Rebecca Pessoa Almeida Lima
Alexandre Coutinho de Mello
Yordan Bezerra Gouveia

Capítulo 8: Aplicação do Thematic Aperception Test (T.A.T.) como instrumento de Avaliação da Psicoterapia Breve

Rosa Maria Lopes Affonso
Anne Prado de Faria

Capítulo 9: Avaliação dos artigos publicados de 2001 a 2011 sobre as Técnicas Projetivas Gráficas

Carla Fernanda Ferreira-Rodrigues
Anna Elisa de Villemor-Amaral
Ute Hesse

Capítulo 10: Contribuições da Avaliação Psicológica para o processo de Orientação Profissional/Vocacional: Um estudo de caso

Nichollas Martins Areco
Milena Shimada
Lucy Leal Melo-Silva

Capítulo 11: Daltonismo e características afetivas: um estudo por meio do Rorschach e do Palográfico

Jonathan Melo de Oliveira
Rejane Lucia Veiga Oliveira Johann

Capítulo 12: Desenhos de crianças Brasileiras e Mexicanas

Sonia Grubits
Heloisa Bruna Grubits Freire
José Angel Vera Noriega

Capítulo 13: Diferentes áreas, diferentes interesses? Um estudo com alunos do Ensino Técnico

Nerielen Martins Neto Fracalozzi
Milena Shimada
Lucy Leal Melo-Silva

Capítulo 14: Inclinação profissional e satisfação na escolha do curso de psicologia: contribuições do BBT-BR

Rafael Fabregas de Oliveira

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 15: O procedimento de desenhos-estórias no psicodiagnóstico compreensivo e interventivo de irmãos abrigados

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Maria Aparecida Mazzante Colacique

Capítulo 16: A utilização do procedimento desenho-estória com tema no desenvolvimento de pesquisas em iniciação científica

Edson Dias dos Santos

Pamela Canuto Silva

Sirlene Aparecida Alves de Sousa

Gleice de Souza Ferreira

Natalia Aparecida Ramos Galvão

Ryllenie Muniz de Souza

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 17: Narração oral e desenho da família: uma intervenção com crianças adotadas tardiamente

Carolina Martins Pereira Alves

Larissa Cristina Silveira de Andrade

Martha Franco Diniz Hueb

Capítulo 18: Autopercepção em Estudantes de Psicologia por Meio do Método de Rorschach: dados preliminares

Maísa Roberta P. R. Lopes

Lucení Bezerra dos Santos

Jacqueline Oliveira de Souza

Ana Cristina Resende

Capítulo 19: Questões de gênero no comportamento vocacional: interesses profissionais de estudantes de Nutrição

Milena Shimada

Nerielen Martins Neto Fracalozzi

Lucy Leal Melo-Silva

Capítulo 20: Reflexões sobre avaliação psicológica de indivíduo com deficiência intelectual: estudo de caso

Vanesca Bueno Yokota

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 21: Um ensaio acerca do teste psicológico Fábulas de Düss

Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar
Hannah Nassif Jaber Magalhães
Stefania Francielle Ferreira de Lima
Fátima Nayara Pereira de Andrade Morais

Capítulo 22: Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP) em estudantes do ensino médio público

Mara de Souza Leal
Lucy Leal Melo-Silva
Daniele Penna
Erika Tiemi Kato Okino

PARTE 3

PSICOPATOLOGIA, SAÚDE MENTAL E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Capítulo 23: A abordagem psicodinâmica como estratégia para análise qualitativa das respostas do Rorschach

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 24: O método de Rorschach no enfoque Junguiano – a relação entre as manchas do Rorschach e os arquétipos

Lídia Rodrigues Schwarz

Capítulo 25: Rorschach, desenhos e psicoterapia: análise fenômeno-estrutural de um caso com esquizofrenia

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez
Jacqueline Santoantonio
Marcos Tamaki

Capítulo 26: Estudo sobre os conteúdos das respostas do rorschach observadas em pacientes com transtorno de pânico

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 27: Tabagismo e sua relação com a depressão

Élyman Patrícia Da Silva
Rebecca Pessoa Almeida Lima
Nidia Nóbrega Barbosa Sanchez
Alexandre Coutinho De Melo
Yordan Bezerra Gouveia
Rayanne Maropo Sátiro
Maria José Monteiro Pereira

PARTE 4

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E CICLO VITAL

Capítulo 28: Changer tout en restant le même : sexualité et narcissisme à l'épreuve du vieillissement

Benoît Verdon

Capítulo 29: Revisão de artigos brasileiros publicados sobre o teste de Zulliger

Alexandre Coutinho de Mello

Arlene Kely Alves de Amorim

Élyman Patrícia Da Silva

Rebecca Pessoa Almeida Lima

Taiane Regina Pereira Cabral

Capítulo 30: A técnica projetiva ludodiagnóstica: Avaliação comparativa com a técnica projetiva de desenho H-T-P (casa – árvore – pessoa)

Rosa Maria Lopes Affonso

Capítulo 31: Análise das projeções de Van Gogh à luz do seu grafismo

Juliana Linhares Cavalcanti De Alencar

Hannah Nassif Jaber Magalhães

Fátima Nayara Pereira de Andrade de Moraes

Stefânia Francielle Ferreira de Lima

Cinthya Pereira de Moraes

Tainara Gomes de Souza

Capítulo 32: Le Rorschach en clinique de l'enfant et de l'adolescent : Une approche psychanalytique

Pascal Roman

PARTE 5

MÉTODOS PROJETIVOS E ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA

Capítulo 33: Adolescente deficiente física vítima de maus-tratos: um estudo da expressão da raiva por meio do STAXI e Rorschach

Adriana Stacy Teixeira Brito

Ana Carolina Melo Mendonça

Rejane Lucia Veiga Oliveira Johann

Capítulo 34: Diferentes perfis psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio

Carolina Cardoso de Souza

Ana Cristina Resende

Capítulo 35: Interação familiar e violência: um estudo exploratório

Maria das Graças Rodrigues

Júlia S. N. Ferro Bucher-Maluschke

PARTE 6**MÉTODOS PROJETIVOS E DEMANDAS ATUAIS EM AVALIAÇÃO
PSICOLÓGICA: SAÚDE, JURÍDICO E PORTE DE ARMA****Capítulo 36: A avaliação psicológica na área de segurança pública e em concursos públicos**

Miriam Siminovich

Capítulo 37: Afetividade e relações interpessoais em paciente com Dermatite Atópica: Estudo de caso

Joyce Fernanda Ferraz Constantini

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 38: Análise dos recursos cognitivos de enfrentamento observados em pacientes com Esclerose Múltipla

Edson Gomes da Silva

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 39: Limites e contribuições dos instrumentos projetivos nas avaliações forenses

Sonia Liane Reichert Rovinski

Capítulo 40: Aplicação dos instrumentos projetivos em avaliações forenses

Álvaro Pereira Junior

Capítulo 41: Psicologia forense e Rorschach: Pesquisas e atuação

Paulo Francisco de Castro

Capítulo 42: A utilização de técnicas projetivas na avaliação psicológica para porte de arma de fogo

Salvador Juliano Neto

PARTE 1
NORMATIZAÇÃO, PADRONIZAÇÃO E VALIDAÇÃO DOS MÉTODOS
PROJETIVOS: PROPÓSITOS E CONTEXTOS

CONVERGÊNCIAS ENTRE VARIÁVEIS DO MÉTODO DE RORSCHACH E O FATOR ESTABILIDADE EMOCIONAL: INFORMAÇÕES PRELIMINARES

Priscila Medeiros Margarida Borges

Otília Loth

Ana Cristina Resende

PUC Goiás/ Goiânia

INTRODUÇÃO

A avaliação psicológica pode ser entendida como a busca sistemática de conhecimento a respeito do funcionamento psicológico em situações específicas, que possa ser útil para orientar ações e decisões futuras (Primi, 2005). É um processo que envolve coleta de dados, onde inclui métodos e técnicas padronizadas de investigação, dentre eles os testes psicológicos (Andrade, 2008).

Tem-se destacado, entre os testes psicológicos, dois modelos de avaliação: medidas de autorrelato (questionários, inventários e escalas) que funcionam a partir do que as pessoas dizem sobre elas mesmas e medidas de desempenho (Rorschach, HTP, TAT) que se fundamentam na observação de como os examinandos executam as tarefas que são definidas por eles (Meyer & Kurts, 2006). Qualquer um desses métodos tem vantagens e desvantagem quando comparados entre si.

As medidas de autorrelato têm se mostrado bastante favoráveis: geralmente, possuem custo baixo, sua aplicação demanda pouco tempo, o uso deste instrumento tem possibilitado estudos investigativos, que por sua vez, complementam a investigação (Haase, et al., 2004; Yashida, 2008). Considerando os benefícios existentes nas medidas de autorrelato, a melhor maneira de apreender algo sobre alguém é, normalmente, perguntando a ela a seu respeito. As respostas consistem em informações diretas e definitivas, referentes às situações familiares e simples do cotidiano da maioria das pessoas. Por outro lado, essas informações são limitadas ao

que as pessoas estão dispostas e são capazes de dizer sobre si. O que elas estão dispostas a dizer sobre si depende do como foram preparadas para se expor e ser verdadeiras. O que elas podem dizer a respeito delas depende do quão consciente elas estão de suas características e comportamentos. Segundo Dunnign, Health e Suls (2004), as percepções que as pessoas têm de si frequentemente são falhas. A correlação entre o que acham a seu respeito e seus comportamentos objetivos geralmente é insuficiente ou modesta, além do mais, as pessoas tendem a afirmar que têm atributos desejáveis em um grau que não têm.

As medidas de desempenho, segundo Weiner e Greene (2008), apresentam uma metodologia indireta e isso, muitas vezes, pode contornar as limitações dos instrumentos de autorrelato. Essa metodologia indireta é mais propensa do que os instrumentos de autorrelato para revelar características de personalidade que as pessoas não reconhecem plenamente em si ou hesitam em admitir quando questionadas diretamente. As pessoas submetidas a esse tipo de medida geralmente não conseguem captar de antemão o que se espera delas para realizar a tarefa com sucesso. A situação de testagem aqui é mais desafiadora, pouco estruturada e pode gerar a ansiedade típica que as pessoas sentem diante de situações mais complexas e pouco familiares, que exigem maior investimento afetivo, cognitivo e reflexivo. Em contrapartida, esse tipo de informação pode gerar, algumas vezes, inferências mais especulativas do que o questionamento direto.

Diante das relativas vantagens e desvantagens desses dois tipos de instrumentos, muitos autores contemporâneos recomendam uma abordagem integrada entre medidas de autorrelato e medidas baseadas no desempenho para se avaliar a personalidade (Beutler & Groth-Marnat, 2003; Meyer et al., 2002; Weiner, 2005).

Correlações entre medidas de desempenho e medidas de autorrelato

No que se refere aos testes psicológicos, constata-se a necessidade de pesquisas que indiquem padrões de inter-relação entre os diversos modelos de avaliação de personalidade existentes, a fim de que se possam apontar pontos de convergência e divergência entre os mesmos, avançando desse modo em questões conceituais. Caso exista correlação entre os dois tipos diferentes de medidas psicológicas, acredita-se que os achados substanciam ou

fortalecem a correlação entre os métodos como também entre teorias. Essa convergência entre eles pode intensificar os aspectos considerados positivos ou os aspectos considerados negativos na personalidade do examinando. Se os dois tipos de medidas indicam a presença dos mesmos aspectos saudáveis na personalidade, o examinando, provavelmente, possui uma boa tolerância ao estresse e pode funcionar bem, mesmo em situações pouco familiares e desafiadoras. Se os dois tipos de instrumentos apontam a presença de dimensões disfuncionais semelhantes, intensifica ainda mais a probabilidade de baixa tolerância ao estresse e dificuldade de lidar adequadamente com as circunstâncias mesmo em situações familiares e simples.

Por outro lado, achados divergentes, ou sem qualquer tipo de correlação, identificam características diversas e podem sugerir conclusões contrárias. No entanto, os achados divergentes entre dois tipos de instrumentos metodologicamente diferentes, que avaliam características de personalidade semelhantes não necessariamente seriam contraditórios. Neste caso, os dois tipos de dados revelariam como as pessoas respondem aos diferentes tipos de situações. Segundo Weiner e Greene (2008), em pessoas cujos testes de desempenho sugerem distúrbios psicológicos, enquanto seus questionários de autorrelato não evidenciam isto, tratam-se de pessoas que se sentem mais confortáveis em situações mais estruturadas, familiares, em que elas sabem o que é esperado delas, do que em situações muito pouco estruturadas, imprevisíveis, onde seria muito difícil identificar o que se espera delas, e por este motivo se desorganizam. Inversamente, se a pessoa revela um distúrbio aparente em medidas de autorrelato, mas não o evidencia na medida de desempenho, isto pode identificar uma pessoa que funciona mais eficientemente em situações relativamente pouco estruturadas, mais exigentes e desafiadoras do que em situações altamente estruturadas. Dessa forma, possíveis explicações para achados divergentes podem acrescentar informações que não teriam emergido dos instrumentos em si. O impacto diferencial de como uma pessoa provavelmente se sente e se comporta nas duas situações de testagem pode ser um dos aspectos responsáveis por estas divergências (Weiner & Greene, 2008).

Particularmente, estudos de correlação entre variáveis do Rorschach e escores de questionários de personalidade de autorrelato são controversos. Resultados de pesquisas têm

mostrado que a validade convergente entre o Rorschach e questionários de personalidade de autorrelato é baixa, especialmente quando o grupo de pessoas avaliadas é heterogêneo e certas variáveis dos instrumentos não são controladas. Por exemplo, alguns estudos de validade convergente entre o Rorschach e o questionário Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) apresentam correlações gerais baixas ou evidenciam medidas de construtos essencialmente diferentes (Borstein, 2001; Archer & Krishnamurthy, 1999), enquanto outros estudos apontam que, quando pacientes demonstram estilos semelhantes de responder aos dois tipos distintos de testes, há uma relação estável entre algumas escalas do MMPI e os índices do Rorschach (Meyer, 1999; Lindgreen & Carlsson, 2003).

Meyer (1996, 1997, 1999) chama a atenção para a questão da atitude do sujeito ao responder ao teste: os mais inibidos/restritos e os mais desinibidos/expansivos. As atitudes ou estilo característico de responder aos instrumentos podem variar por vários motivos: a pouca consciência ou a consciência exagerada para fornecer informações honestas e completas; a forte ou fraca tendência a demonstrar deseabilidade social; a tendência inconsciente para não reconhecer tendências psicopatológicas ou uma tendência inconsciente para enfatizar problema. De uma forma geral, as atitudes dos sujeitos ao realizarem os diferentes tipos de testes podem não ser as mesmas.

Para verificar essa questão, Meyer (1996, 1997, 1999) selecionou algumas escalas do Rorschach e do MMPI e observou que não existia correlação quando a atitude do sujeito não era considerada (mean $r = 0,03$), que existia uma correlação positiva (mean $r = 0,58$) quando somente os sujeitos com atitudes semelhantes para realizar ambos os testes eram considerados, e que havia uma correlação negativa (mean $r = -0,55$) quando a análise era feita com pacientes que tinham atitudes opostas em cada um dos métodos. O pesquisador pressupôs que a falta de correlação entre medidas convencionais de autorrelato e variáveis do Rorschach é um artefato devido à falha no controle da atitude do sujeito ao realizar o teste.

Petot (2005) realizou um estudo para verificar se as relações entre o NEO PI-R (questionário de autorrelato baseado no Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade) e as variáveis do Rorschach no que tange ao Fator Abertura à Experiência dependiam ou não da atitude do paciente ao realizar os testes. O autor observou que em relação ao Fator proposto a

correlação entre os instrumentos não existia. Por outro lado, as conclusões sobre a relação entre o Fator Neuroticismo e variáveis do Rorschach traziam algum suporte parcial para a hipótese da atitude em realizar o teste.

Conforme descrito acima, o problema da relação entre medidas de personalidade de autorrelato e as variáveis do Rorschach é particularmente complexa e intrigante. Alguns pesquisadores questionam a validade do Rorschach argumentando que sua correlação com medidas de personalidade de autorrelato é geralmente pobre. No entanto, para uma boa avaliação de personalidade, é necessário incluir, dentre outros testes, pelo menos, dois tipos de testes de personalidade: questionários de autorrelato e medidas de desempenho. Isso indica que esses dois métodos fornecem tipos de informações diferentes e, provavelmente, medem coisas distintas, o que justificaria a correlação baixa entre os dois instrumentos (Petot, 2005).

Diante do que foi exposto, o objetivo deste estudo foi verificar a correlação entre as variáveis do Método de Rorschach e o Fator Estabilidade Emocional dos cinco grandes fatores de personalidade. Muito pouco se procurou saber sobre as relações entre as variáveis do Rorschach e o Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade no Brasil, de modo que seria interessante pesquisar se algumas correlações realmente existem entre esses dois instrumentos de bases metodológicas bastante diferentes e igualmente consagrados pela literatura científica como válidos para avaliar a personalidade, e se sim, quais são elas.

Problema

Existe correlação entre esses dois tipos de instrumentos de avaliação da personalidade no que diz respeito ao Fator Estabilidade Emocional?

Objetivo geral

Verificar se existe correlação entre as variáveis do Rorschach e o Fator Estabilidade Emocional do ICFP-R

Objetivos específicos

- Verificar se existem correlações estatisticamente significativas entre as variáveis dos Rorschach e o Fator Estabilidade Emocional.

- Discutir as baixas e altas correlações encontradas entre o Fator Cordialidade e as variáveis do Rorschach.

MÉTODO

Participantes

Participaram desse estudo 51 estudantes de Psicologia, 42 do sexo feminino (82,4%) e 9 do sexo masculino (17,6%), provenientes de duas universidades de Goiânia, sendo uma privada e outra pública. A idade dos estudantes variou de 19 a 49 anos, sendo a média 24 anos (DP 6,27). A maioria tinha o estado civil solteiro (n=45, 88%) e somente cinco casados e um morava junto (n=6, 12%). Os estudantes em sua maioria cursava o 8º período (54,9%), os demais estavam entre o quinto e o sétimo período do curso, e a maior parte não trabalhava (60,8%) na época em foi realizada a coleta de dados.

Instrumentos

- *Questionário sociodemográfico*: utilizado na coleta de dados complementares, com informações gerais tais como: sexo, idade, estado civil, período do curso, se trabalha, se está em psicoterapia, se faz uso controlado de alguma medicação e se tem a intenção de atuar profissionalmente como psicólogo.

- *Método de Rorschach no Sistema Compreensivo*: foi elaborado por Hermann Rorschach em 1921, na Suíça. O Método de Rorschach no Sistema Compreensivo trata-se de uma medida comportamental baseada no desempenho que avalia uma ampla gama de características de personalidade. É composta por dez cartões, cincodeles são monocromáticos (preto), dois são bicolores e outros três são policromáticos, os quais servem de estímulos pouco organizados que levam o indivíduo em avaliação a expressar conteúdos associativo-perceptivos representativos

de seu mundo interno. É administrado individualmente e exige que os examinandos identifiquem o que os borrões de tinta construídos parecem em resposta à pergunta "O que isso poderia ser?" (Exner 2003). Cada resposta, ou solução para a tarefa, é codificada de acordo com orientações padronizadas através de um número de dimensões e os códigos são então resumidos em escores, posteriormente interpretados no Sistema Compreensivo. Ao contrário das medidas baseadas em entrevista ou inventários de autorrelato, o Rorschach não requer que o examinando descreva a si mesmo, mas o obriga a fornecer uma ilustração ao vivo de como ele está produzindo uma amostra de comportamentos nas respostas geradas para cada cartão (Exner, 2003).

- *Inventário Reduzido dos Cinco Fatores de Personalidade – ICFP-R* (Pasquali, Araújo & Tróccoli, 1999): instrumento composto por 116 sentenças que permitem que o indivíduo se autodescreva em cada um dos cinco grandes traços ou fatores básicos da personalidade: estabilidade emocional (19 itens; $\alpha = 0,89$), conscienciosidade (20 itens; $\alpha = 0,88$), abertura à experiência (ou intelecto 17 itens; $\alpha = 0,82$), cordialidade (ou sociabilidade 13 itens; $\alpha = 0,82$) e extroversão (12 itens; $\alpha = 0,83$). Cada sentença autodescritiva é acompanhada de uma escala likert de 6 pontos: 1 = nada a ver comigo; 2 = quase nada a ver comigo; 3 = pouco a ver comigo; 4 = tem a ver comigo 5 = muito a ver comigo; 6 = tudo a ver comigo. O estudo em questão considerou apenas o Fator Estabilidade Emocional, mas os estudantes preencheram todo o inventário. O Fator Estabilidade Emocional/Neuroticismo engloba características de personalidade envolvendo afeto positivo e negativo. Altos escores sugerem indivíduos com estabilidade emocional, calmos, satisfeitos, que inicia e conclui tarefas importantes. Já os escores baixos estão relacionados ao neuroticismo, à instabilidade emocional, à baixa auto-estima, irritabilidade, tensão, depressão e ansiedade, tratam-se de pessoas mais propensas a sofrimentos psicológicos (Hutz & cols., 1998; Nunes & Hutz, 2007; Andrade, 2008).

Procedimentos

Este estudo trata-se de um recorte de um projeto de pesquisa previamente aprovado pelo comitê de ética da PUC Goiás. Os participantes foram convidados a participar do estudo por meio de cartazes, por intermédio de avisos de outros estudantes de psicologia que

participavam da pesquisa quer seja como pesquisador ou sujeito e mediante avisos de professores do curso. Todos os participantes foram esclarecidos quanto ao sigilo de qualquer informação que poderia identificar individualmente qualquer um deles. Outros esclarecimentos foram: quanto aos direitos dos participantes, quanto à metodologia utilizada e quanto aos objetivos do estudo, conforme descrito no termo de consentimento livre e esclarecido, que cada um assinou antes de integrar o grupo de participantes. Após assinar esse termo de consentimento livre e esclarecido, o participante preenchia o Questionário Sociodemográfico.

Posteriormente, os participantes foram submetidos ao ICFP-R e ao Método de Rorschach, em aplicação individual, de acordo com as normas padronizadas de cada um dos instrumentos, em dias e horários conforme a disponibilidade do participante, em sessões de aproximadamente 100 minutos. Os examinadores foram quatro alunos do curso de psicologia, que já haviam cursado a disciplina Técnica Projetiva Rorschach (com 120 créditos, sendo 80 teóricos e 40 práticos), referente ao oitavo período do curso. Todos os examinadores eram monitores oficiais da disciplina (voluntários ou remunerados) e, em função da pesquisa, também receberam um treinamento intensivo específico para realizar a coleta de dados nos participantes deste estudo. As salas para a aplicação dos instrumentos foram os consultórios da Clínica Escola de Psicologia de uma das universidades, todos adaptados para sessões de testagens psicológicas.

Os protocolos de Rorschach foram classificados às cegas e separadamente por dois juízes *experts* no SC e, em seguida, fez-se a análise de concordância entre os classificadores, por meio do Kappa de Cohen, considerando todos os protocolos de Rorschach, uma vez que todos eles foram considerados úteis para a interpretação (com número mínimo de 14 respostas e sem rejeição de cartões). Posteriormente, foi avaliado se existiam diferenças significativas entre os protocolos coletados pelos quatro examinadores, que administraram entre 11 e 14 protocolos cada um deles, por meio da ANOVA one-way. Todos os dados sociodemográficos, os dados do Rorschach e do ICFP-R foram lançados no banco de dados e a análise dos resultados foi realizada mediante estatística descritiva e estudo de correlação entre as variáveis do Rorschach e o Fator Estabilidade Emocional/Neuroticismo por meio da Correlação de Spearman. A análise

de correlação foi realizada considerando todas as variáveis do Rorschach e os resultados do Fator Estabilidade Emocional/Neuroticismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados por meio de tabelas, onde serão discutidos ao longo deste tópico. A Tabela 1 apresenta o nível de concordância atingido entre os juízes em cada um dos segmentos de codificação do Rorschach. Os resultados observados em cada um dos segmentos de codificação indicam que houve uma concordância alta entre os juízes ($> 0,82$) e que a correção do método de Rorschach para esse estudo foi considerada confiável.

Tabela 1.: Correlação entre juízes em segmentos de codificação do Rorschach (n= 51 protocolos, número de respostas= 1.229)

Segmentos de Codificação	% Agree	Kappa
Toda Resposta	0.80	0.77
Localização e Espaço (2 variáveis)	0.98	0,96
DQ (+, o, v /+,v)	0.96	0,91
Determinantes (11 variáveis)	0.90	0,85
FQ (None, +, o, u,-)	0.94	0,90
Pares	0.92	0,83
Conteúdos (27 variáveis)	0.89	0,83
P	0.97	0,91
Z Score	0.95	0,92
Códigos Especiais (14 variáveis)	0.93	0,89

A Tabela 2 mostra os resultados da ANOVA para as cinco variáveis utilizadas para avaliar as diferenças entre os examinadores. Os dados revelaram que não foram encontradas diferenças significativas entre os examinadores em qualquer uma dessas variáveis.

Tabela 2.: Resultados das diferenças entre os quatro examinadores, que administraram entre 11-14 protocolos (N= 51), por meio da ANOVA one-way.

Variáveis	df	F	Sig.	Eta squared
R	7	0.38	0.91	0.014
Zf	7	0.64	0.72	0.023
WSum6	7	2.00	0.07	0.068
X-%	7	1.02	0.42	0.036
Fpuro%	7	0.54	0.80	0.019

O Quadro abaixo mostra alguns itens do ICFP-R referentes ao fator Estabilidade Emocional, afim de se ter uma ideia geral dos itens que os participantes responderam para se auto avaliarem em relação a esse fator.

Quadro 1.: Alguns itens do Fator Estabilidade Emocional do ICFP-R.

Nº do item no ICFP-R	Descrição do item
35	Permanece calmo em situações tensas.
40	É emocionalmente estável, não se altera facilmente.
42	Controla suas emoções.
44	É relaxado, lida bem com o estresse.
51	Supera facilmente os infórtuneos.

05*	Irrita-se facilmente.
07	Age sem planejar.
09	Desespera-se.
10	Tem humor instável.
21	Inventa problemas para si próprio.

*Em negrito os itens equivalente ao item Neuroticismo.

A Tabela 3 demonstra o coeficiente de Spearman para cada uma das variáveis de Rorschach que apresentaram alguma correlação com Fator Estabilidade Emocional

Tabela 3.: Correlação entre as variáveis do Rorschache o Fator Estabilidade Emocional

Variáveis	Coeficiente de Correlação (Sig. 2 tailed)
FC` (controle cognitivo das emoções disfóricas, tais como: desânimo, tristeza).	0.023*
(-) C`F (pouco controle das emoções disfóricas que são internalizadas)	-0.037*
(-) FAB2 (deslize cognitivo grave, aponta para um distúrbio do pensamento)	-0.050*
(-) Índice de Isolamento (Tendência ao isolamento e ao retraimento)	-0.015*
(-) Xu%>0,29 (tendência individualista ou desconsideração pelos comportamentos convencionais)	-0.018*
(-) (H) + (A) + (Hd)+(Ad)>3	-0.049*

* Correlação significativa $p < 0.05$

Todas as variáveis do Rorschach, ao total 163, foram consideradas para verificar se existia alguma correlação com o Fator Estabilidade Emocional do ICFP-R. No entanto, apenas seis delas revelaram alguma relação com o fator. Além de poucas correlações, as mesmas foram consideradas baixas. A variável FC' chamou atenção por ser a única correlação positiva com o Fator Estabilidade Emocional. O FC' aponta, para a presença de aspectos disfóricos e constrição afetiva no teste, todavia, está relacionado com a capacidade de lidar com essas emoções de forma madura e canalizada por vias socialmente aceitáveis. Ou seja, tratam-se de emoções disfóricas sob o controle cognitivo, o que favorece o ajustamento afetivo. Segundo Petrelli (1991), seria a capacidade de criar e produzir em cima das tristezas, de tornar estético o que traz medo, de encontrar uma solução plenamente satisfatória para o humor disfórico, para a sensibilidade depressiva.

Por outro lado, as variáveis C'F, Xu% > 0,29, Índice de Isolamento e (H)+(A)+(Hd)+(Ad) > 3 também se destacaram por uma correlação significativa, porém negativas. Ou seja, quanto maior o escore no Fator Emocional menor eram os escores ou as frequências dessas variáveis, de outro modo, quanto maior a instabilidade emocional e o neuroticismo, maior eram as frequências e os escores das variáveis acima. Todas elas são condizentes com características de personalidade que indicam pouca maturidade em vários aspectos psicológicos, ou pouca capacidade de administrar uma série de questões afetivas, cognitivas e relacionais no dia-a-dia, o que de fato pode estar presente em pessoas com pouca estabilidade emocional.

O C'F, diferentemente do FC', indica pouco controle das emoções disfóricas, ou seja, os sentimentos de medo, culpa e angústia estão mais vulneráveis e frágeis em função do controle cognitivo precário. O Xu% indica desconsideração por comportamentos mais convencionais, tendência a pensamentos e comportamentos mais idiossincráticos, excêntricos, alheios e descentrados do coletivo. O Índice de Isolamento mais elevado revela a tendência a ser menos ativo nas interações sociais, aponta para o retraimento, pois a pessoa considera as relações interpessoais relativamente vazias de gratificação. Finalmente, a variável (H)+(A)+(Hd)+(Ad) > 3 tende a ser mais frequente em pessoas que interpretam mal o seu meio ambiente e as pessoas, o que é típico de pessoas afetivamente imaturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante conhecer os múltiplos fatores metodológicos e teóricos que podem ter influência na inter-relação dos instrumentos. É por meio desse conhecimento que se pode compreender melhor só resultados convergentes e discrepantes obtidos por instrumentos fundamentados em diferentes princípios metodológicos e epistemológicos como os instrumentos de autorrelato e os de desempenho. Enquanto para o pesquisador uma correlação baixa pode ser motivo de preocupação ou de dúvida sobre a validade dos instrumentos individuais, deve-se ressaltar que, na prática clínica, este fato justifica uma abordagem de métodos múltiplos para avaliar a personalidade, porque o uso de diferentes instrumentos produz um número grande de informações diferentes de um caso particular, e tais informações são integradas por um processo de julgamento clínico (Petot & Jočić, 2005).

Este estudo propôs estudar as possíveis correlações entre as variáveis do Rorschach e o Fator Estabilidade Emocional do ICFP-R. Foram poucas as variáveis do Rorschach que se correlacionaram com o fator. De 163 variáveis, apenas 6 revelaram alguma correlação entre os dois instrumentos psicológicos. Além de poucas correlações, elas ainda foram consideradas baixas.

De uma forma geral, os resultados sugerem que os instrumentos podem medir aspectos diferentes da personalidade, por isso mostram uma correlação baixa entre si. Nesse sentido, presumem-se então que as realidades psicológicas avaliadas pelo Rorschach diferem daquelas conceituadas pelo Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade, não só por seu conteúdo, mas também pela sua estrutura e metodologia de abordar o fenômeno psicológico;

Embora não tenha sido foco investigação deste estudo, entende-se que essas correlações podem ser influenciadas pela forma como os sujeitos respondem e sua atitude para fazer o teste, ou seja, dependem do quão as pessoas estão dispostas (preparadas para se expor e ser verdadeira), bem como dependem da consciência que cada um tem de si mesmo.

Este estudo ainda está em andamento e os resultados corroboram estudos semelhantes que investigaram correlações entre o Método de Rorschach e instrumentos de autorrelato, tais

como: MMPI, NEO-PI, EPQ e o próprio ICFP-R (Jocic', 2005; Petot, 2005; Pilar, 2005; Resende, Loth, Souza, Lopes & Martins, 2011).

REFERÊNCIAS

- Andrade, J.M. (2008). *Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Bastos, A.G. & Vaz C.E. (2009). Estudo correlacional entre neuroimagem e a técnica de Rorschach em crianças com Síndrome de Tourette. *Avaliação Psicológica*, 8, 229-244.
- Beutler, L. E., & Groth-Marnat, G. (2003). *Integrative assessment of adult personality* (2ed.). New York: Guilford.
- Cardoso, L.M. & Capitão, C.G. (2006). Estudo Correlacional entre o Teste de Pfister e o Desenho da Figura Humana. *Psico-USF*, 11, 157-166.
- Costa Jr., P. T. & McCrae, R. R. (2005). [A Five-Factor Theory Perspective on the Rorschach](#). *Rorschachiana*, 27, 80-100.
- Dunning, D., Health, C., & Suls, J. M. (2004). Flawed self-assessment implications for health, education, and the workplace. *Psychological Science in the Public Interest*, 5, 69-106.
- Exner, J. E., Jr. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system*. Vol. 1: Basic foundations and principles of interpretation. Hoboken, NJ: Wiley.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J., Jr. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system*. New York: John Wiley & Sons.
- Haase, V.G. et al. (2004). Avaliação do Funcionamento Psicossocial na Esclerose Múltipla. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 62, 282-291.
- Hutz C.S., Nunes, C.H., Silveira, A.D., Serra, J., Anton, M., Wieczorek L.S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 395-411.
- Jocic', D. D. (2005). Correlation of the Rorschach Method and NEO PI-R Questionnaire. *Rorschachiana*, 27, 11-29.

- Meyer, G. J. (1997). On the integration of personality assessment methods: The Rorschach and MMPI–2. *Journal of Personality Assessment*, 68, 297–330.
- Meyer, G. J., Bates, M., & Gacono, C. (1999). The Rorschach Rating Scale: Item adequacy, scale development, and relations with the Big Five Model of personality. *Journal of Personality Assessment*, 73, 199-244.
- Meyer, G. J., Finn, S. E., Eyde, L., Kay, G. G., Moreland, K. L., Dies, R. R., Eisman, E. J., Kubiszyn, T. W., & Reed, G. M. (2002). Amplifying issues related to psychological testing and assessment. *American Psychologist*, 57, 140-141.
- Meyer, G. J., & Kurtz, J. E. (2006). Guidelines Editorial - Advancing personality assessment terminology: Time to retire "objective" and "projective" as personality test descriptors. [*Journal of Personality Assessment*](#), 87, 223-225.
- Nunes, C.H.S.S. & Hutz C.S. (2007). Construção e Validação da escala fatorial de Socialização no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 20-25.
- Pasquali, L., Araújo, R.M. & Tróccoli, B.T. (1999). *Inventário Fatorial de Personalidade – Versão Reduzida*. Brasília: LabPAM.
- Petot, J. M. (2005). Are the Relationships Between NEO PI-R and Rorschach Markers of Openness to Experience Dependent on the Patient's Test-Taking Attitude? *Rorschachiana*, 27, pp. 30-50.
- Petot, J.-M., & Jočić, D. D. (2005). Discrepancies between the Rorschach Inkblot Method and self-report measures of personality: Methodological and Theoretical Reflexion. *Rorschachiana*, 27, pp. 101-116.
- Petrelli, R. (1991). Curso de Especialização em Rorschach. Apostila mimeografada. Goiânia: Dasein.
- Pianowski, G & Villemor-Amaral, A.E. (2010). Localização e qualidade formal do Rorschach-SC no Brasil: validade com não-pacientes. *Psico-USF*, 15, 333-343.
- Pilar, G.E.H. (2005). Extraversion in Differential Psychology and Experience Balance in the Rorschach. *Rorschachiana*, 27, 51-62
- Primi, R. (2005). *Temas em Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Resende, A.C. & Garcia-Santos, S.C. (2008). A Polêmica do uso dos Testes Psicológicos. Em M. N. Strey; D. C. Tatim (Orgs.), *Sobre ETs e Dinossauros: Construindo Ensaio Temáticos* (pp. 142-162). Passo Fundo: UPF Editora.
- Resende, A. C., Loth, O., Souza, J. O., Lopes, M. R. P., & Martins, L. D. (2011). Convergências entre variáveis do método de Rorschach e o Fator Cordialidade: Informações preliminares. Em Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (pp. 910-922). Braga : Psiquilibrios Edições.
- Schelini, P. W. (2007). *Alguns domínios da avaliação psicológica*. Campinas: Alínea.
- Weiner, I. B. (2005). Integrative personality assessment with self-report and performance-based measures. In S. Strack (Ed.), *Personality and psychopathology* (pp. 317-331). Hoboken, NJ: Wiley.
- Weiner, I.B., & Greene, R.L.(2008). *Handbook of personality assessment*. New York: Wiley.
- Yoshida, E. M. P (2008). Significância clínica de mudança em processo de psicoterapia psicodinâmica breve. *Paidéia, 18*, 305-316.

O MÉTODO DE RORSCHACH EM ADOLESCENTES: ESPECIFICIDADES DE PRODUÇÃO EM FUNÇÃO DO GÊNERO

Roberta Cury-Jacquemin

Sonia Regina Pasian

Fabiana Rego Freitas

FFCLRP-USP

INTRODUÇÃO

A avaliação psicológica dos indivíduos constitui-se como processo permeado de variados procedimentos úteis e relevantes para investigações científicas em Psicologia e áreas afins. Em especial, os métodos projetivos de avaliação psicológica podem ser considerados respeitáveis instrumentos de exame tanto da personalidade, quanto de elementos facilitadores da compreensão de vivências individuais, como dinâmica familiar e relações interpessoais (Fensterseifer & Werlang, 2008).

Em meio aos instrumentos projetivos de avaliação psicológica empregados no Brasil e no panorama mundial, encontra-se o Psicodiagnóstico de Rorschach, publicado em 1921, elaborado pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach (1884-1922). Esta técnica de investigação da personalidade tem apontado eficiência e sensibilidade na compreensão da dinâmica do psiquismo humano em uma linguagem universal (Weiner, 1993; Anastasi & Urbina, 2000). Este instrumento tem o desígnio de compreender aspectos da estrutura e da dinâmica da personalidade (Werlang, Villemor-Amaral & Nascimento, 2010; Weiner, 2000), *“por meio da análise de processos perceptivos envolvidos na produção de respostas”* (Werlang, Villemor-Amaral & Nascimento, 2010, p. 89). O método de investigação da personalidade de Rorschach pode ser aplicado a pessoas procedentes de qualquer raça ou cultura, embora haja diferenças em formas de reação a ele não simplesmente em aspectos individuais, mas também em fatores sociais e culturais (Nascimento, 2010).

Pesquisadores de todo o mundo (Resende, Rezende, & Martins, 2006; Andronikof, Chudzik, & Gillaizeau, 2008; Matsumoto, Morita, Suzuki, Tsuboi, Hatagaki, & Shirai, 2008; Nascimento, Brunoni, Sasaki, Bueno & Parsons, 2008; Nascimento, Batistuzzo, Sato, Brunoni, Bueno & Marques, 2009) têm elaborado padrões normativos para o Rorschach e reafirmam, a partir da sistematização de seus resultados, a importância de que mais estudos com este propósito sejam realizados em grupos populacionais de diversos países, para que se tenham dados representativos dos indivíduos que se busca avaliar. Nesta direção, pesquisas em avaliação psicológica com adolescentes de diversos países têm utilizado o Método de Rorschach, realidade também existente em nosso país e que se tentará brevemente ilustrar com alguns relevantes trabalhos realizados.

No Brasil, Japur (1982) buscou caracterizar a afetividade do adolescente no Rorschach, tendo investigado 180 estudantes de Ribeirão Preto (SP) na faixa entre 11 a 13 anos, com escolaridade correspondente à idade e de nível intelectual e socioeconômico médio ou médio-superior. A autora buscou caracterizar a afetividade nesta fase do desenvolvimento utilizando o Psicodiagnóstico de Rorschach, focalizando a análise das fórmulas vivenciais, dos índices de conflitos e dos índices dos mecanismos de controle e adaptação intelectual e afetiva. A aplicação do Rorschach foi individual e os casos foram avaliados de acordo com a Escola Francesa. Este estudo preliminar de padronização foi desenvolvido, segundo Japur, com o intuito de suprir a ausência de dados normativos nacionais para a referida faixa etária. Os resultados mostraram a predominância da extratensividade aos 11 e 13 anos e da coartação aos 12 anos, bem como a presença marcada de conflitos atuais e de desenvolvimento em todo o período, de modo que os indivíduos examinados apresentaram dificuldade no controle racional dos afetos, com superficial adaptação sócio-intelectual. Os achados também sinalizaram instabilidade emocional e imaturidade afetiva, mas com capacidade de expressão socializada dos afetos, apesar da crescente dificuldade de identificação com a figura humana, assim como indicadores de dificuldade nos relacionamentos interpessoais, caracterizando esta etapa do desenvolvimento adolescente.

Dentre os estudos de investigação clínica com o Método de Rorschach, encontra-se o de Aguirre (1995) que avaliou 40 gestantes adolescentes de 12 a 16 anos de idade, que

freqüentaram o serviço de assistência pré-natal de três hospitais públicos da cidade de São Paulo (SP), na tentativa de investigar possíveis motivações inconscientes e os recursos internos para lidar com a situação de gravidez na adolescência. Os métodos de investigação utilizados foram o Método de Rorschach, sob o referencial psicanalítico, e entrevistas semi-dirigidas. Os resultados indicaram que a grande maioria dos casos teve gestação não-intencional (cerca de 90%), com sinais de intensa angústia e poderosos bloqueios afetivos por parte das gestantes, sugerindo reduzida disponibilidade e baixa maturidade psíquica para o estabelecimento de bom vínculo com o bebê. A partir de seus achados, a autora apontou a necessidade de acompanhamento psicológico das adolescentes nesse período de grandes mudanças corporais e de papéis, de modo a favorecer o enfrentamento das sobrecargas internas e externas, advindas da gestação nesta etapa do desenvolvimento.

Santoantonio (2001), em sua tese de doutorado, utilizou o Método de Rorschach para examinar características de personalidade de 30 adolescentes dentro da faixa etária de 12 a 17 anos, todas do gênero feminino, pacientes diagnosticadas com lúpus eritematoso sistêmico. Houve também um grupo controle com 32 adolescentes não pacientes, as quais foram pareadas segundo idade e nível sócio-econômico. A partir dos achados, identificou-se importante disparidade quanto ao nível de escolaridade das voluntárias, relacionada a maior ausência das pacientes às aulas em virtude da doença. Em ambos os grupos foi possível captar indicadores de tendência a utilizar os processos de pensamento na solução de problemas. Apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, as pacientes apresentaram sinais sugestivos de maior dificuldade no manejo do estresse, tanto habitual quanto situacional, elevada interiorização dos afetos e indicadores de baixa autoestima e auto-percepção. As pacientes também demonstraram menor habilidade em resolver questões da vida cotidiana, embora o déficit relacional estivesse presente nos dois grupos. A conclusão a que se chegou nesse trabalho foi que, quanto maior o grau de atividade da doença, maior a constrição afetiva das pacientes, justificando-se a investigação de seu funcionamento psíquico para também tentar favorecer sua recuperação de saúde geral e favorecer o amadurecimento psíquico.

Ainda na linha de investigação dos processos de formação da personalidade durante a adolescência, Campagna (2003) pesquisou a organização da identidade feminina no início deste período da vida por meio do Psicodiagnóstico de Rorschach, Desenhos da Figura Humana e entrevistas. Participaram deste estudo 20 meninas de 12 anos de idade da cidade de São Paulo, procedentes da classe média e alta. Foi possível identificar que as adolescentes sinalizaram autoestima mais negativa que positiva, identificando-se de maneira mais fantasiosa que real com seus pais, familiares, colegas, ou outros ídolos dos meios de comunicação. Além disso, produziram indicadores sugestivos de elevado nível de egocentrismo, tendendo a relações afetivas bastante restritas. A autora aponta para o fato de que o início da adolescência para essas jovens é um período marcado por fortes pressões internas e externas, sugerindo vivência de vulnerabilidade egóica. As evidências advindas deste trabalho apontaram a riqueza deste instrumento projetivo quando se pretende acessar aspectos do funcionamento psíquico de adolescentes, destacando-se a importância de se conhecer melhor as peculiaridades de desenvolvimento mental deste momento da vida.

Especificamente em relação ao gênero, pouco se conhece sobre seus eventuais efeitos na produção do Rorschach da faixa etária adolescente. No Brasil, alguns estudos normativos deste método projetivo de avaliação psicológica foram identificados por Pasian (2002) como dirigidos para adolescentes, entre eles os trabalhos de Ginsberg (1950), Adrados (1976) e Adrados (1985). Os dois últimos consideraram as variáveis idade e gênero nas análises da produção no Método de Rorschach. Adrados (1976) investigou as características de personalidade de 450 adolescentes de 14 a 18 anos de Guanabara (RJ) e a mesma pesquisadora, um pouco mais tarde (Adrados, 1985), focalizou o desenvolvimento afetivo-social e cognitivo da faixa etária de 7 a 14 anos. Já o trabalho de Ginsberg (1950) englobou amostra de 100 baianos de 10 a 16 anos de idade, examinando eventuais efeitos das variáveis gênero, idade e a cor de pele dos participantes (brancos X negros).

Posteriores a esta data, pouco se consegue identificar em termos de estudos normativos do Rorschach realizados no Brasil com a faixa etária adolescente, excetuando-se a investigação de Japur (1982), anteriormente citada e brevemente descrita. Apesar disso, diversas investigações científicas foram e são desenvolvidas sobre a adolescência, nem sempre

focalizando instrumentos de avaliação psicológica ou o Método de Rorschach, sugerindo a relevância e a complexidade desta etapa do desenvolvimento, exigindo diferentes perspectivas metodológicas para a busca de compreensão de seus marcadores e variáveis relevantes, de modo a promover intervenções de serviços de saúde que sejam eficazes e adequadas. Nesse contexto das intervenções práticas com adolescentes, é bastante comum a suposição da interveniência de questões de gênero sobre o desenvolvimento e o equilíbrio psíquico da personalidade nesta faixa etária, porém pouco demonstrada empiricamente na realidade nacional.

Diante do contexto exposto, o objetivo do presente trabalho foi investigar, em adolescentes com sinais de desenvolvimento típico, eventual efeito do gênero nos indicadores do funcionamento e da estruturação de personalidade a partir do Método de Rorschach. Trata-se, portanto, de trabalho de natureza exploratória com a meta de oferecer referenciais técnicos atualizados do Rorschach para subsidiar processos analítico-interpretativos deste instrumento projetivo com adolescentes, levando em consideração a realidade sociocultural contemporânea.

OBJETIVO

O presente trabalho objetiva examinar possíveis diferenças nos padrões de resposta de adolescentes ao Método de Rorschach (Escola Francesa) em função do gênero. Trata-se de um recorte de estudo mais amplo que almejou elaborar referenciais normativos deste método projetivo de avaliação psicológica para a faixa etária em questão, sendo que, no atual trabalho, focaliza-se a variável gênero e seu eventual efeito sobre as principais variáveis da Escola Francesa do Rorschach, vinculadas ao funcionamento lógico e afetivo-social de adolescentes.

MÉTODO

Participantes

Foram examinados 174 adolescentes de 12 a 14 anos, oriundos de escolas públicas e particulares do ensino fundamental de cidade do interior do Estado de São Paulo (SP), sendo 89 estudantes do grupo feminino e 85 do masculino, devidamente autorizados por seus pais ou responsáveis para a pesquisa. Foram excluídos da amostra voluntários que relataram histórico de tratamento psiquiátrico e/ou psicológico e/ou uso de medicação psicotrópica no último ano de vida (informações obtidas com pais/responsáveis a partir do preenchimento de questionário específico da pesquisa), bem como aqueles com desempenho cognitivo inferior à média (avaliado por meio de teste intelectual específico). Por fim, ainda foram eliminados do estudo aqueles casos cujos protocolos do Rorschach apresentaram quatro ou mais recusas, sugestivos de acentuada restrição no processo associativo, pouco representativa do efetivo potencial dos estudantes demonstrado pelos demais critérios de seleção utilizados. Compôs-se, portanto, amostra quantitativamente suficiente para embasar dados substanciais, embora de conveniência e não aleatória, subsidiando a implementação de estratégias analíticas que permitam o alcance dos objetivos delineados no estudo.

Instrumentos

Foram utilizados, neste trabalho, três instrumentos de avaliação psicológica, a saber:

a) *Questionário Informativo sobre histórico pessoal*: respondido por pais ou responsáveis, focalizou informações relativas ao desenvolvimento pessoal e escolar do estudante, de modo a permitir identificar voluntários com dificuldades acadêmicas ou de desenvolvimento, que seriam eliminados do estudo, tendo em vista os objetivos de composição de amostra normativa.

b) *Teste de Inteligência Não Verbal (INV) – forma C (Weil & Nick, 1971)*: destina-se à avaliação do desenvolvimento intelectual. Em sua Forma C, o teste conta com 60 itens e mais quatro exemplos iniciais. Consiste num caderno de aplicação, a folha de rosto com os exemplos e o crivo. Em cada uma das cinco páginas do caderno de aplicação, somam-se 12 respostas menos

os erros cometidos a fim de se apurar o total de acertos. Sua aplicação, na Forma C, abrange todas as idades a partir do sexto ano de vida. Foi aqui utilizado com o propósito de se conhecer o potencial cognitivo dos participantes do trabalho. Foram inclusos, neste estudo normativo, os adolescentes que atingiram desempenho igual ou superior ao percentil 25 nesta técnica de investigação intelectual, sinalizando potencial médio ou superior nessa área.

c) *Psicodiagnóstico de Rorschach*: O Psicodiagnóstico de Rorschach é uma prova de avaliação psicológica composta por um conjunto de dez pranchas com manchas de tinta, padronizadas (Rorschach, 1921), constituindo-se no material específico desta investigação normativa e permitindo avaliação de características da personalidade. A aplicação é individual e os cartões são apresentados um a um, sendo solicitado ao respondente que faça associações e diga o que podem parecer os estímulos apresentados. Frente às respostas obtidas, é possível desenhar um quadro amplo do funcionamento psicológico dos indivíduos, seguindo-se específicos sistemas avaliativos. Além das pranchas, este instrumento utiliza folhas para registro dos dados, folha padronizada de localização das respostas, folha para codificação das respostas e um cronômetro também se faz necessário para sua aplicação para registrar o ritmo do trabalho associativo e interpretativo do respondente. Foi aqui utilizada a Escola Francesa de Rorschach, conforme diretrizes técnicas presentes em Anzieu (1986) e Rausch de Traubenberg (1998) e, mais recentemente, em Azoulay, Emmanuelli, Rausch de Traubenberg, Corroyer, Rozencwajg, & Savina (2007) e Ikiz, Zabci, Dugor, Atak, Yavuz, Purisa, & Catagy (2010).

Procedimentos

O processo de coleta de dados foi efetivado no contexto escolar pela primeira autora e seus colaboradores, em aplicação individual em sala apropriada no próprio ambiente escolar, após a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais e/ou responsáveis e também do Questionário Informativo devidamente preenchido. Seguiu-se a seguinte ordem de atividades para a presente avaliação psicológica: *rapport*, retomada dos objetivos da pesquisa, aplicação do teste INV – forma C (Weil & Nick, 1971) e do Psicodiagnóstico de Rorschach, seguindo-se o sistema da Escola Francesa (Rausch de Traubenberg, 1998; Azoulay et al. , 2007).

A análise dos resultados foi pautada em duas etapas. De início, foi avaliado o desempenho cognitivo da amostra obtido a partir do INV – forma C, segundo seus referenciais técnicos, recorrendo-se aos padrões analíticos desenvolvidos por Weil e Nick (1971). Numa segunda etapa, o processo de codificação da produção no Psicodiagnóstico do Rorschach seguiu o referencial técnico-científico proposto pela Escola Francesa, nomeadamente Anzieu (1986) e Rausch de Traubenberg (1998), examinando-se possível influência da variável gênero nos resultados.

Cada protocolo do Rorschach foi classificado por três avaliadores, em atividades independentes, para posterior análise de sua precisão, na perspectiva da Escola Francesa do Rorschach. A precisão dos juízes foi verificada posteriormente por cálculo do índice de precisão entre examinadores, seguindo-se orientação de Weiner (1991) e Fensterseifer e Werlang (2008).

Após a codificação final de cada protocolo do Rorschach, estes dados foram sistematizados por meio de planilhas do *Microsoft Office Excel* 2010, servindo de base para o devido tratamento estatístico dos resultados. Das variáveis da Escola Francesa do Rorschach analisadas, seis eram relacionadas à produtividade e ao ritmo, a saber: Número de respostas (R), número de respostas adicionais (RA), número de recusas (Rec), número de denegações (Den), Tempo de Latência médio (TLm) e Tempo de Reação médio (TRm). As demais, variáveis do Rorschach aqui examinadas foram as seguintes: G, D, Dd, Dbl, Do (modos de apreensão); F+, F+/-, F-, ΣF, K, kan, kp, kob, Σk, FC, CF, C, FE, EF, E, FClob, ClobF, Clob (determinantes); A, (A), Ad, (Ad), ΣA, H, (H), Hd, (Hd), ΣH, Anat., Sex, Sg, Bot, Geo, Nat, Pais, Obj, Arq, Art, Simb, Abst, Elem, Frag (conteúdos); Ban (banalidades). Deste modo, foram analisadas 56 variáveis da Escola Francesa do Método de Rorschach.

Posteriormente, estas variáveis, registradas no banco de dados mencionado, foram transpostas para planilhas específicas do *software* computacional *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para Windows, versão 16.0, bem como foram desenvolvidas planilhas destes dados compatíveis aos aplicativos da análise estatística PROC NL MIXED e PROC LOGISTIC do *software Statistical Analysis System* (SAS), versão 9.1, possibilitando a realização das análises

descritivas e inferenciais dos resultados, adotando-se como nível de significância o valor de $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

De forma geral, os adolescentes apresentaram adequado número médio de respostas ($R=21,3$), pois, segundo Vaz (1997), o protocolo do Rorschach de um adolescente normal deve apresentar em torno de 15 a 24 respostas. Ao examinar a quantidade média de respostas juntamente aos tempos de latência médio ($TLm=17,6$ segundos) e tempos médios de reação ($TRm=29,6$ segundos), observou-se indicadores de boa capacidade associativo-interpretativa e agilidade nos processos de reação e de elaboração das respostas aos cartões. As respostas adicionais ($RA = 0,7$), recusas ($Rec = 0,4$) e denegações ($Den = 0,2$), em valores médios, ocorreram em frequência pouco expressiva, favorecendo seus processos associativos e interpretativos diante desta técnica projetiva, dado que cumpre a expectativa por terem sido previamente selecionados adolescentes com sinais de desenvolvimento típico.

Com o intuito de efetuar a análise comparativa dos resultados no Rorschach de adolescentes do grupo feminino e do masculino utilizou-se o modelo de regressão linear para as variáveis do Rorschach associadas à produtividade e ao ritmo (número total de respostas, número de respostas adicionais, número de denegações, número de recusas, tempos médios de latência e de reação). Para as demais variáveis examinadas da Escola Francesa do Rorschach, o modelo de distribuição binomial dos resultados foi o escolhido, sempre se comparando dados médios dos subgrupos de adolescentes. Os dados referentes a essa análise estatística em função do gênero nas principais variáveis de classificação das respostas da Escola Francesa do Rorschach encontram-se descritos na Tabela 1 (variáveis associadas à produtividade e ao ritmo) e na Tabela 2 (demais variáveis). As variáveis que apresentaram diferenças estatisticamente significativas foram destacadas em negrito.

Tabela 1: Análise estatística inferencial dos resultados médios dos adolescentes nas variáveis relacionadas à produtividade e ao ritmo da Escola Francesa do Rorschach, em função do gênero.

Variável	Gênero*	Média	DP	p-valor	p-valor ajustado
R	F	22,4	10,3	0,143	0,144
	M	20,2	9,3		
RA	F	0,8	1,2	0,092	0,089
	M	0,5	1,0		
Rec	F	0,4	0,8	0,823	0,795
	M	0,4	0,8		
Den	F	0,2	0,7	0,298	0,313
	M	0,1	0,4		
TLm	F	16,5	12,7	0,317	0,293
	M	18,8	18,1		
TRm	F	28,1	16	0,320	0,310
	M	31,1	22,8		

R = Respostas; RA = Respostas adicionais; Rec – Recusas aos cartões; Den = Denegações; TLm = Tempo de Latência médio; TRm = Tempo de Reação médio; F = grupo feminino; M = grupo masculino.

Tabela 2: Análise estatística inferencial dos resultados médios dos adolescentes nas demais variáveis da Escola Francesa do Rorschach, em função do gênero

Variável	Gênero*	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
G	F	485 /1991	24,4	0,038	0,036
	M	469 /1715	27,4		
D	F	909 /1991	45,7	0,943	0,978
	M	785 /1715	45,8		
Dd	F	574 /1991	28,8	0,023	0,022
	M	437 /1715	25,5		
Dbl	F	23 /1991	1,2	0,508	0,436
	M	24 /1715	1,4		
Do	F	-	-	-	-
	M	-	-		
F+	F	602 /1991	30,2	0,411	0,486
	M	540 /1715	31,5		
F+-	F	-	-	0,940	0,940
	M	2 /1715	0,1		
F-	F	274 /1991	13,8	0,337	0,349
	M	255 /1715	14,9		
ΣF	F	876 /1991	44,0	0,131	0,168
	M	797 /1715	46,5		

F+%	F	602	/876	68,72	0,712	0,729
	M	541	/797	67,88		
F+ext%	F	1299	/1991	65,2	0,736	0,787
	M	1128	/1715	65,8		
K	F	132	/1991	6,6	0,437	0,470
	M	103	/1715	6,0		
kan	F	303	/1991	15,2	0,192	0,179
	M	235	/1715	13,7		
kob	F	9	/1991	0,5	0,008	0,009
	M	22	/1715	1,3		
Kp	F	51	/1991	2,6	0,122	0,106
	M	31	/1715	1,8		
Σk	F	363	/1991	18,2	0,251	0,226
	M	288	/1715	16,8		
FC	F	182	/1991	9,1	0,359	0,355
	M	172	/1715	10,0		
CF	F	170	/1991	8,5	0,636	0,571
	M	154	/1715	9,0		
C	F	11	/1991	0,6	0,909	0,862
	M	9	/1715	0,5		
FE	F	132	/1991	6,6	0,658	0,627
	M	120	/1715	7,0		
EF	F	119	/1991	6,0	0,015	0,022
	M	72	/1715	4,2		
E	F	3	/1991	0,2	0,955	0,942
	M	-	-	-		
FClob	F	2	/1991	0,0	0,945	0,919
	M	-	-	-		
ClobF	F	-	-	-	-	-
	M	-	-	-		
Clob	F	1	/1991	0,1	0,961	0,936
	M	-	-	-		
A	F	750	/1991	37,7	0,797	0,783
	M	639	/1715	37,3		
(A)	F	66	/1991	3,3	0,910	0,968
	M	58	/1715	3,4		
Ad	F	227	/1991	11,4	0,602	0,696
	M	205	/1715	12,0		
(Ad)	F	22	/1991	1,1	0,340	0,371
	M	25	/1715	1,5		
ΣA	F	1065	/1991	53,5	0,732	0,840
	M	927	/1715	54,1		
H	F	188	/1991	9,4	0,240	0,235
	M	143	/1715	8,3		

(H)	F	78	/1991	3,9	0,841	0,761
	M	65	/1715	3,8		
Hd	F	174	/1991	8,7	0,224	0,202
	M	131	/1715	7,6		
(Hd)	F	41	/1991	2,1	0,036	0,040
	M	20	/1715	1,2		
ΣH	F	481	/1991	24,2	0,019	0,016
	M	359	/1715	20,9		
Anat	F	62	/1991	3,1	0,183	0,245
	M	41	/1715	2,4		
Sg	F	4	/1991	0,2	0,833	0,788
	M	4	/1715	0,2		
Sex	F	4	/1991	0,2	0,949	0,936
	M	-	-	-		
Obj	F	148	/1991	7,4	0,032	0,026
	M	161	/1715	9,4		
Art	F	19	/1991	1,0	0,054	0,053
	M	7	/1715	0,4		
Arq	F	30	/1991	1,5	0,672	0,714
	M	23	/1715	1,3		
Simb	F	34	/1991	1,7	0,645	0,799
	M	26	/1715	1,5		
Abs	F	4	/1991	0,2	0,109	0,107
	M	9	/1715	0,5		
Bot	F	66	/1991	3,3	0,554	0,627
	M	51	/1715	3,0		
Geo	F	33	/1991	1,7	0,055	0,056
	M	44	/1715	2,6		
Nat	F	5	/1991	0,3	0,081	0,092
	M	11	/1715	0,6		
Pais	F	8	/1991	0,4	0,431	0,419
	M	10	/1715	0,6		
Elem	F	2	/1991	0,1	0,052	0,060
	M	8	/1715	0,5		
Frag	F	26	/1991	1,3	0,106	0,115
	M	34	/1715	2,0		
Ban	F	286	/1991	14,4	0,465	0,438
	M	261	/1715	15,2		

*F = feminino (n = 89); M = masculino (n = 85)

A comparação estatística dos resultados médios destas 56 variáveis do Rorschach em função do gênero dos adolescentes possibilitou a identificação de diferenças significativas em

apenas oito delas, a saber: localização global (G), pequeno detalhe (Dd), movimento de objeto (kob), sombreado com má qualidade formal (EF), parte de conteúdo humano desvitalizado [(Hd)], somatória de conteúdos humanos (ΣH), Objetos (Obj) e Arte (Art). Nota-se, na Tabela 1, a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo feminino e masculino de adolescentes nos índices de produtividade da Escola Francesa do Rorschach.

Em se tratando de modos de apreensão dos estímulos, foram observadas diferenças estatisticamente significativas em duas (G e Dd) das cinco variáveis analisadas (G, D, Dd, Dbl e Do). O grupo masculino apresentou maior frequência de respostas globais em relação ao grupo feminino, que, por sua vez, produziu maior proporção de respostas de pequeno detalhe. Esses resultados sugerem indicadores de que os adolescentes do gênero masculino da faixa de 12 a 14 anos se ativeram aos aspectos gerais dos estímulos, enquanto que o feminino tendeu a focar numa análise minuciosa dos fatos e situações, alusivo de uma abordagem mais detalhista.

Concernente ao grupo dos determinantes das respostas ao Rorschach, em comparação com o grupo feminino, os adolescentes do grupo masculino produziram maior frequência de conteúdos de movimento de objeto, sendo sugestivo de vivência psíquica mais marcada pela impulsividade de natureza agressiva. Por sua vez, o grupo feminino sinalizou maior quantidade de respostas determinadas pelo sombreado de má qualidade formal (EF), sugerindo maior intensidade de vivência de angústia pouco coordenada racionalmente.

Já em relação aos conteúdos das respostas, o grupo feminino foi o que produziu, significativamente, maior número de respostas de conteúdo humano [H e (Hd)] e arte (Art), sinalizando maior interesse pelo contato humano [H e (Hd)], assim como maior sensibilidade e canalização das emoções para vias abstratas (Art). Já os adolescentes do grupo masculino apresentaram maior produção de respostas de conteúdo objeto, sugerindo mais pragmatismo na interpretação da realidade.

Novamente há que ressaltar que estas diferenças devem ser cuidadosamente ponderadas frente à proporção geral do conjunto dos dados, uma vez que, em algumas variáveis (a saber: kob, EF, (Hd) e Obj), as respostas foram pouco frequentes, conferindo a estas peculiaridades encontradas na produção um caráter de possível aleatoriedade e pouca relevância do ponto de vista clínico nos resultados.

Diante do que foi mostrado, considerando-se o conjunto das 56 variáveis da Escola Francesa do Rorschach aqui analisadas, pode-se apreciar que o padrão de respostas dos adolescentes de ambos os grupos foi bastante semelhante, diferindo apenas em algumas particularidades produtivas, muitas das quais se mostraram como pouco expressivas. Estes dados podem auxiliar as análises interpretativas e clínicas por parte dos profissionais que vierem a fazer uso do material para os adolescentes de 12 a 14 anos de idade em regiões com características sócio-demográficas e culturais similares as do presente trabalho.

DISCUSSÃO

A variável gênero sabidamente tem sido reconhecida por uma multiplicidade de abordagens teóricas e metodológicas na investigação científica da Psicologia. Especificamente no tocante à avaliação da personalidade por meio de métodos projetivos, em especial o Psicodiagnóstico de Rorschach, esta variável tem sido pouco explorada de modo sistemático, sobretudo quando se focaliza o desenvolvimento típico dos indivíduos. Desse modo, procurou-se, no presente trabalho, examinar, de modo específico, a possível influência do gênero sobre o padrão de respostas ao Método de Rorschach, enquanto estratégia de investigação da estrutura e do funcionamento da personalidade de adolescentes não-pacientes. Desse modo, os atuais achados serão contrapostos a outros colhidos com metodologia semelhante e na mesma região fonte de estudo, embora com grupos de indivíduos de diferentes idades, de modo a se explorar esta questão de modo mais específico neste método projetivo, com dados empíricos recentes.

Na avaliação das respostas às pranchas do Rorschach dos adolescentes de 15 a 17 anos de Jardim-Maran (2011), em relação ao gênero, foi encontrada apenas uma diferença estatisticamente significativa, na variável relacionada às recusas aos cartões. Nesse recente trabalho normativo do Rorschach (Escola Francesa), os adolescentes do grupo masculino apresentaram maior número médio de recusas do que o grupo feminino, ainda que a proporção de recusas tenha sido mínima no conjunto dos adolescentes. Em comum com os

achados dessa pesquisadora, o presente trabalho revelou diferenças estatisticamente significativas em duas variáveis nos modos de apreensão dos estímulos do Rorschach (G e Dd), sendo que o grupo masculino apresentou maior frequência de respostas globais (G), enquanto que o grupo feminino produziu maior número de respostas pequeno detalhe (Dd).

Por outro lado, em relação aos determinantes das respostas ao Rorschach, enquanto os dados de Jardim-Maran (2011) revelam que o grupo masculino apresentou maior frequência de aspectos formais em sua interpretação dos cartões (ΣF), assim como maior proporção de F+, nossos dados apontam para maior frequência de conteúdos de movimento de objeto neste grupo. Apesar destas peculiaridades, pode-se afirmar que, em síntese, a pesquisadora demonstrou que, com o passar dos anos da adolescência, comparativamente aos atuais dados, o possível efeito do gênero se mostrou irrelevante no conjunto das respostas ao Método de Rorschach. Desse modo, confirma-se a tendência atual de poucas evidências de significativo impacto do gênero na constituição de padrões específicos de resposta a este método projetivo de avaliação da personalidade com indivíduos adolescentes.

Na perspectiva de contrapor estas evidências dos adolescentes de 12 a 14 anos deste trabalho com outros correlatos, embora envolvendo crianças, foram comparados os atuais achados aqueles encontrados por Fernandes (2010), com crianças de 6 a 8 anos, e por Raspantini (2010), com crianças de 9 a 11 anos. Nestas duas investigações de caráter também normativo do Rorschach (Escola Francesa), as pesquisadoras encontraram que as crianças do gênero feminino tiveram tempo de latência maior que o grupo masculino, isto é, o TLm delas foi maior, podendo sugerir que elas elaboram melhor as respostas enquanto que os meninos se mostram mais espontâneos. No atual estudo, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa em relação ao tempo de resposta, porém é possível perceber que as adolescentes (grupo feminino) já são mais rápidas para responder (TLm = 16,5 segundos) que o grupo masculino (TLm = 18,8 segundos).

O modo de apreensão apresentado pelos meninos analisados por Fernandes (2010) foi semelhante ao dos adolescentes do grupo masculino do presente estudo, já que para esse grupo houve maior frequência de respostas globais. Em relação aos conteúdos das respostas ao Rorschach, foram encontradas semelhanças nos grupos femininos dos dados de Fernandes

(2010) e Raspantini (2010) com os dados do presente trabalho, ao identificar que as meninas e as adolescentes manifestaram o conteúdo humano [H] com maior frequência.

De acordo com os objetivos propostos para a presente investigação, é possível considerar que o exame de possíveis diferenças nos padrões de resposta de adolescentes ao Método de Rorschach (Escola Francesa) em função do gênero foram atingidos. Os atuais achados podem auxiliar as análises clínicas e interpretativas dos profissionais da área que acaso venham utilizar o Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes de 12 a 14 anos de idade em regiões com aspectos sócio-demográficos e culturais similares aos do presente estudo. Não obstante, faz-se imperativo salientar que os referenciais normativos do Rorschach aqui expostos devem ser avaliados com todo o cuidado devido, visando, sempre, interpretações adequadas e consistentes, orientadas para o conjunto da produção e não apenas em variáveis isoladas.

Desse modo, confirma-se a tendência atual de poucas evidências de significativo impacto do gênero na constituição de padrões de resposta a este método projetivo de avaliação da personalidade com indivíduos adolescentes. Apesar desta tendência geral, também se conseguiu demonstrar, dentro grupo específico de adolescentes com sinais de desenvolvimento típico, que questões de gênero permeiam alguns modos de reação perante o Método de Rorschach, merecendo a devida atenção do avaliador e do psicólogo clínico, por refletirem sua forma de encarar o mundo que os cerca, bem como a constituição da própria personalidade. Não se justifica, no entanto, a elaboração de tabelas normativas da Escola Francesa do Rorschach no presente momento, pelas evidências encontradas com adolescentes.

REFERÊNCIAS

- Adrados, I. (1976). *Rorschach na adolescência normal e patológica*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Adrados, I. (1985). *A Técnica do Rorschach em crianças: perfil psicológico da criança dos sete aos quatorze anos*. Petrópolis: Vozes.

- Aguirre, A. M. B. (1995). *Aspectos psicodinâmicos de adolescentes grávidas: entrevistas clínicas e Rorschach no contexto hospitalar*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. (7ª ed.) (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Andronikof, A., Chudzik, L. & Gillaizeau, I. (2008). Caractéristiques des Rorschach d'adolescents. In *International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 19 (p. 176). Leuven, Belgium: IRS.
- Campagna, V. N. (2003). *Aspectos da organização da identidade feminina no início da adolescência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In Villemor-Amaral, A. E. & Werlang, B. G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 15-33.
- Fernandes, S. (2010). *Normas do Rorschach em crianças de 6 a 8 anos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Brasil.
- Ginsberg, A. M. (1950) Um estudo de 100 jovens baianos com o teste de Rorschach. *Neurobiologia*, 13 (1), p. 1-50.
- Ikiz, T.T., Zabcı, N., Dugor, B.P., Atak, I.E., Yavuz, E., Purisa, S., & Catagy, P. (2010). Étude normative du Rorschach de la population adolescente turque. *Psychologie Clinique et Projective*, 16, p. 209-232.
- Japur, M. (1982). *O Psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo da afetividade em pré-adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Jardim-Maran, M. L. C. (2011) *O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: Normas e evidências de validade*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

- Matsumoto, M., Morita, M., Suzuki, N., Tsuboi, H., Hatagaki, C. & Shirai, H. (2008). Application of Rorschach for Japanese children: what the Rorschach means for Japanese children. In *International Congress of Rorschach and Projective Methods, 19* (p. 315). Leuven, Belgium: IRS.
- Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nascimento, R. S. G. F., Batistuzzo, M. C., Sato, T. M., Brunoni, G., Bueno, R. R. & Marques, T. (2009). Autopercepção em adolescentes por meio do Rorschach (SC): resultados de estudo normativo em São Paulo. In: *Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, 4; Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos, 14 e Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos,, Campinas, CD-ROM*.
- Nascimento, R. S. G. F., Brunoni, G. R., Sasaki, T. N. D., Bueno R. R. & Parsons, T. G. (2008). Resultados preliminares de um estudo normativo com o sistema compreensivo do Rorschach em uma amostra de adolescentes não-pacientes brasileiros. In *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 5*. Ribeirão Preto, SP.
- Pasian, S. R. (2002). Atualizações sobre o psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil: breve panorama histórico. *Psico-USF, 7*(1), p. 43-52.
- Raspantini, R. L. (2010). *O Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos: um estudo normativo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP/Brasil.
- Resende, A. C., Rezende, T. C. & Martins, L. D. (2006). Estudo normativo do Rorschach para crianças goianienses: dados preliminares. In *Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 4*, (pp. 124-135). Brasília: Vetor.
- Santoantonio, J. (2001). *Estudo de características de personalidade de adolescentes com lúpus eritematoso sistêmico por meio do método de Rorschach*. Tese de Doutorado, Curso de Psiquiatria, Psicologia e Saúde Mental, Escola Paulista de Medicina, São Paulo.
- Weiner, I. B. (1991). Editor's note: interscorer agreement in Rorschach research. *Journal of Personality Assessment, 56*, p. 1.

Weiner, I. B. (1993). Speaking Rorschach: a tower of babel no longer. *Rorschariana*, 18, 1-6.

Weiner, I. B. (2000). *Princípios da Interpretação do Rorschach*. Tradução M. Cecília Vilhena M. Silva. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Werlang, B. S. G., Villemor-Amaral, A. E. & Nascimento, R. S. G. F. (2010). Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso. In *Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP.

O PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH EM ADOLESCENTES DE DIFERENTES ORIGENS ESCOLARES

Roberta Cury-Jacquemin
Nicole Medeiros Guimarães
Sonia Regina Pasian
FFCLRP-USP

INTRODUÇÃO

Dentro da diversidade existente de métodos de trabalho disponíveis aos psicólogos, no âmbito da avaliação psicológica, há uma expressiva variabilidade de técnicas e de instrumentos, empregados para atender a necessidade de investigação de diversas variáveis e processos psicológicos. Em cada instrumento utilizado pode-se encontrar atributos positivos, mas também limitações técnicas, cabendo ao psicólogo analisá-los para decidir por sua inclusão (ou não) em um processo avaliativo e em sua prática profissional (Fensterseifer & Werlang, 2008). Entretanto, para que estas técnicas se constituam como instrumentos válidos, capazes de oferecer informações relevantes e adequadas sobre os indivíduos, devem, de fato, ser constituídos com adequada base psicométrica e científica, representando de forma clara os construtos em análise.

Em acordo com uma tendência mundial de aprimoramento das técnicas de avaliação psicológica, podem-se observar, no contexto brasileiro, esforços de diversos pesquisadores nesta direção, buscando qualidade e adequado uso dos instrumentos psicológicos disponíveis (Noronha, Primi e Alchieri, 2005). Essa linha de investigações científicas enfatiza a necessidade de revisão metodológica dos instrumentos psicológicos em uso no Brasil, como apontam, entre outros, Oliveira, Noronha, Dantas e Santarem (2005) e Noronha e Vendramini (2003).

Acompanhando este cenário, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003) publicou uma resolução (Resolução 002/2003) que regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização

de testes psicológicos no Brasil, tendo em vista a preocupação tanto com as questões éticas envolvidas nos processos de avaliação psicológica, assim como com a qualidade metodológica dos instrumentos utilizados. Essa resolução aponta para a necessidade de serem tomadas medidas que objetivam garantir intervenções profissionais de adequada qualidade técnica e ética à população brasileira usuária dos serviços de avaliação psicológica, estimulando pesquisas científicas na área. Além disso, destaca a importância de se construir um sistema contínuo de avaliação dos instrumentos psicológicos, adequado à dinâmica da comunidade científica e profissional. A busca do aprimoramento técnico-teórico dos processos psicodiagnósticos reafirma-se como evidente e básica necessidade.

Para que um instrumento avaliativo possa ser considerado científico é de essencial importância que apresente adequados índices psicométricos, em especial validade e precisão. A fidedignidade dos métodos projetivos, segundo Fensterseifer e Werlang (2008), pode ser alcançada, por exemplo, pela concordância entre juízes independentes ao corrigirem e interpretarem, às cegas, os mesmos protocolos.

Adicionalmente, a elaboração e a atualização de referenciais normativos tornam-se igualmente indispensáveis. Japur (1982) assinala a necessidade de se apontar o grupo de referência do avaliando ao se descrever a estrutura de sua personalidade, ao mesmo tempo em que se destacam as características que o convertem em um indivíduo específico. Seguindo esse pensamento, Cunha (2000) e Anastasi e Urbina (2000) apontam para a importância vital dos estudos normativos para o processo de avaliação psicológica.

No âmbito da diversidade de instrumentos de avaliação disponíveis aos psicólogos, os métodos projetivos tem sido alvo de debate importante, recuperando, por evidências empíricas, seu status científico, como apontam Fensterseifer e Werlang (2008). Permitem o acesso a indicadores da personalidade, bem como de seus dinamismos, em especial situações de interação interpessoal, agregando contribuições importantes para a compreensão dos indivíduos.

Os instrumentos projetivos de avaliação psicológica são caracterizados pelo aspecto dúbio de seus estímulos, apresentados de forma a não revelar seu verdadeiro intento, desfavorecendo um controle consciente e objetivo da atividade proposta (Cunha, 2000). Isso

propicia liberdade de interpretação, valorizando aquilo que surge espontaneamente à consciência do avaliando, que pode, dessa forma, imprimir sua subjetividade perante a tarefa proposta a partir de determinados estímulos. O Método de Rorschach é um dos instrumentos de avaliação psicológica que atende a estes requisitos, tendo sido publicado em 1921, pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach (Nascimento, 2010). Não obstante o reconhecimento internacional em diversas áreas de aplicação, este instrumento acumula evidências de validade em vários contextos socioculturais, o que reforça, de maneira indiscutível, sua possibilidade de contribuição científica para a compreensão da estrutura e do funcionamento psíquico dos indivíduos (Nascimento, 2002; Pasian, 2000).

O método de investigação da personalidade de Rorschach pode ser aplicado a pessoas procedentes de qualquer raça ou cultura, embora haja diferenças não simplesmente em aspectos individuais, mas também em fatores sociais e culturais (Nascimento, 2010). Para Weiner (2000), *“um único conjunto de normas representativas não garante que um teste possa ser interpretado da mesma maneira, a despeito da idade, sexo e formação cultural do sujeito”* (p. 48), pois a generalização exacerbada pode mascarar as diferenças existentes entre os grupos. Por este motivo, diversos estudos foram realizados durante o século XX para se abordar as questões relativas às divergências e similaridades entre os diferentes grupos culturais (Nascimento, 2010).

Na perspectiva de rastrear investigações científicas voltadas à elaboração de padrões normativos do método de Rorschach desenvolvidas nos últimos cinco anos (período de 2006 a 2011), caracterizando, sobretudo, a faixa etária estudada, buscou-se inicialmente realizar levantamento bibliográfico em bases de dados científicas internacionais, como *Medline* e *PsycInfo*. Por meio destas estratégias, identificaram-se pesquisas normativas com o Rorschach que envolveram indivíduos de diferentes características e contextos socioculturais, bem como de diversas faixas etárias, o que sinaliza relevante interesse internacional em investigações sobre os padrões de resposta ao Rorschach. Isto realça a importância deste tipo de investigação científica para fundamentar uma adequada prática clínica. Contudo, dentre estes trabalhos identificados, poucos abarcam a fase da adolescência (Lis, Salcuni, & Parolin, 2007; Matsumoto

et al., 2007; Van Patten et al., 2007), com maior frequência de pesquisas com adultos e com crianças.

Ainda com o intuito de mapear o desenvolvimento de estudos normativos contemporâneos do Psicodiagnóstico de Rorschach, foi realizado um levantamento bibliográfico nos livros de Resumos e de anais dos últimos congressos nacionais e internacionais de Avaliação Psicológica realizados a partir de 2006, bem como em bases de dados que englobam produções nacionais. Esse mapeamento dos estudos normativos do Rorschach, em desenvolvimento nos últimos cinco anos, permite reconhecer o empenho de vários centros de investigação científica na busca de qualificação do uso desta técnica projetiva no Brasil, acompanhando as exigências e as orientações do Conselho Federal de Psicologia. Dessa forma, dentre os congressos internacionais pesquisados, destacam-se o XIX Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projetivos, evento científico realizado pela *International Society of Rorschach (ISR)* em Julho de 2008 na Bélgica, e o VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação Psicológica, ocorrido em 2011 em Portugal. Já no panorama nacional, foram consultados os seguintes eventos: IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (2006), III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (2007), V Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (2008), IV Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, XIV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos e V Congresso Brasileiro de Rorschach e Métodos Projetivos (2009); XIV Congresso Latino Americano de Rorschach e Técnicas Projetivas (2009), e, também, o V Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica (2011). Em meio aos trabalhos encontrados, a Tabela 1 mostra aqueles que focaram a faixa etária correspondente à adolescência.

Tabela 1: Estudos normativos do Rorschach com adolescentes apresentados nos eventos científicos na área de Avaliação Psicológica realizados nos últimos cinco anos (2006 a 2011)

Autores	Ano	Pais	Participantes	Idade	Sistema
Nascimento <i>et al.</i>	2009	Brasil	108	Adolescentes	Compreensivo

Andronikof <i>et al.</i>	2008	França	121	14 a 17	Compreensivo
Matsumoto <i>et al.</i>	2008	Japão	352	8 a 14	Compreensivo
Nascimento <i>et al.</i>	2008	Brasil	30	14 a 17	Compreensivo
Resende <i>et al.</i>	2006	Brasil	336	3 a 14	Compreensivo

Foi possível verificar que, com base no levantamento realizado, em termos de pesquisas de parâmetros normativos para o Psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil, as vivências do período da adolescência exigem atenção especial, pois, até o momento, mostra-se pouco sistematizada. Além disso, os últimos trabalhos realizados com adolescentes, como pode ser percebido, seguiram o Sistema Compreensivo do Rorschach, deixando margem para estudo de outras perspectivas também utilizadas na prática nacional, como a Escola Francesa.

Neste contexto, uma proposta de elaboração de referenciais normativos do Rorschach para adolescentes no contexto brasileiro se justifica pela possibilidade de contemplação, mais específica e atualizada socioculturalmente, do desenvolvimento afetivo-emocional da referida faixa etária, sobretudo considerando-se diferentes realidades vivenciadas pelos indivíduos. É neste panorama que se insere o presente trabalho que, embora com objetivos mais amplos, neste momento recorta a questão do estudo do possível efeito da procedência escolar sobre padrões de resposta de adolescentes de 12 a 14 anos de idade no Método de Rorschach, segundo perspectiva teórica-metodológica da Escola Francesa.

OBJETIVOS

O atual estudo objetiva examinar eventual influência da origem escolar (pública ou particular) sobre a produção no Método de Rorschach (Escola Francesa) de adolescentes de 12 a 14 anos. Pretende-se, desse modo, apresentar evidências empíricas relativas ao possível efeito de variáveis socioculturais (aqui representadas pela procedência acadêmica) em

estudantes com desenvolvimento típico, a partir das principais variáveis deste método projetivo de avaliação psicológica.

MÉTODO

A amostra foi composta por 174 estudantes, de 12 a 14 anos de idade, distribuídos equitativamente em função da idade, do gênero e da origem escolar (escolas públicas e particulares), voluntários de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Esta amostra corresponde a aproximadamente 0,7% da população de estudantes de ensino fundamental da faixa etária em questão na cidade estudada, o que sugere um bom índice de representatividade.

O projeto de pesquisa foi examinado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Todos os participantes foram voluntários e devidamente autorizados por seus pais ou responsáveis, mediante a formalização de consentimento livre e esclarecido.

Os participantes foram selecionados de maneira a apresentarem indicadores de desenvolvimento típico para sua faixa etária. Foram, então, excluídos aqueles com tratamento psiquiátrico e/ou psicológico e/ou uso de medicação psicotrópica no último ano de vida, bem como os estudantes com eventual atraso acadêmico. Essas informações foram coletadas a partir de seu histórico pessoal, informado por seus pais ou responsáveis em questionário específico. Ainda na seleção da amostra, levou-se em conta o nível de inteligência, conforme os resultados obtidos no Teste de Inteligência INV – Forma C (Weil & Nick, 1971), incluindo apenas aqueles com resultado médio ou superior, ou seja, sem dificuldades cognitivas. Pode-se, desta forma, considerar que os participantes desse estudo, além de voluntários e disponíveis para a atividade, possuíam indicadores básicos de desenvolvimento típico para sua idade, oferecendo suporte para um estudo normativo do Método do Rorschach, como aqui proposto.

A opção escolhida como referencial técnico-científico foi o sistema de Ombredane e Canivet do Rorschach, conhecido como a Escola Francesa, conforme proposição apresentada por Rausch de Traubenberg (1998) e Anzieu (1986) e, mais recentemente, Azoulay, Emmanuelli, Rausch de Traubenberg, Corroyer, Rozencwajg e Savina (2007). Seguindo referidos padrões

teórico-técnicos, o Rorschach foi aplicado no total dos adolescentes avaliados, bem como codificado e interpretado para, assim, compor o banco de dados no qual se baseia o presente estudo.

O processo de coleta de dados foi efetivado no contexto escolar pela própria pesquisadora (primeira autora) ou seus colaboradores, em aplicação individual, em local apropriado para a realização da avaliação psicológica. Cada protocolo do Rorschach foi classificado por três avaliadores, em atividades independentes, para posterior análise de sua precisão, na perspectiva da Escola Francesa do Rorschach. Esses juízes eram psicólogos que possuíam experiência prévia com o Psicodiagnóstico de Rorschach propriamente dito, mas que, ainda sim, receberam orientação específica para a realização das codificações do material coletado, e estavam “cegos” para a identidade dos adolescentes.

Foi calculado o índice de precisão entre os juízes independentes para as categorias avaliativas: localização, determinantes, conteúdos e banalidades. Recorreu-se às orientações de Weiner (1991) e Fernterseifer e Werlang (2008) para o cálculo do índice de concordância entre examinadores. Para esta análise, foram selecionados, aleatoriamente, 35 protocolos (aproximadamente 20% do total da amostra atual). A partir das análises realizadas, os valores de acordo entre examinadores (independentes e às cegas) obtidos nas quatro principais categorias de respostas da Escola Francesa do Rorschach foram: (a) Localizações = 97%; (b) Determinantes = 90%; (c) Conteúdos = 95%; (d) Banalidades = 90%. Segundo a recomendação de Weiner (1991), o índice final de concordância deve ter valor superior a 80%, logo, os valores aqui encontrados podem ser considerados como satisfatórias demonstrações empíricas de precisão da Escola Francesa do Método de Rorschach, oferecendo confiança adicional aos próprios dados.

Os resultados foram sistematizados em planilhas do *Microsoft Office Excel 2010* a partir da classificação final de cada caso (a partir do consenso entre examinadores), organizando-se, inicialmente, as 56 variáveis da Escola Francesa do Rorschach em termos descritivos (média, desvio-padrão, mediana, valores mínimo, máximo). Posteriormente, foram realizadas análises estatísticas inferenciais, utilizando-se do método de regressão linear para as variáveis relacionadas à produtividade e ao ritmo [Resposta (R), Resposta Adicional (RA), Recusa (Rec),

Denegação (Den), Tempo de Latência médio (TLm) e Tempo de Reação médio (TRm)] e da análise de distribuição binomial para as demais variáveis analisadas [G, D, Dd, Dbl, Do (modos de apreensão); F+, F+/-, F-, ΣF , K, kan, kp, kob, Σk , FC, CF, C, FE, EF, E, FClob, ClobF, Clob (determinantes); A, (A), Ad, (Ad), ΣA , H, (H), Hd, (Hd), ΣH , Anat., Sex, Sg, Bot, Geo, Nat, Pais, Obj, Arq, Art, Simb, Abst, Elem, Frag (conteúdos); Ban (banalidades)], a fim de verificar possível influência da origem escolar sobre este método projetivo de avaliação psicológica. Para estas análises inferenciais utilizou-se o nível de significância $p = 0,05$.

Os recursos computacionais para registro e para análise de dados utilizados foram as planilhas do *Microsoft Excel* 2010, o editor de texto do *Microsoft Word* 2010, o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* para Windows, versão 16.0, os programas estatísticos computacionais PROC NL MIXED e PROC LOGISTIC do *software Statistical Analysis System (SAS)*, versão 9.1, e Adobe Fireworks CS4.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das evidências da literatura científica sobre o Método de Rorschach relativas à possibilidade de influência da cultura na estruturação e no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos, procurou-se focalizar uma investigação deste tipo de variável no presente estudo. Dentro da faixa etária aqui focalizada, considerou-se que uma representação viável deste contexto sociocultural seriam as experiências acadêmicas efetivadas pelos adolescentes, tendo em vista a heterogeneidade de estímulos socioculturais no contexto das escolas públicas e particulares no Brasil. Desse modo, foram realizados procedimentos para exame de eventual efeito da procedência escolar sobre as variáveis do Rorschach, como delineado nos objetivos. Este tipo de enfoque mostrou-se útil e adequado também nas análises realizadas por Raspantini (2010), Fernandes (2010) e Jardim-Maran (2011).

Foram estatisticamente comparados os resultados médios nas 56 variáveis do Rorschach dos adolescentes oriundos da rede particular ($n=86$) e pública de ensino ($n=88$). Os dados dessa análise estatística inferencial encontram-se sistematizados na Tabela 2, focalizando as variáveis

relacionadas à produtividade e ao ritmo de trabalho no Rorschach. As diferenças estatisticamente significativas foram grafadas em negrito.

Tabela 2: Comparação estatística dos resultados médios dos adolescentes nas variáveis de produtividade e ritmo no Rorschach, em função da origem escolar.

Variável Rorschach	Origem Escolar *	Média	DP	<i>p</i> -valor	<i>p</i> -valor ajustado
R	Part	23,6	10,0	0,002	0,002
	Publ	19,0	9,3		
RA	Part	0,6	1,1	0,345	0,324
	Publ	0,8	1,1		
Rec	Part	0,3	0,6	0,004	0,004
	Publ	0,6	0,9		
Den	Part	0,2	0,7	0,244	0,254
	Publ	0,1	0,4		
TLm	Part	17,8	14,1	0,849	0,818
	Publ	17,4	17,1		
TRm	Part	28,9	18,7	0,673	0,697
	Publ	30,2	20,6		

*Part = escola particular (n=8); Publ = escola pública (n=88)

Dentre as seis variáveis relacionadas à produtividade e ao ritmo de produção no Rorschach, os resultados médios apontaram para diferenças estatisticamente significativas em duas delas em função da origem escolar dos adolescentes: número de respostas (R) e quantidade de recusas (Rec). Embora a quantidade de recusas tenha valor pouco expressivo na produção total dos protocolos, o número de respostas é um dado bastante significativo, requerendo atenção especial a este achado. Jardim-Maran (2011), analisando adolescentes de

15 a 17 anos, também constatou diferença significativa no número de respostas, porém a favor dos estudantes do ensino público, isto é, estes obtiveram maior número de respostas, comparados aos alunos de escola particular.

Outra vertente interessante a ser desenvolvida aqui é a comparação dos atuais achados dos adolescentes frente à produção de crianças no Rorschach. Em estudos realizados com metodologia e local similar ao presente trabalho, Raspantini (2010) analisou crianças de 9 a 11 anos, não encontrando diferenças significativas nas variáveis relacionadas à produtividade e ao ritmo de produção no Rorschach entre os alunos de escola pública e particular. Já com crianças mais novas, de 6 a 8 anos, Fernandes (2010) identificou uma diferença significativa no número de respostas dos estudantes de diferentes origens escolares. Assim como os adolescentes do atual estudo, as crianças do estudo de Fernandes (2010) provenientes do ensino particular emitiram mais respostas que os de ensino público. Além disso, Fernandes (2010) também identificou uma diferença significativa no Tempo de Resposta médio (TRm), de modo que as crianças advindas da escola particular foram mais rápidas em seus processos interpretativos que as demais.

Cabe, agora, examinar o conjunto das demais variáveis da Escola Francesa do Rorschach nos adolescentes de 12 a 14 anos de idade. Estes dados estão sistematizados na Tabela 3.

Tabela 3: Comparação estatística dos resultados médios dos adolescentes nas demais variáveis no Rorschach, em função da origem escolar.

Variável	Origem escolar	Proporção	%	<i>p</i> -valor	<i>p</i> -valor ajustado
G	Part Publ	519/2031	25,6	0,773	0,772
		435/1675	26,0		
D	Part Publ	921/2031	45,4	0,626	0,574
		773/1675	46,2		
Dd	Part Publ	562/2031	27,7	0,557	0,506
		449/1675	26,8		
Dbl	Part Publ	29/2031	1,4	0,341	0,313
		18/1675	1,1		

Do	Part Publ	- -	- -	-	-
F+	Part Publ	672/2031 470/1675	33,1 28,1	0,001	0,001
F+-	Part Publ	2/2031 -	0,1 -	0,946	0,943
F-	Part Publ	288/2031 241/1675	14,2 14,4	0,857	0,860
ΣF	Part Publ	962/2031 711/1675	47,4 42,5	0,003	0,003
F+%	Part Publ	673 /962 470 /711	70,0 66,1	0,094	0,091
F+ext%	Part Publ	1354/2031 1073/1675	66,7 64,1	0,097	0,094
K	Part Publ	123/2031 112/1675	6,1 6,7	0,433	0,513
kan	Part Publ	256/2031 282/1675	12,6 16,8	<0,001	<0,001
kob	Part Publ	19/2031 12/1675	0,9 0,7	0,468	0,484
kp	Part Publ	46/2031 36/1675	2,3 2,2	0,812	0,876
Σk	Part Publ	321/2031 330/1675	15,8 19,7	0,002	0,001
FC	Part Publ	210/2031 144/1675	10,3 8,	0,073	0,083
CF	Part Publ	170/2031 154/1675	8,4 9,2	0,377	0,371
C	Part Publ	9/2031 11/1675	0,4 0,7	0,380	0,329
FE	Part Publ	139/2031 113/1675	6,8 ,8	0,907	0,849
EF	Part Publ	94/2031 97/1675	4,6 5,8	0,112	0,118

E	Part Publ	1/2031 2/1675	0,1 0,1	0,469	0,367
FClob	Part Publ	1/2031 1/1675	0,00 0,00	0,892	0,968
FClob	Part Publ	1/2031 1/1675	0,00 0,00	0,892	0,968
ClobF	Part Publ	- -	- -	-	-
Clob	Part Publ	1/2031 -	0,1 -	0,962	0,934
A	Part Publ	732/2031 657/1675	36,0 39,2	0,046	0,035
(A)	Part Publ	69/2031 55/1675	3,4 3,3	0,848	0,914
Ad	Part Publ	254/2031 178/1675	12,5 10,6	0,076	0,095
(Ad)	Part Publ	23/2031 24/1675	1,1 1,4	0,417	0,398
ΣA	Part Publ	1078/2031 914/1675	53,1 54,6	0,365	0,260
H	Part Publ	175/2031 156/1675	8,6 9,3	0,459	0,507
(H)	Part Publ	72/2031 71/1675	3,6 4,2	0,276	0,257
Hd	Part Publ	175/2031 130/1675	8,6 7,8	0,346	0,332
(Hd)	Part Publ	26/2031 35/1675	1,3 2,1	0,056	0,064
ΣH	Part Publ	448/2031 392/1675	22,1 23,4	0,331	0,364
Anat	Part Publ	51/2031 52/1675	2,5 3,1	0,275	0,302
Sg	Part Publ	5/2031 3/1675	0,3 0,2	0,663	0,638

Sex	Part Publ	1/2031 3/1675	0,1 0,2	0,263	0,216
Obj	Part Publ	192/2031 117/1675	9,5 7,0	0,007	0,005
Art	Part Publ	13/2031 13/1675	0,6 0,8	0,622	0,622
Arq	Part Publ	30/2031 23/1675	1,5 1,4	0,791	0,741
Simb	Part Publ	33/2031 27/1675	1,6 1,6	0,975	0,826
Abs	Part Publ	9/2031 4/1675	0,4 0,2	0,303	0,299
Bot	Part Publ	66/2031 51/1675	3,3 3,0	0,723	0,682
Geo	Part Publ	40/2031 37/1675	2,0 2,2	0,611	0,590
Nat	Part Publ	10/2031 6/1675	0,5 0,4	0,537	0,550
Pais	Part Publ	15/2031 3/1675	0,7 0,2	0,025	0,020
Elem	Part Publ	6/2031 4/1675	0,3 0,2	0,741	0,802
Frag	Part Publ	34/2031 26/1675	1,7 1,6	0,770	0,829
Ban	Part Publ	278/2031 269/1675	13,7 16,1	0,043	0,039

*Part = escola particular (n=8); Publ = escola pública (n=88)

No que se refere às variáveis referentes às Localizações, aos Determinantes e aos Conteúdos, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em oito das 50 principais variáveis examinadas entre estudantes de escolas públicas e particulares. Essas

diferenças foram encontradas nas seguintes variáveis distribuídas pelas categorias: *Determinante*: boa qualidade formal (F+), somatória das respostas formais (ΣF), movimento animal (kan), somatória das respostas de pequenas cinestésias (Σk); *Conteúdo*: animal (A), objeto (Obj), paisagem (Pais) e banalidades (Ban).

Em relação à localização da resposta, no presente estudo, nenhuma diferença significativa foi identificada entre os grupos aqui comparados. Por sua vez, tanto Raspantini (2010) quanto Jardim-Maran (2011) notaram que os estudantes oriundos do ensino particular apresentaram maior frequência de respostas globais do que aqueles de escola pública. Por sua vez, Fernandes (2010) observou que as crianças da escola particular apresentaram um número de respostas de pequeno detalhe (Dd) significativamente maior que as do ensino público.

A respeito do determinante das respostas, ressalta-se que os adolescentes da rede particular de ensino aqui estudados empregaram mais os elementos formais dos cartões para produzir suas interpretações das manchas (maior ΣF) do que os demais provenientes da escola pública. Além disso, apresentaram maior precisão lógica em suas análises formais dos estímulos, isto é, os adolescentes do ensino particular apresentaram número significativamente maior de respostas de boa qualidade formal. Em contraste, Jardim-Maran (2011) apontou que foram os adolescentes (15 a 17 anos) do ensino público aqueles que se apegaram mais aos aspectos formais do cartão, não havendo diferenças significativas em relação à qualidade formal de suas respostas.

Ainda considerando os determinantes das respostas, os adolescentes do ensino público aqui investigados revelaram índices estaticamente superiores em relação aos determinantes: movimento animal (kan) e em relação ao somatório das pequenas cinestésias (Σk). Esses dados permitem inferir que os adolescentes da rede pública sinalizaram maior elaboração e maior envolvimento emocional na interpretação das pranchas, enquanto que os aqueles de escolas particulares demonstraram maior investimento racional na tarefa. Mais uma vez, os adolescentes do estudo de Jardim-Maran (2011) mostraram o oposto, ou seja, foram os adolescentes da rede particular de ensino que revelaram índices estatisticamente superiores nas variáveis relacionadas ao movimento, mais especificadamente, as variáveis: movimento humano (K), movimento animal e Σk .

Já as crianças mostraram poucas diferenças significativas nos determinantes das respostas em função de sua procedência escolar. No estudo de Fernandes (2010), a única diferença foi na variável Cor (C), com maior frequência desta variável do Rorschach nas crianças de escola pública. Por sua vez, as crianças avaliadas por Raspantini (2010) também apresentaram diferenças significativas na distribuição dos determinantes relacionados à cor, em função da origem escolar. Neste estudo com crianças de 9 a 11 anos, houve maior número de incidências de respostas determinadas pela forma-cor (FC) no grupo de origem particular.

No tocante aos conteúdos identificados nas respostas ao Rorschach, os adolescentes de 12 a 14 anos de escolas públicas e particulares se diferenciaram estatisticamente de modo significativo em algumas variáveis, a saber: A, Obj, Pais e Ban. Os adolescentes provenientes da escola pública apresentaram maior proporção de respostas de conteúdo animal, todavia, a comparação da somatória dos conteúdos animais, que representa mais da metade do conjunto de respostas para cada grupo examinado, não apresentou diferenças significativas.

Ainda em relação aos conteúdos, outras três diferenças, significativas estatisticamente, foram constatadas entre os grupos de adolescentes examinados. A variável dos conteúdos do tipo objeto (Obj) ocorreu em maior frequência nos adolescentes do ensino particular, que também tenderam a apresentar mais respostas de conteúdo paisagem (Pais), comparados aos advindos do ensino público. Estes, por sua vez, expuseram maior quantidade de respostas banais (Ban) em relação aos estudantes de escola particular, despontando maior compartilhamento do pensamento coletivo que estes últimos.

Considerando-se os objetivos propostos para a presente investigação, pode-se considerar que foi possível, por meio do presente trabalho, elaborar e apresentar um panorama geral do desempenho de adolescentes, de 12 a 14 anos de idade, com desenvolvimento típico, diante do Psicodiagnóstico de Rorschach. O conjunto desses dados certamente poderá auxiliar as análises interpretativas e clínicas por parte dos profissionais que porventura vierem a fazer uso do material para os adolescentes de mesma faixa etária, em regiões com características sociodemográficas e culturais similares às do presente estudo.

É importante destacar novamente que as diferenças encontradas entre o padrão de respostas dos adolescentes de diferentes origens escolares aqui apresentados devem ser

devidamente ponderados no conjunto das variáveis do Rorschach. Assim sendo, pode-se considerar que o contexto ambiental sinalizou-se como passível de influenciar o desenvolvimento dos adolescentes analisados e, logo, interferir igualmente na forma de produção e de interpretação dos estímulos propostos pelo Método de Rorschach.

No entanto, aprofundando-se nesta questão e suas implicações práticas e considerando o conjunto das 56 variáveis da Escola Francesa do Rorschach, na análise global da distribuição dos dados, há que se relativizar estas especificidades de produção identificadas, visto que não foram consistentes em todos os aspectos examinados. Desse modo, pode-se depreender que as evidências ainda são insuficientes para justificar a elaboração de normas avaliativas específicas para os adolescentes de 12 a 14 anos de idade em função da origem escolar. Apesar disso, certamente, os atuais achados apontam para a necessidade de se levar em consideração aspectos do contexto sociocultural dos indivíduos durante processos clínicos de avaliação psicológica por meio do Método de Rorschach.

REFERÊNCIAS

- Adrados, I. (1976) *Rorschach na adolescência normal e patológica*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Adrados, I. (1985) *A Técnica do Rorschach em crianças: perfil psicológico da criança dos sete aos quatorze anos*. Petrópolis: Vozes.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. (M. A. V. Veronese, trad.). (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Andronikof, A., Chudzik, L. & Gillaizeau, I. (2008). Caractéristiques des Rorschach d'adolescents. In *International Congress of Rorschach and Projective Methods, 19* (p. 176). Leuven, Belgium: IRS.
- Azoulay, C., Emmanuelli, M., Rausch de Traubenberg, N., Corroyer, D., Rozencwajg, P. & Savina, Y. (2007). Les données normatives françaises du Rorschach à l'adolescence et chez le jeune adulte. *Psychologie Clinique et Projective, 13*, p. 371-409.
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). Resolução CFP 02/2003. Brasília: CFP.

- Cunha, J. A. (2000). Estratégias de avaliação: perspectivas em psicologia clínica. In J. A. Cunha. *Psicodiagnóstico-V*. (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In Villemor-Amaral, A. E., Werlang, B. G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 15-33.
- Fernandes, S. (2010) *Normas do Rorschach em crianças de seis a oito anos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (SP).
- Fernandes, S. & Pasian, S. R. (2008). Crianças diante do Psicodiagnóstico de Rorschach: especificidades de desempenho no interior de São Paulo. In *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 5. Ribeirão Preto, SP.
- Ginsberg, A. M. (1950) Um estudo de 100 jovens baianos com o teste de Rorschach. *Neurobiologia*, 13 (1), p. 1-50.
- Hamel, M. & Shaffer, T. W. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for 100 nonpatient children from the United States in two age groups. *Journal of Personality Assessment*, 89 (1), p. 174-182.
- Japur, M. (1982). *O Psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo da afetividade em pré-adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Jardim-Maran, M. L. C. (2011) *O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: Normas e evidências de validade*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (SP).
- Lelé, A. J. (2006). RESULTADOS de 100 Psicodiagnósticos de Rorschach em mineiros. In *Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 4, (pp. 87-99). Brasília: Vetor.
- Lelé, A. J. (2008). Estudo preliminar de dados normativos brasileiros no Rorschach no estado de Minas Gerais. In: *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 5, Ribeirão Preto: ASBRo, CD-ROM.

- Lis, A., Salcuni, S. & Parolin, L. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 116 preadolescent and 117 adolescent nonpatients from Italy. *Journal of Personality Assessment*, 89 (1), p. 91-96.
- Matsumoto, M., Morita, M., Suzuki, N., Tsuboi, H., Hatagaki, C. & Shirai, H. (2008). Application of Rorschach for Japanese children: what the Rorschach means for Japanese children. In *International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 19 (p. 315). Leuven, Belgium: IRS.
- Matsumoto, M., Suzuki, N., Shirai, H. & Nakabayashi, M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 190 Japanese nonpatient children at five ages. *Journal of Personality Assessment*, 89 (1), p. 103-112.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7 (2), p. 127-141.
- Nascimento, R. S. G. F. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 409 adult nonpatients from Brasil. *Journal of Personality Assessment*, 89 (1), p. 35-41.
- Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nascimento, R. S. G. F., Batistuzzo, M. C., Sato, T. M., Brunoni, G., Bueno, R. R. & Marques, T. (2009). Autopercepção em adolescentes por meio do Rorschach (SC): resultados de estudo normativo em São Paulo. In: *Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, 4; Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos, 14 e Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, Campinas, CD-ROM.
- Nascimento, R. S. G. F., Brunoni, G. R., Sasaki, T. N. D., Bueno R. R. & Parsons, T. G. (2008). RESULTADOS preliminares de um estudo normativo com o sistema compreensivo do Rorschach em uma amostrar de adolescentes não-pacientes brasileiros. In *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 5. Ribeirão Preto, SP.
- Noronha, A. P. P & Vendramini, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), p. 177-182.

- Noronha, A. P. P., Primi, R. & Alchieri, J. C. (2005). Instrumentos de avaliação mais conhecidos/utilizados por psicólogos e estudantes de Psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), p. 390-401.
- Oliveira, K. L., Noronha, A. P. P., Dantas, M. A. & Santarem, E. M. (2005). O psicólogo comportamental e a utilização de técnicas e instrumentos psicológicos. *Psicologia em Estudo - Maringá*, 10 (1), p. 127-135.
- Pasian, S. R. (2000). *O psicodiagnóstico de Rorschach em adultos: Atlas, normas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Raspantini, R. L. (2010) *Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos: Um estudo normativo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (SP).
- Raspantini, R. L. & Pasian, S. R. (2008). Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de nove a 11 anos: dados preliminares. In *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 5. Ribeirão Preto, SP.
- Raspantini, R. L., Bordão-Alves, D. P. & Pasian, S. R. (2009). Psicodiagnóstico de Rorschach: a influência da procedência escolar em crianças. In: *Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, 4; Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos, 14 e Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 5*, Campinas, CD-ROM.
- Resende, A. C., Rezende, T. C. & Martins, L. D. (2006). Estudo normativo do Rorschach para crianças goianienses: dados preliminares. In *Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 4 (pp. 124-135). Brasília: Vetor.
- Souza, A. M. D. R. & Duarte Junior, A. P. (2008). As respostas banais de sujeitos paraenses ao teste de Rorschach: Comparação com normas de populações da região sudeste e análise da estabilidade temporal dos resultados. In: *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 5, Ribeirão Preto: ASBRo, CD-ROM.
- Van Patten, K., Shaffer, T. W., Erdberg, P. & Canfield, M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 37 nonpatient/nondelinquent adolescents from the United States. *Journal of Personality Assessment*, 89 (1), p. 188-192.

Weiner, I. B. (2000). *Princípios da Interpretação do Rorschach*. Tradução M. Cecília Vilhena M. Silva. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Werlang, B. S. G., Villemor-Amaral, A. E. & Nascimento, R. S. G. F. (2010). Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso. In *Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP.

O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER EM ADOLESCENTES: DADOS PRELIMINARES

Joana Brasileiro Barroso

Sonia Regina Pasian

FFCLRP-USP

INTRODUÇÃO

O status científico e a questão da validade e da fidedignidade das técnicas projetivas de avaliação psicológica foram objetos de vários trabalhos, como apontado por Fensterseifer e Werlang (2008). As pesquisadoras referem a grande relevância desses instrumentos para a avaliação da personalidade, podendo expressar aspectos do seu mundo interno, percepção do mundo externo, bem como sugerir quadros psicopatológicos, por meio da projeção.

A utilização dos diferentes métodos projetivos no Brasil também foi alvo do trabalho realizado por Noronha, Primi e Alchieri (2005). Demonstraram que, em diversos contextos, técnicas como Rorschach, Pfister, Zulliger, Teste de Apercepção Temática (TAT), Teste das Fábulas e Desenho de Figura Humana (DFH), figuram na lista dos mais populares entre os profissionais brasileiros. Depreende-se, portanto, recorrência a estas estratégias técnicas no trabalho profissional do psicólogo brasileiro, exigindo investimento científico na área.

Visando refletir sobre a realidade do uso dos testes psicológicos no Brasil e, em especial, das técnicas projetivas de avaliação psicológica, Bandeira (2006) procurou retratar a situação existente e o impacto produzido pelas resoluções e medidas tomadas pelo CFP (2003) nesta área. Esta pesquisadora relata que após a averiguação dos testes psicológicos efetuada pelo CFP a partir de 2003, os testes projetivos sofreram críticas, envolvendo, principalmente, as qualidades psicométricas pouco investigadas destas técnicas. Alves (2004) recorda que apenas duas técnicas projetivas configuravam na primeira lista de instrumentos de avaliação psicológica aprovados pelo CFP, especificamente o BBT (Teste de Fotos de Profissões) e o Teste de Fábulas, dentre 25 que haviam sido submetidos. Na tabela publicada em 2005, segundo esta

última autora, passaram a figurar também, o TAT, o Pfister, o HTP, Zulliger e Rorschach, tendo um total de 48% de aprovação das técnicas projetivas e 49,5 % no caso dos testes psicométricos.

Nota-se, portanto, a necessidade de contínua investigação científica sobre os instrumentos de avaliação psicológica utilizados no Brasil, tanto pelas diretrizes nacionais do CFP (2003), quanto internacionais da ITC (2010), no sentido de garantir a sua validade e o seu poder informativo de compreensão dos indivíduos. Na prática profissional, é grande o uso de testes e técnicas psicológicas de avaliação, como demonstrado em Noronha, Primi e Alchieri (2005), exigindo, na mesma proporção, estudos a respeito de suas características técnicas para garantir atendimentos de qualidade aos indivíduos que buscam ajuda psicológica.

Dentro dessa gama de testes projetivos em uso no Brasil, encontra-se o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Trata-se de uma técnica projetiva de avaliação psicológica que, como exposto por Villemor-Amaral (2005), avalia aspectos afetivos e cognitivos, sendo utilizado com boa aceitação na área clínica, organizacional, educacional e saúde. Esta pesquisadora caracteriza o Teste de Pfister como uma técnica projetiva utilizada para avaliar a personalidade do indivíduo e suas manifestações psicodinâmicas, de fácil aplicação e é uma prova não verbal. Possibilita a avaliação de crianças a partir de sete anos até idosos, de diversos níveis educacionais, além de ser rápido e lúdico, tornando-se, geralmente, uma atividade agradável. Com essas vantagens, mostra-se adequado às condições de pessoas com transtornos mentais e com limitações peculiares à patologia ou ao tratamento.

No Brasil, o Pfister foi introduzido por Fernando de Villemor Amaral, como relatado em Villemor-Amaral (2005), na disciplina Técnicas Projetivas na Faculdade de Filosofia da PUC-SP, em 1956, tendo seu primeiro manual publicado em 1966 e a segunda edição em 1979. Após quase três décadas, foi publicado o manual técnico do Pfister elaborado por Villemor-Amaral (2005), trazendo estudos brasileiros recentes sobre evidências de precisão e validade desta técnica projetiva, bem como apresentando referenciais normativos (para a faixa etária adulta), permitindo a sua inclusão na lista de instrumentos recomendados pelo Conselho Federal de Psicologia para uso no Brasil.

Tendo em vista o constante aprimoramento desta técnica projetiva de avaliação psicológica no Brasil, outras investigações científicas de maior destaque podem ser citadas, em ordem cronológica de ocorrência. Nesta perspectiva, Oliveira, Pasian e Jacquemin (2001) examinaram a vivência afetiva de idosas asiladas e não asiladas, utilizando a técnica de Pfister e identificaram que as não asiladas fizeram 51% de estruturas, demonstrando organização e criatividade, enquanto que as asiladas fizeram 57% de tapetes, que indica desempenho bem inferior ao das não asiladas. Evidenciaram, portanto, indicadores específicos do funcionamento afetivo e cognitivo para estas idosas vivendo em condições de moradia diferenciadas.

Em seguida, Villemor-Amaral, Silva e Primi (2002) apresentaram evidências de validade do Pfister no diagnóstico de Transtorno Obsessivo Compulsivo. Estes resultados permitiram afirmar que o instrumento é confiável, visto que os principais sintomas descritos na literatura foram expressos significativamente, pelo aumento da cor marrom e das formações simétricas.

Já com objetivo de atualizar as expectativas de desempenho na técnica de Pfister, o estudo desenvolvido por Villemor-Amaral, Primi, Farah, Cardoso e Franco (2003) utilizou uma amostra de 109 indivíduos voluntários, não-pacientes, do interior de São Paulo e Minas Gerais. Compararam os resultados obtidos neste estudo com os resultados alcançados por Villemor Amaral em 1978, demonstrando, empiricamente que as médias esperadas para a frequência das cores quase não diferem dos dados atuais. Neste estudo os autores apresentaram ainda dados de frequência relativos aos aspectos formais das pirâmides, que não se encontravam no estudo de 1978, complementando referenciais normativos adequados para adultos do contexto brasileiro contemporâneo.

Em outro estudo de validade, dessa vez investigando o desempenho de pacientes com depressão no teste de Pfister, Villemor-Amaral, Primi, Farah, Silva, Cardoso e Franco (2004) chegaram ao resultado que demonstra significativo aumento do verde, acompanhado de constância absoluta de violeta, maior incidência de pirâmides cortadas e de formações tendendo a estrutura. A combinação desses indicadores corrobora a descrição de depressão na literatura científica, tendo uma sensibilidade diagnóstica aproximada de 84%. Entretanto, fica clara a necessidade do uso concomitante de outros instrumentos de avaliação psicológica para segurança do diagnóstico, visto que a especificidade foi próxima a 34%.

Buscando a validação do teste de Pfister para diagnóstico da esquizofrenia, Villemor-Amaral, Primi, Franco, Farah, Cardoso e Silva (2005) descobriram que a sensibilidade do Pfister para diagnóstico da esquizofrenia é relativa. Detectaram casos de falsos positivos e de falsos negativos, contudo, argumentaram sobre a contribuição do Pfister para se compreender variáveis relacionadas ao funcionamento lógico e afetivo dos casos clínicos, sobretudo quando associado a outros recursos de avaliação psicológica.

Dando continuidade aos estudos de validade, Cardoso (2006) verificou em seu estudo, evidências de validade das técnicas de Pfister e Desenho da Figura Humana (DFH) para crianças, de 6 a 12 anos, surdas, comparando seu desempenho com o de crianças ouvintes. Os resultados encontrados para surdos no Pfister foi aumento da cor violeta, predominância no aspecto formal de tapete e rebaixamento das pirâmides estrutura em relação aos ouvintes, apontando para uma organização cognitiva menos sofisticada. Vários indicadores do Pfister e do DFH apresentaram correlação entre si. No estudo, foram considerados os indicadores emocionais de Pfister (frequência do uso das cores e síndromes cromáticas) em relação aos indicadores emocionais de DFH. Entre vários indicadores, que tiveram correlação significativa, estão o sombreado no corpo, no DFH e a alta frequência do preto e do laranja, no Pfister. A cabeça pequena teve relação com a síndrome de dinamismo (alta frequência das cores verde, amarelo e marrom).

Na tentativa de identificar divergências entre regiões, o estudo de Villemor-Amaral, Pianowski e Gonçalves (2008) buscou verificar diferenças significativas entre o desempenho de uma amostra normativa da região Sudeste e de uma amostra da região Nordeste do Brasil. Avaliaram 83 indivíduos não-pacientes, numa faixa etária entre 18 e 50 anos, de ambos os sexos, de estados nordestinos. A comparação foi feita com base na tabela normativa do manual do Pfister com 111 sujeitos não-pacientes da região sudeste do Brasil e de caracterização semelhante. Foram analisadas as estatísticas descritivas, para frequência de cores e aspectos formais e análises comparativas entre os grupos. De acordo com os resultados, configurou-se diferença significativa apenas em duas variáveis bem específicas, não justificando elaboração de referenciais normativos de adultos que sejam específicos para as regiões brasileiras na técnica do Pfister, pelo menos diante das evidências existentes até o presente momento.

Voltando à busca por validação, Adib (2008) examinou o desempenho de adolescentes entre 14 e 19 anos, com sintomas de depressão, no teste de Pfister, a fim de verificar evidências de validade. Os resultados indicaram maior frequência de cor cinza e marrom e frequência aumentada no conjunto das cores escuras para o grupo com sintomas depressivos. Estes indicadores favoreceram a identificação de adolescentes com sintomas de depressão, com sensibilidade de 51%, no entanto, com apenas 7% de especificidade, apontando para a necessidade de mais pesquisas com a população de adolescentes.

Franco (2009) realizou três estudos de validade com diferentes técnicas projetivas de avaliação psicológica. No primeiro, buscou examinar a validade das Constelações do Sistema Compreensivo para o teste de Zulliger e descobriu que eram válidas para os quadros de esquizofrenia, depressão e transtorno do pânico. Entretanto, no transtorno obsessivo compulsivo, as constelações do Zulliger não apresentaram diferença significativa quando comparadas ao grupo de não-pacientes. No segundo estudo deste trabalho, a pesquisadora correlacionou indicadores afetivos e cognitivos dos Testes de Zulliger e Pfister, procurando evidências de validade convergente entre esses instrumentos projetivos. Os resultados encontrados não foram significativos, do ponto de vista estatístico, ao correlacionar 36 hipóteses que expressam aspectos do funcionamento cognitivo e afetivo do Zulliger e do Pfister. Considerando, o ponto de vista qualitativo, no entanto, as técnicas demonstraram validade complementar. Por último, a pesquisadora checkou a validade do raciocínio clínico, comparando a convergência ou divergência de sinais detectados nos protocolos de Zulliger e de Pfister de mesmos indivíduos a partir de dois referenciais teóricos, psicanálise e psicopatologia fenômeno-estrutural. Com esta estratégia foram encontradas convergências expressivas, principalmente em pacientes somatomorfes e esquizofrênicos, atestando a validade clínica destes instrumentos projetivos de avaliação psicológica.

Villemor-Amaral e Franco (2008) fizeram um levantamento das últimas contribuições científicas para o Pfister e constataram que a maior parte dos estudos empíricos estão voltados para verificação da validade deste instrumento projetivo de avaliação psicológica. Relataram ainda o desenvolvimento do estudo de Farah (2010), que na época, encontrava-se em andamento, voltado à elaboração e à atualização de tabelas normativas para crianças de 6 a 10

anos, de escolas públicas e particulares de São Paulo. Fizeram parte deste estudo 200 crianças, de ambos os sexos e como resultados, foram encontradas diferenças significativas entre as idades estudadas e em função do sexo. A frequência do vermelho diminui e do preto aumenta dos seis aos dez anos e analisando os dados em função do sexo, as meninas apresentaram mais vermelho e violeta e, nos meninos, o verde, preto e cinza são predominantes. De acordo com a pesquisadora, o Pfister mostrou-se instrumento sensível e com bom índice de precisão, no que se refere às classificações dos aspectos formais das pirâmides realizadas por avaliadores independentes.

Nesta tentativa de circunscrever as investigações que utilizaram a técnica de Pfister, pode-se verificar a carência de estudos normativos na adolescência. O único estudo na adolescência foi o de Adib (2008), com adolescentes, na faixa etária de 14 a 19 anos, que apresentavam sintomas de depressão. Já o estudo de Cardoso (2006), englobou crianças, surdas, de 6 a 12 anos, no entanto, também buscou evidências de validade, correlacionando indicadores das técnicas de Pfister e DFH. Percebe-se então uma ampla possibilidade de estudos com a técnica de Pfister, principalmente no que diz respeito à adolescência, pouco investigada até o momento por meio deste instrumento.

Faz-se necessária, então, a elaboração de parâmetros de desempenho para grupos de referência no Teste de Pfister, sobretudo no período da adolescência, dadas às características peculiares desta etapa do desenvolvimento, merecedoras de investigação específica. Particularmente, nesta técnica projetiva em foco, que permite acesso a características de personalidade, permitindo uma compreensão dinâmica do funcionamento psíquico do indivíduo, estudos normativos possibilitam a verificação empírica da adequação dos padrões de comparação utilizados nas avaliações clínicas, aspecto essencial para embasar sua utilidade na prática profissional.

Ao delinear este panorama de estudos até a presente data, fica clara a ausência de trabalhos normativos para a faixa etária de 12 a 14 anos com o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Diante desta realidade, o foco da presente investigação científica será a avaliação do desempenho típico de adolescentes no Teste de Pfister, comparando-os com as normas publicadas em 1978 também relativas a adolescentes (Villemor-Amaral, F., 1978)

MÉTODO

Participantes

Pretende-se, no estudo geral das normas do Pfister com adolescentes, alcançar amostra com 180 participantes de 12 a 14 anos de idade, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e particulares do interior do Estado de São Paulo, todos voluntários com relato de sinais de desenvolvimento típico. Buscar-se-á ainda, no estudo completo, verificar as possíveis influências do sexo, da idade e da origem escolar nos resultados. No presente trabalho, no entanto, serão apresentados os resultados preliminares da amostra dos estudantes de escolas particulares, totalizando 90 participantes equitativamente em função das variáveis, idade, sexo e origem escolar, abrangendo uma diversidade de estilos individuais, de maneira que pode oferecer um esboço do desempenho típico de estudantes de 12 a 14 anos no Teste de Pfister.

Os participantes incluídos na análise não apresentam histórico de tratamento psiquiátrico ou psicológico, nem fazem uso de medicamento psicotrópico, no último ano de vida e não apresentam atraso escolar, ou seja, cursam série correspondente a sua idade cronológica. Esses dados foram obtidos a partir do questionário preenchido pelos pais ou responsáveis, sobre a história de vida dos estudantes. O nível de inteligência foi medido pelo Teste de Inteligência Não Verbal – INV – forma C (Weil & Nick, 1971). Foram incluídos apenas os alunos com resultados classificados no percentil igual ou superior a 25, isto é, compatível com a classificação de inteligência minimamente médio-inferior. No momento, apenas serão apresentados os dados dos estudantes de escolas particulares (n=90).

Materiais

Para a presente investigação científica foram utilizados os seguintes materiais:

a) Carta de apresentação da pesquisa: dirigidas aos diretores das escolas anteriormente selecionadas (por conveniência técnica e viabilidade operacional do estudo), para que pudessem colaborar no desenvolvimento do projeto, permitindo a inserção da pesquisadora na

instituição educacional sob sua responsabilidade. A carta apresentava os objetivos do trabalho e como a coleta de dados seria desenvolvida, contendo ainda espaço adequado para o dirigente do estabelecimento certificar sua concordância com o presente projeto, consentindo sua realização.

b) Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE): contém os objetivos da pesquisa, a fim de que os pais ou responsáveis dos possíveis participantes os conheçam, assim como os deveres e os direitos dos participantes, o nome e o telefone de contato do centro de pesquisa responsável. O documento foi assinado em duas vias por aqueles que autorizaram a participação do(a) filho(a) no estudo, sendo que uma cópia permaneceu com eles e outra com as pesquisadoras.

c) Questionário sobre histórico de vida: pretendeu caracterizar alguns fatores relevantes relativos à história de vida do participante, examinando variáveis relacionadas ao desenvolvimento pessoal e acadêmico. Este material foi entregue aos pais/responsáveis e funcionará como critério de seleção para constituição da amostra deste estudo.

d) Teste de inteligência não verbal (INV – forma C; WEIL & NICK, 1971): destina-se à avaliação do desenvolvimento intelectual. Em sua Forma C, o teste conta com 60 itens e mais quatro exemplos iniciais. Compõe-se de um caderno de aplicação, a folha de rosto com os exemplos e o crivo. Em cada uma das cinco páginas do caderno de aplicação existem doze itens, devendo ser apurado o total de acertos. Sua aplicação, na Forma C, abrange todas as idades a partir do sexto ano de vida, sendo de aplicação e avaliação rápida.

O Teste INV foi objeto do estudo de Lopes (2009), onde buscou atualizar os parâmetros psicométricos deste teste, investigando uma amostra de crianças da região de Belo Horizonte (MG). Conseguiu demonstrar adequados índices de validade e de precisão do instrumento no contexto brasileiro atual, reforçando as possibilidades de uso da técnica para avaliação intelectual em termos globais.

e) Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister: método projetivo de avaliação psicológica, elaborado por Max Pfister na década de 1940, avalia aspectos cognitivos e afetivos dos indivíduos. Embora possua diferentes versões técnicas, o material é basicamente composto de vários quadrículos coloridos, sendo que, na versão autorizada para uso no Brasil (Villemor-

Amaral, A.E., 2005), possui dez cores subdivididas em vinte e quatro tonalidades, três cartelas contendo o esquema de uma pirâmide quadriculada, folha de protocolo individual e um mostruário de cores. Possui indicação técnica para ser aplicado a partir de sete anos até a velhice, desde que preservadas as condições de visão e mínima coordenação psicomotora do respondente. Os aspectos afetivos são prioritariamente avaliados por meio de indicadores técnicos como frequência de cores, síndromes e fórmula cromáticas, enquanto os aspectos cognitivos podem ser verificados por meio de aspectos formais e estruturais das pirâmides, embora os resultados sejam compostos numa avaliação integrada do conjunto de sinais técnicos do Pfister.

Os estudos empíricos brasileiros realizados com o Teste de Pfister estão apresentados, em termos sintéticos, no manual desta técnica projetiva (Villemor-Amaral, A.E., 2005), onde constam os adequados parâmetros psicométricos que o instrumento evidenciou no contexto nacional, bem como as normas avaliativas para adultos. No presente trabalho, as orientações técnicas deste referido manual foram seguidas para aplicação, avaliação e interpretação dos resultados do Pfister.

Procedimentos

Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Os pais ou responsáveis de cada sujeito assinaram o TCLE, consentindo, juntamente com o adolescente, com sua realização.

A primeira autora foi responsável pelo processo de coleta de dados, podendo, eventualmente, contar com psicólogos colaboradores, especialmente treinados. As aplicações foram realizadas em sala iluminada, com o mínimo de elementos distratores, arejada e com mobília necessária para aplicação do teste, disponibilizada pela instituição escolar.

Após breve contato inicial com a pesquisadora, os objetivos do estudo foram retomados com o estudante, favorecendo ambiente adequado para a aplicação dos instrumentos de avaliação psicológica. A seguir, foi realizada a aplicação do teste de inteligência INV - forma C, de acordo com o respectivo manual, de Weil e Nick (1971). Por fim, foi aplicado o Pfister, no

qual o examinando teve que preencher a pirâmide com os quadradinhos, formando uma pirâmide que de acordo com sua concepção fosse bonita, e logo em seguida fazendo mais duas pirâmides, uma de cada vez. Ao fim, responderam a um pequeno inquérito, sobre qual pirâmide acharam mais bonita, qual menos gostaram, qual a cor que mais gostaram e menos no teste e disseram qual cor geralmente acham mais e menos bonita (Villemor-Amaral, A.E., 2005).

O processo de análise dos resultados seguiu os objetivos delineados para este trabalho. Inicialmente cada protocolo individual referente ao Teste INV – forma C e ao Teste de Pfister foi devidamente codificado e classificado, seguindo-se as orientações técnicas constantes em seus manuais (respectivamente Weil e Nick, 1971 e Villemor-Amaral, 2005). A seguir, estes dados foram sistematicamente registrados em uma planilha do *Microsoft Excel* 2010, de modo a subsidiar suas análises específicas.

Dado o foco da presente investigação, os dados preliminares alcançados no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister foram submetidos a análises estatísticas descritivas (média, desvio-padrão, mediana, valor mínimo e máximo). Eles se referem às escolhas e síndromes cromáticas encontradas no conjunto dos adolescentes de escolas particulares (n=90). Para se estudar possíveis diferenças da amostra normativa de 1978 em relação aos dados atuais, sobre o desempenho no instrumento projetivo em estudo, foram realizadas análises estatísticas inferenciais, no caso utilizando o Teste *t* de *Student*, com nível de significância $p \leq 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo os procedimentos relatados no método desta pesquisa e visando atingir o objetivo de descrever os padrões normativos para adolescentes na técnica de Pfister, chegou-se aos resultados que serão apresentados a seguir. Serão mostrados os resultados da amostra de 90 adolescentes de escolas particulares, com tabelas da estatística descritiva, composta de porcentagens médias, desvio-padrão, valor mínimo e máximo, percentil 25, mediana e percentil 75. Dando continuidade, serão comparadas as normas encontradas neste estudo, com as

normas de adolescentes de 1978, por meio de análise estatística inferencial. As variáveis técnicas do Teste de Pfister analisadas até o presente momento foram a frequência de cores e as síndromes cromáticas.

Tabela 1: Resultados descritivos (em porcentagem média, desvio-padrão, valor mínimo e máximo, percentil 25, mediana e percentil 75) das cores e síndromes cromáticas utilizadas no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister por adolescentes de escola particular (n=90).

Cor / Síndrome	Média	DP	Mínimo	Máximo	Percentil 25	Mediana	Percentil 75
Azul	20,8	10,3	0,0	53,3	16,5	20,0	24,4
Vermelho	14,6	7,5	0,0	31,2	8,9	16,5	20,0
Verde	14,3	9,1	0,0	46,7	8,9	13,3	18,3
Violeta	13,7	11	0,0	48,9	4,4	13,3	20,0
Laranja	7,2	6,8	0,0	35,6	0,0	6,7	11,1
Amarelo	8,3	6,6	0,0	31,2	3,8	8,9	11,1
Marrom	2,7	4,4	0,0	22,2	0,0	0,0	4,4
Preto	6,3	7,7	0,0	42,2	0,0	4,4	6,8
Branco	9,8	8,9	0,0	48,9	2,2	8,9	13,3
Cinza	1,9	3,5	0,0	24,4	0,0	0,0	2,7
S. Normal	49,8	12,2	13,3	73,4	44,1	51,0	57,7
S. Estímulo	30,2	12,9	0,0	68,9	21,8	31,1	37,8
S. Fria	48,9	15,6	0,0	91,2	40,9	47,6	55,8
S. Incolor	18,1	12,4	0,0	66,7	8,9	17,7	25,7
S. Dinamismo	25,4	11,6	0,0	57,8	17,7	26,0	31,1

A frequência da utilização das cores pode ser indicativa de vivências afetivas específicas, como postulado por este método projetivo. Nota-se que o azul foi a cor mais escolhida pelos

adolescentes de escolas particulares, tendo ocorrido com frequência mais alta (média de 20,8%). Entre as médias mais altas também estão as cores vermelho (14,6%), verde (14,3%), violeta (13,7%) e branco (9,8%). Com menor frequência estão as cores amarelo (8,3%), laranja (7,2%), preto (6,3%), marrom (2,7%) e cinza (1,9%).

Em complemento a estes dados das cores, tem-se a estatística descritiva das síndromes cromáticas, mais uma vez expressa em porcentagens. Detalha-se que cada síndrome é formada por um conjunto de cores, que juntas somam aos significados das cores individualmente. Foram explicitadas as cinco síndromes principais: normal (azul + vermelho + verde), estímulo (vermelho + amarelo + laranja), fria (azul + verde + violeta), incolor (preto + branco + cinza) e de dinamismo (verde + amarelo + marrom). Pode-se perceber que os valores médios das porcentagens das síndromes normal (49,8%) e fria (48,9%) são os mais elevados. As síndromes estímulo (30,2%), dinamismo (25,4%) e incolor (18,1) vem logo em seguida, com menores médias. Os valores mínimos das síndromes estímulo, fria, incolor e dinamismo foram zero, o que significa que alguns adolescentes não utilizaram determinados trios de cores, como da síndrome estímulo (vermelho + amarelo + laranja), fria (azul + verde + violeta), incolor (preto + branco + cinza) e de dinamismo (verde + amarelo + marrom).

Os dados encontrados neste estudo também foram analisados por meio de estatística inferencial, comparando-se os valores médios desta atual distribuição encontrada entre adolescentes da rede particular de ensino (2011) com os valores normativos médios dos adolescentes de 1978. O teste estatístico escolhido para esta análise foi o Teste *t* de *Student*, $p \leq 0,05$, devido ao seu poder de comparar média encontrada com uma média previamente conhecida. A Tabela 2 contém os dados resultantes desta comparação estatística em relação às frequências de cores e das síndromes cromáticas, sendo que em negrito estão as diferenças que alcançaram significância estatística.

Tabela 2: Comparação estatística das frequências e das síndromes cromáticas do Teste de Pfister da amostra atual ($n = 90$), em relação à amostra de adolescentes de 1978 ($n = 89$).

Cor	Grupo (ano)	Média	<i>t</i>	<i>p</i>
Azul	1978	17,7	2,84	,006

	2011	20,8		
Vermelho	1978	14,4		
	2011	14,6	0,36	,718
Verde	1978	18,3		
	2011	14,3	-4,09	,000
Violeta	1978	10,0		
	2011	13,7	3,23	,002
Laranja	1978	8,6		
	2011	7,2	-1,84	,069
Amarelo	1978	11,4		
	2011	8,3	-4,43	,000
Marrom	1978	8,0		
	2011	2,7	-11,32	,000
Preto	1978	5,6		
	2011	6,3	0,90	,373
Branco	1978	3,7		
	2011	9,8	6,52	,000
Cinza	1978	3,7		
	2011	1,9	-4,71	,000
S. Normal	1978	50,4		
	2011	49,9	-0,42	,679
S. Estímulo	1978	34,4		
	2011	30,3	-3,04	,003
S. Fria	1978	46,0		
	2011	48,9	1,78	,079
S. Incolor	1978	13,0		
	2011	18,1	3,92	,000

De acordo com os dados analisados por meio do Teste *t* de *Student*, $p \leq 0,05$, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas nas cores azul, verde, violeta, amarelo, marrom, branco e cinza. A presença significativa da cor azul pode representar controle e adaptação. O verde, considerada a cor que mais se relaciona com o contato e com a esfera afetiva, está diminuído, o que pode indicar certa redução na sensibilidade emocional nos adolescentes da amostra atual, o que, no entanto, precisaria ser mais aprofundado em outros estudos específicos desta questão. O amarelo, o marrom e o cinza também apresentaram diminuição em relação à amostra de 1978, o que pode representar respectivamente redução nos processos de expressão emocional e menor disposição pessoal. O fato do cinza aparecer

menor entre os adolescentes do atual estudo pode ser compreendida como um aspecto positivo, na medida em que esta cor pode, quando presente, sinalizar sentimento de vazio, insegurança e repressão dos afetos. O branco e o violeta apresentaram-se aumentados nos adolescentes atuais, podendo caracterizar sua impulsividade e reatividade afetiva menos elaborada, bem como a presença de sinais de ansiedade.

Os conjuntos de cores (síndromes cromáticas) acrescentam informações àquelas fornecidas pelas cores individualmente. Os resultados também foram comparados aos de 1978, com o auxílio do Teste *t* de *Student*, $p \leq 0,05$. As síndromes estímulo e incolor apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de adolescentes aqui comparados. A amostra atual apresentou diminuição na porcentagem média da síndrome estímulo, podendo indicar reduzida extroversão e contato social, associado ao aumento da síndrome incolor, que tende a confirmar a tendência de fuga e de negação de situações afetivas dos adolescentes presentemente avaliados.

Pode-se inferir da análise destes resultados preliminares, referentes ao Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, que muitas diferenças significativas foram encontradas se comparadas às normas da década de 1970 com as normas descobertas neste estudo com adolescentes de escolas particulares do interior do Estado de São Paulo. A maioria das porcentagens de uso atual das cores mostrou-se estatisticamente diferente daquelas elaboradas em 1978. Estas diferenças não podem ser atribuídas ao acaso, exigindo esforço de explanação de variáveis socioculturais relacionadas a esta modificação nas vivências afetivas e na organização da personalidade de adolescentes do Brasil. Exemplo claro dessas modificações relevantes é a diferença no uso da cor azul pelos dois grupos de adolescentes, sendo que no momento atual pareceu existir maior concentração de esforços nas vias racionais, com a diminuição de indicadores de vivências afetivas e sociais, talvez estimuladas pelo momento cultural favorecedor do individualismo e da globalização, onde o indivíduo acaba imerso em um universo complexo e difícil de ser elaborado, podendo estimular reações defensivas de natureza inibitória, como pareceu ser o caso neste exemplo da cor azul aumentada do Pfister. Tratam-se, contudo, de especulações frente a estes dados preliminares, ainda por serem

aprimorados e interpretados com maior detalhamento e debate frente à literatura científica da área de avaliação psicológica e do desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

- Adib, S. A. (2008). *Evidências de validade do Teste de Pfister para indicadores de sintoma de depressão em adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Francisco, Itatiba.
- Alves, I. C. B. (2004). Técnicas projetivas: Questões atuais na psicologia. In C. E. Vaz, & R. L., Graeff. (Orgs.) *III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e ou métodos projetivos: Técnicas Projetivas: produtividade em pesquisa* (pp. 361-366). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bandeira, D. R., Trentini, C. M., Winck, G. E. & Lieberknecht, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In Noronha, A. P. P., Santos, A. A. A., Sisto, F. F. (Orgs.). *Facetas do fazer em avaliação psicológica*. (pp. 125-139). São Paulo: Vetor.
- Cardoso, L.M. (2006). *Teste de Pfister e Desenho da Figura Humana em Surdos: Evidências de Validade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Francisco, Itatiba.
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução CFP 02/2003*. Brasília: CFP. Recuperado em 15 de Maio de 2010, de [http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacao Documentos/resolucao2003_02.pdf](http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacao%20Documentos/resolucao2003_02.pdf)
- Farah, F. H. Z. (2010). *Evidências de validade e precisão no Teste de Pfister para crianças de 6 a 10 anos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In Villemor-Amaral, A.E. & Werlang, B.G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1a ed.). (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Franco, R. R. C. (2009). *Ensaio de Convergência entre provas de personalidade: Zulliger-SC e Pfister*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Francisco, Itatiba, SP.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2008). Recuperado em 09 de maio de 2010, de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.
- International Test Commission (ITC) (2000). *International Guidelines for Test Use*. Recuperado em 9 de maio de 2010, de www.intestcom.org/itc_projects.htm
- Lopes, W. M. G. *Teste de Inteligência Não-Verbal (INV) de Pierre Weil: Parâmetros Psicométricos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Noronha, A. P. P., Primi, R. & Alchieri, J. C. (2005). Instrumentos de avaliação mais conhecidos/utilizados por psicólogos e estudantes de Psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), p. 390-401.
- Oliveira, E. A. de, Pasian, S. R., & Jaquemin, A. (2001). A vivência afetiva em idosos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21 (1), p. 68-83.
- Villemor-Amaral, A. E. (2005). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Villemor-Amaral, A. E. & Franco, R.R.C. (2008). Novas contribuições para o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. In Villemor-Amaral, A.E. & Werlang, B.G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1a ed.). (pp. 415-423). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Villemor-Amaral, A. E., Pianowski, G. & Gonçalves, C. M. T. S. (2008). Estudo normativo com o Pfister: uma amostra da região nordeste brasileira. *Avaliação Psicológica*, 7 (2), p. 181-188
- Villemor-Amaral, A.E., Primi, R., Cardoso, L.M. & Franco, R.R.C. (2003). Revisão das expectativas no Pfister para uma amostra normativa. *Avaliação Psicológica*, 2 (2), p. 185-188.
- Villemor-Amaral, A. E., Primi, R., Farah, F. H. Z., Silva, T. C., Cardoso, L. M. & Franco, R. R. C. (2004). A depressão no teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Paidéia*, 14 (28), p. 169-176.

- Villemor-Amaral, A. E., Primi, R, Franco, R. R. C., Farah, F. H. Z., Cardoso, L. M. & Silva, T. C. (2005). O teste de Pfister e sua contribuição para diagnóstico da esquizofrenia. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 17 (2), p. 89-98.
- Weil, P., Nick, E. (1971). *O potencial da inteligência do brasileiro*. Rio de Janeiro: CEPA.

PARTICULARIDADES DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO DE ADOLESCENTES E DE ADULTOS A PARTIR DO RORSCHACH

Maria Luisa Casillo Jardim-Maran

FFCLRP-USP e Centro Universitário de Franca

Sonia Regina Pasian

FFCLRP-USP

INTRODUÇÃO

Considerando-se os instrumentos projetivos utilizados no Brasil e no cenário mundial, a literatura da área de Avaliação Psicológica indica que o Psicodiagnóstico de Rorschach é um dos instrumentos mais utilizados em todos os continentes, o que é facilmente observado pela história de desenvolvimento deste método projetivo e pela quantidade e diversidade de investigações a ele relacionadas. Além de seu reconhecimento internacional em diferentes áreas de aplicação, o Rorschach apresenta evidências de validade em diversos contextos socioculturais, sendo altamente relevante sua possibilidade de contribuição científica para a compreensão da estrutura e do funcionamento psíquico dos indivíduos (Nascimento, 2010; Pasian, 1998; 2000; Weiner, 2000).

A situação proposta pelo Método de Rorschach permite a livre associação por parte do respondente, dada a ausência de referentes externos. Na situação de aplicação desse instrumento de avaliação psicológica, o indivíduo se depara com manchas de tinta ambíguas, o que favorece o relaxamento de defesas psíquicas do examinando, permitindo o surgimento de elementos inconscientes. Ao mesmo tempo, há forças defensivas presentes durante o processo de associação das respostas, que aparecem em função do nível de tolerância de ansiedade para lidar com o material reprimido (Nascimento, 2010).

O Método de Rorschach auxilia no acesso a características de personalidade conscientes e observáveis, mas também revela aspectos reprimidos e inconscientes, possibilitando, dessa

forma, compreensão acerca da estrutura e da dinâmica de personalidade dos indivíduos (Adrados, 1985; Weiner, 2000). Permite uma estimativa dinâmica dos recursos atuais e latentes do sujeito, assim como de seus pontos vulneráveis, sendo que sobre essa compreensão global poderão se apoiar um aconselhamento psicológico, uma indicação terapêutica e um prognóstico evolutivo (Chabert, 2004).

De acordo com Trinca (1998), durante muito tempo considerou-se que o método projetivo de avaliação psicológica não seria instrumental adequado aos requisitos científicos, sendo alvo de críticas. No entanto, percebeu-se posteriormente que este material recobre estruturas muito precisas, de natureza afetiva e fantasmática. O mesmo autor afirma que as técnicas projetivas não dispensam os critérios formais e as exigências metodológicas de se fazer ciência, no entanto, não permanecem aprisionadas a fórmulas e a regras proibitivas de sua expansão. Uma discussão bastante presente na área da Avaliação Psicológica no Brasil, mas também em termos internacionais, diz respeito às qualidades psicométricas dos métodos projetivos, sobretudo relacionadas a suas evidências técnico-científicas de validade, fidedignidade e referenciais normativos.

Neste empenho internacional de atribuir confiabilidade e eficiência técnica às informações advindas de instrumentos de avaliação psicológica, os mesmos precisam atender a algumas regras, tanto no processo de criação e desenvolvimento de novos testes, quanto no processo de adaptação dos instrumentos disponíveis. Essas regras denominadas parâmetros psicométricos, visam atender a critérios que garantam a credibilidade por parte da comunidade científica (Chiodi & Wechsler, 2008). Esses princípios aplicam-se também aos instrumentos projetivos de avaliação psicológica, foco do presente trabalho.

Um dos requisitos técnicos essenciais para avaliar a qualidade informativa dos achados de um teste psicológico são suas evidências de validade. No contexto da avaliação psicológica a validade é historicamente definida como uma propriedade psicométrica dos testes psicológicos e indica o grau em que o teste avalia o que se dispõe a medir e o quão bem faz isso. Os índices de validade expressam o quanto o construto em foco está sendo alcançado, permitindo interpretações dos resultados acerca do funcionamento psíquico do indivíduo (Anastasi & Urbina, 2000).

Classicamente a validade de um instrumento de avaliação psicológica estaria subdividida em três tipos: validade de conteúdo, validade de critério e validade de construto (Fachel & Camey, 2000). Nessa concepção clássica, a validade de conteúdo teria como objetivo avaliar o conteúdo dos itens de um instrumento psicológico, verificando se estes seriam ou não adequados para representar suficientemente o domínio de comportamentos a ser mensurado. Já a validade de critério estaria relacionada com a eficácia com que o teste conseguiria prever variáveis externas. Essas variáveis se relacionam ao construto avaliado pelo instrumento e a verificação da associação teste-critério demonstra a utilidade do instrumento em prever eventos objetivos, ou seja, possibilidades comportamentais. Por fim, a validade de construto representaria o índice em que um teste alcançaria a representação do construto, ou seja, até que ponto as evidências empiricamente encontradas estariam relacionadas com os significados atribuídos aos escores do teste (Primi, Muniz & Nunes, 2009).

No entanto, essas definições de validade passaram a ser questionadas por autores da área, em especial, por Messick (1980). Para este autor, tanto a validade de conteúdo, quanto a validade de critério permitem obter informações acerca do construto, pois trazem evidências relacionadas ao sentido das interpretações dos escores do teste. A partir dessas novas idéias, o conceito de validade de construto foi reformulado e reconhecido como sinônimo de validade em termos gerais. Assim, tornou-se um conceito abrangente, que inclui todas as formas de validade, não justificando mais a existência de tipos específicos de validade, visto que todas as alternativas técnicas que buscam evidenciar o construto em foco em determinado instrumento seriam, em si, indicadores técnicos de sua validade. Em consequência desta revisão, a terminologia *tipos de validade* foi alterada, passando-se a usar *fontes de evidência de validade*, todas representando, em alguma proporção, a qualidade dos alcances informativos do instrumento de avaliação psicológica (Primi, Muniz & Nunes, 2009).

As fontes de evidência de validade foram, então, agrupadas em cinco grandes classes, a saber: evidências baseadas no conteúdo, evidências baseadas no processo de resposta, evidências baseadas na estrutura interna, evidências baseadas nas relações com variáveis externas e evidências baseadas nas consequências da testagem. Resumidamente, a partir das pontuações apresentadas em Primi, Muniz e Nunes (2009) as evidências baseadas no conteúdo

levantam dados acerca da representatividade dos itens do teste, investigando se os mesmos constituem-se como amostras abrangentes do domínio que se pretende avaliar com o teste. Já as evidências baseadas no processo de resposta buscam ter acesso aos processos mentais envolvidos na realização das tarefas propostas pelo teste. As evidências baseadas na estrutura interna levantam dados sobre a estrutura de correlações entre itens avaliando o mesmo construto, assim como as correlações entre subtestes avaliando construtos semelhantes. Por sua vez, as evidências baseadas nas relações com variáveis externas buscam dados acerca dos padrões de correlação entre os escores do teste e outras variáveis medindo o mesmo construto ou construtos relacionados (convergência), bem como com variáveis medindo construtos diferentes (divergência). Ainda traz dados sobre a capacidade preditiva do teste a respeito de possíveis comportamentos que se associam ao propósito de uso do teste. Por fim, as evidências baseadas nas conseqüências da testagem examinam os impactos sociais do uso do teste, almejando verificar se sua utilização está gerando os efeitos esperados de acordo com o objetivo para o qual foi criado (Primi, Muniz & Nunes, 2009; Nunes & Primi, 2010).

Acompanhando a tendência mundial de aprimoramento das técnicas de avaliação psicológica, no Brasil observam-se esforços de vários pesquisadores nesta direção, buscando a qualidade e o adequado uso dos instrumentos psicológicos disponíveis (Noronha, Primi & Alchieri, 2005). Vários estudos existem na atualidade voltados a esta temática, enfatizando a necessidade de revisão metodológica dos instrumentos psicológicos em uso no Brasil como apontam (Oliveira, Noronha, Dantas & Santarem, 2005). Noronha e Vendramini (2003), entre tantos outros. Nesse sentido, reitera-se a importância da inter-relação entre a atuação profissional a partir de instrumentos psicológicos e a investigação científica na área de avaliação psicológica, buscando-se, assim, o aprimoramento técnico-teórico dos processos psicodiagnósticos realizados pelos profissionais em nosso contexto. Essa perspectiva de aprimoramento técnico-científico tem se dado também no campo dos métodos projetivos de avaliação psicológica, sendo, no presente trabalho, focalizado o estudo de evidências de validade do Método de Rorschach (Escola Francesa) na realidade sociocultural contemporânea do Brasil.

OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo caracterizar e comparar variáveis relacionadas ao funcionamento lógico e afetivo de adolescentes e de adultos, extraídas de estudos normativos do Método de Rorschach (Escola Francesa). Buscou-se, dessa forma, evidências de validade do instrumento, comparando-se os resultados obtidos junto a indivíduos de diferentes faixas etárias, observando-se especificidades relacionadas às diferentes etapas desenvolvimentais.

MÉTODO

Participantes

Foram utilizados os dados referentes a 180 adolescentes de 15 a 17 anos, comparativamente às evidências empíricas coletadas com 405 adultos de 20 a 59 anos de idade, todos do interior do Estado de São Paulo, da região de Ribeirão Preto. Estas amostras foram respectivamente coletadas e caracterizadas nos estudos de Jardim-Maran (2011) e Pasian (2000), tratando-se de bases de dados de estudos normativos do Rorschach realizados com indivíduos selecionados por viabilidade técnica, compondo amostras de conveniência e quantitativamente representativas das diferentes faixas etárias estudadas, agrupando indivíduos não-pacientes. Todos foram voluntários devidamente autorizados para os estudos, selecionados por relatarem indicadores de desenvolvimento típico para sua idade, encontrando-se equitativamente distribuídos em termos da variável gênero.

Em termos gerais, estes dois grupos de indivíduos estavam compostos por suficiente número de participantes. Deste modo permitiram as análises derivadas delineadas nos objetivos específicos deste presente trabalho, voltados à exploração de especificidades de produção no Rorschach em função da idade dos indivíduos.

Materiais

Os dados examinados neste trabalho derivaram dos já referidos estudos de Jardim-Maran (2011) e Pasion (2000), sendo minuciosamente ali relatados. Em síntese, foram necessárias as autorizações para a pesquisa, formalizadas pelos participantes por meio de consentimento livre e esclarecido (e dos pais/responsáveis, no caso dos adolescentes), bem como sua prévia avaliação por meio de instrumento de questionário informativo sobre histórico pessoal e de rastreamento do nível intelectual (para triagem dos voluntários, excluindo-se das amostras aqueles com histórico de transtornos psiquiátricos ou com limite intelectual, além de deficiências sensoriais aparentes). Foi utilizado, por fim, o Método de Rorschach, composto pelos dez cartões, com respectivas folhas de anotação das respostas e de suas localizações.

Também foram necessários recursos computacionais para registro e análise dos dados, em especial planilhas do *Microsoft Excel* e de programas estatísticos comercialmente disponíveis, de modo a favorecer a adequada análise descritiva e inferencial dos resultados.

Procedimentos

Após a devida seleção dos participantes, foram avaliados individualmente por meio de breve entrevista semi-dirigida (como estratégia de *rapport*), seguida pela aplicação do Método de Rorschach, recorrendo-se ao sistema técnico-científico da Escola Francesa (Rausch de Traubenberg, 1998).

Os resultados do Rorschach foram individualmente avaliados, às cegas, por três examinadores independentes (para cálculo da precisão do sistema avaliativo), chegando-se a uma classificação final para cada caso. Esta codificação final do Rorschach de cada caso foi digitada em planilha computacional (*Microsoft Excel* 2010) e, posteriormente, transposta para programas estatísticos computacionais, para as devidas análises descritivas e inferenciais dos dados.

Os resultados médios dos adolescentes (Jardim-Maran, 2011) e dos adultos (Pasion, 2000) foram retomados no presente trabalho, focalizando-se as análises em torno das 50 principais variáveis da Escola Francesa do Rorschach. Estas variáveis envolviam os modos de localização das respostas (G, D, Dd, Dbl, Do), seus determinantes (forma, cor, movimento e sombreado, em suas específicas combinações), possíveis conteúdos e as respostas banais (Ban).

Dado o enfoque do presente trabalho, foram realizadas análises comparativas dos resultados médios de Jardim-Maran (2011) com os dados médios normativos de Pasian (2000), buscando-se verificar eventuais diferenças entre adolescentes e adultos nas principais variáveis do Rorschach. Para a comparação das Fórmulas Vivenciais (Tipo de Ressonância Íntima e Tendências Latentes) foi realizado o Teste Qui-quadrado. Para as demais variáveis do Rorschach, os dados foram ajustados assumindo a distribuição binomial, compatível com apresentação em forma de proporções, ou seja, freqüências em relação a um total de acontecimentos da variável, comparando-se as freqüências simples dos resultados médios nos dois grupos (adolescentes *versus* adultos). Para todas as análises estatísticas inferenciais foi adotado o nível de significância estatística $p \leq 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma síntese descritiva dos resultados e das comparações estatísticas efetivadas com os resultados médios da produção de adolescentes e de adultos no Método de Rorschach (Escola Francesa) foi elaborada de modo a facilitar a identificação das variáveis relevantes no presente trabalho. Desse modo, a Tabela 1 apresenta os resultados das 50 principais variáveis da Escola Francesa do Rorschach aqui analisadas, com suas respectivas comparações estatísticas de resultados médios dos adolescentes em relação aos dados de adultos. Em negrito estão destacadas as variáveis onde houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos.

Tabela 1: Análise estatística comparativa entre resultados de adolescentes (n=180) e adultos (n = 405) nas 50 principais variáveis da Escola Francesa do Rorschach.

Variável	Grupo	n	Proporção	%	p-valor
G	Adolescentes	180	1119/3191	35,07	<0,001
	Adultos	405	2822/6499	43,42	
D	Adolescentes	180	1068/3191	33,47	0,097
	Adultos	405	2286/6499	35,17	
Dd	Adolescentes	180	968/3191	30,34	<0,001
	Adultos	405	1228/6499	18,90	

Variável	Grupo	n	Proporção	%	p-valor
Dbl	Adolescentes	180	36/3191	1,13	0,617
	Adultos	405	81/6499	1,25	
Do	Adolescentes	180	0/3191	0,00	0,946
	Adultos	405	82/6499	1,26	
F+	Adolescentes	180	966/3191	30,27	<0,001
	Adultos	405	1327/6499	20,42	
F+-	Adolescentes	180	5/3191	0,16	0,005
	Adultos	405	39/6499	0,60	
F-	Adolescentes	180	769/3191	24,10	<0,001
	Adultos	405	935/6499	14,39	
F%	Adolescentes	180	1740/3191	54,53	<0,001
	Adultos	405	2301/6499	35,41	
F+%	Adolescentes	180	968,5/1740	55,66	0,069
	Adultos	405	1346,5/2301	58,52	
F+ext	Adolescentes	180	1829,5/3191	57,33	<0,001
	Adultos	405	4325,5/6499	66,56	
K	Adolescentes	180	154/3191	4,83	<0,001
	Adultos	405	535/6499	8,23	
kan	Adolescentes	180	263/3191	8,34	<0,001
	Adultos	405	1294/6499	19,91	
kob	Adolescentes	180	20/3191	0,66	0,002
	Adultos	405	91/6499	1,40	
kp	Adolescentes	180	31/3191	0,97	0,731
	Adultos	405	68/3191	1,05	
Σk	Adolescentes	180	314/3191	9,97	<0,001
	Adultos	405	1453/6499	22,36	
FC	Adolescentes	180	390/3191	12,22	<0,001
	Adultos	405	591/6499	9,09	
CF	Adolescentes	180	356/3191	11,16	<0,001
	Adultos	405	521/6499	8,02	
C	Adolescentes	180	11/3191	0,34	0,008
	Adultos	405	54/6499	0,83	
FE	Adolescentes	180	133/3191	2,70	<0,001
	Adultos	405	614/6499	9,45	
EF	Adolescentes	180	86/3191	2,97	<0,001
	Adultos	405	392/6499	6,03	

Variável	Grupo	n	Proporção	%	p-valor
E	Adolescentes	180	3/3191	0,09	0,366
	Adultos	405	11/6499	0,17	
FClob	Adolescentes	180	3/3191	0,09	0,031
	Adultos	405	23/6499	0,35	
ClobF	Adolescentes	180	0/3191	0,00	-
	Adultos	405	4/6499	0,06	
Clob	Adolescentes	180	1/3191	0,03	-
	Adultos	405	0/6499	0,00	
A	Adolescentes	180	1212/3191	37,98	0,970
	Adultos	405	2471/6499	38,02	
(A)	Adolescentes	180	121/3191	3,79	0,015
	Adultos	405	318/6499	4,89	
Ad	Adolescentes	180	264/3191	8,27	0,883
	Adultos	405	532/6499	8,19	
(Ad)	Adolescentes	180	33/3191	1,03	0,247
	Adultos	405	52/6499	0,80	
ΣA	Adolescentes	180	1630/3191	51,08	0,448
	Adultos	405	3373/6499	51,90	
H	Adolescentes	180	274/3191	8,59	0,128
	Adultos	405	500/6499	7,69	
(H)	Adolescentes	180	123/3191	3,85	0,507
	Adultos	405	233/6499	3,59	
Hd	Adolescentes	180	240/3191	7,52	<0,001
	Adultos	405	291/6499	4,48	
(Hd)	Adolescentes	180	30/3191	0,94	0,624
	Adultos	405	68/6499	1,05	
ΣH	Adolescentes	180	667/3191	20,90	<0,001
	Adultos	405	1092/6499	16,80	
Anat	Adolescentes	180	167/3191	5,23	0,001
	Adultos	405	450/6499	6,92	
Sg	Adolescentes	180	11/3191	0,34	0,243
	Adultos	405	14/6499	0,22	
Sex	Adolescentes	180	18/3191	0,56	<0,001
	Adultos	405	122/6499	1,88	
Obj	Adolescentes	180	265/3191	8,30	0,065
	Adultos	405	471/6499	7,25	

Variável	Grupo	n	Proporção	%	p-valor
Art	Adolescentes	180	21/3191	0,66	0,008
	Adultos	405	82/6499	1,26	
Arq	Adolescentes	180	38/3191	1,19	0,027
	Adultos	405	48/6499	0,74	
Simb	Adolescentes	180	36/3191	1,16	0,211
	Adultos	405	58/6499	0,89	
Abs	Adolescentes	180	13/3191	0,41	0,107
	Adultos	405	44/6499	0,68	
Bot	Adolescentes	180	120/3191	3,76	0,229
	Adultos	405	278/6499	4,28	
Geo	Adolescentes	180	85/3191	2,66	0,004
	Adultos	405	115/6499	1,77	
Nat	Adolescentes	180	8/3191	0,25	<0,001
	Adultos	405	116/6499	1,78	
Pais	Adolescentes	180	29/3191	0,91	<0,001
	Adultos	405	9/6499	0,14	
Elem	Adolescentes	180	27/3191	0,88	<0,001
	Adultos	405	21/6499	0,32	
Frag	Adolescentes	180	56/3191	1,75	<0,001
	Adultos	405	206/6499	3,17	
Ban	Adolescentes	180	545/3191	16,04	<0,001
	Adultos	405	1627/6499	25,03	

A análise estatística comparativa de 50 variáveis da Escola Francesa do Rorschach dos dados médios dos adolescentes (Jardim-Maran, 2011) em relação aos encontrados com adultos, por Pasian (2000), apontou diferença significativa em 30 variáveis examinadas. Tem-se, portanto, evidências empíricas confirmadoras da sensibilidade do Rorschach para identificar níveis de funcionamento e de estruturação da personalidade característicos para diferentes etapas do desenvolvimento (adolescentes *versus* adultos), como comentado na literatura científica da área, em especial nos recentes estudos de Azoulay et al. (2007) e Ikiz et al. (2010).

Tratam-se, portanto, de evidências de validade do Método de Rorschach (Escola Francesa), identificadas a partir de estudos conduzidos com metodologia semelhante e em mesmo contexto sociocultural (interior do Estado de São Paulo, especificamente da região de Ribeirão Preto), constituindo-se como resultados bastante promissores para a sustentação

prática dos processos de avaliação psicológica a partir deste método projetivo. Mais uma vez, têm-se também provas empíricas da importância da realização de estudos normativos do Rorschach para diferenças faixas etárias, auxiliando profissionais psicólogos a realizarem adequadas análises dos casos sob seus cuidados, pautadas em resultados representativos da faixa etária em foco.

Com relação aos modos de apreensão, observou-se diferença significativa no número de respostas G e Dd entre estes grupos etários. Os adultos apresentaram número significativamente superior de respostas com apreensão global do estímulo, enquanto os adolescentes emitiram maior número médio de respostas Dd. Já as variáveis D e Dbl não apresentaram diferença estatisticamente significativa. Nota-se, portanto, que os adolescentes investigados apresentaram um estilo perceptivo marcado pela apreensão dos detalhes do ambiente, com apego às minúcias, em detrimento de uma observação generalista do contexto, percepção observada com maior frequência entre os adultos.

Em relação aos determinantes, os adolescentes apresentaram número superior de respostas exclusivamente definidas pelos elementos formais dos estímulos, em comparação com os adultos. Sendo assim, os mesmos apresentaram os valores de F+, F- e ΣF significativamente superiores em relação aos adultos. Estes, no entanto, apresentaram número significativamente superior de respostas classificadas como F+-, bem como de F+ext%. O dado relativo a F+ext% se mostrar significativamente superior entre adultos pode indicar que os adolescentes, ao emitirem respostas nas quais componentes afetivos e imaginativos foram incluídos nas respostas, apresentaram sinais de possíveis perdas na precisão e logicidade de suas respostas diante desta mobilização dos estímulos do Rorschach.

No tocante às respostas determinadas pelo movimento, os adultos apresentaram número significativamente superior de respostas K, kan e kob, bem como na somatória das pequenas cinestésias (Σk), em comparação com os adolescentes. Considerando que as respostas movimento estão relacionadas a uma postura introversiva e de reflexão, os adultos revelaram tendência a maior dobramento sobre si, sugerindo maior possibilidade reflexiva e de contato com a vida interior em comparação com os adolescentes, talvez indicativo de maturidade psíquica, conforme suposto pela literatura deste método projetivo de avaliação

psicológica. Essa hipótese pareceu pertinente na medida em que podem estar caracterizando diferentes momentos do desenvolvimento vivenciados por adultos e adolescentes, uma vez que os jovens costumam demonstrar grande necessidade de contato com o meio externo, de inserção nos grupos sociais e a vivência de aceitação por parte destes, com reduzida disponibilidade para a interiorização. No entanto, o dado relativo a maior presença de respostas de movimento animal (kan) e de cinestésias de objeto (kob) , em princípio, não seriam teoricamente esperadas em indivíduos adultos, dado o seu caráter de reduzida elaboração dos impulsos e de imaturidade. Apesar desta dificuldade de integração dos achados, uma hipótese plausível é a de que a maior frequência das respostas movimento (grande e pequena cinestésias) nos adultos esteja associada a maior disponibilidade para contatos com sua afetividade e suas vivências emocionais, enquanto os adolescentes apontaram redução do contato com estes determinantes, considerados representativos de dinamismo interno e do mundo imaginativo no Rorschach (visto que os adolescentes tiveram maior porcentagem de determinantes formais em suas percepções, inibindo elementos afetivos).

Ainda em relação aos determinantes das respostas, os adolescentes apresentaram número significativamente superior, em comparação com os adultos, de respostas nas quais a cor está presente, em associação com a forma da mancha. Os adolescentes apresentaram número maior de respostas FC e CF em comparação com os adultos, enquanto que estes apresentaram número superior de respostas cor pura (C). No entanto, cabe a ressalva de que a incidência de respostas C foi muito pequena nas amostras, não se constituindo como um indicador fiel para interpretação de tendências relacionadas a sua significação clínica estrita (invasão emocional).

Para finalizar essas breves considerações relacionadas à comparação entre adultos e adolescentes no que diz respeito aos determinantes, os adultos apresentaram número significativamente superior de respostas de sombreado (FE e EF) e também de respostas FClob. As respostas cujos determinantes foram codificados como FE e EF supõem uma reação relacionada com ansiedade, insegurança e angústia de natureza depressiva. Já as respostas codificadas como FClob assumem um caráter disfórico e ameaçador. Nesse sentido, os adultos novamente pareceram utilizar recursos afetivos (integrados a elementos lógicos) para

interpretar as manchas de tinta do Rorschach, enquanto os adolescentes tenderam a inibir o contato com estes componentes internos, apresentando em maior frequência interpretações de natureza formal dos estímulos deste método projetivo.

Em relação aos conteúdos, notou-se que os adultos apresentaram número significativamente maior de respostas [(A)], ou seja, de conteúdo animal imaginário ou desvitalizado, em comparação com os adolescentes. Este dado isolado, mais uma vez, tem pouca significação e possibilidade interpretativa adequada frente ao conjunto das produções, sobretudo porque, na somatória de respostas de conteúdo animal não se encontrou diferença estatisticamente significativa entre os grupos aqui comparados. Já os adolescentes apresentaram número significativamente maior de respostas de detalhe humano (Hd) e também na somatória de respostas de conteúdo humano (ΣH) em relação aos adultos, indicando busca do contato e da integração e consolidação da própria identidade, elemento teoricamente pertinente para essa fase do desenvolvimento. Os adultos ainda apresentaram número significativamente superior, em comparação com os adolescentes, no número de respostas cujos conteúdos foram: Sexo, Anatomia, Arte, Natureza e Fragmento. Já os adolescentes apresentaram maior número de respostas de conteúdos: arquitetura, paisagem, elemento e geográfico. Outra vez, no entanto, cabe apontar que estas especificidades de produção no Rorschach tendem a ser mais resultados espúrios advindos da composição das amostras estudadas do que da própria consistência dos achados, vista sua reduzida incidência no conjunto dos resultados.

No tocante à comparação da frequência das respostas banais do Rorschach, os adultos apontaram resultado significativamente superior, o que pode estar relacionado a maior conformidade em relação ao ambiente e ao padrão social compartilhado por esses indivíduos. Esta menor proporção de respostas banais no Rorschach no grupo adolescente poderia ser compreendida ainda como marca expressiva do questionamento e da busca de novas experiências nesse grupo, característica que parece própria do funcionamento mental desta fase do desenvolvimento, comparativamente ao grupo de adultos de Pasion (2000).

Dando continuidade à comparação dos índices encontrados entre os adolescentes e os adultos, serão apresentadas as distribuições e a comparação estatística (teste qui-quadrado)

dos resultados relativos às fórmulas afetivas (vivenciais) da Escola Francesa do Rorschach. Foi possível realizar esta análise nas duas primeiras fórmulas vivenciais, a saber: Tipo de Ressonância Íntima (TRI – 1ª. fórmula) e Tendências Latentes (TL – 2ª. fórmula), cuja distribuição dos indivíduos consta, respectivamente, nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2: Distribuição (em frequência e porcentagem) e comparação estatística (qui-quadrado) dos adolescentes (n=180) e adultos (n=405), em função do Tipo de Ressonância Íntima (TRI - primeira fórmula do Rorschach)

Tipo de Vivência		Tipo de ressonância íntima				p-valor
		Adolescente		Adulto		
		f	%	f	%	
Extratensivo	Sim	143	79,44	168	41,48	<0,001
	Não	37	20,56	237	58,52	
Introversivo	Sim	21	11,67	72	17,78	0,062
	Não	159	88,33	333	82,22	
Ambíguas	Sim	3	1,67	14	3,46	0,234
	Não	177	98,33	391	96,54	
Coartado	Sim	13	7,22	151	37,28	<0,001
	Não	167	92,78	254	62,72	

Analisando-se os resultados apresentados na Tabela 2, é possível verificar que os adolescentes se mostraram significativamente mais extratensivos do que os adultos na análise do tipo de ressonância íntima. Esses dados sinalizam que os adolescentes apresentaram tendência a manifestarem sua afetividade de forma mais direta no ambiente, com maior facilidade de estabelecer e manter contatos sociais, em comparação com os adultos. Já estes apresentaram tipo de vivência coartado significativamente superior em comparação com os adolescentes, revelando tendência à inibição dos afetos e controle dos impulsos.

Estes dados, relativos à distribuição dos casos pelos tipos afetivos, precisam ser examinados de forma integrada às evidências da Segunda Fórmula Afetiva do Rorschach –

Tendências Latentes. A Tabela 3 apresenta estes resultados, bem como a comparação estatística (teste qui-quadrado) dos casos em função dos tipos de vivência afetiva.

Tabela 3: Distribuição (em frequência e porcentagem) e comparação estatística (qui-quadrado) dos adolescentes (n=180) e adultos (n=405) em função das Tendências Latentes (segunda fórmula do Rorschach)

Tipo de Vivência		Tendências latentes				p-valor
		Adolescente		Adulto		
		f	%	f	%	
Extratensivo	Sim	80	44,44	62	15,31	<0,001
	Não	100	55,56	343	84,69	
Introversivo	Sim	54	30	267	65,93	<0,001
	Não	126	70,00	138	34,07	
Ambigüal	Sim	3	1,67	8	1,98	0,800
	Não	177	98,33	397	98,02	
Coartado	Sim	43	23,89	68	16,79	0,043
	Não	137	76,11	337	83,21	

Pode-se notar que os adolescentes mostraram-se significativamente maior número de casos do tipo de vivência extratensivo (em relação aos adultos), confirmando uma tendência geral de necessidade de contato com o mundo externo e expressão dos afetos de maneira espontânea. Em contrapartida, os adultos evidenciaram significativamente maior número de casos do tipo introversivo de vivência afetiva, revelando maior tendência para a reflexão e uso da imaginação. Evidenciaram, ainda, significativo menor número de casos de coartação emocional na segunda fórmula afetiva do Rorschach, em comparação com os adolescentes. Os adolescentes sinalizaram que, ao lado de sua reatividade afetiva mais aberta no ambiente (extratensividade), vivenciam tendência à inibição e contenção emocional como reação complementar (segunda fórmula afetiva).

Uma síntese dessa busca de comparação dos resultados encontrados com adolescentes por Jardim-Maran (2011) frente aos dados de adultos estudados por Pasion (2000) aponta a identificação de algumas variáveis relevantes da Escola Francesa do Rorschach diferenciando

estas específicas amostras de indivíduos de diferentes faixas etárias. Pode-se argumentar, portanto, que os resultados identificados constituem-se em evidências empíricas de validade deste método projetivo de avaliação psicológica, na medida em que conseguiu captar e diferenciar variáveis representativas de especificidades do funcionamento cognitivo e afetivo de indivíduos em diferentes etapas do desenvolvimento, como teoricamente postulado pelos teóricos da área de personalidade, foco de investigação do Método de Rorschach.

Diante da possibilidade de uso Método de Rorschach em diferentes contextos e com populações de diferentes faixas etárias, os dados aqui apresentados revelam a importância de serem realizados estudos normativos deste método projetivo para populações específicas. Nesse sentido, Pasian e Loureiro (2010) apontaram que a avaliação do resultado dos indivíduos num instrumento de avaliação psicológica, no caso o Rorschach, precisa ser transformada em uma medida relativa (indicadores técnicos), obtida com grupos de indivíduos, de modo permitir a verificação da posição relativa do indivíduo no grupo, bem como comparar a produção do indivíduo em diferentes técnicas de avaliação. Sendo assim, as normas permitem localizar o desempenho de um indivíduo em uma distribuição de um grupo que é considerado referencial, subsidiando, em consequência, análises interpretativas embasadas em evidências das expectativas do desenvolvimento humano, como aqui buscou-se demonstrar.

REFERÊNCIAS

- Adrados, I. (1985). *A técnica do Rorschach em crianças: perfil psicológico da criança dos sete aos quatorze anos*. Petrópolis: Vozes.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. (M. A. V. Veronese, trad.). (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Azoulay, C.; Emmanuelli, M.; Rausch de Traubenberg, N.; Corroyer, D.; Rozencwajg, P. & Savina, Y. (2007). Les données normatives françaises du Rorschach à l'adolescence et chez le jeune adulte. *Psychologie Clinique et Projective*, 13, p. 371-409.
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e Métodos Projetivos*. (A.J. Lelé; E. M. A. C. Silva, trads.). (1a ed.). São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica.

- Chiodi, M. G. & Wechsler, S. M. (2008). Avaliação psicológica: contribuições brasileiras. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 28(2), p. 187-210.
- Fachel, J. M. G. & Camey, S. (2000). Avaliação psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados. In J. A. Cunha e cols. (Org.), *Psicodiagnóstico-V* (pp. 158-170). (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Ikiz, T.T., Zabci, N., Dugor, B.P., Atak, I.E., Yavuz, E., Purisa, S., Catagy, P. (2010). Étude normative du Rorschach de la population adolescente turque. *Psychologie Clinique et Projective*, 16, p. 209-232.
- Jardim-Maran, M.L.C. (2011). O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: normas e evidências de validade. Tese de Doutorado, Faculdade Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7(2), p. 127-141.
- Noronha, A. P. P. & Vendramini, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), p. 177-182.
- Noronha, A. P. P.; Primi, R. & Alchieri, J. C. (2005). Instrumentos de avaliação mais conhecidos/utilizados por psicólogos e estudantes de Psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), p. 390-401.
- Nunes, C. H. S. S. & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. In Conselho Federal de Psicologia, *Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão* (pp. 101-127). Brasília: DF.
- Oliveira, K. L.; Noronha, A. P. P.; Dantas, M. A. & Santarem, E. M. (2005). O psicólogo comportamental e a utilização de técnicas e instrumentos psicológicos. *Psicologia em Estudo - Maringá*, 10(1), p. 127-135.

- Pasian, S. R. & Loureiro, S. R. (2010). Reflexões sobre princípios e padrões normativos do Rorschach. In S. R. Pasian (Org), *Avanços do Rorschach no Brasil* (pp. 30-54). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasian, S. R. (1998). *O Psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo normativo em adultos da região de Ribeirão Preto*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Pasian, S. R. (2000). *O psicodiagnóstico de Rorschach em adultos: Atlas, normas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Primi, R.; Muniz, J. & Nunes, C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In C.S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-256). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rausch de Trautenberg, N. (1998). *A prática do Rorschach*. (A. J. Lelé, trad.). São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (1998). As técnicas projetivas no século XXI. In *III Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach*. Ribeirão Preto: SBRO.
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da Interpretação do Rorschach* (1a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

**THE RORSCHACH PERFORMANCE ASSESSMENT SYSTEM AND ADVANCES IN THE
RORSCHACH METHOD**

Donald J. Viglione

California School of Professional Psychology

Alliant International University

San Diego, California, USA

Gregory J. Meyer

Joni L. Mihura

University of Toledo

Toledo, Ohio, USA

Robert Erard

Psychological Institutes of Michigan, P.C.

Franklin, Michigan, USA

Philip Erdberg

Masonic Center for Youth & Families,

San Francisco, California, USA

ABSTRACT

This paper introduces the Rorschach Performance Assessment System or R-PAS as an advance in the application of the Rorschach method. The R-PAS claim that it is an advancement, is based on its providing solutions for critical problems with the Rorschach and with the dominant approach to the test in the form of Comprehensive System (CS). The first problem, a structural one, is that the Comprehensive System currently is limited in its ability to evolve with recent and emerging research. Research has identified at least six other, inter-related, critical problems with the CS: (1) interpretation does not match evidence base, (2) inaccurate norms, (3) variability in the number of responses per protocol, (4) examiner variability, (5) scoring unreliability, and (6) variables with idiosyncratic distributions. In addition, the Rorschach has

been characterized as too time-consuming and complex. Descriptions of these problems are followed by the R-PAS solutions, which function as key components of the R-PAS administration method and psychometric foundation.

The Comprehensive System (Exner, 1974; 2003) has emerged as the dominant international Rorschach System (Rorschach, 1921; Shaffer, Erdberg, & Meyer, 2007) with strong developments in Brazil (e.g., Resende, Viglione, & Argimon, 2009; Nascimento, 2007; Villemor-Amaral, Yazigi, Nascimento, Primi, & Semer, 2007). Although the CS has been lauded for its providing a strong empirical basis for the Rorschach, a number of psychometric problems have emerged in the research literature. This paper addresses six inter-related, critical problems with the CS: (1) interpretation does not match evidence base, (2) inaccurate norms, (3) variability in the number of responses per protocol, (4) examiner variability, (5) scoring unreliability, and (6) variable with idiosyncratic distributions. The first five are addressed in separate sections whereas the idiosyncratic distributions is addressed as a psychometric issues inherent in the other problems and solutions. An additional structural handicap is that the CS is currently limited in its ability to evolve with recent and emerging research. In addition, the Rorschach has been characterized as too time-consuming and complex. Descriptions of these problems are followed by the R-PAS solutions, which function as key components of the R-PAS administration method and psychometric foundation. The solutions to these problems are the foundation of R-PAS and the rationale for the claim that is to be considered an advancement in the Rorschach method.

Can the CS Evolve With Research Findings?

Since John Exner's passing in 2006, research has not been able to influence or effect changes to the CS. There is no obvious way for the CS to change with new findings – no path to respond to the problems posed by research, and no obvious way for the CS to evolve with emerging research findings. Rorschach-based assessment needs to evolve with new research findings and clinical questions. However, no changes have been made to the CS for six years

and no path or mechanism for future changes and improvements has been identified in the literature.

Previous to 2006, there was such a group whose task was to do what is not being done now, that is adjust the CS with emerging research. More than 15 years ago, Dr. Exner put together the Rorschach Research Council. Greg Meyer, Philip Erdberg, William Perry, Donald Viglione, and Mark Hilsenroth among others. They served on this panel at the onset, and Joni Mihura and others would join later. Thus, four of the five authors of R-PAS served on this council. The role of this group included reviewing and conducting research, as well as formulating and supervising changes to the CS. Much of what would become R-PAS was introduced and addressed by the Rorschach Research Council.

Minutes were taken for the meetings, typically by Exner. An excerpt from a June 1998 meeting presented below demonstrates some of our work. It addresses the findings with the Human Experience Variable, initially researched by Perry and Viglione (1991) and later revised by Rorschach Research Council research in the form of the Human Representational Variable and added to the CS as the HRV with Good and Poor Human responses (Exner, 2000). This particular paragraph is presented because it documents the RRC under Exner's direction and addresses issues that would eventually become some of the major changes to Rorschach practice advocated with R-PAS.

"RORSCHACH RESEARCH COUNCIL NOTES, Atlanta – October 10 and 11 1998. #2 FUTURE OF THE RORSCHACH. Viglione requested that this topic be added to the agenda and introduced it with some of his ideas related to it. Issues such as the need for new normative data, including international samples was discussed. The importance of more research with the test as related to treatment planning and the evaluation of treatment was afforded considerable priority. The question about eliminating as much noise as possible in the test by eliminating some variables such as CONFAB was identified as an important target. The question about whether the number of responses should be artificially increased was raised and discussed at length."

This document established that the Rorschach Research Council discussed and eventually would support or review research and consider making changes with the CS

regarding new international normative data, simplifying the CS and eliminating problematic variables, and managing the number of responses. All of these are key innovations and distinguishing features for R-PAS. They were originally introduced, discussed, and researched as recommendations and agenda items by the Rorschach Research Council. Consistent with the founding of the Rorschach Research Council, the hope and expectation of the four R-PAS on the Council was that we would continue to supervise changes to the CS. That goal has proven impossible.

For the Rorschach to continue as a psychologically valid and useful instrument, it has proven necessary to develop a new system, built from the ground up and independent of the CS. R-PAS aims to continue to solidify the empirical foundation for using the Rorschach while focusing on its unique contribution to assessment. Our goal is to create a clinically rich, evidence-based, logically transparent, international adaptable, and user-friendly system available for applied practice.

Rorschach Interpretation Does Not Match Its Evidence Base

Possibly the most serious problem for Rorschach and the CS is that the interpretation does not match its evidence base, which leads to mistaken interpretations (Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2011; Mihura, Meyer, Dumitrascu, & Bombel, in press; Viglione & Meyer, 2008). Among the more commonly used CS interpretations with little empirical support are Zd for impulsivity, the Egocentricity Index [$3r+(2)/R$] and self-focus, and white space (S) for anger. The R-PAS solution to this problem (Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2011), with the evidence base, focuses on scores and matched to interpretations supported by systematic reviews of the validity literature; and more directly linking inferences to the behavior coded in the task.

The core method relied upon by R-PAS for evaluating evidence base and selecting variables is a meta-analysis of the major research studies for 68 major CS variables (Mihura, et al., in press). Included in this meta-analysis are a total of 3,106 research findings. This is a very important meta-analysis: It may be the only comprehensive meta-analysis for a single test. In addition, it incorporates research from around the world and is published in a prestigious

journal, *Psychological Bulletin*. A major, organizing conclusion of this analysis is that Rorschach scores are more closely associated with externally-assessed criteria, at $r = .27$, than they are with self-report criteria, at $r = .08$. Examples of externally-assessed include observer ratings, psychiatric diagnosis, “behavioral outcomes,” (e.g. psychiatric re-hospitalization and success in challenging military training).

In the meta-analysis, variables classified as having “excellent support” correlate with meaningful criteria greater than $r = .33$, with probability levels at $p < .001$ and Fail Safe number of 50 or more. The Fail Safe number means that as is, it would take 50 or more non-significant studies for the finding to become non-significant. An example of variable with excellent research support is the integrated DQ+ responses (the main component of the R-PAS Synthesis or Sy). Form Quality percentages, that is the accuracy or responses, and cognitive special scores have substantial empirical support, so they too are retained in R-PAS. Alternatively, the Adjusted D-Score, Egocentricity, and the Zd have little or no empirical support, with correlations less than 15, so that you will not find them in R-PAS. Also excluded from R-PAS are the Egocentricity Index $[3r+(2)/R]$ and white space (S) is broken into two variables to be more consistent with the literature.

All previous CS users are likely to miss their “favorite” variable. Prominent among these lost variables is the Depression Index. The Mihura et al. meta-analysis (in press) has demonstrated that the DEPI is related to depression and the syndrome of depression in that it can distinguish these from non-depressed non-patients. However, it does not do a good job distinguishing these conditions from other psychiatric conditions. Also, MOR does a better job than the DEPI so that for parsimony and simplicity, R-PAS uses MOR rather than the DEPI.

Other considerations were used to select the most valid and efficient set of variables for R-PAS. In addition to the meta-analysis, we synthesized other research findings and reviews of the literature. To a lesser degree we considered the link between the response process with interpretation. The term, “response process” refers to the covert psychological operations captured by, or involved in generating the coded behavior. For example, DQ+, known as Synthesis or Sy in RPAS, involves analyzing the blot forms so as to create separate objects and then re-integrating them by specifying relationship between the two objects, as in “two people

shaking hands.” Obviously, the coded behavior involves relational thinking, so response process supported retaining Synthesis. Another score category with good response process support would be the Level 2 Cognitive Special Scores (simply Cognitive Codes in R-PAS) for thought disordered communication. Such instances closely resemble visual or linguistic demonstrations of disordered thinking. Also, research findings produced a general or global picture for many variables, so that we used response process to specify or delineate our interpretative statements for individual variables. As an example, Synthesis (DQ+ or Sy) demonstrates a relationship with age and education in research. By extension such a finding would connect synthesis with sophisticated or mature thinking, but it is the response process that helps to specify relational thinking as a more refined expression of the broader research-based interpretation.

We have focused on the behavioral component of the Rorschach response process (Meyer & Viglione, 2008, Meyer et al., 2011, Viglione & Rivera, 2003) in the context of the Rorschach being a performance test (Meyer & Kurtz, 2006), in which personality is demonstrated in processing and behavior, so that the “personality-in-action” is revealed. Thus, the Rorschach, as conceived of within R-PAS, becomes a behavioral test in which the examiner observes, quantifies, and documents important behaviors, so as to describe and interpret them later.

In finalizing our variables we also considered our parsimony, simplicity, and redundancy, as suggested in R-PAS favoring MOR over DEPI. As another example, Zf is eliminated because it is handled by other variables, most notably the Complexity variable. In addition, we considered psychometric and distributional properties so that we were more likely to drop low base rate variables or ones which are coded less reliably. We considered our international clinician survey findings (Meyer, Hsiao, Viglione, Mihura, & Abraham, in press), and also a new learners survey on ease of learning and understanding coding (Viglione, Ptucha, & Meyer, 2008). The amount of evidence supporting variables and interpretations is emphasized in the R-PAS Summary Scores and Profiles, the main R-PAS quantitative information. Accordingly, variables on the R-PAS Page 1 are emphasized in interpretation and Page 2 variables are less important.

The codes, counts, and calculations, (e.g., the R-PAS variables) include many familiar and unfamiliar names and symbols. The review of the empirical literature for R-PAS led to our including some new, well researched and well supported variables that are not found in the CS. These include, for example, Mutuality of Autonomy (Urist, 1977) and the Ego Impairment Index (Perry, Minassian, Cadenhead, Sprock, & Braff, 2003, Perry & Viglione, 1991; Viglione, Perry, & Meyer, 2003). The Ego Impairment Index has generated considerable interest in Brazil and other countries (Nascimento, 2008). Some variables are renamed, with the goal to make the names and symbols more transparent, more continuity from coding to calculation, more uniform, easier to learn and to remember, at least in English (e.g., Sy for Synthesis, for DQ+). Some variables are restructured or calculated differently or more consistently. For example, virtually all percentages are now percentages of R divided by the total number of responses. So that, $F\%$ is F divided by R , and it replaces Lambda (Meyer, Viglione, & Exner, 2001) All ratios are presented as proportions, with the larger term in the denominator, so that they range from zero to one. For example, the R-PAS version of Rorschach's (1921) Erlebnistypus is not Human Movement compared to Weighted Sum of Color in a ratio. It is named M/MC or "M to MC" and it is Human Movement divided by the sum of Human Movement plus the weighted sum of color. It is thus, easier to remember for new learners and relieves them of having to learn another term and concept, Erlebnistypus. Many variables are retained with the same name and symbol.

Inaccurate Norms

The Comprehensive System N of 600 non-patient reference data (Exner, 2003) are unique in Rorschach history, in that they have served as normative foundation in the U.S, and also to some extent internationally. But research has demonstrated that the internationally collected data and non-patients and control groups from published research differ from standard CS norms for about a third of the variables (Shaffer, Erdberg, & Haroian, 1999; Viglione & Hilsenroth, 2001; Viglione & Meyer, 2008; Wood, Nezworski, Garb, & Lilienfeld, 2001). The CS norms diverge greatly from everybody else's data on approximately one third of the variables, and all the other samples cohere, with only the CS norms as an outlier. The

biggest differences and problems are with Form Quality with non-patients around the world presenting more distorted responses than would be expected. For X-% the international data (Meyer, Erdberg, & Shaffer, 2007) which include U.S. and Brazilian data, has a mean of .19 with an average range from .14 to .24, whereas the CS norm is .07 with a range from .04 to .10. Norms also diverge for human imagery, color variables, complexity variables, and some others, including Texture for example. Moreover, the CS norms have a bias toward negative interpretations, thus making Brazilians and Americans, as well as everybody else appear to be more pathological. The same is true for children (Meyer et al., 2007; Stanfill, Viglione, & Resende, in press).

The R-PAS Solution to the problem with normative data is to adapt the international reference data published by Meyer et al., in 2007 for its norms. Doing so creates readily interpretable norms that apply a common benchmark across scores and puts all scores on the same scale to make them comparable. From another perspective it is a simplification consistent with R-PAS goals.

To create the R-PAS norms, as outlined in the R-PAS manual (Meyer et al, 2011) we started with 1396 international protocols from authors of the 2007 international supplement of the *Journal of Personality Assessment* in 2007. To increase generalizability no group contributed more than 100 records. These include Brazilian and American non-patient records. These records were administered using the CS coding system. As will be explained later, R-PAS employs methods to optimize the range of the number of response (R) per record, so as to minimize short and long records. With this "R-Optimized" administration; very few cards generate less than two responses, so that short CS administrations with multiple occurrences of one response per card were eliminated from the normative dataset. This elimination, principally of short records, left 640 of the original 1396 records. In addition, the maximum number of responses per card is four, so that all additional responses to any card were deleted from the dataset. This resultant statistically modeled sample is very similar to the distributions of R obtained when using R-Optimized administration. Accordingly, the current R-PAS norms were collected with CS administration, so that R-PAS temporarily is relying on statistically

modeled norms. This is considered an R-PAS limitation so that new normative data collection is beginning.

In creating norms for the Rorschach, a significant challenge is contending with non-normal, skewed, count distributions often with low base rates and many zero values. To deal with this, R-PAS used percentile-based transformations to generate standard scores in two steps. The first step is to identify the percentile rank of all scores. Thus, percentiles corresponding to each raw score were computed. If 21 percent of the people, have a score of .05 or less for FQ-% (X-%), it is assigned a percentile score of 21. If a score spans multiple percentiles, the median of the interval is assigned. For example, 55% of people have Texture = 0, so the percentile score equivalent is 27.5.

The second step converts the percentile score to a Standard Score equivalent. Consequently, each score is represented on a scale characterized by Median and $M = 100$, $SD = 15$. Returning to the Texture example, the 27.5 percentile corresponds to a standard score of 91. It is important to note that research data indicates that $T = 0$ is very common, occurring in more than 50% of the people. Although it may not be optimal, it cannot be thought to be problematic or pathological. Rather the variable may be insensitive and tend to miss occurrences of adequate interest in contact comfort and closeness. Such a change in interpretation is an example of incorporating research findings in R-PAS, aligning interpretation with research findings, and recognizing problems in norms, as discussed in the current and previous sections of this paper.

As another example, let's return to MC. MC is the sum of Human Movement and the Weighted Sum of Color, what was known as "Experience Actual" or EA in the CS. Changing the symbol to MC makes the calculated variable more transparent and its derivation easier to remember for new learners, part of the R-PAS effort to make the system easier to learn and to use, again at least in English. In any event, an 11 for MC is a high score, placing the person at a standard score of 115, because it resides at the 84th percentile. Alternatively, an FQ-% (X-% in the CS) calculated with the new, extensive R-PAS FQ tables, of 3% is a low score, at the 16th percentile corresponding to a standard score of 84.

Figure one Page 1 from the R-PAS online output plotted with these international data. Many users consider it a notable advance that the variables are visually plotted against norms. One no longer has to remember that in that a four for human movement is about average. It is plotted here at the 58th percentile which translates to a standard score of 103. As noted above, standard scores are the scores used for IQ scores and have a mean of 100 and a standard deviation of 15. One of the goals of R-PAS is to simplify, and plotting all scores on the same scale or metric simplifies. It identifies extreme or deviant scores which might serve to individualize the person being evaluated, or in other words, identifies features which may distinguish him or her from others. In this record, MOR is a deviant score and extreme score, with a total of MOR responses, at the 99th percentile and standard score of 137. It is visually distinguished by its distance from the center line, and by being plotted with a black icon whose interior is more filled in than the less extreme scores.

Excessive Variability in the Number of Responses per Protocol

Research reveals that the number of responses is highly variable, more so than that expected using CS norms (Meyer et al, 2011; Meyer et al, 2007; Viglione & Hilsenroth, 2001; Viglione & Meyer, 2008). Also, many variables are correlated or associated with R (Viglione & Meyer, 2008), so that one does not always know the extent to which a high or low score is attributable to the records being long (high R) or short (low R). Thus, this variability in R introduces error, increases confidence intervals, and makes it is harder to demonstrate deviations from expected values. Scores are less precise, so interpretations cannot be as specific, thus introducing error into interpretive process and reducing validity of the test at large.

As presented in Table 1, the CS N of 600 non-patient normative sample has a standard deviation of 4.1, thus in the CS normative sample most records have 18 to 27 responses. In the early 1970's when addressing the problem with R in the Rorschach, Exner (1974) decided not to restrain R, because of a similarly small standard deviation, that is limited variability in R, in his datasets. However, other samples have consistently produced more variable distributions with a large proportion of short records. The international sample (Meyer et al., 2007; N = 4,704) has

a standard deviation of over seven. The 18 to 27 range expands to something like 14 to 29. Exner's more modern sample (2007) and the recent Brazilian sample (Nascimento, 2007) have standard deviations approaching 6. This large range introduces too much error and uncertainty in the interpretive process. In a long record the interpreter is unsure whether a high score, for example with M, is due to the number of responses or the characteristics of the individual.

These large standard deviations reported in the research result in a large proportion of records having relatively few responses, which we can define as 17 or less (Meyer et al, 2007; Meyer et al, 2011; Viglione & Hilsenroth, 2001; Viglione & Meyer, 2008). Moreover, in the international data an R of 14 is the mode in the sample. Psychometrically, it is likely that records with 17 or fewer responses are not very reliable. We have speculated that they lack enough data points to aggregate so as to gain an accurate picture of an individual (Meyer & Viglione, 2008). Also, there is a tail to the right of the distribution with a notable proportion of records have more than 35 responses.

The R-PAS Solution to this problem of excessive variability in R is called the "R-Optimized" method of Administration." It includes two tactics to restrain the range of R to attempt to maximize the proportion the psychometrically optimal range of 18 to 27 responses. The first is an instruction included in the introduction to the test in which the examiner asks the respondent for "two, [pause] maybe three responses " per card. The pause is included to emphasize two rather than three so as to encourage records with a total number of responses in the lower twenties. Also, during the test itself, R-PAS includes a "Prompt for two, Pull after four" procedure. When the subject gives only one response, the examiner prompts or encourages the respondent to give another. If four responses are given, the examiner politely requests that the card be returned and no more than four responses are scored per card. Also, with the first prompt and pull the examiner reminds the respondent of the instruction for "two, or maybe three responses."

We have conducted a number of studies that compare R-PAS administration to CS (Reese, Viglione, Giromini, 2012; Viglione, Converse, Jordan, McCullaugh, Evans, MacDermott, Moore, & Meyer, in preparation). As anticipated, R-Optimized administration greatly reduces the proportion of short and long records and is producing means near 23 responses with

standard deviations below five. Records with fewer than 17 responses are extremely rare and the great majority of records are under 35 responses. It produces a much greater proportion of the records in the psychometrically optimal range from 18 to 27. Thus, the R distribution produced in R-PAS limits the effect of R on other variables so that it reduces the interpretive error associated with variability in R.

From another perspective R-Optimized administration in R-PAS offers the potential for both less examiner variability and more uniformity across sites and countries. We are finding virtually no effect on the means of individual variables (Reese et al. 2012; Viglione et al., in preparation). In other words, individual variables do not differ when compared across CS and R-PAS R-Optimized administration. Apparently, the impact of the R-Optimized administration is minimized because it is shared among all variables.

Examiner Variability

Examiner Variability is a problem with Rorschach administration. Reducing the impact of the examiner on the data is important to make the Rorschach as objective as possible.

As an extension of the normative problems addressed in above, there are also large differences in about a third of the variables between the (a) between more recently published Exner (2007) CS sample of 450 and (b) the Shafer and Erdberg (2007) sample. Our research into these differences reveals that this divergence is caused by coding differences between sites and examiners (Meyer, Viglione, Erdberg, Exner, & Shaffer, 2004). As another example, in the large international sample (Meyer et al, 2007) some examiners averaged about 11 Zf responses, others 15 or 16. Some produced a mean X-% of .06 or .07, others produced a mean of .15. To address such variability in CS coding, the *Rorschach Coding Solutions* reference book was written in 2002 and slightly revised in 2010 (Viglione, 2002, 2010).

There are more direct examiner effects on administration. For example in the international sample, examiner differences were evident in number of responses. Some examiners averaged 20 responses, others 27. Differences in the Inquiry Phase are particularly troublesome and largely unknown, but we do know that experts have different thresholds for identifying key words (Koonce, Meyer, Viglione, 2008).

A key component of the R-PAS solution for examiner variability is R-Optimized Administration, as discussed in the previous section: The restriction of the range of R reduces the examiner impact on the protocol. The R-PAS manual (Meyer et al., 2011) also provides extensive guidance for administration and coding. For administration it includes more guidance for establishing rapport, managing the pace and flow of the administration, and documenting the record. There is considerably more procedural information for the Inquiry, referred to as the Clarification Phase in R-PAS, with the first ever comprehensive chapter on clarification. For coding, there are many examples and descriptions of “thresholds” for example, specification of the point where a “not Morbid” scores becomes “Morbid.” Also, much of what was found in the *Rorschach Coding Solutions* (Viglione, 2002, 2010) is refined and included in Manual. Before being adopted, the specifics from this CS book were carefully reviewed and revised by the authors. Since examiner influence is largely in the form of increasing complexity of the record, R-PAS lists “Complexity Adjusted” standard scores on the R-PAS Summary Scores and Profile pages. This applies to complex or simple records, where statistical adjustments remove the effect of complexity.

Coding Unreliability

As documented in the preceding section, (a) research reveals scoring unreliability for certain variables and (b) R-PAS contains considerable guidance for coding to minimize such inconsistency among examiners. The most common coding inconsistencies reported in the research literature involve form dominance vs. color or shading dominance, shading subtypes, Developmental Quality, Form Quality, some contents, and cognitive special scores (Viglione & Meyer, 2008). As an example of enhanced coding guidelines from the R-PAS Manual the description of Art content is presented below. Art is one of the contents which has been coded unreliably in some research reports.

Art is coded for several types of images and expressions, including objects of art, such as paintings, sculptures, lithographs, or drawings. Art is also coded for artistic, decorative, or ornamental objects such as a badge, crest, jewelry, or feathers worn ceremonially, or for similar descriptions applied to objects such as *“a pretty and highly stylized chest of*

drawers.” Do not code simple accessories that are not elaborated, like a feather in someone’s hair, as Art. Also, do not code paint splashes or other simple non-artistic uses of paint or artistic materials unless they are further elaborated. The contents within an object of art are also coded; e.g., a painting or bas relief of two wolves would be coded as Art and A” (Meyer et al., 2011, p. 79).

This example of how to code Art, like most descriptions in the R-PAS manual, incorporates considerable elaboration and specification. Also, it exemplifies the type of specific guidelines provided about when not to code the score in question. Such guidelines and distinctions are offered in an overall effort in R-PAS to align codes with the interpretation and underlying meaning of the score. In this case, if art content is to be interpreted as an effort to enhance, or artistic interests, intellectualization and possibly an interest in making things attractive and eye catching, one would follow the underlined prohibition and not code Art for paint splashes. Thus, response process considerations are incorporated in R-PAS coding, so as to align coding with interpretation. Similar elaborations are offered for many other coding distinctions. Of particular interest are guidelines on how to handle small variations in popular responses, for example whether to code Populars if cards are inverted, or if odd feature is added.

Form Quality

As noted earlier, Form Quality norms in the CS are inaccurate, and it is one of the scores with coding reliability problems. To address these problems, R-PAS incorporates a completely new FQ table, based on a huge amount of new international data. The new R-PAS FQ Table incorporates two traditional, foundational components of perceptual accuracy: (1) fit or how well the object matches the features at the location where it is perceived, and (2) frequency or how often the object is seen at the particular blot location. It is measured by rating how accurate and easy to see an object is at a specific location. For example, how easy is it to see a cat’s face to the whole with the middle white space on Card II, or a dog to the D1 Popular area to Card VIII? R-PAS fit ratings involved precisely this type of judgment on a one-to-five scale included in 50,000 ratings of 5,060 response objects from many countries, including Brazil.

Frequency is measured simply by counting the number of times a given response is produced at a particular location by people actually taking the test. If many people give a response, it is assumed that it is accurate and easy to see. To count frequencies, R-PAS uses non-patient data from four countries again including Brazil (Villemor-Amaral, Yazigi, Nascimento, Primi, & Semer, 2007) but also Argentina (Lunazzi, Urrutia, García de la Fuente, Elías, Fernández, De La Fuente, Bianco, & Sarachu, 2011), Italy (Parisi, Pes, & Cicioni, 2005), Japan (Takahashi, Takahashi, & Nishio, 2009), and a fifth outpatient sample from Spain (Miralles Sangro, 1996, 1997), for a total almost 2,800 cases. Putting fit and frequency together, accurate or FQo response fit or match the blot area well, are frequent, and easily seen. Mistaken, distorted FQ- responses do not conform to the blot area contours, are infrequent and difficult to see.

Thus, for this new Form Quality system, R-PAS integrates an enormous amount of international data from many countries, numerous raters, and multiple languages. The development of the table began with a modified list of the 5060 entries in the CS FQ table found in the CS workbook (Exner, 2003). To produce this list of FQ entries, the Rorschach Research Council members reviewed and revised the original table entries in the CS workbook to reduce irregularities, inconsistencies, obvious omissions, and redundancies. The goal of this review was to increase ease of use for Rorschach practitioners and researchers.

CS FQ assignment to table entries were then updated or revised based on our contemporary fit and frequency data. In other words, starting with the FQ ratings in the modified Rorschach Research Council CS table, Form Quality ratings were adjusted up for accurate, good fit and high frequency responses, i.e., from FQ- up to FQu, or FQu up to FQo. FQ was moved down for poor fit ratings and infrequent responses, i.e., from FQo to FQu and from FQu to FQ-. There was a lot of change, 40% of R-PAS FQ assignments differ from what is found in the CS. Also, the R-PAS FQ table itself lists 5% fewer FQ- entries and 5% more FQu entries. Of notable importance the R-RPAS FQ-% or X-% non-patient mean is lower at 9%, compared to 19% for the CS FQ. Thus, on the average, FQ- objects in R-PAS are more distorted and inaccurate than in the CS.

The Impact on R-PAS

The impact of all these changes in R-PAS is evident in the R-PAS codes presented in Table 2. Many of the symbols listed there are familiar to Rorschach users, but some of the names have changed and others have been added from literature outside of the CS.

The Rorschach has been criticized as too complicated and too difficult to learn. Part of R-PAS solution to this problem is to simplify by making variable names more understandable and easier to remember. R-PAS minimizes the use of extraneous terms that involved memorizing additional and unnecessary symbols and concepts. For example, and as noted above, R-PAS does not include the term Developmental Quality. It is replaced with the symbol Sy for synthesis and Vg for Vagueness. In addition, the Special Scores category is broken into Cognitive and Thematic Codes to make them easier to remember and to provide a semantic marker to help new learners. Thematic Codes all have three capital letters for uniformity and easy recognition. In support of solidifying the evidence base for the test, R-PAS includes variables with strong research support not found in the CS: Urist's (1977) Mutuality of Autonomy in the form of MAP (Mutuality of Autonomy Pathology) and MAH (Mutuality of Autonomy Health); Gacono and Meloy's Aggression Content (Gacono, & Meloy, 1994; Gacono, Bannatyne-Gacono, Meloy, Baity, 2005) or AGC, and Masling's and Bornstein's, Rorschach Oral Dependency Scale (Bornstein & Masling, 2005; Masling, Rabie, & Blondheim, 1967) which is called Oral Dependent Language (ODL) to highlight its focus on language and word usage rather than on imagery. In addition, space responses are broken up into Space Reversal and Space Integration responses to be more aligned with empirical findings (Mihura et al., in press).

Most unnerving or challenging to many experienced Rorschach practitioners is R-PAS's new left to right coding sequence order. This pertains to the order in which the codes are scored, as represented in the left to right order in Table 2. In order from left to right, one codes location and content, so that answers to the questions (a) where is it seen and (b) what is seen, are handled first. Next, as represented in Table 2 one codes the R-PAS object qualities, that is where and how the response and its subcomponents are affixed to the blot. These include Synthesis, Vagueness, and Pairs. At this point, there is enough information for form quality, because we know how the response is visually configured on the blot. At this point, the

examiner has a good understanding and visual picture of the response, so can score the more complex and ambiguous determinants, cognitive codes and then finally thematic codes. The R-PAS aim in establishing this coding sequence is to follow the examiner's natural response reviewing process, that is how the examiner naturally comes to know or learn about the response. Consistent with information processing models, it proceeds from the simple and concrete to the complex, abstract, technical, and inferential.

This paper has presented a brief summary of key Rorschach problems and introduction to the Rorschach Performance Assessment System's solutions to these problems. In turn, these solutions are essential features of the R-PAS. The goal of R-PAS is to create a clinically rich, evidence-based, logically transparent, international adaptable, & user-friendly system available for applied practice. We believe we are reaching that goal with a truly international test, with strong Brazilian participation and influence.

Table 1

Comparison of CS norms to other normative samples.

Current CS Norms, N = 600		Updated CS, N = 450	
Exner (2003)		Exner (2007)	
M	SD	M	SD
22.67	4.23	23.36	5.68
International Norms, N = 4,704		Brazilian Norms, N = 409	
Meyer et al. (2007)		Nascimento (2007)	
M	SD	M	SD
22.31	7.91	19.64	5.82

Table 2

R-PAS Codes and Coding Sequence

What is the card angle?	Where is it seen?	Is white space used? How?		What is seen?	Are any objects meaningfully related?	Are all objects in the percept vague?	Are there two identical objects?	How well does it fit the blot?	Do many people see it?	What makes it look like that?	Are there issues with thought processes?	What themes are present?	Were steps taken to manage R?
Card Orientation	Location*	Space Reversal	Space Integration	Content Class*	Synthesis	Vagueness	Pair	Form Quality*	Popular	Determinants*	Cognitive Codes	Thematic Codes	R-Optimized
@ < v >	W,D,Dd Loc#(s)	SR	SI	H An (H) Art Hd Ay (Hd) Bl A Cg (A) Ex Ad Fi (Ad) Sx NC	Sy	Vg	2	o, u, -, n	P	M FM m (a,p,a-p) FC, CF, C C' Y T V FD r F	DV1,DV2 DR1,DR2 INC1,INC2 FAB1,FAB2 PEC CON	ABS PER COP MAH AGM AGC MOR MAP GHR, PHR ODL	Pr,Pu

*Scored for every response
 More than one row of Determinants, Content, Cognitive, or Thematic codes can be assigned to each response.
 Entries on the same row within a column are mutually exclusive options; only one can be assigned to a response.

Note: Permission to reproduce provided by R-PAS.

REFERENCES

- Bornstein, R. F., & Masling, J. M. (2005). The Rorschach Oral Dependency scale. In R. F. Bornstein & J. M. Masling (Eds.), *Scoring the Rorschach: Seven validated systems* (pp. 135-157). Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum Associates.
- Exner, J. E. (1996). Critical bits and the Rorschach response process. *Journal of Personality Assessment*, 67, 464-477.
- Exner, J. E. (2000). *Primer for Rorschach Interpretation*. Rorschach Workshops: Asheville, N.C.
- Exner, J. E. (2001). *A Rorschach workbook for the Comprehensive System* (5th ed.). Asheville, NC: Rorschach Workshops.
- Gacono, C. B., Bannatyne-Gacono, L., Meloy, J. R., & Baity, M. R. (2005). The Rorschach Extended Aggression scores. *Rorschachiana*, 27, 164-190.
- Gacono, C. B., & Meloy, J. R. (1994). *The Rorschach assessment of aggressive and psychopathic personalities*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Koonce, E., Meyer, G.J., Viglione, D.J. (2008, March). The Rorschach Research Council Inquiry Guidelines Project. In D.J. Viglione & G.J Meyer (Co-Chairs) *Research to Enhance the Rorschach*. Paper presented at the annual meeting of the Society for Personality Assessment, New Orleans, LA.
- Lunazzi, H. A., Urrutia, M. I., García de la Fuente, M., Elías, D., Fernández, F., De La Fuente, S., Bianco, A. S., & Sarachu, A. (2011). *Is Form Quality (FQ) a cultural context related variable? Presentation of the Argentinean FQ Tables*. Unpublished manuscript.
- Masling, J., Rabie, L., & Blondheim, S. H. (1967). Obesity, level of aspiration, and Rorschach and TAT measures of oral dependence. *Journal of Consulting Psychology*, 31, 233-239.
- Meyer, G. J., Erdberg, P., & Shaffer, T. W. (2007). Toward international normative reference data for the Comprehensive System. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), 201-216.
- Meyer, G. J. & Kurtz, J. E. (2006). Advancing personality assessment terminology: Time to retire "objective" and "projective" as personality test descriptors. *Journal of Personality Assessment*, 87, 223-225.

- Meyer, G. J., Hsiao, W.-C., Viglione, D. J., Mihura, J. L., & Abraham, L. H. (in press). A survey of applied clinical validity for the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*.
- Meyer G.J & Viglione, D.J. (2008). An introduction to Rorschach assessment. In R.P Archer, & S.R Smith, (Eds.) *A Guide to Personality Assessment: Evaluation, Application, and Integration*. (pp. 281 -336). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Meyer G.J, Viglione, D.J., & Exner, J.E. Jr. (2001). Superiority of Form % over Lambda for research on the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*, 76, 68-75.
- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, P. (2011). *Rorschach Performance Assessment System: Administration, Coding, Interpretation, and Technical Manual*. Toledo, OH: Rorschach Performance Assessment System
- Mihura, J. L., Meyer, G. J., Dumitrascu, N., & Bombel, G. (in press). The validity of individual Rorschach variables: Systematic reviews and meta-analyses of the Comprehensive System. *Psychological Bulletin*.
- Miralles Sangro, F. (1996). Rorschach: *Tablas de localización y calidad formal en una muestra española de 470 sujetos* [Rorschach: Tables of location and form quality in a Spanish sample of 470 subjects]. Madrid: Universidad Pontificia Comillas.
- Miralles Sangro, F. (1997). Location tables, Form Quality, and Popular responses in a Spanish sample of 470 subjects. In I. B. Weiner (Ed.), *Rorschachiana XXII: Yearbook of the International Rorschach Society* (pp. 38-66). Ashland, OH: Hogrefe & Huber Publishers.
- Nascimento, R. S. G. F. (2008, July). *Experiences with the Rorschach Comprehensive System's Ego Impairment Index-II in Different Countries*. Symposium presented at the XIXth Congress of the International Rorschach Society, Leuven, Belgium.
- Parisi, S., Pes, P., & Cicioni, R. (2005). *Tavole di localizzazione Rorschach, Volgari ed R+ statistiche* [Rorschach location tables, Popular and R+ statistics]. Disponibili Presso l'Istituto.
- Perry, W., Minassian, A., Cadenhead, K., Sprock, J., & Braff, D. (2003). The use of the Ego Impairment Index across the schizophrenia spectrum. *Journal of Personality Assessment*, 80(1), 50-57.
- Perry, W. & Viglione, D.J. (1991). The Rorschach Ego Impairment Index as a predictor of outcome in melancholic depressed patients treated with tricyclic antidepressants. *Journal of Personality Assessment*, 56, 487-501.

- Reese, J., Viglione, D., Giromini, L. (2012, March). *Comparison between R-PAS and CS Administration with Children and Adolescents*. Paper presented at the annual meeting of the Society for Personality Assessment.
- Shaffer, T. W., Erdberg, P., & Haroian, J. (1999). Current nonpatient data for the Rorschach, WAIS-R, and MMPI-2. *Journal of Personality Assessment, 73*, 305-316.
- Shaffer, T. W., Erdberg, P., & Meyer, G. J. (2007). Introduction to the JPA Special Supplement on international reference samples for the Rorschach Comprehensive System. *Journal of Personality Assessment, 89*(S1), S2-S6.
- Takahashi, M., Takahashi, Y., & Nishio, H. (2009). *Rorschach Form Quality table*. Tokyo: Kongo Shuppan.
- Viglione, D. J. (2002). *Rorschach coding solutions: A reference guide for the Comprehensive System*. San Diego, CA: Author.
- Viglione, D.J. (2010). *Rorschach coding solutions: A reference guide for the Comprehensive System (2nd Edition)*.. San Diego: Author.
- Viglione, D. J., Converse, G., Jordan R. J., McCullaugh, J., Evans, J., MacDermott; D., Moore, R., & Meyer, G. J. (in preparation). *Investigation of a method to optimize the range of R on the Rorschach*.
- Viglione, D.J., & Hilsenroth, M. (2001). The Rorschach: Facts, fiction, and future. *Psychological Assessment, 13*, 452-471.
- Viglione, D.J. & Meyer G.J (2008). An overview of Rorschach psychometrics for forensic practice. In C.B Gacono & F.B. Evans with N. Kaser-Boyd (Eds.) *Handbook of Forensic Rorschach psychology*. (pp. 22-54). Matwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Viglione, D.J., Perry, W., & Meyer, G.J (2003). Refinements in the Rorschach Ego Impairment Index incorporating the Human Representational Variable. *Journal of Personality Assessment, 81*, 149-156.
- . Viglione, D. J., Ptucha, K., & Meyer, G. J. (2008, March). Findings from a new learners survey. In D. J. Viglione & G. J. Meyer (Co-Chairs). *Research to enhance the Rorschach*. Symposium presented at the annual meeting of the Society for Personality Assessment, New Orleans, LA.
- Viglione, D. J., & Rivera, B. (2003). Assessing personality and psychopathology with projective methods. In J. R. Graham & J. A. Naglieri (Eds.), *Handbook of Psychology:*

Assessment Psychology (Vol. 10, pp. 531-552). Hoboken, NJ: Wiley

Villemor-Amaral, A. E., Yazigi, L., Nascimento, R. S. G. F., Primi, R., & Semer, N. L. (2007).

Location, Form Quality and Popular Responses in the Rorschach CS in a Brazilian sample. Brazilian Congress of Psychological Assessment PB, Brasil.

Wood, J., Nezworski, M., Garb, H., & Lilienfeld, S. (2001). Problems with the norms of the Comprehensive System for the Rorschach: Methodological and conceptual considerations. *Clinical Psychology: Science & Practice*, 8, 397-402.

PARTE 2
TÉCNICAS PROJETIVAS, PRÁTICAS E CONTEXTOS DE
INTERVENÇÃO

ANSIEDADE SITUACIONAL DURANTE A APLICAÇÃO DO PSICODIAGNOSTICO DO RORSCHACH

Arlene Kely Alves de Amorim

Nídia Nóbrega Barbosa Sanchez

Élyman Patrícia Da Silva

Rebecca Pessoa Almeida Lima

Alexandre Coutinho de Mello

Yordan Bezerra Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO

A Psicologia Clínica tem por objetivo compreender o sujeito psicológico, e para tal utiliza-se de diversos métodos, que vão desde a enumeração, quantificação e comparação, até as técnicas que visam descrever aspectos psicológicos do sujeito que constituem sua singularidade.

Sustentado pelos modelos psicodinâmicos, o teste de Rorschach é considerado como um instrumento fundamental para a avaliação psicológica, pois proporciona a compreensão de informações importantes do funcionamento emocional, social e cognitivo. Surge assim, como um instrumento que permite mediar o acesso à realidade interna do sujeito e descrever o seu funcionamento mental (Teixeira & Marques, 2009).

Nos anos de 1917-1918 Hermann Rorschach deu início a um estudo mais sistemático do método com manchas de tinta para o diagnóstico psiquiátrico. Sendo que a primeira publicação oficial do teste veio apenas em 1921. Inicialmente Rorschach usava um total de 40 pranchas diferentes, logo reduziu para 15 e enfim, para as 10 das pranchas (Freitas, 2005).

O teste de Rorschach, como outros testes projetivos, baseia-se no fato de que a pessoa a ser testada, ao procurar organizar uma informação ambígua, projeta aspectos de sua própria personalidade. Assim, tem no conceito de projeção, utilizado

inicialmente por Freud como um mecanismo de defesa, através do qual o indivíduo atribui de maneira inconsciente características negativas da própria personalidade a outras pessoas. Alguns teóricos, defensores dos testes projetivos, apontam que eles possuem duas grandes vantagens: "enganam" os mecanismos de defesa do indivíduo e permitem ao avaliador do teste ter acesso a conteúdos não acessíveis à consciência do indivíduo testado (Sociedade Rorschach de São Paulo, 2008).

O teste compõe-se, como já dito, de 10 pranchas diferentes, algumas com manchas coloridas, outras são pretas e brancas. O aplicador do teste apresenta as pranchas, sempre na mesma ordem, à pessoa que está sendo testada com a pergunta: "o que poderia ser isto?". Apesar de as pranchas serem sempre apresentadas na mesma posição, a pessoa pode virá-las à vontade. E pode dar quantas respostas quiser (Gonçalves & Pereira, 2001).

Após a aplicação a principal tarefa do examinador é a interpretação. Cada resposta é classificada de acordo com: *a localização*, ou seja, se a mancha é vista como um todo ou apenas em uma parte; *o determinante*, ou seja, que aspecto da mancha foi mais relevante para a resposta do sujeito: a forma, a cor, o movimento; *o conteúdo*, diz respeito ao que o sujeito viu na mancha; *a originalidade* ou *banalidade* da resposta, considera se a resposta é comum ou muito rara. Uma vez interpretadas as respostas, são somadas para que seja possível a análise quantitativa (Gonçalves & Pereira, 2001).

Com todos esses dados em mão o examinador do Rorschach obtém um perfil da personalidade da pessoa testada. O qual esse perfil pode auxiliar, por exemplo, no diagnóstico clínico de um transtorno mental. O mesmo é experienciado, pelos sujeitos avaliados, como uma situação traumática definida como uma situação desencadeadora de uma energia excessiva que bloqueia as vias normais da elaboração do Eu. Isso resulta da confrontação com ambigüidade entre o estímulo e a instrução dada. O teste, no que diz respeito à resolução dos conflitos pode provocar angústia, quando existe ineficácia da utilização dos mecanismos de defesa. E tal angústia tem relação direta com as situações experienciadas anteriormente como angustiantes (Salsinha, 2010).

Porém, durante a exposição do sujeito às lâminas, uma exacerbação dos sintomas quando a pessoa se coloca diante de eventos estressantes, não necessariamente desagradáveis. Na técnica de Rorschach, isto pode ser indicado, por

exemplo, pelo tempo de reação (TR) médio acelerado (menos de dez segundos) no protocolo e pela incidência do variável espaço branco (S). A falta de juízo crítico, observável nos pacientes com ST, também pode ser avaliada pelo índice de "espaço branco" (S) do protocolo (Bastos e Vaz, 2009).

Dessa forma, a situação de aplicação do teste proporciona ao participante inevitavelmente uma situação de desconforto, podendo levar a sentimentos angustiantes característicos da ansiedade, que pode ser situacional ou mesmo presente em outros contextos da vida do sujeito, e não somente durante a aplicabilidade do teste.

O tema da ansiedade vem sendo descrito como um fenômeno relacionado a uma situação atual, compreendido como reativo à realidade em que o sujeito está inserido. O problema da ansiedade encontra-se quando ela excede os níveis que favorecem a adaptação, originando sintomas que interferem demasiadamente na qualidade de vida do sujeito (Teixeira & Marques, 2009).

A ansiedade se configura como um dos fenômenos mais comuns na prática clínica, porém sempre foi um desafio a sua compreensão teórica. Freud citou que para tal seria necessário "Encontrar as ideias abstratas corretas, cuja aplicação ao material da observação nele produzirá ordem e clareza". Ela configura-se como um estado afetivo com correspondentes inervações de descarga, tendo sua origem em uma situação considerada pelo sujeito como importante (Goldgrub, 2010).

Ao que parece, a geração da ansiedade surge primeiro, e a formação dos sintomas, vem depois, como se os sintomas fossem criados a fim de evitar a irrupção do estado de ansiedade. De tal modo, que se conclui que a ansiedade é decorrente daquilo que é intimidador, ou seja, a própria libido, cujas primeiras manifestações se expressam pela exigência de exclusividade amorosa em relação às figuras parentais, quadro que pertence à situação edipiana (Goldgrub, 2010).

Isso corrobora com estudos de Freud que faz uma reinterpretação da ansiedade de acordo como o processo de constituição do sujeito. Freud descreveu a ansiedade como conseqüência das relações do ego com seus três "interlocutores": id, superego e realidade, resultando respectivamente nas ansiedades neurótica, moral e "realística", esta última derivada do embate com o mundo externo.

Dessa forma, tendo em vista que o foco deste trabalho é descrever um caso de ansiedade situacional ocorrido durante a aplicação do teste de Rorschach, pretendeu-se verificar que elementos do teste poderiam demonstrar tais indícios de ansiedade, tendo por base os autores que afirmam existir ansiedade decorrente do teste.

MÉTOD

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo de caso, em uma abordagem de cunho qualitativo e quantitativo, do tipo descritivo, fundamentado no aporte da teoria psicanalítica.

Lócus

A pesquisa foi realizada na clínica escola de psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

Amostra

O presente estudo foi desenvolvido com um sujeito de 20 anos, do sexo masculino, com a idade de 20, seu nível de ensino é superior incompleto.

Técnicas utilizadas

Neste estudo, utilizou-se o Método de Rorschach que é uma técnica bastante utilizada em vários contextos, com o intuito de avaliar a personalidade para fins diagnósticos e indicação de tratamento (Farah & Amaral, 2008).

Com o Rorschach é possível ter acesso tanto aos aspectos conscientes quanto aos aspectos inconscientes, bem como identificar aspectos da personalidade do indivíduo que possam estar relacionadas à ansiedade sentida durante a aplicação do teste.

Procedimento

Inicialmente foi preparada a sala para a aplicação do Rorschach, sendo esta realizada durante o período da manhã em uma das salas da Clínica Escola de Psicologia

da Universidade Federal da Paraíba, ambiente esse considerado adequado para a aplicação da técnica. A participação do sujeito se deu de forma convidativa.

A aplicação ocorreu em três etapas, sendo elas: a associação livre, o inquérito e outra na qual foi solicitado ao sujeito que escolhesse as lâminas das quais mais gostou e as que menos gostou. Quanto ao aplicador, o mesmo instruiu o sujeito para a realização do teste, mostrando-o as lâminas e anotando o discurso do sujeito, e os tempos de resposta.

Tal aplicação procedeu de acordo com o preconizado por Gonçalves e Pereira (2001), na qual no momento da aplicação o sujeito esteja sentado em uma cadeira com o ângulo de 90º em relação ao examinador. Em seguida foi realizado um *Rapport*. A posteriori, foi esclarecido ao sujeito que seria apresentado uma sequência de cartões, e que ele deveria demonstrar por meio da fala o que ele enxerga em cada uma das lâminas. Lembrando que não há repostas certas ou erradas, sendo importante que no momento de qualquer dúvida ele solicitasse para que esclarecêssemos.

Análise e interpretação dos dados

Para a análise e interpretação dos dados adotou-se o referencial teórico e metodológico da psicanálise. E, para o método do Rorschach tomou-se como referência a escola francesa (Anzieu, 1979; Chabert, 2004; Traubenberg, 1998).

RESULTADOS

Análise Quantitativa

Nesta análise teve-se por base elementos intelectuais como: produtividade e ritmo, e como outras análises também destacamos o nível de adaptação e realidade vivenciado pelo participante.

Assim, quanto aos elementos Elementos Intelectuais, no que se realaciona a produtividade, o examinando do presente estudo apresentou 15 respostas, o que pode ser considerado como uma baixa produção, e indicar defesa paranoide,

acentuada inibição, resistência à tarefa, pobreza intelectual, bloqueio emocional, estados depressivos, pobreza cultural.

Já quanto ao ritmo, o tempo de resposta do avaliando foi considerado rápido o que indica uma conduta imaginante e elevada ansiedade situacional. Corroborando os estudos preconizados na introdução. Em relação às lâminas cromáticas e acromáticas, temos que tempo médio de resposta às lâminas Cromáticas foi consideravelmente menor (16,6'') do que o tempo médio de resposta às lâminas Acromáticas (29,2'').

Quanto ao nível de adaptação, é dado pela proporção dos conteúdos animal, humano inteiro e dos detalhes (A + H: Ad + Hd). No jovem avaliado os perceptos inteiros predominaram o que revela a espontaneidade do indivíduo.

Pelo índice de realidade do sujeito obteve o índice de 5, valor esse que o caracteriza como normal, com boa relação de espaço, tempo e valores.

Análise Qualitativa

Para esta análise teve-se por base a indicação de análise do Teste de Rorschach Gonçalves e Pereira (2001) que sugerem um julgamento das lâminas baseadas na interpretação da subjetividade do sujeito e de acordo com os manuais de interpretação do Rorschach.

Dessa forma, na lâmina I o examinando apresentou um fenômeno especial de resposta em interrogativa, o que indica que o mesmo tenha uma cobrança em si mesmo de dar a resposta correta. O sujeito também apresentou uma resposta do tipo "ou", o que sugere insegurança, medo de responsabilidade ou julgamento.

Na lâmina II, o sujeito, assim como os indivíduos mais cultos percebe a simetria ao expressar: "É aqui é tudo simétrico", o que configura o fenômeno especial acentuação da simetria. A resposta com conteúdo familiar dada pelo sujeito, os animais interagindo, indicam um dado positivo para o diagnóstico. A exclusão da parte vermelha nessa lâmina sugere o fenômeno especial choque ao vermelho.

Pela análise da terceira lâmina ocorreram conteúdos humanos, identificando-os como femininos, o que sugere uma boa identificação sexual do mesmo. O bom desempenho do sujeito visto nessa lâmina caracteriza que ele teve um relacionamento satisfatório com as figuras parentais e que isto se refletiu no relacionamento social.

O avaliado visualizou um monstro na lâmina IV: que sugere uma resposta do tipo G, F+, o que significa que apesar do sujeito ter tido uma ligeira dificuldade nesta lâmina, ele conseguiu sintetizá-la o que sugere uma boa organização do mesmo.

Na V o sujeito girou a lâmina várias vezes e depois apresentou uma resposta universal e banal, morcego, o que indica uma boa aceitação da realidade. O mesmo ainda apresentou um fenômeno especial de inverter o estímulo sem inverter a lâmina.

A Lâmina VI, que é a lâmina sexual por excelência, o jovem na associação livre a rejeitou, porém no inquérito apresentou um fenômeno especial, chamado de rejeição vencida, pois deu uma resposta adicional e banal .

A resposta dada a lâmina VII, apresentou um conteúdo cinestésico feminino normal, o que indica uma não perturbação na relação mãe-filho do sujeito.

Por fim, a lâmina VIII, foi a segunda lâmina que o jovem mais gostou, e apresentou o menor tempo de resposta. Na IX, o sujeito girou a lâmina algumas vezes e deu risadas e a última, foi a lâmina que o sujeito mais gostou (Gonçalves & Pereira, 2001).

Como uma síntese dinâmica dessas respostas, estende-se que o sujeito avaliado conseguiu integrar de forma dinâmica todos os elementos de maior incidência e que se manifestaram de forma mais marcante em todo o protocolo, como é o caso da ansiedade. Pela análise feita, é possível identificar os elementos que possam indicar comprometimentos da personalidade, bem como os recursos existentes, mas o examinando motra ter surpresa em algumas laminas e superar tal situação no decorrer do teste. Dessa forma, o jovem demonstrou boa capacidade intelectual, raciocínio lógico, boa adaptação da realidade e traços elevados de ansiedade situacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando-se o perfil do sujeito avaliado, pode-se concluir que o mesmo possuiu características de ansiedade situacional durante a aplicação, tendo em vista que a aplicadora era do sexo feminino e o avaliado do sexo masculino. O avaliado também se demonstrou muito ansioso, devido a sua fala muito rápida, chegando até a gaguejar e a produzir muitas respostas em um pequeno espaço de tempo.

Vale ressaltar que a psicanálise é a base teórica que fundamenta a técnica de Rorschach, reforçando que a terapia psicanalítica traz subsídios para um tratamento eficaz para a ansiedade, tendo em vista que pessoas acometidas dessa patologia, como o do examinando, trazem consigo um processo construído gerador de ansiedade, enraizada desde muito cedo, o que reforça uma identificação assertiva do Rorschach em relação à ansiedade percebida nas respostas das lâminas.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1979). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA.
- Bastos, A. G., Vaz, C. E. (2009). Estudo correlacional entre neuroimagem e a técnica de Rorschach em crianças com síndrome de Tourette. *Aval. psicol.*, Porto Alegre, 8 (2).
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. São Paulo: Vetor (Obra original publicada em 1998).
- Cunha, I. M. G. D. & Marques, M. E. (2009). *A construção do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s): O igual, o diferente e o complementar através do Rorschach*. Análise Psicológica.
- Farah, F. H. Z. & Amaral, A. E. V. (2008). *O transtorno do pânico e o Rorschach no sistema compreensivo*. Boletim de Psicologia.
- Freitas, M. H. (2005). As origens do método de Rorschach e seus fundamentos. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, 25(1).
- Goldgrub, F. (2010). *As teorias da ansiedade e das pulsões em Freud*. Revista São Paulo.
- Gonçalves, C. M. T. S. & Pereira, M. J. M. *O psicodiagnóstico de Rorschach e sua análise*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- Salsinha, H. (2010). *Técnica Projectiva de Rorschach*. Trabalho de curso.
- Teixeira, V. & Marques, M. E. (2009). *O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/para a técnica Rorschach*. Análise Psicológica.
- Torres, J. M. A. (2010). O Teste Rorschach na história da avaliação psicológica. *Rev. NUFEN*, São Paulo, 2(1).

Traubenberg, N.R. (1998). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica Ltda.

APLICAÇÃO DO THEMATIC APERCEPTION TEST (T.A.T.) COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA PSICOTERAPIA BREVE

Rosa Maria Lopes Affonso

Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Anne Prado Faria

Psicóloga, ex-aluna da Universidade Presbiteriana Mackenzie

INTRODUÇÃO

A Psicoterapia Breve (PB) têm suas origens na Psicanálise e surgiu quando alguns psicanalistas e teóricos da época de 1930 começaram a discordar de algumas posições de Freud, no que diz respeito à teoria e técnica. (Gillieron, 1983/1986) Dentre elas, principalmente, no que diz respeito a atitude do terapeuta no processo, tais como: a postura ativa do terapeuta em contraposição à neutralidade e passividade do psicanalista tradicional e a maior flexibilidade contra a cristalização da técnica que imperava sobre a Psicanálise nos anos 40 (Santeiro, 2005)

Desde então, muitos teóricos e pesquisadores estiveram envolvidos na evolução das PBs em âmbito internacional e nacional para que ela se tornasse uma prática desvincilhada da Psicanálise. Segundo Braier (2000), deve-se ser cauteloso ao se conceituar as PBs, não considerando-as como um tipo de “psicanálise encolhida”. Além da questão do tempo, fundamental para a técnica, embutida em seu próprio nome “Breve”, a técnica da PB é sim delimitada temporalmente de modo circunscrito, mas também deve responder a outros critérios, como: estabelecimento de ‘foco’ a ser trabalhado, ‘objetivos’ a serem atingidos e a exigência de um planejamento estratégico.

Trad (1997), outro estudioso do assunto, conceitua a PB da seguinte forma: “A psicoterapia breve, ao contrário da psicoterapia de tempo indeterminado, trata-se de um esforço pragmático, cujo objetivo específico é operar uma mudança ou modificação perceptíveis nos padrões interpessoais”. Este pragmatismo é muitas vezes imposto por questões sociais e institucionais; a PB foi ganhando força e mais adeptos

em instituições à medida em que proporcionava o atendimento em menos tempo para uma instituição com grande volume de pacientes. (apud Santeiro, 2005)

Sendo assim, a Psicoterapia Breve têm se expandido nas últimas décadas como forma de estender os atendimentos psicológicos a uma parcela mais ampla da população. Além de se expandir nas instituições, têm aumentado seu uso em consultórios particulares. Isso ocorre porque os pacientes estão cada vez mais procurando uma psicoterapia que trabalhe com problemas específicos, e muitas vezes não tem condições ou motivação para se envolverem em um processo psicoterápico prolongado. (Oliveira, 1999)

Segundo Braier (2000), os objetivos da técnica da PB podem colocar-se em termos de superação de sintomas e problemas atuais da realidade do paciente, visando que este possa enfrentar situações conflituosas de forma mais adequada e recuperar sua capacidade de desenvolvimento. Entretanto, a resolução destes 'problemas imediatos' e o alívio sintomático devem corresponder à obtenção de um *princípio de insight* do paciente a respeito de conflitos adjacentes; significando que é também proposto que se tornem conscientes os conteúdos inconscientes, como na psicanálise, porém esta não é a meta principal (de exploração do inconsciente) como na psicanálise.

A Psicoterapia Breve é, portanto, uma intervenção terapêutica com tempo e objetivos limitados. Deve-se delimitar um foco baseado, muitas vezes, em uma avaliação diagnóstica, buscando-se objetivos a serem alcançados e um determinado tempo (que pode ou não ser preestabelecido), por meio de estratégias clínicas específicas. Desta maneira, a PB precisou então se alicerçar em um "tripé que envolve foco, estratégias e objetivos". (Oliveira, 1999)

A partir de um planejamento para a psicoterapia, no qual o profissional se torna muito mais ativo e criativo, torna-se importante também o olhar sobre a técnica (prática). Muitos estudiosos da área (Braier, 2000; Gillieron, 1983; Oliveira, 1999; Santeiro, 2005; Yoshida, 2004) começam a questionar e avaliar os resultados da PB, bem como a evolução dos pacientes durante o processo, e além disso, se estes seriam duradouros, apesar de circunscritos.

Braier (2000) afirma que a experiência clínica tem demonstrado que o método de psicoterapia breve pode-se obter efeitos terapêuticos benéficos e duradouros que

podem ser verificados por acompanhamento após o término do processo. Entretanto, os resultados positivos devem ser investigados a partir de critérios dinâmicos, ou seja, indagando-se sobre sua natureza íntima, alcance e estabilidade. Entre os resultados favoráveis registrados, é possível mencionar: alívio ou supressão dos sintomas; mudanças em relação a situação-problema; consciência da enfermidade psíquica; elevação, recuperação ou auto-regulação da auto-estima; modificações favoráveis em diversas áreas da vida do sujeito; projetos para o futuro, modificações na estrutura da personalidade.

Independente de quais seriam os ganhos da PB, a avaliação do processo (resultados terapêuticos) é muito importante, pois tem a finalidade primordial de verificar se estão sendo cumpridos os objetivos traçados no início. E com base nesta avaliação, traçar os caminhos a serem seguidos, como: 1- renovação de objetivos e foco, quando estes já foram solucionados ou quando não são mais relevantes ao paciente; 2-encerramento do processo; 3- encaminhamento para outro tipo de psicoterapia, considerando as limitações da técnica da PB.

Considera-se este processo de avaliação muito subjetivo, pois envolve sempre o relacionamento entre paciente- profissional, e aspectos da personalidade de ambos. Com isso, Braier (2000) propõem alguns itens a serem avaliados no processo de avaliação da evolução do paciente, tais como: 1- Insight da Problemática Focal (I.P.F.), 2- resolução da problemática Focal (R.P.F.), 3- melhoria sintomática (M.S.), 4- consciência da enfermidade, 5- auto –estima, 6- outras modificações favoráveis (vida sexual, relações interpessoais, estudo, trabalho e lazer), 7- projetos para o futuro.

Além destes critérios, o autor menciona a importância do uso de testes psicológicos. Efetuando-se a reaplicação de um instrumento utilizado no Psicodiagnóstico, permite-se ampliar a observação das modificações obtidas. Observa-se que este processo é pouco mencionado na literatura e pouco utilizado na prática clínica.

Sabe-se e é quase unânime na área da psicodinâmica a importância do uso de testes psicológicos para o psicodiagnóstico, mas ainda é pouco conhecida ou estudada a importância da utilização dos mesmos para a avaliação do processo psicoterápico, principalmente na Psicoterapia Breve. Pensando nestes aspectos, o presente trabalho se ateve em avaliar, através de um caso clinico de psicoterapia breve, e com a

contribuição do teste projetivo Thematic Aperception Test- T.A.T, a evolução da paciente durante o processo.

A expressão 'métodos projetivos' foi criada em 1939, e usada para designar um conjunto de instrumentos que procuravam avaliar o indivíduo naquilo que ele tem de singular. Desta maneira, se diferenciou das técnicas psicométricas, de tradição na época, que visavam uma classificação com procedimentos quantitativos e normativos. (Silva, 1989)

A definição para "projeção", que explica o uso da expressão métodos projetivos, proposta por Laplanche-Pontalis (1974 apud Silva, 1989) nos esclarece esse conceito (que se diferencia de projeção como mecanismo de defesa): "o sujeito percebe o meio ambiente e responde ao mesmo em função de seus próprios interesses, atitudes, hábitos, estados afetivos duradouros ou momentâneos, esperanças, desejos, etc" (p.318).

Isso supõe que há sempre uma interação dinâmica entre o mundo interno do indivíduo e os objetos do mundo externo, criando-se uma terceira realidade. A esta percepção da realidade, Bellak (1947) propõem o termo "apercepção", que significa que a percepção do mundo externo teria sempre um componente subjetivo. Ou seja, de acordo com as condições internas do sujeito, e suas necessidades momentâneas, o contexto com que se dirige ao objeto irá mudar, e por consequência sua percepção sobre ele também, podendo até mesmo "falsear" a realidade. (Silva, 1989)

Desta maneira, a autora supõe que: "existe um *continuum* no que tange a percepção que iria, teoricamente, desde uma percepção totalmente objetiva até a distorção aperceptiva extrema, que implicaria uma perda de contato com a realidade." (p. 2)

Nos testes projetivos busca-se favorecer ao máximo o aparecimento de conteúdos internos do sujeito, por este motivo é fornecido o mínimo de estímulos externos possíveis. Assim, esses estímulos que compõe o material destes testes devem ser pouco estruturados, assim como as instruções para realiza-lo, que devem propiciar a liberdade no uso do material, para que não induza um direcionamento de resposta. Desta forma é composto o teste aqui em questão, TAT de Henry Murray, que procura explorar a personalidade do testando através de figuras que podem representar

diversas situações, as quais o sujeito deve criar uma história (por isso é um teste temático).

Murray partiu do pressuposto que cada sujeito iria experimentar uma mesma situação de maneira diferente, de acordo com sua perspectiva pessoal. Esta maneira pessoal de elaborar uma experiência revelaria a atitude e estrutura do indivíduo frente à realidade, na qual ele poderia expressar sentimentos, lembranças, ideias; e assim, o terapeuta teria acesso a personalidade subjacente deste indivíduo. Personalidade esta, vista por Murray como um compromisso entre os impulsos e as demandas do ambiente. (Silva, 1989)

O material do TAT consiste em 31 pranchas que representariam “situações humanas clássicas”, segundo Murray, que possibilitariam uma certa “distância psicológica” que favorecesse a projeção de desejos e tensões, sem que essa distância seja tão acentuada que inviabilize a identificação com a personagem.

Neste trabalho serão abordadas apenas 4 pranchas, que foram escolhidas de acordo com os conteúdos trabalhados em psicoterapia do caso em questão, sendo levado em consideração o foco e objetivo dos atendimentos. Portanto, pretende-se avaliar os benefícios de um tratamento psicoterápico breve através de um instrumento de avaliação psicológica projetivo.

OBJETIVOS

Pretende-se analisar a evolução do processo terapêutico de psicoterapia breve à partir do atendimento de um caso clínico. Consequentemente, propor a importância da avaliação do processo psicoterápico para o paciente e terapeuta.

Outro objetivo é demonstrar como a reavaliação de um teste projetivo usado no processo de Psicodiagnóstico, neste caso o TAT (Thematic Aperception Test), pode ser usado no processo de avaliação da psicoterapia para evidenciar os ganhos e mudanças favoráveis do paciente ocorridas durante o processo.

MÉTODO

Para avaliação de resultados foi utilizado um método comparativo de trechos de quatro pranchas do TAT que foram aplicadas em psicodiagnóstico, no início do tratamento, e reaplicadas ao término do processo psicoterapêutico, após 40 sessões (período de dois anos). Além disso, foram utilizados recortes de sessões a respeito dos atendimentos e da realização do teste, sempre mantendo o objetivo principal de demonstrar a Evolução do caso.

Foi escolhido o teste TAT como instrumento contribuinte para avaliação da evolução do processo, pois, entre diversas variáveis que avalia (já discutidas anteriormente), tem como principal função avaliação do grau de percepção da realidade do paciente.

Para avaliar a evolução da psicoterapia do caso em questão, será utilizado o processo sugerido por Braier (2000), no qual ele sugere que se avalie alguns aspectos principais, tais como: Insight da problemática focal, resolução da problemática focal, melhoria sintomática, consciência da enfermidade, auto-estima, modificações favoráveis (relações interpessoais, trabalho, lazer, vida sexual, estudo), e projetos para o futuro.

Cada item será avaliado com a contribuição do teste TAT e com destaques de falas da própria paciente durante o processo. Para que fique claro, sempre será referido o conceito de cada item segundo o autor.

Apresentação do Caso

A paciente é uma mulher de 48 anos, de ensino médio completo, que trabalha de maneira autônoma como esteticista . É solteira, mas têm uma relação estável há 25 anos com um senhor bem mais velho que ela. Tem também uma relação de amante há 6 anos com um homem casado. Sua única filha, de 28 anos, cometeu suicídio um ano antes de a paciente vir procurar atendimento psicológico. Esta filha foi criada pela avó materna, desde o seu nascimento, quando a paciente saiu de sua cidade e veio para São Paulo.

Sua mãe sempre culpabilizou a cliente pelo abandono e pela morte da filha. Após o nascimento de sua filha, já em São Paulo, teve 9 abortos espontâneos sem causa específica com o atual companheiro.

Veio encaminhada pelo médico por causa de seus sintomas: insônia, diversas fobias e suspeita de síndrome do Pânico. Estes sintomas, segundo a própria paciente ficaram mais evidentes depois da morte de sua filha. Apesar de seus sintomas somáticos exacerbados, da perda recente da filha, e de seus abortos, a paciente trouxe como prioridade para psicoterapia sua dificuldade nos relacionamentos amorosos.

O foco inicial esteve voltado para representação e responsabilidade no exercício de seus papéis femininos com o objetivo de estabelecer relações de seus sintomas psicossomáticos com seus relacionamentos afetivos.

É importante ressaltar que no primeiro ano de psicoterapia, seus sintomas psicossomáticos desapareceram quase por completo, conforme ela pôde entrar em contato com sua afetividade. Este processo foi fundamental, para seu desenvolvimento no processo psicoterápico seguinte que teve duração de mais um ano com reestabelecimento de foco e objetivos.

Nesta segunda etapa da psicoterapia breve (segundo ano) o foco inicial foi mantido em sua essência, porém direcionado à reavaliação de sua imagem enquanto esposa, mãe e filha. Já que o grande desejo atual admitido pela cliente foi de constituir uma família. Este desejo que ela negou, por não ter entrado em contato, durante todo o primeiro ano de psicoterapia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando facilitar a compreensão do método escolhido, aqui serão exibidos os resultados, de maneira comparativa, das quatro pranchas do TAT aplicadas durante o Psicodiagnóstico e ao Término dos atendimentos. Logo depois, será feita análise interpretativa de acordo com as normas do próprio teste, e comparação entre as duas fases de aplicação, sendo evidenciadas as mudanças significativas. Além disso, serão utilizados trechos de falas da paciente durante os atendimentos e aplicação do teste, afim de contribuir para análise da evolução do processo.

Prancha 2: avalia as relações familiares, percepção do ambiente e nível de aspiração; pode evocar relações heterossexuais; referente aos papéis femininos (maternidade x realização profissional).

Resultados do Psicodiagnóstico:

História: “Ah, eu vejo uma moça como se estivesse reprimida (...) como se estivesse sendo obrigada a ir a escola, ou como se não estivesse feliz de fazer isso. A moça (se referindo a mulher grávida) não ligando para ela. Não sei o que é dela, é como se estivesse forçada. É um lugar sombrio (...) essa senhora (se referindo à mulher grávida) fez alguma coisa para ela, como se estivesse olhando para o horizonte e não estivesse nem aí pelo que a outra estivesse pensando.”

Inquérito: (T) Qual é o título da história? (P) Temporal. (T) O que aconteceu antes? (P) Ela não estava querendo obedecer essa senhora, ou por ter mentido; desapontou ela (...) é como se ela não desse importância ao que a moça estava falando. (T) Como era o relacionamento entre elas? (P) Não é bom, não se entendem. (T) O que estava pensando? (P) A moça pensando que a senhora poderia ser mais paciente e atenciosa com ela, talvez por algum problema que não desse atenção. (T) Como é o desfecho? (P) A filha ficando chateada por falta de atenção.

Resultados do Término dos atendimentos:

História: “Eu acho que é uma pessoa resolvendo algum aspecto de crescimento. Prosperar no seu crescimento, tanto de trabalho...mostrando responsabilidade.”

Inquérito: (T) Quem é essa pessoa? (P) Pode ser eu ou minha irmã (aponta para a jovem com livros); a senhora (se referindo à grávida) é minha mãe...resolvendo, ou pensando, ou esperando pelos filhos, ou pela filha. (T) Esperando pelo que? (P) Pela volta de um desses quatro filhos que estão ausentes muitos anos. (T) Qual a relação entre as duas? (P) Uma relação não tão próxima, mas uma relação que pode acontecer. (T) Você consegue contar uma historia sobre a imagem? (P) Vejo uma família.. um pai, um trabalhador prosperando com seu campo...a companheira auxiliando (se referindo à grávida), ela é a mãe... uma relação familiar muito boa. (T) O que eles pensam e sentem? (P) A moça deve estar feliz; a senhora argumentando algo

e parabenizando seu marido pela terra; o marido aceitando a opinião. (T) Pode dar um título? Família

Mudanças significativas:

Projeção / identificação projetiva muito maior da segunda vez, se coloca na história. Talvez por isso encontrou maior dificuldade de elaborar uma história no começo. Deve-se levar em consideração que esta foi a primeira prancha aplicada ao Término, mas foi a segunda no Psicodiagnóstico, onde foi realizado o teste TAT completo.

Na primeira, há uma relação conflituosa e um ambiente desagradável de falta de atenção, além do título que indica algo “turbulento” e conflitante como um temporal, talvez uma explosão e confusão de sentimentos e pensamentos. Não consegue distinguir papéis, “não sei o que a mulher é dela” (sic).

Na segunda parece uma busca individual, e a outra personagem parece não interferir tanto na atitude da principal, ela apenas “espera”. A relação não é tão próxima, mas pode ocorrer. Indica planos para o futuro, e possível investimento na relação.

Quando incentivada ela conta outra história, e esta envolve a família, e pela primeira vez aparece a figura do homem ocupando o lugar de pai na história. O título é família, e parece que retrata uma relação um pouco idealizada, mas ao mesmo tempo demonstra o desejo de fazer parte deste ambiente de compreensão e apoio, o que demonstra planos para o futuro.

Na primeira a mulher (herói da história) está reprimida e sendo obrigada a fazer algo, na segunda a mulher está resolvendo aspectos de crescimento e prosperando com responsabilidade. Percebe-se maior autonomia, maior capacidade de resolver problemas e deixa de se colocar no lugar de vítima, começa a perceber sua parcela de culpa e responsabilidade sobre os fatos de sua vida.

Prancha 4: Esta prancha trabalha os conflitos nas relações heterossexuais; conflitos de controle x impulso.

Resultados do Psicodiagnóstico:

História: “Aqui para mim é uma cena de carinho, é como se ele estivesse sentindo algo e ela o consola, afaga por algum motivo...só”

Inquirito: (T) Qual o título da história? (P) Momento. (T) O que aconteceu antes? (P) Acho que ele estava com problema pessoal, emocional, e que ela o aconselhou, dando apoio. (T) Qual era o problema? (P) Ela não sabe. (T) Explique melhor. (P) Ele não falou para ela; tentava descobrir, mas sem saber ela o apoiava. (T) Como era o relacionamento entre eles? (P) Não é ruim e não é bom. Estável. (T) O que estava pensando? (P) Que ele pudesse confiar e se abrir mais com ela. (T) E como é o término? (P) Ele tendo mais conceito dela, mesmo sem saber ela dá força e tenta compreendê-lo.

Resultados do Término dos atendimentos:

História: “Aqui eu vejo um casal. O rapaz está um pouco rude...ela está tentando falar algo, mas ele não quer ouvi-la. Ela assim, tem um jeitinho muito meigo e dócil. É como se ela quisesse que ele observasse mais os sentimentos dela e desse importância ao que ela tem que falar. Como se ele não desse atenção ao que é importante para ela.”

Inquirito: (T) O que é importante para ela? (P) Os sentimentos, pensamentos... o que pensa a respeito dela. (T) O que dá a impressão de que ele não presta a atenção? (P) O olhar dele, pelo gesto. Pelo olhar dela, ela é muito apaixonada. Como se os interesses dela não fossem os mesmos que os dele. (T) O que ela quer falar? (P) Quer falar a respeito dos projetos que ela tem, de como ela gostaria de ser feliz completamente. (T) O que falta para ela? (P) De uma família. (T) Esse homem não tem os mesmos interesses? Quais são os dele? (P) Não. Não sei. (T) Qual o título da história? (P) Diálogo

Mudanças significativas:

Na primeira, o herói é masculino e está recebendo apoio da mulher. Parece que ele não confia nela para expor seus problemas. Esse apoio aparece de maneira superficial, pois o único resultado é que ele aumenta seu conceito sobre ela.

Acredito que neste momento ainda era muito difícil para paciente expor seus problemas, mas busca ser compreendida e apoiada. Ela se coloca no papel masculino

da história porque não consegue se colocar neste papel de quem cuida e apoia, e para não se sentir culpada se coloca como homem se distanciando da figura feminina.

Na segunda o herói é feminino, o que já pode demonstrar maior contato com si própria. Há uma clareza maior de seus interesses e uma possibilidade de comunicação com o outro. Entretanto parece que ele não quer ouvir e não tem os mesmo interesses.

A percepção de si e da situação, ou seja, sua percepção da realidade está muito melhor, mas ainda falta uma percepção e reconhecimento dos desejos e necessidades do outro. Este aspecto ainda pode estar atrapalhando seu modo de se relacionar.

Como interesse principal, “para ser feliz completamente” (sic), ela coloca a família, que foi foco dos atendimentos. E percebe que este companheiro não tem os mesmos interesses, ou seja, que ele não vai conseguir lhe proporcionar o que deseja.

Prancha 7: Esta prancha investiga a relação com a figura materna; problemática referente à maternidade.

Resultados do Psicodiagnóstico:

História: “Ah..aqui para mim é uma criança desconsolada, com uma boneca. A mãe está tentando consolá-la ou está lendo um livro aqui para ela. O jeitinho dela é como se ela estivesse triste ou que tivesse feito alguma coisa que não sei... e aqui a mãe está tentando distraí-la de alguma coisa, lendo um conto infantil, só.”

Inquirito: (T) Qual o título da história? (P) Não sei dar um título a essa história. (T) O que aconteceu antes? (P) Eu acho que essa menininha deveria estar, como é que se fala...sendo influenciada, ou a mãe tivesse falado sobre o que ela deveria fazer... (T) Como é o relacionamento?(P) Pelo jeito ali não é muito bom, também não é muito ruim, é uma coisa despercebida, pela carinha da menina.(T) O que estava pensando? (P) Mesmo a mãe falando, a menininha não está querendo ouvir.(T) E como é o término? (P) Termina com a menina se ausentando, partindo.

Resultados do Término do tratamento:

História: “Aqui eu vejo a mãe preocupada com sua filha ou talvez lendo uma história...contando sobre o bonequinho que ela finge ser uma criança. Explicando que

ela tinha que deixar esse boneco por algum motivo que ela não possa levar...e já preparando a filha para algo que pode acontecer futuramente e ela possa estar preparada.”

Inquérito: (T) Com o que a mãe está preocupada?(P) Preocupada com essa criança..de ela vir a ter um tropeço, uma decepção lá fora e de repente não poder protegê-la... então ela já está preocupada. (T) O que pode acontecer?(P) Talvez um amiguinho machucá-la... o desapego do brinquedo...os altos e baixos da vida.(T) Porque a filha tem que deixar o brinquedo?(P) Porque ela... não pudesse estar levando o boneco.. para escola ou para algum passeio. A mãe conta uma história para ela, para que ela não se sinta triste. Com esse brinquedo ela se sente mais segura. (T) Como termina? Mesmo com todo esse cuidado não foi o suficiente para ela se sentir segura. (T) O que faltou? (P) Talvez a compreensão.(T) Qual o título? (P) Preocupação

Mudanças significativas:

Na primeira, se identifica com o papel da criança (filha) desconsolada, indefesa e passiva aos desejos e decisões da mãe. Mais uma vez em uma posição de vítima (“sendo influenciada”- sic), com pouca ação e poder de decisão sobre a situação.

A relação despercebida pode indicar como elas não conseguem se perceber e se comunicar para avaliar os desejos e necessidades presentes, uma relação pouco investida. O final da história pode indicar que diante do conflito, ela se ausenta e foge do problema sem resolvê-lo.

Já na segunda ela consegue se colocar no papel de mãe e reavaliar a situação por outro ângulo. A mãe quer protegê-la e prepará-la para decepções futuras. Ainda assim, ela ainda está no papel da filha (criança) que não pode levar a boneca. A mãe tenta prepará-la para o “desapego do brinquedo”, pois com o brinquedo ela se sente segura, mas não pode levá-lo.

Parece que percebe os esforços e motivos da mãe em não deixá-la “levar o brinquedo”, ou na situação real de sua vida, sua mãe não deixou com que ela ficasse com sua filha. Parece que a partir desta historia ela percebe que talvez a mãe tenha

tido esta atitude por considerá-la incapaz (ela vê a filha como um brinquedo) de ser mãe.

Consegue perceber que faltou compreensão, talvez dela em relação à mãe na época, mas principalmente da mãe em relação a ela, ao não perceber o quanto seria importante ela exercer esse papel de mãe também. A mãe como maneira de protegê-la até pode ter tirado a responsabilidade dela de ser mãe.

Prancha 10: Esta prancha evoca conflitos do casal e atitude frente à separação.

Resultados do Psicodiagnóstico:

História: “Aí eu vejo esse casal muito amorosos, carinhosos, matando a saudade por ter ficado ausente um do outro por algum tempo e se encontraram e ficaram trocando carícias. É isso.”

Inquérito: (T) Qual o título da história? (P) Reencontro. (T) O que aconteceu antes? (P) Talvez ele se ausentou por algum compromisso e demorou um pouco mais que deveria e estava sentindo saudade, talvez da mulher, namorada, até mesmo da filha. Termina com eles sentindo a ausência um do outro. (T) Como é o relacionamento? (P) Com a mulher é estável, não com tanto carinho...não é de demonstrar muito afeto. Com a filha é mais terno, mas não é aquela coisa constante, diária, são coisas raras. É difícil ele demonstrar carinho, expressar o que está sentindo realmente.

Resultados do Término dos atendimentos:

História: “Eu sinto como...meu pai e minha mãe. Não presenciei nenhuma dessas cenas, de carinho e afago entre os dois. É o que eu gostaria.”

Inquérito: (T) Do que você gostaria? (P) de ter visto meu pai e minha mãe em uma cena assim. (T) Consegue contar uma história? (P) Não consigo contar historia entre meu pai e minha mãe. Consigo contar historias de desentendimento, brigas, dor, tristeza...infelicidade. (T) Qual o título? (P) Amor.

Mudanças significativas:

Na primeira, parece que se identifica novamente com o papel masculino e isso é facilmente compreendido, pois logo em seguida ela fica confusa para definir o papel da mulher da história, “talvez da mulher, namorada, até mesmo da filha” (sic). Coloca-se neste papel para não se posicionar.

Primeiro surge a dúvida de papéis, e depois ela não consegue escolher e fica com os dois papéis de filha e de mulher. Com a filha a relação é mais “terno”, mas é “rara”. Além disso, demonstra uma relação “erotizada” com o pai, já que no começo da história se tratava de um casal que se ausentou e estavam trocando carícias.

Este fato pode indicar conflitos edípicos mal elaborados, uma competição com esta mãe pelo amor de seu pai.

Este é o conflito principal da paciente, identificado como foco da terapia, por isso a escolha de reaplicar essa prancha. Na segunda aplicação, a paciente traz uma cena de seus pais que nunca viu, mas gostaria que existisse.

Parece que ela fica paralisada diante dos conteúdos que esta prancha evocam, pois não consegue contar uma história sobre a cena. Mas comparando a segunda história com a primeira, parece que ela se coloca de expectadora no relacionamento dos pais, e não mais como rival da mãe e como “mulher” de seu pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se grande evolução da paciente por meio da interpretação das pranchas do Teste TAT, considerando-se os critérios para avaliação da evolução da psicoterapia, estabelecidos por Braier (2000).

Dentre os critérios estabelecidos, mencionados anteriormente, destacam-se como maior grau de mudança: Insight da Problemática Focal (I.P.F.), melhoria sintomática (M.S.), consciência da enfermidade, outras modificações favoráveis (vida sexual, relações interpessoais, estudo, trabalho e lazer), projetos para o futuro.

A *consciência da enfermidade* pôde ser observada durante os tratamentos, na primeira etapa da PB no qual a paciente apresentava sintomas físicos e suspeita de Síndrome do Pânico; assim como a *melhoria sintomática*, destaco uma fala da

paciente: “Eu me sinto assim...como posso dizer...mais leve! Antes eu sentia um peso mesmo nos meus ombros, uma aflição, uma ansiedade...”

Outras modificações favoráveis também puderam ser mais bem observadas durante os atendimentos, mas se refletem nos resultados do teste, nos quais se pôde observar, principalmente, mudança no que diz respeito às relações interpessoais e ao trabalho.

Em relação a *projetos para o futuro e auto – estima* puderam ser observadas mudanças a partir dos resultados da prancha 2 (e também durante os atendimentos). Destaca-se uma fala da paciente: “o que eu queria mesmo que é me aproximar da minha família, eu ainda não consegui, mas é estranho, porque agora eu vejo isso como uma coisa possível de acontecer”.

E finalmente, o critério mais importante, segundo Braier (2000), o *Insight da problemática focal* pôde ser evidenciado nos resultados do teste TAT, nos quais a paciente entra em contato com o conflito central trabalhados em cada prancha, e principalmente porque consegue relacionar as histórias contadas nas pranchas com sua própria vida, ressignificando situações traumáticas. Como, por exemplo, nesta fala: “consegui ver coisas minhas lá de dentro mesmo que eu não fazia ideia...claro que eu sabia das mulheres do meu pai, mas não sabia como isso poderia influenciar na minha vida”.

Resumindo, pode-se dizer que a importância da reaplicação de um teste projetivo usado no psicodiagnóstico para avaliar a evolução do paciente durante o processo, não é só em nível de clarividência por parte do psicoterapeuta em relação a resultados e nível de mudança; mas também para o próprio paciente torna-se uma experiência de evidência de mudança efetiva.

Para evidenciar este processo do ponto de vista do paciente em relação às mudanças obtidas durante o processo, destaco uma fala da paciente em relação a aplicação do teste: “Da outra vez as imagens estavam embaçadas, difícil de ver. As histórias eram muito tristes, de sofrimento. Agora não. Eu sei que era porque quando cheguei aqui minha vida estava assim mesmo, bem triste e embaçada, agora consegui ver com mais clareza...”

REFERÊNCIAS

- Braier, E. A. (2000) *Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica*. Trad. IPEPLAN. São Paulo: Martins Fontes.
- Gilliéron, E. (1983). *As Psicoterapias Breves*. (V. Ribeiro, Tradução) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Murray, H.A. (2005). T.A.T.: *Teste de Apercepção Temática*. 3.ed. Adaptado e ampl.. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, I.T. (1999), *Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais*. Psicologia: Teoria e Prática.
- Santeiro, T.V. (2005). *Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: produção científica em periódicos nacionais e estrangeiros (1980/2002)*. Campinas: PUC-Campinas.
- Silva, M.C.V.M. (1989). *TAT: aplicação e interpretação do teste de apercepção temática*. São Paulo: EPU.
- Yoshida, E.M.P.; enéas, M.L.E. (Org.) (2004). *Psicoterapias Psicodinâmicas Breves: Propostas atuais*. Campinas: Editora Alínea.

AVALIAÇÃO DOS ARTIGOS PUBLICADOS DE 2001 A 2011 SOBRE AS TÉCNICAS PROJETIVAS GRÁFICAS

Carla Fernanda Ferreira-Rodrigues

Anna Elisa de Villemor-Amaral

Ute Hesse

Universidade São Francisco (Itatiba-SP)

INTRODUÇÃO

As técnicas projetivas podem ser utilizadas em diversos contextos, não apenas na avaliação da personalidade, mas também contribuindo com informações sobre como o sujeito percebe determinadas situações vivenciadas por ele. Neste sentido, existe uma série de métodos e estímulos projetivos utilizados no processo de avaliação psicológica, dentre eles: manchas de tinta, o grafismo, elaboração de desenhos, estórias, dentre outros (Fensterseifer & Werlang, 2010). Porém, neste estudo focalizaremos as técnicas projetivas gráficas.

A manifestação gráfica das pessoas e seus desenhos vêm sendo estudada há mais de cem anos e buscam indicar o desenvolvimento das habilidades cognitivas, nível de maturidade emocional e aspectos da personalidade. No contexto específico da avaliação psicológica, os desenhos são bastante utilizados e reconhecidos (Silva, 2007). O desenho por si só é uma atividade terapêutica e, segundo Silveira (2000), revela uma grande quantidade de informações sobre o sujeito pela auto expressão ao nível não verbal e não racional. Assim, as técnicas projetivas gráficas na avaliação psicológica buscam trazer conteúdos reprimidos ou não conscientes.

Os testes gráficos possuem uma natureza ideográfica em que a interpretação das variáveis é interrelacionadas e só têm sentido no contexto de cada caso. As técnicas projetivas gráficas são utilizadas particularmente no campo do psicodiagnóstico, em que a expressão gráfica expressa a capacidade intelectual, a estruturação e o dinamismo da personalidade da pessoa (Saur & Pasian, 2008). A ênfase dada pelo sujeito no desenho, como aparece certos elementos, ou uma

valorização de si própria, podem indicar traços de ansiedade, excesso de detalhes podem indicar características da histeria, traços frágeis e descontínuos a possíveis fobias. Estereótipos, repetição e rigidez dos traços sugerem a neurose obsessiva. A produção gráfica é avaliada em termo do grau das informações e do conteúdo, como localização e traço das linhas. Desta forma o desenho possui a vantagem que as tentativas de controle intelectual e consciente sobre a produção ficam evidentes e o aplicador pode solicitar que o individuo faça outro desenho (Silva, 2007).

Outro ponto que deve ser levado em consideração é quanto ao debate sobre a cientificidade das técnicas projetivas ou da maior importância de um método em detrimento de outro. Para Primi (2010), a avaliação psicométrica e a realizada através de técnicas projetivas não devem ser encaradas como opostas, mas como complementares, pois as duas formas correspondem a etapas do raciocínio sistemático da psicologia com a finalidade de conseguir medir e avaliar o ser humano e compreendê-lo.

Tendo em vista que o Brasil, a partir do ano 2000, vem passado por uma retomada da valorização da avaliação psicológica com a criação de novas resoluções sobre a área pelo Conselho Federal de Psicologia, criação de uma comissão para avaliar os instrumentos psicológicos (SATEPSI), a criação do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP), a consolidação de eventos na área como o Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, dentre outros, faz se necessário retomar como andam as publicações nessa área e no caso do presente trabalho, como andam as publicações sobre as técnicas projetivas gráficas.

OBJETIVO

O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura dos artigos científicos publicados entre os anos de 2001 a 2011 sobre as técnicas projetivas gráficas constantes nas bases de dados da BVS-PSI que inclui artigos publicados no Scielo, Lilacs, PEPSIC, dentre outros.

MÉTODO

Para a revisão da literatura, foram utilizados os seguintes descritores: Desenhos projetivos; testes gráficos; Desenho da Figura Humana; HTP; Bender; Wartegg; Desenho História e Teste do desenho de Silver. Dessa forma, pode-se contemplar o máximo de artigos sobre as técnicas projetivas gráficas. Os artigos encontrados foram classificados a partir de seus resumos quanto ao ano de publicação, técnica gráfica utilizada, tipo de estudo e participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como pode ser observado na tabela 1, foram encontrados 51 artigos, verificou-se que a grande maioria das publicações sobre as técnicas projetivas gráficas no período de 2001 a 2011 utilizaram, principalmente, o DFH (Desenho da Figura Humana), o HTP (House, Tree, Person) e o procedimento de desenho-estória. Em um estudo realizado por Freitas e Noronha (2005) que investigou quais eram os principais instrumentos psicológicos utilizados em uma clínica escola encontrou-se que o DFH e o HTP figuram entre um dos mais utilizados. Em outro estudo, sobre as práticas em avaliação psicológica em disputa de guarda, também foi evidenciado a grande utilização nesse meio de técnicas projetivas como o HTP e o DFH (Lago & Bandeira, 2008) Assim, constata-se que não apenas no meio acadêmico (desenvolvimento de pesquisas), mas também na prática profissional tais instrumentos são bastante utilizados.

Tabela 1: Distribuição dos artigos por temática.

Técnicas Gráficas	F	%
HTP	6	11,3

DFH	23*	41,5
Bender	6*	7,5
Desenho-Estória	12	22,6
Wartegg	4	7,5
Debate sobre as T. Projetivas	2	3,8
Levantamento dos instrumentos mais utilizados	3	5,7
Total	53	100,0

* Em 4 artigos foram utilizados mais de uma técnica projetiva gráfica (em um foi utilizado DFH e em dois utilizaram também o Bender).

Como pode ser observado na tabela abaixo, a maioria dos trabalhos concentra-se no estudo, aplicação da técnica ou investigação de aspectos psicológicos utilizando as técnicas gráficas.

Tabela 2: Distribuição dos artigos por tipo de estudo.

Tipo de Estudo	F	%
Aplicação da técnica	25	47,2
Estudo Correlacional	6	11,3
Debate sobre técnicas projetivas	4	7,5
Estudo de Caso	3	5,7
Estudos de Validade	10	18,9
Estudos de Validade de outras Técnicas usando as gráficas	1	1,9
Instrumentos mais conhecidos por estudantes e profissionais	1	1,9
Construção de Protocolo para avaliação psic. hospitalar	1	1,9
Levantamento de instrumentos mais utilizados em clínicas-escola	2	3,8
Total	53	100,0

Embora o HTP, o DFH e o desenho-estória sejam bastante utilizados em diferentes contextos não foi encontrado estudos de validade do desenho-estória, apenas um do HTP onde as autoras encontraram evidência de validade tanto para o HTP quanto para o CAT (Silva & Villemor-Amaral, 2006). O desenho da figura humana é o que mais apresenta estudos de validade ($f=4$), encontra-se validade para este instrumento em estudos com crianças surdas (Cardoso & Capitão, 2009), crianças com bruxismo (Cariola, 2006) e avaliação cognitiva de crianças (Bandeira & Arteché, 2008; Wechsler & Schelini, 2002).

Foram encontrados quatro estudos sobre o Wartegg, sendo que um deles não foi encontrado evidências de validade que proporcionasse indicação para uso profissional (Sousa, Primi & Miguel, 2007). O Wartegg também foi utilizado para traçar o perfil de mulheres que estão grávidas pela primeira vez (Faisal-Cury & Tedesco, 2005). No entanto, deve-se atentar para a importância da comparação do perfil encontrado nesse teste com o encontrado em outros que avaliem o mesmo constructo, tendo em vista a escassez de estudos de validade sobre o Wartegg, além de que nesses estudos não tem sido encontrado parâmetros confiáveis para sua utilização. Contudo, destaca-se a importância que estudos sejam realizados com instrumentos como o Wartegg que não estão aprovados pelo SATEPSI, uma vez que a partir de novos estudos pode-se chegar a resultados favoráveis que proporcione no futuro a utilização profissional.

O Teste Gestáltico Visomotor de Bender é o teste gráfico que mais possui publicações. Ele avalia a capacidade orgânica e aspectos emocionais da personalidade. Devido ao grande número de publicações, foi feito um refinamento na busca, selecionando apenas os artigos que abordam aspectos emocionais ou de validade. Utilizando esse critério os artigos foram reduzidos para seis. Evidencia-se, no entanto, que 50% destes são sobre evidências de validade.

Ao longo desses dez anos apenas um artigo de revisão de literatura foi encontrado sobre as técnicas projetivas, onde é enfatizado a constante e sempre presente discussão entre os instrumentos de medida projetiva e de medida objetiva, havendo a ênfase nas particularidades da validade e/ou ausência de validade incremental de cada método (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Hoje é inegável a importância das técnicas projetivas para avaliação psicológica e as técnicas

gráficas nesse contexto, revelam características do funcionamento psíquico nem sempre elucidadas em outros tipos de métodos.

Quanto ao ano de publicação observa-se na tabela 3 que a maioria dos artigos foram publicados nos anos de 2010 (20,8%) e no ano de 2006 (18,9%). Não podendo-se observar uma constância ou aumento na produção ao longo da década.

Tabela 3: Distribuição dos artigos por ano de publicação.

Ano	F	%
2001	2	3,8
2002	1	1,9
2003	5	9,4
2004	1	1,9
2005	7	13,2
2006	10	18,9
2007	7	13,2
2008	2	3,8
2009	5	9,4
2010	11	20,8
2011	2	3,8
Total	53	100,0

Segundo Freitas e Noronha (2005), há pouca variação na escolha de testes mesmo em diferentes faixas etárias. No presente estudo observou-se que os estudos com técnicas gráficas são realizados em sua maioria com crianças (49,1%), seguido dos adultos (20,8%), embora sejam encontrados estudos com amostras de diferentes idades ao longo do ciclo de vida. Alguns estudos foram realizados com populações específicas, obesos, diabéticos, crianças com dificuldade de aprendizagem, dentre outros grupos, mas em 4 (7,5%) estudos não é especificado a idade dos participantes (crianças, adolescentes, adultos, idosos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão dos artigos publicados sobre técnicas projetivas gráficas percebe-se que estudos estão utilizando tais técnicas, no entanto, os trabalhos

concentram-se apenas em algumas delas havendo a necessidade do aumento de estudos sobre outros instrumentos gráficos. Embora as técnicas projetivas possuam suas particularidades quanto a metodologia é importante que se aumente o número de estudos de validade, e de estudos em grupos de diversas idades.

REFERÊNCIAS

- Cardoso, L. M. & Capitão, C. G. (2009). Evidências de validade do Teste do Desenho da Figura Humana para o contexto da surdez. *Aval. psicol*;8(2):245-254, ago.
- Cariola, T.C. (2006). O desenho da figura humana de crianças com bruxismo. *Bol. psicol*;56(124):37-52, jan.-jun.
- Faisal-Cury, A. & Tedesco, J.J.A. (2005). Características psicológicas da primigestação. *Psicol. estud*;10(3):383-391, set.-dez.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B .S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In. Villemor-Amaral & Werlang, B .S. G. *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freitas, F.A. de & Noronha, A.P.P. (2005). Clínica-escola: levantamento de instrumentos utilizados no processo psicodiagnóstico. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 2005, vol.9, n.1, pp. 87-93.
- Lago, V. M.; Bandeira, D. R. (2008). As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. *Aval. psicol.*, Porto Alegre, v. 7, n. 2.
- Primi, R. (2010). Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o futuro. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Vol 25, nos 25 anos.
- Villemor-Amaral, A.E. & Pasqualini-Casado L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.
- Saur, A. M.; Pasian, S.R. (2008). O Desenho da Figura Humana na investigação da imagem corporal: alcances e limites. In: Anna Elisa de Villemor-Amaral; Blanca Susana Guevara Werlang. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo v., p. 225-245.

- Silva, M. F. X. da; Villemor-Amaral, A. E. (2006). A auto-estima no CAT-A e HTP: estudo de evidência de validade. *Aval. psicol.* [online]. Vol.5, n.2, pp. 205-215.
- Souza, C.V. R. de; Primi, R. & Miguel, F. K. (2007). Validade do Teste Wartegg: correlação com 16PF, BPR-5 e desempenho profissional. *Aval. psicol*;6(1):39-49, jun.
- Wechsler, S. M. & Schelini, P. W. (2002). Validade do desenho da figura humana para avaliação cognitiva infantil. *Aval. psicol*;1(1):29-38.

**CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PARA O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO
PROFISSIONAL/VOCACIONAL: UM ESTUDO DE CASO**

Nichollas Martins Areco

Milena Shimada

Lucy Leal Melo-Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase em que o indivíduo passa a vivenciar a relação dialética entre as primazias do corpo que amadurece e toma forma adulta, e a pressão das expectativas sociais sobre os papéis que deve assumir, fato que abre espaço para conflitos. Este não é um processo simples, pois, segundo Sheehy (1998), a passagem da infância solicita que o indivíduo abandone antigos esquemas de enfrentamento; sua ilusão de segurança é abalada, assim como a própria noção de identidade, havendo uma ativa substituição de identificações que abre espaço a uma nova concepção de si. Este período é uma moratória oferecida para que seja possível iniciar a integração de diversos elementos que irão constituir sua identidade (Erikson, 1976).

Na sociedade ocidental, ser adolescente está intrinsecamente relacionado a ser estudante. Desta forma, é esperado que a pessoa desta faixa etária tenha tempo suficiente para amadurecer através de experiências pessoais e que se aprimore acumulando uma série de conhecimentos teóricos e técnicos, que mais tarde se reverterão em capital a ser investido na formação e aprimoramento profissional (Brasil, 2008). Neste contexto, é possível dizer que através da construção da carreira profissional o jovem pode desempenhar no mundo suas potencialidades e assumir um lugar no universo adulto.

Devido ao percurso acadêmico brasileiro, no contexto dos grandes centros populacionais do país, o adolescente é confrontado com a tarefa de se direcionar para uma determinada profissão ou formação universitária. Neste momento, o jovem é

influenciado por diversos fatores, como o seu grupo socioeconômico, família, mídia, e também instituições educacionais, sendo esperado que se prepare para o acesso ao mundo do trabalho ou ao Ensino Superior, ou seja, que concretize seus papéis da vida adulta em torno da escolha de uma profissão.

Nesse contexto, é importante destacar que a escolha profissional não se constitui em um momento único na vida dos indivíduos, mas sim em um processo dinâmico e contínuo que se desenvolve desde a infância até a velhice. Neste processo, é fundamental que haja a ampliação do conhecimento sobre aspectos do contexto socioeconômico, cultural e educacional, bem como a percepção de conflitos, motivações, interesses e identificações.

Bohoslavsky (1991) aponta que, para uma escolha autônoma e madura, é necessária a conscientização sobre os diversos fatores internos e externos que influenciam as decisões vocacionais. O autor afirma que a construção da identidade profissional (“fazer”) consiste na integração desses aspectos, enquanto a identidade vocacional (“ser”) é um conceito mais amplo que compreende o porquê da assunção de uma determinada ocupação, referindo-se à construção dos projetos de vida dos indivíduos ao longo de seu desenvolvimento.

Ainda segundo o teórico, é possível afirmar que houve aquisição de identidade profissional quando a pessoa “[...] integrou suas diferentes identificações e sabe o que quer fazer, de que modo e em que contexto. Portanto, a identidade ocupacional incluirá um quando, um à maneira de quem, um com que, um como e um onde” (Bohoslavsky, 1991, p.73).

Entretanto, é preciso destacar que, ao se deparar com a necessidade da escolha profissional, o adolescente ainda não integrou suas identificações, não tendo consolidado sua identidade profissional, podendo se sentir perdido frente às inúmeras possibilidades. Isto faz com que a pessoa entre em contato com angústias relacionadas à perda da onipotência e da liberdade irrestrita (Soares, 2002).

Segundo as concepções de Bohoslavsky (1991), o processo de escolha profissional constitui-se de diferentes fases, caracterizadas pelo distinto grau dos conflitos e da ansiedade que os indivíduos experimentam, bem como pelo funcionamento dos mecanismos defensivos expressos em seu comportamento. São reconhecidas quatro etapas: a) *pré-dilemática*: marcada pela imaturidade da pessoa

que nem mesmo sabe que deve assumir uma atitude de tomada de decisão; b) *dilemática*: tem como características o elevado nível de ansiedade e a confusão entre ramos do conhecimento, disciplinas e profissões. A dissociação, identificação projetiva e negação são os mecanismos de defesa pertinentes a esta etapa; c) *problemática*: a confusão cede lugar à maior integração de conteúdos e informações, e o jovem se preocupa de fato com a natureza de sua escolha, vivenciando ansiedade moderada ora de natureza depressiva, ora persecutória; d) *resolução*: neste momento existe uma significativa e importante elaboração do luto dos projetos de vida e profissões não escolhidas. Existe ambivalência nos conflitos, mas a busca de solução para sua questão da escolha.

Levando em consideração que cada adolescente enfrenta a complexa tarefa de passar pelo processo de desenvolvimento de sua maturidade e formação de sua identidade, tem destaque a intervenção em Orientação Profissional/Vocacional, buscando favorecer a apreensão por parte da própria pessoa de sua trajetória de vida, das influências que recebeu em sua formação e no seu cotidiano, suas inclinações e desejos, além de refletir acerca da realidade social, política e econômica em que vive (Levenfus & Nunes, 2002). Dessa maneira, os processos de atendimento em desenvolvimento de carreira têm como objetivo auxiliar e instrumentalizar os indivíduos para a realização de escolhas vocacionais autônomas e conscientes.

No contexto brasileiro, a Orientação Profissional/Vocacional abrange principalmente os períodos de transição da vida da pessoa, seja no tocante à mudança de ciclo educacional e à dinâmica pertinente ao universo do trabalho, e as questões trabalhadas geralmente envolvem os condicionantes da escolha, conhecimento de si e das profissões existentes, e vida laboral (Melo-Silva, Lassance & Soares, 2004). Nascimento (2007) aponta que na prática de orientação, o psicólogo deve utilizar metodologias diversificadas para auxiliar seu trabalho, compreendendo a utilização de entrevistas, técnicas interventivas estruturadas, discussões e reflexões, bem como os instrumentos de avaliação psicológica.

Os testes psicológicos constituem um recurso útil para auxiliar nas práticas de avaliação psicológica nos processos de Orientação Profissional/Vocacional, desde que possuam adequadas qualidades técnicas e científicas. São instrumentos que devem ser empregados de forma integrada com outras estratégias de trabalho, visando fornecer

dados para a realização de um diagnóstico qualificado que norteie o planejamento das intervenções (Bohoslavsky, 1991; Noronha, Freitas & Ottati 2003; Pasian, Okino & Melo-Silva, 2007).

É importante apontar que, como afirma Duarte (2008), o processo de avaliação psicológica superou a antiga concepção centrada em um resultado, ou seja, visando a definição de uma escolha profissional pautada em um ajuste indivíduo-ocupação. A avaliação psicológica nos processos de Orientação Profissional/Vocacional focaliza a aprendizagem que pode se desenvolver, priorizando aspectos processuais da escolha profissional (Sparta, Bardagi & Teixeira, 2006; Duarte, Bardagi & Teixeira, 2011).

Considerando o exposto, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso em contexto de intervenção psicológica em Orientação Profissional/Vocacional, enfatizando a utilização de instrumentos de avaliação psicológica. Para tanto utilizaremos as informações advindas do atendimento realizado, com foco nos testes psicológicos Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP e Teste de Fotos de Profissões – BBT-Br.

MÉTODO

Participante

O adolescente estudado neste trabalho é do sexo masculino, possuía 17 anos quando atendido e será designado neste estudo pelo nome fictício de Alexandre. À época do atendimento, cursava o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola particular, localizada em um município de porte médio do Estado de São Paulo.

Após se inscrever no Serviço de Orientação Profissional oferecido por uma clínica-escola de uma Universidade pública, passou por entrevista de triagem, objetivando a definição da situação de orientabilidade. O jovem apresentou interesse por cursos técnicos, porém seus pais discordavam dessa possibilidade de escolha. Assim, Alexandre desejava obter informações sobre carreiras universitárias, principalmente sobre a área de Engenharia, e formas de acesso ao Ensino Superior.

No que se refere à experiência de trabalho, disse ajudar o pai de um amigo aos finais de semana, auxiliando no transporte e na montagem da decoração de eventos.

Afirma ser cansativo, porém aponta que o retorno financeiro lhe satisfaz. O cliente relata a necessidade da escolha por uma profissão, descrevendo a 3ª série do Ensino Médio como ano decisivo. Dessa maneira, o adolescente foi encaminhado ao atendimento em Orientação Profissional na modalidade grupal, cujos registros serão utilizados no presente estudo.

Instrumentos

a) Escala de Maturidade para a Escolha Profissional - EMEP

Trata-se de um instrumento de auto-relato, cujo objetivo é avaliar o nível de maturidade para a escolha profissional. A EMEP foi desenvolvida por Neiva (1999), embasada nas teorias propostas por Super e Crites sobre o processo de escolha vocacional; sendo composta por duas dimensões semelhantes às propostas por Crites (1965): atitudes e conhecimentos.

Neiva (1999), na elaboração da Escala de Maturidade para a Escolha Profissional, divide a dimensão atitudes em três subdimensões: (1) determinação para a escolha profissional, (2) responsabilidade para a escolha profissional e (3) independência na escolha profissional; e a dimensão conhecimentos em duas subdimensões: (1) autoconhecimento e (2) conhecimento da realidade educativa e socioprofissional.

A Escala de Maturidade para a Escolha Profissional é então constituída por cinco sub-escalas, que procuram avaliar os aspectos: determinação, responsabilidade, independência, autoconhecimento e conhecimento da realidade. Este instrumento é composto por 45 itens indicadores de maturidade, sendo 23 positivos e 22 negativos (Noce, 2008) num formato de escala tipo *Likert*, com cinco pontos variando entre 1 (nunca) e 5 (sempre).

A escala pode ser utilizada com a finalidade de: a) detectar alunos que necessitem de orientação profissional; b) diagnosticar junto ao orientando, seu nível de maturidade e quais aspectos encontram-se mais desenvolvidos; c) avaliar a evolução do orientando ao longo do processo de orientação profissional e d) avaliar programas de orientação profissional (Neiva, 1999), tendo recebido a aprovação da Comissão do Conselho Federal de Psicologia, conforme resolução CFP nº 002/2003.

b) Teste de Fotos de Profissões – BBT-Br

O Teste de Fotos de Profissões - BBT (*Berufsbilder Test*) é um método projetivo para a clarificação da inclinação profissional elaborado originalmente por Achnich (1971, 1973). A versão do BBT usada neste estudo foi a BBT-Br, adaptada ao contexto sociocultural brasileiro, na sua forma masculina (Jacquemin, 2000).

Achnich (1991) propôs oito radicais de inclinação como elementos básicos para se descrever as motivações e inclinações dos indivíduos. Os oito radicais são: **W** - relacionado à ternura, feminilidade, sensibilidade e necessidade de tocar; **K** - relacionado à força física e agressividade; **S** - subdividido em **Sh** - disponibilidade em ajudar, cuidado, interesse pelo outro; e **Se** - energia, dinamismo, necessidade de movimento; **Z** - necessidade de mostrar (a si e à sua obra), de beleza e estética; **V** - relacionado à racionalidade, lógica, objetividade; **G** - necessidade de criar, idéia, imaginação; **M** - relacionado à matéria, à substância e posse (afetiva e material); **O** - subdividido em **Or** (necessidade de comunicação) e **On** (necessidade de nutrição).

O instrumento é composto por 96 fotos que ilustram atividades profissionais. Cada foto representa uma combinação entre dois dos oito radicais, sendo composta por um radical primário relacionado à atividade desempenhada na foto, e um secundário, que se refere aos demais aspectos presentes na imagem: ambiente profissional, local e objetos de trabalho.

A estrutura de interesses do indivíduo é obtida por meio da análise da classificação, realizada pelo orientando, das 96 imagens de situações profissionais componentes do BBT-Br. O cliente deve organizar as fotos em três grupo: as que o agradam (fotos positivas), as que não o agradam (fotos negativas) e as que deixam o orientando indiferente ou indeciso (fotos neutras). São calculadas as frequências de escolha e rejeição por radical primário e secundário, obtendo-se, respectivamente, a estrutura de inclinação profissional positiva e a estrutura de inclinação profissional negativa do indivíduo (Jacquemin, 2000; Jacquemin et. al., 2006).

O perfil de interesses do cliente permite visualizar como ele organiza suas escolhas e hierarquiza suas preferências e rejeições profissionais, dados que podem ser úteis durante o processo de Orientação Vocacional/Profissional (Melo-Silva, Noce e Andrade, 2003). Em seguida, o indivíduo deve agrupar as fotos positivas, sendo

solicitado que fale sobre suas preferências em cada grupo formado e suas respectivas fotos, processo denominado de fase de associações sobre as fotos.

Neste trabalho, analisa-se também um procedimento complementar ao BBT-Br: a história das cinco fotos preferidas, que tem se mostrado como um recurso colaborativo nos processos de intervenção em Orientação Profissional/Vocacional, como apontam os estudos de Melo-Silva e Santos (1998), Melo-Silva e Jacquemin (2000), Melo-Silva, Assoni e Bonfim (2001) e Melo-Silva, Pasian, Assoni e Bonfim (2008).

O processo de Orientação Profissional

Alexandre foi atendido no Serviço de Orientação Profissional de uma clínica-escola na modalidade grupal. Os encontros ocorriam semanalmente, tendo cerca de duas horas de duração. O processo constituiu-se de doze sessões; porém, Alexandre compareceu em apenas oito, tendo justificado três das quatro de suas ausências. Aponta-se a participação e responsabilização reduzidas do participante, acentuadas pela não realização das tarefas propostas fora do horário dos encontros. Porém, ressalta-se que Alexandre mostrou-se disposto e participativo nas atividades durante as sessões.

O processo de Orientação Profissional/Vocacional procurou abranger seis eixos temáticos: escolhas, estudo, vestibular, autoconhecimento, informação sobre as diversas carreiras, acesso ao estudo de nível superior e mercado de trabalho (Melo-Silva, 2005). Os instrumentos focos deste estudo, EMEP e BBT-Br, contemplam as temáticas escolha profissional e autoconhecimento.

Assim, o BBT-Br foi administrado na sexta sessão e a aplicação da EMEP foi realizada no início e ao final da intervenção. Os dados obtidos por meio dos respectivos instrumentos serão apresentados e, em seguida, serão discutidos considerando suas implicações para a compreensão dos conflitos relacionados ao processo de escolha do adolescente, bem como as contribuições das técnicas utilizadas para a orientação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escala de Maturidade Para Escolha Profissional – EMEP em fase pré e pós Orientação

Durante o processo de Orientação Profissional/Vocacional, foi administrada a Escala de Maturidade Para Escolha Profissional – EMEP, em dois momentos: na entrevista inicial com o cliente e no 12º e último encontro grupal. A Tabela 1 ilustra os resultados obtidos por Alexandre nas dimensões propostas pelo instrumento.

Tabela 1.: Resultados do participante na Escala de Maturidade Profissional – EMEP antes e após a intervenção em Orientação Profissional/Vocacional.

	Determinação	Responsabilidade	Independência	Auto-conhecimento	Conhecimento da Realidade	Total
Pré	Inferior	Muito Inferior	Médio	Médio Inferior	Muito Inferior	Muito Inferior
Pós	Médio Inferior	Inferior	Médio	Médio	Médio	Médio Inferior

É possível observar na Tabela 1 que na dimensão Atitudes, Alexandre obteve resultado inferior em relação à sub-escala Determinação, e muito inferior na sub-escala Responsabilidade. Na dimensão Conhecimento, verifica-se que o participante obteve resultado médio inferior na sub-escala Autoconhecimento, e muito inferior na sub-escala Conhecimento da Realidade. Dessa maneira, observa-se que o adolescente apresentou nível muito inferior de maturidade para escolha profissional. Isto pode ser indicativo de que tenha pouca compreensão das características das diversas carreiras, empreendendo poucas ações que busquem maior aprofundamento em informações sobre ramos de seu interesse, permanecendo assim, passivo no seu contexto atual.

Chama atenção a melhora em todos os índices da escala no período posterior ao atendimento havendo destaque para a progressão nos itens referentes ao conhecimento da realidade pessoal e da formação profissional, representado pelo resultado médio em Conhecimento da Realidade e Autoconhecimento. Todavia, as classes Determinação e Responsabilidade apresentaram os menores valores, o que pode ser indicativo de que o adolescente ainda necessita desenvolver seu

comportamento exploratório e tomada de atitude em relação a escolha da carreira, responsabilizando-se pela construção do seu projeto de vida.

Destaca-se a manutenção do índice de maturidade médio para a sub-escala Independência, o que pode fazer referência ao quanto o jovem orientando mantém suas opiniões diante da influência de familiares, amigos, e pessoas próximas. Esta característica pode ser tanto pertinente ao desenrolar da assunção do papel profissional, quanto ser uma característica pessoal que se revelaria em outros campos da sua vida.

Por fim, como é possível observar na Tabela 1, ao longo do processo de orientação houve significativa evolução do cliente no tocante às diversas dimensões as quais a escala busca mapear. Isto pode significar que, apesar de apresentar indicadores referentes a um menor nível de maturidade para a escolha, os encontros grupais realizados possibilitaram a sensibilização do adolescente frente a questões que perpassam a tomada de decisão em relação à carreira.

BBT-Br – Teste de Fotos de Profissões

Inicialmente, são apresentado na Tabela 2 os índices de produtividade do participante no BBT-Br, ou seja, o número total de escolhas positivas, negativas e neutras. Também são apresentados, para fins de comparação, os dados normativos disponíveis para adolescentes brasileiros (Jacquemin, 2000).

Tabela 2.: Índices de Produtividade no BBT-Br do Participante, em Função dos Dados Normativos para Adolescentes do Ensino Médio de Escolas Particulares.

Escolhas no BBT	Alexandre	Dados normativos*		
		P ₂₅	Md	P ₇₅
Positivas	15	10	21	32
Negativas	72	38	56	70
Neutras	9	7	17	28

*(Jacquemin, 2000)

Os dados da Tabela 2 permitem visualizar que Alexandre realizou um número de escolhas positivas entre a mediana e o percentil 25 de seu grupo normativo. Já as escolhas negativas encontram-se acima do percentil 75. Essa configuração na

produtividade pode ser indicadora de pouca clareza acerca dos próprios interesses profissionais, caracterizando possível imaturidade na escolha profissional, corroborando os dados apresentados pela EMEP. Esse perfil encontra-se consoante com estudo realizado por Noce (2008), que aponta que adolescentes com menores níveis de maturidade para a escolha profissional tendem a apresentar restrição em seu horizonte de possibilidades profissionais, acarretando em um número aumentado de rejeições, bem como menor número de escolhas positivas.

A Tabela 3, por sua vez, apresenta os dados referentes às estruturas de inclinação positiva e negativa de Alexandre.

Tabela 3.: Séries ponderadas de radicais primários e séries de radicais secundários.

Séries Ponderadas de Radicais Primários				Séries de Radicais Secundários			
Positivos	K ₃	V _{2,5}	S ₂ M ₁ O ₁ G ₁ W ₀ Z ₀	Positivos	m ₃ v ₃ k ₂ v ₂ g ₂ w ₁ s ₁ z ₁		
Negativos	W ₈	G ₇ Z ₇ M ₆ V _{5,5} S ₅ O ₅ K ₄		Negativos	w ₁₁ k ₁₀ s ₁₀ v ₁₀ z ₉ v ₈ m ₇ o ₇		

Observa-se na Tabela 2 que os radicais principais da estrutura de inclinação de Alexandre são K e V, que são reforçados pelo pareamento recíproco Kv/Vk. O primeiro está relacionado à agressividade, a atividades que envolvam força física, dureza; já o segundo radicais indica que o adolescente inclina-se a atividades pautadas pela racionalidade, dando importância à lógica e clareza do pensamento, o que é coerente com seu interesse pela área de Engenharia.

Destaca-se a rejeição total do radical W, ligado ao toque e à feminilidade. De acordo com Achtnich (1991), essa recusa total é acompanhada em geral da acentuação do radical K, podendo denotar dificuldades no contato interpessoal, afastando interesse por atividades que envolvam o contato com o outro. O mesmo autor ressalta que a significativa rejeição do radical Z, por sua vez, pode estar associada a inibições, evidenciando acentuada exigência interna e a dificuldade de relacionar-se e de expor a si mesmo ou seu trabalho.

A estrutura de inclinação dos radicais secundários positivos indica que Alexandre privilegia os radicais m e v. A escolha do radical secundário m sugere interesse por ambientes e instrumentos profissionais que ofereçam contato com a

matéria, com o concreto; o radical v indica preferência por ambientes organizados, acentuando as características evidenciadas pela estrutura de radicais primários.

As associações sobre as fotos classificadas positivamente foram feitas divididas em quatro grupos, intitulados por Alexandre como “Trabalho mecânico”, “Transporte”, “Mercado” e “Comida”. Observa-se que Alexandre privilegia as atividades relacionadas à mecânica – como montagem, conserto e fabricação de aparelhos e máquinas, reforçando principalmente o radical V; também aparece em destaque o radical Se, ligado ao dinamismo do grupo referente aos transportes, que se relaciona com a experiência de trabalho informal exercida por Alexandre aos finais de semana.

Análise da História das cinco fotos preferidas do BBT-Br

A fim de realizar a análise da história produzida por Alexandre a partir de suas cinco fotos preferidas no BBT-Br, este estudo embasou-se em categorias propostas por Santos e Melo-Silva (1998). Dessa maneira, os conteúdos da narrativa foram analisados a partir do referencial psicodinâmico, destacando os seguintes eixos: (a) identificação dos personagens; (b) capacidade de manejo do conflito profissional; (c) organização defensiva; e (d) desfecho do enredo.

Baseando-se nas fotos “Torneiro Mecânico (Vk)”, “Caixa (Vm)”, “Serralheiro (Kv)”, “Motorista de Caminhão (Sk)”, e “Açougueiro (Ko)”, Alexandre produziu uma narrativa intitulada “João das Couves”. A história trata de tal personagem, um verdureiro chamado João Inácio, que convive com o problema de não ter um meio de transporte para levar suas couves até a cidade. Por isso decide trabalhar no Japão como torneiro mecânico e soldador de velotrol, e com a remuneração deste emprego, compra um caminhão. Apesar de retornar rico à Paraíba, sua terra natal, enfrenta inveja de todos e ação de boicote do dono do açougue, que passa a não vender peças de porco para que ninguém faça feijoada. A partir de então, suas couves não são mais compradas e João se depara com o problema de como sobreviver.

A respeito da identificação com os personagens, é possível verificar que o enredo se desenvolve em torno de João das Couves e do açougueiro. Atentando para o protagonista da história, percebe-se que é seu apelido que intitula a narrativa,

assinalando uma característica que denota o não reconhecimento social – o que pode coadunar-se com a significativa rejeição do radicais Z por Alexandre.

Pode-se observar, então, que os personagens são apresentados de forma polarizada; João das Couve é um personagem com recursos e enfrenta seus problemas empreendendo um grande esforço para solucioná-los (sendo representado por quatro das cinco fotos preferidas do adolescente); porém, mostra-se vulnerável frente aos investimentos negativos do açougueiro. Este personagem, por sua vez, relaciona-se ao radical K (o principal na estrutura de inclinação de Alexandre), representando a agressividade e os impulsos destrutivos.

Assim, o manejo do conflito profissional mostra-se permeado por essa ambivalência, sendo representado por situações extremadas. O protagonista João das Couve viaja uma longa distância e assume diversas atividades ocupacionais a fim de solucionar seus problemas, porém o ego mostra-se fragilizado – e seus esforços sucumbem ao boicote inusitado do açougueiro.

Os personagens parecem representar fantasias de onipotência, tanto em relação aos recursos internos quanto aos impulsos destrutivos de Alexandre. Desta maneira, a polarização das atitudes dos personagens parece refletir a organização defensiva utilizada para lidar com a ansiedade frente à situação de conflito, consistindo em mecanismos de projeção do instinto de morte e introjeção dos objetos bons – característicos da posição esquizo-paranóide (Segal, 1975).

O desfecho da história constitui-se no fracasso de João das Couve, que é impossibilitado de se estabelecer em sua atividade ocupacional. Dessa maneira, aponta-se para o perigo de morte do personagem – que se depara com o problema de “como sobreviver”, denotando relacionar-se com o conflito suscitado pela não integração de diversas identificações, necessária à formação da identidade ocupacional (Bohoslavsky, 1991). De acordo com o referido autor (1991), as identificações do adolescente têm um caráter defensivo, pois surgem do conflito de opções, da relação com novos objetos e da percepção de suas próprias limitações. Frente à frustração da não onipotência de suas possibilidades de reparação (Bohoslavsky, 1991), emergem fantasias relacionadas aos objetos abandonados, bem como de suas conseqüências. Estas parecem expressar-se fortemente no desfecho da narrativa produzida por Alexandre, cujo protagonista encontra-se diante de uma

impossibilidade de existência, uma vez que é nomeado justamente pela atividade a qual não consegue ocupar.

As ações interventivas e o adolescente

Com o emprego da EMEP e do BBT-Br, foi possível apreender de forma mais refinada algumas características fundamentais de Alexandre, e com isso delinear estratégias de intervenção que favorecessem principalmente o reconhecimento de seu papel no contexto grupal e a responsabilidade por suas atitudes e opiniões. Deste modo, o adolescente recebeu estímulo para que pudesse reconhecer que, mesmo ao não declarar seu ponto de vista nas discussões ou recusar a participar das atividades propostas, ele era reconhecido pelos seus pares, que teriam a liberdade de concordar, discordar ou argumentar com ele sobre suas colocações e posicionamentos. Nesta dinâmica ele também era conduzido a olhar para si próprio, fortalecendo seu senso de identidade e conseqüentemente fortalecendo sua capacidade de se sentir íntegro e com possibilidades concretas de se relacionar com o outro.

De modo análogo foi atribuído ao garoto o alcance de seu processo de Orientação Profissional/Vocacional, pois, ao se recusar a buscar mais informações sobre as profissões pelas quais tinha interesse ou a se manter menos permeável às reflexões realizadas em conjunto, optava por estreitar seus horizontes e limitava a capacidade de elaborar seu projeto de vida e de carreira. Neste contexto, a escolha não estaria apenas ligada à tomada de decisão por determinado curso técnico ou de nível superior, mas residiria principalmente no modo pelo qual o jovem optava por assumir as tarefas e enfrentar os desafios presentes em seu cotidiano e na convivência com sua família, escola, amigos ou grupo de orientação profissional.

Outro aspecto a ser destacado foi o oferecimento de informações acerca dos tipos de cursos técnicos que mais se afinavam com seus interesses e inclinações, as formas de acesso a este tipo de formação, as características do universo do mercado de trabalho, e as perspectivas de desenvolvimento pessoal ao se inserir neste campo de atuação. Estas informações eram discutidas ao longo da intervenção psicológica, de modo a auxiliar que o adolescente pudesse sistematizar o que estava conhecendo sobre cada uma das distintas carreiras, além de desenvolver um método para busca e

construção do conhecimento sobre os cursos e profissões, e, com isso, obter maior clarificação sobre suas possibilidades.

Por fim, o jovem participou de um encontro individual, com o objetivo de apresentar uma devolutiva sobre seu progresso na escolha na carreira, quais os possíveis desdobramentos do processo de orientação, e quais necessidades ainda eram reconhecidas para que pudesse assumir e concretizar seus anseios. Nesta sessão o pai foi convidado a participar, e, ao passo em que Alexandre expressava estar satisfeito com os apontamentos realizados, o progenitor se mostrava descontente com o projeto de vida que se delineava ao adolescente, havendo grande idealização dos cursos de graduação de nível superior.

Como parte importante do processo de orientação, o jovem foi convidado a argumentar e defender seu posicionamento diante de seu pai, sendo encorajado a expor as razões pelas quais esta escolha contemplaria suas demandas pessoais, sem com isso se sentir desvalorizado ou diminuído. Ao conseguir efetuar esta tarefa, apontou-se ao pai e ao próprio adolescente que não seria somente a decisão por uma profissão um caminho para a consolidação de seu papel na vida adulta, mas a conquista da habilidade de se responsabilizar por suas escolhas por sua própria existência e escolhas, bem como conseguir lidar com os sucessos e fracassos, limitações e possibilidades presentes em sua trajetória de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou demonstrar o papel da avaliação psicológica no contexto da Orientação Profissional/Vocacional, e como a utilização destes recursos pode potencializar a eficácia das intervenções propostas pelo psicólogo, uma vez que sua atuação estará embasada nas características da pessoa assistida, levando em conta suas limitações, dificuldades, recursos e potenciais. Assim, aliando a avaliação a entrevistas e a observações das atividades em grupo, foi possível focalizar o processo de orientação no desenvolvimento da maturidade para a escolha profissional do participante, bem como da autonomia para a construção de seu projeto de vida.

O emprego da Escala de Maturidade para a Escolha Profissional - EMEP e do Teste de Fotos de Profissões – BBT-Br auxiliou na identificação de demandas no jovem, que se relacionavam não só ao escolha da carreira, mas também com a relevância de refletir e trabalhar sobre conflitos e dificuldades vividas em outras esferas de sua vida. Dessa maneira, a utilização desses instrumentos favoreceu a ampliação de dados obtidos durante o atendimento psicológico em Orientação Profissional/Vocacional, possibilitando a elaboração de estratégias a fim de auxiliar o adolescente no desenvolvimento de seus comportamentos vocacionais.

REFERÊNCIAS

- Achtnich, M. (1991). *O BBT – Teste de Fotos de Profissões: Método projetivo para a clarificação da inclinação profissional*. Tradução J. Ferreira Filho. São Paulo: CETEPP.
- Brasil (2008). Políticas sociais: acompanhamento e análise nº15. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA.
- Bohoslavsky, R. (1971). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. Tradução José Maria V. Bogart. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Título original: Orientación Vocacional – la estrategia clínica. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision.
- Duarte, M. E. (2008). A Avaliação psicológica na intervenção vocacional: princípios, técnicas e instrumentos. In: Taveira, M. C., Silva, J. T. (Orgs.). *Psicologia Vocacional*. (pp. 139-157). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Duarte, M. E., Bardagi, M. P. & Teixeira, M. A. (2011). Orientação, Avaliação e Testagem. In: Ribeiro, M. A., & Melo-Silva, L. L. (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 2: Enfoques teóricos contemporâneos e modelos de intervenção*. (pp. 99-154). São Paulo: Vetor.
- Erikson, Erik H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jacquemin, A. (Coord.); Okino, E. T. K.; Noce, M. A.; Assoni, R. F.; Pasian, S. R. (2006). *O BBT-Br Feminino: Teste de Fotos de Profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo: CETEPP.

- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br - Teste de Fotos de Profissões: Normas, Adaptação Brasileira, Estudos de Caso*. São Paulo: CETEPP
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência e Reflexões Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. Principais temas abordados por jovens vestibulandos centrados na escolha profissional. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Eds.), *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (2 ed., pp. 39-56). Porto Alegre: Artmed.
- Melo-Silva, L. L. (2005). Orientação Profissional em uma clínica-escola de Psicologia. In L. L. Melo-Silva, M. A. Santos & C. P. Simon (Eds.), *Formação em psicologia: Serviços-escola em debate* (pp. 171-196). São Paulo: Vetor.
- Melo-Silva, L. L., Assoni, R. F. & Bonfim, T. A. (2001). A História das cinco fotos preferidas do BBT: Proposta de um modelo de análise. In *Simpósio de Orientação Vocacional & Ocupacional, 4*, 1999, Florianópolis-SC. São Paulo: Vetor.
- Melo-Silva, L. L., Lassance, M. C. P., & Soares, D. H. P. (2004). A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 5*(2), 31-52.
- Melo-Silva, L. L., Noce, M. A. & Andrade, P. P. (2003, Dezembro). Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. *Psic, São Paulo, 4* (2), 06-17.
- Melo-Silva, L. L., Pasian, S. R., Assoni, R. F. & Bonfim, T. A. (2008). Assessment of Vocational Guidance: The Berufsbilder Test. *The Spanish Journal of Psychology, 11* (1), 301-309.
- Nascimento, I. & Coimbra, J. L. (2005). A escolha do foco de intervenção em consulta psicológica vocacional: contributos para uma perspectiva integradora da intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 6*(2), 15-3.
- Nascimento, R. S. G. F. (2007). Avaliação psicológica em processos dinâmicos de orientação vocacional individual. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 8*(1), 33-44.
- Neiva, K. M. C. (1999). *Escala de maturidade para a escolha profissional – EMEP. Manual*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica.

- Noce, M. A. (2008). *O BBT-Br e a maturidade para a escolha profissional: evidências empíricas de validade*. Unpublished Tese, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Noronha, A. P. P., Freitas, F. A., & Ottati, F. (2003). Análise de instrumentos de avaliação de interesses profissionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 287-291.
- Pasian, S. R., Okino, E. T. K., & Melo-Silva, L. L. (2007). O Teste de Fotos de Profissões (BBT) de Achnich: histórico e pesquisas desenvolvidas no Brasil. *Psico-USF (Impresso)*, 12, 173-187.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1964).
- Sheehy, G. (1998). *Passagens: crises previsíveis da vida adulta*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- Soares, D. H. P. (2002). Técnicas e jogos para utilização de técnicas em orientação profissional. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Eds.), *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (2 ed., pp. 260-273). Porto Alegre: Artmed.
- Sparta, M., Bardagi, M. P., & Teixeira, M. A. P. (2006). Modelos e instrumentos de avaliação em orientação profissional: perspectiva histórica e situação no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 19-32

DALTONISMO E CARACTERÍSTICAS AFETIVAS: UM ESTUDO POR MEIO DO RORSCHACH E DO PALOGRÁFICO

Jonathan Melo de Oliveira

UnB

Rejane Lucia Veiga Oliveira Johann

UFS

INTRODUÇÃO

O daltonismo, como uma alteração corporal sem graves conseqüências biológicas à pessoa que a manifesta, há muito tempo faz-se um fenômeno interessante, despertando a curiosidade tanto de estudiosos quanto da população de forma geral. Uma pessoa que tem o que se pode chamar de cegueira parcial ou total de cores, pode sofrer de diversas maneiras, no sentido de que sua visão de mundo terá uma particularidade a mais, em relação à das outras pessoas. O papel das cores, como estabelecido tanto pela natureza, quanto pela sociedade, pode chegar a perder todo o significado. Surge então a dúvida sobre como esta alteração de significado, ou até anulação do mesmo, pode interferir em aspectos únicos do sujeito, como sua personalidade.

Apenas no século XVIII, surgiu a ideia de que nem todas as pessoas são capazes de distinguir as diferentes cores existentes. Esta proposição foi feita pelo químico e físico inglês John Dalton (1766-1844) que, como afirma Roditi (2005), “por não poder enxergar as cores, foi o primeiro cientista a descrever esse tipo de deficiência fisiológica, atualmente conhecida como daltonismo” (p. 57-58).

O Daltonismo ou o seu sinônimo mais aceito cientificamente, discromatopsia (dis = distúrbio; cromos = cor; ophis = olho), consiste em um “termo genérico usado para designar qualquer distúrbio de cores” (Bicas & Jorge, 2007, p. 608). Sendo assim, a partir do momento em que uma pessoa não é capaz de identificar as cores da mesma maneira que as outras ao seu redor há um indício de que ela seja daltônica. Isso pode

ser confirmado ou refutado através de testes oftalmológicos específicos para realização deste diagnóstico.

Existem diversas categorias para classificar os diferentes tipos de daltonismo, tendo importância não somente o tipo de defeito na sensibilidade cromática, mas também como este foi originado. Bruni e Cruz (2006), afirmam que existem duas grandes classes de defeitos: os congênitos e os adquiridos. Os primeiros se devem a uma alteração genética ligada ao cromossomo X, como afirma Spalton, Hitchings e Hunter (1982/2006), já os adquiridos advêm de diversas causas e são caracterizados pelo surgimento após o nascimento do sujeito. O presente artigo tratará apenas da discromatopsia congênita devido a sua maior precisão de classificação diagnóstica.

Fairchild (1996/2005) detalha a ligação entre os defeitos congênitos da visão e a genética ao declarar que uma mulher só irá apresentar alguma deficiência para visão de cores se ela tiver dois cromossomos X deficientes. Desse modo, se apenas um deles contiver os genes para a criação de fotopigmentos normais, então, a mulher terá uma visão normal de cores. Já no caso dos homens, basta que o único cromossomo X não tenha os genes responsáveis pelos fotopigmentos para que a visão de cores sofra alguma deficiência. Devido a isso, a incidência de discromatopsia congênita é muito maior em homens do que em mulheres. Os dados populacionais serão abordados com mais detalhes posteriormente.

Os defeitos congênitos podem ser caracterizados como: tricromatismo anômalo, dicromatismo e monocromatismo. O primeiro acontece quando se percebe a luz branca através de proporções anômalas de vermelho, verde e azul. Já no dicromatismo o sujeito percebe o branco com estímulos de apenas dois tipos diferentes de cones. Enquanto que no monocromatismo o sujeito percebe o branco com qualquer um dos estímulos (Bruni & Cruz, 2006). Tendo em vista que existem combinações diferentes no tricromatismo anômalo e no dicromatismo, existem ainda algumas subcategorias. Assim, como se refere Spalton et al. (1982/2006), a protanomalia é o tipo de tricromatismo anômalo no qual a pessoa é deficiente de cones vermelhos e precisa de excesso de vermelho para combinar com o amarelo, enquanto a deuteranomalia exige mais verde e a tritanomia exige mais azul. Com relação ao dicromatismo, a protanopia é caracterizada pela ausência de cones vermelhos, a deuteranopia pela ausência de cones verdes e a tritanopia pela ausência

de cones azuis. Estes autores também declaram que os que possuem monocromatismo, também chamado de acromatismo, devido à ausência de cones (monocromatismo de bastonetes), só distinguem cores em termos de brilho. Segundo Fairchild (1996/2005), o monocromatismo também pode acontecer quando há efetivamente um tipo de cone (monocromatismo de cones).

Estima-se que o número de portadores de alguma discromatopsia varie entre 5% e 10% da população masculina (Gonçalves, 1979). A prevalência desses defeitos é muito maior em homens do que em mulheres. “De fato, a prevalência feminina é um vinte avos da prevalência masculina” (Richmond Products, 2010, p.4). Dentre os tipos de defeitos da visão, os que mais comumente afetam as pessoas são os que dizem respeito às cores vermelho e verde. Já os defeitos relacionados à cor azul são muito raros. Com base nos dados de Hunt (conforme citado por Fairchild, 1996/2005), considerando apenas os sujeitos do sexo masculino, o tipo de discromatopsia mais comum é a deuteranomalia com 4,9%, seguido da deuteranopia com 1,1% e protanopia e protanomalia com 1%. Os outros tipos são extremamente raros, sendo que tritanopia apresenta uma incidência de 0,002% e o monocromatismo de bastonetes ocorre em apenas 0,003% da população. Os outros tipos têm uma porcentagem muito próxima a 0%.

Dentre as diversas técnicas projetivas, uma das mais conhecidas é a que utiliza um instrumento chamado Teste de Rorschach. Perceber um estímulo, como uma mancha de tinta do teste em questão, envolve uma série de diferentes fatores sensoriais a serem apreendidos, como forma, tamanho, distância, coloração, etc. Como já foi dito anteriormente, é a partir dessas sensações que se torna possível realizar uma interpretação sobre o que é visto. Devido à ênfase deste trabalho, o foco será mantido apenas no que diz respeito à influência da cor na interpretação de estímulos, no caso as manchas de tinta do teste de Rorschach.

No que diz respeito ao Rorschach, as cores são as responsáveis, justamente, por evidenciar como se configuram estas questões emocionais no sujeito que responde ao teste. Sousa (1982) explica que a forma como o examinando reage às cores e a maneira utilizada por ele para resolver este estímulo proporciona indicações sobre a vida emocional deste. O próprio Hermann Rorschach (1962) detalhou, em seu trabalho introdutório ao teste, algumas formas especiais de afetividade que estariam

relacionadas diretamente à incidência das cores nas respostas dos sujeitos. Dentre estas formas encontra-se: a capacidade de empatia, a sugestibilidade e a impulsividade.

Tendo em vista a abrangência de fatores aos quais as cores estão relacionadas, é possível afirmar que a percepção de cores é de grande importância não somente na avaliação dos afetos do sujeito, como também na influência que elas podem vir a ter no seu modo de agir. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo averiguar quais as possíveis diferenças que a visão atípica de cores pode proporcionar na avaliação da personalidade através do teste de Rorschach, no qual a coloração faz-se importante, comparado ao teste Palográfico, que também avalia personalidade, porém como se dá a visão de cores pelo sujeito é indiferente ao seu desempenho na tarefa.

MÉTODO

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFS. Participaram 7 sujeitos do sexo masculino, sendo todos portadores de discromatopsia congênita. A idade variou entre 20 e 33 anos, com uma média de 23,43 (DP=4,39). No que diz respeito ao grau de escolaridade, seis participantes possuem nível superior incompleto (estudantes) e um informou ter completado o nível superior (tendo a profissão de professor universitário). Quanto ao estado civil dos participantes da pesquisa, três se declararam solteiros com companheira(o) e quatro solteiro sem companheira(o). Com relação aos tipos de daltonismo, três sujeitos informaram diagnóstico de deuteranomalia, três com tritanopia e um sujeito apresentou protanopia.

Para a realização desse estudo foram utilizados três instrumentos: um questionário sócio-demográfico acrescido de algumas perguntas específicas sobre problemas de visão do sujeito, o Teste de Rorschach, Sistema Compreensivo de classificação e o Teste Palográfico.

Foram levados em conta os seguintes dados quantitativos do Teste de Rorschach: O número de respostas (R); a proporção de Forma Pura (Λ); o Estilo preferencial da resposta (EB); o Quociente Afetivo (Afr); a Proporção de Construção

(WSumC:SumC'); o número de respostas com determinante misto de cor e sombreado (Cor-SH); a experiência base (eb); o número de respostas no espaço branco (S); a proporção entre os determinantes FC: CF+C; a Projeção de Cor (CP); a Experiência Efetiva (EA), que se relaciona aos modos selecionados pelo sujeito para lidar com a experiência; o Índice de Déficit Relacional (CDI).

Foram considerados os seguintes dados quantitativos do Teste Palográfico: Irregularidades da inclinação dos Palos, da pressão, do tamanho dos Palos, da distância entre Palos, da distância entre as linhas, do alinhamento dos Palos; presença de ganchos, brisados e tremor – para avaliação da emotividade e expressão dos afetos; distância entre linhas, espaçamento entre os Palos, tamanho dos Palos, margem esquerda, margem direita e inclinação dos Palos – para avaliação do relacionamento interpessoal.

Os instrumentos foram aplicados individualmente, em sala reservada, na sequência em que foram mencionados. A aplicação dos instrumentos foi realizada no Laboratório de Técnicas e Exames Psicológicos da Universidade Federal de Sergipe (LATEP/UFS). Devido ao perfil dos participantes, foi utilizado o método de recrutamento de sujeitos por conveniência.

A aplicação teve início apenas após uma sucinta explicação de seus objetivos e informação sobre o caráter voluntário e sigiloso da participação de cada um. Ao aceitarem participar da pesquisa, os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, de igual teor, sendo que uma destas ficou de posse do participante da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do Teste Palográfico foram computados de acordo com o manual do instrumento (Alves & Esteves, 2004). O Teste de Rorschach foi avaliado segundo o Sistema Compreensivo (Exner, 1999, Nascimento, 2010, Weiner, 2000). A seguir são apresentados quadros por sujeito comparando os resultados dos testes. São apresentadas apenas as semelhanças encontradas.

Quadro 1: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 1, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 1	
Teste Palográfico	Teste Rorschach
Atitude de reserva e pouca necessidade dos outros nas atividades, frieza e indiferença. Racional, desconfiado, intransigente.	Predomínio do pensamento lógico disciplinado. Torna-se incômodo nas situações em que precisa entrar em jogo os componentes afetivos ou colocar à prova a imaginação.
Temor de situações novas.	Possui recursos limitados para lidar com situações diferentes.
Agressividade canalizada para ação ou atitude agressiva com os outros é mascarada por uma forma socialmente aceita.	Existência de níveis de raiva que não são expressos pela pessoa e que interferem nas experiências prazerosas do afeto.

Quadro 2: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 2, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 2	
Teste Palográfico	Teste de Rorschach
Preocupação em alcançar os objetivos.	Evidencia boa capacidade de se adaptar e facilidade em alcançar seus objetivos, denotando funcionamento razoavelmente adequado.
Intuição, sensibilidade, ambivalência	Emocionalidade ambivalente indicando que o indivíduo costuma apresentar dificuldade em identificar os sentimentos que lhe afligem.
Sinal de emotividade, isto é uma tendência de reagir fortemente às emoções, com propensão de desequilíbrio fisiológico e psicológico.	Apresenta capacidade adequada para vivenciar e expressar afetos, embora seja emocionalmente imaturo, expressando seus sentimentos de forma dramática e intensa, apesar destes serem superficiais.

Quadro 3: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 3, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 3	
Teste Palográfico	Teste de Rorschach
Equilíbrio, ponderação(...)firmeza, domínio dos desejos sentimentos e emoções, com domínio da conduta.	Costuma agir racionalmente nas situações em que se encontra, deixando os sentimentos de lado e utilizando-se do pensamento antes de tomar decisões.
Preocupação em alcançar os objetivos.	Maior a facilidade em alcançar seus objetivos.
Momentos de certa reserva e distância e outros de grande proximidade, o que pode causar dificuldades nos relacionamentos.	Provável aversão a situações que envolvam a expressões de sentimentos e o que causa um retraimento emocional que afeta a capacidade adaptativa. Esta característica também afeta os relacionamentos interpessoais, pois estes demandam tanto a expressão de sentimentos quanto de idéias.

Quadro 4: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 4, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 4	
Teste Palográfico	Teste de Rorschach
Não houve características de personalidade semelhantes nos resultados dos dois instrumentos.	

Quadro 5: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 5, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 5	
Palográfico	Rorschach
Emotividade desordenada, conflitos internos, ambivalência.	Sua emocionalidade é ambivalente, conseqüentemente, costuma apresentar dificuldade em identificar os sentimentos que lhe afligem.
Apesar de denotar moderação e ponderação nos relacionamentos, introversão, timidez, recato, prudência	Tipo vivencial Introversivo persistente - costuma agir racionalmente nas situações em que se encontra, deixando os

nos contatos, necessidade de reflexão e, falta de espontaneidade.	sentimentos de lado e utilizando-se do pensamento antes de tomar decisões.
Apresenta atitude de reserva e pouca necessidade dos outros nas atividades.	Denota provável aversão a situações que envolvam a expressão de sentimentos causando retraimento emocional e afetando a capacidade adaptativa. Esta característica também influencia os relacionamentos interpessoais.

Quadro 6: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 6, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 6	
Palográfico	Rorschach
Introversão, timidez, recato, prudência nos contatos, necessidade de reflexão e demora para tomar decisões, falta de espontaneidade.	Provável aversão a situações que envolvam a expressões de sentimentos causando retraimento emocional e afetando a capacidade adaptativa. Esta característica também influencia seus relacionamentos interpessoais. Denota capacidade insuficiente de vivenciar e expressar afetos, com prejuízo da adaptação.
Temor de situações novas, riscos e iniciativas, receio em relação ao futuro e aos relacionamentos. Ansiedade na adaptação, desconfiança, ambivalência, insegurança no contato com autoridades, ansiedade e insegurança para tomar decisões.	Evidencia estar vivenciando uma grande carga de estresse emocional. Possui recursos limitados para lidar com situações diferentes.
Personalidade instável e pouco persistente.	Tipo vivencial indefinido.

Quadro 7: Comparativo dos resultados da avaliação das características afetivas do Sujeito 7, segundo o Teste Palográfico e o Teste de Rorschach

Sujeito 7	
Palográfico	Rorschach
Distanciamento no contato com outras pessoas, precaução e cautela nas suas relações, o que aumenta a formalidade	Provável aversão a situações que envolvam a expressões de sentimentos causando retraimento emocional que

nos relacionamentos interpessoais.	afeta a capacidade adaptativa. Esta característica exerce influência em seus relacionamentos interpessoais.
Introversão, preferência por atividades que possa realizar sozinho. Pensa muito para falar e para tomar decisões. Timidez, recato, prudência nos contatos, necessidade de reflexão e demora para tomar decisões, falta de espontaneidade	Tipo vivencial introversivo - indivíduo que costuma agir racionalmente nas situações em que se encontra, deixando os sentimentos de lado e utilizando-se do pensamento antes de tomar decisões

Cabe destacar as variáveis que apontam as características afetivas detectadas pelo Teste de Rorschach . Estas são apresentadas nas Tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1: Número de respostas e Lambda do teste de Rorschach de pessoas portadoras de discromatopsia congênita.

Sujeito	Rorschach						
	1	2	3	4	5	6	7
R	21	28	51	23	37	16	16
Lambda	4,2*	0,47	1,48*	1,87*	0,95	0,77	0,14

* $L > 1,14$

Tabela 2: Tipo Vivencial aferido no teste de Rorschach de pessoas portadoras de discromatopsia congênita.

Sujeito	Rorschach						
	1	2	3	4	5	6	7
EA	0	11	8,5	2	9,5	3	11
M : WsumC (EB)	0:0	5:9	6:2,5	2:0	8:3,5	1:2	6:3
EB Per	-	1,8	2,4	2,0	5,33*	2,0	2,0

Tipo	C n/c	E	I	I n/c	I	A n/c	I
Vivencial							

Legenda: A=Ambigüal, C=Coartado, I=Introversivo, E=Extratensivo; n/c= EB não confirmada; * EBPer confirmada

Tabela 3: Variáveis relevantes do Teste de Rorschach para análise das características afetivas de pessoas portadoras de discromatopsia congênita.

Variáveis	Sujeitos							Média	DP
	1	2	3	4	5	6	7		
Rorschach									
Afr	0,24	0,64	0,40	0,34	0,23	0,45	0,33	0,37	0,14
WSumC:SumC'	0:0	9:0	2,5:4	0:0	3,5:0	2:0	3:1	2,85:0,71	3,03:1,49
Cor-SH	0	2	1	0	1	1	0	0,71	0,75
eb	1:1	8:4	5:11	4:2	6:7	2:3	4:3	4,29:4,43	2,36:3,45
S	4	1	4	1	8	4	1	3,29	2,56
FC: CF+C	0:0	1:6	0:2	0:0	1:3	0:2	0:3	0,29:2,29	0,48:2,05
CP	0	0	0	0	0	0	0	0	0
EA	0	11	8,5	2	9,5	3	9	6,14	2,86
CDI	4	2	2	3	3	3	3	4,34	0,69

No que diz respeito às variáveis necessárias para a validade da aplicação do Teste de Rorschach, é notável que, de modo geral, os sujeitos deram muitas respostas de Forma Pura, que são consideradas simplórias e dificultam a avaliação da personalidade do indivíduo. O Lambda alto normalmente sugere que o indivíduo teme se expor, ou seja, não está aberto à experiência. No entanto, o fato de três sujeitos, uma parte considerável da amostra, terem apresentado um $\Lambda > 1,14$ denota que possivelmente isso também pode ser atribuído a certa dificuldade para considerar outros aspectos da mancha de tinta além da forma. Também é importante observar que dois sujeitos com protocolos válidos apresentaram um número respostas (16) pouco acima do mínimo necessário (14), o que também pode ter alguma relação com a

dificuldade em enxergar as cores de forma apropriada. Esses resultados podem indicar que o prejuízo causado na percepção da mancha advém da condição dos sujeitos.

Com relação às respostas de cor no Teste de Rorschach, o número de respostas FC foi abaixo da média em quase todos os sujeitos, sendo zero em cinco deles. Em três indivíduos foi detectado um desequilíbrio emocional devido ao número significativamente maior de respostas CF+C. Uma possível explicação para isso, é o fato de que daltônicos podem utilizar outros parâmetros para a diferenciação de objetos que não as cores, fazendo com que suas respostas envolvendo cor tenham menor frequência e que, quando presentes, ocorram desacompanhadas de forma ou deixando-a em segundo plano.

O único sujeito que apresentou respostas de cor em número acima da média foi o sujeito 2. Observando-se que seu tipo de daltonismo é a tritanopia, é possível supor que seu número de respostas de cor não tenha sido baixo como o dos outros pelo fato de que sua deficiência não interfere tanto na visão de cores quanto os outros tipos de daltonismo (deuteranomalia e protanopia).

O Tipo Vivencial tem estreita relação com as cores. Apesar de três sujeitos não terem definido seu tipo, uma vez que $EA < 4$, se observa que apenas um sujeito foi identificado como extroversivo ($M < WSumC$). Deste modo, pode-se questionar o grau de interferência da visão defeituosa de cores na avaliação de características afetivas por meio da técnica de Rorschach. Ao passo que as cores tem grande importância na identificação do afeto e na expressão de sentimentos, os sujeitos daltônicos apresentando-se como introversivos, podem corroborar com o raciocínio proposto anteriormente de que outros aspectos têm maior relevância que as cores para essas pessoas. O comparativo entre os resultados obtidos no Palográfico e no Rorschach fortalecem essa proposição ao evidenciar que o tipo vivencial tem fundamento em quase todos os casos em que foi definido, isto é as características levantadas pelos testes se equivalem.

Os participantes da presente pesquisa tiveram um desempenho muito diferente da amostra normativa quando observada a variável Afr. O fato de seis sujeitos terem apresentado $Afr < 0,49$ também parece ter alguma relação com o daltonismo. O cálculo de Afr se faz através da divisão do número de respostas nos cartões VIII, XI e X (policromáticos) pelo número de respostas nos outros cartões

(dicromáticos e monocromáticos). A estimulação advinda das cores nos três últimos cartões é de grande importância para que o número de respostas seja alto, podendo até considerar que algumas áreas parecem divididas por suas cores. Caso o indivíduo não enxergue essas divisões, como é provável que tenha ocorrido com os sujeitos participantes, o número de áreas percebidas e os detalhes serão menos evidentes, conseqüentemente, haverá uma redução do número de respostas.

Um dado relevante pode ser observado no que se refere ao determinante misto Cor-SH. Apesar de sua rara frequência na amostra normativa, esta variável apareceu em quatro sujeitos, o que constitui boa parte da amostra. Seu significado se refere a ambivalências sentimentais, estados disfóricos. No entanto, em comparação com o restante dos dados, esta variável pareceu ter sido prejudicada pela visão defeituosa de cores dos sujeitos, já que, na maioria dos casos, não foi endossada pelo restante das características obtidas tanto no teste de Rorschach quanto no Palográfico.

O sujeito 4 obteve um resultado muito diferente entre os dois testes aplicados, sendo que nenhuma informação foi observada nos dois resultados. Observando que isso ocorreu com apenas um sujeito, pode-se supor que este é um caso isolado. Uma maneira de explicar isso se deve ao fato de que poucas informações puderam ser coletadas através do Rorschach, já que, apesar do sujeito ter apresentado um número de respostas dentro da média, o Lambda deste foi alto, dificultando uma avaliação mais precisa do caso. Também é importante ressaltar que o Lambda alto pode ser interpretado como uma tentativa de não se expor, o que pode ter sido um desejo do sujeito. No entanto, o teste Palográfico, a princípio, apresenta uma dificuldade maior de manipulação, fazendo com que mais dados pudessem ser evidenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma comparação entre o teste de Rorschach e o Palográfico quando aplicados a uma pessoa com discromatopsia congênita (daltonismo). De modo geral, apesar das diferenças inerentes a cada teste, percebe-se que houve prejuízo do Rorschach na avaliação da afetividade, já que o número de informações obtidas foi, em alguns casos, bastante inferior ao número

obtido no Palográfico. Apesar disso, é possível identificar algumas semelhanças entre os resultados dos dois testes, indicando que a avaliação da personalidade de pessoas daltônicas por meio do teste de Rorschach não foi totalmente prejudicada. Em função deste prejuízo nos resultados, mesmo que parcial, é desaconselhável a avaliação da personalidade de pessoas daltônicas por meio de técnicas de manchas de tinta.

Com base neste resultado, aconselha-se a utilização de outros testes psicológicos caso surja necessidade de avaliar os aspectos afetivos de uma pessoa daltônica. Além do próprio Palográfico utilizado nesta pesquisa, existem outros testes como o Teste de Apercepção Temática (TAT) e o Psicodiagnóstico Miocinético (PMK) que não utilizam cores na sua aplicação e abordam questões próximas às observadas através do Rorschach. Vale ressaltar que o PMK obtém certa vantagem sobre as outras técnicas de avaliação já que sua metodologia impossibilita a manipulação do indivíduo sobre o resultado, mesmo que este domine os procedimentos de aplicação e correção desta técnica.

Uma questão que dificultou a interpretação dos dados foi o fato de que tipos diferentes de daltonismo foram avaliados. Um método mais seguro seria a separação dos sujeitos por tipo de deficiência, avaliando vários grupos diferentes de daltônicos ou apenas um grupo com um tipo de daltonismo específico.

A realização de mais pesquisas que explorem o tema de forma a definir os sinais de daltonismo detectados pelo Teste de Rorschach é de grande importância para que um dia seja possível que se identifique tratar-se de uma pessoa daltônica, e então se possa optar pelo uso de outro instrumento que não utilize as cores em sua avaliação, e até mesmo encaminharmos essa pessoa para uma avaliação oftalmológica a fim de confirmar tal diagnóstico, uma vez que nem todo daltônico sabe que é daltônico.

Esta pesquisa tratou de um assunto ainda pouco analisado na avaliação psicológica. Poucos trabalhos foram encontrados para a revisão bibliográfica que abordassem algum aspecto relacionado ao daltonismo e nenhum foi encontrado utilizando o teste de Rorschach ou outra técnica de manchas de tinta. Sendo assim, há uma demanda para que outros trabalhos sejam realizados com temáticas similares. Uma pesquisa interessante seria a própria replicação desse estudo com uma amostra

maior. A utilização do Teste de Apercepção Temática para a avaliação da personalidade seria uma boa opção em substituição ao Palográfico.

REFERÊNCIAS

- Adrados, I. (2000). *Teoria e prática do Teste de Rorschach* (12ª ed.) Petrópolis: Vozes.
- Alves, I. C. B. & Esteves, C. (2004). *O Teste Palográfico na avaliação da personalidade*. São Paulo: Vetor Editora.
- Bicas, H. E. A., & Jorge, A. A. H. (2007). *Oftalmologia: fundamentos e aplicações*. (1ª ed.) São Paulo: Techmedd.
- Bruni, L. F., & Cruz, A. A. V. (2006). Sentido cromático: tipos de defeitos e testes de avaliação clínica. *Arq Bras de Oftalmol*, 69 (5), 766-775.
- Exner Jr, J. E. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fairchild M. D. (2005). *Color Appearance Models* (2nd ed.). Chichester: Wiley. (Trabalho original publicado em 1996)
- Gonçalves, C. P. (1979). *Oftalmologia* (5ª ed.) Rio de Janeiro: Atheneu.
- Richmond Products (2010). *Color Vision Deficiency A Concise Tutorial for Optometry and Ophthalmology*, Albuquerque, Novo México.
- Roditi, I. (2005). *Dicionário Houaiss de Física*. (1ª ed.) Rio de Janeiro: Objetiva.
- Rorschach, H. (1962). *Psicodiagnóstico*. (M. S. V. Amaral, Trad.)(1ª ed.). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1921).
- Sousa, C. C. (1982). *O Método de Rorschach*. (3ª ed.) São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Spalton, D. J, Hitchings R. A. & Hunter P. A. (2006). *Atlas de oftalmologia clínica* (R. L. A. Neves et al., Trad.)(3ª ed.). Rio de Janeiro: Elsevier. (Trabalho original publicado em 1988).
- Weiner, I. B. (2000) *Princípios da interpretação do Rorschach*. (M. C. V. M. Silva Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

DESENHOS DE CRIANÇAS BRASILEIRAS E MEXICANAS

Sonia Grubits

UCDB/MS, BR

Heloisa Bruna Grubits Freire

UCDB/MS, BR

José Angel Vera Noriega

*CIAD/AC, MX***INTRODUÇÃO**

Nossa proposta é relatar experiências e vivências de duas décadas com grupos infantis indígenas, brasileiros e mexicanos. Trabalhamos com grupos indígenas Bororo, Guarani/Kaiowá e Kadiwéu do centro oeste brasileiro e Mayo, Náhuatl e Tseltales do México. Reunimos material importante em atividades de expressão artística, observamos a movimentação e verbalização das crianças, além de manter contato com os pais, familiares e comunidades de um modo geral. As revisões bibliográficas, principalmente na área da Antropologia e Sociologia foram fundamentais para o entendimento dos significados dos desenhos.

As pesquisas apresentadas neste trabalho receberam apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT). A informação sobre comunidades brasileiras é resultado das pesquisas de Sonia Grubits (Universidade Católica Dom Bosco, Brasil), e para a informação das etnias de México obteve-se informações diretas do Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo (CIAD, AC), onde atualmente se coordenam trabalhos de investigação sobre desenvolvimento humano sustentável em diferentes regiões de México, a cargo da equipe do Dr. José Ángel Vera Noriega.

Os Bororó do Brasil.

Os Bororo se encontram na missão Salesiana de Meruri na altura do km 12 da estrada federal que vai de Barra das Garças a Cuiabá, capital de Mato Grosso, Brasil. Quanto à cultura do grupo, destacam-se as danças e cantos relacionados com a fabricação de adornos e a distribuição cerimonial do alimento. Nestas atividades surge a importância do “Baadojebage” que coordena as diferentes atividades cerimoniais, o “Bakurukudu”, chefe máximo dos “Baadojebage” que acompanha os cantos de caça e pesca ligados aos funerais, preside as cerimônias de iniciação e a perfuração dos jovens, particularmente a do lábio inferior dos que tem entre 12 e 14 anos, assim como a cerimônia para perfurar os lóbulos das orelhas das crianças e a do septo nasal dos jovens que já são pais.

Na organização social *Gê Bororó* podemos identificar o desenvolvimento máximo dos princípios de oposição complementar de categorias sociais e de valores cosmológicos. Para entender o referido sistema, podemos nos deter na organização da sociedade Bororo em aldeias formadas por um conjunto de ocas, tradicionalmente dispostas em círculo, em torno de uma grande oca central, a casa dos homens (*bai mana gejewu*). (Viertler, 1976).



Desenho infantil Bororo. Aldeia com as casas dispostas em círculos.

Viertler (1976) informa que existe uma cerimônia para a atribuição dos nomes de acordo com o arranjo circular da aldeia e que se ordenam hierarquicamente entre si. Os nomes estão associados a matérias primas de maior ou menor qualidade, peso, idade, beleza ou posição da família no grupo. Os nomes integram de modo específico o indivíduo a uma rede de distribuição de direitos e deveres sociais que não são equitativos, ressaltando desigualdades entre jovens e velhos, mulheres e homens, maduros e imaturos.

Desde o ponto de vista econômico, a concepção de riqueza não é compatível com a concepção não índio. Lévi - Strauss (1955) nos diz que alguns dos melhores caçadores e pescadores têm mais sorte que outros e são habilidosos intercambiando alimentos por objetos manufaturados. A riqueza do clã estaria mais ligada a um capital de mitos, danças e funções religiosas, objetos ou de tudo aquilo que se use para identificá-los. A distinção dos clãs esta mais elaborada através do rústico e refinado ou criativo e original que entre ricos e pobres. Isto é, para os Bororo as diferenças de classe não se dão em termos de simulação de riqueza.

Os Guarani do Brasil.

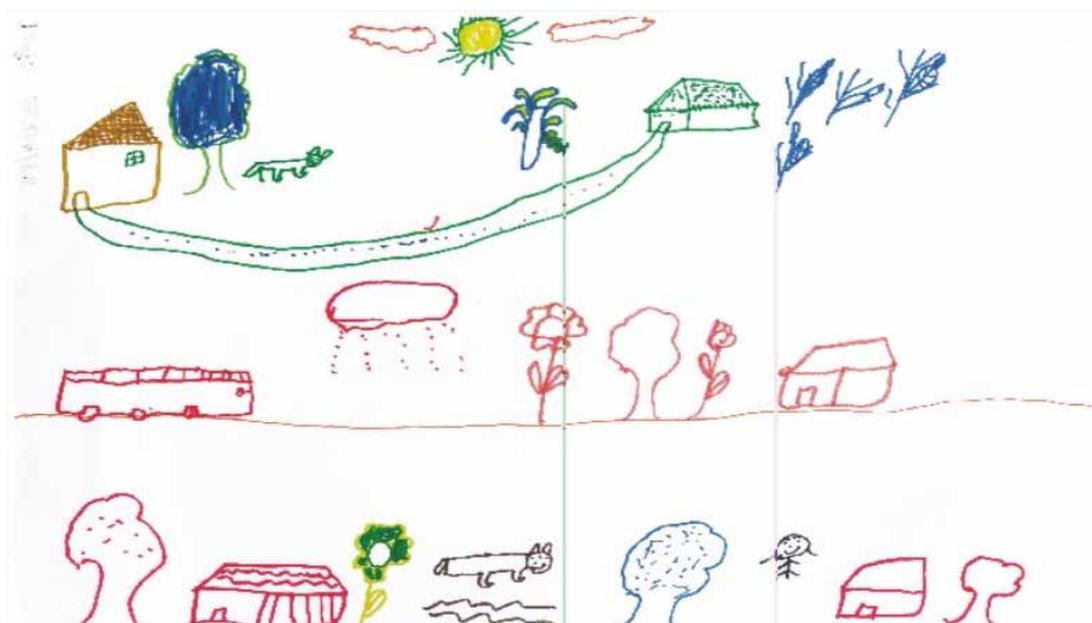
O número atual de Guarani no estado de Mato Grosso do Sul é de cerca de 60 mil nas reservas localizadas particularmente na cidade de Dourados em Mato Grosso do Sul e sua periferia. Este número tem aumentado rapidamente tornando as condições de sobrevivência mais precárias. Esta situação está ligada em grande parte à perda de suas terras pelo excesso de população na maioria das reservas e o processo contínuo de degradação dos recursos naturais. Assim, a produção interna que cada família consegue obter diminui ano a ano. Atualmente a maioria das plantações é de autoconsumo, os homens trabalham nas destilarias de álcool e nos engenhos açucareiros através de contratos que tem uma duração de 40 a 50 dias dos meses de maio a novembro o que coincide com a época na qual preparam os plantios para as lavouras do verão. Por outro lado, as mulheres e as crianças que ficam nas reservas assumem o trabalho na lavoura.

Viveiros de Castro (1986) relata que é possível encontrar nas aldeias formas de residência, estruturas cerimoniais, sistemas de parentesco e atitudes perante a guerra

e o xamanismo extremamente variáveis. De acordo com a organização social Tupi-Guarani, ramo do grande tronco Guarani, as aldeias do grupo parecem um composto de pequenas aldeias, núcleos de casa voltados para si mesmos.

O desenho abaixo de uma menina representa a cosmologia Guarani com três níveis bem definidos, o superior/céu; médio/terra, aldeia e inferior/mundo subterrâneo, da cosmologia Guarani (Grubits & Darrault- Harris, 2001). A casa grande é uma construção típica de numerosas tribos dos grupos Guarani e possui na base quadrangular uma cobertura que às vezes desce do teto até o chão. As condições de vida atuais dos Guarani provocam desestruturação das famílias grandes extensas e substitui-se a casa grande por algumas cabanas mais ou menos próximas as umas das outras.

Assim também, nos desenhos de um menino, notamos o conflito entre a vida na comunidade Guarani e em um segundo momento seu desejo de se transformar em homem da cidade.



Desenho de uma menina Guarani



Desenho de um menino Guarani

Os Kadiwéu do Brasil.

Quanto aos Kadiwéu, um grupo menor, que ocupa, há mais de dois séculos, uma área de difícil acesso situada entre a serra da Bodoquena, ao sudoeste e ao sul do pantanal mato-grossense, na parte oeste do estado de Mato Grosso do Sul.

A língua Kadiwéu é a única representante da família Guaicuru ao leste do rio Paraguai. As línguas da família Guaicuru são faladas por povos tipicamente pantaneiros, habitantes do Chaco paraguaio e argentino. As afinidades entre vários dialetos desta família são muito próximas, já tendo sido observadas pelos jesuítas no século XVII. (Boggiani, 1975)

A literatura existente sobre este grupo destaca sua estrutura social, baseada em uma organização estratificada em castas: os nobres ou senhores, os guerreiros e cativos. Estes últimos eram capturados durante as guerras intertribais e integrados na sociedade Guaicuru, recebendo determinadas atribuições. Atualmente, já não existem as guerras intertribais e a captura de cativos, mas empregam-se termos específicos para indicar relações de consanguinidade e afinidade, relações socialmente determinadas, como as que se estabelecem entre descendentes de senhores e cativos e entre padrinhos e afilhados, adotados da população regional.

Apesar de que a atividade xamanística tem perdido muita da sua importância na vida deste grupo, o reduzido número de nidjienigi (xamãs), também chamados pais, existentes atualmente na Reserva Indígena Kadiwéu, conservam seu prestígio. Uma

das principais atividades, a de curador, sofre a concorrência direta da assistência médica prestada pelos missionários evangélicos, ou da Fundação Nacional da Saúde (FUNASA). Atualmente os Kadiwéu fazem uso frequentemente das duas práticas.

As crianças reproduzem em seus desenhos a divisão do trabalho por gênero na comunidade. A menina Kadiwéu utiliza a decoração semelhante a das cerâmicas nos seus desenhos. Os meninos desde a prematura idade aprendem a montar e domar cavalos, mas evitando maltratar os animais, ao contrário das técnicas utilizadas pelas comunidades rurais da região.



Desenho de uma menina Kadiwéu



Desenho de um menino Kadiwéu

Os Mayo de Sonora, México

Os Mayo habitam na região composta pelos vales costeiros localizados entre os rios Mayo e Forte, no sul do Estado de Sonora e norte de Sinaloa, México. O último censo registrou uma população aproximada de 28 mil índios Mayo (CDI y PNUD, 2006)

A família Mayo vive da agricultura e tem, como regra geral, uma parcela de 4 hectares, irrigadas e semeadas (e trigo, grão-de-bico, milho e gergelim). Desenvolvem algumas indústrias domésticas como as de tecelagem de cobertores e tapetes, móveis de varas de álamo, sacos y cestos.

Além de reconhecer as autoridades oficiais mexicanas, os Mayo têm regras próprias. Elegem anualmente um governador indígena ou *covanagua-cobanaro*. Os governadores são assistidos pelo *chicotero* que aplica os castigos e ajuda em atividades administrativas. Os mais velhos são muito respeitados. O “povo maior” é um cargo vitalício que recai em um ancião respeitado, o qual representa todos perante o governo.

Embora de religião católica ou às vezes protestante, os Mayo guardam vestígios das crenças de seus ancestrais. Respeitam os bruxos ou *tamatianes*, que podem causar doenças ou curá-las, predizem as colheitas, o clima e executam ritos antigos. As festas religiosas são as mais significativas e festejam em particular o dia de São João Batista, a Páscoa e Santíssima Trindade, o dia de São João e São Jerônimo, em Sinaloa. Seguem a organização religiosa da igreja católica e tem paralelamente outras autoridades religiosas como o *maestro rezandero* que com frequência substitui o sacerdote. As danças mais importantes são *pascola*, *venado* e *coyote*, de caráter cerimonial. Essas danças são executadas pelos homens. (<http://www.sonoraturismo.gob.mx/Mayos-de-sonora.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2008).

Um exemplo da presença da cultura Mayo, em especial a religião, juntamente com o catolicismo é o desenho de crianças com cruzes e borboletas. Os *tenábaris* (casulos de borboleta) são utilizados como parte da vestimenta tradicional dos dançantes do *venado* e *pascola* (Crumrine, 1974).

A cruz desenhada por algumas crianças representa o laço estreito entre os costumes e tradições do grupo e igreja católica. Os ritos encontram-se repletos de sincretismos. Em uma parte está a religião católica e na outra está a adoração à

natureza. Ambas as partes se reúnem durante a reza, o canto, a dança, etc. (Crumrine, 1974). Os desenhos de crianças Mayo quase sempre trazem elementos da religião católica, da simbologia, a cultura e o contexto imediato da comunidade que lhe rodeia.



Desenho de um menino Mayo, com a representação de seu contexto imediato e a borboleta.



Desenho com a borboleta e cruz.

Tzotzil de Chamula, Chiapas, México

O povoado Chamula foi fundado em 1524, a população total em 2005 era de 2959 habitantes (INEGI, 2005). É um grupo étnico que pertence à nação Maya, conhecido como Tzotzil, que habita na zona dos Altos de Chiapas. Se localiza a 2260 metros acima do nível do mar no altiplano, rodeado em um 80% de terreno acidentado e um 20% de terreno plano.

O trato entre os pais e filhos é rígido e severo, independente, frio e excludente. As relações entre clãs e famílias não determinam o tipo de casamento e não existem matrimônios por descendência, para proteger o patrimônio. As mães não brincam com os meninos, nem com as meninas, só observam as brincadeiras enquanto tecem ou bordam, sem participar dos processos de desenvolvimento que o menino leva a cabo no brincar e não tenta se integrar ao mundo do menino, tenta discipliná-lo no uso do tempo, ordená-lo, sistematizá-lo no uso do espaço.

A participação das crianças na vida religiosa é muito importante, e desde pequenos aprendem a respeitar e a seguir a tradição que deixaram seus avós e que agora seus pais praticam; são educados para respeitar os mais idosos, irmãos, pais, avós, padrinhos, as tradições e atribuições que podem ou devem cumprir na comunidade. Alguns meninos participam em festas importantes como músicos (tocador de tambor).

Educação e aprendizagem são marcadas de acordo o gênero: as meninas aprendem os afazeres domésticos com a supervisão dos adultos, para que elas não envergonhem a família quando chegar o momento de se casar; são ensinadas a preparar os alimentos, fazer *tortillas*, preparar feijão, entre outros, dão de comer às galinhas, perus, porcos e cuidam das ovelhas. O ensino dos meninos consiste nos trabalhos fora da casa; saber utilizar a enxada, identificar os animais que podem ocasionar doenças, as pragas, semeadura e colheita, trazer a lenha para preparar os alimentos, para as cerimônias e cargos religiosos, respeitar à mulher e filhos (Pérez, 1999; Cervantes, 2007) .

O cuidado com as crianças é atribuição da mãe, avó da mãe, os filhos mais velhos, e em algumas ocasiões os irmãos ou cunhados. O clã em sua maioria participa alimentando e cuidando ao bebê que não usa fralda descartável nem utiliza chupeta.



Desenho de um menino Tzeltal migrante que relatou que os rostos tristes localizados em cada uma das janelas seriam os irmãos menores que iam viajar para campos agrícolas.



Desenho de menina não migrante retrata a paisagem e o estilo das casas da região, o caminho leva à casa de algum familiar, pastos e as montanhas com árvores e o milho no extremo esquerdo inferior.

Náhuatl de Guerrero, México

A localização atual dos nahuas concentra-se nas regiões Norte-Centro e Montaña, com dois assentamentos principais: um na Montaña Baja, outro na Montaña Alta e dois na Depresión del Balsas e a Costa Chica.

No estado de Guerrero vivem 212000 Náhuatl. O 40% da população indígena, estende-se ao longo da região montanhosa, que abrange o Chilpancingo no oeste até Tlapa, e a região de Iguala no norte até a Serra Madre Ocidental no Sul; os municípios com maior percentual de falantes da língua Náhuatl são Ahuacotzingo, Cualác, Chilapa, Olinalá e Zitlala. (CDI y PNUD, 2006)

A cultura Náhuatl define-se a partir dos elementos compartilhados: a vida cerimonial, o sistema de cargos civis e religiosos, os padrões de parentesco e residência, as atividades econômicas e a filiação etnolinguística. A tradição oral, os mitos e ritos são mecanismos de preservação e atualização da memória coletiva, já que é onde se inserem as mudanças e a continuidade, a sobrevivência do grupo; o ensino é o conhecimento transmitido informalmente de pai para filho ou de tio para sobrinho (Quezada, 1997).

A vida familiar desenvolve-se em duas modalidades chamadas fase nuclear e fase extensa, onde as crianças recebem as primeiras normas que permitem o convívio dentro do grupo, em sua casa, a natureza, os sistemas de cargos comunais ou religiosos, sua natureza como ser humano vinculado com os elementos da natureza.



Desenho de uma menina Náhuatl, migrante: na sua representação a criança não se percebe somente na comunidade de origem, mas rodeada de familiares e de elementos da natureza da sua cidade.

Na cultura Náhuatl as crianças comparam-se com uma pedra preciosa ou com uma pena rica (divindade). As crianças não são de seus pais, são dos deuses. O nascimento é um dom dos deuses que poderia lhes ser retirado; é comparada com objetos, como algo que embeleza, investido de valor, mas também está implícito o sentido de tributo, de oferenda (Quezada, 1997). Durante o nascimento das crianças, em algumas regiões é oferecida uma comida aos membros da comunidade

(denominada umbigo). De acordo com *Mircea* (1967), o umbigo é um símbolo, que une a criança com sua comunidade, já que representa pertença e união.

O ensino dos meninos desenvolve-se através das praticas religiosas, artesanais, agricultura; desde muito jovens as crianças são integradas nas atividades de cerâmica, têxteis de lã e algodão, madeira, selaria e metalurgia na Costa Grande.



Desenho de uma menina não falante de Náhuatl: uma representação de terras divididas e muito bem marcadas, com pouca vegetação.

A educação das crianças gira desde o nascimento em torno da ideia da fortaleza e controle de si mesmo (autonomia), transmitida através de conselhos. O *códice Mendocino*, ilustra que a educação das crianças começa com a alimentação, o controle do apetite, e as primeiras atividades no lar consistem em carregar lenha e água (*Mircea*, 1967).

A educação está sob a responsabilidade do pai e da mãe, inicialmente no entorno familiar e a segunda parte como complemento da primeira refere-se à educação pública e religiosa, que finalmente os conduz a ser homens de bom coração (in qualli iyollo), o que permite o convívio com o seu entorno.

Estas práticas de educação tem sido transmitida de pais a filhos, com algumas mudanças de elementos culturais, uns tem-se integrado e outros tem abandonado as práticas tradicionais. Finalmente, a educação familiar é a que reúne elementos

culturais e que se transmite através das atividades cotidianas: cantos religiosos, contos, adivinhações e danças. Exemplo disso, é a dança de Tecuanes (dança de tigres ou de *tlacololeros*) que os Nahuatl em Guerrero praticam, é a representação dos esforços de caçadores por conseguir capturar um tigre. Nelas vinculam-se os elementos mágico-religiosos, os ritos de fertilidade ancestrais que se manifestam nesta dança.

CONCLUSÃO

As etnias mexicanas e brasileiras estudadas, apesar da distância que as separa, apresentam semelhanças no que se refere à preservação e transmissão em seu processo educativo não formal de elementos herdados dos seus ancestrais; práticas comunitárias de sobrevivência, agricultura, pecuária, crenças, valores, a criatividade artesanal, entre outras.

Os Kadiwéu e os Tzeltales são duas etnias que na atualidade mantêm seu território e pouco se misturam com os não índios e mestiços. As crianças desenham com cores intensas e traços semelhantes aos da sua cerâmica. Estas comunidades são de difícil acesso.

Os Guarani e os Mayo mantêm contatos mais frequentes com os não índios, pois suas comunidades estão próximas ou mesmo junto às cidades, nas zonas periféricas e marginais. Suas aspirações e suas expectativas encontram-se eventualmente vinculadas a uma tendência a se parecer com crianças urbanas “mais favorecidas”.

Os Bororo e Náhuatl são comunidades que diferem das anteriores pela relação com seus espaços, cultura e tradição. Estes grupos se mimetizam para se ajustar aos que tem o poder como estratégia de sobrevivência, mas por sua vez continuam com o seus processos culturais e religiosos preservados ou modificados.

REFERÊNCIAS

- Boggiani, G. (1975). *Os caduveos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- CDI y PNUD (2006) *Definición de las regiones indígenas de México*. Apuntes Metodológicos. Coord. Enrique Serrano Carreto. México. Recuperado de <http://www.cdi.gob.mx/index>.
- Cervantes T. E. (2007). *Niveles de organización territorial de San Juan Chamula*. Instituto nacional de ecología. p. 10.
- Crumrine, N.R. (1974). *El ceremonial de Pascua y los indentidad de los Mayos de Sonora (Mexico)*. México, 363 p. Plts. Cloth, d/j.
- Mircea, E. (1967). *Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso en Metodología de la historia de las religiones*, Paidós, Buenos Aires, p. 125.
- Grubits, S. & Darrault-Harris, I. (2001). *Psicossemiótica na construção da Identidade Infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco,
- INEGI (2005). Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Página: Portal del SNIEG 2008 INEG. www.inegi.gob.mx/prod_serv/contenidos/espanol/biblioteca.
- Lévi -Strauss, C. (1955). *Tristes tropiques*. Paris: Plom.
- Levkovitz, S. (1998). *Kandire o paraíso terreal*. Rio de Janeiro: Te Corá.
- Los Mayo. Disponible en <http://www.sonoraturismo.gob.mx/Mayos-de-sonora.htm>. Acceso en 20 enero 2008.
- Pérez L. Enrique (1999). *Chamula. El pueblo Tzotzil*. Consejo Estatal para la Cultura y las Artes del Estado de Chiapas. Centro Estatal de Lenguas, Artes y Literatura Indígena, p. 131 y 235
- Quezada, N. (1997). Creencias tradicionales sobre embarazo y parto, *Anales de Antropología, México*, UNAM, Vol. XIV pp.309-3
- Viertler, R. B. (1976). *As aldeias Bororo: alguns aspectos de sua organização social*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, Série Etnologia, v. 2.
- Viveiros de Castro, E. B. (1986). *Araweté, os deuses canibais*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

DIFERENTES ÁREAS, DIFERENTES INTERESSES? UM ESTUDO COM ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO

Nerielen Martins Neto Fracalozzi

Milena Shimada

Lucy Leal Melo-Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as mudanças no mundo do trabalho têm ocorrido nos diferentes setores da produção (primário, secundário e terciário), nas organizações públicas e privadas, no que se refere à exigência de um determinado perfil dos trabalhadores ao longo da carreira, sendo que esta tem se tornado cada vez mais instável e imprevisível, em um mundo marcado por velozes transformações. Jenschke (2003), a partir do contexto alemão e europeu, salienta que essa nova sociedade centrada no ser humano exige uma mudança de foco, atentando para as necessidades de desenvolvimento humano e de carreira que propicie igualdade tanto no âmbito da educação como do trabalho. Torna-se imperativo, nesse sentido, iniciar políticas que despertem nos indivíduos a capacidade de gerenciar o seu próprio desenvolvimento profissional, visto que a capacidade de aprender ao longo de toda a vida (*long life learnig*) tem sido altamente valorizada (Rodrigues-Moreno, 2008).

Nesse contexto, um dos pontos importantes no desenvolvimento da carreira, é a consciência do indivíduo sobre seus interesses profissionais. Athanasou e Van Esbroeck (2007) consideram que quando as pessoas trabalham na sua área de interesse sentem-se mais satisfeitas e recompensadas, ideia esta central no âmbito da orientação vocacional moderna e da avaliação de interesses. Isso está relacionado à hipótese da congruência (*congruence hipotesis*) de Holland, que consiste no acordo entre interesses e ocupação que possibilita a predição de maior satisfação e realização. A importância da congruência está no ajustamento do indivíduo ao trabalho. Quanto

maior o grau de congruência, menor o sofrimento por *burnout* e acidentes, resultando também em menor nível de desobediência e faltas (Meir & Tziner, 2001).

Existem várias definições acerca do constructo de interesses profissionais. Leitão e Miguel (2004), com base na revisão da literatura, afirmam que o constructo é discutido a partir de abordagens empíricas e operacionalizado por meio de dimensões ou categorias, sem ser devidamente definido. Suas definições são, em geral, fruto das metodologias aplicadas em sua avaliação ou por meio da diferenciação dos interesses em relação a outros constructos. Nessa direção, Athanasou e Van Esbroeck (2007) ressaltam a falta de uma visão unificada sobre os interesses educacionais e ocupacionais pelos pesquisadores. Diante deste cenário, cabe ressaltar que esse constructo vem sendo largamente investigado, sendo um dos focos a investigação das diferenças de gênero nos interesses vocacionais (Achtnich, 1991; Jacquemin & Pasian, 1991; Melo-Silva, Noce, & Andrade, 2003; Proyer & Häusler, 2007; Sartori, Noronha, & Nunes, 2009; Su, Rouds, & Armstrong, 2009; Woods & Hampson, 2010).

Diante da realidade ocupacional atual, de grandes discrepâncias de gênero entre as carreiras, Saavedra, Taveira e Silva (2010) discutem os desafios da mulher que se insere em áreas profissionais tipicamente masculinas, no cenário português, propondo modelos de intervenção desde o jardim de infância até a formação superior e idade adulta, abrangendo mulheres, pais e educadores. Essas intervenções objetivariam agir sobre as crenças e estereótipos de gênero, explorando a conscientização de como são reproduzidos os valores considerados socialmente adequados. Dessa forma, não só haveria condições para que mais mulheres se interessassem pelas áreas das ciências, tecnologia, engenharias e matemática, como também as que ingressassem nessas áreas teriam menor probabilidade de evasão.

Nessa mesma direção, Cvencek, Meltzoff e Greenwald (2011) investigaram a identificação de crianças americanas do ensino fundamental com matemática. As medidas implícitas e explícitas revelaram que as meninas possuem fraca identificação com a matemática em relação aos meninos, numa época anterior à manifestação de diferenças no desempenho na matéria, sugerindo que o estereótipo em relação à matemática se desenvolve cedo e influencia de forma diferente meninos e meninas.

Ainda nesse sentido, Su et al. (2009), em estudo de meta-análise, revelaram a existência de diferenças substanciais de gênero nos interesses profissionais,

consistentes através das idades e com o passar do tempo. Dentre essas diferenças, a mais representativa foi em relação aos aspectos “coisas-pessoas”, em que os homens em geral preferem trabalhar com “coisas” e mulheres com pessoas. Entretanto, o tamanho do efeito das diferenças entre gêneros variou amplamente entre os instrumentos utilizados, o que revela uma demanda no sentido de cuidado na escolha da ferramenta para avaliação e na interpretação dos resultados. Nesse mesmo trabalho foram encontradas discrepâncias entre os dados de interesses e a real composição dos empregos em termos de sexo. Portanto, cabe investigar outras razões que não o gênero que contribuem para a disparidade de gênero em determinadas carreiras.

Contudo, Bulbany e Hansen (2011) encontraram evidências de uma tendência a visões mais igualitárias de gênero, em detrimento das concepções estereotipadas, que vão à mesma direção do movimento cultural americano atual. Os autores discutem que esses achados podem estar relacionados com a maior participação da mulher no mercado de trabalho e também nos cursos de graduação e pós-graduação.

A partir dessas considerações, torna-se importante a investigação dos interesses no contexto brasileiro. Um dos instrumentos para avaliação desse constructo é o Teste de Fotos de Profissões (BBT). Ele consiste em uma técnica projetiva elaborada por Martin Achtnich (1971, 1973) e que foi padronizada para o contexto brasileiro por Jacquemin (2000) e Jacquemin, Okino, Noce, Assoni e Pasion (2006). Segundo Achtnich (1991), o BBT-Br é útil para a clarificação dos interesses não só de uma pessoa, como também de um grupo profissional, uma vez que indivíduos com inclinações semelhantes tendem a procurar carreiras semelhantes.

No contexto da avaliação psicológica sobre os interesses profissionais no Brasil, grande parte dos estudos são realizados com alunos do ensino médio, em processo de escolha da carreira (Melo-Silva, Leal, & Fracalozzi, 2010; Noronha & Ambiel, 2006; Teixeira, Silva, & Bardagi, 2007) revelando a necessidade de expandir os estudos com populações diversas, que não as tradicionais. Nesse sentido, com o objetivo de preencher algumas lacunas na área, visto que poucos estudos têm sido realizados com estudantes do ensino técnico, o presente estudo teve como alvo essa população. Independentemente da natureza da escola de nível médio, em geral, os jovens enfrentam crises intensas nessa etapa de passagem de um ciclo educativo a outro. A

escolha da carreira envolve também a construção da identidade: “Para um adolescente, definir o futuro não é somente definir o que fazer, mas, fundamentalmente definir quem ser e, ao mesmo tempo, definir quem não ser.” (Bohoslavsky, 1991, p. 53-54). E para o adulto que volta à escola, no caso de alguns alunos do ensino técnico, trata-se de um reordenamento da carreira, também em situação de crise no ciclo evolutivo.

Nesse contexto, Schwartzman e Brock (2005) comentam o razoável sucesso do Brasil no setor da educação profissional, permitindo o acesso da população a escolas técnicas da indústria e comércio pelo “sistema S” (SESI, SENAI, SENAC). Contudo, cabe afirmar que apesar da importância da educação técnica por seu reconhecido padrão de qualidade, tanto no ensino público quanto privado, e por proporcionar a habilitação dos jovens para continuarem os estudos no ensino superior, a oferta de cursos encontra-se aquém da demanda (Brasil, 2008). Uma das metas que deve ser estabelecida é a de ampliação do atendimento à demanda para a formação profissional de nível médio e/ou superior, com qualificação e devida atenção à construção da carreira dos estudantes, futuros trabalhadores. É nesse último tópico que o domínio da orientação profissional pode contribuir com investigações sobre instrumentos, perfis de usuários e estratégias para a intervenção.

Dessa forma, justifica-se a relevância de se traçar um perfil dos interesses profissionais dessa população a fim de melhor caracterizá-la. A caracterização dos alunos na etapa de finalização da educação técnica pode colaborar para a criação/implementação de intervenções em orientação profissional que possam ser mais abrangentes e qualificadas. Assim sendo o objetivo deste estudo é descrever a estrutura de interesses em estudantes do ensino técnico, em função da área equivalente ao curso e sexo.

MÉTODO

Este estudo é classificado como não experimental, pois não envolve controle de variáveis. As relações entre variáveis são verificadas por meio da observação/mensuração das variáveis de interesse, ou seja, a inclinação profissional.

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva, no sentido de que busca estudar as características de um determinado grupo. É um estudo do tipo levantamento, pois solicita “às pessoas que falem sobre si mesmas” (Cozby, 2009, p. 143), efetuando, neste estudo, escolhas de fotos do BBT-Br que representam atividades do mundo ocupacional.

Participantes

Como o objetivo da pesquisa foi investigar as relações entre as variáveis, mais do que estimar minuciosamente os valores da população investigada, a amostra do presente trabalho é não-probabilística, tratando-se do tipo de amostragem acidental ou por conveniência (Cozby, 2009). Participaram deste estudo 101 estudantes, sendo 51 do sexo masculino e 50 do sexo feminino (média idade=22,51 D.P.=8,32) provenientes do último semestre de cursos de uma Escola Técnica de nível médio: Eletrotécnica, Eletrônica, Mecatrônica e Edificações, da área de Exatas (n=49), e Administração e Secretariado, da área de Humanas (n=52), dos períodos matutino e vespertino.

Cabe ressaltar que o presente trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla, sobre as necessidades de educação para a carreira e interesses profissionais em alunos do ensino médio e técnico. Os critérios de inclusão/exclusão são elencados a seguir.

(1) O principal critério de inclusão foi ser aluno do último semestre do ensino técnico de nível médio. Isso devido a uma expectativa de que ao final do curso as questões relativas à tomada de decisão profissional estejam em evidência.

(2) Estudar em cursos matutinos e vespertinos. Os alunos provenientes do período noturno dessa escola técnica foram excluídos da amostra por não apresentarem, de acordo com informações do coordenador pedagógico da escola, um perfil que atendesse à demanda da pesquisa inicial. Trata-se, em sua maioria, de alunos mais velhos (adultos), o que impossibilitaria a comparação do perfil de interesses entre os alunos da escola técnica e os alunos do último ano do ensino médio (adolescentes com idade entre 16 e 19 anos), objetivo este do estudo mais amplo já mencionado.

(3) Dentre os cursos em que o instrumento foi aplicado, foram excluídos dessa amostra os cursos de Design de Interiores e Nutrição e Metabolismo, pois seria apenas um curso representante por área, artes e biológicas respectivamente, e apresentaram um número restrito de participantes em relação às áreas de exatas e humanas. Além disso, no curso de Design, houve somente um caso masculino e em Nutrição, nenhum caso. Dessa forma, não seria possível a comparação entre gêneros, um dos objetivos deste trabalho.

(4) Como o objetivo deste estudo é traçar um perfil da estrutura de interesses profissionais nas áreas de exatas e humanas não foi realizada nenhuma exclusão por faixa etária apesar da grande variação (de 16 a 55 anos).

Instrumento

O instrumento utilizado foi o *Teste de Fotos de Profissões ou Berufsbilder-Test* (BBT-Br). Consiste em uma técnica projetiva de avaliação psicológica, composta por 96 fotos de profissionais retratados em situação de trabalho. Apresenta uma versão masculina adaptada para a população brasileira concluída em 1998 (Jacquemin, 2000), e uma versão feminina concluída em 2003 (Jacquemin et al., 2006). O teste visa investigar a estrutura de inclinação do indivíduo por meio da identificação deste com o trabalhador, revelando informações sobre o perfil de interesses e motivações do indivíduo ou grupo de pessoas em que foi aplicado (Achnich, 1991).

Para cada foto do material, Achnich atribuiu um fator primário à atividade principal exercida e um fator secundário às demais características da atividade profissional, de forma que a atividade apresentada em cada foto representa um pareamento fatorial, isto é, uma combinação diferente de dois entre os oito fatores de inclinação propostos (Achnich, 1991). Os oito fatores propostos por Achnich (1991) são: W – necessidade de tocar, ternura, sensibilidade; K – força física, agressividade, obstinação; S – subdividido em: Sh (necessidade de ajudar, cuidar, interesse pelo outro) e Se (dinamismo, ousadia, energia psíquica, capacidade para se impor); Z – necessidade de mostrar, estética; V – razão, conhecimento, objetividade; G – intuição, idéia, imaginação, criatividade; M – necessidade de reter e lidar com: fatos passados, matéria (substâncias, dinheiro, terra), possessividade (material e afetiva); O –

subdividido em Or (necessidade de falar, comunicar) e On (necessidade de nutrir, alimentar).

Procedimento de obtenção dos dados

A escola foi contatada em dois momentos. Inicialmente para solicitar a autorização para a obtenção de dados com seus alunos. Nesse contato entregou-se uma carta convite para a escola e uma versão do projeto de pesquisa. Por ocasião da recolha dos dados a escola foi novamente contatada para o planejamento de como e quando as atividades seriam realizadas.

Após as aprovações do projeto de pesquisa, por parte da direção da escola e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, foram verificados os horários e locais disponíveis para aplicação dos instrumentos, respeitadas as condições para aplicação de testes psicológicos. Antes de iniciar a coleta de dados, os participantes receberam uma explicação detalhada do estudo e puderam formalizar sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e também pelos pais no caso de menores de 18 anos de idade. A participação dos alunos foi voluntária e, nos casos de desistência, foi respeitada a vontade e motivação dos mesmos, sem a ocorrência de qualquer ônus. Os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes e das instituições escolares. A aplicação dos instrumentos foi coletiva, em sala de aula e em uma única sessão, durante o período de agosto a setembro de 2011.

Procedimento de análise dos dados

Os dados obtidos através dos protocolos do BBT-Br foram inicialmente digitados em programa computacional específico criado para fins de constituição de um banco de dados amplo do BBT-Br, que possibilita o acesso aos dados de produtividade e das estruturas de inclinação. Os resultados foram organizados de forma descritiva e interpretados em função da área, sexo e do seu referencial normativo disponível para o contexto brasileiro (Achnitch, 1991; Jacquemin, 2000. Jacquemin et al., 2006).

RESULTADOS

A seguir serão descritos os resultados referentes às estruturas de inclinação profissional: primárias e secundárias, positivas e negativas dos participantes das áreas de exatas e humanas, a partir do sexo, como mostram as tabelas: Tabela 1, Tabela 2, Tabela 3 e Tabela 4.

Tabela 1. Estruturas médias de inclinação profissional primárias ponderadas de exatas, em função do sexo

Estrutura do BBT-Br	MASCULINO	FEMININO
Positiva	V _{4,2} G _{3,6} S _{3,1} O _{3,0} K _{2,6} Z _{2,4} M _{1,8} W _{4,6}	V _{4,3} Z _{3,5} W _{3,4} G _{3,3} S _{3,3} M _{3,0} O _{2,7} K _{2,6}
Negativa	W _{4,6} K _{4,0} M _{3,8} Z _{3,6} S _{3,4} G _{3,3} O _{2,6} V _{2,0}	K _{4,2} M _{4,0} O _{4,0} W _{3,6} S _{3,4} G _{3,3} V _{2,8} Z _{2,8}

É possível observar na Tabela 1 que a estrutura primária positiva ponderada do grupo masculino dos cursos de exatas apresentou como principais radicais V e G. Esse resultado indica interesses por atividades que envolvam a racionalidade, lógica e objetividade, e também a imaginação criativa, intuição e idéias. Com relação à estrutura primária negativa masculina desse grupo, os radicais mais rejeitados foram W e K, ligados a necessidade de relacionar-se com o outro de forma amável, servir, cuidar e às atividades que envolvam força física e agressividade.

No grupo feminino, os principais radicais da estrutura primária positiva ponderada foram V e Z, que indicam preferência por atividades ligadas a racionalidade e à necessidade de mostrar-se, ser reconhecido. Já os fatores mais rejeitados foram K e M, que correspondem a atividades que envolvam força física e lidar com o concreto, com matérias.

Tabela 2. Estruturas médias de inclinação profissional secundárias de exatas, em função do sexo.

Estrutura do BBT-Br	MASCULINO	FEMININO
---------------------	-----------	----------

Positiva	v _{5,5} s _{5,2} z _{4,4} k _{4,4} w _{4,4} g _{4,3} o _{3,9} m _{3,4}	z _{6,2} w _{6,1} s _{5,8} g _{4,9} m _{4,8} v _{4,7} k _{4,4} o _{3,4}
Negativa	m _{5,7} k _{5,2} s _{5,0} o _{5,0} w _{4,9} g _{4,9} z _{4,4} v _{3,7}	o _{6,3} m _{5,9} v _{5,5} k _{5,3} g _{5,3} w _{4,4} s _{4,0} z _{3,6}

Analisando-se as estruturas de inclinação secundárias positivas do grupo masculino de exatas na Tabela 2, é possível verificar a predominância dos radicais v e s, que sinalizam preferência por ambientes em que predominam a organização lógica, ajuda e dinamismo, enquanto que a estrutura negativa é composta principalmente pelos radicais m e k, indicando rejeição por ambientes relacionados à meticulosidade e uso da força física.

Com relação ao grupo feminino, os radicais mais escolhidos na estrutura secundária revelam interesses por ambientes que envolvem exposição pessoal ou do próprio trabalho (radical z) e o contato pessoal, delicadeza (radical w). Os radicais mais rejeitados foram o e m, que representam contextos que favoreçam a sociabilidade por meio do contato verbal e atividades de gastronomia, como também contextos onde predominam atividades meticolosas.

Tabela 3. Estruturas médias de inclinação profissional primárias ponderadas de humanas, em função do sexo.

Estrutura do BBT-Br	MASCULINO	FEMININO
Positiva	O _{3,4} S _{2,7} V _{2,1} G _{2,0} Z _{1,6} K _{1,5} W _{1,4} M _{1,2}	S _{4,0} G _{3,9} V _{3,7} W _{3,7} Z _{3,6} O _{3,6} M _{2,3} K _{1,6}
Negativa	W _{4,5} K _{4,4} Z _{4,1} M _{3,8} S _{3,3} V _{3,3} G _{3,2} O _{2,6}	K _{4,6} M _{3,3} O _{2,8} W _{2,5} V _{2,5} S _{2,5} G _{2,4} Z _{2,2}

Na Tabela 3 estão os dados referentes à estrutura primária ponderada do grupo de humanas. Quanto à estrutura primária positiva masculina, nesse caso, representados somente pelo curso de administração, verifica-se que os principais radicais foram O e S, ligados a necessidade de comunicação ou nutrição e atuação em atividades sociais, que envolvem ajuda ou dinamismo. A estrutura primária negativa, por sua vez, apresentou os radicais W e K como principais, assim como os participantes do grupo de exatas.

Com relação ao grupo feminino, os principais radicais escolhidos positivamente foram S e G, indicando interesses por atividades sociais e que envolvam a imaginação criativa. Na estrutura primária negativa, os radicais mais rejeitados foram K e M, os mesmos rejeitados pelas participantes do grupo de exatas.

Tabela 4. Estruturas médias de inclinação profissional secundárias de humanas, em função do sexo.

Estrutura do BBT-Br	MASCULINO	FEMININO
Positiva	w _{3,7} z _{3,6} o _{3,1} k _{3,0} s _{3,0} v _{2,8} g _{2,5} m _{1,8}	w _{6,3} s _{5,9} z _{5,4} m _{5,0} o _{5,0} g _{4,9} v _{4,7} k _{4,4}
Negativa	m _{7,1} g _{5,8} k _{5,6} s _{5,6} z _{5,0} v _{4,9} o _{4,8} w _{4,3}	m _{4,7} k _{4,6} v _{4,6} o _{4,3} s _{3,7} g _{3,7} z _{3,5} w _{3,3}

Na Tabela 4, as estruturas secundárias do grupo masculino de humanas revelaram a preferência por ambientes femininos e delicados (radical w) e que envolvam exposição de si ou de seu trabalho (radical z). A rejeição principal foi com relação ao radical m, tendendo a evitar ambientes que predominem trabalhos meticolosos e com matérias.

No grupo feminino, o radical w também foi o principal escolhido, assim como no grupo masculino dessa área, seguido pelo radical s, indicando interesses por ambientes femininos e contextos que envolvam ajuda e/ou dinamismo. Os fatores mais rejeitados na estrutura secundária negativa feminina foram m, k e v, sinalizando rejeição por ambientes em que predominam a meticulosidade e cuidado com matérias, uso de força física e organização lógica.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos permitem visualizar semelhanças e diferenças tanto em função do gênero numa determinada área, quanto entre as diferentes áreas. Primeiramente é importante ressaltar a diferença de gênero que aparece na

composição da amostra. Nos cursos de exatas há predominância significativamente masculina enquanto que nas humanidades, há maioria feminina. Essa informação que antecede os resultados referentes aos interesses profissionais já denota por si só algum aspecto de discrepância entre as áreas no que se refere ao gênero. A preferência dos homens pelas áreas de exatas apóia os estudos de Cvencek et al. (2011) que revelaram maior identificação masculina com a matemática desde a infância, independente da habilidade para a área. Além disso, a composição da amostra corrobora os estudos de Su et al. (2009) sobre a tendência geral de homens apresentarem maior interesse em trabalhar com coisas e mulheres com pessoas. Nesse sentido, seriam necessárias ações em todos os níveis de ensino que incentivem as desmistificações dos mitos e estereótipos que acompanham as carreiras, como propõem Saavedra et al. (2010).

Com relação aos alunos dos cursos de exatas, em ambos os sexos a estrutura de inclinação primária apresentou como principal radical o V. Isso já era esperado visto que as carreiras nessa área exigem maior objetividade, razão, sentido de realidade, pois lidam, na maior parte do tempo com dados quantitativos. No grupo masculino, o radical também apareceu como principal na estrutura secundária, reafirmando a necessidade por ambientes que envolvam organização lógica. Ressalta-se que dados semelhantes foram encontrados nos estudos normativos com estudantes universitários do sexo masculino da área de Exatas. Contudo, os resultados do grupo feminino diferem dos dados dos estudos normativos com universitários (que apresentou como principal interesse o radical Z). Nesse sentido, apesar da divergência, ter o radical V como preferido mostra-se mais congruente às características esperadas para a área.

Os demais fatores da estrutura primária diferiram entre os sexos. Nos homens os radicais que seguiram o V foram o G, indicando interesse pela pesquisa e o S, que revela necessidade de atuar em atividades de cunho social (radical Sh, com 73 fotos escolhidas) ou do dinamismo, risco e imprevisões (Se, com 63 fotos escolhidas), como seria esperado.

No grupo feminino das exatas, os radicais que seguiram o V como principais da estrutura primária foram Z e W, denotando necessidade de mostrar-se a si mesmo ou sua obra (Z) e de demonstrar afeto e ternura (W). Aparentemente não seriam

esperados num perfil de exatas, porém, o radical W é bastante encontrado em protocolos femininos, pois envolve atividades como cuidar e relacionar-se de forma amável. Além disso, pode-se inferir que o radical Z esteja presente por tratar-se de um desafio das mulheres o fato de estarem em cursos tradicionalmente masculinos. A partir disso, elas poderiam ter necessidade de mostrar seu trabalho objetivando reconhecimento na área. Cabe ressaltar que a maior parte das mulheres desse grupo é do curso de edificações, que é bastante relacionado à carreira de arquitetura e, portanto, envolve também a necessidade de reconhecimento de sua obra.

Com relação aos alunos dos cursos de humanas, o radical S esteve presente entre os principais na estrutura primária, tanto no sexo masculino quanto no feminino, o que já era esperado visto que o contato interpessoal permeia as carreiras de humanas, e principalmente as envolvidas neste estudo: secretariado e administração. No grupo masculino, o principal radical foi o O, cujo interesse predominantemente se relaciona as atividades que envolvem oralidade e relacionamentos interpessoais.

O radical V aparece em terceiro lugar para ambos os sexos na estrutura primária. Este radical não seria tão esperado nos cursos de humanas como é nas exatas, porém, associados ao radical G trás a idéia de interesse por pesquisa. Além disso, infere-se que a presença do radical V possa estar associada ao fato de se tratar de carreiras técnicas, que envolvem, por sua própria proposta, questões mais técnicas e objetivas.

Um fator convergente entre os sexos do grupo de humanas foi o w como radical principal da estrutura secundária. Por representar um ambiente mais afetivo, ele seria esperado no grupo feminino, mais do que no grupo masculino. A partir dessas considerações, pode-se perceber que há mais semelhanças que diferenças entre os sexos quando os participantes fazem parte de cursos da mesma área, o que corrobora com os estudos de Su et al. (2009), no sentido de que há diferenças de gênero, mas também revelam uma possível tendência a visões mais igualitárias de gênero, quando se trata de interesses, como afirmaram Bulbany e Hansen (2011).

Com relação à comparação entre as áreas, observam-se diferenças no sentido de que o principal radical para o sexo masculino nas exatas foi V, enquanto que nas humanas foi O, cada um tendo maior relação com a área em que os participantes estudam. No grupo feminino também houve diferenças nesse mesmo sentido. Dessa

forma, esse estudo permitiu traçar o perfil dos estudantes de acordo com seus grupos profissionais, de nível médio, a partir da identificação de semelhanças entre si e divergências em relação a outros grupos de profissionais como propôs Achnitch (1991).

Em suma, o presente estudo teve um caráter exploratório em relação à investigação de interesses profissionais a partir do gênero e de diferentes áreas profissionais e teve como principal contribuição o foco em uma população pouco estudada, que são os estudantes de curso técnico. Dessa maneira, apresenta limitações quanto à generalização dos dados em função da amostra de uma única escola e cidade. Nesse sentido, estudos futuros poderiam investigar o constructo “interesse” a partir de amostras que permitissem maior representatividade. Além disso, outra lacuna refere-se à ausência de dados de amostras das áreas de biológicas e artes, que poderiam ser contempladas em outros estudos.

REFERÊNCIAS

- Achnitch, M. (1971). *Berufsbilder – Test: versão masculina*. Bern: Verlag Hans Huber.
- Achnitch, M. (1973). *Berufsbilder – Test: versão feminina*. Bern: Verlag Hans Huber.
- Achnitch, M. (1991). *O BBT - Teste de Fotos de Profissões: método projetivo para a clarificação da inclinação profissional*. São Paulo: CETEPP.
- Athanasou, J. A., Van Esbroeck, R. (2007). Multilateral perspectives on vocational interests. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 7, 1-3.
- Bohoslavsky, R. (1991). *Orientação vocacional: a estratégia clínica* (8a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil. Ministério da Educação. INEP (2006). *Educação profissional técnica de nível médio no censo escolar*. Brasília-DF. Recuperado em 06 de outubro de 2010, de <http://www.oei.es/quipu/brasil/estadisticas/educacaoprofissional2006.pdf>.
- Brasil. Ministério de Estado Extraordinário de Assuntos Estratégicos. IPEA (2008). *Políticas sociais: acompanhamento e análise*. Brasília, DF.
- Bulbany, S. T., & Hansen, J. C. (2011). Birth cohort change in the vocational interests of female and male college students. *Journal of Vocational Behavior*, 78, 59-67.

Recuperado em 28 de março de 2012, de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0001879110001296>

Cozby, P. C. (2009). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.

Cvencek, D., Meltzoff, A. N., & Greenwald, A. G. (2011). Math-gender stereotypes in elementary school children. *Child Development*, 82(3), 766-779. Recuperado em 28 de março de 2012, de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8624.2010.01529.x/full>

Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br: teste de fotos de profissões: normas, adaptação brasileira: estudos de casos*. São Paulo: CETEPP.

Jacquemin, A., Okino, E. T. K., Noce, M. A., Assoni, R. F., & Pasian, S. R. (2006). *O BBT-Br feminino: teste de fotos de profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo: CETEPP.

Jacquemin, A., & Pasian, S. R. (1991). O BBT no Brasil. In M. Achtnich, *BBT: teste de fotos de profissões: método projetivo para a clarificação da inclinação profissional* (pp. 208-222). São Paulo, CETEPP.

Jenschke, B. (2003). A cooperação internacional: desafios e necessidades da orientação profissional e do aconselhamento em face das mudanças mundiais no trabalho e na sociedade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 35-55.

Leitão, L. M., & Miguel, J. P. (2004) Avaliação dos interesses. In: L. M. Leitão (Coord.), *Avaliação psicológica em orientação profissional e escolar* (pp. 101-120). Coimbra: Quarteto.

Meir, E. I., & Tziner, A. Cross-cultural assessment on interests. (2001). In: F. T. L. Leong, A. Barak, *Contemporary models in vocational psychology: a volume in honor of Samuel H. Osipow* (pp. 133-166). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Melo-silva, L. L., Leal, M. S., & Fracalozzi, N. M. N. (2010). Análise da produção científica em congressos brasileiros de orientação vocacional e profissional: Período 1999-2009. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 107-120.

Melo-Silva, L. L., Noce, M. A., & Andrade, P. P. (2003). Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 4(2), 6-17.

- Noronha, A. P. P., & Ambiel, R. A. M. (2006). Orientação profissional e vocacional: Análise da produção científica. *Psico-USF*, 11(1), 75-84.
- Proyer, R. T., & Häusler, J. (2007). Gender differences in vocational interests and their stability across different assessment methods. *Swiss Journal of Psychology*, 66(4), 243–247. Recuperado em 09 de novembro de 2010 em <http://psycnet.apa.org/journals/sjp/66/4/243.pdf>
- Rodrigues-Moreno, M. L. (2008). A educação para a carreira: Aplicação à infância e à adolescência. In: M. C. Taveira & J. T. Silva, *Psicologia vocacional: perspectivas para a intervenção*.(pp. 25-54). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Saavedra, L., Taveira, M. C., & Silva, A. D. (2010). A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Fatores explicativos e pistas para a intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 49-59.
- Sartori, F. A., Noronha, A. P. N., Nunes, M. F. O. (2009). Comparações entre EAP e SDS: Interesses profissionais em alunos do ensino médio. *Boletim de Psicologia* 59(130) 17-29.
- Schwartzman, S., & Brock, C. (Ed.). (2005). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Su, R., Rouds, J., & Armstrong, P. I. (2009). Men and Things, women and people: a meta-analysis of sex differences in interests. *Psychological Bulletin*, 135(6), 859–884. Recuperado em 09 de novembro de 2010 em <http://psycnet.apa.org/journals/bul/135/6/859.pdf>
- Teixeira, M. A. P., Lassance, M. C. P., Silva, B., M. B., & Bardagi, M. P. (2007). Produção científica em orientação profissional: Uma análise da Revista Brasileira de Orientação Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(2), 25-40.
- Woods, S. A., & Hampson, S. E. (2010). Predicting adult occupational environments from gender and childhood personality traits. *Journal of Applied Psychology*, 95(6), 1045–1057. Recuperado em 09 de novembro de 2010 em <http://psycnet.apa.org/journals/apl/95/6/1045.pdf>

**INCLINAÇÃO PROFISSIONAL E SATISFAÇÃO NA ESCOLHA DO CURSO DE PSICOLOGIA:
CONTRIBUIÇÕES DO BBT-Br**

Rafael Fabregas de Oliveira

Universidade de Taubaté

Paulo Francisco de Castro

Universidade de Taubaté

Universidade Guarulhos

INTRODUÇÃO

Escolha profissional

Escolher é decidir entre uma série de opções aquela que nos parece melhor. Para isso, é preciso avaliar os prós e contras de cada possibilidade e saber que, fazendo uma opção, deixa-se de lado todas as outras, assim uma escolha envolve a exclusividade. (Lucchiari, 1992, 1998).

De acordo com Pimenta (1998), o indivíduo não é totalmente livre em suas escolhas, que durante sua vida, ele sofrerá inúmeras influências tanto de origem do meio externo (mídia, família, amigos, etc.) que mobilizaram ou não a sua subjetividade, podendo influenciar escolhas sendo elas de ordem profissional ou não. Escolha que possui caráter ilusório de liberdade para escolher, a estrutura social condiciona o desenvolvimento do indivíduo e posteriormente definirá as condições socioeconômicas do mesmo. No momento da escolha profissional poderão ocorrer comparações entre os cursos em vista (pretensão – eu gostaria cursar determinado curso) ou não (quando a escolha não é compatível com a expectativa de terceiros), tempo de realização, mercado de trabalho, custo para a profissionalização, salário, demanda da profissão, jornada de trabalho, prestígio, segurança de emprego, entre outras, ou seja, é no momento da escolha profissional que o indivíduo fará uma grande avaliação das condições oferecidas (remuneração) e exigidas de acordo com a especificidade do curso.

A todo o momento as pessoas fazem escolhas, até mesmo o ato de não escolher envolve uma escolha, a de não fazer algo. A escolha profissional se desenvolve a partir de três etapas: fantasiar, tentativa e realista. A primeira etapa intitulada *Fantasiar*, acontece por volta dos quatro aos seis anos de idade, é nessa etapa quando crianças representam através de atividades lúdicas suas possíveis inclinações vocacionais. Seguida pela etapa *Tentativa*, cuja acontece por volta dos 12 aos 17 anos de idade, onde as escolhas são influenciadas por capacidades (individuais), valores e moral (agradar família). E a etapa *Realista*, acontece por volta dos 17 aos 21 anos de idade, é neste momento onde o indivíduo busca explorar conhecimentos de cursos superiores faz escolha da faculdade e finalmente faz inscrição do vestibular (Lucchiari, 1998).

Segundo Lucchiari (1998), os interesses podem nascer a partir de experiências que envolvam determinada ação, como exemplo, uma pessoa que teve contato precoce com computadores pode criar interesse profissional para a área de informática. As razões e motivos para realizar uma escolha profissional são muitas e variam de acordo com suas vivências infantis, de como foram os contatos iniciais com as profissões, quais fantasias elas despertaram na criança naquele momento, as influências dos preconceitos sociais em relação aos cursos, a expectativa da família em relação ao futuro dos filhos, etc. Da mesma maneira que sofremos influência familiar, estamos vulneráveis as influências dos meios de comunicação, que estão presentes em nossas vidas.

A escolha profissional é complexa e envolve um projeto de vida. A realização deste projeto só se fará real em cerca de quatro a cinco anos depois da escolha do curso. Em geral a escolha esta vinculada a transição da adolescência para a idade adulta. Aproximadamente há 15 anos a escolha profissional baseava-se na preocupação em escolher uma profissão que proporcionasse poder na sociedade. Atualmente a base da preocupação se encontra apoiada no status e privilégios que determinada profissão poderá gerar. Então escolher uma profissão remete a ligação, correspondente ou não com uma série de desejos e fantasias da pessoa que escolhe e seus grupos (família, amigos, atender "expectativas"). As pessoas precisam ser criativas para adaptarem seus interesses a situação de trabalho, base da busca de uma relação harmoniosa (Lucchiari, 1992).

A orientação profissional é um trabalho que levará o orientado tomar um contato consigo mesmo, conhecer-se melhor, desenvolver conhecimentos sobre seus valores, interesses, motivações e potencialidades. Ela pode ser realizada por orientadores educacionais e psicólogos, em escolas, clínicas psicológicas e instituições como as universidades que prestam este tipo de serviço, este trabalho pode ser desenvolvido individualmente ou em pequenos grupos. A função do orientador será auxiliar o pensar, o questionar, o discutir sobre a realidade sociopolítica econômica que nos cercam (Lucchiari, 1998).

Em relação à atuação da orientação clínica Bohoslavsky (1998) propõe que esta seja dividida em duas modalidades: estatística e clínica.

Modalidade estatística: São medias as aptidões do examinando para a elaboração de um quadro de profissões (hipóteses). O psicólogo possui papel ativo onde exerce função de um conselheiro para o adolescente e por ventura esclarece algumas duvidas do examinado. Para dúvidas voltadas para as profissões o profissional apresentará aspectos gerais, algumas características, função, entre outras informações sobre a profissão. É utilizada a psicometria para mensuração de suas aptidões (testes, aconselhamento e entrevista diretiva).

Modalidade clínica: Possui uma estrutura mais subjetiva, o psicólogo tem atuação “passiva”. Onde este procura compreender a dinâmica da personalidade do examinando, visando o interesse deste para determinada área de atuação (motivação). Esta modalidade não visa sucesso futuro, atribui-se um crescimento ou um sucesso quando o adolescente supera obstáculos com maturidade, esta possui um caráter de resolução de conflitos.

Tratando-se da escolha vocacional Bohoslavsky (1998) aponta alguns fatores que podem afetar modificando a escolha, entre estes se encontram: o contexto, auto-imagem, desejos (quero ser), expectativas subjetivas e coletivas (família), satisfação com a escolha, satisfação de familiares com a escolha, histórico profissional da família, grupo que se encontra instalado (amigos) e gênero.

A escolha profissional envolve vários fatores que a influenciam. É preciso ter uma grande noção sobre o contexto do adolescente, é preciso ter uma visão global e

profunda de todo este contexto vocacional. Faz-se necessário primeiramente entender que uma escolha tende à obtenção de alguns ganhos e perdas, muitas vezes estas perdas podem ser dolorosas. Entende-se que se escolhe uma coisa e deixa-se de lado outra(s). Em geral o público que se destaca em busca de orientação vocacional são os adolescentes, pois estes quase sempre se encontram confusos sobre vários aspectos que envolvem sua vocação. Os adolescentes criam grandes expectativas em relação a sua escolha, uma problemática existente é que estes jovens muitas vezes se contentam em apenas obterem informações de algo que poderão ser (Bohoslavsky, 1998).

Segundo Bohoslavsky (1998), é preciso conhecer a dinâmica do grupo familiar, do grupo de amigos, as pessoas que possuem certa significância para estes. O grupo familiar, na grande maioria dos casos, possui grande significância para o adolescente, questões como o que a família deseja para o futuro adulto e até mesmo a expectativa que esta gera sobre a escolha profissional dele. É bastante comum em um grupo familiar existir tradições profissionais, esta tradição pode influenciar positiva ou negativamente gerando assim ansiedade e medo no jovem. Tipicamente em uma família onde se possui uma tradição é comum os pais cobrarem a continuação desta. Os pais criam expectativas sobre a profissão de seus filhos, eles acreditam que seus filhos nascem com vocações (inatas) ou pré-determinada pela sua carga genética, sendo algo orgânico e natural invés de terem a ideia de que esta pode ser adquirida e acoplada neles. Com isso cria-se um problema adota-se a ideia de pré-disposições inatas para devidas atividades deixando de lado a subjetividade e motivação da pessoa.

Teste de Fotos de Profissões

Em 1961, Achtnich iniciou seu trabalho com o teste, a partir de um encontro em outubro do mesmo ano com o Dr. Hasjorg Ringger, quando Achtnich iniciou a utilização de fotos para aplicação do teste, postulado na ideia das imagens possuírem maior poder de evocação. Inicialmente selecionadas 10.000 fotos e estas foram analisadas, foram selecionadas 100 fotos, que se enquadravam na classificação de fotos unifatoriais (Jacquemin, 2000; Noce et al., 2008).

Em 1963 as fotos foram atualizadas, contendo 80 fotos. Sendo dez fotos para cada um dos oitos fatores do teste. Em 1966, rejeitou-se a ideia de ser utilizado apenas foto uni fatoriais devido à dificuldade para obtenção delas. As fotos são no formato quadrado para colocar em primeiro plano a atmosfera profissional. Em 196, iniciou-se a implantação de fotos com características universitárias, sendo concluída em 1968 a seleção destas. A versão masculina foi publicada em 1971 (Jacquemin, 2000).

Em decorrência da dificuldade de encontrar fotos unifatoriais, foram retirados excessos que havia nas fotos (como acessórios e particularidades), que vinham a desviar a atenção do sujeito durante a aplicação. Em efeito a rejeição feita por indivíduos do sexo masculino, quanto às fotos que continham a presença de indivíduos do sexo feminino foram criados dois modelos para cada gênero (Jacquemin, 2000).

São utilizadas fotografias, a fim de confrontar o sujeito com situações, fazendo que este reflita sobre o contexto profissional como um todo. Compreendendo esta maneira a mais fácil de comover afetivamente o sujeito a refletir sobre.

O Teste conta com oito radicais ou fatores de inclinação, apresentando vários níveis de intensidade. Sendo observado que as fotografias escolhidas referem-se às próprias inclinações do sujeito, de forma que elas podem ou não estarem ligadas diretamente a somente um grupo fatorial. Em suma a inclinação vocacional pode ser vista como uma via que permite obter as aspirações do sujeito. Assim, acredita-se que seja necessário que as aspirações e as profissões mantenham uma ligação coerente, para assim obter satisfação e sucesso, resultando numa fidelidade na área de atuação (profissão). O teste pode clarificar e demonstrar as inclinações vocacionais de um sujeito (Jacquemin, 2000; Noce et al., 2008; Sbardelini, 2000).

As pesquisas iniciais com o BBT no Brasil foram desenvolvidas por Jacquemin (2000) para adaptação e padronização da técnica. Após essa importante etapa inicial, vários estudos sobre o tema com diversos focos de investigação foram realizados, conferindo ao BBT-Br grande importância no estudo das inclinações profissionais, tanto como instrumento de pesquisa como como material para orientação vocacional (Noce et al. 2008; Pasian, Okino & Melo-Silva, 2007).

Em termos psicométricos, a partir de amplos estudos com população brasileira, observou-se bons padrões de precisão e de validade para a aplicação e interpretação do BBT no Brasil, que permite sua utilização na avaliação e interpretação das

inclinações profissionais em indivíduos brasileiros com segurança, tornando o BBT-Br excelente instrumento para utilização em processos de orientação vocacional ou profissional, além de possibilitar investigação em outros aspectos relacionados à escolha e atuação profissional (Okino & Pasian, 2010; Pasian & Okino, 2008)

OBJETIVO

Verificar a possível relação entre satisfação diante da escolha do Curso de Psicologia e o conjunto de características que compreendem as inclinações profissionais em um grupo de alunos concluintes.

MÉTODO

Participaram do estudo inicial um total de 59 graduandos do último ano do Curso de Psicologia de uma Universidade situada no Vale do Paraíba paulista. Todos responderam a um questionário sobre satisfação pelo curso, destes 20 foram selecionados para participar da segunda etapa da investigação: aplicação do BBT-Br.

Inicialmente foi aplicado um questionário especialmente redigido para a presente pesquisa composto de sete perguntas objetivas sobre a satisfação do aluno diante do Curso de Psicologia. As perguntas versaram sobre sentimentos diante do curso de psicologia, realização das expectativas profissionais, comparação entre expectativas iniciais e o posicionamento atual diante do curso e da profissão, comparação entre momento inicial e final do curso com vistas à atuação profissional, consciência da escolha e avaliação de como o indivíduo se posiciona frente ao curso e à profissão de psicólogo. Os itens foram organizados em uma escala Likert de cinco pontos.

Os questionários foram pontuados e foram selecionados vinte estudantes para a segunda etapa. Foram selecionados dez com maior pontuação no questionário de satisfação e dez com menor pontuação do questionário de satisfação. Assim, foi possível criar dois grupos: satisfeitos com o curso e pouco satisfeitos com o curso. Aos

alunos que compuseram esses grupos foi aplicado o Teste de Fotos de Profissões – versão brasileira – BBT-Br.

RESULTADOS

Quanto aos dados do questionário objetivo, com vistas à seleção dos dois grupos de alunos quanto à satisfação diante da escolha, obteve-se os seguintes dispostos na Tabela 1.

Tabela 1. Resultado Geral do questionário sobre satisfação

Pontuação no questionário	Classificação	Sujeitos	Porcentagem
27 – 35	Satisfeitos	14	23,7%
26 – 22	Indiferentes	25	42,3%
17 – 21	Menos satisfeitos	20	33,9%
Total		59	99,9%

Observou-se que 23,72% (N=14) dos alunos encontram-se satisfeitos com a escolha do Curso de Psicologia e 33,89 (N=20) estão menos satisfeitos em relação à escolha; os demais 42,37% (N=25) dos alunos indicou resultados médios o que representa certa indiferença quanto à satisfação.

Foram convidados vinte alunos para a participação na segunda fase da pesquisa, os dez mais satisfeitos e os dez menos satisfeitos. A esses alunos foi aplicado o BBT-Br. Os dados de comparação entre os grupos foram os seguintes:

Quadro 1. Comparação dos fatores primários positivos nos dois grupos

Fator	Satisfeitos	Menos satisfeitos
S	8	8
G	7	7
O	5	4
Z	-	4
W	6	4
M	-	3

Conforme é possível observar no Quadro 1, os fatores primários positivos centraram-se nos fatores S e G, indicando inclinação para atividades sociais de ajuda e promoção de autonomia e funções onde há necessidade de reflexão, intuição e ações do tipo psicológicas, respectivamente. Ao observar os dados dos outros fatores primários positivos, é possível observar a incidência dos fatores O e W nos alunos mais satisfeitos e a presença dos fatores O, W, Z e M nos menos satisfeitos. Assim, a amostra de alunos menos satisfeitos indicou que as inclinações mostram-se mais divididas, ou até mesmo mais diluídas do que nos alunos satisfeitos. Pois, alunos satisfeitos indicaram quatro fatores primários e os menos satisfeitos, seis fatores primários. Conjectura-se, aqui, que a satisfação na escolha do curso de psicologia possa ser influenciada por um perfil de inclinações profissionais mais definido entre os estudantes.

Lemos et al. (2007), em investigação sobre a identidade profissional em estudantes de vários cursos de graduação, esclarecem que o referencial de carreira está relacionado a um conjunto de habilidades que os estudantes aprimoram ao longo do curso e que dependem de uma inclinação profissional clara de acordo com as demandas dos estudantes.

Bandeira et al. (2006), a partir da análise das habilidades necessárias para o aprendizado e atuação em psicologia, refletem sobre a importância da capacidade em observar o outro e preocupar-se com o bem estar dos indivíduos na conduções de ações psicológicas. Discutem ainda que as habilidades relacionais não estão presentes na maior parte dos estudantes do curso de psicologia.

Quadro 2. Comparação dos fatores primários negativos nos dois grupos

Fator	Satisfeitos	Menos satisfeitos
K	10	6
V	7	6
M	4	5
G	3	-
O	2	3
S	1	-
W	-	6
Z	-	2

Quando são analisados os fatores negativos expressos no Quadro 2, observa-se que os alunos satisfeitos revelaram falta de interesse e inclinação para os fatores K e V, representando atividades que lidam com trabalho mais pesado com envolvimento de força física, e funções com grande senso de racionalidade, respectivamente. Os dados dos menos satisfeitos são semelhantes.

Nota-se, entretanto que o perfil de relação entre fatores positivos e negativos dos alunos satisfeitos é mais coerente, pois os fatores de maior incidência positiva são os de menor incidência negativa, revelando que a maior inclinação associa-se à menor rejeição. No caso dos dados dos alunos menos satisfeitos, não se observa tal padrão, os fatores primários positivos e negativos possuem dados semelhantes, o que pode indicar falta de clareza e de foco em sua inclinação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados observados na presente investigação permitem refletir sobre a inclinação profissional e a satisfação em cursar psicologia em uma mostra de estudantes.

Observa-se maior coerência nos dados apresentados pelos acadêmicos mais satisfeitos com o Curso de Psicologia, os fatores avaliados pelo BBT-Br nesse grupo de jovens são mais focados e claros quando se compara aos dados dos menos satisfeitos com um perfil mais disperso e conflitante.

Os dados expressos na presente reflexão foram obtidos a partir de uma pequena amostra de alunos e só poderão ser generalizados após ampliação da pesquisa com outros estudantes e em outras instituições de ensino, considerando mais variáveis que possam interferir na identidade profissional do psicólogo. Pela pertinência do tema, outros estudos mostram-se importantes.

REFERÊNCIAS

- Bandeira, M. et al. (2006). Habilidades interpessoais na atuação do psicólogo. *Interação em Psicologia*, 10 (1), 139-149.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. (11ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Jacquemin, A. (2000). *O BBT: Teste de fotos de Profissões: normas, adaptação brasileira: estudo de caso*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Lemos, C.G. et al. (2007). Referenciais de carreira e identidade profissional em estudantes universitários. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (2), 208-223.
- Lucchiari, D.H.P.S. (1992). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus.
- Lucchiari, D.H.S. (1998). *O que é escolha profissional*. (3ª ed.). São Paulo: Brasiliense.

- Noce, M.A.; Okino, E.T.K.; Assoni, R.F. & Pasian, S.R. (2008). BBT – Teste de fotos de profissões: teoria, possibilidades de uso e adaptação brasileira. In A.E. Villemor-Amaral & Werlang, B.S.G. (orgs.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (p. 367-390). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Okino, E.T.K. & Pasian, S.R. (2010). Evidências de precisão e validade do Teste de Fotos de Profissões (BBT-Br). *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11 (1), 23-35.
- Pasian, S.R. & Okino, E.T.K. (2008). Teste de Fotos de Profissões (BBT- Br): possibilidades técnicas e padrões avaliativos no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 7 (1), 109-111
- Pasian, S.R.; Okino, E.T.K. & Melo-Silva, L.L. (2007). O Teste de Fotos de Profissões (BBT) de Achnich: histórico e pesquisas desenvolvidas no Brasil. *Psico-USF*, 12 (2), 173-187.
- Pimenta, S.G. (1998). *Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil*. (10ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Sbardelini, E.T.B. (2000). Avaliação psicológica e orientação profissional: Contribuições do Teste de Fotos de Profissões – BBT. In F.F. Sisto; E.T.B. Sbardelini & R. Primi (orgs.). *Contextos e questões da avaliação psicológica*. (p. 87-97). São Paulo: Casa do Psicólogo.

O PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS NO PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO E INTERVENTIVO DE IRMÃOS ABRIGADOS

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Maria Aparecida Mazzante Colacique

Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia

Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Iniciamos essa apresentação enfocando o Procedimento De Desenhos Estórias como procedimento no Psicodiagnóstico compreensivo e interventivo. E como abordaremos esse emprego junto a crianças vitimas de violência e abrigadas, traremos algumas noções sobre essas situações: o abrigo e a violência doméstica.

O Procedimento de Desenhos Estórias

O Procedimento de Desenhos-Estórias (abreviadamente, D-E) é uma técnica de investigação da personalidade que emprega, basicamente, desenhos livres associados a estórias¹, no contexto do diagnóstico psicológico. Foi introduzido por Trinca em 1972, para se prestar à exploração da dinâmica inconsciente da personalidade, em setores que outros meios utilizados na época deixavam muito a desejar. Ou seja, necessitava-se de instrumento com sensibilidade bastante para uma exploração inconsciente de tipo *vertical* e *focal*, relacionada especialmente às queixas e outras angústias emergentes em dada situação. (Tardivo e Trinca, 2000).

Nesse contexto, o Procedimento de Desenhos-Estórias, juntamente com outras técnicas de investigação psicanaliticamente fundamentadas, como a Hora de Jogo Diagnóstica (Aberastury, 1982) e o Jogo de Rabiscos (Winnicott, 1971), ajudou a consolidar uma nova maneira de se conceber e realizar o diagnóstico psicológico. Importante, acreditamos, é sublinhar que o D-E veio se inserir no *processo diagnóstico*

¹ Apesar de alguns autores recomendarem a grafia história quando se trata de narrativa de ficção, o uso consolidou e justifica a forma estória, já incorporada à língua portuguesa.

de tipo compreensivo (Trinca, 1984), que trouxe uma abordagem clínica renovadora e uma visão humanística integradora dos propósitos do diagnóstico psicológico. Não somente a psicanálise, como também a psicologia fenomenológico-existencial, a psicologia da *Gestalt*, o behaviorismo, os estudos sobre a dinâmica familiar, a análise dos processos de desenvolvimento da criança e outras áreas da psicologia lançaram luz sobre o foco da problemática humana que foi incorporada no diagnóstico compreensivo.

Podemos sintetizar, dizendo que o Procedimento de Desenhos-Estórias tem como características principais: o uso de associações livres por parte do examinando; o objetivo de atingir aspectos inconscientes da personalidade; o emprego de meios indiretos de expressão; a participação em recursos de investigação próprios das técnicas projetivas; a ampliação das possibilidades da observação livre; f) a extensão dos processos da entrevista semi estruturada e não-estruturada (Tardivo e Trinca, 2000).

Dois processos básicos compõem o D-E que são de um lado a forma gráfica de expressão e, de outro, a verbal, ou seja, como uma técnica baseada no conceito de Apercepção Temática. De aplicação individual, é composto por desenho livre, em seguida uma história relacionada ao desenho, e depois o “inquérito”, onde são solicitados esclarecimentos necessários à compreensão e interpretação do material produzido tanto no desenho quanto na estória. Finalmente se pede o título da estória. O primeiro desenho com história, inquérito e título constitui uma unidade de produção. Tenta-se obter até 5 unidades em no máximo duas sessões de aplicação

O D-E é usado dentro do processo de Psicodiagnóstico compreensivo, descrito por Trinca (1984) o Psicodiagnóstico de tipo “compreensivo”, como mencionamos. Esse tipo de Psicodiagnóstico busca encontrar um sentido para o conjunto das informações disponíveis, tomar aquilo que é relevante e significativo na personalidade, entrar empaticamente em contato emocional com alguém, e conhecer os motivos profundos da vida emocional dessa pessoa. Pensando, então na tarefa psicodiagnóstica, poderíamos dizer, que esta busca conhecer alguém, compreender, ou seja tem como objetivo a compreensão da personalidade como um todo.

Outro conceito fundamental é o Processo Psicodiagnóstico Interventivo, onde os instrumentos são usados além da vertente de avaliação, complementando-a, ou

seja, são como mediadores no contato que se estabelece. Assim o mais importante é a comunicação da dor e do sofrimento das pessoas. Assim, o D-E empregado dessa forma, também se configura como ferramenta útil, no contato e na compreensão. (Tardivo, 2008).

Dentro do contexto da violência contra a criança. o processo psicodiagnóstico, com todas as suas técnicas, mostra-se essencial e desempenha um papel fundamental no processo de investigação, mas, além disso, oferece subsídios importantes para o futuro acompanhamento e tratamento psicológico da criança vitimizada. A avaliação psicodinâmica da criança vitimizada em um processo de psicodiagnóstico deverá apreender a experiência de vitimização dessa criança em sua totalidade, fundamentando-se em instrumentos que facilitem o desvelamento da situação abusiva, além de garantir um lugar de singularidade para o sujeito e sua subjetividade (Tardivo e Pinto Junior, 2010). E nesse sentido, o Procedimento de Desenhos Estórias tem muita relevância.

Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes

A violência doméstica contra crianças e adolescentes vem sendo, principalmente nos últimos trinta anos, motivo de polêmica, discussão e reflexão. Considerando ser a violência doméstica contra crianças e adolescentes um fenômeno configurado na família enquanto espaço privado, numa esfera micro-política, e também um problema de relações sociais de gênero e geração, numa esfera macropolítica, torna-se necessário trabalhar alguns pressupostos epistemológicos para uma visão não reducionista deste fenômeno.

Segundo Azevedo e Guerra (1998, p. 177), a VDCA deve ser compreendida como:

Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescente que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de

ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

A violência doméstica contra a criança e o adolescente decorre da interação de vários grupos de fatores: sócio, econômicos, culturais e psicológicos das pessoas envolvidas. Além deste pressuposto, outras facetas também são considerados por Azevedo e Guerra (1998) para maior compreensão do fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes, tais como: é um fenômeno endêmico; nenhuma etnia, classe social ou religião está imune; não é característico da pobreza; é estatisticamente significativo e não marginal; pode envolver de forma cíclica várias gerações em sua reprodução; tem como característica a reiteração. (Tardivo e Pinto Junior 2007). A violência doméstica contra a criança e o adolescente representa um verdadeiro fator de risco ao processo de desenvolvimento, sendo que pode trazer sérias conseqüências para a vítima, implicando na perturbação da noção de identidade e outros distúrbios de personalidade e de adaptação social.

Há estudos que mostram que no que se refere à violência física são as mães que mais vitimizam crianças e adolescentes dentro do lar, enquanto que na violência sexual é a figura masculina quem mais comete essa forma de violência (Azevedo & Guerra, 1989; Pinto Junior, 2005; Gonçalves, 2003; Silva & Vecina, 2002).

Especificamente sobre a modalidade de violência sexual, sabe-se que o silêncio e o segredo compartilhados entre vítima e agressor são as principais características do abuso sexual dentro da família e, conseqüentemente, acabam se tornando os maiores obstáculos para o rompimento desse tipo de violência. Além do fato da pessoa que pratica a violência sexual ser significativa para a criança, traz, assim, um intensa ambivalência emocional (amor e ódio, vergonha e culpa) o que acaba por reforçar o segredo, fazendo com que a situação se mantenha e trazendo efeitos ainda mais deletérios. (Azevedo & Guerra, 1989, 1995; Furniss, 1993; Gabel, 1997; Linares, 2002; Sanmartín, 2002).

Durante as últimas três décadas, tem-se percebido um crescente interesse que se reflete em estudos científicos a respeito dos efeitos psíquicos, afetivos, cognitivos e sociais relacionadas à vivência de vitimização doméstica, e suas modalidades (física, sexual, negligência, psicológica e finalmente fatal). Quanto às conseqüências, muitos trabalhos relatam uma grande variedade de dificuldades e distúrbios nas áreas afetiva,

cognitiva e social. Os dados empíricos revelam, (Tardivo e Pinto Junior, 2010) muitas vezes, a presença de sintomas em crianças vítimas de violência sexual, como ansiedade, depressão, auto estima negativa, doenças psicossomáticas, distúrbios de atenção, concentração, personalidade e outros.

O Abrigamento de Crianças

O abrigamento de crianças é uma das medidas de proteção, de acordo com a Lei Federal n.º 8.069, de 1990, conhecida por Estatuto da Criança e do Adolescente, ou ECA. É aplicado quando a criança se encontra numa situação de risco. Quando não lhe são assegurados os seus direitos como consta num dos artigos do ECA:

Art. 4. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, a alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Bowlby (1976) e Winnicott que enfatizaram em seus trabalhos a necessidade de prover os pais para que eles possam desempenhar bem seus papéis junto aos filhos para promover o seu desenvolvimento.

O Estatuto em um de seus artigos, que se encontra no Capítulo I – Disposições Gerais trata das Medidas de Proteção, destacando que cabe ao Estado, à sociedade, aos pais e a própria criança ou adolescente a responsabilidade e o zelo por sua proteção.

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

- I- por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II- por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;
- III- em razão de sua conduta.

Um dos artigos do Estatuto mostra claramente como o abrigo é uma das medidas possíveis, e que deve ser utilizado após outras serem aplicadas, pois se reconhece o quanto a separação do ambiente familiar é prejudicial ao desenvolvimento das crianças como muitas vezes foi mencionado por Bowlby (1976) e Winnicott (1940/ 1993 e)

Ilustração clínica

Apresentamos o caso de acolhimento de um grupo de 5 irmãos, sendo três meninos e duas meninas (adolescentes e crianças), sendo o motivo alegado pelo Conselho Tutelar para acolhimento: abandono e negligência.e possivelmente outras formas de vitimização. Dois meninos se recusaram inicialmente o contato, alegando não precisarem de psicólogo porque “não são louco”. Vale mencionar que os meninos já apresentam problemas na instituição no relacionamento e na aceitação das regras. Denotam diversas dificuldades de aprendizagem, de conduta (sendo dificuldade de relacionamento com os cuidadores, principalmente dos meninos mais velhos).

A menina de 7 anos, G. vem à consulta apresenta uma produção pobre do ponto de vista do grafismo. Seus relatos também denotam pobreza mas na análise de conteúdo evidenciam sinais de depressão, insegurança , falta de confiança e necessidade de suprir faltas básicas.

Posteriormente todos vieram às consultas e denotaram os mesmos aspectos: pobreza , falta de figuras significativas, mais tendências destrutivas (muitas vezes auto destrutivas) , insegurança e fragilidade.

Discutimos a família desfeita, embora se mantenham os irmãos juntos e os efeitos da violência intensificados pela quebra e ruptura dos vínculos.

Observamos no material o predomínio de insegurança, ansiedade, carências de bons objetos, precariedade das defesas, e ao mesmo tempo, o apoio que iguais podem trazer.

Concluimos pelo potencial de intervenção com o Procedimento, onde foi possível uma aproximação e um contato, que permitiu a compreensão e a acolhida

dessas crianças. Foram dadas entrevistas devolutivas às crianças, adolescentes e aos cuidadores dos abrigos, de forma também a favorecer a vivência desses irmãos dentro da instituição.

Consideramos a necessidade da família cuidar dos filhos, porém quando esses falham completamente, (como no caso que ilustra essa apresentação), o abrigo é encarado como medida para proteção. Porém é preciso considerar a quebra e a ruptura dos vínculos e a necessidade de serem mantidos os irmãos unidos, como nesse caso, e a necessidade de trabalho junto aos cuidadores, que se mostram interessados, e vem buscando esse apoio.

REFERÊNCIAS

- Bowlby, J. (1976/1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo, Martins Fontes.
- Pinto Junior, A.A. (2001) O trabalho com crianças vítimas de violência sexual doméstica: promovendo a resiliência. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 10, n. 56, p. 40-46.
- Tardivo, L. S. P. C. (2008) *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje: - encontros e viagens*. São Paulo, Vetor
- Tardivo, L. S. P. C. e Pinto Junior, A.A. (2010) *Inventário de Frases na Identificação da Violência Doméstica*. São Paulo, Vetor
- Trinca, W. (1984). *Diagnóstico Psicológico A Prática Clínica*. São Paulo, EPU.
- Trinca, W. (1997). *Formas de Investigação Clínica em Psicologia*. São Paulo, Vetor, .
- Winnicott, D.W. (1940/1993) Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda da vida familiar. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D.W.(1962/1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Azevedo M.A., & Guerra V.N.A (1995). *Violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe.

- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. A. (1998). *Infância e violência fatal em família*. São Paulo: Iglu.
- Bouchard, E.M., Tourigny, M., Joly, J., Hebert, M., & Cyr, M. (2008). Psychological and health sequelae of childhood sexual, physical and psychological abuse. *Revue D'Epidemiologie et de Sante Publique*, 56 (5), 333-344.
- Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: a review of the literature: *Child Abuse & Neglect*, 32(8), 797-810.
- Devaney, J. (2008). Chronic child abuse and domestic violence: children and families with long-term and complex needs. *Child & Family Social Work*, 13(4), 443-453.
- Ferrari, D.C.A., & Vecina, T.C.C. (2002). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gabel, M. (1997.). *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus: 1997.
- Gonçalves, H.S.G. (2003). *Infância e violência no Brasil*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ.
- Grassano, E. (1996). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hollins, L. D. (2008). Influence of exposure to child maltreatment, domestic violence and community violence on youth aggression. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 69(6-B), 3874-3899.
- Ireland, T.O., & Smith, C. A. (2009) Living in partner-violent families: developmental links to antisocial behavior and relationship violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(3), 323- 339.
- Linares, J.L.S. (2002). *Del abuso y otros desmanos: el maltrato familiar, entre la terapia y el control*. Buenos Aires: Paidós.
- Noll, J.G., Trickett, P.K., Harris, W.W., & Putnam, F.W. (2009). The Cumulative burden borne by offspring whose Mothers were sexually sbused as children Descriptive results from a multigenerational study. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(3), 424-449.
- Pinto Junior, A.A. (2001). O trabalho com crianças vítimas de vilência sexual doméstica: promovendo a resiliência. *Temas sobre Desenvolvimento*, 56(10), 40-46.

- Pinto Junior, A.A. (2005). *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*. São Paulo: Vetor.
- Prince, A.P., Chu, A.T., & Combs, M. D. (2008). Trauma-related predictors of deontic reasoning: a pilot study in a community sample of children. *Child Abuse & Neglect*, 32 (7), 732- 737.
- Sanmartín, J. (2002). *Violência contra niños*. Barcelona: Ariel.
- Tardivo, L. S. L. C. (1998). *O teste da apercepção infantil e o teste das fábulas de Duss: respostas típicas na população brasileira e aplicações no contexto das técnicas projetivas*. São Paulo: Vetor.
- Tardivo, L.S.L.P.C., & Pinto Junior, A.A (2010). *Inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Vetor.

A UTILIZAÇÃO DO PROCEDIMENTO DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA NO DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS EM INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Edson Dias dos Santos

Pamela Canuto Silva

Sirlene Aparecida Alves de Sousa

Universidade Guarulhos

Gleice de Souza Ferreira

Natalia Aparecida Ramos Galvão

Ryllenie Muniz de Souza

Universidade de Taubaté

Paulo Francisco de Castro

Universidade Guarulhos

Universidade de Taubaté

INTRODUÇÃO

O procedimento de Desenhos-Estórias constitui-se como uma técnica que investiga a personalidade, basicamente, através de desenhos livres associados a estórias. Foi apresentado por Walter Trinca, em 1972, visto que os meios utilizados para expressar a dinâmica inconsciente na época eram escassos. Necessitava-se de um instrumento com sensibilidade para uma exploração inconsciente, relacionada às queixas e angústias de determinadas situações. Sendo que na época, havia predominância no uso de testes objetivos e psicométricos. Os psicólogos acreditavam que os desenhos-estórias, juntamente com outras técnicas de investigação, como: a hora do jogo diagnóstica e o jogo de rabiscos, ajudavam a consolidar uma nova maneira de diagnóstico, possibilitando um conhecimento da personalidade (Trinca & Tardivo, 2000).

Trinca (1987, 1997) relata que o desenho livre como estímulo de apercepção temática é a junção de processos reconhecidos no diagnóstico psicológico: de um lado,

o desenho livre como parte do conjunto de formas gráficas de expressão e, de outro, o processo que envolve a verbalização de associações relacionadas com a percepção de certos estímulos.

Para o autor, as técnicas temáticas verbais entendem-se como os procedimentos que têm por objetivo elucidar processos projetivos sobre a forma de “estórias”.

Ainda não se conseguiu uma razoável determinação dos mecanismos psicológicos envolvidos no ato de contar estórias, porém tudo parece indicar que estão presentes fatores relacionados à imaginação e exploração de imagens simples, com o propósito de estimular fantasias e indicar um conjunto de características do funcionamento pessoal (Trinca, 1987, 1997).

Trinca (1987), formula uma hipótese de que o desenho livre, associado a estórias o qual houve um estímulo para a estória, apresenta características particulares para a aquisição de informações sobre a personalidade em aspectos que não há certa facilidade para serem detectados pela entrevista psicológica direta.

O autor relata que se trata de um procedimento que reúne e utiliza informações de técnicas temáticas e gráficas conhecidas. Tal procedimento proporciona auxiliar uma amplificação de informações a respeito dos sujeitos a que se destina.

Trinca (1987) afirma que no Procedimento de Desenho-Estória o sujeito transmite experiências subjetivas, apresentando diversos aspectos de sua personalidade, entende que essas experiências subjetivas, correspondem ao conteúdo da personalidade, distinguem-se de elementos formais e estruturais da personalidade.

Segundo Trinca (1987), o Procedimento de Desenhos - Estórias encontra sua fundamentação em algumas suposições:

- No ato de completar ou estruturar uma situação incompleta ou sem estruturação, o indivíduo pode denunciar seus próprios esforços, disposições e conflitos (e todos os outros atributos ou aspectos da pessoa em que o clínico se interessa ou deseja medir)
- Quando é realizada a associação livre o indivíduo tenderão a se dirigir para setores em que o é emocionalmente mais sensível.

- Entende-se que, nas provas projetivas, quanto menor apresentação de estímulo na prova, maior a probabilidade do aparecimento do material pessoal significativo na resposta.

- Os desenhos ou fantasias aperceptivas realizados de modo espontâneos ou dirigidos correspondem a formas clínicas de comunicação de crianças e adolescentes preferenciais à comunicação verbal direta.

- Ocorre a ativação dos mecanismos e dinamismos da personalidade, alcançando maior profundidade e clareza quando o sujeito realiza determinada seqüência, em repetição, de provas gráficas ou verbais destinadas à investigação da personalidade.

Trinca e Tardivo (2000) enfatizam que o examinado realiza uma série de desenhos livres associados às histórias que eles contam, que servem como estímulos de apercepção temática. Realiza primeiro o desenho e a partir desse, elabora uma estória. Responde, em seguida, às perguntas do examinador e dá um título a produção.

Os desenhos-estórias não se prendem a questões do tipo: fidedignidade, sensibilidade e padronização. É uma técnica de exploração livre, ampla e visa uma compreensão da dinâmica profunda da personalidade, num contexto clínico e não psicométrico.

Segundo Trinca (1987), o desenho livre como estímulo de apercepção temática é a junção de processos vulgarizados no diagnóstico psicológico: por um lado o desenho caracteriza - se como uma parte das formas gráficas e por outro, envolve a verbalização de associações relacionadas com a percepção de certos estímulos. Por apercepção, compreende-se uma interpretação dinâmica e subjetiva desencadeada por um processo perceptivo.

A apercepção define-se em geral como uma integração de um percepto com a experiência passada e o estado psicológico atual do indivíduo. Contudo, o termo 'técnica de apercepção temática' chegou a se converter em sinônimo de toda tarefa que exija interpretações de pranchas ou de simples cenas, através de um relato.

Ainda segundo Trinca (1987, p.XIX), em relação ao desenho livre, trata-se de um procedimento resultante de pesquisa e de uso clínico e não de um teste psicológico. "Não se trata igualmente de um instrumento acabado, mas de esboço para aprofundamento". Quando lança mão de alguma técnica de avaliação, o

psicólogo deve tentar eliminar todos os fatores que possam dificultar a livre expressão dos impulsos, emoções e tendências.

As técnicas gráficas são aquelas em que os indivíduos não fazem o uso da fala para se comunicar, mas sim, o uso de grafismos (desenhos, pinturas, rabiscos). O autor afirma que, sempre que houver alguma limitação, seja devido a pouca idade ou devido a qualquer outra razão, a expressão gráfica torna-se mais eficaz do que a verbal. Porém alguns autores reconhecem a limitação dos processos gráficos, visto que o instrumento mais utilizado na clínica, é a entrevista. Sendo assim o instrumento gráfico, acaba por ser um complemento da entrevista relacionado à projeção do sujeito (Trinca, 1987).

Como uma extensão da técnica do desenho-estória, tem-se a inclusão de um tema específico para investigação de componentes de personalidade e de representações simbólicas. A esse procedimento de investigação deu-se o nome de Desenho-estória com Tema (Trinca & Tardivo, 2000). Ao se deparar com um tema específico, o indivíduo articula um conjunto de conteúdos psicológicos associados diretamente à temática investigada.

Devido à especificidade da avaliação do tema, o procedimento de Desenho-estória com Tema mostra-se como importante recurso na investigação de diferentes aspectos psicológicos em diferentes contextos de investigação. Por intermédio dessa técnica, é possível a focalização necessária para a investigação precisa em pesquisas na área de psicologia (Aiello-Vaisber, 1997; Tardivo, 2008).

OBJETIVO

O presente trabalho possui como objetivo discutir a utilização do Procedimento do Desenho-estória com Tema no desenvolvimento de pesquisas de iniciação científica. Para tanto tratará de apresentar a síntese de seis pesquisas que utilizaram tal estratégia para a coleta de dados.

EXEMPLOS DE PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A seguir, são apresentados alguns exemplos de pesquisas, com o intuito de ilustrar a possibilidade do emprego do procedimento de Desenho-estória com Tema como recurso na coleta de dados. Todas as análises foram pautadas na proposta de interpretação de Tardivo (1997, 2008).

Estudo sobre a representação do cuidar em indivíduos cuidadores

A pesquisa em questão buscou avaliar a representação simbólica e temática do ato de cuidar e de ser cuidado, segundo os dinamismos psicológicos de um grupo de indivíduos cuidadores, por meio do procedimento desenho-estória com tema. Os resultados a seguir foram sintetizados de estudos sobre o tema descrito em Santos e Castro (2008a, 2008b, 2009):

Participaram da pesquisa 20 cuidadores, com 25 a 66 anos de idade, de diferentes níveis de escolaridade e condições sócio-culturais-econômicas, sendo seis profissionais e 14 familiares. Os participantes realizaram duas produções gráficas a partir das instruções: “Preciso que você faça um desenho de uma pessoa cuidando de outra pessoa que está doente” e “Preciso que você faça um desenho de uma pessoa cuidando de você”; após cada desenho, o participante era convidado a narrar uma história sobre o desenho realizado, ocorrendo depois o inquérito e a investigação do título.

Após análise, não foram observadas diferenças marcantes entre as duas produções, nos seguintes itens: a produção gráfica foi em sua maioria relacionada a uma cena rotineira de cuidado (N=20); a atitude básica desenvolvida pelo cuidador foi aceitação (N=18); há a representação de uma figura fraterna ou outra figura sentida de forma positiva (N=29); os sentimentos expressos são derivados do instinto de vida (N=24); as motivações foram consideradas construtivas (N=27); indicaram, ainda, impulsos amorosos (N=33); que estão associados ao vínculo positivo e emocional com o indivíduo cuidado.

No que se refere às defesas, em relação ao indivíduo cuidador os mecanismos de defesa mais utilizados foram: Isolamento (cinco indivíduos para o desenho 1 e dois para o desenho 2), demonstrando com isso a necessidade de excluir o componente de cuidado do foco das atenções e demandas pessoais; seguido pela Projeção (dois

indivíduos para o desenho 1 e 4 para o desenho 2), demonstrando a necessidade que tem de exteriorizar a outro objeto o impulso que o angustia; tem-se ainda a Regressão (um indivíduo para o desenho 1 e cinco para o desenho 2), na qual o cuidador volta a um estágio anterior de desenvolvimento para fugir da real situação, onde se vê cuidando de alguém; e, por último, tem-se o Deslocamento (quatro para o desenho 1 e dois para o desenho 2), ficando claro a necessidade de associar o sentimento de cuidar a outras emoções mais seguras. Já no caso do indivíduo não-cuidador destaca-se a Regressão (quatro indivíduos para os desenhos 1 e 2), onde este recorre a etapas anteriores de desenvolvimento; destaca-se também a Racionalização (quatro indivíduos para o desenho 1 e três para o desenho 2), nesse mecanismo os indivíduos fazem uso da razão para trabalhar e relacionar com a questão do cuidar; e por fim a Idealização (cinco para o desenho 1 e 2 para o desenho 2), onde atribuem a outro indivíduo qualidades de perfeição, vendo o outro de modo ideal, minimizando suas ansiedades.

Em síntese, é possível observar que a representação do ato de cuidar e de ser cuidado é positiva para os cuidadores, que estabelecem uma relação produtiva e próxima com os indivíduos que deles dependem, havendo busca de construção e crescimento; no que tange às defesas, estas são variadas e diferenciam elementos pessoais de enfrentamento diante do ato de cuidar e da necessidade em ser cuidado. Além disso, foi possível observar certa diferença na maneira com a qual os cuidadores e não-cuidadores defendem-se dos sentimentos e angústias relacionadas ao ato de cuidar.

Análise sobre a relação entre um estilo musical definido e personalidade

O trabalho em questão teve como objetivo a reflexão sobre a possível relação entre elementos de personalidade e a escolha de tipos musicais definidos, compreendendo a música como uma das manifestações artísticas de maior impacto sobre as pessoas, pois raramente um indivíduo fica um dia sem ouvir uma música.

Uma vez que algumas pessoas possuem um estilo musical definido e único, partiu-se do pressuposto que houvesse alguma relação entre a escolha desse estilo e um perfil de personalidade.

Os dados a seguir pautaram-se em estudo desenvolvido por Silva e Castro (2010):

Participaram do estudo dez colaboradores, sendo cinco seguidores de rock e cinco admiradores de samba, importante ressaltar que os indivíduos, para poder participar da amostra, deveriam ter estilo musical definido, ou seja, ouvirem e admirarem apenas um estilo musical, sem qualquer interesse ou inclinação a qualquer outro tipo de música. Foi aplicado, em todos os sujeitos, o procedimento de desenho-estória com tema, solicitando-se um desenho sobre “uma pessoa que gosta de samba/rock como você”, seguido da narração de uma história e da elaboração do inquérito.

Após análise das narrativas, observou-se, predominantemente, que os seguidores do rock indicaram atitude de oposição diante de figuras fraternas negativas, os instintos são derivados do conflito associados a tendências destrutivas e impulsos destrutivos, gerando ansiedade do tipo paranoide que leva à projeção como processo defensivo. Os indivíduos com interesse pelo samba demonstraram atitude de aceitação associada a figuras fraternas positivas, os instintos são derivados do instinto de vida com tendências construtivas, os impulsos das histórias são amorosos e decorrentes de uma ansiedade do tipo depressiva, elementos que são defendidos por processos de idealização.

Assim, é possível observar, na amostra investigada que houve diferença nas características de personalidade dos indivíduos, de acordo com o estilo musical definido.

Representação simbólica do papel do psicólogo na creche

A pesquisa avaliou a representação simbólica do papel do psicólogo no processo de ingresso da criança na creche, a partir da avaliação de mães, por meio do desenho-estória com tema.

Sabe-se que a entrada de crianças em instituições como uma creche demanda grande atenção por parte dos profissionais, uma vez que se trata de grande mudança na rotina da família. Esse momento traduz maior ou menor necessidade de adaptação e a atuação do psicólogo pode ser de grande valia para os envolvidos: criança, pais,

professores e demais profissionais atuantes nas atividades da creche. A seguir dados de investigação de Sousa e Castro (2010):

Participaram do estudo dez mulheres, mães de crianças com ingresso na creche no momento da coleta de dados, com idade variada e escolaridade fundamental incompleta. Cada colaboradora, após uma breve entrevista sobre a instituição, dados da criança e papel do psicólogo, realizou uma produção gráfica e temática a partir do seguinte tema: “Gostaria que você fizesse um desenho de um psicólogo que trabalha na creche e está recebendo uma criança que acabou de entrar nessa creche”, após esse momento, era solicitado que cada mãe narrasse uma história sobre o desenho que acabara de fazer.

No que se refere às figuras representativas expressas nas narrações, observou-se incidência de representações positivas, sendo figura fraterna (ou outras) positiva (N=6) e figura materna positiva (N=4), revelando que as mães atribuem catexia positiva às representações do psicólogo nas histórias, além de conferir-lhes uma valoração feminina/materna. Quanto aos sentimentos projetados nas histórias, a maioria atribui sentimentos derivados do instinto de vida (N=6), entretanto, o restante da amostra indicou sentimentos ligados ao conflito (N=4), indicando que os afetos percebidos na atuação do psicólogo são predominantemente construtivos, embora ainda surja a idéia do profissional ser aquele atuante diante de situações conflitivas.

As motivações inclinam-se àquelas que tratam da necessidade de suprir faltas básicas (N=6), completadas por ações com tendências construtivas (N=4), que mostra uma representação associada ao atendimento das demandas mais primitivas dos envolvidos na relação da creche, embora uma representação de construção também tenha sido expressa. Os impulsos são predominantemente amorosos (N=9) que apresenta uma posição sentida de acolhimento advinda do profissional psicólogo. No que tange aos mecanismos de defesa, não foi possível qualquer generalização, pois houve a expressão de dez tipos diferentes, ou seja, cada mãe indicou um tipo de movimento defensivo na narrativa, o que impõe uma condição idiossincrática para as defesas aplicadas, não sendo possível verificar um padrão entre as mães que compuseram a pesquisa.

Assim, os dados indicaram que as mães que participaram do estudo, cujos filhos haviam ingressado em uma creche há, no máximo, um mês, possuem a

representação simbólica do papel do psicólogo como um profissional com relações positivas e construtivas, carregando um referencial daquele que pode resolver problemas básicos, a partir de uma postura amorosa e acolhedora.

Reflexões sobre a representação do ato de adotar

Trata-se de um estudo que buscou compreender as representações simbólicas sobre o desejo de adotar em um grupo de adultos, para tanto foram investigados os elementos dinâmicos observados no desenho-estória com tema.

Várias discussões cercam as motivações e desejos diante da adoção de uma criança, dentre elas os elementos psicológicos que os futuros pais apresentam diante da representação da paternidade e maternidade, demandas pessoais envolvidas no processo, elementos de cunho social ou assistencialista, entre outros. Os dados referem-se a trabalho desenvolvido por Ferreira e Castro (2009):

A pesquisa concentrou-se nas características psicodinâmicas que os colaboradores apresentaram diante da produção temática sobre adoção. Foram entrevistadas 13 pessoas, sendo seis do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idade entre 26 a 62 anos. Todos os participantes da pesquisa eram casados, com escolaridade entre fundamental e superior. Quanto ao fato de terem filhos, três participantes tinham filhos naturais; cinco participantes tinham filhos adotivos; dois participantes tinham filhos naturais e adotivos e três participantes não tinham filhos. Quanto ao tempo em que estão no processo de adoção, varia de quatro meses a cinco anos. Desses, dez participantes nunca pensaram em desistir do processo e três participantes pensaram em desistir devido ao processo ser demorado. No tocante à preferência do filho adotivo, a maioria (nove participantes) tinham preferência pelo sexo feminino, e dois participantes pelo sexo masculino.

Todos os colaboradores produziram um desenho com o seguinte tema “uma família ou uma pessoa que deseja adotar uma criança, mas que ainda não está com ela”, após a realização do desenho, foi solicitado que o sujeito narrasse uma história sobre sua produção, seguindo-se para um inquérito dos pontos importantes da narrativa.

Após análise, foi possível observar os seguintes aspectos: atitude de insegurança frente à adoção (N=6), seguida por aceitação (N=4), identificação positiva

(N=2) e oposição (N=1); as figuras representadas nos desenhos e narrativas foram consideradas fraterna positiva (N=11) e fraterna negativa (N=2); os sentimentos expressos foram identificados como derivados do instinto de vida (n=9) e derivados do conflito (N=4); as motivações do protagonista da história centravam-se em tendências construtivas (N=12) e destrutivas (N=1); todos os colaboradores expressaram impulsos amorosos em suas produções gráficas e temáticas; a análise da ansiedade apresentada indicou a presença de ansiedade depressiva (N=12) e ansiedade paranoide (N=1); no que tange ao mecanismo de defesa expresso nas narrativas, observou-se a incidência de vários tipos de movimentos defensivos do ego, com destaque para projeção, regressão e idealização (N=3 cada um).

Diante do que foi apresentado, foi possível verificar que a representação do desejo de adotar expressou, predominantemente, uma atitude de insegurança frente aos acontecimentos e mudanças a partir da chegada do filho adotivo, apesar disso, as relações eram identificadas como positivas e derivadas do instinto de vida, revelando uma busca por construção e crescimento; e no que se refere aos movimentos defensivos, mostraram a utilização de processos primitivos.

Verificação da representação da morte e do luto em profissionais de enfermagem

A pesquisa focou a representação do luto em profissionais da área de enfermagem. Questões relativas à morte sempre indagaram o homem, porém a forma que ele lida com a mesma sofreu alterações ao longo dos anos. É possível observar que a morte deixou de acontecer no lar e passou a acontecer em hospitais, diferentes sentimentos relacionados ao tema também sofreram mudanças, sendo que hoje são tidos, por muitos, como sinônimo de fraqueza, algo a ser desprezado, escondido. Os dados a seguir são pautados em trabalhos de Galvão e Castro (2010a, 2010b, 2010c):

Participaram do estudo vinte profissionais da área de enfermagem, entre técnicos e enfermeiros, com idade entre 26 e 60 anos, com variada experiência em enfermagem e vivência diante de perdas e mortes relacionadas a pacientes que receberam seus cuidados. Todos os colaboradores responderam a um breve questionário sobre informações sócio-demográficas e foram submetidos aos procedimentos de aplicação do desenho-estória com tema onde foi solicitado para o

participante que realizasse um desenho sobre 'um profissional que acabou de vivenciar uma morte no seu local de trabalho', após a produção gráfica foi solicitado que o colaborador narrasse uma história sobre seu desenho, toda a história foi registrada pelo examinador, assim como o inquérito posterior que foi realizado a partir das questões que emergiram da narrativa.

Após a análise, observou-se que no que se refere às atitudes básicas, ou seja, a relação que o protagonista da história estabelece consigo e com o ambiente, tem-se que, a maior parte dos profissionais (80% - N=16) indicou uma atitude de aceitação, submetendo-se às demandas do meio externo no que se refere às vivências de morte e luto. Em relação às figuras significativas presentes nas elaborações, enfatiza-se a figura fraterna ou figura sentida como positiva (85% - N=17), na qual existe a identificação pautada no instinto de vida defendido pela proposta freudiana, sendo comprovada a necessidade dessa figura positiva no que se refere aos elementos ligados ao luto.

Destacam-se os sentimentos expressos pelo protagonista da história como originários e derivados do instinto de vida (60% - N=12), mostrando a necessidade de construção e positividade frente ao ambiente, a partir da expectativa de melhora da situação diante do luto vivenciado. Entretanto, há incidência de sentimentos derivados do conflito (35% - N=7) em um grupo de profissionais que indicou dificuldade em processar adequadamente as vivências de morte e luto. Apenas um colaborador não expressou qualquer tipo de sentimento diante da vivência da morte, conjectura-se, nesse caso, que o mesmo tenha utilizado processos defensivos que levassem à supressão emocional diante dos elementos de luto.

Frente às tendências e desejos, que a motivação dos profissionais de enfermagem (95% - N=19) foca-se em tendências construtivas, revelando uma motivação para resolver o possível impasse psicológico decorrente da vivência de morte e luto. Além disso, todos os sujeitos participantes da pesquisa indicaram atitudes que se baseiam nos impulsos amorosos do indivíduo diante da vivência da morte e luto, por trabalhar de forma para que o ambiente se torne menos hostil e mais aceitável. Frente às ansiedades, destaca-se a ansiedade depressiva (65% - N=13), onde o indivíduo tende a elaborar constantes mecanismos de defesa para lidar com tais situações angustiantes a partir da morte e luto no desenvolvimento de suas funções profissionais.

Em relação aos mecanismos de defesa utilizados como recursos para enfrentar as situações advindas da vivência de morte e luto, tem-se a metade dos profissionais de enfermagem utilizando o mecanismo de Racionalização, nesse mecanismo os indivíduos fazem uso da razão para enfrentar a situação, por meio de explicações razoáveis e mediadas por elementos lógicos; a seguir 20% (N=4) dos profissionais lançam mão da Negação/Anulação, que representa uma postura de retirar da realidade as emoções geradas pelo luto e morte, como se deixassem de existir em suas vivências; além desses 15% (N=3) fazem uso da cisão, ou seja, rompem as vivências, separando-as em positivas e negativas, dessa maneira podem relacionar-se somente com os componentes positivos da vivência.

Compreensão da representação dos relacionamentos afetivos em jovens

O estudo analisou as representações sobre os relacionamentos afetivos apresentadas por jovens adultos. Entre os aspectos mais acentuados no processo de desenvolvimento está o relacionamento afetivo, principalmente no período inicial da maturidade. Existem muitas interferências que podem atuar sobre a representação que os jovens constroem acerca dos contatos afetivos e suas trocas emocionais. Os dados referem-se à investigação de Souza e castro (2009):

Participaram do estudo 20 colaboradores, divididos igualmente quanto ao sexo, com 20 a 28 anos, de escolaridade variada. Os sujeitos realizaram uma produção gráfica cromática sobre a representação de um relacionamento afetivo/amoroso bom, seguida da elaboração de uma história e, por fim, inquérito sobre a narrativa.

Os resultados mais incidentes indicaram o seguinte: atitude de aceitação e identificação positiva diante dos relacionamentos; figuras significativas fraternas e de contato adequado; sentimentos derivados do instinto de vida, levando à construção e crescimento; tendências construtivas de contato e afirmação; impulsos amorosos e de relacionamento positivo; ansiedade do tipo depressiva, revelando busca de construção e articulação favorável dos sentimentos; defesas diversas, com ênfase na idealização e racionalização. Diante dos dados é possível verificar que os jovens adultos que compuseram a mostra da pesquisa representam positivamente seus relacionamentos afetivos e amorosos, com tendência à construção e adequação emocional, entretanto

as defesas assinaladas demonstram a utilização de idealizações quanto aos parceiros e racionalização das dificuldades.

Assim, observa-se certa imaturidade nas relações afetivas dos jovens, o que pode estar associado à própria idade e à falta de experiência no campo afetivo relacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos exemplos assinalados, é possível observar a importância do uso do Desenho-estória com Tema no desenvolvimento de pesquisas científicas. A maneira com que o procedimento levanta dados específicos diante da solicitação de um tema permite ampla visão sobre os dinamismos psicológicos e simbólicos do indivíduo frente à questão investigada.

Em se tratando de pesquisas de iniciação científica, o aspecto da especificidade torna-se ainda mais importante. Diante da execução de uma pesquisa científica, o graduando pode ter dificuldade na escolha de um instrumento que possa levantar dados próprios, além das entrevistas. Nesses casos, a utilização do procedimento permite sistematização clara dos dados relacionados a um determinado tema, ou seja, a um determinado aspecto de investigação qualquer que seja.

A ilustração realizada anteriormente focou nos estudos sobre representação de cuidadores, personalidade e música, adoção, relacionamentos, papel do psicólogo, visão da morte em enfermeiros. Em todas elas houve a possibilidade de investigação precisa do foco da pesquisa, por meio da técnica proposta, revelando ser um importante recurso nesses casos.

REFERÊNCIAS

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1997). Investigação de representações sociais. In W. Trinca (org.). *Formas de investigação clínica em psicologia*. (pp.255-288). São Paulo: Vetor.

- Ferreira, G.S. & Castro, P.F. (2009). Representações simbólicas do desejo de adotar a partir dos dados do Desenho-estória com Tema. *Resumos de Comunicação Científica da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, 39 (pp. 840-841). Goiânia : Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Galvão, N.A.R. & Castro, P. F. (2010a). Ansiedades expressas por profissionais de enfermagem diante da vivência da morte e do luto. *Anais do Encontro de Iniciação Científica*, 15 (CD-ROM). Taubaté : Universidade de Taubaté.
- Galvão, N.A.R. & Castro, P. F. (2010b). Representação da morte e do luto em profissionais de enfermagem pelo desenho-estória: o tamanho do desenho. *Anais do Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo*, 18 (on-line). São Paulo : Universidade de São Paulo.
- Galvão, N.A.R. & Castro, P. F. (2010c). Representação do luto em profissionais de enfermagem: contribuições do Desenho-estória com Tema. *Anais do Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde*, 2 (on-line). Uberlândia: Associação Brasileira de Psicologia da Saúde.
- Santos, E. & Castro, P.F. (2008a). A relação entre cuidar e ser cuidado: representações observadas a partir do Desenho-Estória com Tema em um grupo de indivíduos cuidadores. *Livro de Programas e Resumos do Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 5 (p.120). Ribeirão Preto: ASBRo.
- Santos, E. & Castro, P.F. (2008b). Relação estabelecida no ato de cuidar a partir do Desenho-Estória com Tema: violência sofrida ou sentimentos positivos? *Anais do Congresso Nacional de Iniciação Científica*, 8 (CD-ROM). Botucatu : SEMESP.
- Santos, E. & Castro, P.F. (2009). Processos defensivos observados no Desenho-estória com tema em um grupo de indivíduos cuidadores. *Resumos de Comunicação Científica da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, 39 (p. 055). Goiânia: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Silva, P.C & Castro, P.F. (2010). Relação entre personalidade e escolha de um tipo musical definido: contribuições do Desenho-estória com Tema. *Programa e Resumos do Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica, 9 e Congresso Latino-americano de Avaliação Psicológica*, 2 (p. 66). Belo Horizonte: EMAP.
- Sousa, S.A.A. & Castro, P.F. (2010). Representação do papel do psicólogo na inserção da criança na creche a partir do Desenho-estória com Tema. *Resumos de*

Comunicação Científica da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, 40 (CD-ROM). Curitiba : Sociedade Brasileira de Psicologia.

- Souza, R.M. & Castro, P.F. (2009). Representações dos relacionamentos afetivos em jovens adultos: contribuições do desenho-estória com tema. *Resumos do Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, 4; Conferência Internacional de Avaliação Psicológica, 14 Congresso Brasileiro de Rorschach e outros métodos projetivos, 5* (pp. 22-23). Campinas: IBAP/ ASBRo.
- Tardivo, L.S.L.C. (1997). Análise e interpretação. In W. Trinca (org.). *Formas de investigação clínica em psicologia*. (pp.115-156). São Paulo: Vetor.
- Tardivo, L.S.L.C (2008). O procedimento de desenhos-estórias (D-E) e seus derivados: fundamentação teórica, aplicações em clínica e pesquisas. In A.E. Villemor-Amaral & B.S.G. Werlang (org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (pp. 287-305). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trinca, W. (1987). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. (2ª ed). São Paulo: EPU.
- Trinca, W. (1997). Apresentação e aplicação. In W. Trinca (org.). *Formas de investigação clínica em psicologia*. (pp.11-34). São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. & Tardivo, L.S.L.C (2000). Desenvolvimento do procedimento de desenhos-estórias. In J.A. Cunha (org.). *Psicodiagnóstico V*. (5ª ed. rev. ampl.). (pp. 428-438). Porto Alegre: Artes Médicas.

NARRAÇÃO ORAL E DESENHO DA FAMÍLIA: UMA INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS ADOTADAS TARDIAMENTE

Carolina Martins Pereira Alves

Larissa Cristina Silveira de Andrade

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Martha Franco Diniz Hueb

Departamento de Psicologia Clínica

Sociedade da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

INTRODUÇÃO

Apesar da adoção de filhos ser um assunto recorrente desde os tempos remotos, ainda observa-se hoje que tal modalidade de filiação continua sendo compreendida por meio de mitos e silêncios, difundidos pela população em contraposição aos poucos estudos sistemáticos, realizados sobre o tema. Muitas vezes, a adoção, tem sido tratada de forma preconceituosa e encoberta de medos pelo senso comum (Vargas, 1998). Desde os romanos, que anulavam a filiação biológica e garantia a passagem do nome da família ao adotado, a adoção sempre existiu como direito, porém foi mais recentemente, nos países de direito anglo-saxão, que se instituiu a adoção legal a fim de proverem de pais o grande número de órfãos resultante da I Guerra Mundial.

De certa forma, pode-se afirmar que a adoção é sempre um remexer nas nossas entranhas. Intrincados nela encontramos pais que desejam gerar um filho e não o podem, pais que não desejam o filho e o procriam, pais que se dispõem a acolher este filho rejeitado, o qual desligado de sua família de origem necessita de um meio familiar afetivo para crescer e se desenvolver (Hueb, 2002)

É justamente dentro deste último sentido que se dirige a maioria das adoções na atualidade. Hoje, o principal foco da adoção não é mais a garantia de filhos a casais impossibilitados biologicamente, mas garantir uma família à criança abandonada.

Pillotti (1988) ressalta que este enfoque é orientado por três aspectos básicos: os psicossociais, que observam as características e necessidades dos envolvidos no processo; os jurídicos, que colocam as vantagens da adoção legal; e os aspectos institucionais e de procedimento, que propõem uma assessoria multidisciplinar para garantir às partes que a adoção ocorra legalmente e com todas as exigências cumpridas.

Dentro desta ótica, existem várias considerações a respeito dos processos de adoção. Diversos autores discorrem sobre o tema, e em geral focam a relação entre os envolvidos no processo, o adotante e o adotado.

O tema pode ser descrito como um encontro que ocorre a partir de desencontros, pois o espaço vincular que se estabelece entre pais e filho adotivo é permeado por desencontros biológicos, pela ausência de vínculos de consanguinidade, pelos conteúdos relacionados com abandono do adotado e em sua maioria pela impossibilidade, do casal estéril, de conceber o filho. Dessa maneira as adversidades vividas por ambos caracterizam a dinâmica vincular do encontro (Schejterman, 1990).

O processo de adoção pode ocorrer logo após o nascimento da criança, ou alguns anos depois, sendo definida por Vargas (1998) como tardia quando se dá após os dois anos de idade. Segundo Levinzon (2008, 2009) o grande período estabelecido entre as vivências da separação da mãe natural e o amparo pela família adotiva pode ocasionar marcas no desenvolvimento da personalidade e dificultar o estabelecimento das relações objetivas, predominando o sentimento de desamparo na criança.

O prolongamento do intervalo entre a separação e a adoção pode acarretar no que Bowlby (1988) denominou de “privação materna”, situação na qual a criança tem a oportunidade de uma relação complexa prejudicada pela ausência de uma mãe que corresponda as suas necessidades. Destaca-se que essas primeiras vivências do bebê são de extrema importância para a formação do psiquismo do indivíduo, e que a privação de cuidados afetivos pode acarretar em dificuldades como distúrbios nervosos e uma personalidade instável.

Segundo Winnicott (1963) a partir do sentimento de angústia e da vivência de desintegração, decorrentes do sentimento de abandono, a criança utiliza suas defesas para garantir sua existência psíquica. O citado autor (1960) afirma em seus estudos a possibilidade do desenvolvimento de um *self* verdadeiro e de um falso. O *self*

verdadeiro se dá quando há um *holding* bem sucedido, estando relacionado à espontaneidade, à criatividade e ao sentimento de existência própria. Porém a criança pode precisar dos recursos de um falso si mesmo quando experimenta vivências angustiantes, utilizando-o para se defender psiquicamente.

Nesse sentido a criança sobrevive à instabilidade de sentimentos, a angústia de aniquilação, de modo falso por meio do desenvolvimento do que Winnicott (1960) denominou de falso *self*. É através desse mecanismo que o bebê desenvolve falsos relacionamentos com as pessoas ao seu redor, e por meio da introjeção pode apresentar uma aparência real, correspondendo ao que esperam dele causando uma perturbação da espontaneidade.

No entanto, tal perturbação pode apresentar uma função positiva no decorrer da vida da criança. O falso *self* é importante, pois é o modo que a criança encontrou de ocultar o *self* verdadeiro para evitar seu aniquilamento, através da submissão das exigências feita pelo ambiente (Winnicott, 1960).

E é a psicanálise, de acordo com Levinzon (2008), que dá subsídios para que se possa compreender o mundo interno da criança adotiva e proporciona condições para o exame de suas fantasias. A autora coloca, entretanto, que existem algumas características inerentes ao processo de adoção que exigem um esforço de adaptação maior, tais como a experiência de separação, geralmente vivenciada bem precocemente pela criança, que podem dar origem a diversas angústias e fantasias (Levinzon, 2009).

Uma das maneiras que possibilita a criança entrar em contato consigo própria e de colocar o adulto em contato com sua realidade interna, se dá por meio da ludicidade. Como aponta Klein (1980) o brincar pode ser comparado à associação livre e aos sonhos do adulto e definido como a linguagem típica da criança. Dessa forma os conteúdos inconscientes e as figuras parentais internalizadas são projetadas no e para o adulto com o qual ela se relaciona e, de certa forma, para quem ela coloca suas questões mais íntimas.

Lúdico: a narração de histórias e o desenho.

Segundo Alves (2007, 2008), a atividade lúdica constitui a principal manifestação da criança, sendo importante para seu desenvolvimento psíquico e para

a inserção dela em sua cultura. Corroborando com a autora, Mrech (2002) ressalta que uma das maiores descobertas da Psicanálise foi à utilização do lúdico como forma de revelação dos conflitos internos. Desta maneira o brincar além de servir como diagnóstico, também possibilita que a criança supere situações traumáticas por meio da simbolização e representação dos conteúdos que a perturbam.

Em meio a todo este processo lúdico de fantasia, encontram-se as representações nas histórias infantis. Para Freud (1908), as fantasias podem se relacionar com o desejo de modificar uma realidade que não é a mais satisfatória. Bettelheim (1980) complementa dizendo que os contos representam grande parte de nossos mecanismos de funcionamento mental, dentre eles os desejos e angústias conscientes e inconscientes, permitindo à criança que compreenda melhor seus conteúdos.

Essa, geralmente se identifica com a história contada ou lida, caso ela seja adequada ao seu momento, considerando-se vários fatores, como o estado físico, intelectual e emocional (Araújo, Pola, Gouvêa, & Rosa, 2009). Nesse sentido, Safra (2011) afirma que após ouvir o conto diversas vezes, frequentemente a criança, vai elaborando os conteúdos de suas fantasias assim como vai percebendo que o conto se refere às situações vividas por ela.

Outra maneira lúdica que pode ser utilizada para compreender os conteúdos inconscientes da criança se dá através do desenho. Para Retondo (2000) eles são representações e não reproduções da realidade. A página em branco é o fundo no qual a pessoa vislumbrará o seu mundo, as suas características comportamentais, a fraqueza ou a força da sua personalidade e a maneira que mobiliza seus recursos internos para lidar com seus conflitos psicodinâmicos, interpessoais e intrapsíquicos. Ainda segundo o citado autor o desenho permite também, que o sujeito demonstre a percepção em relação a si mesmo, tanto consciente quanto inconsciente, e a percepção em relação ao seu ambiente (Retondo, 2000).

Os estudos psicanalíticos, segundo Van Kolck (1980), embasam a análise dos desenhos como sendo a representação da própria pessoa, desta forma as expressões gráficas pertencem ao plano da fantasia assim como os sonhos e às associações livres. A autora ressalta que “a interpretação psicanalítica tem considerado o conteúdo dos

desenhos de forma semelhante à do conteúdo manifesto dos sonhos” (Van Kolck, 1980 p. 07).

Desta forma a presente pesquisa teve como objetivo geral verificar os efeitos da narrativa oral e do desenho da família na elaboração de angústias das crianças que foram adotadas tardiamente.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada no Centro de Estudo e Pesquisa em Psicologia Aplicada-CEPPA, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM. Consistiu-se em uma pesquisa qualitativa, a qual se caracteriza por questões bastante particulares que não podem ser quantificadas.

Segundo Minayo (1994) a pesquisa qualitativa envolve um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Por sua vez estes itens avaliados “correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p.22). Neste sentido, compreende-se que a pesquisa qualitativa busca abranger mais a fundo as manifestações individuais e coletivas, abarcando um número mais restrito de participantes, no entanto com maiores possibilidades de aprofundamento nos significados das representações psíquicas e sociais.

A presente pesquisa consistiu-se ainda em uma pesquisa-intervenção, a qual é definida por Rocha & Aguiar (2003) como uma tendência por parte das pesquisas ditas participativas, ou seja, com foco no papel do investigador na situação pesquisada, em estudar a vida em sua diversidade qualitativa, assumindo o que as autoras denominaram de intervenção de caráter socioanalítico. A mudança, neste tipo de pesquisa, é consequência da produção da relação entre teoria e prática, sujeito e objeto. As autoras apontam que no âmbito da Psicologia, a pesquisa-intervenção "envolve a recusa da individualização e da psicologização dos conflitos" (Rocha & Aguiar 2003, p. 71).

Desta maneira, tal pesquisa apresenta, além deste caráter dialético entre pesquisadores e participantes, a intenção de empregar métodos interventivos na tentativa de compreender e transformar a realidade.

Para atender ao objetivo proposto, o qual utiliza de expressões gráficas, foi necessário adotar como critério de inclusão, que os participantes já tivessem as habilidades psicomotoras, auditivas e visuais relativamente desenvolvidas. Dessa forma foram convidadas a participar apenas crianças entre seis e dez anos, que foram adotadas tardiamente, e que não possuísem problemas graves de audição, visão ou psicomotores. Outro critério de inclusão foi que os pais de tais crianças tivessem participado do Curso Preparatório para Adoção, proporcionado pelo Grupo Interinstitucional Pró Adoção – GIPA. Portanto, atendendo aos critérios de inclusão, conseguiu-se a participação de seis crianças.

Inicialmente, os pais das crianças participantes foram contatados pela coordenadora da pesquisa, docente do curso de Psicologia da UFTM, através de telefone, cujos números foi concedido à equipe pela Promotoria da Infância e Juventude, já que tais informações são de uso exclusivo desse órgão do judiciário. Foram informados do objetivo do estudo e convidados a colaborar com a pesquisa. Após esta etapa, verificou-se a disponibilidade de tempo condizente com o das demais pesquisadoras e os pais foram convidados a se dirigirem ao CEPPA.

O processo da pesquisa, que se encontra em andamento, foi dividido em três fases. Na primeira fase foi realizada uma entrevista semiestruturada com os adotantes a respeito da história de vida da criança e do processo adotivo. A entrevista foi realizada com os responsáveis pela criança de forma individual, em um período aproximado de uma hora e meia. As entrevistas foram gravadas, conforme autorização dos pais. Ainda nesta fase, outra pesquisadora colheu o primeiro procedimento de desenho-estória com tema com a criança tendo como ótica a família (PF-E). A investigação foi realizada individualmente com cada criança, no período de 50 minutos, sendo solicitado um desenho a partir do tema: *Desenhe a sua família*. Em seguida foi solicitado que contasse uma história a respeito e lhe atribuísse um título. Vale ressaltar que tendo em vista o objetivo proposto, limitou-se o DF-E apenas ao desenho de “sua família”, abolindo os outros três tradicionais, “uma família qualquer”,

“uma família que tem alguém que não esta bem” e a “família que desejaria ter”, adotados por Trinca e Tardivo (2000)

A segunda fase do projeto consistiu em seis encontros coletivos com as crianças participantes, no qual foi realizado o procedimento de contação de histórias. Após a narração foi discutido com o grupo o entendimento das histórias por parte deste, solicitando-se em seguida que as crianças recontassem a história a seu modo utilizando da expressão por meios artísticos (como colagens e teatro), e de recontação da história essa compreensão. As histórias foram narradas no período de seis semanas, na frequência de uma vez por semana, com sessões de uma hora e meia. Estes encontros foram filmados e transcritos na integra, sendo editados pequenos trechos para o encontro final com os pais.

Esta parte do trabalho foi realizada em grupo devido à importância deste tipo de intervenção com finalidades terapêuticas. Este grupo foi pensado, não apenas como um somatório de indivíduos, mas em um grupo que constitui uma nova entidade com leis e mecanismos próprios. Vale ressaltar que as atividades, apesar de proporem uma liberdade de expressão das crianças, seguiram uma forma geral planejada; capacitando ao grupo a formação de um sentimento de identidade entre os participantes, de modo a facilitar a comunicação e trabalhar com as configurações vinculares dos indivíduos, no caso, das crianças adotivas participantes (Zimmerman, 2007).

Na terceira e ultima fase, que se encontra atualmente em finalização, tem se realizado uma nova entrevista semiestruturada individualmente com os pais. Com duração de 50 minutos cada e com intuito de verificar se os pais perceberam alguma mudança significativa no relacionamento com a criança e no seu comportamento em geral, a entrevista tem se mostrado bastante profícua. Além disso, um segundo procedimento de desenho-estória com tema, está sendo solicitado a cada criança, afim de, verificar se houve mudanças após a intervenção, em relação á primeira produção. Este procedimento também está sendo realizado separadamente em dias diferentes, com duração de 50 minutos, com o mesmo tema disparador da primeira produção solicitada: *Desenhe a sua família*, seguida da história e do título.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que os participantes a quem a pesquisa se voltou, são crianças em processo de inserção tardia em uma nova configuração familiar e que passaram por mudanças e rompimentos ao longo da vida; pretendeu-se compreender como é a concepção de família por parte desta criança, e como ela vivencia este processo, auxiliando-a nesta inserção de forma a trazer benefícios para seu desenvolvimento.

Ressalta-se que a pesquisa está em processo de finalização, porém a análise parcial dos resultados até o momento aponta dados interessantes. As crianças conseguiram expressar a sua percepção quanto a inserção na família adotiva e as manifestações de conteúdos inconscientes nas relações estabelecidas com os membros da família, através do DF-E e da narrativa oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aponta Levinzon (2009), muitas crianças adotivas se preocupam demasiadamente em corresponder às expectativas dos pais, e desta forma, prejudicam sua espontaneidade e um possível contato mais profundo com a impulsividade e com seus instintos o que as levam a utilizar de um falso *self* como defesa e a terem angustias mal elaboradas.

Apesar de o estudo ainda estar em andamento, os resultados parciais apontam que a partir das histórias e dos desenhos realizados, as crianças adotadas estão acessando conteúdos inconscientes, fato que certamente possibilitará a reelaboração de significados anteriormente conflituosos.

Ao dar forma às fantasias particulares, juntamente com outras crianças, os participantes estão construindo e exteriorizando, em conjunto, significados, de forma a auxiliar na verificação de suas angústias, de suas relações interpessoais e principalmente de suas fantasias com relação à adoção.

Finalizando, ressalta-se que pesquisas-interventivas que utilizam de procedimentos projetivos como esta que se processa, são extremamente importantes. Além de permitir o caráter dialético entre pesquisadores e participantes, compreende

e transforma a realidade dos envolvidos, fato que poderá ajudar a despertar em alguns e fortificar em outros o sentido social da adoção de forma a ter maiores sucessos nessa diferente forma de filiação.

REFERÊNCIAS

- Alves, H. C. (2008). Abordagem bioecológica e narrativas orais: um estudo com crianças vitimizadas. *Paidéia*, 18(39), 85-100.
- Alves, H. C. (2007). *Utilização de contos de fadas e atividades simbólicas na compreensão de crianças vítimas de violência*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.
- Araujo, A. M. C., Pola, C. O., Gouvêa, M. E., & Rosa, I. P. R. (2009). *A arte de contar histórias com o livros de folhas soltas: uma experiência junto a crianças em leitos hospitalares*. Recuperado em: 26 de outubro, 2011, de: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1952_1419.pdf
- Bettelheim, B. (1980). *A psicanálise dos Contos de Fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dolto, F. (2006). *Destinos de Crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1908-1976). *Romances familiares*. (Obras completas, ESB, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.
- Hueb, M. F. D. (2002). *Privação Materna e Adoção Tardia: ferida na alma ou travessia compartilhada?* Dissertação de Mestrado Não Publicada, Curso de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Klein, M. (1955-1980). A técnica psicanalítica através do brinquedo: sua história e significado. In: P. Heimann, & R. Money- Kirley (Orgs.). *Novas tendências na psicanálise*. (2ª ed.). (pp. 25-48). Rio de Janeiro: Zahar.

- Levinzon, G. K. (2009). Adoção e falso-self: o dilema do “bom-adotado”. In: *Anais Congresso Brasileiro de Ludodiagnóstico 1*, (pp. 21-29). São Paulo. Faculdades Metropolitanas Unidas.
- Levinzon, G. K. (2008). *A Criança Adotiva na Psicoterapia Psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (19ª ed.) Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Mrech, L. M. (2002). Além do Sentido e do Significado: a concepção psicanalítica da criança e do brincar. In: M. Kishimoto. (Org.). *O Brincar e suas Teorias*. (pp. 155-172). São Paulo: Pioneira.
- Pillotti, F. J. (1988). Manual de procedimento para a formação da família adotiva. *Unidade de Estudos Sociais*, Montevideu.
- Retondo, M. F. (2000). *Manual Prático de Avaliação do HTP (Casa-Árvore-Pessoa) e Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha, M. L. & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73.
- Safra, G. (2011) *Curando com histórias: a inclusão dos pais nas consultas terapêuticas com crianças*. 2ª ed. São Paulo: Sobornost
- Schejzman, J. (1990). Psicopatologia [em] [de] la adopción. *Psicoanálisis*, 12(1), 173-185.
- Schneider, R. E. F. (2008). *Oficina de Contos de Fadas: uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque Winnicottiano*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo.
- Trinca, W. & Tardivo, L.S.L.C (2000). Desenvolvimento do procedimento de desenhos-estórias (DE). In J.A. Cunha (org.). *Psicodiagnóstico V*. (5ª ed. rev. ampl.). (pp. 428-438). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Van Kolck, O. L. (1980). *Interpretação Psicológica de Desenhos*. (2ª ed.) p. 129. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Vargas, M. M. (1998). *Adoção Tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Winnicott, D. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. (pp.128-139) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*, (pp.79-87.) Porto Alegre: Artes Médicas
- Zimerman, D. (2007). A Importância dos Grupos na Saúde, Cultura e Diversidade. *Rev. Vínculo*, 4(4). São Paulo.

AUTOPERCEÇÃO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA POR MEIO DO MÉTODO DE RORSCHACH: DADOS PRELIMINARES

Maísa Roberta P. R. Lopes

Lucení Bezerra dos Santos

Jacqueline Oliveira de Souza

Ana Cristina Resende

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

INTRODUÇÃO

A autopercepção pode ser definida como o conjunto de elementos descritivos e valorativos que o indivíduo vai construindo sobre si mesmo, dito de outro modo, é como o indivíduo percebe a si mesmo tanto em relação a sua autoestima, quanto a sua autoimagem (Exner & Sendín, 1999). No que concerne à autoimagem, é um importante mecanismo da identidade pessoal que expressa a percepção que a pessoa tem de si, é a forma como a pessoa percebe seu corpo, a sua figura formada na mente. A imagem corporal engloba toda a ilustração do corpo internalizada: seu tamanho, sua forma, as partes que o constituem e como ele o percebe (Bosi, Luiz, Morgado, Costa & Carvalho, 2006; Gouveia, Singelis & Coelho, 2002; Kakeshita & Almeida, 2006; Rech, Araújo & Vanat, 2010). Segundo Exner (2003), a autoimagem se relaciona com as atitudes que a pessoa tem sobre si mesma, tanto no campo físico como em suas ações, é o produto de um vocabulário interno que descreve as próprias características.

Por sua vez, a autoestima está relacionada ao valor que a pessoa atribui a essa representação autodescritiva quando comparada com fontes de valoração externas, ou seja, consiste no valor geral que a pessoa atribui a si mesmo e constitui uma característica estável que permanece inalterada por muito tempo (Exner, 2003; Resende, 2009). A autoestima revela até que ponto o indivíduo está satisfeito com ele, após uma autoanálise na qual o mesmo se considera na sua globalidade. É fundamentalmente baseada em processos afetivos positivos e negativos, o quanto o

indivíduo gosta de si, se ama, se aprecia. Este conceito também está relacionado com a tendência estável de sentir-se bem ou mal consigo mesmo, de acreditar que é uma pessoa boa, decente e capaz (Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira & Souza, 2005; Mosquera e Stobäus, 2006; Peixoto, 2003).

Furegatto, Silva, Campos e Cassiano (2006) esclarecem que os dois termos, autoimagem e a autoestima, estão intimamente relacionadas e são construtos da personalidade, resultantes da interação entre o que a pessoa é, como se vê como os demais a vêem. Mazo, Cardoso e Aguiar (2006) reforçam ainda que a autoimagem está estreitamente ligada a autoestima, sendo inclusive dependentes uma da outra, juntas vão refletir os papéis sociais ocupados pelo indivíduo.

Uma autoimagem e autoestima positivas promovem o bom ajustamento e quando negativas geram autodesqualificações, acarretando comportamentos desajustados. Em relação a autoimagem, sabe-se que pessoas com distúrbios na percepção da imagem corporal superestimam em maior grau a sua imagem corpórea, possuem preocupações maiores com o peso, gordura e forma do corpo. Inclusive, dependendo do grau, essa insatisfação pode afetar aspectos da vida do indivíduo no que diz respeito ao seu comportamento alimentar, autoestima e desempenhos psicossocial, físico e cognitivo. Quando a autoimagem é ajustada, a pessoa aprecia o corpo de maneira geral, incluindo peso, forma, cabelos e rosto (Bosi et al, 2006; Mazo et al., 2006; Rech et al., 2010).

Quando a autoestima é negativa a pessoa sente-se inferior em suas capacidades e habilidades em comparação aos demais, tende a ser conformista e não possui espírito de luta. Quando positiva, o indivíduo tem uma satisfação interna que o preenche e o faz sentir-se feliz, valorizando sua existência. Alguns traços do que seria uma autoestima positiva são: ter segurança e confiança em si mesmo; procurar a felicidade; reconhecer as próprias qualidades sem maiores vaidades; não considerar-se superior e nem inferior aos outros; saber admitir limitações e aspectos menos favoráveis da personalidade; ser aberto e compreensivo; ser capaz de superar os fracassos com categoria; saber estabelecer relações sociais saudáveis; ser crítico construtivo; e, principalmente, ser coerente e consequente consigo mesmo e com os outros (Mazo et al. 2006; Mosquera & Stobäus, 2006).

Sendo assim, quando há presença de autoimagem e autoestima coerentes, o indivíduo tem a tendência a gostar mais dos outros seres humanos, são mais afetuosos e tentam trabalhar ou mesmo cuidar muito mais de aspectos que consideram mais positivos em si mesmos e nos outros. Por outro lado, a baixa autoestima e autoimagem se constituem em uma doença grave, que favorece o egoísmo e tende a criar dependência, atrapalhando as relações interpessoais. Então, como os níveis de autoestima e autoimagem influenciam a valorização e a confiança pessoal, e também são responsáveis por êxitos e fracassos na instituição de ensino, no trabalho e na relação das pessoas com os demais, possuir autoimagem e autoestima positivas deixa o indivíduo bem mais livre de tensões, frustrações e intranquilidades, o que conseqüentemente resulta numa capacidade de crescimento pessoal maior. Portanto, a estabilidade e os bons níveis de autopercepção podem ser fatores decisivos para a saúde mental (Bandeira et al., 2005; Fugerato et al., 2006; Mosquera & Stobäus, 2006).

Estudos de autopercepção em estudantes universitários

O estudo de Mosquera e Stobäus (2006) sobre autoimagem, autoestima e autorrealização como fatores relacionados à qualidade de vida na universidade, realizado em estudantes e professores de pós-graduação, revela que os docentes com maior tempo de trabalho e que conhecem seus alunos manifestam menos oscilações em relação a estes fatores em relação à aqueles que atuam há pouco tempo e tem alunos novos. Por sua vez, os alunos em momentos mais avançados do curso tendem a manifestar níveis um pouco mais elevados autoimagem, autoestima e autorrealização, especialmente quando estão com professores com que tiveram contato anterior e se relacionam bem. Os autores concluem que estes dados indicam que provavelmente estes docentes ou alunos têm mais saúde mental, portanto teriam maior autoconhecimento, o que lhes possibilita maior autocontrole e uma maior autoeducação e mais amplo sentido.

Ainda em relação a vivências dentro da academia, Teixeira e Gomes (2005) em um estudo sobre a decisão de carreira e o final do curso, com 252 estudantes de diversos cursos de graduação, observou que o fato do acadêmico possuir um senso de competência profissional e clareza sobre si mesmo são fatores importantes na

formação de planos profissionais. Desse modo, a clareza sobre o próprio autoconceito foi o fator favorável ao nível de decisão profissional.

Alguns estudos sobre a percepção da autoimagem em estudantes universitários de diversos cursos apresentam resultados semelhantes e, de uma forma geral, concluíram que a maioria dos alunos tinha preocupação com a imagem corporal, demonstrava insatisfação em relação ao peso e apresentava distorção na autopercepção da imagem corporal. Observou-se ainda que tratando-se do sexo feminino, a preocupação com a autoimagem, a insatisfação com a aparência e o ideal de corpo induzido pelos padrões de beleza vigente são ainda maiores do que no sexo masculino (Bosi et al, 2006; Kakeshita & Almeida, 2006; Pietro & Silveira, 2009; Rech et al., 2010).

Ito, Gobiza e Guzzo (2007) realizaram uma pesquisa para verificar a correlação entre temperamento, neuroticismo e autoestima em 42 estudantes de psicologia, com idade entre 19 e 21 anos, por meio de instrumentos de autorrelato. Os resultados obtidos revelaram que os participantes, no que se refere a autoestima, tendem a apresentar níveis favoráveis desta característica de personalidade. Da mesma forma, o estudo de Fugerato et al. (2006) realizado com 224 acadêmicos de enfermagem demonstrou que uma parcela significativa de 73,5% revelou níveis médios de autoestima, que 17% destes estudantes apresentavam altos níveis de autoestima e que apenas 0,4% tinha baixa autoestima. Os resultados também indicavam que os alunos dos primeiros anos do curso possuíam autoestima mais elevada do que os alunos dos últimos anos. Segundo os autores, a falta de expectativa de trabalho seria um fator desfavorável a autoestima dos formandos já próximos de entrar no mercado de trabalho.

Uma autoimagem ou uma autoestima distorcida ou baseada em fantasias dificulta a percepção do outro, perturba as relações sociais e provoca mal-estar e desconforto nas interações interpessoais (Mosquera & Stobäus, 2006). Um psicólogo lida a todo o momento com estes tipos de questões no seu trabalho e se ele possui um bom ajustamento neste aspecto, já há indícios de que seu trabalho será mais eficaz ao lidar com essas questões tão recorrentes na sua profissão.

Dessa forma, avaliar como o futuro psicólogo se percebe consistirá em identificar como esse grupo de pessoas, que escolhe uma mesma profissão, tende a

pensar, sentir e se comportar em relação a si mesmos. Além disso, as informações desse estudo poderão ser usadas para chegar a conclusões e fazer recomendações úteis para aplicações educacionais, como subsidiar tomadas de decisão e planejamentos pedagógicos mais adequados, além de permitir o oferecimento de serviços psicológicos relacionados à demanda e auxiliar o futuro profissional no seu processo de formação. Deste modo, o presente estudo tem o objetivo de descrever como se desvela a autopercepção, a autoestima e a autoimagem, em estudantes de psicologia, além de verificar se existem diferenças estatisticamente significativas nestes aspectos em estudantes do sexo feminino e masculino e em estudantes de diferentes instituições de ensino.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 67 estudantes, tanto do sexo masculino (16,4%, 11) quanto do feminino (83,6%, 56), de duas Instituições de Ensino Superior (IES), sendo uma pública (35,8%, n= 24) e outra privada (64,2%, n=43). Trata-se de uma amostra por conveniência e os critérios de inclusão para o preenchimento do protocolo de pesquisa foram: estar regularmente matriculado no curso de psicologia das duas IES no período de fevereiro e março de 2010; ser brasileiro (a) e ter como primeira língua o português; ter o termo de consentimento livre e esclarecido devidamente assinado. O critério de exclusão foi ter conhecimento teórico prévio a respeito da correção e interpretação do Método de Rorschach.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: foi usado para coletar dados complementares que descreveram os participantes do estudo com informações gerais tais como: sexo, idade, estado civil, período do curso, se trabalha, se está em psicoterapia, se faz uso controlado de alguma medicação e se tem a intenção de atuar profissionalmente como psicólogo.

Método de Rorschach no Sistema Compreensivo (SC): este instrumento foi elaborado por Hermann Rorschach em 1921, na Suíça. Trata-se de uma técnica projetiva (subjetiva) e psicométrica (objetiva), construída para avaliar a personalidade. É composta por dez cartões, cinco destes cartões são monocromáticos (preto), dois são bicolores e outros três são policromáticos, os quais servem de estímulos pouco organizados que levam o indivíduo em avaliação a expressar conteúdos associativo-perceptivos representativos de seu mundo interno. A aplicação é individual e exige que os examinandos identifiquem o que os borrões de tinta construídos parecem em resposta à pergunta "O que isso poderia ser?". Cada resposta, ou solução para a tarefa, é codificada de acordo com orientações padronizadas através de um número de dimensões e os códigos são então resumidos em escores e, posteriormente, são interpretados seguindo o Sistema Compreensivo (Exner, 2003).

Para avaliar a autopercepção nos participantes considerou-se as seguintes variáveis do Método de Rorschach:

- a) $3R + (2) / R$ (índice de egocentrismo, níveis do autocentramento ou autoestima)
- b) $Fr+rF$ (traços narcísicos)
- c) FD e V (introspecção e autocríticas negativas/remorso)
- d) MOR (autoimagem desfavorável)
- e) $An + Xy$ (preocupações corporais)
- f) $H: (H)+Hd+(Hd)$ (autoimagem e percepção do outro)

Procedimentos

Este estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla que já foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás. Os estudantes foram informados e convidados a participar do estudo pelos professores das disciplinas de avaliação psicológica de suas respectivas IES pública e privada. Todos eram esclarecidos quanto ao sigilo de qualquer informação que poderia identificar individualmente qualquer participante, quanto aos direitos dos participantes, à metodologia que seria utilizada e quanto aos objetivos do estudo, conforme descrito no termo de consentimento livre e esclarecido, que cada um deveria assinar antes de integrar o grupo de participantes. Após assinar esse termo de consentimento livre e

esclarecido, o participante preenchia o questionário com informações sociodemográficas.

Posteriormente, os participantes eram submetidos ao método de Rorschach, em aplicação individual, de acordo com as normas do instrumento, em dias e horários conforme a disponibilidade do participante. Os aplicadores eram psicólogos e bacharéis em psicologia treinados para aplicar o teste nos alunos que cursariam a disciplina. O treinamento consistia em 80 horas de treino teórico e 40 de prática. As salas para a aplicação do Método de Rorschach foram disponibilizadas pelas universidades em que os participantes estudavam.

Os protocolos de Rorschach foram classificados às cegas e separadamente por dois juízes *experts* no SC. Realizou-se a análise de concordância entre os classificadores, por meio do *Kappa de Cohen*, considerando 25% de todos os protocolos considerados úteis (com número mínimo de 14 respostas e sem rejeição de cartões). A análise dos resultados aconteceu mediante Estatística Descritiva, por comparações realizadas com os dados normativos do teste para a população brasileira e por comparações entre médias de dois grupos utilizando o Teste de Mann Whitney. O armazenamento do material coletado foi realizado por meio físico e eletrônico de forma que todos os protocolos de testes e questionários foram cadastrados com siglas ou códigos o que garantia o sigilo da identificação dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostram que dos 67 estudantes, a distribuição da faixa etária é de 18 a 49, com uma média de idade de 24 anos (DP= 6,2), sendo que na IES pública a média é de 21 anos (DP= 3,2), enquanto na privada a média é de 25 anos (DP= 7,0), demonstrando que o alunado na IES pública é mais jovem. Quanto ao sexo, tanto na IES privada, quanto na pública a frequência de sujeitos do sexo feminino é maior em detrimento ao masculino, sendo 79,2% (n= 19) mulheres e 20,8% (n= 5) homens na IES pública e 86,0% (n= 37) mulheres e 14% (n= 6) homens na IES privada.

Em relação as variáveis demográficas a amostra foi distribuída da seguinte forma: 43,3% (n= 29) cursavam o oitavo período do curso, 23,9% (n= 16) o sexto,

10,4% (n= 7) o sétimo, 7,4 % (n=5) em outros períodos e 14, 9% (10) não responderam. Em relação ao estado civil, 76,1% (n= 51) dos participantes eram solteiros e 10,5% (n= 7) casados. Trinta e quatro por cento (n: 23) trabalhavam e estudavam e 52,2 % (35) dedicavam-se exclusivamente aos estudos. Quarenta por cento(n= 27) dos estudantes estavam em psicoterapia na época da pesquisa, 32,8% (n= 22) já haviam se submetido à psicoterapia e 13,4% (n= 9) nunca havia passado por esse processo psicoterapêutico. No que diz respeito ao curso de psicologia, 76,1% (n= 51) acreditavam estar no curso certo e pretendiam ser psicólogo, enquanto 3% (n= 2) achavam o curso interessante, mas acreditava que não servia para ser psicólogo, 3% (n= 2), achavam o curso interessante, mas sabia que não era o curso que queria, 3% (n= 2) não sabiam que curso que gostariam de fazer e por isso continuavam na psicologia, e por fim 1,5% (n=1) fazia psicologia com o objetivo de obter um diploma de curso superior.

Cinquenta e três por centos dos estudantes(n= 23) da IES privada cursavam o oitavo período do curso, enquanto 54% (n= 13) dos estudantes da IES pública estavam cursando o sexto período. Este aspecto mais o fato da idade média ser maior nos estudantes da IES privada apontam que esses estudantes eram cronologicamente mais maduros do que os outros da IES pública e que já haviam cursado mais disciplinas do curso de psicologia.

Realizou-se a análise de concordância entre os classificadores, por meio do *Kappa de Cohen*, considerando 25% de todos os protocolos. A Tabela 1 apresenta o nível de concordância atingido entre os juízes em cada um dos segmentos de codificação do Rorschach. Os resultados observados indicam que houve uma concordância alta entre os juízes (> 0,81) e que a correção do método de Rorschach para esse estudo foi considerada confiável.

Tabela 1.: Correlação entre juízes em segmentos de codificação do Rorschach (n= 17 protocolos, número de respostas= 416)

Segmentos de Codificação	% Agree	Kappa
Toda Resposta	0.88	0.81
Localização e Espaço (2 variáveis)	0.98	0,96
DQ (+, o, v /+,v)	0.96	0,91

Determinantes (11 variáveis)	0.92	0,87
FQ (None, +, o, u,-)	0.94	0,90
Pares	0.92	0,83
Conteúdos (27 variáveis)	0.92	0,87
P	0.97	0,91
Z Score	0.95	0,92
Códigos Especiais (14 variáveis)	0.93	0,89

Comparando os dados de autopercepção dos estudantes com as normas brasileiras (Nascimento, 2007), nota-se que os estudantes tendem a apresentar um nível de preocupação e insatisfação consigo mesmo maior, seja em relação à sua autoimagem ou autoestima. Talvez isso ocorra em função do próprio curso exigir que o aluno reflita mais a respeito de si mesmo, de suas atitudes, pensamentos e sentimentos, como pode ser observado nas Tabelas 2 e 3 ($Ego_{estudantes} > .44 = 54\%$ e $Ego_{normas} > .44 = 32\%$; $SumV_{estudantes} = 0,55$ e $SumV_{normas} = 0,37$; $FD_{estudantes} = 0,86$ e $FD_{normas} = 0,61$; $An+Xy_{estudantes} = 2,5$ e $An+Xy_{normas} = 1,37$; $MOR_{estudantes} = 1,55$ e $MOR_{normas} = 0,90$).

Estes achados são diferentes dos achados de Delto et al. (2007), no qual os estudantes apresentavam autoestima favorável, enquanto aqui os acadêmicos apresentaram nível maior de preocupação consigo mesmo e reduzido interesse pelo mundo externo, mais autocríticas negativas e preocupações corporais. Tal situação se aproxima aos estudos de Fugerato et al. (2006) com os estudantes de enfermagem em relação a autoestima e a aos estudos de Bosi et al. (2006), Kakeshita e Almeida (2006), Pietro e Silveira (2009) e Rech et al. (2010) sobre autoimagem, os quais identificaram uma preocupação recorrente dos estudantes universitários em relação a imagem corporal e a si mesmos.

Tabela 2.: Estatística Descritiva de 67 estudantes de psicologia goianienses.

Variáveis	Média	Mediana	Moda	DP	Min	Max	Frequência
Idade	24,16	22,00	21	6,154	18	49	67
Ego	,4125	,4200	,48	,15763	,14	1,00	67
SumV	,5522	,0000	,00	,94201	,00	5,00	67
Fr+rF	,4478	,0000	,00	1,00429	,00	5,00	67
H	3,2537	3,0000	3,00	2,44542	,00	10,00	67
(H)	1,1791	1,0000	,00	1,26641	,00	5,00	67
Hd	2,5075	2,000	1,00	1,97233	,00	11,00	67
(Hd)	,8060	,0000	,00	,97295	,00	3,00	67
Hx	,1493	,0000	,00	,60936	,00	4,00	67
H+(H)+Hd+(Hd)	7,7621	7,000	5,00	4,28206	,00	22,00	67
(H)+(Hd)	1,9851	2,000	1,00	1,72761	,00	8,00	67
H(H)+A(A)	12,0746	12,0000	12,00	5,09401	,00	26,00	67
Hd+(Hd)+Ad+(Ad)	5,4030	5,0000	5,00	3,12400	,00	15,00	67
An+Xy	2,5075	2,0000	1,00	2,04771	,00	10,00	67
MOR	1,5522	1,0000	,00	1,95621	,00	10,00	67
FD	,8657	1,0000	,00	1,05738	,00	4,00	67
(H)+Hd+(Hd)	4,4925	4,0000	3,00	2,77638	,00	14,00	67

Em Fugerato et al. (2006) os acadêmicos com níveis médios e baixos e autoestima estavam nos últimos períodos do curso, sendo esta a mesma situação dos estudantes deste trabalho. A proximidade da formação profissional, da escolha profissional e conseqüentemente as cobranças sociais e internas quanto a uma vida de trabalho bem sucedida, são momentos que levam o estudante a voltar-se para si com mais intensidade e exigência.

Em relação ao sexo masculino e feminino, não houve diferença significativa, indicando que os estudantes apresentam características semelhantes no que diz respeito à sua autopercepção. No entanto, observou-se algumas poucas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre estudantes de distintas instituições. Essencialmente, notou-se que os acadêmicos da IES pública tendem a ser mais autocentrados e com

mais tendência a superestimar o próprio valor do que os da IES privada, além disso, os estudantes da instituição pública também demonstram mais preocupações corporais, que pode estar relacionada à insatisfação com a autoimagem, com o uso da intelectualização para tolerar a ansiedade, a tensão e os sentimentos de frustração ($Fr+rF_{privada} > 0 = 16,3\%$ e $Fr+rF_{pública} > 0 = 41,7\%$; $An+Xy_{privada} = 2,0$ e $An+Xy_{pública} = 3,41$).

Embora não se tenha feito nenhuma correlação destes resultados com a idade, é importante destacar que os estudantes de IES pública são um pouco mais jovens que os estudantes da IES privada, e essa questão, em parte, pode estar relacionada às maiores preocupações corporais, típicas na fase adolescência.

Tabela 3.: Frequências de diversas variáveis do Rorschach de 67 estudantes goianienses.

Proporções, Razões, Porcentagens e Índices Especiais					
Variáveis	Freq.	%	Variáveis	Freq.	%
Ego < .33	21	31,3%	H > Hd+(Hd)+(H)	16	23,9%
Ego > .44	36	53,7%	H < Hd+(Hd)+(H)	39	58,2%
Fr+rF > 0	17	25,4%	Hd > H+(H)+(Hd)	14	21%
Fr+rF = 0	50	74,6%	(H) > H+(H)+Hd+(Hd)	01	1,5%
FD+V > 2	9	13,4%	(H)+(Hd):(A)+(Ad) < 3	38	56,7%
MOR > 2	14	20,9%	SumT = 1	11	16,4%
An+Xy > 3	17	25,4%	M > 2	47	70,1%
H puro = 0	6	9,0%	COP > 2	5	7,5%
H puro < 2	15	22,4%	AG < 2	58	86,6%

Possuir uma autopercepção adequada é importante para a vida de um estudante universitário, pois uma boa autopercepção está relacionada à valorização e a confiança pessoal, que por sua vez auxiliam na forma de agir com os demais e consigo mesmo de modo mais saudável e maduro. Um indivíduo saudável em relação à autopercepção tende a gostar mais dos outros seres humanos e estão mais dispostos a trabalhar com os demais (Bandeira et al., 2005; Fugerato et al., 2006; Mosquera & Stobäus, 2006). Deste modo, os resultados encontrados neste estudo revelam algumas

limitações e dificuldades no âmbito da autopercepção dos participantes. A psicologia é considerada a profissão da escuta, um profissional com dificuldades em sua autopercepção, terá dificuldades em escutar e auxiliar os outros, já que pode estar mais centrado em si e em seus problemas do que as demais pessoas. Os resultados observados indicam a necessidade de maior incentivo à psicoterapia pessoal dos futuros psicólogos.

Destaca-se que este estudo ainda está em andamento e que seus resultados parciais já revelam algumas de suas limitações como: um número muito reduzido de estudantes do sexo masculino, o que pode interferir nas comparações entre os sexos; a falta de um instrumento de autorrelato que avalie também aspectos da autopercepção para comparar com os demais estudos, que praticamente utilizaram este tipo de instrumento, como também para avaliar e comparar a autopercepção desses alunos por meio de dois instrumentos que utilizam metodologias diferentes (autorrelato e desempenho) e que se complementam.

REFERÊNCIAS

- Bosi, M. L. M., Luiz, R. R., Morgado, C. M. C., Costa, M. L. S., & Carvalho, R. J. (2006). Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 55 (2), 108-113.
- Exner, J. E., Jr. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system. Vol. 1: Basic foundations and principles of interpretation*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Fugerato, A. R. F., Silva, E. C., Campos, M. C., & Cassiano, R. P. T. (2006). Depressão e auto-estima entre acadêmicos de enfermagem. *Revista Psiquiatria Clínica*, 33 (5), 239-244.
- Gouveia, V. V., Singelis, T. M., & Coelho, J. A. P. M. (2002). Escala de Auto-imagem: Comprovação de sua estrutura fatorial. *Avaliação Psicológica*, 1, 49-59.
- Ito, P. C. P., Gobitta, M., & Guzzo, R. S. L. (2007). Temperamento, neuroticismo e auto-estima: estudo preliminar. *Estudos de Psicologia*, 24 (1), 143-153.

- Kakeshita, I. S. & Almeida S. S. (2006). Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários. *Revista Saúde Pública*, 40 (3), 497-504.
- Mazo, G. Z., Cardoso, F. L., & Aguiar, D. L. de (2006). Programa de Hidroginástica para Idosos: Motivação, Auto-estima e Auto-imagem. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 8 (2), 67-72.
- Mosquera, J. J. M., & Stobaus, C. D.(2006). Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. *Psic., Saúde & Doenças*, 7(1), 83-88.
- Nascimento, R. S. G. F. (2007). Rorschach comprehensive system data for a sample of 409 adult nonpatients from Brazil. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S35-S41.
- Peixoto, F. J. B. (2003). *Auto-Estima, Autoconceito e Dinâmicas Relacionais em Contexto Escolar*. Dissertação de doutorado, Universidade do Minho, Braga.
- Pietro, M. Di, & Silveira, D. C. (2009). Internal validity, dimensionality and performance of the Body Shape Questionnaire in a group of Brazilian college students. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31 (1), 21-4.
- Rech, C. R., Araújo, E. D. S., & Vanat, J. R. (2010). Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24 (2), 285-92.
- Resende, A. C. (2008). *Método de Rorschach: referências essenciais*. Dimensão: 2009
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2005). Decisão de Carreira entre estudantes em Fim de Curso Universitário. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 21 (3), 327-334.

QUESTÕES DE GÊNERO NO COMPORTAMENTO VOCACIONAL: INTERESSES PROFISSIONAIS DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO

Milena Shimada

Nerielen Martins Neto Fracalozzi

Lucy Leal Melo-Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP

INTRODUÇÃO

A escolha profissional é um processo que ocorre ao longo do desenvolvimento humano, abrangendo a integração de variáveis econômicas, sociais, culturais e características pessoais. Por se tratar de um fenômeno complexo e multideterminado, diversas teorias e pesquisas na área da Orientação Vocacional / Profissional buscam compreender os fatores envolvidos no desenvolvimento de carreira dos indivíduos, a fim de subsidiar intervenções eficazes que os auxiliem na construção de seus projetos de vida.

Um dos fatores destacados como importante no comportamento vocacional pela literatura da área da Orientação Vocacional / Profissional é o gênero, apontado como uma variável influente no modo como as pessoas realizam as suas escolhas profissionais ao longo da vida. Assim, as preferências ou rejeições por determinadas atividades ocupacionais podem estar relacionadas a comportamentos de escolha baseados em papéis de gênero socialmente construídos (Lassance, Magalhães, 1997; Santos, Melo-Silva, 2005; Almeida, Guisande, Soares, Saavedra, 2006; Saavedra, Taveira, Silva, 2010).

Nessa direção, encontra-se o trabalho de Santos e Melo-Silva (2005), cujo objetivo foi discutir as diferenças na distribuição de homens e mulheres em diversas carreiras. As autoras investigaram a demanda por cursos de graduação, realizando um levantamento sobre os alunos matriculados em cursos do *campus* de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, no ano de 2003. Os resultados obtidos evidenciaram o aumento, na última década, das vagas ocupadas por mulheres. Nos cursos de

Economia, Contabilidade, Administração, Informática, Biomédica e Medicina foi observada uma maior quantidade de estudantes do sexo masculino; enquanto em Enfermagem, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Nutrição, Farmácia, Psicologia, Pedagogia, Fisioterapia e Química predominaram as mulheres.

Melo-Silva e Santos (2005) discutem que o predomínio na ocupação das vagas pelas mulheres e seu aumento crescente evidencia seu maior acesso ao Ensino Superior, buscando qualificação e igualdade no mercado de trabalho. Ainda, ressaltam que os cursos tradicionalmente buscados por homens são caracterizados pelo raciocínio, organização e cálculos, além das carreiras consideradas de maior prestígio social (caso da Medicina). A predominância das mulheres, por outro lado, evidencia-se nas carreiras que são caracterizadas pelo cuidado e por servir ao outro.

Outro trabalho investigando o acesso ao Ensino Superior quanto ao gênero e ao nível sociocultural foi realizado por Almeida et al. (2006), em Portugal. Foram participantes da pesquisa 1407 alunos da Universidade do Minho, com idades compreendidas entre os 17 e os 57 anos. Os resultados encontrados pelos autores evidenciaram que, quanto à distribuição por sexo, a maioria dos homens (61,5%) frequentavam cursos de Engenharia, enquanto apenas 13,3% frequentavam cursos na área de Ciências Sociais. O oposto foi observado nas participantes do sexo feminino, mais numerosas nos cursos das Ciências Sociais (42,9%) e minoria na área das Engenharias (19,2%). Além disso, verificou-se uma associação entre os cursos e a origem sociocultural dos participantes, sendo que os estudantes de famílias com níveis socioculturais mais reduzidos frequentavam predominantemente cursos da área de Ciências Sociais (34,4%), enquanto aqueles com uma origem sociocultural mais elevada eram mais frequentes nos cursos de Engenharia (43,4%).

Almeida et al. (2006) discutem os resultados encontrados embasando-se em teorias na área da Orientação Vocacional / Profissional que apontam influências do gênero e do nível sociocultural nas escolhas educativas e de carreira das pessoas. Contudo, destacam que apesar das diferenças encontradas, foi possível observar maior frequência de mulheres em cursos tradicionalmente masculinos do que o oposto (homens em cursos predominantemente associados ao sexo feminino); este resultado pode evidenciar uma ampliação no acesso e frequência do nível superior de ensino

pelas mulheres, como também apontado no contexto brasileiro por Santos e Melo-Silva (2005).

O trabalho de Lassance e Magalhães (1997), por sua vez, realizou uma reflexão sobre como a diferença biológica entre os sexos é assumida culturalmente de acordo com a hierarquização de papéis sociais, influenciando os processos de formação da identidade profissional. Os autores discutem o processo de socialização, que organiza e tipifica papéis sociais, relacionando-se à construção da identidade de gênero das pessoas. Assim, afirmam que o processo de socialização das mulheres ocorre na direção de enfatizar aspectos de cuidado e relacionamento com os outros, o que acaba por estreitar outros padrões comportamentais valorizados socioculturalmente como adequados ao mercado de trabalho.

Lassance e Magalhães (1997) argumentam que se naturalizam profissões masculinas e femininas; estas seriam as ocupações que permitiriam às mulheres a realização de seu autoconceito, como atividades que envolvam o cuidado e a expressão de afeto. As profissões tidas como masculinas, por sua vez, necessitariam características como a autonomia, competitividade e a racionalidade, desencorajadas nos processos de socialização femininos; seriam também carreiras de maior *status* social, por demandarem competências associadas à maior maturidade e desenvolvimento no contexto do trabalho.

Considerando os estudos expostos, verifica-se que a questão do gênero permeia aspectos do desenvolvimento vocacional dos indivíduos, sendo relevantes na compreensão de como eles percebem suas oportunidades e seus limites em suas tomadas de decisão de carreira (Gottfredson, 2002, 2005). Assim, é importante que orientadores profissionais tenham familiaridade com teorias e pesquisas contendo o papel do gênero no desenvolvimento vocacional e os diferentes fatores e processos que influenciam a escolha da carreira de homens e mulheres (Swanson & Fouad, 1999).

Nesse sentido, o presente trabalho focaliza os interesses vocacionais em estudantes de uma carreira predominantemente feminina, discutindo possíveis influências dos papéis de gênero no comportamento de escolha profissional. Mais especificamente, almeja-se caracterizar as inclinações motivacionais de estudantes de um curso técnico de Nutrição e Dietética, por meio da aplicação do Teste de Fotos de

Profissões – BBT-Br, método projetivo para clarificação das inclinações profissionais. Espera-se, com o presente trabalho, discutir aspectos relacionados ao gênero e suas influências nos comportamentos vocacionais, refletindo sobre sua importância nas intervenções em Orientação Vocacional / Profissional; além de contribuir para a produção do conhecimento sobre o BBT-Br.

OBJETIVO

O presente estudo objetiva ilustrar expectativas de gênero relacionadas aos interesses vocacionais, analisando resultados obtidos por meio do Teste de Fotos de Profissões – BBT-Br, em estudantes de um curso técnica de Nutrição e Dietética. Ressalta-se que este estudo apresenta a análise de parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo é a investigação das necessidades de educação para a carreira e interesses profissionais em alunos do ensino médio e técnico.

MÉTODO

Participantes

A amostra estudada constituiu-se de 27 estudantes dos últimos módulos de um curso de Nutrição e Dietética do Ensino Técnico, do sexo feminino, com idades compreendidas entre 16 e 54 anos (M=28,56; D.P.=12,96).

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (Brasil, 2002), os técnicos em nutrição e dietética trabalham sob supervisão de nutricionistas. A atuação ocorre, prioritariamente, em unidades de alimentação e nutrição (coletividade sadia) e unidades de nutrição e dietética (coletividade preferencialmente enfermas) e saúde coletiva.

Instrumento

Para cumprir os objetivos propostos, foram utilizados como fonte de dados os protocolos do Teste de Fotos de Profissões (Berufsbilder-test / BBT-Br), forma

feminina. O BBT-Br é um método projetivo para a clarificação da inclinação profissional, elaborado originalmente por Martin Achtnich, na Suíça (versão masculina em 1971 e a feminina em 1973). Esta técnica tem por objetivo desenvolver o autoconhecimento dos indivíduos em processo de decisão de carreira.

O teste é composto por 96 fotos, nas quais estão representadas pessoas realizando atividades profissionais. Para cada foto, Achtnich atribuiu um radical de inclinação primário à atividade principal exercida e um radical secundário às demais características da atividade profissional. Assim, cada atividade apresentada nas fotos representa uma combinação diferente de dois entre oito radicais de inclinação (Achtnich, 1991).

Os oito radicais propostos por Achtnich (1991) são, resumidamente: W: relacionado à: ternura, feminilidade, sensibilidade e necessidade de tocar; K: relacionado à força física, dureza e agressividade; S: subdividido em: Sh - disponibilidade em ajudar, curar, interesse pelo outro e Se - energia, dinamismo, necessidade de movimento, coragem; Z: necessidade de mostrar (a si e ao produto do seu trabalho), de representar, de admirar a beleza e a estética; V: relacionado com a razão, inteligência, objetividade e necessidade de conhecimento; G: intuição, criatividade, ideia, imaginação; M: relacionado à matéria, à substância e posse (afetiva e material); O: subdividido em Or (necessidade de falar e de comunicar) e On (necessidade de nutrir, alimentar).

A tarefa do orientando consiste em classificar as 96 fotos em três grupos: as imagens que o agradam (escolhas positivas), as que o desagradam (escolhas negativas) e as que o deixam indeciso ou indiferente (escolhas neutras). São calculadas as frequências de escolha e rejeição por radical primário e secundário, obtendo-se, respectivamente, a estrutura de inclinação profissional positiva e a estrutura de inclinação profissional negativa do indivíduo (Jacquemin, 2000; Jacquemin, Okino, Noce, Assoni, & Pasian, 2006).

Em seguida, o orientando deve agrupar as fotos que tenham algo em comum, sendo solicitado que fale sobre suas impressões sobre cada grupo formado e suas fotos. Esse processo é denominado de fase de associações sobre as fotos, processo que tem papel fundamental na clarificação da inclinação profissional (Achtnich, 1991). A estrutura de inclinação profissional de um orientando permite perceber a maneira

como ele organiza suas escolhas, bem como a hierarquização que realiza de suas preferências motivacionais, dados que podem ser trabalhados durante o processo de Orientação Vocacional / Profissional (Melo Silva, Noce, & Andrade, 2003).

Coleta de dados

Inicialmente, a escola foi contatada para solicitar a autorização para a coleta de dados com seus alunos. Essa solicitação foi realizada por meio de uma carta convite e uma versão do projeto. Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, foram verificados, na escola, os horários e locais disponíveis para aplicação dos instrumentos, respeitadas as condições para aplicação de testes psicológicos.

Os participantes deste estudo receberam uma explicação detalhada da pesquisa e formalizaram sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, procedeu-se à aplicação do BBT-Br, que foi realizada coletivamente em sala de aula.

Análise de dados

Os dados quantitativos obtidos por meio dos protocolos do BBT-Br foram digitados em programa computacional especializado, possibilitando o acesso a dados individuais e grupais de produtividade e das estruturas de inclinação, em função das variáveis sexo, idade e procedência escolar. Em seguida, esses dados foram transportados para o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) 17.0, a fim de facilitar os processos de análises.

Os resultados do BBT-Br foram preliminarmente organizados de forma descritiva e, em seguida, discutidos com base no referencial normativo disponível para o contexto brasileiro (Jacquemin, 2000; Jacquemin et al., 2006), bem como na literatura da área de Orientação Vocacional / Profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados e discutidos seguindo os conjuntos de dados obtidos por meio do BBT-Br. Primeiramente, serão apresentados os resultados de

produtividade na técnica; em seguida, as estruturas de inclinação profissional, sistematizadas conforme a padronização técnica deste método projetivo (Achnich, 1991). Finalmente, serão apresentadas as fotos mais escolhidas e mais rejeitadas pelas participantes do estudo. Para fins de comparação e discussão dos resultados, são também expostos os dados normativos dos estudos de Jacquemin et al. (2006) para estudantes universitárias da área de Biológicas.

Produtividade

Conforme a Tabela 1, o primeiro item a ser apresentado na avaliação dos dados obtidos por meio do BBT-Br são os índices de produtividade, ou seja, o número médio de escolhas positivas, negativas e neutras das participantes deste estudo frente às 96 imagens que compõem o instrumento. A análise desse resultado pode fornecer informações sobre as identificações com as atividades representadas nas fotos e sobre a amplitude do horizonte de interesses profissionais da amostra estudada.

Tabela 1: Distribuição dos índices de produtividade no BBT-Br (escolhas) das participantes

Escolhas no BBT	Amostra (n=27)		Dados normativos* (n=106)				
	M	D.P	M	D.P	P25	Md	P75
Positivas	39,85	15,32	38,6	12,45	29,8	38	45
Negativas	33,11	15,87	39,8	14	29	40	50
Neutras	23,04	9,67	17,6	7,9	12	16,5	23

*Referenciais normativos: Jacquemin et al. (2006) para o sexo feminino.

Na Tabela 1, é possível verificar que as participantes classificaram mais fotos como positivas do que como negativas ou neutras, podendo indicar uma amplitude de interesses da amostra estudada, bem como uma identificação com atividades diversificadas (Achnich, 1991). Ademais, verifica-se que os resultados se assemelham aos índices de produtividade dos referenciais normativos para universitárias da área de Biológicas (Jacquemin et al., 2006).

Estruturas de inclinação profissional

É possível visualizar, na Tabela 2, as estruturas de inclinação profissional primárias ponderadas do grupo estudado, bem como as estruturas de inclinação médias do grupo normativo de universitárias da área de Ciências Biológicas, para auxiliar na interpretação dos dados da amostra estudada. A Tabela 3, por sua vez, ilustra as estruturas de inclinação secundárias (positivas e negativas).

Tabela 2: Estruturas de inclinação profissional primárias ponderadas, positivas e negativas, das participantes no BBT-Br, com os respectivos referenciais normativos.

	Amostra (n=27)	Dados normativos* (n=106)
Positiva	O _{4,15} S _{4,02} Z _{3,56} V _{3,48} W _{3,44} G _{3,06} M _{2,56} K _{1,48}	S _{4,58} Z _{3,91} W _{3,76} O _{3,69} G _{3,32} M _{2,24} V _{2,1} K _{1,12}
Negativa	K _{4,22} M _{3,22} W _{3,15} V _{2,65} S _{2,59} G _{2,46} Z _{2,4} O _{2,3}	K _{5,7} V _{5,05} M _{3,77} G _{3,1} W _{3,07} O _{2,93} S _{2,29} Z _{2,23}

*Referenciais normativos: Jacquemin et al. (2006) para o sexo feminino.

A partir da Tabela 2, observa-se que os radicais de inclinação principais na estrutura primária ponderada positiva da amostra estudada são *O*, principalmente em sua vertente *On*, e *S*. A alta escolha de fotos representativas do radical *O*, de acordo com Achtnich (1991), contempla tanto a necessidade de relações interpessoais (*Or*) como o prazer da nutrição (*On*); ou seja, a escolha de fotos representativas do fator *On* não é compreendida apenas como inclinação para profissões ligadas à alimentação, mas, de uma maneira geral, como interesse pelo contato com o outro através do cuidado da nutrição. O radical *S*, por sua vez, representa o senso social, o interesse em relações de ajuda e a disponibilidade para o contato. Verifica-se que esse perfil de interesses é condizente com o esperado para técnicos de Nutrição, que atuam na área da saúde coletiva, como apontado anteriormente.

Ainda sobre a estrutura primária positiva, observa-se que o radical *S* também ocupa posição de destaque nas escolhas positivas dos referenciais normativos. Destaca-se que as universitárias que compuseram a amostra dos estudos normativos de Jacquemin et al. (2006) eram, em sua maioria, procedentes de cursos da área da

saúde, sendo que as carreiras avaliadas foram Medicina, Odontologia, Enfermagem e Ciências Biológicas. Dessa maneira, o radical de inclinação *S* evidencia o interesse da amostra normativa por atividades relacionadas ao senso social, à ajuda e ao cuidado. Além do *S*, o radical *Z* também foi frequentemente escolhido pelas participantes do estudo normativo, podendo indicar tanto necessidades relacionadas ao senso estético, como um desejo de reconhecimento de si e de seu trabalho (Jacquemin et al., 2006).

Em relação à estrutura de inclinação primária negativa, é possível observar que a amostra deste estudo apresenta como mais escolhidos negativamente os radicais *K* e *M*, permitindo inferir rejeição por atividades à força física e ao contato com matérias (substâncias ou materiais antigos). Esse resultado assemelha-se à estrutura primária negativa dos referenciais normativos, que apresentam os radicais *K*, *V* e *M* como mais rejeitados.

Destaca-se que a alta escolha negativa dos radicais *K* e *M* foi evidenciada em outros estudos realizados com o BBT-Br em adolescentes brasileiros (Melo-Silva, Noce & Andrade 2003; Noce, 2008; Okino, 2009; Jacquemin et. al., 2006; Shimada, 2011). A recusa desses dois radicais é discutida pelos trabalhos citados como estando relacionada à rejeição de atividades menos especializadas, que possuem caráter operacional e não exigem capacidade intelectual, aspectos que podem refletir na sua desvalorização no nosso contexto sociocultural.

Complementando a análise da estrutura de inclinação profissional das participantes deste estudo, serão apresentados os resultados relacionados às estruturas secundárias da amostra em questão. Enquanto os radicais primários referem-se à atividade profissional em si, os radicais de inclinação secundários dizem respeito às demais características da atividade, como os instrumentos utilizados, os objetivos e o ambiente de trabalho.

A Tabela 3 apresenta as estruturas de inclinação secundárias positivas e negativas das participantes, bem como os resultados dos estudos normativos de Jacquemin et al. (2006), para fins de comparação.

Tabela 3: Estruturas de inclinação profissional secundárias, positivas e negativas, das participantes no BBT-Br, com os respectivos referenciais normativos.

	Amostra (n=27)	Dados normativos* (n=106)
Positiva	w _{6,59} s _{5,89} z _{5,78} g _{4,93} m _{4,89} v _{4,33} k _{3,74} o _{3,7}	w _{6,96} z _{5,21} s _{5,13} g _{4,79} m _{4,71} o _{4,33} k _{4,05} v _{3,44}
Negativa	o ₅ v ₅ m _{4,63} k _{4,52} g ₄ s _{3,44} z _{3,37} w _{3,15}	v _{6,32} k _{5,47} m _{5,4} o _{5,24} s _{4,99} g _{4,49} z _{6,32} w _{3,5}

*Referenciais normativos: Jacquemin et al. (2006) para o sexo feminino.

A Tabela 3 permite visualizar que a amostra estudada apresentou o radical *w* como mais frequentemente escolhido como positivo em sua série secundária, como também ocorreu nos resultados dos referenciais normativos, sinalizando interesses por ambientes e objetos de trabalho ternos e delicados (Achnitch, 1991). O referido autor associa a elevada escolha das fotos que representam o fator secundário *w* à necessidade de interação, de cuidado e à maternidade, papel do gênero feminino socialmente esperado. Ressalta-se que resultados semelhantes foram encontrados nos estudos com o BBT-Br de Melo-Silva, Noce & Andrade (2003), Noce (2008), Okino (2009) e Shimada (2011), realizados com adolescentes brasileiros; e também por Achnitch (1991), em estudos com a população suíça realizados na década de 1970.

Quanto às séries secundárias, observa-se que os radicais *o* e *v* foram os mais escolhidos negativamente pelas participantes; os referenciais normativos, por sua vez, também apresentam *v* como o mais rejeitado. A recusa deste radical indica a rejeição por ambientes e objetos de trabalho que envolvam racionalidade e organização.

Cumprir destacar a alta escolha negativa do radical secundário *o*, uma vez que este radical de inclinação foi o mais escolhido positivamente na série primária de interesses das participantes. A fim de discutir este resultado, é necessário retomar as definições e características dos radicais primários e secundários.

O radical primário *O*, em sua vertente *On*, é caracterizado pela necessidade de alimento e/ou nutrição, que se manifesta pelo envolvimento em atividades gastronômicas e de contato interpessoal, através da alimentação (exemplo: *Cozinheira / foto 24* da versão feminina do BBT-Br). As carreiras que envolvem tais aspectos, de

acordo com Achtnich (1991), por visarem alimentar o próximo, podem representar aspectos maternos de cuidado e nutrição.

Ainda segundo o autor, ao comparar o radical secundário *o* ao radical principal *O*, é possível verificar que não há nenhuma imagem que se relaciona somente à vertente *on* dentre as doze que representam o radical *o*; estas fotos expressam também a necessidade da fala e do contato interpessoal, ou seja, a vertente *or* (exemplo: *Balconista de bar / foto 64* da versão feminina do BBT-Br). Dessa maneira, este radical secundário indica interesses por ambientes, objetos e instrumentos de trabalho que envolvam a comunicação e a troca (Achtnich, 1991).

Considerando o exposto, uma hipótese para a configuração dos resultados encontrados é que as participantes deste estudo se interessam, prioritariamente, por atividades caracterizadas pelo cuidado e o contato com as pessoas através da nutrição; essa inclinação seria representada pela escolha positiva das imagens que expressam o radical primário *O* em sua vertente *On*. Por outro lado, a amostra estudada não teria interesses por ocupações cujos ambientes, objetos e instrumentos de trabalho estejam diretamente relacionados com a oralidade em seu aspecto da fala e que exijam aptidão verbal (exemplo: *Conferencista / foto 96* da versão feminina do BBT-Br).

Fotos mais escolhidas e mais rejeitadas

Conforme realizado nos estudos normativos (Jacquemin 2000; Jacquemin et al., 2006), serão apresentadas as fotos mais frequentemente escolhidas positiva e negativamente pelas participantes estudadas. A investigação dos conjuntos de fotos mais escolhidas e mais rejeitadas auxilia a análise das estruturas de inclinação (positivas e negativas) dos radicais primários e secundários da amostra.

Através dessa análise, é possível verificar quais fotos despertam maior interesse das participantes estudadas, bem como os radicais que representam, permitindo a comparação com as estruturas de inclinação e o reforço ou não dos radicais nelas predominantes. As Tabelas 4 e 5 apresentam as três fotos mais frequentemente escolhidas positiva e negativamente pelas participantes e pelo seu respectivo grupo normativo, de acordo com os estudos de Jacquemin et. al., 2006 (ressalta-se que são listadas mais de três fotos quando a frequência de escolhas foi equivalente em duas ou mais imagens).

Tabela 4: Fotos do BBT-Br mais frequentemente escolhidas positivamente pelas participantes, com os respectivos referenciais normativos

Amostra (n=27)			Dados normativos* (n=106)		
Foto / Fatores	Nome da foto	%	Foto / Fatores	Nome da foto	%
08 / Ow	Mãe com criança	85,2	08 / Ow	Mãe com criança	92
29 / Vz	Programadora visual	81,5	03 / Sw	Professora maternal	83
03 / Sw	Professora maternal	77,8	07 / Mw	Ceramista	76

*Referenciais normativos: Jacquemin et al. (2006) para o sexo feminino.

Analisando-se as fotos mais frequentemente escolhidas como positivas pela amostra deste estudo e pelos seus referenciais normativos, na Tabela 4, é possível verificar que as fotos comuns a ambos os grupos são: *Mãe com criança (foto 08 / Ow)* e *Professora maternal (foto 03 – Sw)*. Segundo Jacquemin et al. (2006), a alta frequência de escolhas positivas nestas imagens indicam o interesse das adolescentes por atividades que envolvem o cuidado, representadas pelo fator S em sua vertente Sh (reforçando a estrutura primária de interesses apresentada pelas participantes do estudo), principalmente voltado a crianças, que estão representadas nas duas imagens, estando relacionado ao fator secundário w. Novamente, destaca-se que resultados concordantes foram encontrados em outras investigações com o BBT-Br, inclusive por Achnitch (1991) em estudos com a população suíça; o autor associa a elevada escolha das fotos à maternidade, papel feminino socialmente esperado.

Tabela 5: Fotos do BBT-Br mais frequentemente escolhidas negativamente pelas participantes, com os respectivos referenciais normativos

Amostra (n=27)			Dados normativos* (n=106)		
Foto / Fatores	Nome da foto	%	Foto / Fatores	Nome da foto	%
55 / Mm	Encarregada de lavanderia	81,5	18 / Ks	Amoladora	88
02 / Kw	Cabeleireira para	70,4	55 / Mm	Encarregada de	87

	homens		lavanderia	
18 / Ks	Amoladora	63	71 / V'k	Oficial do exército 82
50 / Km	Mecânica de automóveis	63		
58 / Ko	Açougueira	63		
96 / G'o	Conferencista	63		

*Referenciais normativos: Jacquemin et al. (2006) para o sexo feminino.

Com relação às fotos mais frequentemente escolhidas negativamente pelo grupo estudado, verifica-se na Tabela 5 que duas imagens são rejeitadas tanto pela amostra quanto pelo grupo normativo: *Encarregada de lavanderia (foto 55 / Mm)* e *Amoladora (foto 18 / Ks)*. Essas fotos correspondem aos radicais primários *M* e *K*, (reforçando as séries primárias negativas das participantes) e representam trabalhos desgastantes e manuais, o que pode acarretar na desvalorização dessas atividades no contexto sociocultural brasileiro (Jacquemin et al., 2006).

É interessante observar que as demais fotos rejeitadas pelas participantes são representativas do radical primário *K* (relacionado à força física e à agressividade), com exceção da foto *Conferencista (foto 96 / V'o)*. Esta, diferentemente das imagens *K*, é uma foto linha, ou seja, representativa de uma atividade mais especializada e que necessita de formação superior. Entretanto, a recusa dessa foto reforça a série secundária negativa da amostra, uma vez que esta expressa o radical *o*, relacionado a ambientes e objetos de trabalho que envolvam a comunicação e a aptidão verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos por meio do BBT-Br, foi possível identificar as estruturas de inclinação das participantes estudadas, ampliando a compreensão sobre seus interesses e motivações. Observou-se que os resultados deste trabalho vão ao encontro dos estudos da literatura da área da Orientação Vocacional / Profissional.

Primeiramente, destaca-se que nos módulos do curso de Nutrição estudado, a totalidade das alunas era do sexo feminino, dado que já sinaliza aspectos relacionados ao gênero nesta carreira.

Com relação aos perfis de interesses obtidos por meio da aplicação do BBT-Br, verificou-se que os radicais mais escolhidos nas estruturas de inclinação das participantes evidenciaram preferências por atividades relacionadas à necessidade de nutrir e alimentar (*On*), ao cuidado, à disponibilidade em ajudar e ao interesse pelo outro (*S*). Estas preferências apresentam-se aliadas a ambientes e instrumentos profissionais caracterizados pela sensibilidade e pela ternura (*w*).

Esse perfil de interesses é condizente com a escolha profissional realizada pela carreira de Técnico em Nutrição, evidenciando interesses por atividades que envolvam alimentar/nutrir, inseridas na área da saúde. Entretanto, também pode evidenciar diferenças de gênero no comportamento de escolha vocacional, relacionadas à expectativa de papéis socialmente construídos e ao contexto histórico e cultural. A literatura na área da Orientação Vocacional / Profissional discute vastamente a existência de ocupações tidas como masculinas ou femininas, sendo que estas últimas são tradicionalmente caracterizadas como profissões que priorizam o cuidado e o servir ao outro (Lassance, Magalhães, 1997; Santos, Melo-Silva, 2005; Almeida et al., 2006). Essas características encontram-se nas atividades representadas nas fotos mais escolhidas pelas participantes do estudo, *Mãe com criança (foto 08 / Ow)* e *Professora maternal (foto 03 – Sw)*, podendo estar relacionadas a expectativas do papel materno, esperado para o sexo feminino.

Nesse sentido, é importante que os processos de Orientação Vocacional / Profissional abordem as influências do gênero e as expectativas de papéis masculinos e femininos em suas intervenções. Saavedra, Taveira e Silva (2010) salientam a necessidade de ações educacionais, com populações de idades diversificadas, que visem desconstruir estereótipos de gênero que permeiam as carreiras.

Essas reflexões podem contribuir com a utilização do instrumento em foco neste trabalho, o Teste de Fotos de Profissões – BBT-Br, nas práticas clínicas e intervenções em Orientação Vocacional / Profissional. Na interpretação dos resultados do BBT-Br, o orientador pode avaliar e trabalhar concepções dos clientes sobre assunções estereotipadas, tanto de gênero quanto do caráter masculino ou feminino

atribuído às atividades profissionais apresentadas nas fotos escolhidas e rejeitadas. Essa análise é importante para que os orientandos não restrinjam suas possibilidades ocupacionais, explorando suas alternativas a fim de realizar escolhas vocacionais conscientes e maduras.

É importante ressaltar que este estudo teve um caráter exploratório em relação à investigação dos interesses profissionais relacionados ao gênero, apresentando limitações em função da amostra reduzida, procedente de uma escola técnica de uma cidade de porte médio do interior de São Paulo. O contributo é o estudo de uma amostra composta por adultos estudantes do ensino técnico, população pouco investigada tanto na área da Orientação Vocacional / Profissional, como também em pesquisas focalizando especificamente o BBT-Br, em que a maioria dos trabalhos realizados é com adolescentes do Ensino Médio que aspiram a carreiras universitárias. Dessa maneira, seriam interessantes pesquisas com amostras mais representativas, objetivando uma maior compreensão sobre a questão da influência do gênero nos comportamentos vocacionais, bem como nos interesses profissionais.

Finalizando, procurou-se ampliar e aprimorar a produção do conhecimento sobre o BBT-Br. As pesquisas têm evidenciado este método projetivo como instrumento válido e eficaz para a clarificação das inclinações motivacionais dos indivíduos, mostrando-se uma estratégia útil para os atendimentos psicológicos no domínio da Orientação Vocacional / Profissional.

REFERÊNCIAS

- Achtnich, M. (1991). *O BBT – Teste de Fotos de Profissões: Método projetivo para a clarificação da inclinação profissional*. Tradução J. Ferreira Filho. São Paulo: CETEPP.
- Almeida, L. S., Guisande, M. A., Soares, A. P., & Saavedra, L. (2006). Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: questões de género, origem sócio-cultural e percurso académico dos alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 507-514.

- Brasil. Ministério do Trabalho e do Emprego. (2002). *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)*. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>.
- Gottfredson, L. S. (2005). Applying Gottfredson's Theory of Circumscription and Compromise in Career Guidance and Counseling. In: Brown, S. D.; Lent, S. W. (Eds.). *Career development and counseling: putting theory and research to work*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Gottfredson, L. S. (2002). Gottfredson's theory of circumscription, compromise and self creation. In: Brown, S. D. e cols. (Eds.). *Career choice and development*. San Francisco: Jossey Bass, 2002.
- Jacquemin, A. (Coord.); Okino, E. T. K.; Noce, M. A.; Assoni, R. F.; Pasian, S. R. (2006). *O BBT-Br Feminino: Teste de Fotos de Profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo: CETEPP.
- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br - Teste de Fotos de Profissões: Normas, Adaptação Brasileira, Estudos de Caso*. São Paulo: CETEPP
- Lassance, M. C.; Magalhães, M. O. (1997). Gênero e escolha profissional. In: Levenfus, R. S. (org.) *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Melo-Silva, L. L., Noce, M. A. & Andrade, P. P. (2003, Dezembro). Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. *Psic*, São Paulo, 4 (2), 06-17.
- Noce, M. A. (2008). *O BBT-Br e a maturidade para a escolha profissional: Evidências empíricas de validade*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Okino, E. T. K. (2009). *O SDS e o BBT-Br em Orientação Profissional: Evidências de validade e precisão*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pasian, S. R., Okino, E. T. K. & Melo-Silva, L. L. (2007, Dezembro). O Teste de Fotos de Profissões (BBT) de Achnich: histórico e pesquisas desenvolvidas no Brasil. *PsicoUSF*, São Paulo, 12 (2), 173-187.
- Saavedra, L., Taveira, M. C., & Silva, A. D. (2010). A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 49-59.

- Santos, S. G.; Melo-Silva, L. L. (2005). Questão de gênero e escolha profissional. In: Lassance, M. C. P.; Paradiso, A. C.; Bardagi, M. P.; Sparta, M.; Frischenbruder, S. L. (Orgs.). *Intervenção e compromisso social: Orientação Profissional: Teoria e Técnica – Volume 2*. São Paulo: Vetor.
- Shimada, M. (2011). *O BBT-Br em contexto interventivo: um estudo com adolescentes em processo de orientação vocacional*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Swanson, J. L.; Fouad, N. A. (1999). Gender-Aware and Feminist Approaches. In: Swanson, J. L.; Fouad, N. A. *Career Theory and Practice: Learning Through Case Studies*. California: SAGE Publications.

REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE INDIVÍDUO COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: ESTUDO DE CASO

Vanesca Bueno Yokota

Universidade de Taubaté

Paulo Francisco de Castro

Universidade de Taubaté

Universidade Guarulhos

INTRODUÇÃO

A compreensão atual sobre a deficiência mental acontece quando se observa sua história, que nos mostra que essas pessoas foram as mais prejudicadas por ideologias sociopolíticas e antropológicas dominantes em seu período histórico correspondente.

A seguir, dispõe-se de uma síntese histórica sobre deficiência mental, pautada nas descrições de Batista & Mantoan (2006):

Apesar de a deficiência mental existir desde os primórdios, devido à alta taxa de mortalidade da época, são poucos os registros existentes que datam da antiguidade até o início do século XIX. Este período também é marcado por uma concepção de que a doença mental tem um fundamento religioso, e é entendida como uma manifestação do mau e do pecado.

É a idéia de *physis* ou natureza que marca o início da medicina na Grécia, e os transtornos mentais são considerados pela primeira vez como fenômenos naturais, mas essa idéia não influencia a população geral, e a visão de castigo divino continua presente. Até mesmo os grandes pensadores da época concordam com a política de exclusão que seguia. Platão dizia que os portadores de deficiência eram fracos e não deviam habitar a cidade, e Aristóteles expressava a necessidade de não se criar nenhum defeituoso.

Em Roma o infanticídio e a compra de portadores de deficiência para fins de entretenimento eram tidos como práticas comuns. Na idade Média, com a

popularidade do cristianismo as idéias de igualdade entre os seres humanos começam a surgir, constroem-se os primeiros asilos, orfanatos e hospitais que acolhem pessoas com deficiências, mas elas não são tratadas, não havia nem mesmo uma distinção entre elas.

Essa situação muda com a intervenção do espanhol Juan Luis Vives (1493-1540), suas idéias e orientações sugerem terapia ocupacional, reabilitação, inserção social, entre outros. São Vicente de Paulo (1581-1660), também contribuiu para o bem-estar dos portadores de deficiência mental, afirmava que a doença mental não era diferente da doença que acometia o corpo e portanto deveria ser cuidada. Apesar desses esforços não se constatava mudanças no tratamento oferecido.

As mudanças surgiram no século XVIII como consequência de avanços da área da medicina. A filosofia também trouxe contribuições, em especial John Locke (1632-1704), que criou a primeira grande síntese da vida mental de um ângulo associacionista.

As mudanças ocorridas trataram da concepção do transtorno e também em relação ao tratamento dispensado às pessoas que dele sofriam. Com o passar do tempo, o tema começou a se desvincular da demonologia e passou a ser conceituado através da lógica do pensamento científico. O médico francês Philippe Pinel (1745-1826) contribui para o tema com idéias sobre como organizar e dirigir uma instituição psiquiátrica.

Uma revolução no estudo do tema, aconteceu no século XX. No ano de 1905 surge a primeira escala métrica de inteligência, criada por Alfred Binet (1857-1911) e por seu aluno Théodore Simon (1873-1961), tinha por objetivo diferenciar as crianças que podiam seguir a educação regular das que precisavam de educação especial. Esse modelo de educação especial foi naturalizada nas duas primeiras décadas do século XX, e por consequência, esse ensino passa a ser oferecido pelo governo, mas o acesso a esse serviço não era garantido, pois havia longas listas de espera, e pouca verba destinada à esses serviços (Pan, 2003).

Em 1980, a Organização Mundial da Saúde propôs três níveis para compreensão da deficiência mental, esclarecendo que para uma compreensão mais global ficariam divididas em deficiência, incapacidade e desvantagem social. Esta proposta foi reavaliada e reeditada em 2001, deixando de conter os níveis

apresentados anteriormente. Esta revisão destacou o funcionamento global do indivíduo em relação ao meio e aos fatores contextuais, o destaque quanto à terminologia foi a mudança do uso “pessoa deficiente” para “pessoa em situação de deficiência” (Batista & Mantoan, 2006).

A convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto 3956/2001, define deficiência em seu artigo 1º da seguinte maneira: “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”. Desta maneira, valida a deficiência como uma situação.

A definição de deficiência mental tem sido constantemente revisada porque existe uma dificuldade de diagnóstico claro e preciso. A medida do coeficiente de inteligência (QI) foi utilizada durante muitos anos como padrão de definição dos casos. O próprio CID 10 (Código Internacional de Doenças, desenvolvida pela Organização Mundial de Saúde), ao especificar o Retardo Mental (F70-79) apresenta uma definição ainda baseada no coeficiente de inteligência, e a classifica entre leve, moderado e profundo, segundo o comprometimento. Também compreende vários outros sintomas de manifestações dessa deficiência como a dificuldade em aprender e comprometimento do comportamento, e coincide com outros diagnósticos (Batista & Mantoan, 2006).

Atualmente, a definição e critérios diagnósticos são estabelecidos também pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-IV. A deficiência mental é caracterizada pelo DSM-IV como um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, esta limitação surge acompanhada de restrições no funcionamento adaptativo em algumas áreas de habilidades, podendo referir-se à comunicação, habilidades sociais, habilidades interpessoais, autocuidados, vida doméstica entre outros.

A deficiência mental possui causas de origens diferentes, porém uma via comum é afetar o funcionamento do sistema nervoso central. Outro critério usado pelo DSM-IV corresponde ao início dos sintomas, que devem ocorrer antes dos 18 anos de idade.

Os testes de inteligência que avaliam o funcionamento intelectual geral como por ex., Escalas Wechsler de Inteligência para Crianças — Revisada, Stanford-Binet, Bateria Kaufman de Avaliação para Crianças, consideram que um QI se define como abaixo da média quando seu resultado está em torno de 70, ou seja, quando há cerca de dois desvios-padrão abaixo da média.

Os sintomas visíveis aparecem no funcionamento adaptativo, que geralmente se mostra prejudicado. Esse funcionamento adaptativo refere-se à maneira que o sujeito reage frente às exigências do cotidiano.

Quanto ao nível de gravidade, o DSM-IV especifica o nível leve, moderado, severo e profundo, e explica relacionando-o com o resultado do coeficiente geral de inteligência.

Retardo Mental Leve Nível de QI 50-55 a aproximadamente 70; Retardo Mental Moderado Nível de QI 35-40 a 50-55; Retardo Mental Severo Nível de QI 20-25 a 35-40 Retardo Mental Profundo Nível de QI abaixo de 20 ou 25; Retardo Mental, Gravidade Inespecificada, pode ser usado quando existe uma forte suposição de Retardo Mental, mas a inteligência da pessoa não pode ser testada por métodos convencionais (por ex., em indivíduos com demasiado prejuízo ou não cooperativos, ou em bebês) (A.P.A., 1994/1995).

Cada linha teórica da psicologia traz uma posição diante da deficiência mental. A exemplo, a Psicanálise traz a dimensão do inconsciente, o que contribui ao introduzir os processos psíquicos no preceito de muitas patologias, inclusive a deficiência em questão. Defini-se a inibição explicada por Freud, como a limitação de certas atividades, e sua causa se deve a um bloqueio de algumas funções, como por exemplo, o pensamento. Freud também explica em seu trabalho sobre o Estranho, que o sujeito evita o que lhe parece estranho e diferente, porém isso remete à questões pessoais e íntimas do próprio sujeito (Batista & Mantoan, 2006).

OBJETIVO

Apresentar os dados referentes à aplicação do Método de Rorschach em um estudo de caso de adulto, do sexo feminino, com deficiência intelectual leve associada

à dificuldade de comunicação e questões relacionadas à aderência ao tratamento em acompanhamento psicológico.

ESTUDO DE CASO

O presente trabalho trata de uma mulher solteira, 36 anos, alfabetizada, em tratamento em uma clínica escola do Vale do Paraíba, desde 2008. No ano de 2011, a cliente foi atendida durante o período de janeiro a novembro, totalizando 16 sessões com três faltas por parte da cliente. A cliente consegue processar dados de realidade, porém de forma limitada, o que lhe permite ter certo grau de autonomia.

O trabalho consistiu em um atendimento como prática de estágio clínico, com base na Psicoterapia Breve. A queixa foi referente à má comunicação entre a cliente e a responsável, que foi atribuído pela tia às medicações que a cliente faz uso. A tia também se queixou da carência afetiva da cliente, dizendo que esta é muito ciumenta e nervosa.

A cliente vive sob os cuidados de uma tia materna desde o divórcio de seus pais, quando a mesma tinha a idade de cinco anos, e na ocasião mostrava problemas de saúde devido à desnutrição. A declaração do psiquiatra (particular) afirma que sua deficiência possui um caráter irreversível, sendo que sua causa provável ocorreu no nascimento.

A cliente sofreu negligência por parte da mãe, e quando foi levada aos cuidados da tia não andava direito nem se comunicava. A cliente frequentou classes especiais durante a infância e adolescência. Na fase adulta foi internada em algumas clínicas, mas não continuou o tratamento porque a responsável percebeu que a cliente tomava muitos remédios, mas não participava de atividades. Atualmente a cliente frequenta uma escola para pessoas especiais, frequentando a instituição por meio período. A mãe da cliente não a visita, e a tia afirma que a cliente não gosta da mãe e prefere não falar sobre ela.

A aplicação do Rorschach ocorreu de acordo com as orientações técnicas do instrumento, entretanto, devido à dificuldade de compreensão das instruções, houve necessidade de reapresentar a tarefa constantemente. A cliente demonstrou

resistência à aplicação do Método de Rorschach, e durante a aplicação pedia para fazer outra coisa. Houve necessidade de se realizar uma reaplicação, entretanto sem alterações nas respostas emitidas.

RESULTADOS

Houve pouca produção nas respostas, com grande pobreza associativa, após análise do protocolo, observou-se diminuição do número de respostas ($R=8$), caracterizando baixa produção diante da tarefa de associação aos cartões.

Vaz (1997) observa que protocolos com menos que nove respostas indicam pobreza intelectual ou mesmo sinal de deficiência intelectual. Em estudo de caso de paciente com hipótese de deficiência Antúnez, Santoantonio e Noffs (2004), observaram produção mínima de respostas segundo o sistema compreensivo (14 respostas).

Observou-se predomínio de respostas globais ($G=5 - G\%=62,5$), além disso, todas as elaborações globais foram confabuladas ou contaminadas, revelando o que revela certo distanciamento da realidade vivida com possibilidade de desagregação do pensamento lógico (Vaz, 1997). Fato também verificado por Antúnez, Santoantonio e Noffs (2004), que assinalam fuga à fantasia para substituir uma forma de pensamento mais construtivo.

Observou-se prevalência absoluta de respostas de forma ($F=7 - F\%=87$), possivelmente associada à dificuldade de articulação diante da tarefa, pois resultados elevados indicam repressão dos afetos na tentativa de controle de si e da situação (Vaz, 1997). Apenas uma resposta de movimento anima que revela certa elaboração, mas muito infantil e em número escasso (Vaz, 1997). Dado observado também por Adrados (2004), na investigação de um grupo de indivíduos com diferentes quadros de deficiência.

Todas as respostas emitidas foram de conteúdo animal ($A=8 - A\%=100$), indicando predomínio de pensamento de acordo com o coletivo, aspecto típico observado na elaboração em crianças ou indivíduos com imaturidade generalizada. Indica também, segundo Vaz (1997), estereotipia de pensamento e pouca capacidade

de adaptação. Dado também observado na avaliação de Antúnez, Santoantonio e Noffs (2004), que informam sobre pouca capacidade de absorver os estímulos do meio vivenciando as situações de forma superficial.

Em termos qualitativos, observou-se a atribuição de vivências sensoriais e olfativas atribuídas às respostas, como 'cheirosa' e 'fedida', caracterizando uma vivência primitiva diante da relação com o estímulo. Passalacqua e Gravenhorst (2005), explicam que esse tipo raro de associação refere-se a pensamentos menos elaborados, concretos e típicos em crianças.

Também foi observada atribuição de juízo de valores em outras respostas, como 'venenoso' e 'perigoso', podendo relacionar sentimentos de temor e afastamento diante do estímulo representado pelo cartão. Revelam postura de regressão e uso de mecanismos infantis e pouco elaborados para superar a tarefa do teste (Passalacqua e Gravenhorst, 2005).

Duas rejeições foram observadas no momento da aplicação do teste, ocorridas nos cartões VII e X. Sob uma análise simbólica dos cartões envolvidos, pode-se interpretar extrema dificuldade em lidar com a figura materna ou feminina associado à dificuldade mais acentuada nas relações sociais como um todo. Fatos que podem ser observados e justificados pela história de vida da paciente e pela sua dificuldade de interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados expostos podem permitir uma reflexão sobre a possibilidade da utilização do Método de Rorschach na investigação psicológica de indivíduos com deficiência intelectual, embora o trabalho quantitativo e formal possa apresentar certa dificuldade e prejuízo pela dificuldade de elaboração oriunda da deficiência o que ocasiona pouca possibilidade de comparação dos dados com os valores normativos, os aspectos qualitativos das repostas oferecem importante material para a compreensão psicodinâmica desses pacientes e de suas principais dificuldades de ordem cognitiva e de personalidade.

Como se trata de um estudo de caso, as conclusões apresentadas somente poderão ser generalizadas diante de dados em pesquisas mais amplas com a verificação estatística dos dados quantitativos e análises dos dados qualitativos.

REFERÊNCIAS

- Adrados, I. (2004). A técnica de Rorschach como instrumento de investigação da personalidade para avaliação dos recursos do excepcional deficiente mental. In I. Adrados (org.). *A intuição do psicólogo: técnicas de abordagem com o uso do Rorschach*. (pp. 385-405). São Paulo: Vetor.
- American Psychiatric Association (1995). *DSM-IV - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (4a ed.). (D. Batista, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (original publicado em 1994).
- Antúnez, A.E.A, Santoantonio, J. & Noffs, M.H.S. (2004). Compreendendo a inteligência por meio do Rorschach e do WAIS: estudo de caso. In C.E. Vaz e R.L. Graeff (orgs.). *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa*. (pp.453-455). Porto Alegre: SBRo.
- Batista, C. A. M. & Mantoan, M. T. E. (2006). *Atendimento Educacional Especializado para a Deficiência Mental*. Brasília: MEC/SEESP. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf>, em 03 e março de 2012.
- Pan, J. R.A. (2003). *Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental*. São Paulo: Loyola.
- Passalacqua, A.M. & Gravenhorst, M.C. (2005). *Os fenômenos especiais no Rorschach* (Leibl, E.A., trad.). São Paulo Vetor.
- Vaz, C.E. (1997). *O Rorschach: teoria e desempenho*. São Paulo: Manole.

UM ENSAIO ACERCA DO TESTE PSICOLÓGICO FÁBULAS DE DÜSS

Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar

Hannah Nassif Jaber Magalhães

Stefania Francielle Ferreira de Lima

Fátima Nayara Pereira de Andrade Moraes

Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio

INTRODUÇÃO

Os testes psicológicos têm como objetivo colaborar no processo de avaliação, tal atividade é instrumento do profissional de psicologia, onde há a coleta de dados e interpretação dos mesmos, auxiliando assim na prática profissional. Para que um teste possa ser executado precisa-se estar regulamentado no CFP (Conselho Federal de Psicologia), além de que o psicólogo deve ter domínio no conhecimento científico, na aplicação dos testes e o consentimento do paciente. (NORONHA, et al, 2002).

Em um processo de psicodiagnóstico os testes projetivos são utilizados com intuito de recolher aspectos da subjetividade através da fala, desenhos, entre outros. Segundo o SATEPSI, o teste das fábulas foi publicado em 1993 e a partir de novembro de 2010 ele foi desfavorável por ser necessário uma atualização de seus estudos. Tal teste tem como objetivo facilitar a projeção do sujeito nas formas verbais e pictóricas, acarretando assim a uma possível identificação de conflitos.

É possível realizar o teste com pessoas de várias idades, ressaltando a importância de aspectos pessoais intrapsíquicos de cada estágio da vida, assim como, a sua singularidade enquanto sujeito. (Cunha, 2000, p.126)

Assim, é importante enriquecer a iniciação científica dos testes no Brasil, uma vez que a prática e a pesquisa podem enriquecer o escopo de atuação dos testes. O trabalho de revisão de literatura tem como objetivo conhecer o teste das fábulas e

suas técnicas de aplicação, mesmo que ele esteja atualmente desfavorável na avaliação do SATEPSI.

PSICODIAGNÓSTICO E O TESTE DAS FÁBULAS

Os testes projetivos têm como característica a utilização da subjetividade a partir de respostas livres dos sujeitos. Tem foco no processo da testagem, na descrição linguística e os comportamentos obtidos durante a mesma. A apuração é ambígua porque quem interpreta é o aplicador e a partir disso pode-se produzir descrições melhores ou piores do avaliado. (PASQUALI, 2001).

Desta forma, vários testes são utilizados como instrumentos de avaliação, destacando-se no presente trabalho o teste das fábulas.

De acordo com Cunha (2000), o teste das fábulas é caracterizado como historietas incompletas e tem função investigar conflitos inconscientes numa avaliação psicológica. Sendo este iniciado na Suíça em 1940 por Louisa Düss, porém, só foram publicadas na década de 50 na França sob a forma verbal. Cunha e Nunes no Brasil desenvolveram a versão pictórica em 1993. Na sua primeira versão, o teste é determinado por 10 historietas incompletas em que a criança irá completar, nas histórias o herói encontra-se em uma determinada fase do desenvolvimento inconsciente. Já na segunda versão, o teste é acrescido ilustrações a cada fábula apresentado ao sujeito na forma oral. (CUNHA, J.A.; NUNES, M.L.T, s/a)

As historietas oferecem uma situação problema e a partir da singularidade de cada sujeito encontra uma solução elaborada pela cognição.

O teste das fábulas é composto: fábula do passarinho (F1), aniversário de casamento (F2), cordeirinho (F3), enterro ou viagem (F4), medo (F5), elefante (F6), objeto fabricado (F7), passeio com a mãe ou com o pai (F9), notícia, e a do sonho mau (F10). Adicionando mais duas lâminas para uma variação entre enterro ou viagem e na lâmina F8 referente ao sexo do sujeito.

A partir dos aspectos estressantes indagados pelo profissional, a fábula se torna sensível a idiosincrasia do sujeito e assim é um processo de associação entre conflitos inconscientes e conscientes.

É possível realizar o teste com pessoas de várias idades, ressaltando a importância de aspectos pessoais intrapsíquicos de cada estágio da vida, assim como, a sua singularidade enquanto sujeito.

Sendo necessário para a aplicação do teste, analisar o sujeito holisticamente e perceber que existem vários significados para um significante daí a importância de considerar o contexto que a criança está inserida. (CUNHA, 2000).

APLICAÇÃO

Segundo Cunha (1993), a aplicação do teste das fábulas é fundamental o estabelecimento de um bom *rapport* prévio com o sujeito para evitar a ocorrência de respostas imaturas, ansiosas ou defensivas. Por esta razão não é recomendado utilizar este teste como técnica introdutória.

a) Aplicação individual: Com crianças pode-se propor uma brincadeira de contar histórias: “Eu começo a história e você continua”. As fábulas são iniciadas pelo o examinador, ao mesmo tempo em que vão sendo ilustradas com as lâminas correspondentes, usando assim sua forma verbal e pictórica. Já para adolescentes e adultos pode-se apresentar a tarefa como um “teste de imaginação”, podendo-se usar apenas a forma verbal, mas em casos de sujeitos com bloqueio emocional é sugerido também o uso da forma pictórica (lâminas). É importante ressaltar que as histórias não devem ser lidas e nem modificadas. Portanto, devem ser memorizadas pelo examinador para assegurar a padronização em todas as aplicações. A verbalização deve parecer natural e espontânea, sem qualquer tipo de entonação ou dramatização que possa influenciar o examinando. Inicia-se a marcação do tempo após o término do relato da fábula pelo examinador e só parar quando a resposta tiver ligação com a história contada. No decorrer da aplicação todas as respostas do sujeito devem ser anotadas integralmente a sua verbalização, bem como suas pausas, mudanças de entonação de voz ou condutas não verbais, deve-se estar atento a respostas sussurradas, pois podem indicar a presença de conflitos. A seguir é realizada uma investigação que tem a finalidade de estimular a fantasia do examinando no desenvolvimento de sua história e de aprofundar o entendimento psicodinâmico. Essa

investigação deve ser desenvolvida através de perguntas neutras e não sugestivas, como: “Por quê?, O que vai acontecer?, E então?”, entre outras.

b) Aplicação coletiva: possibilita avaliar um grande número de sujeitos, com o objetivo de fazer uma triagem de conflitos emocionais, selecionando dessa forma casos com probabilidade de terem problemas, para que estes sejam submetidos à reteste individual. As instruções são iguais à da administração individual, com a diferença de que a atividade é proposta como um levantamento sobre a maneira como os sujeitos imaginam, pensam e criam, sendo que não há respostas certas ou erradas. As fábulas são narradas uma a uma com tempo necessário para que as respostas sejam escritas. É essencial que nesta aplicação esteja junto ao psicólogo, alguém que conheça individualmente os sujeitos, pelo fato de ser de extrema importância a anotação de qualquer comportamento que chame atenção durante a aplicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição dos testes projetivos no psicodiagnóstico permeia os avanços nos estudos contribuindo para uma visão holística do sujeito. O teste das fábulas tratado no artigo não está favorável no CFP porque é necessário atualizar seus estudos, mas, é importante conhecer seu objetivo e formas de aplicação para assim enriquecer futuros trabalhos em Psicologia.

É possível realizar o teste com pessoas de várias idades, ressaltando a importância de aspectos pessoais intrapsíquicos de cada estágio da vida, assim como, a sua singularidade enquanto sujeito. Podem-se perceber aspectos abordando questões de rejeição, abandono, negação e repressão.

O artigo foi desenvolvido versando acerca dos testes psicológicos, sendo destacado o teste das fábulas e sua importância num processo psicodiagnóstico, bem como refletindo sobre a necessidade de atualizar os estudos deste instrumento. Para isso, foram consultados artigos, livros e manuais que ressaltaram a importância da iniciação científica no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Cunha, J. A., et al. (2000). *Psicodiagnóstico V. 5.ed. revisada e ampliada*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J.A.; NUNES, M.L.T. (2011). *Teste Fábulas*. Disponível em: <http://www.unitalentosh.com.br/news/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=70&Itemid=60>. Acesso em 11 de agosto 2011.
- Cunha, J.A. (1993). *Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica*. São Paulo: Centro Editor de testes e pesquisa em Psicologia.
- Noronha, A.P. P, et al. (2002). Informações contidas nos manuais de testes de personalidade. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.7, n.1, p.143-149, jan/jun.
- Pasquali, L. (Org.). *Técnicas de Exame Psicológico – TEP: Manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- Conselho Federal de Psicologia - SATEPSI (2011). Disponível em: <<http://www.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm?lista1=sim>>. Acesso em 20 de agos. 2011.
- Siquier de Ocampo, M.L. et.al. (2009). O processo psicodiagnóstico. In: *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. Trad.Miriam Felzenszwalb. ed.11, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p.3-14.
- Van Kolck, O.L. (1984). *Testes Projetivos gráficos no diagnóstico psicológico – Temas básicos de psicologia*. v.5, São Paulo: EPU.

AVALIAÇÃO DOS INTERESSES PROFISSIONAIS (AIP) EM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO²

Mara de Souza Leal

Lucy Leal Melo-Silva

Daniele Pena da Silva

Erika Tiemi Kato Okino

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo FFCLRP/USP

INTRODUÇÃO

Os processos de Orientação Profissional objetivam auxiliar pessoas a refletirem sobre seus projetos de vida e as decisões relacionadas à carreira profissional. No contexto brasileiro, a população predominante deste tipo de serviço é constituída por jovens, principalmente adolescentes, estudantes do ensino médio e vestibulandos, conforme aponta estudos realizados por Melo-Silva, Leal e Fracalozzi (2010) sobre os trabalhos apresentados em congressos da Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP). A questão da “escolha” da carreira é considerada uma das tarefas do desenvolvimento mais difíceis a ser enfrentada pelo adolescente, pois, além de ser saliente em uma etapa do desenvolvimento caracterizada por mudanças internas e externas, essa decisão tem repercussão em seu futuro e no de sua família. Trata-se de uma complexa tarefa, sobretudo, em decorrência das mudanças que estão ocorrendo no mundo na contemporaneidade. Nesse sentido, Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) apontam para a importância de se realizar um processo de Orientação profissional que busque o conhecimento das características pessoais do cliente e seus problemas, no que diz respeito às suas aptidões, interesses, personalidade, valores, atitudes, habilidades e capacidades, bem como ao conhecimento da realidade socioeconômica e do mercado de trabalho.

² Este trabalho deriva de parte da pesquisa de mestrado em andamento da primeira autora e recebe financiamento da CAPES.

Dentre as variáveis psicológicas que influenciam as escolhas ocupacionais destacam-se os interesses. Segundo Athanasou e Van Esbroeck (2007), os interesses educacionais e vocacionais são componentes relevantes no desenvolvimento de carreira, principalmente quando as pessoas possuem certa liberdade de escolha. Apontam, ainda, que indivíduos que trabalham em áreas que lhe interessam tendem a considerar suas ocupações satisfatórias e gratificantes, o que decorre em mais saúde e qualidade de vida. Por outro lado, a insatisfação poderia levar ao estresse e à ausência de saúde.

Apesar da temática dos interesses profissionais ser largamente estudada por diversos autores, em diferentes perspectivas, não há um consenso na definição desse constructo. Como apresentam Athanasou e Van Esbroeck (2007), algumas visões de interesses são mais psicológicas, outras educacionais e outras mais filosóficas. Os autores apontam que o interesse é, primeiramente, o constructo teórico de um conceito, que não existe por si mesmo, mas é inferido. O conceito de interesse é uma descrição para a natureza de algumas escolhas humanas, como preferências por objetos, atividades, eventos ou tarefas.

Diversos estudos sobre o constructo interesse vêm sendo realizados, tanto no Brasil quanto a nível internacional, por pesquisadores da área da Orientação Profissional e de Carreira. A partir de revisão bibliográfica na base de dados PsycInfo, pelo descritor “*vocational interests*” verificou-se que os artigos mais recentes (últimos 5 anos) direcionam-se principalmente para: (a) investigações da relação entre interesses e a aptidão para a escolha da carreira (Hirschi; Läge, 2007); (b) estabilidade dos interesses vocacionais da infância à idade adulta (Low et al., 2005); (c) elaboração de novos modelos que auxiliem a compreensão dos interesses vocacionais (Armstrong et al., 2008); (d) investigação das diferenças de gênero nos interesses vocacionais com focos diversos como o papel da personalidade e do gênero no desenvolvimento dos interesses vocacionais (Woods; Hampson, 2010); (e) verificação da estabilidade das diferenças de gênero em relação aos interesses vocacionais pela análise de vários instrumentos (Proyer; Häusler, 2007); e (f) meta-análise para averiguar a magnitude e a variabilidade das diferenças de gênero (Su; Rouds; Armstrong, 2009). Muitos dos estudos nacionais sobre os interesses profissionais também focalizaram a investigação em diferenças em função do sexo (Achnich, 1991; Jacquemin; Pasian, 1991; Melo-

Silva; Noce; Andrade, 2003; Nunes; Noronha, 2009; Sartori; Noronha; Nunes, 2009). Em relação ao estudo de Sartori, Noronha e Nunes (2009), que avaliou as diferenças de resultados de dois instrumentos de avaliação de interesses, a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) e Questionário de Busca Autodirigida (*Self-Direct-Search*, SDS) em função do sexo e série escolar, os participantes do sexo masculino obtiveram médias mais elevadas na área de Ciências Exatas, enquanto que as participantes do sexo feminino apresentaram médias de escolhas mais elevadas nas áreas de Ciências Biológicas e da Saúde, Artes e Comunicação e Entretenimento da EAP, em relação ao SDS os rapazes apresentaram médias mais altas no tipo Realista, Investigativo e Empreendedor, enquanto as moças se destacaram no tipo Social. As autoras afirmam, ainda, que as mulheres apresentam um padrão de interesse mais voltado para atividades de caráter assistencial, que envolvem o cuidado físico e psicológico de outras pessoas. Já os homens demonstram maior interesse por atividades que exigem precisão, em contraposição a atividades que envolvam o contato com pessoas.

Apesar da diversidade de enfoques teóricos que procuram entender e auxiliar processos de escolha profissional, os instrumentos de avaliação psicológica se fazem presentes nas práticas dos orientadores profissionais, assumindo grande importância, dado que auxiliam tanto orientando quanto o orientador a compreenderem os diversos aspectos envolvidos no processo de escolha profissional (Nunes, Okino, Noce, & Jardim-Maran, 2008). A partir da análise dos trabalhos da área, nota-se que, também nas pesquisas que avaliam interesses profissionais, é amplamente difundido o uso de escalas, inventários e testes que se propõem a investigar tal constructo.

No Brasil, o uso de instrumentos psicológicos está condicionado à aprovação pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que por meio do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI – (criado por meio da Resolução CFP nº 02/2003), regulamenta o uso, a elaboração e comercialização de testes psicológicos no país. Entre os 121 instrumentos de avaliação psicológica aprovados, oito são mais diretamente relacionados ao uso em Orientação Profissional e de Carreira, sendo eles: EMEP – Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (Neiva, 1999), parecer favorável de 06/11/2003; BBT-Br – Teste de Fotos de Profissões, forma masculina (Jacquemin, 2000), parecer favorável de 06/11/2003; forma feminina (Jacquemin et

al., 2006), parecer favorável de 13/08/2005; QUATI – Questionário de Avaliação Tipológica (Zacharias, 2003), parecer favorável de 06/11/2003; EAP – Escala de Aconselhamento Profissional (Noronha; Sisto; Santos, 2007), parecer favorável de 06/07/2007; HumanGuide (Welter, 2007), parecer favorável de 24/04/2009; IAO – Inventário de Avaliação Ocupacional (Sofal, 2007), parecer favorável de 09/05/2008, maiores informações sobre o instrumento devem ser obtidas diretamente com a autora Eugênia Matilde Peixoto Sofal, uma vez que não há registro de alguma editora ou laboratório; AIP – Avaliação dos Interesses Profissionais (Levenfus; Bandeira, 2009), parecer favorável de 24/04/2009; SDS – Questionário de Busca Autodirigida (Primi Et al., 2010), parecer favorável de 26/11/2009. Conforme aponta Mansão, Noronha e Otatti (2011) existem poucos instrumentos direcionados a investigação dos interesses profissionais validados para a utilização no Brasil, tendo em vista que os processos de avaliação psicológica ainda são um foco polêmico na realidade brasileira no âmbito da Orientação Profissional segundo Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) devido à falta de validade das medidas e adequação das mesmas ao contexto brasileiro, torna-se importante realizar pesquisas com instrumentos ainda não padronizados e validados sobre o constructo.

Sabe-se que diagnosticar os interesses torna-se relevante para planejar e desenvolver intervenções de carreira mais eficazes e que o estudo dos interesses pode contribuir para o desenvolvimento de práticas educacionais e políticas públicas adequadas às necessidades da sociedade do conhecimento e da informação. Considerando o exposto anteriormente, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma caracterização dos interesses profissionais em uma amostra de estudantes do ensino médio por meio do instrumento Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP).

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 149 alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública do interior de São Paulo. Sendo 102 do sexo

feminino e 47 do sexo masculino, matriculados no período da manhã e com idades entre 16 e 20 anos ($M = 17,2$; $DP = 0,58$).

Instrumento

Foi utilizada a Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP), um instrumento de autoria de Levenfus e Bandeira e publicado pela Vetor Editora. Esse instrumento de avaliação psicológica é composto pelo manual (volume 1), o crivo de avaliação, o livro de exercício (volume 2), o livro de aplicação (volume 3) e o livro de avaliação (volume 4).

A AIP avalia a preferência do sujeito por dez campos de interesse, o Campo Físico/Matemático (CFM); o Campo Físico/Químico (CFQ); o Campo Cálculos/Finanças (CCF); o Campo Organizacional/Administrativo (COA); o Campo Jurídico/Social (CJS); o Campo Comunicação/Persuasão (CCP); o Campo Simbólico/Lingüístico (CSL); o Campo Manual/Artístico (CMA); o Campo Comportamental/Educacional (CCE) e o Campo Biológico/Saúde (CBS). O livro de exercícios contém 200 frases ou itens ordenados em pares que descrevem atividades relativas aos campos de interesse. Estas frases são agrupadas de modo que cada campo seja confrontado com todos os outros e com ele mesmo duas vezes. Tais campos podem ser classificados nas seguintes categorias: Muito inferior (I-); Inferior (I); Médio Inferior (MI); Médio (M); Médio Superior (MS); Superior (S); Muito Superior (S+). Deve-se escolher entre cada par de atividades e marcar na folha de resposta aquele que mais interessa ao sujeito, sendo permitido marcar uma ou as duas frases do par. Caso o cliente não se interesse por nenhuma frase do par, mesmo assim, ele deverá marcar uma, a que considerar “menos ruim”, neste caso, o cliente faz uma escolha relativa. Cada frase do AIP tem um item correspondente na folha de resposta, representado por um quadradinho com um traço diagonal. Os itens escolhidos são marcados na folha de resposta, de modo que os que interessam são pintados completamente e os que são resultado das escolhas forçadas ou relativas são pintados pela metade. Os resultados do teste aferidos pelo crivo de resposta são apresentados no protocolo de levantamento que fornece uma tabela com a soma das escolhas reais, a soma das relativas e soma total destes dois tipos de escolhas em cada campo, a soma total corresponde a um percentil normatizado por campo e sexo, tal percentil fornece a classificação dos campos

conforme mencionado anteriormente e por fim, tal resultado é clarificado por meio de um gráfico para cada sexo, no qual são distinguidas as escolhas reais das relativas. O manual de instrução apresenta um guia de profissões que pode ser utilizado pelo psicólogo na análise dos resultados. O tempo estimado de aplicação do instrumento é de cerca de 30 minutos e a aplicação pode ser individual ou coletiva.

Procedimento de coleta dos dados

O projeto de pesquisa mais amplo, no qual se insere este estudo, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Após a aprovação pelo Comitê foi iniciada a coleta de dados. Foram combinados os dias e horários de aplicação dos instrumentos com o coordenador e os professores de modo que a obtenção dos dados não prejudicasse o rendimento dos alunos e a administração dos conteúdos das disciplinas. Em sala de aula procedeu-se à explicação dos objetivos da pesquisa, dos cuidados no que se refere ao sigilo das informações prestadas, do caráter voluntário da participação, da garantia de desistência a qualquer momento sem qualquer ônus. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE) foram distribuídos aos alunos e foi solicitado aos mesmos que o trouxessem assinados pelos pais, no caso dos alunos menores de 18 anos, por ocasião da aplicação. O tempo de aplicação do AIP foi em média de 30 a 40 minutos. Cumpre destacar que foi aplicado um questionário de identificação socioeconômico antes da administração do AIP.

Como contrapartida pela colaboração voluntária dos estudantes foi realizada a devolução dos resultados individuais obtidos por meio do instrumento e foram disponibilizadas vagas para atendimento no Serviço de Orientação Profissional da FFCLRP a quem se interessasse.

Análise de dados

Os dados coletados foram organizados em uma planilha do Excel de modo que todos os itens tiveram suas respostas representadas por meio de códigos. Foi desenvolvida uma fórmula, com auxílio estatístico, no *Statistical Analysis System (SAS)*, para a geração dos resultados da AIP em cada campo de interesse. Para a descrição e análise dos resultados foram considerados a frequência absoluta e frequência relativa.

RESULTADOS

Os resultados foram descritos objetivando traçar a caracterização dos interesses profissionais em uma amostra de estudantes do ensino médio público em função da variável sexo. A Tabela 1 mostra a classificação dos campos de interesses em função da pontuação bruta obtida pela soma das escolhas reais mais as escolhas relativas que indicam em que percentil se encontra a amostra testada em cada campo e sua posterior classificação. Há de se ressaltar que a classificação apresentada na Tabela 1 se refere à análise quantitativa do teste.

Tabela 1.: Classificação dos campos de interesses em função do sexo (N=149)

		Classificação						
Campo	Sexo	I-	I	MI	M	MS	S	S+
CFM	M	5 10.64%	13 27.66%	0 0.00%	7 14.89%	6 12.77%	14 29.79%	2 4.26%
	F	4 3.92%	8 7.84%	9 8.82%	24 23.53%	30 29.41%	16 15.69%	11 10.78%
CFQ	M	4 8.51%	8 17.02%	5 10.64%	14 29.79%	3 6.38%	8 17.02%	5 10.64%
	F	5 4.90%	27 26.47%	0 0.00%	27 26.47%	9 8.82%	20 19.61%	14 13.73%
CCF	M	1 2.13%	8 17.02%	7 14.89%	20 42.55%	4 8.51%	4 8.51%	3 6.38%
	F	10 9.80%	6 5.88%	12 11.76%	25 24.51%	19 18.63%	24 23.53%	6 5.88%
COA	M	2 4.26%	11 23.40%	0 0.00%	27 57.45%	4 8.51%	2 4.26%	1 2.13%
	F	11 10.78%	22 21.57%	9 8.82%	29 28.43%	8 7.84%	14 13.73%	9 8.82%
CJS	M	4 8.51%	9 19.15%	3 6.38%	18 38.30%	5 10.64%	6 12.77%	2 4.26%
	F	6 5.88%	15 14.71%	22 21.57%	35 34.31%	6 5.88%	10 9.80%	8 7.84%
CCP	M	2 4.26%	11 23.40%	8 17.02%	9 19.15%	4 8.51%	8 17.02%	5 10.64%
	F	18	18	13	27	8	18	0

		17.65%	17.65%	12.75%	26.47%	7.84%	17.65%	0.00%
CSL	M	1	7	3	20	4	10	2
		2.13%	14.89%	6.38%	42.55%	8.51%	21.28%	4.26%
	F	9	30	0	40	14	8	1
		8.82%	29.41%	0.00%	39.22%	13.73%	7.84%	0.98%
CMA	M	3	8	2	19	8	4	3
		6.38%	17.02%	4.26%	40.43%	17.02%	8.51%	6.38%
	F	12	6	12	38	13	15	6
		11.76%	5.88%	11.76%	37.25%	12.75%	14.71%	5.88%
CCE	M	3	4	6	17	2	11	4
		6.38%	8.51%	12.77%	36.17%	4.26%	23.40%	8.51%
	F	10	14	11	26	14	25	2
		9.80%	13.73%	10.78%	25.49%	13.73%	24.51%	1.96%
CBS	M	2	5	3	18	3	12	4
		4.26%	10.64%	6.38%	38.30%	6.38%	25.53%	8.51%
	F	4	19	18	24	6	22	9
		3.92%	18.63%	17.65%	23.53%	5.88%	21.57%	8.82%

* N = 149, sendo F = 102, M = 47

A Tabela 1 mostra o predomínio dos interesses masculinos no Campo Físico Matemático (CFM) com 29,79% da amostra classificada como tendo interesses superiores (S) para este campo, enquanto que o grupo feminino apresentou uma concentração menor (15,69%) de sujeitos classificados com interesse superior (S) neste campo. Ao verificar a porcentagem de pessoas com interesse inferior (I) neste campo, pode-se perceber que 27,66% das respostas masculinas foram classificadas nesta categoria (I), quase a mesma porcentagem de pessoas que obtiveram interesse na classificação superior (S), no grupo masculino. No grupo feminino, o maior número de respostas 29,41% foi classificada no nível médio superior (MS) de interesse, porém, ao se analisar as classificações superiores a média (MS, S, S+), verifica-se que mais da metade das moças, 55,88%, encontram-se classificadas nestes níveis, enquanto que menos da metade dos rapazes 46,82% concentram seus interesses nestas categorias.

Em relação ao Campo Físico Químico (CFQ) pode se observar que houve dispersão nas respostas tanto dos rapazes quanto das moças, com predomínio de escolhas na classificação média (M). No grupo masculino as porcentagens nos níveis inferior (I) e superior (S) se equivalem. As respostas das moças se concentram nos níveis inferior (I) e médio (M).

No Campo Cálculo Finanças (CCF) 42,55% das respostas masculinas foram classificadas no nível médio (M), houve um predomínio dos interesses femininos neste mesmo nível com 24,51% da amostra.

Ao se analisar o Campo Organizacional Administrativo (COA) verifica-se que tanto os rapazes quanto as moças se classificam no nível médio (M) com respectivamente 57,45% e 28,43%, e que o segundo maior percentual se classifica no nível inferior (I) nos dois grupos.

No Campo Jurídico Social (CJS) os interesses masculinos apresentam-se mais concentrados no nível médio (M) com 38,30% das respostas, o mesmo ocorre com os interesses femininos com 34,31%.

Em relação ao Campo Comunicação Persuasão (CCP) nota-se que a maior parte do grupo masculino se concentra no nível inferior (I) 23,40%, porém de modo geral, ao se comparar os níveis inferiores (I-, I) e superiores (S, S+) verifica-se que ambos apresentam a mesma porcentagem de distribuição no grupo masculino, 27,66%. Em relação as moças verifica-se que a maior parte está concentrada no nível médio (M) com 26,47% e que a distribuição feminina nos níveis classificatórios muito inferior (I-), inferior (I) e superior (S) foi a mesma, 17,65%.

No Campo Simbólico Lingüístico (CSL) predominam os interesses masculinos e femininos no nível médio (M), com 42,55% do grupo masculino neste nível seguida de 21,28% no nível superior (S). Enquanto que no grupo feminino, observa-se que 39,22% se concentram no nível médio seguida de 29,41% no nível inferior (I).

No que se refere à distribuição das respostas no Campo Manual Artístico (CMA) observou-se também a concentração dos interesses no nível médio (M) para moças e rapazes. Ao se comparar os níveis superiores (S, S+) em ambos os sexos, verificou-se que o interesse é maior para as moças.

Em relação ao Campo Comportamental Educacional (CCE) tanto os interesses masculinos quanto os interesses femininos tiveram a maior parte de suas respostas classificadas no nível médio respectivamente com 36,17% e 25,49%. Em ambos os grupos os níveis superiores concentraram mais interesses que os níveis inferiores. Destacando-se pouca diferença nos níveis inferiores e superiores para as moças.

E por fim, o Campo Biológico Saúde (CBS) apresentou 38,30% dos interesses masculinos e 23,53% dos interesses femininos concentrados no nível médio. Neste

campo, a distribuição de moças e rapazes nos níveis superiores (S, S+) foi maior do que nos níveis inferiores (I-, I).

Na tabela em geral, observando-se as respostas como um todo, nota-se que não houve classificação elevada no nível muito superior (S+) para nenhum dos campos em ambos os sexos.

Considerando os dez campos de interesses que compõem o instrumento (AIP), o grupo feminino apresentou interesse maior no nível médio em nove deles, exceto no CFM. Por sua vez, o grupo masculino apresentou interesse no nível médio em oito campos, no CFM, como no sexo feminino e ainda no CCP.

DISCUSSÃO

Os principais resultados apontam que os rapazes apresentaram maior interesse no Campo Físico Matemático (CFM), sendo classificados no nível superior. Tal campo expressa o interesse pela aplicação de leis e propriedades dos corpos, a preferência do uso do raciocínio lógico-dedutivo, o interesse pelo campo elétrico, eletrônico e mecânico. A preferência masculina (46,8%) pelo campo das exatas corrobora os achados do estudo de Sartori, Noronha e Nunes (2009) que verificaram maiores médias masculinas na dimensão Ciências Exatas da EAP. Porém, neste estudo observou-se também interesse pelo CFM no grupo feminino, quando 55,8% das respostas são acima de médio para este campo. Assim sendo, o interesse das moças pelo CFM pode sinalizar mudança de comportamento que não estaria sendo influenciado por estereótipos, o que diferencia de outros estudos (por exemplo, Levenfus & Bandeira, 2009). No Campo Físico Químico foi observada certa semelhança na distribuição dos interesses entre moças e rapazes. No Campo Cálculo Finanças esperava que os interesses fossem maiores para o sexo masculino, porém, no grupo feminino, verificaram-se pontuações elevadas nas classificações M, MS e S, totalizando 66,67% das respostas. Tais resultados podem ser indicativos de que os interesses pelo campo das ciências exatas tem aumentado entre as moças.

Em relação ao Campo Simbólico Linguístico era esperado encontrar maior interesse feminino para área, porém, observou-se maior interesse masculino. Há de se

destacar que este campo é dividido em dois subcampos, um que se refere ao estudo da linguagem e das línguas relacionado ao potencial de comunicação de ideias e de fatos por meio da escrita e gosto pela literatura, e outro que se refere ao mundo simbólico e potencial interpretativo relacionado à criatividade. No Campo Manual Artístico predominou o interesse feminino conforme era esperado. Por sua vez no Campo Comportamental Educacional era esperado que predominassem os interesses femininos, porém, verificou-se que os interesses de ambos os sexos se comportaram de maneira semelhante, tal resultado pode estar relacionado ao aumento da participação masculina na educação dos filhos e em atividades que envolvem o cuidado. Pode-se inferir uma mudança de comportamento com rompimentos de estereótipos com rapazes manifestando interesses por artes e humanidades.

No Campo Biológico Saúde esperava-se certo equilíbrio entre interesses masculinos e femininos, porém, verificou que predominaram os interesses masculinos, o resultado encontrado difere-se do estudo de Sartori et al (2009) que encontrou maior interesse feminino nas Ciências Biológicas e da Saúde.

Em relação ao perfil geral da amostra estudada verificou-se que a maioria dos campos de interesses apresentou classificações no nível médio, para ambos os sexos, tal dado pode ser analisado positivamente, uma vez que o interesse por diferentes áreas do conhecimento indica maiores possibilidades educacionais e profissionais.

CONCLUSÕES

O presente estudo mostra-se relevante por tratar de um constructo – interesse – indispensável nos processos de investigação na área da Orientação Profissional. O conhecimento a respeito dos interesses profissionais apresentados por estudantes pode facilitar no planejamento e em intervenções realizadas na área. Além do mais, a pesquisa apresentou dados obtidos por meio de um novo instrumento, a AIP, que pode auxiliar na clarificação dos interesses profissionais no contexto clínico e de pesquisas, por permitir conhecer interesses reais e interesses relativos ampliando seu leque educacional/profissional, ao possibilitar a intersecção entre os diferentes campos do conhecimento e a decisão por uma escolha mais consciente. Torna-se

importante ressaltar que os resultados obtidos são específicos para a amostra estudada e apesar de apresentar algumas semelhanças com outros estudos, os resultados analisados não permitem generalizações.

Outra limitação do presente estudo é a ausência da análise das escolhas reais e relativas que podem contribuir para uma avaliação mais completa sobre o instrumento e o perfil de interesses dos participantes. Sugere-se a utilização do referido instrumento para pesquisas com outras amostras e estudos que avaliem a coerência entre a AIP e outros instrumentos que avaliam interesses profissionais.

REFERÊNCIAS

- Achtnich, M.(1991). *O BBT - Teste de Fotos de Profissões: método projetivo para a clarificação da inclinação profissional*. São Paulo: CETEPP.
- Armstrong, P. I.; Day, S. X.; Mcvay, J. P.; Rouds, J. (2008). Holland's RIASEC Model as an Integrative Framework for Individual Differences. *Journal of Counseling Psychology*, v. 55, n.1,1-18. Recuperado em 01 novembro 2011 de <http://psycnet.apa.org/journals/cou/55/1/1.pdf>
- Athanasou, J. A.; Van Esbroeck, R. (2007). Multilateral perspectives on vocational interests. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, v. 7, 1-3.
- Hirschi, A.; Läge, D. (2007). Holland's Secondary Constructs of Vocational Interests and Career Choice Readiness of Secondary Students: Measures for Related but Different Constructs. *Journal of Individual Differences*, v.28, n.4, 205-218. Recuperado em 01 novembro 2011, de <http://psycnet.apa.org/journals/jid/28/4/205.pdf>
- Jacquemin, A; Pasian, S. R. O Bbt No Brasil. In: Achtnich, M. (1991). *BBT: Teste de Fotos de Profissões – método projetivo para a clarificação da inclinação profissional*. São Paulo, CETEPP, 208-222.
- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br: Teste de Fotos de Profissões: normas, adaptação brasileira, estudos de caso*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.

- Jacquemin, A.; Okino, E. T. K.; Noce, M. A.; Assoni, R. F.; Pasian, S. R. (2006). *O BBT-Br feminino: Teste de Fotos de Profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Levenfus, R. S.; Bandeira, D. R. (2009). *Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP)*. São Paulo: Vetor.
- Low, K. S. D; Yoon, M.; Roberts, B. W.; Rounds, J. (2005). The Stability of Vocational Interests From Early Adolescence to Middle Adulthood: A Quantitative Review of Longitudinal Studies. *Psychological Bulletin*, v.131, n.5, 713–737. Recuperado em 02 novembro, de 2011 de <http://psycnet.apa.org/journals/bul/131/5/713.pdf>
- Mansão, C. S. M.; Noronha, A. P. P.; Ottati, F. (2011). Interesses profissionais: Análise correlacional entre dois instrumentos de avaliação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v.12, n.2, 175-183.
- Melo-Silva, L. L.; Noce, M. A.; Andrade, P. P. (2003). Interesses em adolescentes que procuram Orientação Profissional. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v.4, n.2, 6-17.
- Melo-Silva, L.; Lassance, M. C. P.; Soares, D. H. P.(2004). A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 5, n. 2, 31-52.
- Melo-Silva, L. L., Leal, M. S., Fracalozzi, N. M. N. (2010). Produção científica em congressos brasileiros de orientação vocacional e profissional: Período 1999-2009. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v.11, n.1, 107-120.
- Neiva, K. M. C. (1999). *Manual da Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP)*. São Paulo: Vetor.
- Noronha, A. P. P.; Sisto, F. F.; Santos, A. A. A. (2007). *Escala de Aconselhamento Profissional (EAP)*. São Paulo: Vetor.
- Nunes M. F. O.; Okino, E. T. K.; Noce, M. A.; Jardim-Maran, M. L. C. (2008). Interesses profissionais: perspectivas teóricas e instrumentos de avaliação. *Avaliação Psicológica*, v. 7, n. 3, 403-414
- Nunes, M. F. O.; Noronha, A. P. P. (2009). Auto-Eficácia para Atividades Ocupacionais e Interesses Profissionais em Estudantes do Ensino Médio. *Psicologia Ciência e Profissão*, v.29, n.1,102-115.

- Primi, R.; Mansão, C. M.; Muniz, M.; Nunes, M. F. O. (2010). *SDS – Questionário de Busca Auto-Dirigida*. Manual técnico da versão brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Proyer, R. T.; Häusler, J. (2007). Gender Differences in Vocational Interests and Their Stability Across Different Assessment Methods. *Swiss Journal of Psychology*, v.66, n.4, 243–247. Recuperado em 02 novembro 2011, de <http://psycnet.apa.org/journals/sjp/66/4/243.pdf>
- Sartori, F. A.; Noronha, A. P. N.; Nunes, M. F. O. (2009). Comparações entre EAP e SDS: Interesses profissionais em alunos do ensino médio. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v.59, n.130,17-29.
- Sofal, E. M. P. (2007). *Inventário de Avaliação Ocupacional (IAO)*.
- Su, R.; Rouds, J.; Armstrong, P. I. (2009). Men and Things, Women and People: A Meta-Analysis of Sex Differences in Interests. *Psychological Bulletin*, v.135, n.6, 859–884. Recuperado em 02 novembro 2011, de <http://psycnet.apa.org/journals/bul/135/6/859.pdf>
- Welter, G. M. R. (2007). *HumanGuide: evidências de validade da versão brasileira*. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Itatiba.
- Woods, S. A.; Hampson, S. E. (2010). Predicting Adult Occupational Environments From Gender and Childhood Personality Traits. *Journal of Applied Psychology*, v.95, n.6, 1045–1057. Recuperado em 01 novembro 2011, de <http://psycnet.apa.org/journals/apl/95/6/1045.pdf>
- Zacharias, J. J. M. (2003). *Questionário de avaliação tipológica*. Versão II. 5. ed. São Paulo: Vetor.

PARTE 3
PSICOPATOLOGIA, SAÚDE MENTAL E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

A ABORDAGEM PSICODINÂMICA COMO ESTRATÉGIA PARA ANÁLISE QUALITATIVA DAS RESPOSTAS DO RORSCHACH³

Paulo Francisco de Castro

Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté

Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos

INTRODUÇÃO

Cada vez mais se observa o emprego de técnicas projetivas na investigação psicodiagnóstica de diferentes quadros. Pautado em pesquisas ou levantamentos clínicos, nota-se a grande contribuição que os métodos projetivos de investigação psicodiagnóstica possibilitam para a compreensão dos aspectos psicodinâmicos dos pacientes, assim, proporcionam um excelente material a ser usado na análise desses casos.

Tal aspecto toma mais corpo quando o referencial teórico do psicólogo clínico pauta-se em uma abordagem psicanalítica, uma vez que o material obtido nas técnicas projetivas pode ser analisado à luz dos pressupostos psicodinâmicos.

O presente texto expõe sobre uma das estratégias para análise qualitativa das respostas emitidas no Método de Rorschach.

OBJETIVO

Apresentar a possibilidade de interpretação qualitativa das respostas do Método de Rorschach, de acordo com uma abordagem psicodinâmica.

³ O presente texto é parte modificada da Tese de Doutorado “Caracterização da personalidade de pacientes com Transtorno de Pânico por meio do Método de Rorschach: contribuições do sistema compreensivo”, defendida pelo autor junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Eda Marconi Custódio.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS TÉCNICAS PROJETIVAS

Há tempos, há a preocupação dos clínicos em estudar as diferentes características que organizam a situação projetiva, com vistas à comparação desses procedimentos ao que ocorre na prática analítica ou nas relações que se estabelecem nas entrevistas (Chabert, 1998/2004).

As técnicas projetivas ocupam um lugar de destaque no processo psicodiagnóstico, pois constituem um material ambíguo apresentado ao paciente, possibilitando liberdade para que responda ao instrumento oferecido e um bom material para análise e interpretação (Cunha, Minella, Werlang & Carneiro, 1993).

A ambiguidade que o material das técnicas projetivas apresenta pode proporcionar uma infinidade de material psicológico a ser interpretado, uma vez que a produção psíquica do paciente depende muito mais de seus conteúdos internos do que da estimulação que o material oferece (Chabert, 1998/2004; Cunha et al., 1993). Entende-se aqui como material do paciente as respostas que o mesmo pode emitir diante de borrões de tinta, histórias ou narrativas que expõe a partir de quadros ou figuras, desenhos que o indivíduo produz livremente ou baseado em algum tema proposto, entre outros.

Dessa forma, nas técnicas projetivas, o material para que os conteúdos sejam expressos serve como 'ponte'. Segundo Anderson e Anderson (1951/1978), os testes projetivos não fornecem apenas aspectos de projeção, mas, praticamente todos os mecanismos mentais, tanto os expressivos como os de defesa, proporcionando excelente material de análise sobre o paciente.

Em 1939, Franck⁴ introduziu o termo método projetivo que logo se mostrou com ampla difusão e emprego, pois designa um conjunto de procedimentos técnicos, visando ao estudo da personalidade dos indivíduos por meio de estímulos pouco estruturados, nos quais a pessoa pode expressar livremente um sentido particular. Assim, suas respostas serão sempre projetivas e passíveis de uma interpretação de seus processos internos (Van Kolck, 1981).

⁴ Referência original: Franck, L.K. (1939). Projective Methods for the study of personality. **Journal of Psychology**, 8, 389-413.

Por suas propriedades, Anzieu (1961/1984) refere que é difícil uma caracterização específica do Teste de Rorschach. Assim, podem ser tecidas algumas considerações sobre as capacidades do sujeito que estão atuantes durante a execução da prova. Quando se submete ao instrumento, a pessoa relaxa o controle consciente de seus conteúdos, podendo expô-los por meio de suas respostas, baseadas em uma conduta oscilante entre concentração e descontração. Dessa forma, permite a avaliação de suas características mais intrínsecas, bem como o conjunto de defesas que utiliza para poder lidar com elas.

Em razão de suas características, as técnicas projetivas podem ser empregadas em atendimentos com um direcionamento psicodinâmico e visam a “um entendimento dinâmico da personalidade dos pacientes, como conflitos, mecanismos de defesa do ego, estados emocionais, fantasias, traços de caráter e aspectos sadios e patológicos dos sujeitos” (Cunha et al., 1993, p.123).

As propriedades das técnicas projetivas são caracterizadas por vários aspectos comuns a elas: estímulos pouco ou nada estruturados, respostas bastante ou totalmente livres, abordagem indireta de aplicação, origem teórica fundamentada na psicanálise e na psicometria. A avaliação e a interpretação são pautadas em pressupostos psicanalíticos e/ou psicométricos e têm como objetivo a exploração da personalidade em plano mais profundo e abrangente do que as técnicas objetivas e a exploração de dados globais e integrados da personalidade; além disso, há uma predominância da aplicação individual que possibilita uma situação transferencial positiva para melhor compreender os elementos psicológicos dos pacientes (Bell, 1948/1992; Van Kolck, 1981).

Cabe ressaltar que o espaço ocupado pelas técnicas projetivas na psicologia atual é proveniente de constantes estudos que apresentam evidências empíricas e psicométricas de sua capacidade de analisar os elementos psicológicos dos indivíduos. Não se trata de simples aplicação ou transposição da teoria psicanalítica, mas sim fruto da articulação dos pressupostos psicanalíticos com experimentos metodologicamente rigorosos e com comprovações práticas e métricas.

É importante destacar ainda que o emprego de uma técnica projetiva pressupõe um amplo conhecimento do instrumento, apoiado em uma prática constante e atualização permanente quanto às mesmas.

Os princípios de interpretação dos testes projetivos não deixam de ser, portanto, indicadores de sistematização e organização de dados, mantendo uma correspondência analógica com a integração que se realiza no processo psicodiagnóstico visto de sua forma extensa (Becker & Trinca, 1984, p.83).

É interessante ressaltar a comparação realizada por Niva (1995), quando afirma sobre a aplicação de um instrumento de avaliação psicológica que pode ser análoga ao próprio processo de psicoterapia. Assim, ao se aplicar um instrumento, sobretudo um instrumento projetivo, é importante o aplicador atentar aos aspectos comuns entre a vivência da aplicação e a vivência de um processo de psicoterapia breve.

Na maior parte das vezes, surge em mesma escala a exposição de conteúdos transferenciais e contratransferenciais na realização da tarefa proposta, no caso do Rorschach a emissão das respostas. Assim, ao se analisar o conjunto de informações obtidas em uma aplicação de um teste projetivo, é importante que o aplicador atente para estas vivências e as considere no momento de organização dos dados e da devolução de informações. A experiência de se submeter à avaliação psicológica com um instrumento projetivo pode trazer benefícios por meio da elaboração dos conteúdos, que são eliciados pelas técnicas (Chabert, 1997/2003; Niva, 1995).

Pode-se dizer que os testes projetivos mostram-se como estratégias importantes para a coleta de dados psicodiagnósticos. Servem como meio de comunicação entre os aspectos psicológicos do paciente e o psicólogo com a vantagem de levar à manifestação de conteúdos sem o controle consciente do paciente que desconhece os aspectos técnicos do instrumento, possibilitando uma análise global das características inconscientes e suas consequências, como um interlocutor entre o mundo psíquico do paciente e o psicólogo (Grassano, 1977/1996).

O RORSCHACH COMO TÉCNICA PROJETIVA

O Rorschach é um instrumento psicodiagnóstico de reconhecida validade e profundidade de investigação. Seu material de interpretação possibilita uma análise da personalidade dos indivíduos em termos estruturais e psicodinâmicos, garantindo uma contextualização ímpar do quadro que está sendo investigado.

Por intermédio dos itens de codificação, que permitem um trabalho quantitativo, é possível uma averiguação empírica e estatística de qualquer aspecto da personalidade das pessoas, sob o enfoque estrutural. Com base na análise das verbalizações, os aspectos qualitativos da personalidade dos sujeitos podem ser analisados, compreendendo seu funcionamento e relação consigo e com o mundo.

Desde 1921 quando foi publicado o Psicodiagnóstico (Rorschach, 1921/1978), que mais tarde recebeu o nome de seu idealizador, inúmeros trabalhos foram desenvolvidos e vários autores destacaram-se num movimento constante de pesquisas e aprimoramento com o instrumento.

Desde então, o teste tem suscitado um grande interesse e foi muito utilizado e pesquisado. Pelo menos durante duas décadas, as de 1940 e 1950, seu nome foi quase sinônimo de Psicologia Clínica. Naqueles anos, a principal função do clínico consistia na avaliação, no psicodiagnóstico, principalmente quando se tratava de diagnóstico diferencial. Durante as décadas de 1960 e 1970, o Rorschach se constituiu entre os testes mais utilizados no contexto clínico e segue ocupando este lugar até hoje (Exner, 1993/1994, p.3).

Dentre um grande conjunto de instrumentos projetivos, o Psicodiagnóstico de Rorschach ocupa, realmente, uma posição de grande destaque, enfatizada quer pela prática clínica dos profissionais da área, quer pela bibliografia e eventos científicos especializados nas discussões sobre avaliação psicológica.

ASPECTOS PROJETIVOS DO MÉTODO DE RORSCHACH

A discussão sobre as questões projetivas do Método de Rorschach foram constituídas praticamente desde sua publicação. Há um grande número de clínicos e pesquisadores que concebem a técnica como um instrumento de cunho projetivo. Potkay (1973) já pontua essa controvérsia, estabelecendo ampla discussão entre uma postura objetiva, fornecida pelo fenômeno da percepção, e subjetiva, dada pela projeção na emissão das respostas. Conclui que uma postura clínica de emprego do Rorschach, associada a uma postura teórica psicanalítica, possibilitam um posicionamento do teste como uma prova projetiva.

Nessa vertente, Marques (1999) estabelece detalhada descrição histórica dos autores que compreendem o Rorschach como projetivo. Estabelece critérios que cada autor usou para essa postura e conclui que um clínico que possui bases teóricas pautadas em teorias psicodinâmicas pode compreender o método como uma estratégia projetiva. Esclarece que, segundo esse referencial, a tarefa perceptiva de elaboração das respostas diante dos estímulos dos cartões são desencadeadas por mecanismos inconscientes e simbólicos que podem ser interpretados à luz da projeção.

Van Kolck (1981) assinala critérios de classificação das provas projetivas, baseado na proposta de vários autores, designando-as, conforme suas propriedades e características. Nestes termos, o Rorschach pode ser enquadrado como uma prova:

- constitutiva, quanto ao uso funcional do material, em que o sujeito organiza suas respostas com base em um material não estruturado;

- perceptivo-estrutural, quanto aos processos e aspectos de personalidade envolvidos, no qual o sujeito utiliza recursos de percepção para a projeção de suas características baseado na organização de suas respostas e

- visual, quanto à natureza do material empregado para estímulo, pois o sujeito usa a visão como meio de entrar em contato com os borrões-estímulo.

Diante do contato visual com os estímulos organizados nas dez pranchas e utilizando os recursos perceptivos, os sujeitos organizam suas respostas que revelam importantes elementos de sua personalidade, possibilitando uma análise aprofundada desses elementos da personalidade, oferecendo bom material para encaminhamentos e ao trabalho psicoterapêutico.

Desse modo, resultados claros de comparação são oferecidos, além de possibilitar uma análise simbólica dos dados psicodinâmicos das respostas, informando a respeito da dinâmica da personalidade do paciente de forma contextualizada, oferecendo subsídios psicodiagnósticos e prognósticos para o trabalho clínico.

É importante salientar que o instrumento oferece dados por intermédio de índices de adaptação e psicopatológicos, fornecendo um parâmetro de comparação frente à realidade externa e suas vivências que, por sua vez, disponibilizam ao psicólogo uma possibilidade de um diagnóstico diferencial, adaptativo e prognóstico, entre outros.

Como citam Cunha et al. (1993), o Método de Rorschach pode ser indicado para o diagnóstico da personalidade em diferentes contextos clínicos, para o planejamento do processo terapêutico, para um recurso na seleção profissional, para investigação psicológica na área forense e para traçar elementos prognósticos em qualquer uma dessas situações.

Embora neste estudo tenha sido focado o trabalho clínico, é necessário esclarecer que o instrumento é multifacetado na prática em Psicologia, subsidiando uma série de possibilidades muito maior do que possa ter sido difundido até hoje.

As técnicas de exame psicológico constituem-se em excelente instrumento para coleta de dados em pesquisas e/ou objeto direto de investigação em pesquisas, demonstrando o crescente interesse de profissionais e pesquisadores no desenvolvimento de investigações na área (Jacquemin, 1997).

Dentre outros atributos, o Método de Rorschach é sistematicamente empregado em pesquisas científicas. Seus dados possibilitam importantes perspectivas no desenvolvimento de investigações sobre avaliação psicológica (Weiner, 1986).

Há muito tempo o teste garantiu seu caráter científico, por causa de intensas pesquisas nos mais diferentes níveis, configurando-se como um importante objeto e instrumento para a investigação da personalidade dos indivíduos (Yazigi, 1997).

Pela importância do aspecto simbólico apresentado por um instrumento projetivo, sobretudo quando é realizada uma leitura psicodinâmica dos quadros apresentados (Augras, 1980), as verbalizações dos pacientes podem ser analisadas qualitativamente.

Uma das propostas para a compreensão psicodinâmica das respostas emitidas associa as características perceptivas das respostas a um conjunto de significados simbólicos. Nessa estratégia, é realizada a análise dos simbolismos associados às categorias de codificação formal. É atribuída a cada categoria de codificação (determinantes, conteúdos, entre outras) um significado qualitativo e psicodinâmico que, segundo essa modalidade, geraram inconscientemente a estrutura objetiva da resposta identificada pela codificação. Assim, cada componente objetivo de codificação possui, em si, um significado simbólico e psicodinâmico para a análise psicológica do indivíduo (Holt, 1983; Silva, 1987).

Outra estratégia para a análise qualitativa das verbalizações, centra-se na observação das semelhanças das respostas apresentadas pelos indivíduos, destacando-se os cartões em que estas respostas surgiram. Procede-se uma análise das imagens temáticas destas respostas, fundamentando-se na proposta de Weiner (1998/2000). Quando do surgimento de dúvidas quanto ao material temático apresentado, pode-se recorrer aos exemplos encontrados em outros autores que também se propuseram a realizar esta análise (Lerner, 1991; Schafer, 1954).

Apoiada em uma postura psicodinâmica para buscar um significado simbólico para as verbalizações apresentadas pelos sujeitos submetidos ao Método de Rorschach, a análise qualitativa das respostas possibilita uma compreensão individual dos dinamismos psicológicos apresentados pelos pacientes, permitindo uma análise de seus conteúdos internos de forma particular e contextualizada.

A análise qualitativa mostra-se muito importante nas aplicações clínicas do Método de Rorschach para facilitar a compreensão dos componentes pessoais dos indivíduos.

Nesta reflexão, objetiva-se uma análise dos componentes comuns observados nas imagens temáticas das respostas, fundamentando-se na proposta de Weiner (1998/2000) que propõe que as imagens temáticas referem-se aos componentes psicodinâmicos das respostas, observados nas verbalizações em que, por suas propriedades, há maior carga projetiva.

Em um primeiro momento, podem ser separadas todas as respostas cujo componente projetivo pudesse estar mais presente. A orientação para a seleção das respostas para a análise qualitativa é retirada do que propõem Exner e Sendín (1998/1999) e Weiner (1998/2000), explicitados a seguir.

Os critérios utilizados incluem as respostas com forma distorcida, pois não utilizam os componentes formais e objetivos das manchas e, por isso tendem a apresentar componentes mais pessoais do que as respostas com qualidade formal comum; as respostas com elaboração de movimento de qualquer tipo, visto que o estímulo apresentado é estático e a articulação de cinestésias é própria dos conteúdos dos indivíduos e, por fim, as respostas com superelaborações verbais. Nesses casos, incluem-se componentes verbais que são desencadeados por conteúdos que estão

além do que é apresentado pelas manchas (Exner & Sendín, 1998/1999; Weiner, 1998/2000).

As respostas podem ser separadas por cartão, respeitando-se a proposta de que os estímulos apresentados em cada um dos cartões possuem componentes específicos que desencadeiam respostas, ou seja, cada cartão apresenta uma demanda específica latente de investigação e proporciona a análise de esferas significativas e específicas da personalidade (Chabert, 1997/ 2003; Chabert, 1998/2004; Portuondo, 1973; Vaz, 1997; Weiner, 1998/2000).

Para que haja uma direção clara da análise das respostas, podem ser delineadas categorias de temas e variações para a leitura das verbalizações. A partir das proposições de Lerner (1991) e Schafer (1954), que apresentam um conjunto de categorias que pode ser aplicado na compreensão simbólica das respostas, destacam-se os seguintes itens para a análise qualitativa:

- Orientação anal;
- Orientação de dependência e oralidade;
- Orientação sadomasoquista;
- Orientação autoritária;
- Conflitos de superego;
- Fragilidade geral e resistência;
- Atitude de medo ou rejeição diante da identidade masculina;
- Atitude de medo ou rejeição diante da identidade feminina;
- Atitude de rejeição diante de regras adultas, educacionais e parentais;
- Identidade negativa;
- Narcisismo e sensualidade;
- Aspectos de reprodução;
- Relacionado à idade ou morte; e
- Tom emocional e atmosfera interpessoal.

A partir desses itens, as respostas são analisadas sob o ponto de vista simbólico, permitindo a avaliação dos dinamismos inconscientes que geraram as verbalizações. A proposta assinalada depende da postura teórica de base psicodinâmica, pois compreende as ações do indivíduo (inclusive de emissão das respostas do Rorschach) como fruto do determinismo psíquico.

ILUSTRAÇÃO: O SIMBOLISMO NAS RESPOSTAS DE PACIENTES COM PÂNICO

Em estudo utilizando o Método de Rorschach, Balbi, Iannucci e Italia (1994) descreveram a semelhança observada na estrutura de personalidade de um paciente que apresentou ataques de pânico quando comparado a um indivíduo que sofria ataques de raiva, indicando que ambos os sujeitos tinham fortes vivências de ansiedade de separação, associadas a uma estrutura *borderline* de personalidade, que geravam perda da consciência de si e do contato afetivo com o ambiente.

Na pesquisa clínica realizada, os autores citados pautaram suas conclusões em leituras psicanalíticas obtidas nas respostas do Rorschach. Compararam as análises de dois protocolos, um de um homem com ataques recorrentes de raiva com um de uma mulher com transtorno de pânico e observaram semelhanças na interpretação psicodinâmica das respostas. Indicaram que as verbalizações de ambos os pacientes apresentaram conteúdos de personalidade com estrutura mais primitiva, relacionada a falhas nas primeiras relações objetais, o que levaria esses indivíduos a uma estrutura *borderline* de personalidade. Além disso, puderam observar fortes vivências de ansiedade de separação nos colaboradores; no caso da paciente com pânico, essa ansiedade traduz-se em um medo incontrolável de morrer (Balbi, Iannucci & Itália, 1994).

Em trabalho desenvolvido por Sarvasi (1999), foram investigadas as características das relações objetais estabelecidas por cinco pacientes com pânico; para tanto, foi usado o Método de Rorschach sob dois enfoques: a aplicação segundo o modelo proposto por Klopfer e a atualização dos procedimentos baseados no Rorschach Temático, Pautada em uma leitura das relações objetais, percebeu, a partir da articulação das histórias narradas, que os pacientes apresentaram um funcionamento específico das configurações das relações objetais, como necessidade de apoio da figura materna, gerando uma percepção negativa dessa figura, com base nas vivências de abandono; uso de identificação projetiva como mecanismo de defesa principal; conflito entre autonomia e dependência (Sarvasi, 1999).

Na investigação sobre o uso do Rorschach para avaliação do pânico, realizado com amostra de 30 pacientes, foi realizado um estudo sobre os simbolismos das respostas. As respostas com maior carga projetiva foram separadas e analisadas por

categoria, de acordo com os itens propostos por Lerner (1991) e Schafer (1954), buscando-se observar a existência de um padrão comum nas verbalizações dos pacientes, conforme cada cartão. Após a análise das verbalizações, foi possível verificar que não existe um padrão comum nas respostas apresentadas pelos pacientes com pânico. Várias respostas foram destacadas com conteúdos projetivos e, em alguns casos, foi possível perceber uma uniformidade de temas ou categorias, quando a análise é feita por cada paciente de forma particularizada. Dessa forma, pode-se observar que os componentes projetivos observados no Método de Rorschach dos pacientes com pânico são diretamente relacionados aos conteúdos idiossincráticos desses indivíduos e, por isso, não podem ser analisados de forma coletiva (Castro, 2008).

Embora de grande importância para o estudo particular do dinamismo de cada paciente, podendo clarear os componentes ansiógenos de cada um, os elementos qualitativos e projetivos não fornecem informações seguras para diferenciar o grupo de pacientes com pânico (Castro, 2008).

Apesar de não ser possível uma caracterização simbólica geral dos pacientes com pânico, em análise particular é possível a verificação de importantes componentes simbólicos na compreensão do sofrimento nesse quadro.

Apresenta-se um estudo de caso (Castro, 2010): Trata-se da análise de um protocolo do Método de Rorschach de um paciente do sexo masculino, com 36 anos de idade, ensino fundamental incompleto e nível socioeconômico médio. Quanto ao pânico, relata que a primeira crise surgiu desencadeada em uma situação de discussão com sua mãe pelo fato da televisão e do rádio estarem ligados há muito tempo, diante do fato, sai de casa e tem a primeira crise. Não consegue precisar a frequência das crises antes do tratamento, relatando apenas que foram muitas, cita que as mesmas diminuíram há cerca de dois anos (tempo em que se encontra sob acompanhamento médico e psicológico), e ocorrem quando exposto a sons muito altos, queixa-se de um temor do futuro e da ocorrência de novas crises.

Submetido ao Método de Rorschach, segundo o sistema compreensivo, para participação da pesquisa, seus dados qualitativos foram analisados sob enfoque psicodinâmico, verificando-se os seguintes aspectos:

^ I , 2. Anjo com as asas abertas, falta a cabeça (i), do pescoço para cima, só as asas abertas (i). Pela forma, o formato, como esses desenhos religiosos, embora eu não tenha religião.

- Conflitos de superego: indicando certa dificuldade em articular os valores normativos, principalmente as que possuem relação com as orientações parentais, levando-o a uma dificuldade de adaptação.

II – Rejeição

- Atitude de rejeição diante de regras adultas, educacionais e parentais: mobilização de sentimentos relacionados a dificuldades relativas aos primeiros anos de vida.

- Fragilidade geral e resistência: extrema dificuldade em lidar com conteúdos relacionados à ameaça e perigo, não consegue recursos para articular esses aspectos.

^ III , 3. Nesta eu já vejo, uma figura de duas pessoas pegando um pote, como se fossem afro pegando o pote (i). O formato, as cores, a forma (i). Dois negros, com cabeça comprida, pescoço comprido, carecas pegando o pote (i).

- Tom emocional e atmosfera interpessoal: Vivência fálica nos relacionamentos interpessoais.

^ V , 6. Um morcego, dá forma de um morcego voando com as asas abertas e assimetria.

^ V , 7. Uma borboleta grande que voam à noite, tipo mariposa, tem as asas abertas, grandes, escuras e negras, e a cauda que provem das asas (i).

- Identidade negativa: elementos regressivos e repressivos relacionados à auto-imagem, anseio por liberdade embora associado a um sentimento de fragilidade e fusão.

^ VI , 8. Parece uma pele aberta (i). Porque eu presto muita atenção em detalhes, o couro de animal, eu já vi isso em casas que vendem couro, e é assim, só pela forma (i).

^ VI , 9. A cabeça de um pênis, pelo formato, só a forma é parecida. A publicidade utiliza muita forma disto para vender, tipo sorvete.

- Atitude de medo ou rejeição diante da identidade masculina: frieza diante do masculino e da representação da masculinidade

- Aspectos de reprodução e sexualidade: sentimento ambivalente frente às questões sexuais, ora tendendo a uma aproximação, ora distanciando-se por retirada de catexia positiva.

VII – Rejeição

- Atitude de medo ou rejeição diante da identidade feminina: extrema dificuldade em processar os conteúdos relativos às figuras femininas, principalmente aqueles ligados à figura materna.

^ VIII , 10. Tá colorido! Um navio vindo de frente, pela forma (i) (gesticula e demonstra).

^ VIII , 11. Dois calangos subindo (i), como se estivesse dois lagartos que têm em lugares quentes, subindo (i), cada um de um lado.

^ VIII , 12. Aqui eu vi e em todas as outras pranchas, que no meio tem a ligação e aqui e em todas as outras parece uma vagina, pela abertura, e o fechamento, a forma, as cores não. Parece proposital que parece em todas isso (i).

- Tom emocional e atmosfera interpessoal: Ambivalência frente aos conteúdos de ordem afetiva.

^ IX , 13. Essa é complicada! Parece mais uma aquarela, e a tinta com água escorreu e manchou o desenho, as cores, e as tonalidades de uma aquarela e manchou (i).

- Fragilidade geral e resistência: dificuldade em articular a angústia, prevalecendo uma vivência de conflitos frente a esse aspecto, tensão diante de ansiedade com dificuldade em elaborar esse aspecto.

^ X , 14. (Pausa) Isso tá mais difícil de eu ver alguma coisa. Essa parte azul parece a cintura pélvica, pela forma e o encaixe do esqueleto, do fêmur e do cóccix. Quando menino eu quebrei o cóccix e tive que operar.

- Fragilidade geral e resistência: movimento regressivo diante do processo de avaliação e dos contatos sociais, tendência à defesa, regressão e interiorização diante das demandas sociais do ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Método de Rorschach, como estratégia para investigação da personalidade, constitui-se como um importante recurso de investigação de personalidade. Os componentes quantitativos são de suma importância para estudos psicométricos e de quadros psicopatológicos.

Além disso, há possibilidade de análise qualitativa das respostas, o que subsidia uma interpretação particularizada dos conteúdos dos pacientes. Uma das estratégias qualitativas é pautada em referencial psicodinâmico, a partir da leitura psicanalítica das verbalizações.

Observa-se que o uso dos recursos qualitativos pode ser muito importante para a interpretação clínica do material do Rorschach, enriquecendo e contextualizando as informações obtidas nos outros dados do teste.

REFERÊNCIAS

- Anderson, H.H. & Anderson, G.L. (1978). *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico*. (E. Bennett, trad.). São Paulo: Mestre Jou. (original publicado em 1951).
- Anzieu, D. (1984). *Os métodos projetivos* (4a ed.). (M. L. E. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Campus. (original publicado em 1961).
- Augras, M. (1980). *A dimensão simbólica: O simbolismo nos testes psicológicos* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Balbi, A.; Iannucci, A, & Italia, A. (1994). Attacchi de panico ed attachi di rabbia: separazione, vuoo e frammentazione. *Psichiatria e Psicoterapia Analitica*, 13 (3), 169-178.
- Becker, E. & Trinca, A.M.T. (1984). O pensamento clínico e a integração dos dados no diagnóstico psicológico. In W. Trinca e cols., *Diagnóstico psicológico: A prática clínica*. (pp. 82-94). São Paulo: EPU.
- Bell, J.E. (1992). *Técnicas proyectivas: Exploración de la dinámica de la personalidad*. (G. A. Maci, trad.). Cidade do México: Paidós. (original publicado em 1948).

- Castro, P.F. (2008). *Caracterização da personalidade de pacientes com Transtorno de Pânico por meio do Método de Rorschach: contribuições do sistema compreensivo*. São Paulo, Tese de Doutorado não publicada. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Castro, P.F. (2010). Avaliação psicodinâmica de paciente com transtorno de pânico por meio dos dados qualitativos do Método de Rorschach. *Resumos da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, 40* (CD-ROM). Curitiba: SBP.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. (L.A. Cunha e J. P. Silva, trad.). Lisboa: Climepsi. (original publicado em 1997).
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. (A.J. Lelé e E.M.A.C. Silva, trad.). São Paulo: Vetor Editora. (original publicado em 1998).
- Cunha, J.A.; Minella, D.M.L.; Werlang, B.G. & Carneiro, T.F. (1993). Alguns tipos específicos de avaliação psicológica. In J.A. Cunha e cols., *Psicodiagnóstico-R* (4a ed. rev.). (pp. 101-134). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Exner, J.E. (1994). *El Rorschach: un sistema comprehensivo* (3a ed.). (M. E. Ramírez, trad.). Madrid: Psimática. (original publicado em 1993).
- Exner, J.E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. (L.Y. Massuh, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1998).
- Grassano, E. (1996). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. (L. S. L. P. C. Tardivo, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1977).
- Holt, R.R. (1983). *Il processo primario nel Rorschach e nel materiale tematico*. Roma: Borla.
- Jacquemin, A. (1997). As técnicas de exame psicológico como instrumento na pesquisa e objeto de pesquisa. *Boletim de Psicologia, 47* (107), 57-68.
- Lerner, P.M. (1991). *Psychoanalytic theory and the Rorschach*. New Jersey: The Analytic Press.
- Marques, M.E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Niva, W. (1995). Projective techniques as psychotherapy. *American Journal of Psychotherapy, 49* (2), 244-259.
- Portuondo, A. (1973). *El Rorschach Psicoanalitico*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Potkay, C.R. (1973). *El psicólogo clínico y el Test Rorschach*. Buenos Aires: Eudeba.

- Rorschach, H. (1978). *Psicodiagnóstico* (3a ed.). (M. S. V. Amaral, trad.). São Paulo: Mestre Jou. (original publicado em 1921).
- Sarvasi, M.M.O.C. (1999). *A Técnica de Rorschach na investigação das relações objetais de pacientes com Transtorno de Pânico*. São Bernardo do Campo, Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.
- Schafer, R. (1954). *Psychoanalytic interpretation in Rorschach Testing: Theory and application*. New York: Grune & Stratton.
- Silva, M.D.V. (1987). *Rorschach: Uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU.
- Van Kolck, O.L. (1981). *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. 2o volume - testes de personalidade. Petrópolis: Vozes.
- Vaz, C.E. (1997). *O Rorschach: Teoria e desempenho* (3a ed.). São Paulo: Manole.
- Weiner, I.B. (1986). Conceptual and empirical perspectives on the Rorschach assessment of psychopathology. *Journal of Personality Assessment*, 50 (3), 472-479.
- Weiner, I.B. (2000). *Princípios de Interpretação do Rorschach*. (M. C. V. Silva, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1998).
- Yazigi, L. (1997). O Rorschach: instrumento na pesquisa e objeto de pesquisa. *Boletim de Psicologia*, 47 (107), 73-83.

O MÉTODO DE RORSCHACH NO ENFOQUE JUNGUIANO – A RELAÇÃO ENTRE AS MANCHAS DO RORSCHACH E OS ARQUÉTIPOS

Lídia Rodrigues Schwarz

Psicóloga Clínica

INTRODUÇÃO

Tanto Hermann Rorschach quanto Jung tiveram, cada um a seu modo, uma visão profunda do psiquismo e descobriram aspectos essenciais da natureza humana, para além do enfoque diagnóstico. H. Rorschach e seus discípulos, inicialmente, utilizaram a técnica como um instrumento de investigação, focalizando basicamente a análise quantitativa dos dados, mas com o decorrer das pesquisas, a análise psicodinâmica também passou a ser considerada como essencial para um exame mais amplo e profundo da estrutura da personalidade do indivíduo.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma forma de avaliação qualitativa que possibilite um exame mais abrangente e global da estrutura da personalidade do indivíduo e do funcionamento de seus psicodinamismos, a partir dos pressupostos teóricos da psicologia analítica, mais especificamente, dos arquétipos. Este tipo de análise pode levar a um conhecimento profundo e, ao mesmo tempo, amplo dessas forças, fornecer meios para conhecer as fontes em que emergem os símbolos e dar recursos para compreender o que acontece quando a consciência entra em contato com determinados conteúdos inconscientes.

Sobre a análise simbólica junguiana, a literatura é limitada, mas destacam-se as pesquisas de Squyres & Craddick (1990), que encontraram uma concordância acima do esperado entre as respostas dos participantes para cada prancha e os temas arquetípicos propostos por McCully (1971), e os estudos de Lewis & McCully (1994), que avaliaram a influência arquetípica na percepção dos símbolos e propuseram critérios para avaliar se um determinado simbolismo tem base arquetípica ou não.

Antes de abordar a relação entre as manchas do Rorschach e os arquétipos, apresentarei alguns conceitos básicos da Psicologia Analítica, cujo conhecimento é fundamental para a compreensão da relação acima mencionada.

A PSIQUE

A psique abrange a totalidade de todos os processos psíquicos, tanto os conscientes como os inconscientes, contemplando a superposição e tensão entre os elementos pessoais e coletivos no homem, consistindo numa estrutura voltada para o movimento, crescimento, mudança e transformação, visando a auto-realização.

A estrutura da psique contempla um nível individual – a psique pessoal – e o nível coletivo – a psique objetiva ou coletiva. A psique pessoal abrange o inconsciente pessoal, a consciência, o ego como centro desta e os complexos. Da força egóica depende a qualidade da integração entre os processos inconscientes e conscientes, e a própria integração obtida repercute num maior fortalecimento do próprio ego.

Como já foi mencionado, a psique é composta do inconsciente pessoal, no qual está registrada a história de vida do indivíduo, e do inconsciente coletivo (psique objetiva), no qual está registrada a história da humanidade.

O inconsciente pessoal, segundo Jung (1961/1988, p.354- 355), contém “Tudo o que conheço (...), tudo aquilo de que já tive consciência, mas esqueci, tudo o que foi percebido por meus sentidos e meu espírito consciente não registrou (...). A esses conteúdos se acrescentam as representações ou impressões penosas mais ou menos intencionalmente reprimidas.”

Os complexos também fazem parte do inconsciente pessoal. Jacobi (1976, p.71) lembra que Jung define os complexos como “partes que se separaram da personalidade psíquica, grupos de conteúdos psíquicos que se separaram da consciência e que funcionam de forma autônoma e arbitrária; isto é, que levam uma existência a parte na obscura esfera do inconsciente, de onde, a qualquer momento, podem inibir ou estimular produções conscientes.”

Segundo Jung (1961/1988, p.355), o inconsciente coletivo é constituído por conteúdos universais e “por propriedades que não foram adquiridas individualmente;

foram herdadas assim como os instintos e os impulsos que levam à motivação consciente [...]. Os instintos e os arquétipos constituem, juntos, o inconsciente coletivo”.

O inconsciente coletivo, também denominado de psique objetiva, denota uma dimensão da psique inconsciente que é de um caráter humano geral e que existe independentemente da nossa vontade e intenção subjetivas. Maroni (1998, p. 83) complementa dizendo que, para Jung, o inconsciente coletivo contém as experiências acumuladas inconscientemente, os legados culturais passados e é a partir dele que podemos explicar a “concordância psíquica entre povos e raças separados uns dos outros no espaço e no tempo (...), pois o mesmo mitologema poderia surgir, não importa onde, não importa quando, sem que houvesse a menor possibilidade de qualquer transmissão cultural”. A mente, por meio do cérebro, herda as características que determinam de que maneira uma pessoa reagirá às experiências da vida. Dessa forma, Jung colocou a psique dentro do processo evolutivo, considerando a mente humana como pré-figurada pela evolução.

A respeito do conceito de arquétipo, Jung (1961/1988, p. 352) afirma que este não tem conteúdo determinado, mas apenas é determinado em sua forma, e, mesmo assim em grau limitado. O arquétipo “deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas ideias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente [...]”.

Os arquétipos são elementos estruturais numinosos da psique, são energia psíquica condensada, contém uma dualidade inerente e oposta, têm uma autonomia relativa e um *quantum* de energia suficiente para catalisar os conteúdos do consciente que lhe são interessantes num determinado momento. O arquétipo, como centro energético invisível, é sempre um símbolo em potencial que, quando há uma condição favorável, pode se atualizar e se manifestar através de uma imagem arquetípica, pois nunca é acessível diretamente.

Entre os muitos arquétipos relacionados por Jung pode-se citar: do herói, do salvador, de Deus, do diabo, do bem, do mal, da mãe, do pai, da vida, da morte etc.

Uma diversidade de símbolos pode ser associada a um determinado arquétipo. O arquétipo materno, por exemplo, contempla tanto a mãe real como todas as figuras

maternas, e, como todo arquétipo, contém tanto aspectos positivos como negativos. Os positivos associados ao arquétipo materno incluem o acolhimento, a proteção e a nutrição, enquanto os negativos incluem a condição de uma mãe ameaçadora, dominadora e castradora.

OS SÍMBOLOS

“Assim como uma planta produz flores, assim a psique cria os seus símbolos”
(Jung, 1974, p.64).

O inconsciente se expressa basicamente por meio dos símbolos e os arquétipos, por não serem diretamente acessíveis, manifestam-se por meio de imagens arquetípicas.

A energia vital se apresenta muito concentrada nos símbolos e estes podem aparecer nos diferentes tipos de produções imaginativas, nos sonhos, nas fantasias, nas obras artísticas.

Jung distingue símbolo de sinal, este último indicando uma figura de significado convencional. O símbolo é conceituado como uma máquina transformadora de energia psíquica que tem caráter curativo e restaurador. Como não é possível ter acesso direto aos arquétipos, o símbolo é a ponte através da qual a energia psíquica pode se manifestar. Jung (1964/1974) refere que uma palavra ou uma imagem é simbólica quando representa algo mais que seu significado imediato e óbvio, não podendo ser explicada a partir da lógica cartesiana, mas exigindo uma lógica estritamente simbólica que contemple leis e uma dialética próprias.

Jung (1989), na sua análise sobre as duas formas de pensamento humano, destaca o pensamento lógico, voltado para o real, e o sonho e a fantasia em que predominariam o processo imaginativo e fantasioso. Ambos, destaca o autor, seriam fundamentais para um desenvolvimento psíquico saudável e para a realização da totalidade.

Jung (1964/1974) afirma que no homem primitivo os símbolos faziam parte da sua vida diária e havia uma atenção constante ao próprio mundo simbólico que

influenciava suas atitudes frente a vida. O homem não escolhe simbolizar, ao contrário, a sua capacidade de criar símbolos é inata.

Cassirer (1944) aponta que o homem, em essência, é um ser simbólico e que o processo de pensamento humano possibilita que o universo físico se transforme em universo simbólico. Eliade (1954) lembra que nas sociedades arcaicas o homem primitivo vivia sua vida, ao mesmo tempo, na dimensão humana e na dimensão cósmica e tal conexão possibilitava que ele se sentisse fazendo parte do mundo e este estivesse nele, a relação simbólica servindo de ponte entre o microcosmo e o macrocosmo. Diz ele que “graças ao contato com o simbólico que o homem sai de sua situação particular e se ‘abre’ para o geral e para o universal” (p. 218).

Schwarz (1999) assinala que “O homem moderno, ao perder os valores cosmológicos, deixou também de perceber o significado que as mensagens da natureza, dos cosmos e do próprio corpo emitem. [...] era o contato com os símbolos que possibilitava essa transcendência para uma etapa mais perfeita, mais completa e gerava um sentimento de fazer parte do todo” (p.7).

À capacidade da psique de formar símbolos, Jung chama de função transcendente, função esta altamente complexa que envolve a interligação consciente-inconsciente.

O RORSCHACH E A PRODUÇÃO SIMBÓLICA

Para McCully (1980), estudioso da aplicação da teoria junguiana dos arquétipos ao teste de Rorschach, afirma que, para se compreender os processos psíquicos envolvidos no Rorschach, a análise qualitativa das respostas pode enriquecer a abordagem formal tradicional. Esse autor destaca que toda resposta traz em si a marca das forças psíquicas que influíram em sua formação, daí a importância da análise qualitativa que pode propiciar uma avaliação ampla e ao mesmo tempo profunda dessas forças.

Para McCully, haveria uma correspondência entre as estruturas psíquicas e os perceptos das pranchas e as respostas aos estímulos do Rorschach podem indicar o que acontece quando a consciência entra em contato com determinados conteúdos

inconscientes e nos fornecer meios para conhecer as fontes de onde emergem os símbolos. Além disso, a análise da sequência das mesmas pode nos sinalizar como está se desenvolvendo o processo de individuação do indivíduo.

Os estímulos do Teste de Rorschach, ambíguos e pouco estruturados, contêm características essenciais para provocar a formação dos símbolos. A não-diretividade em relação às respostas faz com que o sujeito as procure dentro de si mesmo, a consciência ocorrendo, portanto, após o surgimento do símbolo. Schwarz (1999, p.9) assinala que “em uma técnica como o Rorschach o que se observa é como o indivíduo interage com as imagens que afloram dentro de si mesmo e como se desenvolve a relação entre seu mundo consciente e inconsciente”. Dessa forma, o símbolo assume o papel de ponte entre esses dois mundos e cada mancha, além dos complexos pessoais, pode mobilizar camadas profundas da psique de âmbito coletivo.

É importante destacar que não é qualquer estímulo que tem capacidade de evocar as raízes coletivas. A maioria deles provoca respostas que revelam forte mobilização de complexos pessoais e atitudes egóicas, o que os torna valiosos, mas limitados, pois expressam que apenas áreas do inconsciente pessoal foram mobilizadas. McCully (1980) alerta, então, para a importância de se discriminar entre as produções decorrentes mais de uma atitude egóica, e aquelas imagens simbólicas fruto da atuação de forças arquetípicas.

Para esse autor, a resposta dada é consequência de um processo criativo e provém da interação de fontes diferentes, tanto conscientes como inconscientes, e a análise de uma determinada imagem simbólica deve levar em conta tanto o estímulo que a eliciou como a psicologia da pessoa

A RELAÇÃO ENTRE AS MANCHAS DO RORSCHACH E OS ARQUÉTIPOS, SEGUNDO MCCULLY.

Para McCully (1980), as manchas variam em sua capacidade de evocar os diferentes aspectos do nosso mundo interior, algumas áreas sendo mais potentes do que outras para estimular fontes coletivas ou fontes pessoais. Segundo esse autor (1980, p.137) “da primeira à última prancha, parece haver alguma ordem na

sequência, que corresponde a estágios do desenvolvimento psicológico do homem”. Embora o poder estimulador das dez pranchas seja complexo, apresento a seguir uma síntese do que cada prancha pode ativar no participante, segundo a teoria de McCully.

A prancha I arquetipicamente nos leva ao mundo matriarcal e pode evidenciar como o indivíduo se relaciona com a condição psicológica matriarcal. A área central especificamente ativa essa energia relacionada às condições de nutrição, de sobrevivência e fecundação características do arquétipo da forma matriarcal do funcionamento feminino.

A prancha II, principalmente a visualização dos animais emparelhados, ativa o mundo arquetípico das forças em oposição, o que se relaciona com a diferenciação do feminino e do poder dos instintos animais. As forças arquetípicas aqui ativadas parecem se relacionar aos estágios iniciais do desenvolvimento individual, ao período em que o homem, frente ao poder matriarcal, buscava se diferenciar e controlar seus instintos. A natureza dessa prancha II envolve a definição da masculinidade entendida como o poder que organiza, que cria, que fecunda, o início da transformação da unidade para a dualidade. Isto, principalmente, quando os estímulos são visualizados em sua qualidade transcendental, representando uma forma de assegurar a continuidade da vida.

A prancha III pode revelar quais fontes arquetípicas, relacionadas ao desenvolvimento da *Persona* e da Sombra, foram ativadas. Espera-se que ela evoque os conteúdos psíquicos pessoais mais socializados e que revele os efeitos da socialização, decorrentes do desenvolvimento de uma relação primal positiva, ou os efeitos de relações iniciais negativas.

A reação a esta prancha pode revelar a camada inconsciente que foi atingida pela estimulação, sendo que, quanto mais as reações do sujeito se afastarem da percepção popular, no caso figuras humanas, mais certeza teremos que forças arquetípicas foram ativadas.

A prancha IV remete ao mundo patriarcal, à paternidade e a todas as suas relações. As qualidades masculinas dessa prancha incluem, basicamente, o sentido da força e do poder que mobilizam o arquétipo da estrutura masculina, e, independentemente do indivíduo ser homem ou mulher, suas reações a essa estimulação revelam como a energia masculina é vivenciada. No homem, apareceria a

forma como ele se projeta em relação à sua estrutura masculina, enquanto na mulher, podem surgir indicações de problemas relacionados à *persona* ou a um complexo, ou ao modo como ela vivencia o lado masculino da vida.

As reações do homem a esse estímulo não refletiriam diretamente a sua identificação como homem, mas sim como a fonte de energia masculina, no seu interior, apresenta-se como fraca ou suficientemente forte para alimentar ou não uma identificação masculina positiva ou negativa. A base psicológica dessa prancha apresenta características relacionadas às heranças masculinas, não apenas no sentido do Logos na estrutura masculina, mas na relação do homem com a sua força bruta, símbolo da autoridade.

A estimulação da prancha V exige do indivíduo uma escolha mais consciente, o que geralmente se revela nas respostas populares, e as reações mais incomuns evidenciariam a eclosão de uma carga relacionada a um complexo pessoal ou a fontes arquetípicas.

A exigência aqui é de que o ego utilize seus recursos para governar a consciência, havendo indicações de que a linha central ativaria fontes arquetípicas ligadas à separação entre consciência e inconsciente. Em termos arquetípicos, o estímulo pode suscitar conteúdos bissexuais, sendo que perturbações na área da sexualidade podem dificultar a diferenciação sexual do percepto visualizado. Mitologicamente, a estimulação teria o potencial também para ativar o princípio arquetípico relacionado à polaridade bem/mal.

A prancha VI tem uma significativa relação com a prancha IV no que diz respeito à psique masculina: enquanto esta última estaria relacionada à estrutura e à energia patriarcal, aquela estaria vinculada ao modo de funcionamento do masculino, podendo também ser associada à autoridade decorrente do poder masculino, à forma como o indivíduo lida com esse poder e à introjeção do papel masculino.

Aspectos relativos à forma como o indivíduo experimenta a sexualidade podem surgir revelando se esta vivência tem um cunho subjetivo ou meramente instintivo. As qualidades bissexuais dessa prancha VI, num homem no caminho da diferenciação, podem gerar reações que refletem o modo de funcionamento e de adaptação à sua masculinidade dominante e feminilidade recessiva.

A prancha VII, tanto na posição correta como invertida, tem contornos femininos evidentes, e mesmo o espaço branco pode suscitar respostas relacionadas a aconchego e proteção, ligados à função nutridora do feminino. Esta prancha tem relação com a condição da mulher de conter aquilo que o homem é em relação a ela e aquilo que a mulher potencializa nele através disso. Esse aspecto “continente” do feminino, estimulado por essa lâmina, refere-se, mais especificamente, aos recursos que a mulher dispõe para desenvolver um relacionamento de parceria e de companheirismo verdadeiro com o homem.

Enquanto a prancha I relaciona-se com o arquétipo matriarcal, na sua qualidade impessoal e calculista de representar a base para a preservação da espécie (incluindo aí tanto o seu aspecto nutridor como destruidor do feminino), a prancha VII mobiliza os aspectos da psique feminina já diferenciados do poder matriarcal, ativando também os valores femininos próprios conquistados através do esforço pessoal, podendo emergir também aspectos associados à falta de relação da mulher com a sua própria essência feminina.

Para McCully, a prancha VIII, bem como a IX e a X revelam níveis mais elevados de diferenciação psicológica; na prancha VIII podendo-se verificar, arquetipicamente falando, o funcionamento adotado pelo indivíduo, a combinação das forças resultantes do intercâmbio masculino-feminino, em todos os planos vivenciais.

As três últimas lâminas possibilitam que o indivíduo revele, ou pelo menos sinalize, as dificuldades que bloquearam seu processo de crescimento psicológico e impediram que passasse para etapas seguintes, podendo-se avaliar se tendências regressivas, caso sejam observadas nas respostas a essas lâminas, estão dentro do esperado num movimento evolutivo, ou não.

A prancha VIII, com a definição de formas e cores fortes que lhe são peculiares, propõe a justaposição dos sentimentos e os instintos e revela como se desenvolve a vida relacional entre os sexos, segundo o princípio de Eros, condição esta que pressupõe recursos psicológicos bem desenvolvidos. O processo de diferenciação sexual, já sinalizado pela prancha II, é retomado nessa prancha focalizando de forma mais acentuada a relação entre os instintos e sentimentos.

As características dos estímulos da prancha IX, bem como a disposição vertical das cores, estimulam informações acerca da energia arquetípica associada a metas,

entendidas como objetivos psicológicos significativos, vitais, não materiais e que fazem parte do processo de individuação.

Na prancha X, o equilíbrio entre a forma e a cor dos perceptos propicia a verificação do funcionamento integrado do indivíduo, sendo possível também observar o seu nível de abertura psíquica para com seus próprios processos internos direcionados à evolução vital.

As qualidades arquetípicas dessa prancha parecem estar associadas à fonte da vida, ao ciclo vital, ao arquétipo do círculo eterno, propiciando uma visão da *persona*, dos complexos pessoais e da força de ego, sendo possível também verificar se há condições favoráveis para uma adaptação para com o lado impessoal da natureza. Por estar relacionada às fontes ou às origens, sua essência é basicamente feminina e tem a ver com a experiência vital e à mãe natureza como fonte arquetípica impessoal, e nesse sentido é uma prancha muito importante tanto para diagnóstico como para prognóstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na visão da Psicologia Analítica o ser humano é em essência um ser simbólico e, portanto, a análise da sua estrutura e funcionamento psíquicos não pode se limitar a um olhar diagnóstico, mas deve possibilitar a exploração de modos mais amplos de pensar sobre como a psique funciona.

A questão mais importante relacionada à ideia de arquétipo de Jung baseia-se no fato deste ser um centro energético que não é acessível diretamente, mas que se manifesta por meio de imagens arquetípicas ou símbolos. A imagem ou o símbolo representa a energia a ela subjacente e, frente às manchas do Rorschach, a energia arquetípica tem a “capacidade” de influenciar a forma e o conteúdo daquilo que é percebido.

Se as respostas frente às manchas contêm símbolos que representam as fontes arquetípicas que os produzem, a análise qualitativa do material pode então, junto com a quantitativa, nos dar condições de compreender de forma mais profunda e abrangente o psiquismo humano.

REFERÊNCIAS

Cassirer, E. (1951). *Antropologia filosófica*. México: Fondo de Cultura Economica.

Eliade, M. (1954). *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil.

Jacoby, J. (1959/1976). *La Psicología de Jung*. Madrid: Espasa-Calpe.

Jung, C. G. (1961/1988). *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
Original publicado em 1961.

Jung, C. G. (1973/1989). *Símbolos da transformação da libido*. Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1974). *El Hombre y sus Símbolos*. Madrid: Aguillar. Original publ. em 1964.

Jung, C.G. (1984). *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes. Original publ. em 1971.

Lewis, C. N. & McCully, R. S. (1994). Archetypally influenced perception and Rorschach symbolism. *British Journal of Projective Psychology*, v. 39, nº1, p.1-9.

Maroni, A. (1998). *Jung – o poeta da alma*. São Paulo: Summus.

McCully, R. S. (1971). *Rorschach: Teoria e simbolismo - uma abordagem junguiana*.
Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1980.

Schwarz, L.R. (1999). *Os arquétipos parentais através do Rorschach-Temático –
Ilustração do Método de Amplificação de Jung*. São Paulo: Vetor.

Squyres, E. M. & Craddick, R. A. (1990). A search for Archetypes in the Rorschach experience. *British Journal of Projective Psychology*, v. 35, nº1.

RORSCHACH, DESENHOS E PSICOTERAPIA: ANÁLISE FENÔMENO-ESTRUTURAL DE UM CASO COM ESQUIZOFRENIA

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jacqueline Santoantonio

Universidade Federal de São Paulo

Marcos Tamaki

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

A análise minuciosa da linguagem no método de Rorschach, a expressão gráfica em desenhos e o vivido em psicoterapia trazem em si as marcas da expressão individual, do modo de ver e tomar contato com o real, de se situar e de se inscrever na existência. Françoise Minkowska mostrava como a linguagem do sujeito no Rorschach, bem como a expressão nos desenhos de crianças epiléticas, é espontânea e pessoal. Em pacientes epiléticos observou características sensoriais, com percepções em movimento e que envolviam as cores, enquanto os esquizofrênicos possuíam características racionais, formais, abstratas, imóveis, sólidas. Minkowska observara que os epiléticos não tinham um tipo de vivência introversivo ou extratensivo, de modo que a ressonância íntima é deixada de lado diante do *vivido* e adota o tipo racional e sensorial. O método de Rorschach, do ponto de vista clínico, evidencia a análise dos mecanismos essenciais da linguagem no estudo do mundo das formas. Esta perspectiva implica um procedimento e não apenas um instrumento de avaliação, mas um produto de uma relação sujeito-sujeito.

Neste estudo de caso buscamos uma compreensão fenomenológica dos delírios que surgiram durante os atendimentos clínicos. Acompanhamos um rapaz de 24 anos, solteiro, nível de escolaridade ensino médio completo, que apresenta significativa produção de pensamentos delirantes durante as sessões psicoterápicas. O objetivo principal é estudar a produção delirante por meio do método fenomenológico-clínico,

o objetivo secundário procura refletir sobre os limites e alcances desses atendimentos em um período de formação do psicólogo clínico.

METODOLOGIA

Estudo de caso de um jovem adulto de 24 anos com diagnóstico de esquizofrenia simples, acompanhado em psicoterapia; o método de Rorschach e a confecção de desenhos foram realizados antes e após o término do acompanhamento psicoterápico.

Utilizamos a análise fenômeno-estrutural para observar a evolução em psicoterapia ao longo do tempo. Este estudo qualitativo busca por meio do método fenomenológico proposto por Husserl (segundo Bello, 2006) dirigir-se à observação das coisas mesmas, livre de pressuposições teóricas para captar a essência dos fenômenos que se apresentam. Dirigimos a atenção para o essencial de uma manifestação singular e universal.

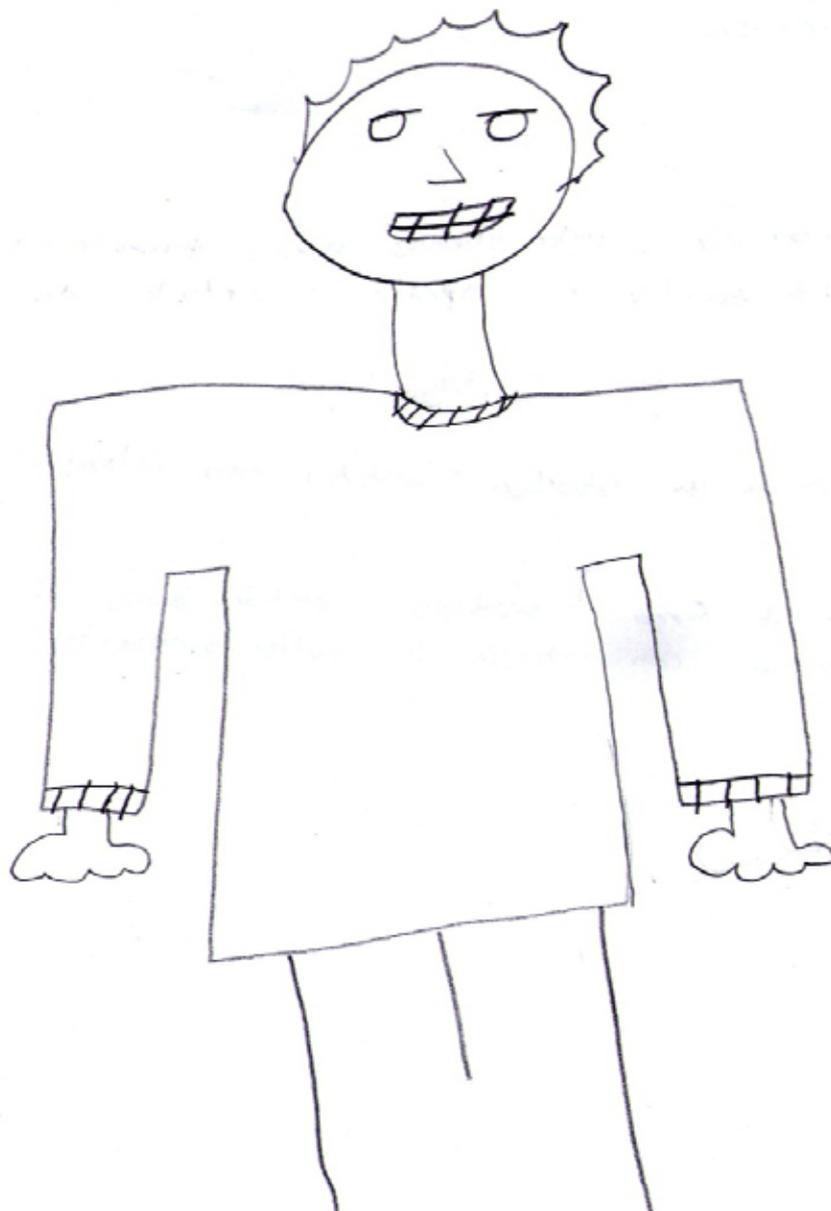
Os procedimentos contaram com revisão das anotações dos atendimentos realizados na clínica-escola da USP. Com respeito às questões éticas, o paciente assinou uma declaração de anuência apresentada na triagem da Clínica Psicológica Durval Marcondes, quando se informou que os dados poderiam vir a ser utilizados para pesquisa, resguardando a identidade do sujeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

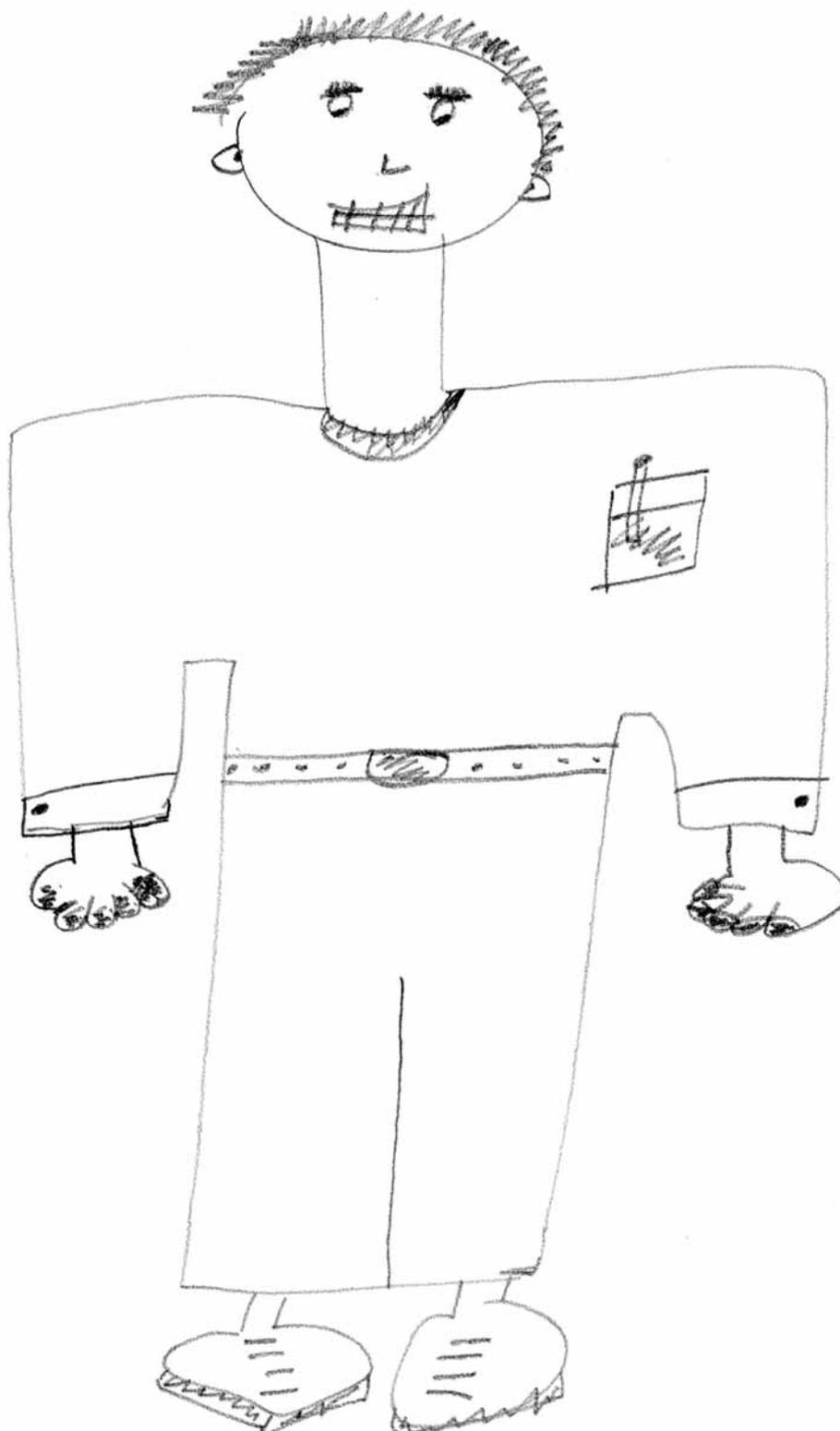
O paciente foi diagnosticado por um médico com esquizofrenia paranóide e atendido em psicoterapia por um aluno do quinto ano da graduação. No início ele apresentou dificuldades ao ser tratado de forma compreensiva. Mostrava manifestações delirantes e comportamentos estranhos e atípicos. Com o passar do tempo ele diminui esses comportamentos, tais como deixar de gesticular em público, realizar solilóquios, conversar com pessoas imaginárias, tocar uma guitarra imaginária, exibir risadas não motivadas. Ele exigiu, em alguns momentos, que a psicoterapia

viesses a atender seus desejos baseados nos seus delírios. Posteriormente ele atenuou significativamente sua onipotência em prol a uma atitude pragmática, coerente com seus limites e possibilidades de progressos.

O paciente expressou delírios durante as 61 sessões de psicoterapia, inclusive após uma entrevista devolutiva do Rorschach. Seus desenhos são formais, com predomínio de figuras humanas com formas geométricas, vivência espacial sem suporte, os objetos flutuam na folha de desenho; o desenho das mãos de uma figura humana se modifica, mostra mais definição após um ano de psicoterapia, porém sempre de modo imaturo e impreciso.



Este primeiro desenho da figura humana masculina mostra traços racionais. Ao observarmos o todo verificamos que a figura humana não tem pés (mecanismo de corte), as mãos são pouco definidas, o tronco tem ângulos retos, o rosto é desprovido de vida, os olhos vazios, o nariz, duas retas; a boca desenhada com traços retos que se cortam. O predomínio da racionalidade é evidente.



O segundo desenho ganha mais detalhes, as mãos são fortemente marcadas nas unhas. Aparecem os pés e os sapatos, cinto, detalhes do bolso na roupa. Os olhos ganham pupilas e o rosto tem orelhas. Bem distinto ao primeiro desenho, que antecedeu a psicoterapia. Tais mudanças são nuances importantes, onde o paciente pode ter uma noção corporal maior.

Psicoterapia

O breve relato que segue é uma tentativa de reproduzir alguns aspectos observados pelo aluno de psicologia. É possível notar a estranheza de tal relato, tal como observado nos encontros com esse rapaz.

O diálogo nos encontros, inicialmente, exigia um vocabulário muito simples e frases curtas por parte do terapeuta.

Contudo ainda se dispersava facilmente, recusava ouvir o que não lhe agradava e, não raramente, ele ria sozinho, fora de contexto; parecia estar vivendo outra realidade por alguns segundos. Ideias trazidas no contexto psicoterapêutico que lhe pareciam afrontar suas "fantasias" davam ensejo a uma "fuga" do tema discutido com o interlocutor.

A forma de seu discurso apresentou maior extensão de ideias e conteúdos de forma menos robotizada ou estereotipada. Ele compreendia algumas palavras além das mais simples. Poder-se-ia afirmar que Franz avaliava um pouco melhor sua relação com a realidade e suas limitações pessoais: após ter tentado duas vezes entrar em uma escola técnica, em São Paulo, decide tentar estudar em uma cidade do interior, pois acreditava que sua chance seria maior, devido a menor nota de corte.

Ele ainda comentava, após ter passado nesse último concurso, que estudar análise de sistemas seria uma experiência a ser avaliada, pois tinha dúvidas se conseguiria dar conta do curso.

O paciente apresentou, no período entre o segundo semestre de 2011 uma capacidade de compreensão maior de sua situação, diferente do início dos atendimentos quando exigia que a psicoterapia lhe possibilitasse alcançar suas expectativas imaginárias, apresentadas pelos seus delírios.

No aspecto corporal ele ainda apresentava alguns comportamentos estranhos

em consulta, nada mudou com o passar do tempo e dos cuidados oferecidos, diminuiu a frequência e passou a sorrir e brincar com seus erros de forma mais social. Em outros momentos, ele imaginava ser admitido em uma empresa importante do setor de informática, tendo um salário bom. No entanto ele retificava sua produção delirante e caía em depreciação: "eu nem passei e estou pensando nisso", "eu nem sei se conseguirei levar".

O embotamento afetivo diminuiu e mostrou condutas mais afetivas, contudo ainda tinha forte pessimismo, negatividade e auto-depreciação. Ele demonstrava estar comprometido com a psicoterapia e tinha esperança em uma melhora de seus sintomas a longo prazo. No primeiro semestre de psicoterapia reclamava que estava demorando em ter "alta".

Em um dado momento afirmou que ele poderia ter se empenhado mais e confessou que não colaborava no seu tratamento psiquiátrico e psicoterapêutico. Deixava de tomar seus remédios e faltava aos encontros. Depois reconheceu que o prejudicado fora ele mesmo.

Apesar das ausências que impossibilitavam uma regularidade nos atendimentos, o paciente deixava a impressão que estava suportando melhor a descontinuidade, diferentemente de semestres anteriores, quando declarava que nos períodos de ausência aumentavam suas "gesticulações" (atitudes bizarras), "pensamentos" (delírios) e solilóquios.

Nas várias vezes que se manteve afastado, por falta de disponibilidade de horário de seu serviço, as ausências de atendimento foram se mostrando mais suportáveis, visto que ele passara a diminuir suas queixas devido a falta de atendimento, quando outrora parecia ser imprescindível conversar com alguém sobre suas dificuldades.

Franz ainda demonstrava estar tendo delírios durante os encontros e fazia esforço para não transparecer que os estava tendo durante nossas conversas. Ele se desligava da conversa, olhava para o infinito, dava pequenas risadas contidas e estranhas sem contexto no diálogo dentro da sala de atendimento.

Quase todas as sinalizações bizarras ainda surgiam esporadicamente, porém mais discretas e atenuadas. Outras manifestações emergiram e depois ficaram mais moderadas (movimentos de ombro e tronco, apenas de um lado ou todo o tronco). O

paciente relatou que tinha parado de gesticular, contudo essa manifestação voltou em alguns poucos relatos.

Apareceram ao longo do acompanhamento a ampliação de emoções, atitudes e comportamento tais como: colocações bem humoradas, indignação, ironia, ansiedade, cansaço, seguidos de embotamento, baixa estima, monotonia e negatividade. Ele chegou a falar uma ou duas palavras de baixo calão e disse estar interessado em buscar uma companhia feminina.

O paciente começara a questionar sobre os sonhos e desejos. Em um breve instante indagou se outras pessoas vivem isso também como ele.

As vésperas dos exames da Faculdade Técnica e do Enem, Franz passou a solicitar encontros adicionais, pois após o atendimento ele entendia que ficava dois ou três dias bem. Com essa tática ele imaginava que iria mais calmo para realizar suas provas.

Em quase todos os encontros ele costumava falar de casos de pessoas que conseguiram sucesso e fatos ligados a personalidades da história. De alguma forma a maioria dos seus relatos era pouco profunda e tinha muita similitude com seus delírios, esses sugeriam projeções e metáforas superficiais de seus desejos de alcançar muito dinheiro, fama e mulheres midiáticas.

Ao ser perguntado se ele gostaria que esse "pensamento" acontecesse para ele logo respondia que sim. Entretanto nunca desenvolvia mais o assunto.

O paciente vivia num estado de baixa-estima, negatividade a cerca de seu futuro e ele apresentava certo aspecto depressivo. Suas dificuldades materiais eram problemas que o deixavam ansioso e tinha a esperança que a realização de um curso superior viria a resolver seus problemas financeiros.

Aos poucos percebeu que não conseguia ter o mesmo desempenho que seus colegas de cursinho, que eram aprovados nos vestibulares e ele mal conseguia pontuar. Antes achava que por ter menosprezado a escola ficara atrasado e ele poderia recuperar logo. Aos poucos desconfiava que ele não pudesse ser brilhante como os cientistas ou empresários. Justificava seus fracassos devido à falta de apoio econômico dos pais e de tempo para poder dedicar-se aos estudos. Percebeu que nem tudo pode e que lhe faltava concentração e raciocínio.

Alguns progressos pareciam surgir por breves instantes, tais como se mostrar

mais social, ter outros repertórios de emoções, como raiva, consternação, esperança, alegria. Fato que pareceu contrastar com os períodos anteriores, marcados por um contato distante e sem cor.

Suas faltas e atrasos diminuíram acentuadamente e a possível interrupção dos atendimentos na USP foram sendo elaboradas pelo paciente: ele tendia a trazer toda responsabilidade para si. Havia para o paciente uma obrigação de ter que se arranjar sozinho, como sempre fizera.

Assim como as ausências de atendimento pareciam ser suportadas, a eventualidade de encerrar deixou de ser algo negativo e ele começara a temer menos o futuro.

No penúltimo encontro Franz não trouxe nenhuma demanda. Preferira agradecer e relatar que se sentia como alguém que teve a sorte de ser atendido e estava satisfeito com os dois anos de atendimento.

O último encontro ele não pareceu tão organizado como no anterior e exibiu comportamentos bizarros, esses pareciam que estavam se extinguindo, mas retornaram em breves gestos estranhos durante o encontro. O encerramento foi algo que o deixou inquieto, ainda que lhe assegurasse que sempre poderia retornar à USP e ser atendido na clínica. No final se despede apertando a mão diversas vezes e demonstrando estar alegre.

1º Rorschach

I ^ .. Eu acho parecido com borboleta né, com uma máscara, também parece hallowing. Inquérito: por causa da volta, ela abre a asa assim; nele todo e esses dois furos acima lembra dois olhos, exatamente, a abóbora, a máscara que usa no hallowing.

II ^...Bom, eu tenho que falar o que lembro né (com o que parece?) parece assim duas pessoas apertando a mão [lien], batendo a mão assim ó (gesto) e eu só me lembro disso. Inquérito: dois rostos, o corpo da pessoa, aqui as duas mãos (apertando a mão) por causa da forma que está, virando como se tivesse batendo as mãos (gesto).

III $\wedge > v \wedge$ Posso ver assim? $> \wedge$ (..) acho que uma coisa assim, duas mulheres tentando *pegar* uma coisa na mesa [lien], me lembra um anfíbio aqui em baixo, eu lembro desses dois. Inquérito: duas mulheres, dois seios, o corpo pela volta como o corpo da mulher (mesa?) como se fosse uma superfície da mesa, um encosto, juntando [lien] aqui; anfíbio, vi do outro lado (v). Uma pata, outra pata, o rosto, os olhos, o corpo (parte monocromática).

IV $\wedge v > \wedge < v$ lembra uma borboleta $> \dots$ v é isso que eu lembro nessa. Inquérito: v Assim, as asas, a cabeça, outra asa aqui, por cima, inteira.

V $\wedge v > \wedge$ Me lembra uma ave de braços abertos. É isso que eu lembro. Inquérito: A cabeça dela, as asas, uma aqui, outra aqui, aqui as patas (braços abertos), assim asas né, aqui uma, aqui outra.

VI $\wedge (\dots) v > \wedge < v \wedge$ É .. essa daqui lembra um machado assim (gesto com a mão esquerda) só lembro disso. Inquérito: v aqui como se fosse o cabo dele e aqui a lâmina (W). Também dá para perceber no meio como se fosse uma pessoa com braço girado, uma pessoa aqui, do outro lado também (adicional).

VII \wedge Dois rostos de duas crianças. v Lembra dois territórios de um país, alguma coisa assim $\wedge > v < \wedge$ É isso que lembro. Inquérito: dois rostos aqui: o rosto, o cabelo levantado, pescoço, aqui outro pescoço. v Aqui ó (W) como se fosse quase uma ilha né, terreno, baía, porque o terreno nunca é quadrado, fica torto.

VIII $\wedge > \wedge v \dots$ Lembra um animal, dois animais estão subindo num terreno [lien], é isso. Inquérito: v Esse rosa (usa a cor para localizar) uma pata aqui, outra aqui, aqui, aqui e aqui a cabeça. (v \wedge) Dos dois jeitos, terreno aqui (?). É assim eu observo que é mais parecido, é isso, porque não observei nada, mais é o que mais se parece.

IX $\wedge < v > \wedge v > \wedge$ Nossa, essa daqui...parece uma caveira sabe, é isso que eu lembro. Inquérito: dois furos do nariz, aqui como se fosse a cabeça da caveira, aqui

dois olhos.

X ^ < v > ^ > v Lembra um rosto, os olhos, sobrancelhas, é isso que eu lembro dessa aqui. Inquérito: V 2 olhos, aqui a sobrancelha aqui a face de um rosto aqui (...).

2º Rorschach (um ano depois)

I ^ .. Acho parecido com borboleta. Inquérito: por causa da volta, ela abre a asa assim, com uma máscara também parece lembra hallowing. Inquérito: nele todo e esses dois furos, lembra dois olhos

II ^... Bom, parece dois pingüins e duas pessoas batendo a mão [lien]. Inquérito: dois pingüins, um de frente ao outro, (pessoas) a mesma idéia.

III ^ > v ^ v lembra uma radiografia de um bicho, um sapo. Inquérito: aponta a cabeça , olhos, mãos.

IV ^ > v ^ lembra uma borboleta vagamente (v) Inquérito: como se estivesse voando, visto de cima. Isso que vem na minha cabeça.

V ^ > v ^ uma ave abrindo as asas, (v) imagem de costas. Inquérito: garça voando; uma pessoa.

VI ^ > v ^ v lembra a pele de um animal. Inquérito: retirou a pele de um animal [*coupure*]

VII ^ > v ^ v me lembra vagamente as patas de um bicho, o corpo, as patas Inquérito: está vendo de cima, um sapo, uma rã, pode ser um mapa: os países (aponta os países), o Atlântico...territórios.

VIII $\hat{v} > v \hat{v}$ uma máscara, um rosto feito por uma criança, me lembra os olhos, o rosto, o protetor de orelha. Inquérito: uma máscara de uma pessoa que vai para a luta, coisa do tipo.

IX $\hat{v} > v \hat{v}$ uma máscara, cabelo, crânio, protetor da boca, lembra vagamente isso. Inquérito: mostra as localizações do cabelo, calvice, protetor de bochecha e protetor de boca.

X $\hat{v} > v \hat{v}$ então me lembra algo assim: (v) os olhos, a sobrancelha, a bochecha da pessoa, unindo [*lien*] nas duas partes (aponta trecho azul unindo porções vermelhas). Me lembra isso. Inquérito: (aponta descrevendo as localizações e também indica o que não faz parte, coisas que não lhe sugeriram nada) não veio nada na cabeça.

Não apresentaremos uma análise aprofundada da linguagem nesse trabalho, mas chamamos a atenção para a economia de palavras e a racionalidade de suas respostas, excesso de respostas formais, principalmente a ausência de cores como determinantes, o que indica uma deficiência afetiva estrutural.

No entanto, um aspecto positivo aparece nas visões em imagens em movimento e em alguns mecanismos de ligação (*lien*), fatores sensoriais. Apresenta elementos desvitalizados: caveira, radiografia.

Esses resultados preliminares mostram que mesmo na esquizofrenia há possibilidades de encontrarmos fatores sensoriais, mas predomina a racionalidade em sua personalidade.

CONCLUSÕES PARCIAIS

A produção delirante aparece em vários momentos do seu cotidiano. O paciente reconhece que tem delírios, no entanto admite que não consiga abandoná-los, "como se fosse um vício". Com o método fenomenológico procuramos elucidar o sentido do delírio, do ponto de vista universal e singular. Para Franz, os delírios

aparecem como tentativas de lidar com a dura realidade na qual vive, se realiza com suas produções imaginárias.

A perspectiva fenomenológica retira o sujeito de um lugar visto como anormal, mas se dirige ao seu modo de ser, mesmo que estranho, mas semelhante a nós em seus aspectos humanos. A fenomenologia busca a essência do ser humano (redução eidética) e em seguida procura conhecer e compreender qual é o sentido (redução transcendental) da existência humana (Bello, 2006).

O atendimento de um paciente com essas dificuldades é difícil e requer cuidados, no entanto é bastante significativo ao aprendizado da formação clínica do aluno quinto anista.

O Rorschach e os desenhos mostram o predomínio da racionalidade, sem presença do fator afetivo da cor, mas com possibilidades reveladas pelas imagens em movimento e mecanismos de ligação, corroborando os achados de Minkowska quanto a uma dificuldade afetiva, que neste caso preserva potencialidades.

As evoluções foram percebidas em pequenas nuances e certas mudanças em sua vida apontam para algumas mudanças significativas para a vida do paciente. Observamos a pertinência das validações cruzadas entre as informações advindas do Rorschach, dos desenhos e da psicoterapia, em uma compreensão fenômeno-estrutural. Como afirmava Eugène Minkowski (1965), o diagnóstico se torna mais preciso durante o tratamento psicoterápico, nunca antes. As hipóteses aparecem ao longo do tempo, na experiência vivida. O paciente solicitou alta da psicoterapia devido a ter conseguido um de seus objetivos na vida, o de iniciar um curso técnico após várias tentativas que culminavam em reprovações.

REFERÊNCIAS

- Bello, A. A.(2006). *Introdução à Fenomenologia*. Bauru, SP: EDUSC.
- Bello, A. A.(2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC.
- Minkowska, F. (1978). *Le Rorschach. A la recherche du monde des formes*. France: Desclée de Brouwer. (Originalmente publicado em 1956).
- Minkowski, E. (1965). Recueil d'articles 1923-1965. In: Eugène Minkowski et Zéna Helman (Orgs.). *Cahiers du groupe Françoise Minkowska*. n°15.

ESTUDO SOBRE OS CONTEÚDOS DAS RESPOSTAS DO RORSCHACH OBSERVADAS EM PACIENTES COM TRANSTORNO DE PÂNICO⁵

Paulo Francisco de Castro

Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté

Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos

INTRODUÇÃO

Muito se discute a respeito dos transtornos de pânico, seus sintomas e diagnóstico, mas em certos casos, é de opinião comum que existe dificuldade para se chegar a uma conclusão precisa, em razão da grande variedade dos sintomas e de sua intensidade. Quando se trata de transtorno de pânico, não se pode deixar de citar certa dificuldade diagnóstica e nos relatos de casos (Gentil, 1997a) pode-se verificar que se trata de um quadro em que profissionais tendem a cometer enganos diagnósticos, quer por desconhecimento do conjunto de sintomas, uma vez que o desencadeamento de ataques de pânico envolve mecanismos patológicos complexos, integrando diferentes estruturas biológicas e funcionamentos cognitivos (Ramos, 1995), quer por desconsiderar a gravidade do quadro.

A angústia e o estresse desencadeados pela dificuldade em se estabelecer, rapidamente um diagnóstico, agravam o quadro de pânico, fazendo com que este se intensifique e, conseqüentemente, dificulte seu tratamento (Troiano, 2001).

Em termos genéricos, o transtorno de pânico pode ser caracterizado pela incidência recorrente de ataques de pânico, em razão de uma crise aguda de ansiedade, cujo indivíduo vive um mal-estar e sensação iminente de perigo e/ou morte (Gentil, 1997b ; Vieira, 1997).

Para Arbona e Arnal (1995), o transtorno de pânico constitui-se, a partir da década de 1980, como uma importante patologia para investigações por se tratar de um grande problema de saúde pública nas sociedades industrializadas. Os autores

⁵ O presente texto é parte modificada da Tese de Doutorado “Caracterização da personalidade de pacientes com Transtorno de Pânico por meio do Método de Rorschach: contribuições do sistema compreensivo”, defendida pelo autor junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Eda Marconi Custódio.

esclarecem que em razão de sua grande incidência, várias pesquisas preocuparam-se em refletir sobre a etiologia e o tratamento mais adequado nestes quadros, questionando modelos teóricos provenientes tanto da Psiquiatria como da Psicologia como dos estudos sobre ansiedade e seus distúrbios.

O nascimento marca o início das vivências de ansiedade, caracterizadas, nesse momento inicial de vida, por fome, sede e desconfortos. Essas ansiedades primitivas poderão preparar o indivíduo para a organização adequada da ansiedade comum que a vida proporcionará futuramente. Assim, a ansiedade, como patologia, não é uma questão de qualidade, mas sim de quantidade (Grünspun, 1990).

A ansiedade é considerada como uma emoção normal e universal do ser humano, que surge quando o indivíduo antecipa uma situação nova, desconhecida e desafiante ou quando há uma vivência de ameaça ou de perigo. Neste sentido, pode ser considerada como uma emoção benéfica, responsável pela preservação da integridade do ser, preparando-o para o enfrentamento da situação de perigo. Mas como qualquer aspecto emocional, pode apresentar variações patológicas (Gentil Filho, Lotufo Neto & Maciel, 1995).

Segundo Piotrowski (1974), a ansiedade é um sentimento negativo sem relação direta com a realidade externa, é sempre uma desvantagem para o indivíduo, pois psicologicamente o mutila, fazendo-o sentir um sentimento de extremo desconforto, sem qualquer explicação real ou lógica. É um sentimento amorfo e sem direção objetual. A razão da ansiedade escapa à avaliação, observação e compreensão de outros sujeitos, que não conseguem compreender os motivos pelos quais acontece uma situação ansiosa e acham difícil estimar a intensidade da ansiedade alheia.

Na compreensão dos conceitos de medo e ansiedade, Piotrowski (1974) relata que o medo e a ansiedade são emoções negativas no sentido em que ambas são desejos de dissociação de si, para evitar ou terminar com uma dor imaginária ou real. Percebe o medo como uma inquietação e um desejo de esquivar-se de uma dor mental e/ou física clara e bem definida, resultado de uma vivência particular da realidade objetiva.

Conforme o autor, esses medos podem ser racionais e bem fundamentados e, também, podem ser irracionais ou ilusórios, baseados em uma má avaliação da realidade, porém, de qualquer forma, a realidade é sempre o ponto de referência para

a sensação de medo. Por outro lado, o foco da ansiedade é a mente do indivíduo, a ansiedade não tem referência à realidade externa e objetiva, é pura subjetividade. É uma emoção vaga e sem objeto, possui um conteúdo ilógico, sem considerar a realidade externa. Sujeitos ansiosos não podem dirigir seu sentimento a nenhum objeto (quer em si mesmo ou em outra pessoa) por causa de sua angústia, que é notadamente interna, e existe independente das relações estabelecidas com os objetos internos ou externos.

O medo é outro aspecto importante. Caso o indivíduo possua uma estrutura psicológica organizada e equilibrada, pode ser controlado e direcionado de forma positiva. Nessa situação, é essencial para a sobrevivência e, particularmente, útil para uma vida produtiva, intensa e completa (Piotrowski, 1974).

Nesse mesmo sentido, Paul (1998) explica que existem dois quadros relacionados diretamente às vivências de ansiedade: o medo e o pânico. A diferença geral encontra-se na intensidade da experiência do sentimento, mas as diferenças são mais marcantes e claras em termos descritivos. Há necessidade de distinção entre medo e pânico para melhor caracterização do quadro e definição do termo.

Segundo o autor, aparentemente, trata-se de uma questão de intensidade, porém o pânico possui sintomas e desdobramentos muito mais significativos do que a vivência de um medo em maiores proporções, pois é um sentimento que surge diante de um determinado objeto, sendo assim estados de medo têm uma relação direta com algum objeto identificado de modo claro pelo indivíduo, com contorno e identidade. Por outro lado, o pânico, além de mais intenso, não se relaciona diretamente a um objeto específico, é a vivência aguda de ansiedade, sem a clareza de objeto observada em estados de medo.

A ansiedade é considerada patológica quando é muito intensa, desproporcional ao estímulo desencadeador ou quando surge sem que haja um motivo aparente para sua vivência. Quando isso ocorre, é sempre acompanhada por sintomas físicos, sobretudo os desencadeados pelo sistema nervoso autônomo, comprometendo o bem-estar do indivíduo (Gentil Filho, Lotufo Neto & Maciel, 1995). Dependendo de seus desdobramentos e intensidade, um distúrbio de ansiedade pode causar desde um desconforto social (Schrof, Schultz, Koerner & Svetcov, 1999) até o desenvolvimento de fobias gerais ou específicas (Tice, 1990).

Na maior parte dos casos de transtornos de ansiedade, pode haver também um comprometimento cognitivo, afetando funções psíquicas de forma mais intensa: a linguagem pode ser alterada por taquilalia ou gagueira; a memória pode ser afetada, diminuindo-se a capacidade de retenção de informações a curto ou a médio prazos e a concentração dos pacientes pode ser diminuída. Nesses casos, estas alterações levam o paciente a ter dificuldades que podem afetar sua rotina pessoal e profissional (Hindmarch, 1998; Taylor & Woody, 1997).

Conforme expõem Arbona e Arnal (1995), o termo 'pânico' foi introduzido, pela primeira vez, em 1962 por Klein e Fink⁶, quando os autores substituíram a terminologia ataques de ansiedade por ataques de pânico, reforçando as diferenças entre as crises de ansiedade e a vivência de ansiedade do tipo antecipatória no que se refere à sua etiopatogenia.

Como entidade nosológica, o transtorno de pânico atravessou um desenvolvimento como pode ser observado pelo aprimoramento das descrições das patologias nas diferentes versões do DSM.

Durante muitos anos, os ataques de pânico foram classificados baseados na nomenclatura freudiana de neurose de ansiedade. Esta configuração foi mantida até a edição do DSM-II de 1968. Apenas no DSM-III, datado de 1980, o termo pânico surge como descritor nosológico, mas só associado à agorafobia, sendo esta o quadro principal. Em 1987, na edição do DSM-III-R, surge a denominação de transtorno de pânico sem agorafobia, colocando, agora, o pânico como quadro principal. Foi apenas no DSM-IV, publicado em 1994, que o transtorno de pânico foi classificado como quadro principal e isolado de outros sintomas associados a quadros de ansiedade (Arbona & Arnal, 1995).

Avanços significativos na compreensão psicanalítica sobre o Transtorno de Pânico foram observados, fazendo com que fosse reconhecida como uma importante abordagem teórica para o tratamento desse quadro (Minerbo, 2003).

Em termos psicanalíticos, o transtorno do pânico é considerado um distúrbio de ansiedade, visto ser um dos afetos mais importantes no desenvolvimento dos conceitos da psicanálise e da teoria psicodinâmica. Embora o pânico apresente

⁶ Referência original: Klein, D.F.; Flink, M. (1962). Psychiatric reaction patterns to imipramine. *American Journal of Psychiatry*, 2, 14-17.

sintomas nitidamente físicos, e a maior parte do tratamento envolva psicoterapia e farmacoterapia, a melhora dos pacientes sofre grande interferência de fatores transferenciais. Nestes casos, observa-se uma significativa melhora quando o placebo é administrado, evidenciando que o processo psicoterápico exerce grande importância na melhora do quadro (Gabbard, 1994/1998). Nesse sentido, aspectos psicodinâmicos têm grande relevância no contexto do desenvolvimento dos quadros de pânico.

Gabbard (1994/1998) explica que os pacientes com Transtorno de Pânico apresentam históricos psicodinâmicos de dificuldade para lidar com perdas, sobretudo de figuras representativas de sua infância e, por isso, desenvolvem uma atitude transferencial do tipo paternal com o terapeuta.

De certa forma, essa perda é significativa e revivenciada por um fator estressante cotidiano, o que, segundo uma visão psicodinâmica, levaria ao surgimento da primeira crise de pânico. Indivíduos sem dificuldade em lidar com perdas, conforme foi descrita, podem atravessar situações igualmente estressantes, vivenciando-as com uma intensidade de ansiedade normal, sem o desenvolvimento de nenhum quadro psicopatológico (Gabbard, 1994/1998).

Trinca (1997) tece uma relação entre fobia e pânico, considerando o pânico a consequência de um estado fóbico, no qual o paciente não teve as condições psíquicas necessárias para sua organização. Para essa relação, utiliza interessantes associações do quadro com o conceito metafórico de buraco negro, no qual, durante o processo de desenvolvimento emocional, o psiquismo organiza-se pautado em uma vivência de solidão e desamparo que culmina com temores e pânico.

O pânico aparece comumente quando o rompimento da relação 'eu-comigo' alcança consideráveis proporções. É um ponto culminante de perda de relações significativas estruturantes, quando os vínculos com o centro de sustentação interna se acham muito enfraquecidos, desvitalizados ou suprimidos. Corresponde a momentos de incomunicabilidade da pessoa com ela mesma, sentidos como avassaladores e indefensáveis. São também momentos máximos da angústia de dissipação do self (Trinca, 1997, p.34).

As propostas de compreensão e de leitura psicanalítica são apontadas como uma importante estratégia diagnóstica e de atendimento para pacientes com síndrome do pânico. Schwartzman (1997) aborda o tema da prática psicanalítica para o

tratamento de pânico, associando-o à neurose de angústia, estabelecendo uma grande importância no sentido diagnóstico e terapêutico para a vivência da primeira crise, associando o quadro às relações estabelecidas com as figuras parentais. Traça uma relação entre pânico e distúrbios psicossomáticos, por causa dos sintomas do pânico manifestarem-se no âmbito corporal e justifica a psicanálise, como importante recurso teórico por trabalhar diretamente no trânsito psiquismo-corpo.

Conforme relata Schwartzman (1997), os detalhes vividos na primeira crise ficam gravados na memória do paciente e são um marco do funcionamento dos indivíduos com o pânico, levando-os, inclusive, a desenvolver uma fobia secundária originada do temor de uma nova crise.

OBJETIVO

O presente texto objetiva discutir os resultados referentes à análise dos conteúdos das respostas verbalizadas por pacientes com Transtorno de Pânico.

MÉTODO

Sobre o conteúdo das respostas no Rorschach

O conteúdo da resposta se relaciona a o que viu o sujeito. Ao respondermos esta questão, estabelecemos a categoria de conteúdo empregado pelo probando. A interpretação adequada desse aspecto pode ser de extrema importância para a análise da resposta, em um primeiro momento, e posteriormente do próprio protocolo (Adrados, 1991). Percebe-se que as informações trazidas pelo conteúdo da resposta estão relacionados a aspectos psicodinâmicos dos sujeitos e dignas de especial atenção por parte dos psicólogos. Normalmente são deixadas a segundo termo, pois se prioriza a análise das determinantes. Tal comportamento pode prejudicar sobremaneira a interpretação dos dados do protocolo.

Costa (2007) enfatiza que na classificação das respostas do Rorschach, o conteúdo refere-se à verbalização dos objetos que o sujeito vê nas manchas, fruto de

sua inteligência e grau de cultura. Cada sistema de classificação possui um conjunto de categorias de conteúdo, com diferentes tipos de sistematização e categorias.

Pérez (1995) explica que o conteúdo é a parte da resposta que mais aspectos projetivos possui, pois, devido a ambiguidade das manchas, a resposta projetada, ou seja, o que o probando vê, carrega maior parte de seu material projetado, e conseqüentemente suas características de personalidade.

A análise das categorias de conteúdo podem ser realizadas em termos quantitativos e qualitativos. Embora a análise e interpretação quantitativas do conteúdo parece não ter evoluído tanto quanto as de determinantes (Vaz, 1997), pode fornecer informação acerca da estrutura de personalidade dos avaliandos, e suas relações com as pranchas e determinantes, segundo critérios de interpretação descritos posteriormente. Ainda quantitativamente, a avaliação das categorias empregadas pelo sujeito servem para medir grau de amplitude, oferecendo dados sobre o rol de interesses dos sujeitos (Klopfer & Davidson, 1962/1977). Em termos qualitativos, existe um crescente interesse pelos psicólogos em estabelecer pesquisas e critérios de interpretação sobre o alto valor interpretativo do conteúdo (Vaz, 1997), e também se observa, na prática com o instrumento, que a análise simbólica dos conteúdos fornece dados importantes sobre aspectos psicodinâmicos da personalidade dos sujeitos.

Colaboradores

Participaram da pesquisa um total de 60 pessoas, divididas em dois grupos homogêneos e equivalentes para o estudo da personalidade dos pacientes com pânico.

Para compor o Grupo de Pacientes (Grupo I), fizeram parte da amostra 30 sujeitos, sendo 15 do sexo feminino (identificados como PF) e 15 do sexo masculino (identificados como PM), todos com diagnóstico de transtorno de pânico sem comorbidade, inscritos em programas existentes em um Ambulatório de Saúde Mental de uma cidade da Grande São Paulo, para o atendimento dessa patologia. Estavam sob tratamento farmacológico e psicoterápico.

Para compor o Grupo de Não pacientes (Grupo II) 30 sujeitos foram analisados, sem qualquer tipo de queixa, com idade, nível de escolaridade e nível socioeconômico

equivalentes aos obtidos no Grupo I, divididos em 15 do sexo feminino (identificados como CF) e 15 do sexo masculino (identificados como CM).

Procedimentos para a Coleta de Dados

Após as explicações necessárias e diante do aceite dos colaboradores, foi realizado o preenchimento de um questionário dirigido sobre os dados gerais e o levantamento de sintomas, bem como a aplicação do Método de Rorschach, de acordo com a disponibilidade de cada um dos colaboradores. A maior parte dos pacientes agendou as atividades para um dia em que tinha alguma atividade no Ambulatório.

A aplicação do Método de Rorschach seguiu, rigorosamente, todas as especificações técnicas propostas pelo sistema compreensivo (Exner, 1993/1994, 1995, 1995/1999).

Para fazer parte da pesquisa, os participantes do Grupo II foram submetidos individualmente ao Questionário de Saúde Geral - QSG (Goldberg, 1972/1996) para verificação das características psicológicas gerais, garantindo-se que estes não possuíam nenhum quadro de sofrimento psicológico, quer leve ou severo.

Segundo Cunha (2000), o QSG foi delineado para avaliar a gravidade do estado psicopatológico sem características psicóticas em indivíduos para efeito de triagem. Como foi necessário garantir que os participantes do Grupo II (não pacientes) apresentassem um estado psicológico saudável, o QSG mostrou-se como uma estratégia eficaz para a seleção dos indivíduos.

RESULTADOS

Na presente apresentação, todas as descrições dos índices e seus respectivos significados interpretativos apresentados foram baseados nos manuais técnicos sobre o Método de Rorschach, segundo o sistema compreensivo (Exner, 1993/1994, 1995/1999; Exner & Sendín, 1998/1999; Nascimento, 2010). Todos os valores de referência para análise foram pautados nos dados normativos para a população brasileira, descritos por Nascimento (2010).

Como o foco do presente trabalho centrou-se nos conteúdos emitidos pelos pacientes com pânico, serão expostos os dados referentes aos índices que articulam dados de conteúdo, como segue. Inicialmente serão expostos os dados com diferenças estatisticamente significativas entre os grupos pesquisados. Na comparação entre pacientes e não pacientes, obteve-se diferença em dois índices ligados ao conteúdo das respostas: a proporção GHR : PHR e no movimento cooperativo COP.

As respostas com representação humana podem ser avaliadas e comparadas. É possível comparar elaborações humanas de qualidade (GHR) com representações humanas pobres e de má qualidade (PHR), estabelecendo uma proporção entre elas GHR : PHR.

Tabela 1.: Comparação GHR : PHR nos quatro grupos

Proporção	Predomínio		Predomínio		Valores		Sig
	GHR		PHR		Iguais		
	N	%	N	%	N	%	
PF	5	33,33	7	46,67	3	20,00	p = 0,011
PM	3	20,00	8	53,33	4	26,67	
CF	8	53,33	5	33,33	2	13,33	
CM	13	86,67	1	6,67	1	6,67	

No estudo da proporção GHR : PHR dos colaboradores, pelos dados da Tabela 21, após a aplicação do teste Exato de Fisher, obteve-se $p = 0,011$, houve uma diferença significativa na prevalência de uma das duas formas de processar a representação humana. Nos dados dos pacientes, houve predomínio em PHR em 46,67% (N=7) das mulheres e 53,33% (N=8) dos homens, expressando que os pacientes com pânico têm dificuldade de adaptação nas relações sociais, mostrando certa inaptidão no estabelecimento e manutenção das relações sociais. Entretanto, os dados do grupo-controle indicaram o contrário, prevalência de GHR em 53,33% (N=8) das mulheres e 86,67% (N=13) dos homens, revelando capacidade em estabelecer e manter contatos sociais de forma efetiva e consistente.

Os valores obtidos na avaliação de Exner e Erdberg (2005) foram 3:3, indicando que o sujeito submetido ao teste não possuía um estilo definido quanto ao contato

social. Apesar dos valores não serem adaptados, nesse caso, recursos de formação podem ter interferido positivamente na articulação dos contatos sociais. MacFadden (1994) expôs que as pacientes que estudou, apresentaram dificuldade para perceber seu papel quando inseridas em um contexto social qualquer, ou seja, sentiam dificuldade para concretizar relações sociais com qualidade, o que impedia trocas sociais mais efetivas.

Além disso, estudos sobre as relações objetais estabelecidas por pacientes com pânico indicaram a presença de vínculos frágeis e inseguros, evitando o estabelecimento de relações mais próximas, o que acarreta contatos sociais superficiais e pouco consistentes. A dificuldade em estabelecer e manter bons contatos sociais pode levar esses indivíduos a uma conduta de retraimento afetivo-social (Echávarri et al., 1994; Sarvassi, 1999).

As emissões das respostas de movimento podem possuir escores especiais, de acordo com as propriedades narradas pelos sujeitos. Uma delas é a ocorrência de movimento cooperativo (índice COP), identificado por respostas com qualquer tipo de movimento (humano, animal ou inanimado) em que se estabelece uma clara relação interativa e cooperativa entre dois ou mais componentes da resposta. Avalia a capacidade para estabelecer vínculos positivos, nos quais há um predomínio de amabilidade e acolhimento. Sua presença é bastante positiva e pode ser incluída como um dos indicadores de bom prognóstico em diversas situações.

Tabela 2.: Valores de COP apresentados nos quatro grupos

COP	Média	D.P.	Min	Mediana	Máx	Sig
PF	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	p = 0,006
PM	0,20	0,56	0,00	0,00	2,00	
CF	0,33	0,49	0,00	0,00	1,00	
CM	0,67	0,72	0,00	1,00	2,00	

De acordo com o que está exposto na Tabela 2, observa-se que as médias de COP nos grupos foram 0,00 aos pacientes femininos, 0,20 aos pacientes masculinos, 0,33 aos não pacientes femininos e 0,67 aos não pacientes masculinos. Após a aplicação dos testes de Kruskal-Wallis e *pos-hoc* de Dunn, foi obtido p = 0,006,

indicando uma diferença significativa entre os grupos, e os pacientes com pânico revelaram escores menores. Os dados brasileiros apontam média de COP em 0,63 e desvio-padrão em 0,94, compatíveis com os dados do grupo controle, mas acima dos dados apresentados pelos pacientes com pânico.

Os dados normativos brasileiros apontam COP com média em 0,69 e desvio padrão 0,91 (Nascimento, 2010). Pode-se afirmar que a baixa incidência de COP caracterizou a amostra de pacientes com pânico, revelando dificuldades para estabelecer vínculos positivos e construtivos com outros indivíduos, o que prejudica suas relações interpessoais. Aspectos ligados à dificuldade de relacionamento também foram observados nas pesquisas sobre relações objetais (Echávarri et al., 1994; Sarvassi, 1999), revelando pobreza nos contatos interpessoais e certo retraimento nas relações humanas. Por outro lado, dados de avaliação com jovem com pânico de Exner e Erdberg (2005) apresentam COP = 2, valor acima do observado na amostra da presente investigação.

Os demais dados relacionados aos conteúdos das respostas e seus índices não apresentaram diferenças significativas e não diferiram os grupos estudados, são eles:

Tabela 3.: Comparação dos índices de conteúdo nos quatro grupos

Índices	PF		PM		CF		CM		p
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	
Intelectualização	0,93	1,58	1,00	1,56	0,60	0,74	1,13	1,13	0,653
Isolamento	0,22	0,14	0,21	0,14	0,18	0,16	0,16	0,13	0,652
Auto Imagem	2,40	2,90	1,07	1,71	0,87	1,06	1,27	1,62	0,306

Os dados da Tabela 3 indicam que não há diferença na comparação dos índices de conteúdo nos quatro grupos.

O índice de intelectualização é obtido a partir do cálculo $2AB + Art + Ay$, sendo AB o código especial de conteúdo abstrato, Art - conteúdo arte e Ay - conteúdo de antropologia. Nascimento (2010) assinala que as normas brasileiras possuem o índice de intelectualização com média de 1,90 e desvio padrão 2,68. Assim, observa-se que os valores dos grupos correspondem aos dados esperados para os brasileiros. Entretanto, na avaliação de Exner e Erdberg (2005), o valor do índice foi Intelec = 4, elevado para

os padrões brasileiros e também para os dados dos pacientes que compuseram a presente pesquisa. O índice de intelectualização, quando acima do esperado, avalia a utilização de recursos intelectuais como estratégia de defesa.

O índice de isolamento é obtido a partir da fórmula $Bt + 2Cl + Ge + Ls + 2NA / R$, sendo um índice derivado dos conteúdos de Botânica - Bt, Nuvem - Cl, Geografia - Ge, Paisagem - Ls e Natureza - NA, em uma proporção comparado ao número de respostas do teste - R. Os dados normativos brasileiros demonstram média em 0,22 com desvio padrão em 0,16 (Nascimento, 2010), dessa maneira é possível verificar que os dados dos participantes da pesquisa estão com seus valores dentro do esperado para os brasileiros. Em avaliação de jovem com pânico também foi observado um valor próximo ao obtido pelo estudo com Isolamento em 0,35 (Exner e Erdberg, 2005). O índice de isolamento, quando elevado, indica tendência ao isolamento e ao retraimento social.

Foi considerado neste estudo como índice de auto imagem a soma dos conteúdos de Anatomia - An e Radiografia - Xy. Na população brasileira, a soma das duas categorias de conteúdo possui média de 1,37 e desvio padrão 1,56 (Nascimento, 2010). Embora os dados não indiquem diferenças significativas entre os grupos, observa-se certo aumento nos valores das pacientes com pânico, o que pode indicar maior preocupação com o corpo, podendo estar relacionado à preocupação com seu estado de saúde. Os dados de Exner e Erdberg (2005) apresentam valores próximos aos verificados na população das mulheres com pânico com valor em 3.

Tabela 4.: Comparação dos códigos especiais de conteúdo nos quatro grupos

Código	PF		PM		CF		CM		P
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	
AG	0,33	0,62	0,07	0,26	0,13	0,35	0,00	0,00	0,127
MOR	0,33	0,62	0,53	0,92	0,60	0,63	0,60	1,35	0,544

A Tabela 4 expõe os dados referentes a dois códigos especiais relacionados aos conteúdos, respostas com movimento agressivo - AG e respostas com conteúdo mórbido - MOR. Como é possível verificar nos dados não houve diferença significativa

nas duas variáveis, que indica que AG e MOR não diferenciam os grupos de pacientes e não pacientes.

O movimento agressivo - AG, é identificado quando alguma resposta de movimento (humano, animal ou inanimado) é verbalizada com características de agressividade e revela, quando em valores elevados, uma conduta de hostilidade e agressividade dirigidas às pessoas, podendo associar à atitudes negativas em relação ao meio. Os valores normativos brasileiros para AG são média em 0,29 com desvio padrão 0,63 (Nascimento, 2010), compatíveis com os dados apresentados pelos participantes da pesquisa. Por outro lado, Exner e Erdberg (2005) apontam AG = 2 em paciente com pânico avaliado pelo Rorschach, valor acima do observado nos dados brasileiros.

O conteúdo com aspectos mórbidos - MOR, é observado nas respostas onde há atribuições desagradáveis ao estímulo, há a expressão de que o objeto visto na mancha está morto, estragado, destruído, entre outros, além de atribuição de sentimentos disfóricos às respostas (depressão, tristeza, melancolia, entre outros). Revela, quando elevado, um posicionamento pessimista diante da ideação do indivíduo, além de indicar auto imagem prejudicada e comprometida. Nascimento (2010) apresenta os valores brasileiros de MOR com média de 0,90 e desvio padrão de 1,25 e mostram-se compatíveis com os dados dos grupos desta investigação. O valor observado por Exner e Erdberg (2005) também se encontra dentro desse parâmetro, pois observaram em avaliação de jovem com pânico MOR = 2.

Tabela 5.: Comparação das categorias de conteúdo humano nos quatro grupos

Cont	PF		PM		CF		CM		<i>p</i>
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	
H	1,73	1,67	2,00	1,96	2,40	2,29	1,20	1,15	0,448
(H)	0,67	0,82	0,80	1,01	0,53	0,74	1,13	1,36	0,690
Hd	1,53	2,23	1,67	2,72	1,27	1,53	0,60	0,91	0,419
(Hd)	0,20	0,56	0,27	0,59	0,20	0,41	0,33	0,49	0,687
∑ H	4,13	3,42	4,73	3,75	4,40	2,92	3,27	2,37	0,687
Hx	0,27	0,59	0,00	0,00	0,13	0,35	0,20	0,56	0,386

Como é possível verificar na Tabela 5, todas as categorias de conteúdo não indicam diferenças significativas entre os grupos, portanto não diferem os grupos de pacientes e não pacientes.

De maneira geral, as respostas com conteúdo humano avaliam a maneira que o indivíduo percebe a si mesmo e as demais pessoas que o rodeiam, sendo fator importante na avaliação da auto percepção e das relações interpessoais. As respostas de conteúdo humano integral - H, assinalam as percepções pautadas na realidade; as de parte de conteúdo humano - Hd, indicam percepções de cunho mais parcial, cautelosa e reservada; as de conteúdo para-humano - (H), fornecem informações mais distanciadas do mundo real, com maior utilização da fantasia; quando são parciais - (Hd), trazem percepções mais incompletas e imaginárias; por fim, as respostas de experiência humana - Hx, refletem percepções mais intelectualizadas das relações consigo e com os outros.

Dados normativos brasileiros expõem os seguintes valores: H - média 1,82 e desvio padrão 1,50; (H) - média 0,69 e desvio padrão 0,87; Hd - média 1,20 e desvio padrão 1,20; (Hd) - média 0,50 e desvio padrão 0,75; Hx - média 0,24 e desvio padrão 0,68 (Nascimento, 2010), todos compatíveis com os dados observados na amostra de pacientes com pânico e não pacientes. Na avaliação de um paciente de pânico, desenvolvida por Exner e Erdberg (2005), os dados das respostas de conteúdo humano foram semelhantes, sendo H = 3, (H) = 1, Hd = 2, (Hd) = 0 e Hx = 0.

Tabela 6.: Comparação de respostas de Alimento nos quatro grupos

Fd	Média	D.P.	Min	Mediana	Máx	Sig
PF	0,27	0,46	0,00	0,00	1,00	p = 0,947
PM	0,20	0,41	0,00	0,00	1,00	
CF	0,27	0,46	0,00	0,00	1,00	
CM	0,20	0,41	0,00	0,00	1,00	

A Tabela 6 apresenta os dados referentes ao conteúdo de alimento – Fd, expostos pelos participantes da presente investigação, onde mais uma vez não foram observadas diferenças significativas entre os grupos e tal aspecto de conteúdo,

portanto, não os diferencia. As repostas de alimento indicam, quando elevadas, condutas de dependência, esperando que as demais pessoas atendas às suas necessidades. Dados brasileiros expõem Fd com média em 0,33 e desvio padrão 0,63 próximos dos dados obtidos nesse trabalho (Nascimento, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos conteúdos das respostas do Método de Rorschach pode fornecer importantes informações sobre diferentes aspectos da personalidade dos indivíduos.

No caso do estudo com pacientes com pânico, foi possível observar diferenças estatisticamente significativas em dois aspectos de análise dos conteúdos.

Na proporção GHR : PHR, tem-se os pacientes com pânico possuem dificuldade de adaptação nas relações sociais, mostrando certa inaptidão no estabelecimento e manutenção das relações sociais.

Quando se analisa os movimentos cooperativos, percebe-se que a baixa incidência de COP revela dificuldades para estabelecer vínculos positivos e construtivos com outros indivíduos, o que prejudica suas relações interpessoais.

Assim, a análise dos conteúdos demonstrou que os pacientes com pânico que compuseram a amostra indicou prejuízos nas relações e estabelecimento de vínculos interpessoais.

Importante salientar que os dados aqui expostos são referentes à amostra investigada, mais estudos com diferentes quadros e amostras mais amplas fazem-se necessários.

REFERÊNCIAS

Adrados, I. (1991). *Teoria e prática do Teste de Rorschach*. (11a ed.). Petrópolis: Vozes.

- Arbona, C.B. & Arnal, R.B. (1995). Transtorno por pánico. In G. Buela-Casal; V.E. Caballo & J.A. Carrobbles (dirs.), *Manual de psicopatología y trastornos psiquiátricos*. (pp. 365-407). Madrid: Siglo Veintiuno de España.
- Costa, G.P. (2007). Conteúdos das respostas. In: L.M.S. Coelho (org.), *Rorschach clínico: manual básico*. (pp. 181-202). São Paulo: Terceira Margem.
- Cunha, J.A. (2000). Catálogo de técnicas úteis. In J.A. Cunha e cols., *Psicodiagnóstico – V* (5a ed.). (pp. 202-290). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Echávarri, O.; O’Ryan, F.; Rapaport, E.; Lira, F. & Gloger, S. (1994). Relaciones objetales en pacientes con trastorno de pánico: un estudio de seguimiento. *Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria*, 32 (1), 37-43.
- Exner, J.E. (1994). *El Rorschach: un sistema comprehensivo* (3a ed.). (M. E. Ramírez, trad.). Madrid: Psimática. (original publicado em 1993).
- Exner, J.E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema comprehensivo*. (A. C. P. Silva Neto, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1995).
- Exner, J.E. (ed.) (1995). *Issues and Methods in Rorschach Research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Exner, J.E. & Erdberg, P. (2005). *The Rorschach: a comprehensive system - advanced interpretation*. (3rd ed.). New Jersey : John Wiley & Sons , Inc.
- Exner, J.E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema comprehensivo*. (L.Y. Massuh, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1998).
- Gabbard, G.O. (1998). *Psiquiatria psicodinâmica* (2a ed.). (L. N. A. Jorge & M. R. S. Hofmeister, trad.).Porto Alegre: Artes Médicas. (original publicado em 1994).
- Gentil, V. (1997a). Ansiedade e transtornos ansiosos. In V. Gentil; F. Lotufo-Neto & M.A. Bernik (orgs.), *Pânico, fobias e obsessões: a experiência do Projeto ANBAM* (3a ed.). (pp. 29-36). São Paulo: EDUSP.
- Gentil, V. (1997b). Transtorno de pânico. In V. Gentil; F. Lotufo-Neto & M.A. Bernik (orgs.), *Pânico, fobias e obsessões: a experiência do Projeto ANBAM* (3a ed.). (pp. 101-111). São Paulo: EDUSP.
- Gentil Filho, V.; Lotufo Neto, F. & Maciel, L.M.A. (1995). Transtornos ansiosos. In H. Elkis et al., *Psiquiatria básica*. (pp. 233-246). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Goldberg, D. P. (1996). *Questionário de saúde geral de Goldberg: Manual técnico*. (L. Pasquali et al., trad. e adapt.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1972).
- Grünspun, H. (1990). *Distúrbios neuróticos da criança* (4a ed.). Rio de Janeiro: Livraria Atheneu.
- Hindmarch, I. (1998). Cognition and anxiety: the cognitive effects of anti-anxiety medication. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 98 (393), 89-94.
- Klopfer B. & Davidson, H.H. (1977). *Técnica del Rorschach - Manual introductorio*. (V.L.S. Campo, trad.). Buenos Aires: Paidós. (original publicado em 1962).
- Klopfer B. & Davidson, H.H. (1977). *Técnica del Rorschach - Manual introductorio*. (V.L.S. Campo, trad.). Buenos Aires: Paidós. (original publicado em 1962).
- MacFadden, M.A. (1994). Avaliação psicodinâmica de mulheres com transtorno de pânico. *Boletim de Psicologia*, 44 (100/101), 49-53.
- Minerbo, M. (2003). *Conhecimento e compreensão do Transtorno do Pânico pela classe médica: especialidades procuradas com maior freqüência pelos pacientes após as primeiras crises*. São Paulo, Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nascimento, R.S.G.F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: Teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paul, A.M. (1998). The right (and left) way to look at anxiety. *Psychology Today*, 31 (1), 12-13.
- Pérez, J.F. (1995). *Conocer el Rorschach*. Valencia: Promolibro.
- Piotrowski, Z.A. (1974). *Perceptanalysis*. (3rd ed.). Philadelphia: Ex Libris.
- Ramos, R.T. (1995). *Psicopatologia do Transtorno do Pânico: Efeito da terapêutica e delimitação diagnóstica*. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sarvasi, M.M.O.C. (1999). *A Técnica de Rorschach na investigação das relações objetivas de pacientes com Transtorno de Pânico*. São Bernardo do Campo, Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.
- Schrof, J.M.; Schultz, S.; Koerner, B.I. & Svetcov, D. (1999). Social Anxiety. *U. S. News & World Report*, 126 (24), 50-57.

- Schwartzman, R.S. (1997). Síndrome de pânico: uma escuta psicanalítica. *Percurso*, 9 (18), 87-96.
- Taylor, S. & Woody, S. (1997). Cognitive restructuring in the treatment of social phobia. *Behavior Modification*, 21 (4), 487-512.
- Tice, T.N. (1990). Anxiety and phobia. *Education Digest*, 56 (4), 46-52.
- Trinca, W. (1997). *Fobia e pânico em psicanálise*. São Paulo: Vetor.
- Troiano, M. (2001). *Guarire dagli attacchi di panico*. Roma: Riuniti.
- Vaz, C.E. (1997). *O Rorschach: Teoria e desempenho* (3a ed.). São Paulo: Manole.
- Vieira, W.C. (1997). A síndrome do pânico. *Perfil*, 10, 17-23.

TABAGISMO E SUA RELAÇÃO COM A DEPRESSÃO

Élyman Patrícia Da Silva

Rebecca Pessoa Almeida Lima

Nidia Nóbrega Barbosa Sanchez

Alexandre Coutinho De Melo

Yordan Bezerra Gouveia

Rayanne Maropo Sátiro

Maria José Monteiro Pereira

Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO

A origem do tabaco é antiga, sendo que em aproximadamente 1000 a.C vários povos já o cultivavam e faziam uso do mesmo por meio do ato de fumar. Os primeiros povos a utilizar o tabaco faziam uso do mesmo principalmente em suas cerimônias com a crença de que a planta teria o poder de conduzir suas almas ao transe, possibilitando, assim, a comunicação com os deuses, ou seres da natureza. No século XVI o fumar passou a ser utilizado com fins curativos, e o uso do cachimbo, instrumento utilizado para fumar, difundiu-se em grande parte da Europa, atingindo, rapidamente, a Ásia e a África, no século XVII (Carvalho, 2000).

Em meados do século XX, por meio da publicidade e marketing, o uso do tabaco disseminou-se mundialmente surgindo por volta de 1960 os primeiros relatórios científicos que relacionaram o cigarro ao adoecimento do fumante, o que hoje é comprovado em inúmeros trabalhos os seus malefícios, não somente à saúde do fumante, como a dos não-fumantes expostos a fumaça do cigarro (Charran, 2007).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) aponta o tabagismo como a principal causa de morte evitável em todo o mundo e tem causado aproximadamente 4,9 milhões de mortes anualmente no mundo. O tabaco, nos países desenvolvidos, provoca mais mortes mais que a soma de muitas outras causas evitáveis de morte, tais como a cocaína, heroína, álcool, incêndios, suicídios e a AIDS.

No Brasil têm-se percentuais elevados de fumantes. Dados apontam que pelo menos um terço da população adulta fuma, sendo 11,2 milhões de mulheres e 16,7 milhões de homens. Além do mais o que acentua ainda mais a gravidade da prevalência é que os fumantes iniciam a dependência à nicotina entre os 5 e 19 anos de idade (OMS 2001, INCA, 2001).

Como todas as outras dependências químicas, a nicotina envolve indivíduos que se encontram em alguma situação de vulnerabilidade. Além do mais, existem altas evidências de entrelaçamento entre a população que faz uso de substâncias adictivas, tais como nicotina, álcool e outras drogas, e vários transtornos psiquiátricos (Farrel & cols., 2001; Calheiros, Oliveira, Andretta, 2006).

A depressão é a comorbidade psiquiátrica mais comumente associada à dependência de nicotina. Segundo estudos empreendidos por Fergusson, Goodwin & Horwood (2003), sujeitos com depressão tendem a fazer um maior uso de cigarros e ser mais dependente de nicotina quando comparados com aqueles sem sintomatologia depressiva.

Para Melo, Oliveira e Ferreira (2006), os altos índices de depressão entre os fumantes são fatores que levam a dificultar a aderência de um paciente a um tratamento antitabagista.

O sujeito que faz uso do tabaco ao mesmo tempo em que traz um apego, um afeiçoamento, um sentimento afetivo e dominador que o arrebatava a uma submissão a uma substância química, nicotina, se tornando escravo da mesma.

O uso do tabaco é para o dependente um aliado, um amigo inseparável que supre as suas necessidades nos momentos de maior tensão. Isso decorre da sensação de alívio decorrente do uso tornando o tabaco um amigo inseparável presente nos momentos felizes ou tristes, que independentemente da situação faz parte da confraternização do sujeito.

Diante do exposto este trabalho se propôs a investigar o tabagismo e sua relação com a depressão, sendo esta freqüente entre os tabagistas, considerando-se que a dependência decorre da sensação de alívio dos sentimentos de dor e angústia proporcionados pelo cigarro.

Relato do caso

A paciente do sexo feminino tem 68 anos e começou a fumar por volta dos 15 anos, influenciada pelo pai e por uma amiga da sua mãe. Inicialmente achava bonito e gostoso, para ela era um divertimento, desopilava, e considera o cigarro seu melhor amigo.

A mesma afirma que: *“Sei que ele vai me matar, porém sem ele eu não posso viver, fumo na alegria, na dor, no ódio, bebendo, dormindo, ele é tudo”*. Para ela, a perda do marido contribuiu para que aumentasse o número de cigarros, pois se sente muito só.

Quanto ao desejo de parar de fumar refere: *“Sinto-me trêmula, me revolta, fico depressiva com vontade de pedir um cigarro aos outros, fico recalcada, brigo com a minha filha e como muito”*.

MÉTODO

Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo de caso, em uma abordagem de cunho qualitativo do tipo descritivo, fundamentado no aporte da Teoria Psicanalítica.

Lócus

O estudo foi realizado na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Participante

Neste estudo contou-se com a participação de um sujeito do sexo feminino, 68 anos, viúva, grau de escolaridade fundamental incompleto, funcionária pública e residindo na Cidade de Cabedelo – PB.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados no estudo foram os seguintes: Entrevista semi-estruturada; Teste de Fagerström; e Psicodiagnóstico de Rorschach.

Procedimentos

Inicialmente foi realizada a entrevista para obter as informações sócio-demográficas relacionadas ao tabagismo. Prosseguiu-se com o Teste de Fagerström para avaliar o grau de dependência à nicotina, e por último o Psicodiagnóstico de Rorschach.

Cada instrumento foi aplicado de forma individual, de acordo com as especificidades dos mesmos, e em local reservado, resguardando-se todos os cuidados éticos da resolução CNS/Ministério da Saúde, nº 196, de 10 de outubro de 1996 (Brasil, 1996).

Análise e Interpretação dos Dados

Para a análise e interpretação dos dados adotou-se o referencial teórico metodológico da Psicanálise.

No que se refere à entrevista foi realizada uma análise da história do sujeito em relação ao uso do tabagismo. Para a compreensão quantitativa e qualitativa do método de Rorschach tomou-se como referencial a escola francesa (Anzieu, 1981; Chabert, 2004; Traubenberg, 1998) e com relação ao teste de *Fagerström* utilizou-se o método proposto pelo autor, a partir do qual as seis questões são pontuadas numa escala que varia de 0 a 3, obtendo-se em seguida um somatório que equivale ao grau de dependência do sujeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista foram abordados aspectos relacionados ao “tabagismo”. O que possibilitou observar que a dependência ao cigarro ocorria desde a adolescência e proveniente de influencia paterna. Isso vem a ser confirmado a partir do teste de Fagerström, no qual se encontrou um escore 10, que corresponde a um grau de dependência do tipo muito elevado.

Apesar de ter um grau de dependência elevado, a examinanda menciona ter vontade de deixar de fumar. Porém, segundo ela, os freqüentes sentimentos de

depressão, como a solidão, dificultam a adesão a um tratamento, sendo a depressão observada a partir da análise do método de Rorschach.

Assim, no que concerne ao Rorschach, ocorreu alto percentual de respostas parciais raras ($Dd\%=40$). Destas, três Dd podem ser classificadas no tipo afetivo e de defesa. Dando indícios de intranqüilidade interna. (Trautenberg, 1998).

O tabaco é para ela um companheiro na tristeza e alegria, como afirmou na entrevista. Um elemento importante foi a perda do marido, que contribuiu para aumentar o consumo de cigarro.

Pelo protocolo identificam-se ainda respostas do tipo cor acromática FC', C'F e C' que são indicativos de tendência depressiva além do afastamento de estímulos que mobilizam as emoções e sentimentos. Nessa relação, segundo Gonçalves e Pereira (2001), é sinal de que o sujeito não consegue controlar os sintomas de perdas.

É digno de nota outros informes qualitativos: presença de choques sombrio, cromático e acromático; resposta interrogativa, auto referência, diminutivo, resposta modificada, simetria, mor, cisão, resposta alternativa, combinação fabulizada, referência pessoal, perseveração, acentuação do centro ou das laterais. O que vem apontar para indicadores de perturbações emocionais e afetivas que se configuram nos sintomas de insegurança interior, ansiedade confusional, indecisão, forma de frear-se perante a impulsividade, egocentrismo, repressão da agressividade, angústia a situações novas, antecipação das conseqüências de suas ações, perdas e traumas, melancolia, busca de gratificação na fantasia, elementos estes ansiosos e depressivos.

CONCLUSÃO

A examinanda apresenta um alto grau de dependência a nicotina, além de fatores que remetem a presença de um sofrimento psíquico caracterizado como depressão.

Esta, para suportar o peso da depressão e aniquilar objetos tidos como perseguidores, ou situações frustrantes, procura repor o equilíbrio interno fazendo uso de tabaco que é para ela um aliado, um amigo inseparável que supre as suas necessidades nos momentos de maior tensão.

Neste sentido, o Método de Rorschach mostra a sua relevância e contribuição para a compreensão e entendimento da estrutura e dinâmica da personalidade do sujeito, bem como os demais instrumentos utilizados.

Além disso, o estudo corrobora com outros previamente publicados no que se refere à relação existente entre tabagismo e depressão.

Portanto, espera-se que o presente estudo possa contribuir para instigar novas investigações sobre o assunto contribuindo, assim, para a comunidade científica no que se refere aos estudos em psicologia clínica.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1979). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA.
- Brasil. Ministério da Saúde (1996). *Conselho Nacional de Saúde*. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Brasília.
- Carvalho, J. T. C. (2000). O tabagismo visto sob vários aspectos. *Bol. Pneumol. Sanit.* 8(1), 60-69.
- Calheiros, P. R. V.; Oliveira, M. S.; Andretta, I. (2006). Smoking and psychiatric comorbidity. *Aletheia*, Canoas, n. 23, jun.
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. São Paulo: Vetor.
- Charran, I. M. (2007). *O fumante e o cigarro: significado simbólico desta relação*. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Abordagem Junguiana. Cogeae – PUCSP.
- Farrell, M., Howes, S., Bebbington, P., Brugha, T., Jenkins, R., Lewis, G., Marsden, J., Taylor, C., & Heltzer, H. (2001). Nicotine, alcohol and drug dependence and psychiatric comorbidity: results of a national household survey. *British Journal of Psychiatry*, 179: 432-437.
- Fergusson, N. R; Goodwin, R. D., & Horwood, L. J. (2003). Major depression and cigarette smoking: result of a 21-year longitudinal study. *Psychological Medicine*, 33: 1357-1367.
- Gonçalves, C.M.T.S., & Pereira, M.J.M. (2001). *O Psicodiagnóstico de Rorschach e sua Análise*. João Pessoa: Editora Universitária.

- Melo, W. V., Oliveira, M. S., & Ferreira, E. A. (2006). Estágios motivacionais, sintomas de ansiedade e depressão no tratamento do tabagismo. *Interação em Psicologia*, 10, 91- 99
- Instituto Nacional Do Câncer – INCA. (2001) Coordenação de Prevenção e Vigilância (COMPREV). *Ministério da Saúde/Brasil*. Abordagem e Tratamento do Fumante. Consenso 2001. Rio de Janeiro. 38p. II.
- Organização Mundial Da Saúde. (2001). *Confronting the tobacco epidemic in an era of trade liberalization*. Geneva: WHO.
- Trautenberg, N.R. (1998). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica Ltda.

PARTE 4
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E CICLO VITAL

CHANGER TOUT EN RESTANT LE MÊME : SEXUALITÉ ET NARCISSISME À L'ÉPREUVE DU VIEILLISSEMENT »

Pr. Benoît Verdon,

Université Paris Descartes, France

Nous sommes en 1999. Claude Lévi-Strauss, qui a fait ses premiers pas d'ethnologue chez vous au Brésil, dans les années 1930, à São Paulo puis dans le Mato Grosso, fête ses 90 ans au Collège de France. Il confie alors aux amis qui l'entourent : « Montaigne dit que la vieillesse nous diminue chaque jour davantage et nous entame de telle sorte que, quand la mort survient, elle n'emporte plus qu'un demi-homme ou qu'un quart d'homme. Montaigne est mort à cinquante neuf ans et ne pouvait pas avoir l'idée de l'extrême vieillesse où je me trouve aujourd'hui. J'ai le sentiment d'être comme un hologramme brisé. Cet hologramme ne possède plus son unité entière et cependant, comme dans tout hologramme, chaque partie restante conserve une image et une représentation complète du tout. Ainsi y a-t-il pour moi aujourd'hui un moi réel, qui n'est plus que la moitié ou le quart d'un homme, et un moi virtuel qui conserve encore vive une idée du tout. Le moi virtuel dresse le projet d'un livre, commence à en organiser les chapitres et dit au moi réel : "C'est à toi de continuer". Et le moi réel, qui ne peut plus, dit au moi virtuel : "C'est ton affaire. C'est toi seul qui voit la totalité". Ma vie se déroule à présent dans ce dialogue très étrange. Je vous suis très reconnaissant d'avoir pour quelques instants, grâce à votre présence aujourd'hui et votre amitié, fait cesser ce dialogue en permettant un moment à ces deux moi de coïncider de nouveau. Je sais bien que le moi réel continue de fondre jusqu'à la dissolution ultime, mais je vous suis reconnaissant de m'avoir tendu la main, me donnant ainsi le sentiment, pour un instant, qu'il en est autrement ».

Il est très précieux pour nous que des personnes aient tout à la fois la lucidité et le talent de mettre des mots sur cette expérience intime. Le changement, la perte, inhérents à l'expérience de la vie, prennent une place majeure dans la traversée du vieillissement et de la vieillesse, et mettent à l'épreuve les fragilités et les ressources narcissiques de chacun, l'image du corps, la solidité des limites et la souplesse des identifications sexuelles. L'appareil psychique se doit alors de tenter de faire front

d'une façon tout à la fois nouvelle et réactualisée au fait du manque et de l'incomplétude, de l'inéluctabilité de la finitude, du désenchantement de l'inachèvement.

« *Depuis que je ne peux plus fumer librement, je ne veux rien écrire non plus, ou peut-être est-ce que je me sers seulement de ce prétexte pour cacher l'incapacité apportée par l'âge* » confie Freud, âgé de 79 ans, à Arnold Zweig (Freud et Zweig, 1927-1939, p.145). Un an plus tard, il écrit à Romain Rolland : « *J'ai dix ans de plus que vous ; ma production est tarie. Ce que je puis finalement vous offrir n'est que le don d'un homme appauvri, ayant jadis connu "des jours meilleurs"* » (1936, p.221). La même année, plusieurs personnalités éminentes écrivent un texte à l'occasion de son quatre-vingtième anniversaire ; Freud en parle ainsi à Stefan Zweig : « *Le beau message que vous avez composé de concert avec Thomas Mann et le discours de celui-ci à Vienne ont été les deux événements qui pouvaient me réconcilier avec le fait d'avoir atteint un si grand âge. En effet, quoique j'aie été exceptionnellement heureux dans mon foyer avec ma femme et mes enfants et, en particulier, avec une fille qui répond dans une mesure rare aux exigences d'un père, je ne puis néanmoins m'habituer aux misères et à la détresse de la vieillesse, et j'envisage, avec une sorte de nostalgie, le passage au néant. Mais je ne puis épargner aux autres que j'aime la douleur de la séparation* » (1873-1939, p.468). Ces phrases fortes nous font rencontrer un Freud vulnérable, inquiet, qui dénonce le tarissement de ses sources vives, l'intransigeance d'un vieillissement qui dépossède et qui, jusqu'à l'ultime seconde, oblige à endurer un travail amer de séparations à envisager, de confrontation à une image de soi démunie, moins capable.

Cette réalité externe de l'expérience du temps qui passe rencontre en des modalités toujours singulières la réalité interne de chacun, la capacité d'envisager le changement, de traiter la perte, mobilisant en des figures variées angoisse de castration et fantasme de passivité, angoisse d'intrusion et fantasme de passivation (Green, 1999), dont les échos narcissiques sont d'intensité fort diverse :

Le psychanalyste Martin Grotjohn témoigne : « *Je me sens vieillard. Je ne travaille plus, ne me promène plus. C'est étrange, mais cela m'est égal. Soudain, cinquante ans de travail me suffisent. [...] Aux autres de prendre la relève. [...] Je*

m'assois au soleil, regardant les feuilles qui tombent dans la piscine. Je pense, je rêve, je dessine. Je me sens libéré du monde de la réalité. Je continue à aimer d'une façon tranquille et je me sens toujours aimé par ma famille et mes amis. J'ai du temps. Je ne sais pas combien de temps me reste, mais je ne me presse pas. Je ne suis pas pressé d'arriver – même à la fin. Elle peut attendre, et lorsqu'elle arrivera, j'essaierai de l'accepter, sans illusions. Cela ne va pas être facile. Je vis pour et dans l'instant et je veux rester ici encore un peu, tranquillement » (cité par Hildebrand, 1982, p.20 et 21).

La souffrance narcissique est plus intense chez André Gide, qui écrit « *Il importe que je ne me rencontre pas dans un miroir : ces yeux pochés, ces joues creuses, ce regard éteint. Je suis à faire peur et ça me fiche un cafard atroce* » (1952), ainsi que chez Marguerite Duras : « *Je crois que c'est terminé. Que ma vie c'est fini. Je ne suis plus rien. Je suis devenue complètement effrayante. Je ne tiens plus ensemble. Viens vite. Je n'ai plus de bouche, plus de visage* » (1995).

Les capacités de traitement de la perte et d'élaboration de la dépression sont intimement liées à la possibilité pour tout un chacun de se représenter ce qui est là perdu, d'y associer un affect, exprimant en des écheveaux parfois compliqués la révolte, la colère, la culpabilité, la tristesse. L'attention portée à la question des fantasmes (libidinaux, agressifs, œdipiens, anaclitiques), des angoisses (de castration, de passivité, de séduction, d'abandon et d'intrusion), des prises de positions identificatoires (masculine/féminine, active/passive, phallique/châtrée), des articulations complexes entre investissements objectaux et investissements narcissiques, permet d'appréhender les problématiques, voire les conflits, qui continuent d'animer la scène psychique.

On saisit alors combien la clinique de l'adulte âgé est diverse, riche, nullement frappée de façon massive du sceau du déficit psychique dont on a pu la marquer. Ferenczi soutient en effet que « *l'homme a tendance en vieillissant à retirer les "émanations de la libido" des objets de son amour et à retourner sur son moi propre l'intérêt libidinal dont il dispose probablement en moindre quantité. Les gens âgés redeviennent – comme les enfants – narcissiques, perdent beaucoup de leurs intérêts familiaux et sociaux. [...] Les symptômes de la vieillesse sont pareils au rocher qui*

émerge lors de l'assèchement d'un golf coupé de la mer et qu'aucun fleuve ne vient alimenter » (1921, p.150-151).

Cette conviction d'une uniformité de l'appauvrissement du fonctionnement mental du fait de l'avancée en âge a également été entretenue par les premières conclusions dégagées des travaux en psychologie projective. Rorschach n'a quasiment pas proposé son épreuve à des adultes âgés. Sur les quatre cas présentés dans *Psychodiagnostic*, un seul concerne une femme âgée de 80 ans « *bien conservée mentalement* », les trois autres étant des exemples d'utilisation de l'épreuve auprès de personnes âgées atteintes de pathologies cérébrales. De ce protocole unique donc, que Rorschach reconnaît avoir analysé sans connaître l'âge de la patiente de prime abord, le protocole ayant été recueilli par un tiers, sa proposition diagnostique fut celle d'une « *schizophrénie latente ou stable* ». Devant ce contraste entre la clinique et l'évaluation projective, il se contente néanmoins de préciser que « *des cas du même genre [l']ont confirmé dans l'opinion que les sujets normaux d'âge avancé donnent des résultats tout à fait semblables* » (1920, p.154). Aussi quelques signes vont-ils être retenus par lui quant aux soi-disant caractéristiques des sujets âgés : prévalence des réponses formelles, et au sein de celles-ci des réponses vagues et inadaptées, faiblesse de l'intégration de la couleur et des kinesthésies, prévalence des réponses 'animal' sur des contenus plus originaux. Dans les décennies suivantes, plusieurs recherches ont été menées dans le but de recueillir des informations sur l'effet de l'âge sur les facteurs du psychogramme et ont proposé des conclusions quasi-unaniment en accord avec celles de Rorschach.

Cependant, Poitrenaud & Moreaux (1975), Panek, Wagner & Kennedy-Zwergel (1983), Hayslip & Lowman (1986) ont insisté sur le fait que la plupart de ces recherches n'apportent en fait pas d'information pertinente sur le vieillissement normal : elles ont souvent été menées auprès de personnes âgées vivant en hospice gériatrique, sans évaluation cognitive associée, ni prise en considération du niveau socioculturel, sans s'assurer non plus parfois que les personnes ne présentaient pas de troubles visuels et notamment de discrimination des couleurs. Plus rigoureuses, plusieurs recherches contemporaines ont ainsi permis de nuancer l'idée d'un appauvrissement généralisé du fonctionnement mental : Mattlar, Knuts & Virtanen (1985), Mattlar, Carlsson, Forsander, Karppi & Helenius (1992), Ferreira Novo & Silva (2002), Vazquez & Osuna

(2002), ont en effet montré, à partir de recherches utilisant la méthode Exner, que les différences quantitatives entre les protocoles d'adultes jeunes et d'adultes âgés n'étaient somme toute pas significatives.

Mais il existe de nos jours peu de personnes qui travaillent sur l'analyse qualitative des protocoles de femmes et d'hommes vieillissants et âgés. Nous n'avons donc qu'une connaissance extrêmement partielle de l'intérêt de l'apport du Rorschach pour appréhender une éventuelle singularité du fonctionnement et des problématiques psychiques liées à l'âge.

Ce que je vous présente aujourd'hui est une étude en cours. Plusieurs dizaines de protocoles de Rorschach ont été recueillis auprès d'adultes tout-venant, ou consultant hors du champ psychiatrique, âgés de 50 à 90 ans. A partir de plusieurs exemples de traitements de planches, je souhaite illustrer auprès de vous le très grand intérêt du Rorschach pour saisir la diversité de l'expression de la dimension supportable ou insupportable du changement de la représentation de soi, espérant qu'en divers pays à travers le monde, et peut-être ici au Brésil, nous pourrions bientôt être quelques-uns à collaborer sur ce thème, afin de confronter nos observations et affiner nos compréhensions.

Tout d'abord, on peut être frappé par l'attention portée par plusieurs sujets âgés à la césure du corps humain à la banalité de la planche III.

Si l'intégrité, l'unité du corps est en effet malmenée au plan perceptif sur cette planche, cela n'empêche pas, a priori, de se représenter des femmes ou des hommes entiers. Mais on sait aussi combien le morcellement, la dévitalisation et l'hybridation des représentations humaines peuvent révéler des fragilités identitaires potentielles, particulièrement préoccupantes chez l'adulte jeune.

Or, il n'est pas rare de retrouver à cette planche, dans des protocoles de personnes âgées qui ne présentent aucunement un fonctionnement psychotique, des réponses telles que :

Femme, 85 ans

« Deux bonshommes dans une position de postérieurs qui s'éclatent... parce que là, c'est coupé. Ils sont pas stables du tout. »

Femme, 82 ans

« Ça, on dirait Joséphine Baker... Le rouge, je vois pas du tout ce que ça peut être. Vous me direz après ce que c'est ? Moi je vois plutôt deux danseuses. C'est pas deux personnes à mon avis, c'est le même. Elles ont un truc en plumes là. Et là, c'est la jambe coupée à moitié. (A l'enquête) Elle a presque rien sur ses fesses ».

Homme, 73 ans

« Y'a deux personnages, le bras replié, la partie basse rudimentaire. Des personnages tronqués. Y'a comme deux branches, deux éléments de branche. Et puis les taches rouges, ça peut être une tache de sang »

Homme, 78 ans

« Ça c'est des chaussures, des jambes avec des chaussures au bout. On s'approche de personnages... les têtes... C'est plus animal qu'humain... La symétrie me frappe beaucoup, bien qu'elle soit pas totale. Je peux pas vous en dire beaucoup plus. Deux personnages à la fois humains et pas humains, stylisés quoi, avec une patte qui se rétracte par derrière et une jambe étrange. C'est une branche d'arbre en fait qui se termine par un soulier. »

Femme, 79 ans

« Deux personnes désarticulées comme on voit un peu dans l'Art Moderne maintenant. Mais je vois pas ce que ça fait ce machin rouge au milieu. C'est décoratif sans doute. C'est peut-être des poumons. Deux petits personnages un peu fabuleux dont on aurait séparé l'arrière train des jambes, volontairement, pour frapper l'imaginaire ».

Femme, 77 ans

« Des danseurs africains, des danseurs africains. Enfin, c'est des squelettes bien entendu, des squelettes. »

Femme, 64 ans

« Valentin le désossé (de Toulouse-Lautrec) en train de danser ».

Femme, 80 ans

« Alors ça, c'est deux femmes qui se disputent pour un lingot d'or, un sac de victuailles "ça c'est à moi" "non, c'est à moi". Dans le feu de l'action, elles ont perdu leur chapeau. Ceci vu par un humoriste, qui les a tranchées en deux. On peut dire aussi que dans leur sac, y'a une bouteille qui coule. Ça fait une petite tache qui coule. »

Femme, 75 ans

« Oh ça c'est très joli, une danse associée à un rêve... oui, associée à un rêve car y'a pas de... dans ce que j'appelle personnage, y'a pas de continuité, c'est un peu fantasque. Y'a une partie imaginaire, une partie de rêve car les personnages sont coupés en deux. »

Femme, 91 ans

« Deux maîtres d'hôtel ou deux serveurs... ou deux... deux acteurs faisant une référence. Ça pourrait être des chiens de théâtre, des artistes chiens. La tête pourrait être une tête de chien. »

Femme, 68 ans

« On a l'impression de deux petits animaux, c'est plus vivant que le reste. Là, des pattes, mais je vois pas ce que deux pattes feraient là toutes seules. Deux objets en vis-à-vis, deux petits êtres en vis-à-vis qui se racontent des histoires. Mais les jambes sont détachées. »

Femme, 62 ans

« Ça me fait penser au squelette, à l'os iliaque, aux hanches. Vous voulez autre chose?... C'est vrai, quand j'ai une idée, j'en ai pas deux. Deux oiseaux dans leur nid, sur leur nid, mais c'est trop symétrique. Ça me fait plus penser à des hanches. Ah, je pensais pas que les hanches d'une femme ça vous ferait autant écrire (rires) ! »

On le voit, si une sensibilité certaine s'attache à souligner la césure du bassin, l'absence d'unité et de permanence de la représentation du corps (les jambes étant séparées du tronc, l'humain devant animal, le vivant devenant squelette), la plupart de ces réponses restent cependant fort vivantes. Sous couvert de l'art et de l'humour, les kinesthésies demeurent mobilisées au sein de scénarii dont la dimension libidinale apparaît bien souvent évidente.

Le travail interprétatif se complique lorsque des réponses condensent une valence sexuelle et une valence mortifère :

Femme, 59 ans

Planche VII : « *Ça, une grenouille, le bas ventre d'une grenouille avec les pattes de derrière en pleine décomposition.* »

Femme, 75 ans

Planche II : « *Un éclatement, une perforation, c'est tout. Comme si on perce cette matière noire avec le faisceau lumineux et il en sort du sang* ».

Femme, 75 ans

Planche X : « *Pas simple. Si j'étais médecin, je dirais que c'est ce qu'on trouve dans le corps, une... les trompes, enfin, dans le bas ventre. Je plains quelqu'un qui aurait ça... (A l'enquête) Les organes génitaux, l'estomac, ça, ça peut être les poumons, ça en a la couleur mais c'est pas bien placé. C'est grossièrement hein... l'intérieur d'un corps mais les couleurs trompent. (Réponse additionnelle) : Je vois bien des araignées, mais ça n'a rien à voir. Qu'est-ce que ça ferait à l'intérieur d'un corps ? La personne, elle aurait besoin d'une demi-douzaine d'opérations. Un cancer qui s'étale, quelque chose comme ça. C'est l'intérieur du corps avec ce que ça laisse entendre de maladies, de choses comme ça... Non, non* ».

Le bas ventre, dénomination anatomique à forte connotation sexuelle, se révèle là sujet passif d'objets qui n'en menacent pas seulement l'intégrité mais l'existence.

Dans d'autres protocoles, les représentations d'atteinte de la représentation de soi s'expriment crûment mais sous couvert du déplacement sur des contenus « botanique » ou « objet ». Si dans certains protocoles, ces réponses demeurent ponctuelles, dans d'autres, elles se révèlent récurrentes, trahissant alors l'intense blessure narcissique.

Femme, 68 ans

Planche I : « *Des morceaux de ferraille. Un peu comme quand la ferraille est rouillée. La ferraille se détache* ».

Femme, 63 ans

Planche IV : « *Un manteau dépenaillé, de... un peu en loques voyez. Ça s'effiloche un peu partout, les manches sont un peu...* »

Homme, 71 ans

Planche IV : « *Deux vieilles bottes. A cause de la forme du bas et de la lanière en haut. Des vieilles bottes usées, les côtés pas droits, pliés. Elles ont craqué, elles sont effilochées* ».

Femme, 58 ans

Planche IV : « *Un vieux parchemin desséché qui roule, qui s'enroule* ».

Planche VIII : « *Une voile de navire abîmée, toute arrachée* »

Femme, 78 ans

Planche IV : « *Un genre de tour... Y'a des petits créneaux. Y'a des pierres qui tombent. Vous voyez qu'elle est en ruine la tour* »

Planche VI : « *Une ruine avec une tour. Une tour qui commence à se désagréger.* »

Femme, 75 ans

Planche II : *« C'est une fleur qui perd un peu ses feuilles, un peu à la fin de sa... qui est en train de se faner presque. Quelque chose de fané. Une fleur qui fait "je me laisse aller, je n'existe plus", comme une orchidée, une fleur que je déteste car j'y vois toujours un sexe... un utérus... féminin. Je vais être surprise quand vous allez me dire ce que c'est. »*

Femme, 75 ans

Planche X : *« Ça peut faire une fleur, un genre d'orchidée. Je n'aime pas beaucoup les orchidées moi, ça a un côté un peu maléfique... c'est parce que je sais que ça pousse sur de la pourriture. Quelque chose de délicat et de fragile mais d'un peu angoissant quand même malgré les couleurs plutôt optimistes. Quelque chose d'un peu tragique, d'un peu... Une fleur qui pourrit un peu, qui commence à pourrir, et en même temps, elle est assez fragile. Ça fait penser à des fleurs, des fleurs qui ne durent pas très longtemps, qui sont fragiles et délicates et qui peuvent faire un peu rêver... mais qui sont... effectivement qui ne durent pas, qui ont quelque chose d'éphémère. »*

Femme, 57 ans

Planche I : *« Une pensée qui a été mangée par beaucoup de limaces... Ouais. Il manque beaucoup de morceaux. Il faut imaginer des taches de couleurs au milieu, les feuilles sont très incomplètes. On a des problèmes de limaces dans le jardin et les pensées sont mangées par les limaces. Un truc mangé aux mites, un vieux livre mangé aux mites, ou par des vers de papier. C'est plutôt au milieu normalement mais peu importe. Un livre avec entre les deux pages, un trou. Les vers de papier ont mangé au milieu et les limaces tout autour. »*

Homme, 74 ans

Planche VII : *« Des morceaux de tôle rouillée, genre vieille voiture à la casse. Des coussins, une matière pas très... du plastique, de la mousse de plastique en putréfaction, ou déchiquetée ».*

Homme, 76 ans

Planche VI : *« Des haillons. Un épouvantail. La pauvreté. Le déchet. Des haillons misérables. Impression de déchiré, de décoloré. A partir du moment où il y a les haillons, il y a l'épouvantail, puis la saleté et en dernier lieu, le rebut et le déchet. »*

Dans bien des protocoles cependant, l'atteinte de la représentation du corps intéresse directement le contenu « humain ». Là encore, si aucun de ces protocoles ne permet de conclure à des troubles identitaires graves compatibles avec un fonctionnement psychotique, la prégnance des réponses d'atteinte corporelle souligne la fragilité narcissique.

Certaines réponses demeurent illustratives d'une problématique de castration :

Femme, 63 ans

Planche I : *« Un cerveau, une coupe de cerveau bien abîmée. Y'a des espaces qui peuvent faire penser à des coupes de ventricules, des petits tubercules là, des orifices ».*

Planche VII : *« Ça m'évoque toujours des coupes anatomiques de moelle épinière ou de cerveau, quelque chose comme ça. C'est abîmé par la coupe ».*

Homme, 72 ans

Planche II : *« Une hémorragie. Les reins complètement foutus et la vessie aussi. Quand je dis hémorragie, c'est parce que ça me fait un peu penser au sang, un truc liquide. C'est une hémorragie au niveau des reins, de la vessie. Un squelette, un écorché, je sais pas comment on dit, mes enfants ont fait médecine, mais pas moi. »*

Homme, 79 ans

Planche X : *« Vaguement une grenouille, avec des appendices... une grenouille blessée peut-être, qui perd peut-être son... Les pattes arrière qui se déploient, la langue qui se tend pour attraper un insecte mais elle est peut-être blessée ».*

D'autres réponses mettent davantage l'accent sur le manque de consistance et la diffusion des limites :

Femme, 76 ans

Planche VII : « *Des ombres chinoises, ce sont des petits lapins qui se regardent mais qu'on a fait en ombre chinoise.* »

Femme, 53 ans

Planche I : « *Des têtes bizarres. Des ombres d'animaux. Parce que ce n'est pas très distinct.* »

Femme, 66 ans

Planche II : « *Deux ombres de lapins. C'est deux ombres, je vois pas deux lapins comme ça... Bien qu'il y ait les taches rouges qui sont quand même sur le lapin... Sur des ombres, je vois pas trop.* »

Planche VIII : « *Des silhouettes d'ours.* »

D'autres protocoles, enfin, se révèlent saturés de représentations de soi très abîmées, où les limites se révèlent incapables de demeurer contenantes, protectrices, différenciatrices, garantes d'une vitalité interne :

Femme, 63 ans

Planche X : « *Ça me fait penser à certaine parties du corps humain avec euh..., faudrait peut-être que je la regarde comme ça (retourne la planche), ce serait une colonne vertébrale. Un petit bout de colonne vertébrale, ça ressemble pas à grand chose. Ce serait un corps humain ouvert sur le vide, sur le néant un peu. Un corps humain qui s'est ouvert.* »

Homme, 53 ans

Planche X : « *Toujours le même thème, morceaux d'anatomie humaine. Toujours cette notion de symétrie. Sentiment toujours de partie du bassin, mais autopsiée ; ça me fait*

penser aux écorchés automobiles qu'on voit dans des revues spécialisées, étalées pièces par pièces dans l'ordre de leur organisation naturelle ».

Femme, 54 ans

Planche VI : « *Un dessin d'artiste, mais d'artiste dont la peau gît de part et d'autre de la colonne vertébrale et dont on n'a gardé que la peau comme un trophée de chasse. C'est un écorché. Sa tête est là, c'est le fanion d'identité ».*

Femme, 66 ans

Planche I : « *C'est un pauvre papillon, il a quelques ennuis. C'est un... quand même, c'est un papillon qui est passé dans une tornade et il va mourir dans très peu de temps. (?) Ça a été un très beau papillon. J'aime pas ses petites pattes, elles sont trop courtes... C'est un papillon qui a été battu. C'est un papillon extra-terrestre qui arrive de Mars, qui a des déformations, comme E.T., mais c'est tout de même un papillon. Il est revenu sur la terre, et c'est bien triste pour lui. Il tombe en petits morceaux. Il est noir, il est triste. Pauvre papillon ! (Sourit) Ce sera ma conclusion. »*

Planche IV : « *Là, j'ai plus rien à dire. C'est une... un animal dont j'ai oublié le nom... Un tamanoir déformé, laid qui essaie de faire peur à quelqu'un. Il est difforme, il est laid. Il est difforme. Il a une grosse queue, des gros pieds. Il essaie de faire peur. C'est la grenouille qui veut se faire plus grosse qu'un bœuf. C'est laid, c'est méchant... triste. (?) Triste d'être si laid. C'est laid. C'est informe. C'est inquiétant. Qu'est-ce que c'est laid ce truc là ! C'est l'avenir... C'est la désolation. »*

CONCLUSION

On voit combien ces réponses témoignent de traitements très diversifiés des problématiques liées à la question narcissique et à celle des identifications sexuelles. Certes toutes imprégnées d'une sensibilité à la non-intégrité, elles rendent compte de ressources et de fragilités psychiques variées, non uniformes, et qui, de surcroît, ne donnent aucunement à penser que la richesse et la vivacité du fonctionnement psychique s'étiolent sous prétexte de l'avancée en âge.

Pontalis a utilisé une métaphore très parlante, celle des ruines, pour dire la double valence de ce regard sur soi lorsque nous sommes confrontés au fait de la non-intégrité. Il est en effet des ruines accablantes de désolation, telles celles d'une « ville bombardée, sinistrée, [...] un quartier détruit, déserté de ses habitants [...], un chantier laissé à l'abandon ». Mais il est aussi des ruines propices à la douce mélancolie et à la nostalgie, tel ce monument dont la noblesse est rehaussée « de n'être plus ce qu'il a été, d'avoir perdu avec l'épreuve du temps, sa fonction, sa raison d'être et d'être pourtant toujours là, maintenu [...] dans ce qui l'a fait être » (1997, p.126-127). La possibilité de mobiliser un idéal du moi paradoxalement tolérant à l'inachèvement et à l'imperfection, bienveillant avec le moi, semble à même de prévenir le cruel sentiment d'inutilité et d'altération qui taraude bien des adultes qui vieillissent.

Là est sans doute l'une des clefs d'un vieillissement non pas réussi comme l'érigent les normes contemporaines, mais *consenti*, non pas dompté, mais *apprivoisé*, lorsqu'au soir de la vie, lorsque le climatère annonce l'inclinaison, il devient envisageable, à l'articulation du deuil de l'objet et de l'élaboration de la castration, de ne pas revendiquer l'intégralité, de pouvoir envisager le changement et la perte, et pouvoir conjointement reconnaître à l'autre le droit et la légitimité de poursuivre le chemin qui est le sien, sans l'investir avec emprise.

Là est notre travail : soutenir cette conviction bien fragile chez certains patients, celle qu'on peut vivre toujours sans forcément être intègre, celle qu'on peut avoir de la valeur tout en étant inachevé, celle que l'on peut être aimé sans pour autant être parfait.

RÉFÉRENCES

- Baudin M. (1998), La psychologie projective et les âges du milieu de la vie, in V. Boucherat-Hue (Ed.), *La psychologie projective en pratique professionnelle*, Paris, In-Press, 145-152.
- Baudin M. (2001), Ménopause, Syndrome Sec : approche métapsychologique et méthodologie projective, *Bulletin de psychologie*, 54, 5, 455, 563-572.
- Baudin M. (2005), Vieillir au féminin, *Psychologie clinique et projective*, 11, 277-288.

- Chabert C. (1983), *Le Rorschach en clinique adulte. Interprétation psychanalytique*, Paris, Dunod, 3^{ème} édition, 2012.
- Chabert C. (1987), *La psychopathologie à l'épreuve du Rorschach*, Paris, Dunod, 2^{ème} édition, 1998.
- Chabert C. (1998), *Psychanalyse et méthodes projectives*, Paris, Dunod, coll. Les Topos.
- Chabert C. (2001), La psychanalyse au service de la psychologie projective, *Psychologie clinique et projective*, 7, 55-69.
- Duras M. (1995), *C'est tout*, Paris, P.O.L.
- Ferenczi S. (1921), Pour comprendre les psychonévroses du retour d'âge, in *Œuvres Complètes, Psychanalyse III (1919-1926)*, Paris, Payot, 1974, 150-155.
- Ferreira Novo R. et Silva D. (2002), *The expression of the late adulthood in Rorschach; singularity of the personality or specificity of the age?* Communication au 17^{ème} International Congress of Rorschach and Projective Methods, Rome, Italie.
- Freud S. (1873-1939), *Correspondance*, Paris, Gallimard, 1979.
- Freud S. (1936), Lettre à Romain Rolland : Un trouble de mémoire sur l'Acropole, *Œuvres Complètes*, XIX, 325-338
- Freud S. et Zweig A. (1927-1939), *Correspondance*, Paris, Gallimard, 1973.
- Gide A. (1952), *Ainsi soit-il ou Les jeux sont faits*, Paris, Gallimard.
- Green A. (1994), Vie et mort dans l'inachèvement, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 50, 155-183.
- Green A. (1999), Passivité-passivation : jouissance et détresse, *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, 5, 1587-1600.
- Hayslip B. et Lowman R.L. (1986), The clinical use of projective techniques with the aged. A critical review and synthesis, *Clinical Gerontologist*, 5, 63-93.
- Hildebrand P. (1982), Scène originaire - Mort, in *Temps, vieillissement, société, Actes du 2ème congrès de l'Association Internationale de Gérontologie Psychanalytique*, Paris, Sopedim, 19-32.
- Mattlar C.E., Carlsson A., Forsander C., Karppi S.L. et Helenius H. (1992), Rorschach and Old Age; Personality Characteristics for a Group of Physically Fit 80-year old Men, *British Journal of Projective Psychology*, 37, 2, 41-51.

- Mattlar C.E., Knuts L.R. et Virtanen E., (1985), Personality structure of the Rorschach for a group of healthy 71-year-old females and males, *Projective Psychology and Personality Study*, 30, 1, 3-8.
- Panek P.E., Wagner E.E. et Kennedy-Zwergel K. (1983), A review of projective test findings with older adults, *Journal of Personality Assessment*, 47, 562-582.
- Poitrenaud J. et Moreaux C. (1975), Réponses données au test de Rorschach par un groupe de sujets âgés, cliniquement normaux. Analyse quantitative des protocoles en fonction de l'âge, *Revue de Psychologie Appliquée*, 25, 4, 267-284.
- Pontalis J.B. (1997), *Ce temps qui ne passe pas*, Paris, Gallimard.
- Rorschach H. (1920), *Psychodiagnostic*, Paris, PUF, 4ème édition, 1967.
- Vázquez N. et Osuna M. (2002), *Entendiendo los diferentes procesos de envejecimiento a través de los índices de Rorschach*, Communication affichée au 17^{ème} International Congress of Rorschach and Projective Methods, Rome, Italie.
- Verdon B. (2002), Le TAT, une épreuve projective heuristique pour la clinique du sujet âgé, *Psychologie Clinique et Projective*, 8, 183-206.
- Verdon B. (2003), Le traitement des affects dépressifs dans le fonctionnement narcissique à l'épreuve du vieillissement. Apports de la méthodologie projective, *Bulletin de Psychologie*, LVI, 5, 467, 655-665.
- Verdon B. (2004a), Traitement narcissique de la perte dans la névrose. Observations dans la clinique projective de la femme vieillissante, *Psychologie Clinique et Projective*, 10, 315-337.
- Verdon B. (2004b), Souffrance névrotique chez le sujet vieillissant, *Cahiers de Psychologie Clinique*, 23, 2, 35-57.
- Verdon B. (2004c), Psychopathologie d'une clinique de la perte : la plainte mnésique, Emmanuelli M. (Ed.), *L'examen psychologique : situations, méthodes, études de cas*, Paris, Dunod, 483-499.
- Verdon B. (2007), Actualité du sexuel chez l'adulte âgé. Réflexions à partir de la clinique projective, *Bulletin de Psychologie*, LX, 4, 490, 309-321.
- Verdon B. (2009), Le corps âgé. Dynamisme et fragilité des destins pulsionnels à l'épreuve du vieillissement, *Psychologie clinique et projective*, 15, 119-143.

- Verdon B. (2011a), The case of thematic tests adapted to older adults: On the importance of differentiating latent and manifest contents in projective tests, *Rorschachiana*, 32, 46-71.
- Verdon B. (2011b), Un fonctionnement psychique marqué par l'exigence narcissique à l'épreuve du vieillissement, in Chabert C. et Azoulay C. (Eds.), *12 études en clinique projective. Approche psychanalytique*, Paris, Dunod, 249-276.
- Verdon B. (2011c), Les épreuves projectives, in P. Charazac (Ed.) *L'aide-mémoire de psycho-gériatrie*, Paris, Dunod, 165-166.
- Verdon B. (2012), *Clinique et psychopathologie du vieillissement. Apport des méthodes projectives*, Paris, Dunod.
- Verdon B. et Duplant N. (2006), Masochisme et angoisse de perte de l'objet. Figure de la psychopathologie de la plainte mnésique, *Psychologie clinique et projective*, 12.
- Verdon B. et coll. (2012), *Cliniques du sujet âgé. Pratiques psychologiques*, Paris, Armand Colin.

REVISÃO DE ARTIGOS BRASILEIROS PUBLICADOS SOBRE O TESTE DE ZULLIGER

Alexandre Coutinho de Mello

Arlene Kely Alves de Amorim

Élyman Patrícia Da Silva

Rebecca Pessoa Almeida Lima

Taiane Regina Pereira Cabral

Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO

Os testes psicológicos são instrumentos que fornecem, para a atuação do psicólogo, importantes contribuições, como por exemplo, a elaboração de um diagnóstico mais preciso e fundamentado. Contudo, para que o psicólogo possa usar esses instrumentos em sua prática profissional é preciso que os mesmos passem por avaliações para verificar sua adequação psicométrica, de forma que esses instrumentos devem atender determinadas especificações que assegurem a sua credibilidade na comunidade científica.

O Conselho Federal de Psicologia postula que os testes são instrumentos de avaliação ou mensuração de características psicológicas observadas através da manifestação do comportamento. Dentre esses instrumentos de uso exclusivos dos psicólogos encontram-se os testes psicométricos e projetivos.

Os projetivos, como o teste de Zulliger (objeto de estudo desse trabalho), tem como uma das características principais o fato do sujeito atribuir de forma espontânea, seus sentimentos e pensamentos diante das lâminas. Assim sendo, um teste projetivo tem o papel de fazer com que a pessoa consiga projetar conteúdos internos em um meio externo, sem que ele tenha consciência plena dos significados envolvidos. Uma vantagem das técnicas projetivas reside na possibilidade da compreensão do funcionamento psíquico, único e singular, das pessoas, o que inclui compreender os recursos internos e defensivos que são utilizados frente a situações de difícil resolução.

O Teste de Zulliger foi desenvolvido em 1921 pelo psicólogo suíço Hans Zulliger e assim como Rorschach, constitui-se como uma técnica projetiva que apresenta estímulos visuais para avaliar características da personalidade. Ao contrário do Teste de Rorschach, o Zulliger pode ser utilizado para avaliar um número maior de pessoas de uma maneira mais rápida e eficaz. Esse teste visa, ainda, examinar a estrutura e dinâmica da personalidade do indivíduo, por meio de estímulos não estruturados (Amaral & Machado, 2011).

Para a aplicação do teste são utilizadas três lâminas e ocorre em 4 fases: a apresentação, a fase escura, a fase clara e o inquérito. Na primeira fase, os indivíduos recebem as instruções e uma folha em branco, onde devem anotar seus dados como: nome, idade, escolaridade, além das respostas. Na segunda fase, eles observarão as imagens, uma de cada vez, com as luzes apagadas tendo uma duração de 30 segundos, já na terceira fase, com a iluminação no ambiente, os participantes deverão anotar suas observações na folha em branco, ainda vendo as imagens, eles poderão observar por mais 5 minutos. E por fim, são entregues folhas de localização, ao qual eles irão mostrar onde viram aquilo que anotaram/observaram (Souza, Sousa & Alchieri, 2005).

Deve-se levar em conta na hora da aplicação as condições do ambiente, como a tranquilidade, a iluminação, a temperatura, como também qualquer outro elemento que interfira no procedimento, fazendo com que desta maneira não acarrete prejuízos na validade da aplicação. Outro importante aspecto está relacionado aos examinadores, ao qual, estes devem estar habilitados para a aplicação, possuindo experiência tanto nas entrevistas, quanto no manuseio do instrumento, além disso, a realização do *rapport* e a clareza e objetividade em relação as instruções, nesse momento deve-se explicar que trata-se de um teste de imaginação, em que não existirão nem respostas certas, nem erradas, devido a ambiguidade das pranchas (Souza, Sousa & Alchieri, 2005).

Entre os diversos contextos nos quais esse teste pode ser aplicado, podemos destacar no processo de seleção de pessoal e na avaliação de desempenho, ao qual os dados obtidos por meio da interpretação integrada das três lâminas podem ser previsores dos comportamentos futuros do indivíduo, como também suas decisões (Ferreira & Amaral, 2005). Ele também apresenta a capacidade de maneira ampla e integral de avaliar a inteligência dos indivíduos.

Por fim, sugere-se que o profissional psicólogo que trabalha com instrumentos de avaliação, especificamente as técnicas projetivas, reflita sobre a importância da formação continuada, bem como sobre a qualidade dos testes. Isso porque a qualificação técnica do instrumento é de fundamental importância para que o processo de avaliação psicológica alcance seus objetivos, ou seja, favorecer ao processo de avaliação e diagnóstico, gerando saúde e o bem-estar psíquico.

MÉTODO

Realizou-se um levantamento bibliográfico dos artigos sobre Zulliger, pesquisando nas bases de dados *Scielo* e *LILACS*, artigos publicados em revistas científicas que mencionassem, em seu título ou corpo, algo sobre o teste de Zulliger. A partir das palavras-chave “Zulliger”, “Z-test” e “Teste de Zulliger”, buscaram-se os artigos que discorriam sobre o assunto. Não foi delimitado o período de publicação dos trabalhos para não dificultar a busca.

Após leitura dos resumos dos artigos, com o intuito de averiguar se estes realmente retratavam do instrumento projetivo em questão, excluíram-se aqueles os quais não diziam respeito ao teste estudado. Neste sentido, foram encontrados 16 artigos sobre o Zulliger, sendo assim selecionados.

Em seguida, realizou-se a leitura na íntegra dos artigos, com o objetivo de identificar o ano de publicação de cada um, tipo de aplicação (individual ou coletivo), tipo de trabalho (teórico ou empírico), procedimentos e amostras estudadas. Por fim, calcularam-se as frequências para cada tipo de trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro dado analisado refere-se ao ano da publicação dos trabalhos, no qual encontraram-se artigos publicados entre os anos de 2002 e 2011. Pode-se verificar que há um aumento no interesse pelo tema nos anos de 2003, 2005, 2009, 2011, por ser nestes anos que se concentra a maior parte das publicações (3 em cada

ano), seguido por 2002 e 2006 (cada um com 2 publicações). Foram encontrados apenas 17 artigos de periódicos nos últimos dez anos (média de 1,7 artigos de periódicos por ano), sugerindo que o Teste de Zulliger é um instrumento que ainda não se encontra bem explorado pelos estudiosos da psicologia. Ver tabela 1.

Tabela 1. Relação de artigos encontrados em relação ao ano de publicação

Ano	Artigos
2002	2
2003	3
2004	-
2005	3
2006	2
2007	-
2008	-
2009	3
2010	1
2011	3
Total	17

Os resultados do levantamento das pesquisas sobre o Teste de Zulliger comprovam a necessidade da realização de mais estudos sobre o assunto, principalmente no que diz respeito a pesquisas que tenham como objetivo o aprimoramento do instrumento. Não obstante, o presente estudo tem a função de colaborar para um maior conhecimento das práticas que vêm sendo desenvolvidas em relação ao uso do Z-Teste. Enfim, somente por meio do trabalho em conjunto dos psicólogos é que será possível aprimorar e desenvolver a avaliação psicológica, tanto no contexto de pesquisa, quanto na clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu visualizar que no período de dez anos, o fato de terem sido encontrados apenas 17 artigos de periódicos, apresentando uma média de 1,7 artigos de periódicos por ano, demonstra que o Teste de Zulliger ainda é um instrumento pouco utilizado pelos profissionais de psicologia.

Os levantamentos das pesquisas sobre o Teste de Zulliger comprovam a necessidade da realização de mais estudos sobre o assunto, principalmente no que diz respeito a pesquisas que tenham como objetivo o aprimoramento do instrumento.

Não obstante, o presente estudo tem a função de colaborar com a comunidade acadêmica, proporcionando um maior conhecimento das práticas que vêm sendo desenvolvidas em relação ao uso do Z-Teste na área de Psicologia.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. E. V., Machado, M. A. S. & Noronha, A. P. P. (2009). O Zulliger no sistema compreensivo: um estudo de fidedignidade. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 29, n. 4, dez.
- Ferreira, M. E. A., Amaral A. E. V. (2005) O teste de zulliger e avaliação de desempenho. *Paidéia*, 15(32), 367-376
- Souza, C., Souza, H. K. C. & Alchieri, J. C. (2005). Proposta de revisão do método de Zulliger – Forma Coletiva. *Saúde e Desenvolvimento Humano: Conceitos determinantes e desafios*.

A TÉCNICA PROJETIVA LUDODIAGNÓSTICA: AVALIAÇÃO COMPARATIVA COM A TÉCNICA PROJETIVA DE DESENHO H-T-P (CASA – ÁRVORE – PESSOA)⁷

Rosa Maria Lopes Affonso

INTRODUÇÃO

O *Ludodiagnóstico* é um instrumento de investigação clínica por intermédio do qual o psicólogo procura estabelecer um vínculo terapêutico com a criança que foi trazida pelos pais, visando o diagnóstico de sua personalidade através da utilização de brinquedos estruturados ou não. Trata-se, portanto de uma técnica projetiva, geralmente utilizada como uma das etapas do psicodiagnóstico infantil. Comumente, é utilizada na primeira sessão com a criança, após as entrevistas com seus pais ou responsáveis, fazendo parte do conjunto de técnicas e testes utilizados para o diagnóstico infantil.

A técnica lúdica diagnóstica faz parte das *técnicas projetivas expressivas* fundamentada nos princípios da associação livre de Sigmund Freud (1900) em que a criança fica inteiramente livre para interagir com os materiais lúdicos.

O que ocorre na sessão lúdica é interpretado como expressão dos conteúdos do mundo interno e externo do sujeito, portanto, ao oferecer à criança o uso de brinquedos ou jogos no contexto do ludodiagnóstico, cria-se a possibilidade da configuração de um campo, determinado pelas variáveis internas de sua personalidade. Assim, a criança pode atualizar no aqui e agora da sessão um conjunto de fantasias e de relações objetais a serem analisadas pelo terapeuta. Por esse intermédio, ele pode compreender, além do funcionamento da estrutura psíquica da criança, os motivos manifestos e latentes que determinaram seus conflitos, bem como as suas expectativas de como gostaria de receber ajuda.

O ludodiagnóstico, tal como o HTP (Buck, 2003), Desenho-Livre (Cox, 1995) ou Testes das Fábulas (Cunha, 1993) considera o conceito psicanalítico de *projeção* que,

⁷ Este trabalho é parte da pesquisa apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Pós-Doutoramento

segundo Laplanche e Pontalis (1977, p. 478), consiste na operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo objetos, que desdenha ou recusa em si.

Esta função do método projetivo é apoiada por Anzieu (1978), que o utiliza em diagnósticos para obtenção de informações indiretas, das quais o sujeito não tem acesso ou não consegue expressar. Assim, em uma investigação clínica todas estas formas indiretas (desenhos, brinquedos ou figuras) funcionam como estímulos para a obtenção de dados proporcionando a oportunidade de auto-expressão sem a necessidade do depoimento verbal direto. No entanto, a regra em geral nos testes projetivos é solicitar do sujeito alguns questionamentos, por exemplo, após desenhar uma figura humana, uma árvore ou uma casa, há um inquérito sobre o desenho comumente pautado na busca de informações sobre os relacionamentos pessoais e interpessoais. Num ludodiagnóstico ocorre o mesmo, a criança pode interagir com os materiais, mas o psicoterapeuta faz perguntas muito semelhantes ao que comumente é utilizado nos testes projetivos, tais como: quem poderia ser aquele boneco? Com quem poderia morar? O que ele está fazendo? O que irá fazer depois? Embora a utilização do inquérito seja uma regra na formulação dos testes e técnicas projetivas, a formulação das questões não segue um padrão rígido, exigindo por parte do aplicador um treino específico.

Desde 1987 temos pesquisado a interação lúdica da criança tanto na contribuição psicoterapêutica (Affonso, 1987) como na contribuição diagnóstica (Affonso, 1994, 2011) em que sugerimos a análise de alguns indicadores cognitivos tanto nas técnicas lúdicas como na análise de testes projetivos de fundamentação psicanalítica. Tais pesquisas são realizadas fundamentadas na obra de Jean Piaget (1936, 1937, 1946) em que a partir das expressões lúdicas da criança estudamos as relações entre afeto e cognição, tomando como pressuposto a importância das noções de espaço, tempo e causalidade para a análise de como se apresenta a organização da experiência vivida pela criança, independente do instrumento ou técnica que o profissional utilize.

O pressuposto teórico destas pesquisas a respeito da importância das construções espaço-temporais e causais na organização da experiência vivida está embasado em décadas de estudos realizados no Laboratório de Epistemologia

Genética e Intervenção Psicossocial do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, cuja responsável é Dra. Zelia Ramozzi-Chiarottino. Neste Laboratório há um grupo de pesquisadores que estudam a obra de Piaget “A construção do real na criança” (1937) investigando a associação desta com a estruturação da diferenciação eu não-eu e o processo de socialização do indivíduo e que pode estar expresso nas suas representações. Como o psicólogo trabalha, essencialmente, com as representações humanas, quer seja, ouvindo e intervindo na expressão verbal de um cliente ou analisando ou avaliando as representações gráficas, verbais, lúdicas nossas pesquisas se voltam para estudar todos os instrumentos utilizados pelo psicólogo, testes, procedimentos e técnicas, ou seja, tudo que esteja relacionado a representação, seja num contexto psicoterapêutico ou de avaliação psicológica.

Qual é o nosso conceito de real? É o mundo dos objetos e dos acontecimentos, estruturado pela criança graças à aplicação (a este mundo) de seus esquemas de ação. É por intermédio desses esquemas que a criança entende as propriedades dos objetos, as regularidades da natureza e o alcance ou os limites de suas ações no seu mundo (ou seja, um mundo no qual ela age). É graças à ação que exerce sobre o meio, que a criança se insere no espaço e no tempo e percebe as relações causais. Sem essa organização, a representação do mundo não será adequada (Ramozzi-Chiarottino, 1984, P. 75).

Acreditamos que ao demonstrarmos a relevância da identificação das noções de espaço, tempo e causalidade num contexto diagnóstico estamos considerando o fato de que certas crianças diante dessa falha apresentam uma dificuldade de representar adequadamente o mundo, logo a pesquisa procura dar instrumentos ao psicoterapeuta para o estudo das representações infantis, quer expressa num teste psicológico projetivo ou numa entrevista lúdica.

OBJETIVO

Nosso objetivo é investigar a relevância dos aspectos cognitivos nos diagnósticos infantis a partir da análise de sessões ludodiagnósticas e do HTP (Casa-

Árvore-Pessoa), investigando se o psicoterapeuta considerou esses aspectos e, se o fez ou não, quais as conseqüências diagnósticas em relação ao encaminhamento.

MÉTODO

Nosso método consistiu em analisar os prontuários clínicos de avaliação psicológica de três Clínicas Psicológicas de crianças de 2 a 14 anos, atendidas nos últimos seis anos, procurando identificar na análise das representações da criança na *hora-lúdica diagnóstica* as noções de espaço, tempo e causalidade. Foram analisados um total de 282 prontuários de sessões lúdicas de crianças entre dois e quatorze anos e 127 prontuários com o teste projetivo, HTP, supervisionados por vários profissionais, incluindo a própria autora, de crianças entre 6 a 12 anos. Para efeito de parâmetros da pesquisa, foram avaliados 123 protocolos de ludodiagnóstico de crianças “normais” de 2 a doze anos, atendidas em uma escola particular da cidade de São Paulo, somente pela autora para efeito de parâmetro da pesquisa.

A análise dos protocolos de crianças “normais” visou estabelecer parâmetros comparativos com os das crianças atendidas em situação clínica. Por exemplo, espera-se que uma criança “normal” apresente maior facilidade de expressão, gráfica ou lúdica, do que uma criança em situação psicoterapêutica, logo a análise cognitiva proposta pela pesquisa torna-se mais relevante. Além disso, partiu-se do pressuposto de que nem sempre, por outros instrumentos projetivos, senão pelo ludodiagnóstico, é possível identificar ou analisar as representações de espaço, tempo e causalidade, logo, o objetivo da aplicação do HTP foi o de comparar com a técnica lúdica.

Para a análise de todas as sessões ludodiagnósticas e dos protocolos dos desenhos da figura humana foi considerada a análise da capacidade simbólica proposta por Affonso (1994) em relação à identificação de comprometimento das noções espaço-temporais e causais, publicada em livro em 1998 e revisado em 2011. Entendemos por construção adequada da noção espaço a capacidade de organizar cenas com sentido social explícito, sejam elas verbalizadas ou não. A organização da noção de tempo consiste na compreensão, expressa no discurso do passado, presente e futuro. Não é utilizar simplesmente o verbo no passado ou no presente, mas sim o

saber inserir-se a si mesmo e os fatos no antes, agora e depois. Quanto ao vínculo causal consiste na atribuição de uma causa a um dado fenômeno, ainda que não seja verdadeiro. (Affonso, 2011, p. 90-100)

Comumente, a avaliação diagnóstica psicológica reúne as inferências obtidas a partir dos resultados de todos os instrumentos analisados e que caracterizam um prontuário de um cliente na clínica: entrevistas com os pais, anamnese da criança, resultado do ludodiagnóstico e dos testes ou procedimentos utilizados.

Diante das inúmeras informações encontradas nos prontuários das crianças em relação à conclusão diagnóstica, fizemos uma classificação de conclusões cognitivas e não-cognitivas que é muito relativa e restrita de resultados, mas teve como objetivo verificar se são considerados os aspectos cognitivos ou não em relação às noções espaço-temporais e causais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constamos a relevância dessa pesquisa em relação ao estudo da Técnica Expressiva Ludodiagnóstica, considerando que faz parte de 94% dos prontuários consultados das clínicas-escolas. Em clínicas, tais como hospitais ou consultórios, o instrumento é também *muito utilizado*, mas não foram encontrados registros para a análise, sendo descartados os dados obtidos. Os registros encontrados nestas clínicas foram trechos de sessões ou apenas era nomeado o seu uso. Este resultado demonstra a necessidade de uma padronização ou sistematização dos registros do ludodiagnóstico pelo profissional, considerando que são mencionados como instrumentos de avaliação psicológica nos laudos de avaliação infantil, mas não passíveis de pesquisa.

Depois do ludodiagnóstico, os testes gráficos projetivos são os mais utilizados, tais como o H T P (29%), assim como os Testes Psicométricos de avaliação intelectual (30%) e/ou outras técnicas projetivas (29%), do total de 282 prontuários clínicos.

A utilização da Técnica Expressiva Ludodiagnóstica foi encontrada nas Clínicas-Escolas com crianças a partir dos 3 anos. Nas crianças abaixo de 5 anos, praticamente, parece ser o único instrumento utilizado, daí a relevância da presente pesquisa, pois

nesses casos a contribuição do aspecto cognitivo parece ampliar o campo de observação e de inferências diagnósticas do profissional em relação ao comportamento da criança a ser avaliado.

Verificamos na análise descritiva estatística uma porcentagem válida de 29,7% de crianças que apresentaram queixas de agressividade acompanhadas de Distúrbios de Socialização (Dso) e de Distúrbios de Aprendizagem (DA), Distúrbios de Aprendizagem relacionados às lições de casa (Daliç), Distúrbios de Aprendizagem relacionados aos problemas de linguagem, tal como dificuldade de fazer uma redação (Daliç); e Distúrbios Aprendizagem relacionados a Déficit de Atenção (Datç), todas com uma frequência válida de 8,9%, o que foi muito significativo. Esses problemas parecem fazer parte na sua maioria de dificuldades no processo de socialização, logo apontam para a necessidade do profissional estar preparado para tal e, no nosso entender, a análise dessas noções cognitivas colabora no diagnóstico diferencial dessas dificuldades de socialização dos indivíduos, principalmente quando comparamos a conclusão diagnóstica entre os profissionais. Vale ressaltar que o teste projetivo HTP contempla as possibilidades da investigação da socialização.

Considerando a análise estatística da relação entre essas noções e o comprometimento cognitivo e não-cognitivo na conclusão diagnóstica $p > \alpha$, essas análises das noções espaço-temporais e causais tornam-se mais cruciais, quando o profissional for concluir ou inferir suas análises diagnósticas.

Verificamos que é muito significativo o número de sujeitos com comprometimento nas noções de espaço, tempo e causalidade, na análise da Técnica Ludodiagnóstica, em média 50% em quase todos os grupos analisados, seja os “normais” ou das Clínicas-Escolas. Inclusive, foi surpreendente encontrar nas crianças normais, uma porcentagem tão alta de crianças com comprometimento, em torno de 57%.

Mas o que comentar sobre essa incidência tão semelhante no comprometimento dessas noções na população das Clínicas-Escolas e na das crianças consideradas “normais”? O que é “normal”? É a criança que não é agressiva? Aquela que apesar dos comprometimentos consegue “burlar” ou esconder suas dificuldades cognitivas? Aquela que não apresenta dificuldades de aprendizagem? Aquela que não é detectada pela escola? Ou seja, tais resultados apontam para a necessidade de ações

preventivas na área desses aspectos cognitivos e que no nosso entender, indicam possíveis potenciais de problemas na socialização e/ou escolarização. Uma criança que não consegue organizar suas experiências vividas, possivelmente, terá dificuldades na expressão das redações escolares.

As variáveis sexo e escolaridade foram muito significativas em relação ao comprometimento das noções espaço-temporais e causais. Constatamos uma incidência maior de meninos com comprometimentos nas noções espaço-temporais e causais do que nas meninas na população das Clínicas-Escolas. Na população “normal” 63% eram do sexo masculino e verificamos que 39% deles apresentaram comprometimento nas noções espaço-temporais e causais, indicando que a variável sexo também é significativa na população “normal”, sugerindo uma pesquisa de gênero nestes aspectos.

No que diz respeito à escolaridade, nas clínicas-escolas há um índice significativo, média de 70%, advindos da escola pública. Ao analisarmos o comprometimento das noções espaço-temporais e causais desses mesmos sujeitos, verificamos que independentemente do sexo, há uma incidência significativa dos sujeitos com comprometimento advindos da escola pública, quando comparados com aqueles advindos da escola particular.

Dos casos acompanhados pela pesquisadora, 43% apresentaram comprometimento cognitivo advindos da escola pública, sendo apenas 7% com comprometimento advindos da escola particular. Os mesmos resultados também foram constatados nos casos acompanhados por outros profissionais: 42% com comprometimento das noções na escola pública, e 2% de não comprometimento na escola particular.

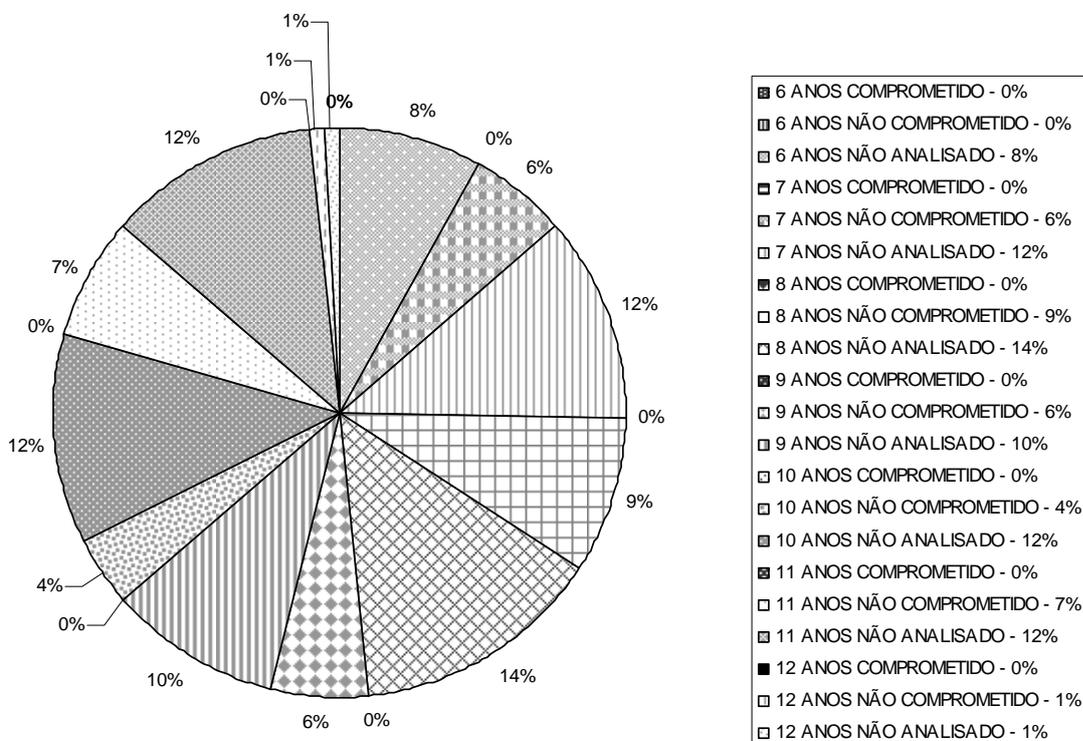
Esse é um aspecto que merece atenção. A escola parece cumprir o seu papel ao detectar o problema, e a nós profissionais cumpre investigar o desafio de colaborar e ajudar na solução do mesmo. Assim, consideramos que é fundamental ao profissional ter uma compreensão, não só da socialização do indivíduo, propiciada pela família, mas aquela propiciada pelo processo de escolarização, logo, uma necessidade de compreensão dos distúrbios ou dificuldades de aprendizagem escolar, segundo as necessidades requeridas pelo desenvolvimento das estruturas desse indivíduo em questão.

Embora “parecendo” apresentar resultados semelhantes, na população onde foram aplicados o HTP tais comparações não são passíveis de serem consideradas, tendo em vista um número significativo de análises em que não se aplicaram nossas investigações (NA) sobre as noções espaço-temporais e causais, Gráfico 1.

Verificamos que através do instrumento projetivo HTP, apenas podemos constatar a presença das noções espaço-temporais e causais, mas não conseguimos identificar a especificidade da análise de cada uma delas, logo não é possível detectar essas noções nem pelo desenho, nem tão pouco pela linguagem verbalizada nos inquéritos ou histórias, daí a relevância dessa pesquisa, pois estes resultados indicam a importância da utilização da técnica ludodiagnóstica enquanto instrumento de análise dos aspectos cognitivos, além dos afetivos.

Ao solicitarmos que a criança desenhe uma casa, uma árvore ou uma figura humana, ela pode estar tão identificada com a figura que pode não conseguir dar-lhe *movimento imagístico*, logo, concluímos que se a ação não é explícita, não é possível afirmar que se não encontrarmos as noções cognitivas é porque a criança está comprometida. Portanto, os resultados do Gráfico 1, onde não são aplicados essa análise em mais da metade dos casos, 69% indicam a não aplicação destes instrumentos aos nossos propósitos diagnósticos quando utilizamos apenas o http. Se considerarmos que 0% dos sujeitos não apresentam comprometimento nas noções (Gráfico 1). Reforça a ideia da não aplicação do instrumento às noções análises.

Gráfico 1 - Análise das Noções espaço-temporais e causais em relação à idade dos 127 prontuários de crianças "normais" submetidas ao HTP



Por outro lado, é possível encontrar crianças que se desprendem dessa situação estática, proposta nestes testes e demonstram a presença dessas noções. Assim, podemos verificar que há um número considerável de sujeitos com estas noções espaço-temporais e causais. Na população estudada, conforme Gráfico 1, encontramos 31% de sujeitos com todas as noções indicando que numa amostra da população "normal" é possível encontrar sujeitos com ou sem comprometimento cognitivo, tal como esperávamos encontrar ao propor esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes resultados nos permitem dar maior relevância às técnicas expressivas, tais como o Ludodiagnóstico, permitindo comprovar o que temos estudado nestes vinte anos acerca da importância da Técnica Lúdica enquanto instrumento projetivo de investigação clínica, particularmente, das investigações diagnósticas das estruturas mentais necessárias para o processo de socialização, bem como da compreensão sobre os elementos que envolvem a capacidade simbólica de uma criança.

Muitas vezes, a queixa numa avaliação psicológica pode já estar direcionada a investigações de falhas cognitivas, mas a nosso ver, nem sempre. Uma criança que não consegue falar, fazer uma redação, compreender as instruções de um problema, expressar suas dificuldades, formular perguntas, e ao mesmo tempo é agressiva, hiperativa, não interage com os seus pares, é devido às *intercorrências* ou conflitos do meio ou por que, simplesmente, não tem as estruturas necessárias para tal?

Podemos afirmar, com os resultados da pesquisa que esses indicadores para o diagnóstico de crianças com problemas na representação da construção do real, constituem o diagnóstico das possibilidades da criança apropriar-se de sua existência, de sua história e do meio do qual faz parte, nem sempre possíveis de avaliação por determinados instrumentos clínicos, mas fundamentais numa investigação clínica, daí a necessidade de uma padronização dos mesmos.

Verificamos que através do HTP apenas podemos constatar a presença das noções espaço-temporais e causais, mas não conseguimos identificar a especificidade da análise de cada uma delas, logo, não é possível detectar essas noções nem pelo desenho, nem tão pouco pela linguagem verbalizada nos inquéritos ou estórias, daí a relevância dessa pesquisa.

Solicitar que uma criança desenhe uma figura humana não sugere ação, ao contrário, na hora-lúdica há elementos possíveis de ação prática ou representativa. A criança pode lembrar ou construir cenas a partir dos materiais lúdicos, representando a sua vida, encadeá-las em situações diversas do ponto de vista das ações práticas ou representá-las em ações verbalmente.

Alguns poderiam nos questionar se num desenho livre ou nos desenhos livres com estórias também seria possível fazer essas análises. Temos verificado que é

possível, portanto, até o momento, os resultados apontam que para a investigação das noções de espaço, tempo e causalidade é necessário uma técnica ou instrumento que remeta às ações vivenciadas, logo, um desenho livre quase sempre representará uma ação imagística móvel. Por outro lado, solicitar o desenho de uma figura estática, sem contexto, não possibilita tal expressão e, conseqüentemente, tal investigação.

REFERÊNCIAS

- Affonso, R. M. L. (1987). *Aspectos cognitivos no processo ludoterápico*. São Paulo, 86 p. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- _____ *Da importância de se considerar, no ludodiagnóstico, as representações da criança no que concerne a espaço, tempo e causalidade a aceção de Jean Piaget*. São Paulo, 1994, 202 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- _____ *Ludodiagnóstico: a teoria de J. Piaget em entrevistas lúdicas para o diagnóstico infantil*, Ed. Cabral. Taubaté, 1998.
- _____ *Ludodiagnóstico: Análise cognitiva das representações infantis*. São Paulo: Vetor, 2011.
- Anzieu, D (1978). *Os métodos projetivos*. Trad. Maria Lucia E. Silva. Campus, Rio de Janeiro.
- Buck, J. N. (2003). *H-T-P: Casa- árvore-Pessoa, Técnica Projetiva de Desenho: Manual e Guia de Interpretação*. Trad. De Renato Cury Tardivo; revisão de Irai Cristina Baccato Alves. 1. ed. São Paulo: Vetor.
- Cox, M. (1926) *Desenho da Criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- Cunha, J.A. e Nunes, M.L.T. (1993). *Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica* Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia. São Paulo.
- Freud, S. (1900) La Interpretacion de los Sueños Tres ensaios para una teoria sexual. In: _____. *Obras Completas*. Trad. De Luiz Lopez-Ballesteros y de Torres. 3 ed. (v I, p. 343-720). Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- Kolck, O. L. V. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. E. P U. São Paulo.

Laplanche, J. : Pontalis, J.-B. (1977). *Vocabulário da psicanálise*. Trad. de Pedro Tamen. 4. ed.. Moraes. Lisboa.

Piaget, J. (1936) *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. 4 ed. Neuchâtel et Paris, Delachaux et Niestlé, 1963.

_____ (1937) *La construction du réel chez l'enfant*. 2 ed. Neuchâtel et Paris, Delachaux et Niestlé, 1950.

_____ (1946) *La formation du symbole chez l'enfant*. 6 ed. . Neuchâtel et Paris, Delachaux et Niestlé, 1976.

Ramozzi-Chiarottino, Z. (1984). *Em busca do sentido da obra de Jean Piaget*. São Paulo, Ática.

ANÁLISE DAS PROJEÇÕES DE VAN GOGH À LUZ DO SEU GRAFISMO

Juliana Linhares de Cavalcanti Alencar⁸

Hannah Nassif Jaber Magalhães⁹

Fátima Nayara Pereira de Andrade de Morais²

Stefânia Francielle Ferreira de Lima²

Cinthya Pereira de Morais²

Tainara Gomes de Souza²

Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio

“Ache belo tudo o que puder. a maioria das pessoas não acha belo o suficiente”

Vincent Willem Van Gogh

INTRODUÇÃO

Vincent Willem Van Gogh: Filho mais velho - antes dele teve outro irmão, porém natimorto - que recebeu o nome em homenagem aos seus avós. Nasceu no dia 30 de Março de 1853 em Groot Zundert, Brabante do Norte e morreu no dia 29 de Julho de 1890 na França. Era uma pessoa ativa, tinha força de vontade, auto agressividade, temperamento difícil e teimoso. Seus pais o criaram com bastante indulgência, assim afirma Bonger (2008). Vincent tinha ataques furiosos na infância e certa vez sua avó Van Gogh “agarrou o pequeno raivoso pelo braço e, com um certo tapa na orelha, tirou-o para fora da sala (p.36)”.

Na sua infância ele fazia coleção de flores e amava animais. O pequeno com oito anos de idade modelou um elefante, sendo este uma grande surpresa para a família, porém, em seguida ele destruiu a peça, porque “estava fazendo demasiado espalhafato por causa dela (p.37)”. Vincent tinha mais quatro irmãos, sendo duas mulheres e dois homens. Théo era o irmão que ele mais se comunicava através de

⁸ Psicóloga formada pela UFPE(2003), especialista em Neuropsicologia Clínica pelo CPHD(2009) e Docente da FALS nas disciplinas de Neuropsicologia, Exame Psicológico I e II.

⁹ Discentes da FALS.

cartas, sendo este quatro anos mais novo. Suas semelhanças psicológicas eram imensas, porém, o físico era totalmente diferente.

Eles (Vincent e Théo) tinham um vínculo quase simbiótico desde a infância¹⁰, “(...) eles cresceram entre os trigais, a charneca e os bosques de pinheiro, dentro daquela atmosfera peculiar de uma casa paroquial em uma aldeia protestante (p.38).”. Após a infância eles tiveram que enfrentar o mundo sem a presença dos pais, e durante muito tempo eles viveram suas vidas sempre “(...) manifestando amargura (...) (p.38)” como se ainda quisesse viver no ventre de sua mãe, sendo protegidos dos males do mundo. (Bonger, 2008).

Vincent sempre carregou consigo o jeito do “caipira do interior” continuamente se remetendo ao passado, com lembranças, vestimentas, projeções de figuras esboçadas e sempre retornando para casa várias vezes, já o irmão (Théo), quando foi morar em Paris se transformou em “um parisiense bastante refinado”. Diante de algumas passagens do livro Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada, é possível perceber que o artista, sempre se remete ao passado com saudade, “Aquelas primeiras lembranças da infância ensolaradas eram inapagáveis. (p.39)”. “Sempre permanecerá em nós algumas coisas dos campos cultivados e das terras devolutas do Brabant – carta 573 (p.38).”.

No início da adolescência, Vincent foi enviado a um internato, e por causa disso não se tem informações desta fase. Os irmãos entraram para o mundo das artes ainda muito cedo. Em 1872 os irmãos começaram a se comunicar por bilhetes e cartas. As cartas explanam acontecimentos corriqueiros da vida cotidiana, sobre flores, paisagens, árvores e o rouxinol. Além das suas lembranças conscientes e inconscientes, os amigos da família ainda contribuíam para que ele não parasse de lembrar “(...) dos amados campos e bosques (p.43)”. Nesta época ele começou a esboçar alguns desenhos que abordavam o cotidiano, como a casa e a rua onde morava.

A sua primeira desilusão amorosa foi com uma moça chamada Úrsula, porém, quando Vincent foi se declarar ela já estava noivo de outro rapaz. Antes desse episódio, ele estava alegre e feliz, após, ele passou por uma transformação de caráter,

¹⁰ A biografia não cita especificamente como se estruturava a relação de Vincent com a mãe, porém, de acordo com leituras realizadas foi possível levantar algumas hipóteses de como seria tal relação.

assim afirma Bonger. Ele ficou magro, não falava muito, e começou a desenhar bastante. A partir de experiências traumáticas ele externalizava suas emoções através de pinturas, sendo esta, a maneira que encontrou para se comunicar com a sociedade. Tal mecanismo de defesa foi utilizado de forma terapêutica.

Com essa primeira e grande desventura, seu caráter codificou-se: ao voltar para casa durante as férias, ele estava magro, silencioso e deprimido. Uma pessoa completamente diferente. (Bonger, 2008, p.44).

Através de raríssimas cartas enviadas a sua família, pode-se notar que ele estava com depressão, não vendo mais graça na vida. Posteriormente, ele diminuiu o ritmo da pintura e aumentou a frequência da leitura. O irmão sempre foi o apoio financeiro da família, e Vincent foi o “excêntrico” gostando muito das artes em geral. Bonger (2008) analisou descrevendo como: “Pressionado pelo desespero, ele se apegava à religião, através da qual tentava satisfazer sua necessidade de beleza, do mesmo modo que seu anseio de viver para ajudar aos outros (p.47)”.

Posteriormente a primeira desilusão amorosa, algumas características podem ser pontuadas, são elas: autodisciplina, autopunitivo, refugiou-se na religião, era intenso nos seus sentimentos, entre outros. Por motivo da dedicação intensa em relação a qualquer área psicossocial o qual estava, ele foi “expulso” da área religiosa onde estava trabalhando com o salário de 50 francos mensal e o seu ofício era ministrar aulas sobre a Bíblia para crianças. Ele não interrompia seus afazeres, queria alcançar os seus próprios méritos, e em relação a sua saúde biológica pode-se afirmar que ele estava ficando magro e fraco. Pode-se perceber que tudo o que ele fazia era intenso; neste mesmo período ele começou a desenhar ferramentas de mineiros.

Ao pregar o Evangelho para os mineiros, surgiam dúvidas acerca da fé, período este que ele estava questionando de tudo que tinha aprendido sobre a Bíblia. Ele seguia uma filosofia de vida: servir e confortar a humanidade. Queria confortar alguém através de um quadro, ao mesmo passo que a música também é confortadora. Assim afirma Bonger (2008). *“Eu disse a mim mesmo: vou pegar meu lápis... vou começar meus desenhos... A partir desse momento, tudo pareceu transformar-se para mim (p.55-56)”*.

A segunda desilusão amorosa² fez com que Vincent perdesse toda a “ambição mundana (p.60).” pulsão libidinal consciente, e com isso usou exageradamente um mecanismo de defesa: sublimação. Voltou-se exclusivamente para o trabalho, mas ainda aqui ele não conseguiu sua independência financeira. Foi para Haia após uma discussão com o pai, e neste período, Bongger (2008) aponta algumas características averiguadas a partir das cartas enviadas ao seu irmão, são elas: sentimento de desprezo, abandono e ridicularizado. Após a angústia que estava sentindo, ele conheceu uma mulher promíscua que já tinha um filho e como consequência dos acontecimentos, ele quis cuidá-la. Bongger confirma o episódio na página 60-61:

Vincent não sabia viver sozinho; ele queria viver para alguém, queria ter uma esposa e, já que a mulher que amava o havia rejeitado, pegou a primeira infeliz que cruzou seu caminho, com um filho que não era seu.

A terceira desilusão amorosa foi justamente com essa mulher já citada. Mas o próprio Vincent não aguentou e assim deixou uma carta de despedida para ela. Nas cartas enviadas ao irmão foi possível perceber que sua vida poderia ter seguido outro caminho sem essas desilusões. Na quarta desilusão ele ficava cada vez mais calado e a família argumentou que ele tinha “crises nervosas”. Traços de histeria de ordem problemática externa.

Vincent foi uma pessoa com uma história de vida marcada por rejeições o que conseqüentemente trouxe para si frustrações, fazendo com que o mesmo, buscasse relacionamentos com algumas mulheres, como forma de suprir a necessidade materna, pois buscava conquistar e doar seu sentimento, com objetivo de poupar seu ego de frustrações.

Pelo fato da grande cobrança feita a si mesmo o sujeito realiza a autopunição, que consiste em agredir a si mesmo de diversas formas movido pelo sentimento de culpa. No filme Van Gogh – Vida e obra de um gênio, quando Vincent pintou o seu próprio rosto, ele expressou sentimento de raiva e solidão, pode ser interpretado como uma autopunição.

Comer pão seco não era absolutamente uma novidade para ele; de acordo com Kerssemakers, Vincent só comia pão assim, como se

fosse uma espécie de punição, a fim de não “paparicar” demais a si próprio. (Bonger, 2008, P.70).

Desse modo pode perceber traços estruturais de neurose obsessiva e psicóticos, que são caracterizados por: autodisciplina, instabilidade emocional, incerteza ao retorno regressivo, nostalgia da infância, economia obsessiva do desejo que será projetado para os quadros, cuidado excessivo com a perfeição, não suportava ser contrariado, entre outros. (Dor, 1994, p.97).

Em relação ao complexo de Édipo estruturado por Freud ([1856 -1939] 1996), Vincent tinha uma rivalidade extrema com o pai, e somente após a sua morte ele conseguiu se sentir completo e começou a pintar e desenhar mais livremente. Assim é descrito por Bonger (2008, p.73):

Agora, ele se achava harmonioso consigo mesmo e com tudo quanto o cercava e, quando enviou a Théo a sua primeira obra-prima *Os comedores de Batata*, podia afirmar com plena razão que ele brotara “do coração da vida camponesa”.

Dessa forma, é possível perceber que ele se sentiu mais livre quando seu pai morreu (Seria então a castração simbólica?), e as suas telas eram resgates da sua infância. Agora ele não tinha mais essa rivalidade, e sua mãe poderia doar toda atenção para ele. Um nostálgico do ser, característica da estrutura neurótica obsessiva. Essa insatisfação materna é marcada a vida de Vincent pela procura obsessiva por mulheres para suprirem essa carência e falta que a sua mãe gerou.

O complexo edipiano mal resolvido entre ele e sua família, é projetado para o irmão, que tem função de impor limites e de protegê-lo do mundo caótico. O complexo edipiano a partir do Édipo estrutural da linguagem como categoria Lacaniana. Tem como objetivo a imposição de limites e se constitui a entrada em cena de uma estrutura psíquica. O falo organiza a diferença sexual, vem significar a falta, preenchendo o vazio e a castração tem objetivo impor limites nas ações do sujeito perante a sociedade. A função materna está em completa simbiose com a criança, no primeiro estágio é a alienação e depois a separação, quando a criança está no estágio do narcisismo secundário, sua libido é investida no mundo, na apreensão dos desejos.

A castração ocorre quando a função paterna é permitida pela mãe para impor limites, conseqüentemente o sujeito com esse corte simbólico se torna um sujeito desejante, quando não ocorre o sujeito tem como estrutura psicanalítica a Psicose. (Dor, 1994).

Devido a pouca informação sobre a relação familiar de Van Gogh, é difícil perceber se houve ou não a castração simbólica. Porém, é possível perceber que Vincent transferiu para o irmão Théo as funções maternas e paternas. Os pais do Vincent tinha uma relação da seguinte maneira: eles que “decidiam” a vida dele através de escritos de cartas que mandaram um para o outro. O que era melhor ou pior para o Vincent era decidido pela mãe e o pai. A sua mãe o superprotegia; Vincent era dependente de seu irmão. Dessa forma, ele se tornava passivo na própria vida.

Vincent teve que fazer uma operação na boca porque tinha perdido grande parte dos dentes, tempo depois ele se recuperou fisicamente e psicologicamente, passando agora a ter mais contato interpessoal. Seus amigos lhe enviavam flores e ele as usava para pintar a natureza morte, seu principal objetivo era “(...) *tornar as cores de seus próximos quadros mais brilhantes e mais claras* (p.77)”. Quando toda a novidade do lugar onde morava passou, a irritabilidade voltou e conseqüentemente os amigos não o visitavam mais.

Através de uma carta que Vincent enviou a sua família, é possível notar que ele está desesperado e angustiado, através do que diz: “*É como se houvesse duas pessoas em um só corpo: uma é maravilhosamente bem-dotada, carinhosa e refinada, a outra é egoísta e de coração duro.* (p.79)”. Uma das características da personalidade é o fato dele não suportar ser contrariado por ninguém e sempre buscar a perfeição. Seria então traços psicóticos?

Em 1903 o pintor Gauguin foi morar com Vincent dividindo um apartamento. No início, este queria impressioná-lo com os seus trabalhos, depois, com o tempo eles começaram a se desentender, o clima começou a ficar tenso e os dois já estavam no limite de suportar um ao outro. Este relacionamento se transformou numa luta silenciosa, assim afirma Bonger (2008). Eles ficavam criticando um ao outro na sua forma de pintar e realmente nessa época as brigas entre os dois começaram a crescer. Na véspera do Natal, após uma das suas discussões com Gauguin, Vincent estava em um “estado violento de excitação” (p.86), e cortou um lóbulo da sua própria orelha esquerda e mandou por telegrama para o seu irmão Théo.

Dessa forma, pode relacionar esta fase da vida de Vincent Van Gogh com teorias de Freud sobre Totem e Tabu. É uma das obras de Freud, a qual foi traduzida em diversas línguas. Neste trabalho, Freud tem em vista contribuir com a antropologia social, sendo este o primeiro de outros ensaios relacionados à sociedade, retrocedendo dessa forma no tempo com o intuito de remontar o nascimento da civilização, onde a religião tem papel fundamental, pois a mesma faz parte do mecanismo de repressão dos instintos e impulsividades humanas.

Os dois temas principais, os quais deram origem ao título do livro – os Totens e os Tabus – não receberam o mesmo tratamento, pois totem refere-se ao instinto de proteção para evitar a quebra dos tabus, que por sua vez está ligado ao proibido e ao misterioso. (Freud, 1913-1914)

Após esse episódio, em uma das suas cartas, Théo escreveu para sua família explicando o quadro de sintomas do irmão.

Houve momentos, enquanto eu estava com ele, que ele parecia bem, mas, logo depois, recaía em suas preocupações a respeito da filosofia e teologia. Isso era dolorosamente triste de contemplar, pois, em certas ocasiões, todos os seus sofrimentos afloravam e ele tentava chorar, mas ne isso conseguia.(...). (Bonger, 2008, p. 87).

Após esse episódio, Vincent pediu para ser internado - na clínica de St. Rémy com a direção de Théophile Peyroncom – com medo de acontecer algo drástico novamente. E em uma das cartas o Dr. Peyron diagnosticou como uma epilepsia , sofrendo de psicose maníaco-depressiva.

Um dos aprendizados que o Vincent levou para o próprio desenvolvimento dele foi o “*Sofrer sem queixar-se*”.

Após o período de pós-internação ele demonstrava através das cartas que estava conduzindo a vida de forma diferente, porém, na noite do dia 27 de Julho de 1890 ele disparou um tiro com revólver contra si mesmo e no começo da manhã de 29 o faleceu.

Théo escreveu numa das cartas traduzidas por Bonger (2008, p.101):

(...) Ele tinha encontrado o descanso que não pudera achar sobre a terra.(...) [...] (...) A vida foi sempre um fardo pesado demais para ele;

mas agora, como acontece com tanta frequência, todo mundo está louvando o seu talento..

Segundo Bonger (2008), Vincent tinha consciência de sua doença mental e queria se tratar. Ele sentia ter várias personalidades dentro de um só corpo. Dr. Peyron afirmou que Van Gogh tinha ataques epiléticos – termo bastante amplo na antiguidade – e traços de psicose maníaco-depressivo, porém, seus motivos para o surto seriam de ordem externa, suas decepções amorosas e profissionais. A pessoa psicótica vai respondendo aos excessivos estímulos do meio e conseqüentemente ele vai criando o seu próprio mundo. Foi o que aconteceu com Vincent Van Gogh, ele no período dos seus surtos ficava maníaco e um dos seus quadros de melhor expressão a essa fase, é A Noite Estrelada de 1889.

Através da análise das obras e cartas enviadas a sua família pode-se perceber traços neuróticos obsessivos, melancolia, esquizofrenia, e transtorno bipolar de humor. No filme Van Gogh - vida e obra de um gênio, antes de um surto onde ele corta um lóbulo da sua orelha, ele escreve na parede do quarto com tinta “Eu sou o espírito santo”. Surto em que ele não estava fazendo uma metáfora, ele era o próprio espírito santo, sem nenhum pecado, um ser perfeito igual a natureza. Os traços do neurótico obsessivo é porque ele vivia com saudade da infância, retratando nos seus quadros o que ele viveu na infância, ele era autopunitivo. Vincent se achava perfeito e era muito competitivo, com o amigo pintor Gauguin ele “disputava” para ser o melhor. Nas suas cartas à Emile Bernard, ele afirma [Arles, cerca de 20 de abril de 1888]: “(...) Não se preocupe, porque você vai certamente progredir nisso também e certamente deve continuar a escrever sonetos” (Bonger, 2008, p.231). Um segmento que caracteriza a procura pela perfeição, seu traço obsessivo. Assim como aborda Freud em pulsão de morte e pulsão de vida: A Pulsão de morte esta ligada a diminuição completa das tensões, conduzindo o ser humano para um estado inorgânico, que consta na forma mais primitiva deste: o estado inanimado. As formas primitivas de vida não teria em si mesmas o desejo de mudança, repetindo dessa forma o mesmo curso de vida, caso nenhum fator externo viesse a transformar esse quadro. Esse caráter conservador determina que o objetivo da vida seria o de atingir estados iniciais, antigos, já atingidos. A pulsão de vida garante ou descobre caminhos para que o organismo siga sua rota até seu estado final de vida sem interrupções de causas externas, retornado

ao estado inorgânico a sua própria maneira: “O organismo deseja morrer do seu próprio modo”. (Almeida, 2007).

Como uma própria punição, os impulsos de raiva e descontrole se voltaram para si mesmo cortando a orelha. “a automutilação seria resultante de um conflito de impulsos da natureza sexual, representando o ato um símbolo de auto castração.” (Pitoresco, s.d).

Em 1889, Théo descreve que o irmão parece estar com uma fraqueza mental, e ele quer ir a um sanatório fazer uma prevenção. “Quanto a mim, atribuo uma boa parte de sua doença ao fato de que o lado material de sua existência vem sendo muito negligenciado (p.129)”. Ele foi por livre espontânea vontade para o sanatório se curar, como ele diz. Ainda no ano de 89, ele expressava através de suas telas o estado da sua mente, os pensamentos sobre a natureza e criaturas vivas. Os temas para as suas pinturas eram: árvores de folhagens densas, e raios de sol amarelados.

Carta T 14, Paris, 14 de Agosto de 1889: Se uma pessoa tem um espírito perturbador, é provável que encare as coisas de uma forma diferente e sob uma luz pior que o normal; assim, por favor, escreva-nos tão logo puder, nem que seja uma ou duas linhas. (BONGER, 2008, p.147).

Carta T 17, Paris, 18 de Setembro de 1889: Quando você fala em vencer sua doença através do trabalho, meu velho querido companheiro, foi isso que você sempre tentou fazer e, por isso, é importante, que você modifique o seu modo de viver. (BONGER, 2008, p. 153).

Carta 39, Paris, 5 de Junho de 1890: “Não se canse muito e tenha cuidado com a saúde” (Bonger, 2008, p.191). Como se ele precisasse de um cuidado excessivo. A última carta que Théo enviou ao seu irmão foi em 14 de junho de 1890.³

(...) não se suicidou em um ataque de loucura, pela angústia de não chegar a encontra-lo; ao contrário, acabava de encontra-lo, de descobrir o que era e quem era ele mesmo, quando a consciência geral da sociedade, para castiga-lo, por ter rompido as amarras, o suicidou. (Artaud, 2004, p.1).

Van Gogh não morreu por causa de uma definida condição delirante, mas por ter chegado a ser corporalmente o campo de batalha de um problema, em torno do qual se debate, desde as origens, o espírito inócuo dessa humanidade e do predomínio da carne sobre o espírito,

ou do corpo sobre a carne, ou do espírito sobre um e outro. (Artaud, 2004, p. 15).

MECANISMOS DE DEFESA

“Quando sinto uma terrível necessidade de religião, saio à noite para pintar as estrelas.”

Os mecanismos de defesa não são considerados patológicos. O sujeito quando está doente é porque ele permanece com suas defesas rígidas demais ou mal adaptadas às realidades internas e externas. Um sujeito normal tem suas defesas flexíveis e em total harmonia. Deve-se perceber que esses são diferentes de resistências, sendo que a segunda ocorre num tratamento psicanalítico. São definidos como estratégias do inconsciente para a resolução de problema intrapsíquico e da redução das energias pulsionais que estão na sua origem. “[...] as que visam a defender o Ego e as que visam simplesmente a proteger o Si-mesmo.” (BERGERET, 2006, p.95). Um dos mecanismos de defesa que ele usa bastante é a sublimação, ele diz em uma das suas cartas: “Pintar e trepar muito não são compatíveis: o sexo enfraquece o cérebro. Isso é realmente uma chateação muito grande.” (BONGER, 2008, p.243). E descrito por Freud como aquilo que não concerne somente à representação, mas ao alvo profissional: o alvo proibido é abandonado, em proveito de um novo alvo, o qual é autorizado pelo superego e valorizado pelo ideal de si mesmo.

A projeção usada bastante por Vincent é caracteriza por uma representação incômoda de uma pulsão interna é eliminada, depois esse conteúdo é deformado e ultrapassa a censura sob a forma de uma representação ligada ao objeto externo. A projeção se dá em todo momento na vida psíquica. Na patologia, a projeção assume características primitivas, assim assinala um fracasso do recalçamento. (Bergeret, 2006).

Vincent Van Gogh desde sua infância apresenta traços do narcisismo primário, nas suas projeções ele pintava bastante autorretratos e argumentava que ele pintava

apenas a perfeição como a natureza morta. Desta forma, é possível observar um traço de perfeição e narcisismo, um amor por si mesmo. Bonger afirma que Vincent tinha letra infantil, e as vezes se comportava como uma criança, traços de regressão.

A pulsão vai “incidir a defesa e sobre os *representantes psíquicos* da pulsão”. (Garcia-Roza, 2008, p.126). Os representantes ideativos são descritos como recalçamento e sublimação que vai de encontro as atitudes do Vincent. A sublimação como algo fortemente idealizado por ele, sendo um destino “específico da pulsão que consiste em uma substituição de seu objeto sexual por outro, eventualmente mais valorizado socialmente.” (Rivera, 2005, p.16). O recalque está relacionado ao inconsciente, pode ser definido como um processo ativo, destinado a conservar fora da consciência aquilo que é inaceitável. (Bergeret, 2006). Tudo que estava no inconsciente que era reprimido ele projetava aquele conteúdo de forma disfarçada para o consciente onde era ligado ao objeto externo (pintura e desenho).

Foi possível observar e relacionar também outros mecanismos de defesa, são eles: a) Deslocamento: Vincent tem um desentendimento com seu amigo Gauguin e depois pinta o seu rosto, onde essas representações incomodadas (sentimentos ruins pelo amigo foi passado para outra representação, menos incomoda mais por um elemento associativo). Tal ação esta relacionada também a autopunição. e b) Anulação: Depois que o pai morreu: começou a pintar desesperadamente; (fica em evidencia o mecanismo de defesa anulação, onde Vincent através de outros pensamentos, comportamentos e atos, ou seja, pintar desesperadamente, se destina à apagar magicamente as representações incomodadas que estão relacionadas a morte de seu pai. natureza morta, cores: amarelo, roxo e laranja.

PROJEÇÕES

Vincent Van Gogh³ foi influenciado pelos movimentos impressionistas e neoimpressionistas de Paris, passando também a se interessar por xilogravuras japonesas, o que levou a pintar a obra *Lee Père Tanguy* (1887-1888). Suas obras eram fugas para enfrentar a realidade, projetava lugares onde passou sua infância: trigais, bosques, entre outros. Através dos quadros Vincent Van Gogh, pode-se notar uma

fonte rica de poesia e arte, com traços da sua personalidade e história de sua vida. Segundo Rivera (2005), alguns pesquisadores veem uma obra de arte e nela os seus reflexos de teorias e movimentos históricos, porém alguns psicanalistas apreciam uma obra em consonância com os aspectos de vida do autor - desta forma, e chamado de psicobiografia.

A aproximação da psicanálise com a arte, nessa perspectiva, torna-se menos uma questão de interpretação- em que a psicanálise teria algo a dizer sobre uma determinada obra, artista etc. (...). (Rivera, 2005, p. 32).

Geralmente ele pintava e desenhava paisagens, natureza morta e autorretrato porque ele queria projetar a perfeição. Seus quadros têm traços de pinceladas violentas e algumas partes existem tons mais harmoniosos. Ele pintava exatamente como ele enxergava, com leitura psíquica baseada na história de vida. “O gosto que um artistas tem por certas linhas e determinadas cores fará com que sua alma seja refletida nelas” (Bonger, 2008, p. 162).

Telas com paisagens de trigais, flores, entre outros, são projetados através de cores fortes e marcantes como o amarelo, laranja e roxo. Através de uma passagem da carta enviada a Vincent, é possível observar que ele projeta sua infância nos quadros. “(...) é como a lembrança de alguma coisa que a gente viu no passado.” (Bonger, 2008, p. 165).

³ Hoje existe um museu para guardar as obras de Vincent Van Gogh, que foi construído pelo arquiteto Gerrit Rietveld 1884-1964.

Em 1889 ele afirma querer trabalhar como um sapateiro, ou seja, trabalhar sob encomenda, copiando quadro dos outros e realizando trabalhos sob pedidos. Com a experiência, ele deixou de pintar imitações de outros quadros e passou a ter seu próprio traçado e forma de expressar seus sentimentos. Uma das últimas obras foi o retrato de *Mademoiselle*.

Em 1890 ele sofreu uma intoxicação pelas tintas, um ano após a sua primeira crise. O medico Dr. Peyron chegou a conclusão que o cheiro das tintas óleos pode ter desencadeado ataques epilépticos.

O grafismo em geral pode ser utilizado como uma forma de comunicação, e se tratando das obras de Vincent Van Gogh, ele utilizava para se “comunicar” e passar

suas angústias para o exterior. O grafismo se apropria de vários mecanismos para se manifestar, são eles: projeção, identificação e introjeção.

(...) ele se constitui em condição ótima para a projeção da personalidade, possibilitando a manifestação mais direta de aspectos de que o sujeito não tem conhecimento, não que ou não pode revelar, isto é, aspectos mais profundos e inconscientes (...) (Van Kolck, 1984, p.02).

Para uma interpretação completa de uma obra de arte, por exemplo, é necessário observar e avaliar alguns aspectos, como a posição do quadro (vertical ou horizontal), localização em que o sujeito põe os objetos desenhados (1º, 2º, 3º ou 4º quadrante)⁴. A qualidade do grafismo tem o significado geral do traçado como manifestação de energia, decisão, vitalidade, insegurança, falta de confiança, entre outros. Pode-se perceber a qualidade através do traçado interrompido, trêmulo, contínuo, grosso ou fino. A partir das características mencionadas e uma lente psicanalítica analisa-se uma obra de arte (Vincent Van Gogh) pelos temas do Complexo de Édipo, Psicose e Narcisismo. (Van Kolck, 1984).

⁴ “1º quadrante (*canto superior direito*)= contato ativo com a realidade, rebelião e ataque, projetos para o futuro. 2º quadrante (*canto inferior direito*)= força dos desejos, impulsos e instintos; obstinação. 3º quadrante (*canto inferior esquerdo*)= conflitos, egoísmo, regressão, fixação em estágio primitivo. 4º quadrante (*canto superior esquerdo*) = passividade, atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva, nostalgia; desejo de retornar ao passado e/ou permanecer absorto em fantasia.” (Van Kolck, 1984, p.7)

PROJEÇÕES DE VINCENT VAN GOGH: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Os Comedores de Batata (1885)



A obra *Os Comedores de Batata* de 1885, foi o primeiro quadro que Vincent pintou. Retrata uma família de camponeses sentada à mesa tomando café; ele usou cores sombrias, em tons escuros. Pode-se perceber através de uma análise psicológica que ele projeta sua família: o pai, a mãe duas irmãs e ele. O pai expressa raiva e a mãe com a cabeça baixa (obedecendo) o pai. As filhas estão olhando para o pai e o filho (Vincent) está olhando para a mãe com a xícara de chá na mão, dando a impressão que ele oferece para ela. Através de uma avaliação projetiva podemos perceber que a mãe e ele estão no lado direito da folha e o pai com as duas irmãs estão no lado esquerdo da folha, logo, pode ser recorridos a uma explicação holística do complexo edipiano, conflitos com o a função paterna e a ligação simbiótica com a mãe. O lado que está mais iluminado do quadro é a parte direita, o pai ficou no escuro. Esse quadro foi pintado quando o seu pai ainda estava vivo, e em uma das suas cartas que enviou a família, ele afirma que quando seu pai morreu, ele se sentiu mais harmonioso consigo mesmo, começou a pintar e a desenhar desvairadamente. No livro *501 grandes artistas* (2009) afirma que “os comedores de batata transmite a ideia do alimento ganho com honestidade pelos trabalhadores (p.257)”, porém, essa análise pode abranger mais

que isso, transmitindo a ideia de compartilhamento e divisão do alimento, focando na ligação função materna e criança (mãe e Vincent), ele expressa através de traços minuciosos e finos a questão familiar. A expressão das pessoas no quadro transmite angústia e tristeza.

Quando o seu pai morreu, Bonger (2008, p.73) afirma através da carta 413 que:

Agora ele se achava harmonioso consigo mesmo e com tudo o quanto o cercava e, quando enviou a Théo a sua primeira obra-prima, *Os Comedores de Batatas*, podia afirmar com plena razão que ele brotara “do coração da vida camponesa”.

A Noite Estrelada – 1889

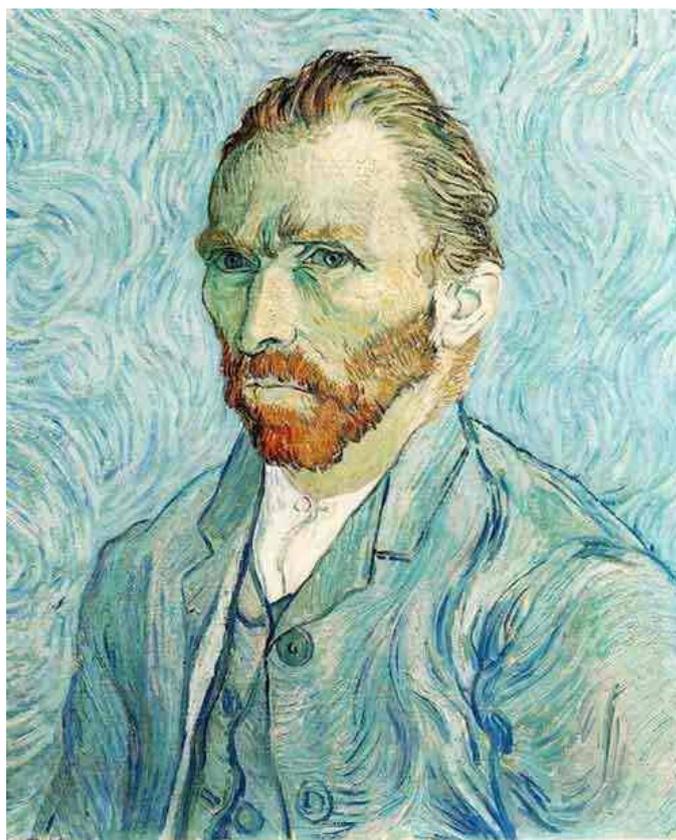


A obra *A noite Estrelada* foi pintada em 1889, época em que estava internado no sanatório. Sua pintura mudou de estilo, passando agora para curvas espiraladas. Com o traçado grosseiro e rápido percebe-se que ele estava passando angústia para o

papel com muito sentimento. Pode-se levantar a hipótese que as casas foram pintadas após o sua explosão de sentimento, porque são traços leves e delicados.

Através de uma análise psicológica, pode-se perceber que são pinceladas em espiral, pinceladas espaçosas e grosseiras. Se visualizarmos a folha em quadrantes, apreende-se que existe um símbolo fálico na parte inferior no lado esquerdo da folha, um falo negro e grande que pode expressar o conflito com o pai, o poder exagerado que ele sentia em relação ao pai. No lado direito e inferior existem casas pequenas que formam um caminho, uma torre que se parece ser um falo pequeno, onde o mesmo representa a mãe idealizando o falo do pai. Esse caminho de casas gera a impressão que o torna mais acessível, o traçado das casas são minuciosas e delicadas. Ele expressa a função paterna com mais calma e a função materna mais agitada. O céu estrelado é composto de cores nos tons azuis; a lua amarelada está no canto superior da parte esquerda. Existem círculos inacabados em tons amarelados. O falo negro está destacado na folha como se tivesse sido a primeira figura a ser pintada. Neste período o pai de Vincent já tinha falecido, e ele expressou usando cores fortes e vibrante, pode ser a representação fálica da mãe.

Autorretrato - 1888



A obra *Autorretrato* foi pintada em 1888, neste período Vincent se encontrava com crises psicóticas. Realizando uma avaliação projetiva, pode-se perceber que o olhar transmite sentimentos de medo e tristeza para o analisando. A obra comunica um sistema de ideias de divisão do Eu através dos botões de sua roupa, dividindo assim sua personalidade. Fazendo uma divisão simbolicamente vertical da obra, tem-se que os quadrantes direito superior e inferior imprimi pinceladas verticais dando ideia de caminhos, que corroboram com a obra *A Noite Estrelada*, na perspectiva de acessibilidade e calma. Nos quadrantes esquerdo superior e inferior são pinceladas em semicírculos representando a função materna, algo conturbado na sua vida psíquica.

Os botões de sua camisa transmitem a ideia de divisão e acessibilidade, a primeira camada de sua roupa está com o botão aberto, a segunda está fechado e a última camisa branca inerente ao tórax está colado e fechado. Dessa forma, sua acessibilidade não está totalmente fácil, como se Vincent transmitisse apenas algumas partículas de sua vida e a maneira mais saudável que encontrou foi através das projeções. Nesta mesma linha de raciocínio percebe-se a angústia transmitida no olhar, que eles são diferentes em cada lado do quadrante, o olho perpassa uma ideia de fuga do global para a criação do seu mundo intrapsíquico. A posição de Vincent do autorretrato não está encarando a realidade, como se estivesse fugindo dela. A sobrancelha também corrobora com essa argumentação, uma está arqueada e a outra não. As cores do cabelo se diferem nos quadrantes que representam a função materna e paterna, no lado esquerdo está com tons mais avermelhado e no lado direito está mais amarelado, dando uma ideia de calma.

Outra perspectiva para ser analisado é o traçado da pintura dos quadrantes direito e esquerdo, que as linhas não se conectam, mais uma vez corroborando uma divisão do Eu. Vincent não projeta em nenhum autorretrato a orelha esquerda, e a sua posição é de lado, após cortar o lóbulo da orelha esquerda ele pinta outro autorretrato mostrando orelha enfaixada. Dessa forma, alguns questionamentos são levantados: Por que ele não mostra a outra orelha? Por que as pinceladas com os semicírculos estão do lado da orelha ocultada?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento de dados da história do artista, onde foi utilizado como fonte de pesquisa filmes, artigos e livros. Foi percebido que a temática não foi totalmente esgotado porque o livro Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada, não menciona fatos, como por exemplo, a relação de Vincent com seus pais e como também mais relatos sobre sua infância. No filme Van Gogh - Vida e obra de um gênio, aborda questões sem um aprofundamento das questões sociais e as cenas são desconectadas, deixando o telespectador um tanto quanto confuso em relação a sua história.

A pesquisa nos deu subsidio para compreender as técnicas projetivas, sendo esta analisada com uma leitura psicanalítica. Não somente abarcar as técnicas, mas como também analisar holisticamente a psicobiografia de Vincent Van Gogh.

Foi um jovem que passou por um clico vital bastante conturbado que deixou marcas na sua estrutura psíquica enquanto sujeito, podendo ser visualizadas nas suas obras e relações familiares.

Pôde-se constatar a partir de suas obras que o falecimento do seu pai foi um divisor de pinturas, sendo que no primeiro momento ele utilizava tons pastel e obscuros retratando a família como por exemplo, na obra Os Comedores de Batata, no segundo momento, também sofrendo influência dos movimentos impressionistas e neoimpressionistas de Paris ele utilizava cores intensas que simbolizavam o seu desespero, como por exemplo A Noite Estrelada.

Após várias internações em hospitais psiquiátricos ele se “libertou” gozando de saúde plena e no auge da sua consciência ele deu um fim ao seu sofrimento carregado desde a infância como um fardo na sua vida, cometendo assim um suicídio.

REFERÊNCIAS

Almeida, B. H. P. (2007). *Pulsão de Morte: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich*. Curitiba: Centro Reichiano. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em 07 de nov. de 2011.

- Bonger, J. (2008). *Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada Jo Bongher*. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- Bergeret, J. et.al (2006). O problema das defesas. In: *Psicopatologia: teoria e clínica*. 9ª. Ed. Tradução: Francisco Settineri.. Porto Alegre: Artmed, cap.4, p. 94-109.
- Dor, J. (1994). *Estruturas e Clínica Psicanalítica*. 3ª. Ed. Taurus Editora, Rio de Janeiro.
- Freud, S. *Totem e Tabu e outros trabalhos - V. XIII (1913-1914)*
Disponível em: <http://limacastanheir.sites.uol.com.br/freud/VOLUME13.PDF>.
Acessado em 07 de nov. de 2011.
- Freud, S. (1996). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira/ Tradução: Jayme Salomão*. Rio de Janeiro: Amago.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Freud e o inconsciente*. ed.23, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pitoresco, P. V. *Por que Van Gogh cortou a própria orelha*. Disponível em: <
<http://www.pitoresco.com.br/espelho/valeapena/vangogh/vangogh.htm>> (S.A).
Acessado em: 09 de nov. 2011.
- Rivera, T. (2005). *Arte e Psicanálise*. ed.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Altman, R. (Diretor) (1990). *Van Gogh - Vida e obra de um gênio*. Duração: 138 min. /cor. 1990.
- Van Kolck, O. L. (1984). *Testes Projetivos gráficos no diagnóstico psicológico – Temas básicos de Psicologia*. v.5, São Paulo: EPU.
- Nazar, M. T. P. *Psicanálise, Arte e Interpretação*. Disponível em: <
http://www.convergenciafreudlacan.org/.../II_PSICANALISE-ARTE-...>. S.d
- Farthing, S. (Ed.) (2009). *501 Grandes Artistas*. Trad. Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante.

LE RORSCHACH EN CLINIQUE DE L'ENFANT ET DE L'ADOLESCENT : UNE APPROCHE PSYCHANALYTIQUE

Pascal Roman

Université de Lausanne (Suisse)

Conférence à Brasilia, 2 août 2012

On dit souvent que l'épreuve de Rorschach ne contient pas en elle-même une théorie. « Epreuve d'imagination » (H. Rorschach, 1921) pour son auteur H. Rorschach, elle se propose comme un espace d'expérience au sein duquel la créativité du sujet est appelée, à partir d'une consigne dont la fonction est de proposer un cadre à cette expérience : « qu'est-ce que cela pourrait être ? » demandait H. Rorschach aux sujets à qui il présentait ses planches.

Mais si l'épreuve de Rorschach, dans sa dimension d'expérience, ne contient pas de théorie (mais quelle expérience contient-elle une théorie : faire du vélo, lire un livre, aller à la rencontre d'une œuvre d'art... ?), l'exploration des processus qui se trouvent à l'œuvre dans cette expérience requiert, quant à elle, l'appui sur un corpus théorique. H. Rorschach s'appuie à ce titre sur les travaux de E. Bleuler et sur les travaux de S. Freud. Sans revenir en détail sur ces travaux, j'aimerais simplement rappeler ici que H. Rorschach insiste sur la place de la perception pour définir le processus de production de la réponse face aux planches : « les interprétations des images fortuites se situent plutôt sous la rubrique de la perception et de l'idée ». Puis il reprend une définition dynamique de la perception en s'appuyant sur les propositions de E. Bleuler pour qui « dans la perception interviennent donc les trois processus de la sensation, du souvenir et de l'association »... se trouve ainsi définie une forme de théorisation de l'épreuve, que l'on peut comprendre dans le champ plus vaste du travail de la symbolisation.

L'approche psychanalytique du Rorschach permet de maintenir en tension les deux nécessités engagées dans la passation de l'épreuve de Rorschach d'une part et

son traitement d'autre part : d'une part la nécessité de situer les ressorts processuels de la rencontre avec l'épreuve, en appui sur l'explicitation des enjeux sous-jacents à la production des réponses, et d'autre part la nécessité de se référer à un cadre conceptuel pour appréhender le fonctionnement psychique de l'enfant ou de l'adolescent et ses éventuelles inflexions psychopathologiques. C'est l'unité offerte par le modèle théorique de référence de la psychanalyse, centré sur une prise en compte de la dynamique de la vie psychique, qui fonde la légitimité épistémologique d'une approche psychanalytique du Rorschach (et des épreuves projectives de manière plus générale). En effet, en arrière-plan de la démarche d'évaluation sous-tendue par la pratique du Rorschach, se niche une autre démarche, au service des processus de subjectivation de l'enfant ou de l'adolescent.

Afin de développer ce propos, ma conférence se déclinera en deux volets :

- dans un premier temps, je me propose de revenir sur certains aspects théoriques au fondement de la pratique du Rorschach tout particulièrement en clinique infantile, autour de l'idée selon laquelle l'épreuve projective de Rorschach constituerait un « dispositif à symboliser » (P. Roman, 1997)

- dans un deuxième temps, je préciserai quelques implications de cette proposition sur la pratique de l'épreuve de Rorschach en clinique de l'enfant et de l'adolescent.

1 - Propositions théoriques : l'épreuve de Rorschach comme dispositif à symboliser

J'ai eu l'occasion de proposer (P. Roman, 1997), que la rencontre avec l'épreuve de Rorschach mobilise l'activité de symbolisation du sujet mais, au-delà, mobilise l'histoire du déploiement de ses processus de symbolisation. En clinique de l'enfant et de l'adolescent, cette approche est d'autant plus pertinente qu'elle se propose d'aller à la rencontre des processus *in statu nascendi* du sujet.

Là est le point - pivot de ma proposition méthodologique, à partir d'une conception de la fonction de *butée* du dispositif. Cette conception, largement partagée au regard d'une pratique clinique référée au modèle de la cure analytique consiste à

penser que le dispositif vient se proposer dans sa résistance aux manifestations de la psyché, résistance que l'on va pouvoir aborder à partir de trois axes principaux, celui de la répétition, celui de l'affect et celui de la négativité. En d'autres termes, il s'agira d'interroger, au travers des productions de l'enfant ou de l'adolescent face à l'épreuve de Rorschach de quelle manière vont se rejouer, dans l'espace singulier de la passation, des expériences qui ont à voir avec l'histoire des processus et des investissements de l'enfant ou de l'adolescent, en fonction de la tonalité affective qui connote ces expériences et de la manière dont elles vont être mobilisées par le travail du négatif (refoulement, déni...).

L'enjeu, dans la pratique clinique auprès d'enfants ou d'adolescents consiste à penser l'épreuve projective comme un jeu : on joue avec les images du TAT ou du CAT, on joue avec le matériel concret du Scéno-test ou de la MPPE... on joue avec les taches de l'épreuve de Rorschach. Jouer, mais aussi halluciner et répéter... ces trois mouvements contribuent à la mise à l'épreuve et à la construction de l'objet.

Les planches de Rorschach : jouer avec les taches

Avec Winnicott, jouer, c'est symboliser, jouer c'est organiser le monde, jouer c'est trouver - créer la réalité. Avec D.-W. Winnicott (1971), le jeu occupe une place centrale, dans le champ de la clinique de l'enfant et, au-delà, dans la clinique de l'adolescent. Dans la rencontre de l'épreuve de Rorschach, le jeu constitue tout autant le support matériel à partir duquel va pouvoir se construire la relation clinique, que le processus mobilisé dans le lien ou la métaphore pour figurer les mouvements engagés par la psyché :

- sur le versant de l'expérience, le jeu conduit à interroger le rapport aux vécus précoces de l'enfant ou de l'adolescent, en tant qu'il constitue le support du développement libidinal au décours de la construction du monde ;

- sur le versant du processus, le jeu mobilise les potentialités de l'enfant ou de l'adolescent à s'engager, face au matériel non-figuratif de l'épreuve, dans le *comme si*, au sens de l'investissement potentiel d'une aire d'illusion, soutenant le déploiement de l'imaginaire. La consigne de l'épreuve (« qu'est-ce que cela pourrait être ? ») ouvre sur cette aire d'illusion dont l'enfant ou l'adolescent sera en mesure, ou non, de se saisir pour y inscrire ses objets trouvés - créés.

Expérience du jeu et hallucination

La problématique du jeu, on le sait, ne peut être séparée de celle de l'objet, et de la prise de position subjective dans l'expérience de la rencontre avec l'objet. Les propositions de D.-W. Winnicott sur l'objet trouvé-créé et sur les conditions d'instauration de cet objet insistent sur l'engagement fondateur du jeu dans l'établissement des liens de l'enfant avec son environnement. On ne peut couper l'expérience du jeu d'une autre expérience, plus archaïque, qui est celle de l'hallucination. D'une certaine manière, le modèle de l'hallucination (S. Freud, 1900), construit à partir de l'expérience de la satisfaction, croise cette première conception de l'objet : pour que l'objet soit investi par la psyché, il y a nécessité, pourrait-on dire, qu'il soit *désiré* par lui. Ainsi, c'est de la rencontre entre un objet qui se *présente* (pour reprendre la formulation de D.-W. Winnicott de *l'object presenting*) et un sujet en tension vers un *autre*, que s'inaugure l'espace d'une intériorisation potentielle, le creusement d'une profondeur de la vie psychique et l'instauration d'une épaisseur (d'un volume) permettant d'accueillir l'altérité de l'objet.

Dans le modèle de l'hallucination, la tension s'origine de l'expérience de l'absence : absence du sein de la mère, absence de la satisfaction du désir. La construction de l'objet et, au-delà, son intériorisation, viserait alors à pallier l'absence. Le creusement d'une intériorité propre à accueillir l'objet et ses qualités procède de la nécessité de différer une rencontre. L'hallucination vise à construire au-dedans, ce qui fait défaut au-dehors. La première expérience de jeu accessible à une élaboration secondarisée s'établit tout en même temps dans l'écart qui s'instaure entre ces deux *topiques* (différenciation dedans - dehors), et dans la reconnaissance de l'adéquation entre la production de l'enfant (l'image hallucinée) et l'expérience de la réalité interne (matérialisée par le retour du sein de la mère). Là se situe le paradoxe au sein duquel D.-W. Winnicott (1971) nous propose de travailler : c'est de l'absence de l'objet que naît l'objet, c'est de sa création interne à la psyché que dépend une potentielle rencontre dans la réalité externe. L'objet n'est pas donné en-soi, il se construit en appui sur les expériences proposées par l'environnement. On peut dire que le jeu va contenir fondamentalement pour l'enfant une fonction de dégagement, d'échappée à l'égard de la situation de chaos et d'indifférenciation des expériences primaires. Au

travers de cette déconstruction de la position de l'objet, on voit apparaître, en filigrane, la question du dispositif méthodologique de l'épreuve de Rorschach qui autorise le repérage de l'émergence de la qualité de l'objet : l'objectif de la méthode est alors de construire la réalité psychique comme un objet spécifique, dans une circulation paradoxale impliquant les positions respectives du sujet et de l'objet.

Épreuve de Rorschach et jeu de la bobine

Le *jeu de la bobine* décrit par S. Freud (1920) permet de figurer la problématique de la construction de la différenciation entre réalité interne et réalité externe, à partir de la mise au travail de l'hallucination dans l'expérience de l'absence. À mon sens, le *jeu de la bobine* constitue une figuration paradigmatique de la situation projective, et de la situation de l'épreuve de Rorschach en particulier. Ici, ce n'est pas avec la bobine que l'enfant est appelé à jouer mais avec les taches et, au-delà, avec les *épreuves* et les *images-souvenirs* qui en accompagnent la perception (H. Rorschach, 1921, p.5). Si l'on considère que l'expérience projective participe du jeu transitionnel, je propose que la situation de passation de l'épreuve de Rorschach puisse être pensée en lien avec le *jeu de la bobine*. En effet, dans un cas comme dans l'autre, il s'agit de faire advenir une représentation de l'absence - et non pas seulement de l'*objet* absent.

Dans le *jeu de la bobine*, le *fil* représente ce lien entre l'éprouvé de la présence et l'éprouvé de l'absence (jouer à éprouver, jouer à représenter, jouer à la liaison entre affect et représentation) alors même que la *bobine* figure un objet en devenir, instable dans sa présentation, encore en risque de faillite quant à sa permanence. Ainsi, le stimulus présent sur la planche de Rorschach pourrait-il représenter la *bobine*, alors même que la consigne, portée par le psychologue dans le cadre de la relation clinique, figurerait une trace du *fil* dont le sujet aurait à se saisir dans le projet de la production de la réponse. A partir de là, on peut comprendre la situation projective comme un espace où se rejoue un éprouvé des expériences primaires, dans la mesure où elle se construit, comme cadre pour symboliser, dans la continuité du premier cadre de symbolisation de l'enfant qu'est la mère.

Dans ce sens, en référence au *jeu de la bobine*, trois indices peuvent être retenus, qui reprennent les trois organisateurs de ce jeu, dans le projet de repérer les

points de butée des opérations de symbolisation dans la confrontation à l'épreuve projective. Il s'agira de distinguer :

- la qualité des procédures de différenciation du stimulus, qui témoignent de la reconnaissance et de la construction de l'objet ; l'attention à la dynamique qui s'établit entre fond / forme dans la production de la réponse au Rorschach participe de ce repérage (dégagement de la réponse comme figure sur un fond),

- les modalités d'investissement de la motricité, sur l'axe décharge / intériorisation, dans la mesure où elles rendent compte d'une part de la potentialité d'instauration de la permanence de l'objet et d'autre part de l'établissement d'une aire de jeu *interne*,

- la nature du recours au langage, en tant que support qui opérationnalise la réponse face à la planche de l'épreuve de Rorschach, tant dans une lignée élaboratrice que régressive. C'est essentiellement dans le langage - y compris dans les *blancs* de celui-ci - que se traduira le niveau d'élaboration de la symbolisation, et que s'exprimeront tout particulièrement ce que je nomme les *catastrophes de symbolisation* (*ratés* de la verbalisation, ruptures, glissements, confusion...).

Jeu et objet

Dans la rencontre avec la planche de l'épreuve de Rorschach, se trouve mise en jeu la manière dont le sujet va être en mesure de répéter quelque chose de l'expérience du lien à l'objet. Dans cette perspective, il me semble que l'on peut, à la suite des travaux de D.-W. Winnicott (1971), décrire en trois temps distincts l'histoire de l'objet et de ses avatars, ces trois temps consistant en trois modalités de rencontre et de construction de l'objectalité, tout à la fois spécifiques et articulées, dont on peut repérer les traces au Rorschach :

- l'épreuve de la destructivité, où il est question de la destruction, dans la violence, de l'objet chargé des motions haineuses liées à la rencontre menaçante de l'altérité (attaque de l'épreuve, dans sa concrétude ou dans son projet, réponses témoignant d'une atteinte de l'objet dans son unité ou son intégrité...),

- l'épreuve de la perte, dans le face à face au vide laissé par l'objet, vide laissé par la trace de l'objet dans la vie psychique (vécu dépressif dans la situation de

passation, fragilité de la consistance narcissique des représentations, épuisement des figures de double...),

- enfin, l'épreuve du trouvé - créé, consistant à faire exister l'objet dans la continuité de l'expérience subjective, permettant une mise en jeu des objets internes sur un fond de stabilité et de sécurité suffisantes (passation dominée par un climat de créativité, réponses élaborées, autorisant la mise en scène de kinesthésies et de représentations de relation).

Trois grandes lignées cliniques émergent à partir de ces configurations. Dans une perspective diachronique, ces trois lignées peuvent apparaître comme des marqueurs du développement de l'élaboration du lien à l'objet. C'est dans cette perspective que l'on peut appréhender une histoire des procédures de symbolisation, au travers de ce qui se construit - *se reconstruit*, pourrait-on dire - dans la rencontre avec le matériel de l'épreuve projective. Dans une perspective synchronique, la coexistence d'éléments appartenant à différentes lignées, et porteurs d'une inscription historique spécifique, enrichit la lecture clinique des protocoles d'enfants ou d'adolescents. Ainsi, la rencontre avec la planche de l'épreuve de Rorschach se présente comme un *laboratoire* au sein duquel l'enfant ou l'adolescent est invité à mettre en jeu ses objets internes.

2 – Implications méthodologiques et cliniques

Ce deuxième volet de la conférence se propose d'aborder quelques implications cliniques des propositions théoriques qui précèdent : ces implications concernent la passation de l'épreuve, la cotation des réponses et la construction du modèle d'interprétation du protocole.

La consigne

Selon l'âge de l'enfant, mais aussi selon le contexte de la consultation et les premiers éléments cliniques recueillis, le psychologue trouvera intérêt à adapter la consigne. Quelle que soit la situation, il est intéressant de susciter chez l'enfant ou l'adolescent une curiosité qui soutient implicitement sur une invitation à jouer :

« *J'ai quelque chose à te montrer (..)* », propose N. Rausch de Traubenberg (N. Rausch de Traubenberg, M.F. Boizou, 1977, p 11)

La consigne que l'on retient le plus souvent dans le cadre de la clinique de l'enfant et de l'adolescent est la suivante, très directement inspirée de l'ouvrage princeps d'H. Rorschach (1921) et reprise par N. Rausch de Traubenberg (1970) :

« *Je vais te montrer dix cartes, les unes après les autres, et je vais te demander de dire, pour chacune d'elle, qu'est-ce que cela pourrait être* ».

Il s'agit d'une consigne *minimaliste* : elle mentionne l'essentiel des attendus de la situation projective en nommant à la fois le support dans son organisation temporelle, mais également dans ce qu'il engage sur le versant de l'imaginaire, en référence avec le clinicien qui se présente au cœur même de l'énoncé de la consigne. Minimaliste, cette formulation permet néanmoins d'ouvrir à la dimension de l'histoire, en introduisant à la dynamique transférentielle (« *je vais te montrer (...)* et *je vais te demander de me dire...* »), sur fond d'une inscription chronologique, sous-tendant un début et une fin (« *...dix cartes, les unes après les autres...* ») et dans une double référence à l'objet de la réalité externe (« *...dix cartes (...)* qu'est-ce que cela pourrait être... ») et aux objets internes, impliqués dans le travail de l'imaginaire, au travers d'un conditionnel qui ouvre un certain nombre de possibles (« *...je vais te demander de me dire, pour chacune d'elle, qu'est-ce que cela pourrait être...* »). Le Rorschach, « *entre perception / réalité et fantasme* » comme aime à le rappeler N. Rausch de Traubenberg...

Enfin, il n'est pas inintéressant d'envisager de quelle manière l'énoncé de la consigne permet d'inscrire la situation projective dans une référence au dispositif de la cure analytique, dispositif *analysant* (selon l'expression de R. Roussillon) par excellence, et à la règle fondamentale qui l'ordonne :

- libre-association, avec la mobilisation des représentations face au matériel peu structuré des planches de l'épreuve.

- abstinance et suspension de la motricité, avec la référence à un "*dire mais seulement dire*", dont on peut mesurer l'enjeu spécifique en clinique de l'enfant et de l'adolescent à la fois sur le plan des engagements transférentiels et moteurs

La cotation

On peut envisager que la réponse proposée face à la planche de l'épreuve de Rorschach témoigne d'une forme de compromis (entre perception et représentation, entre désir et défense, entre trouvé et créé...); l'enjeu de la cotation sera alors de mettre en lumière les modalités de jeu engagées dans le processus psychique engagé par l'enfant ou l'adolescent. En d'autres termes, la cotation consiste dans un processus de déconstruction des processus de symbolisation engagés dans la production de la réponse, ni plus, ni moins : *ni plus*, ce qui revient à dire qu'il s'agit d'un outil au service du travail de l'interprétation, *ni moins*, car il s'agit d'une étape indispensable dans le travail d'interprétation. Ainsi, la démarche de cotation de la réponse au Rorschach a une fonction d'objectivation de l'engagement subjectif de l'enfant ou de l'adolescent dans la production de la réponse et de valorisation des processus de subjectivation.

La pratique classique d'une triple cotation des réponses au Rorschach peut-être explicitée comme témoin du travail de symbolisation mobilisé face aux planches :

- la cotation du *mode d'appréhension* invite à porter un regard singulier sur le registre dans lequel l'enfant ou l'adolescent se situe dans cette expérience du trouvé-créé de la situation projective. Comment, en effet, peut-il trouver appui sur la concrétude des limites du stimulus pour construire une représentation ? Comment est-il en mesure d'appréhender la spécificité de chacune des planches, dans la mesure où elles présentent des configurations différenciées dans l'organisation du stimulus sur la planche (compact versus bi-latéral, unitaire versus découpé, ouvert versus fermé...)? De quelle manière la succession des planches permet-elle à l'enfant ou l'adolescent de jouer avec les écarts proposés par le stimulus et d'imprimer sa propre marque à celui-ci ? Selon quelles modalités, enfin, la capacité de l'enfant à construire un fond interne sur lequel viendrait se projeter la scène de la planche projective, peut-elle être repérée comme déterminante dans son activité de symbolisation ?

- la cotation du déterminant de la réponse rend compte des modalités d'implication cognitivo-émotionnelle de l'enfant ou de l'adolescent dans la rencontre avec le matériel, dans la mesure où se trouve en jeu la qualité d'instauration des liens entre monde interne et réalité externe... Ce qui est en jeu ci, ce sont l'élaboration et l'investissement des limites à partir des qualités propres du matériel, ainsi que la

mobilisation affective face à la tâche, qui affectent la production de la réponse, entre rigidité formelle et envahissement affectif. L'articulation entre les modalités formelles et kinesthésiques d'une part, formelles et sensorielles d'autre part, ouvre sur une compréhension des enjeux de la transitionnalité mobilisée dans le travail projectif : l'indice spécifique du Type de Résonance Intime (T.R.I ou rapport K/C), figure la tension entre deux polarités, et permet de situer l'engagement de l'enfant ou de l'adolescent, entre ancrage dans la réalité externe et appel au monde interne (ouverture à la transitionnalité).

- enfin, la cotation du contenu de la réponse, ou plus précisément la cotation de la représentation actualisée par la voie de la réponse, est présentée par C. Chabert (1997) comme « *contenant du contenu latent* ». En effet, on peut considérer le contenu de la réponse comme témoignant de l'univers fantasmatique de l'enfant ou de l'adolescent, univers *appelé* par la planche de l'épreuve de Rorschach. On peut considérer que les contenus représentatifs des réponses au Rorschach peuvent être envisagés comme une matière signifiante, déployée dans le langage, au travers du dégagement d'une figure – figuration, sur le fond de l'enveloppe corporelle / enveloppe maternelle que métaphorise la planche de l'épreuve.

L'évaluation du fonctionnement psychique

La référence à un modèle d'évaluation du fonctionnement psychique tel que celui proposé par les collègues de l'Ecole de Paris (C. Chabert et M. Emmanuelli en particulier) est d'autant plus important en clinique de l'enfant et de l'adolescent que la dimension processuelle sera sur le devant de la scène. En effet, la référence à une structure de personnalité dans ce temps du développement ne peut en aucun cas constituer l'objectif de l'examen psychologique dans la mesure de la labilité des organisateurs de la personnalité dans le temps de l'enfance et, encore davantage sans doute, dans le temps de l'adolescence.

L'évaluation du fonctionnement psychique repose sur un triple observatoire : celui de la clinique de la passation, celui des processus de pensée et celui de la dynamique des conflits (diapositive présentant le modèle d'évaluation du fonctionnement psychique, cf. annexe).

Je n'ai pas le temps ici d'envisager chacun de ces observatoires de manière approfondie, et je me limiterai à présenter la manière dont la production projective rencontre le registre du développement psychoaffectif de l'enfant et de l'adolescent en prenant en compte :

- les différents temps de développement
- le registre prévalent du traitement de la pulsion
- et, enfin, le nécessaire repérage des potentiels et des ressources du sujet.

1 - les différents temps du développement de l'enfant et de l'adolescent

Les étapes de développement de l'enfant et de l'adolescent peuvent être décrites autour de cinq temps différenciés, qui renvoient chacun à un organisateur central, dont on fera l'hypothèse qu'il colore de manière spécifique les productions projectives : temps de la petite enfance, temps œdipien, temps de la latence, puis temps de la pré-adolescence et de l'adolescence à proprement parler. Les enjeux spécifiques de chacun de ces temps seront ici brièvement présentés, en ce qu'ils constituent l'arrière-fond à partir duquel seront abordées les productions projectives.

Le temps de la petite enfance, qui s'échelonne entre 2 et 5 ans environ est dominé par deux mouvements conjoints :

- d'une part, un dégagement de la dépendance aux premiers objets d'investissement, lié non seulement à l'accès à la motricité mais également au contrôle des échanges entre le corps propre et la réalité du monde environnant,
- d'autre part, un foisonnement de la vie imaginaire qui tend à donner corps, au plan du monde interne, à des mouvements de toute-puissance qui affectait auparavant prioritairement le lien à la réalité externe ; dans ce contexte, la qualité de la frontière entre réalité interne et monde de la réalité externe peut se trouver mise en question.

Le temps œdipien, que l'on peut situer entre 5 et 7 ans environ, temps de bouleversement pulsionnel, qui préfigure, d'une certaine manière, le temps à venir de l'adolescence. Le temps œdipien voit se lier, s'organiser et se vectoriser les

mouvements pulsionnels de l'enfant : l'ensemble de la vie psychique de l'enfant en porte la trace, au travers d'émergences libidinales et agressives qui mobilisent les engagements relationnels de l'enfant et qui infiltrent les représentations face aux planches de Rorschach.

Le temps de la latence, est considéré comme le temps du refoulement des désirs œdipiens, au profit du déploiement des pulsions épistémophiliques de l'enfant, au service des investissements intellectuels et culturels. La vie psychique de l'enfant se trouve dominée par la place des investissements et de la curiosité intellectuels, qui contribuent à colorer les productions projectives. Le signe le plus tangible de cette évolution se traduit par le recours à une verbalisation plus élaborée, en appui sur le choix d'un vocabulaire riche et imagé, traduisant une maturation du processus de symbolisation.

Le temps de la pré-adolescence peut être présenté comme un temps de vacillement et de remise en question des certitudes construites dans le temps de l'enfance, sous l'impact de la maturation physiologique liée à la puberté. Les remaniements pulsionnels confrontent à deux enjeux majeurs qui, chacun à leur manière, engagent le travail de représentation :

- d'une part la transformation du corps et les nécessaires réaménagements de l'image du corps qui y est associée dans la rencontre du regard de l'autre,
- d'autre part la réactivation des fantasmes œdipiens (fantasmes meurtriers et incestueux) et le risque de confusion auquel cette réactivation confronte le pré-adolescent, qui se trouve pris dans un mouvement paradoxal, entre dépendance et abandon.

Le temps de l'adolescence à proprement parler, enfin, consacre le développement psychoaffectif en mobilisant l'adolescent dans une double perspective :

- celle de la confortation de ses choix d'objet amoureux et, partant, de ses choix identificatoires
- celle de l'investissement de la vie sociale comme espace de dégagement des

investissements de la vie familiale, permettant à l'adolescent de garantir l'autonomie de sa pensée.

Ce dernier temps de maturation se propose ainsi comme une récapitulation, en forme d'après-coup, des différents temps du développement de la vie psychique, en appui duquel le sujet pourra accéder à une position d'adulte.

2 - le registre du traitement pulsionnel

Il s'agit de situer de quelle manière la vie psychique de l'enfant, au fil de son développement, va se trouver dominée et affectée, par les différents registres de traitement de la pulsion. Ces registres, on le sait, sont au nombre de quatre principaux : le registre oral, anal, phallique et génital. Chacun d'entre eux colore de manière spécifique le rapport au monde de l'enfant, et contribue à une modalité du travail de symbolisation. Par ailleurs, ils accompagnent le développement de l'enfant en prenant appui sur la maturation physiologique de celui-ci, dans un mouvement de complexification progressive de l'intrication des différents registres. Ainsi à un temps, celui de la petite enfance, où domine l'expression de pulsions dites partielles (c'est-à-dire non encore intégrées à un système cohérent et articulé), succède un temps d'unification des pulsions qui culmine dans le temps de la période œdipienne, dominé par la génitalité.

Pour autant, les différents remaniements qui affecteront la vie psychique de l'enfant puis de l'adolescent porteront tous trace de ces modalités partielles d'investissement de la pulsion... dans la mesure où le fonctionnement psychique, dans les différentes étapes de développement qui le constituent, ne fait que repasser, sur le mode de la spirale, sur les traces des registres précédents pour en reformuler l'économie.

La pratique de l'épreuve de Rorschach considérée comme « dispositif à symboliser » consistera alors à repérer, au décours des productions projectives, la manière dont elles témoignent de ce travail de transformation pulsionnelle, en mettant l'accent sur les va-et-vient qui animent la vie psychique dans les différents temps de son élaboration.

3 - les potentiels et les ressources

On ne peut bien sûr clore cette évocation des implications cliniques d'une conception de l'épreuve de Rorschach comme « dispositif à symboliser » sans envisager la manière dont l'épreuve projective permet de soutenir, dans le temps de la transmission à l'enfant ou à l'adolescent et à sa famille, une compréhension du fonctionnement psychique dans ses différents aspects. Outre la dimension psychopathologique, dont on a pu voir avec quelle prudence elle doit être maniée, il est particulièrement important de pouvoir dégager, afin d'en proposer une intelligibilité, les potentiels et les ressources dont témoigne la passation, dans la mesure de l'évolutivité et de la plasticité du fonctionnement psychique à cette période de la vie. D'une manière générale, on peut dire que l'évaluation des potentiels et des ressources de l'enfant ou de l'adolescent pourra prendre appui sur trois groupes d'indicateurs :

- la qualité de la production et de la verbalisation, et au sein de celle-ci, les potentiels d'ajustement et/ou de réaménagement qui se font jour, tout au long de la passation ; on sera en particulier attentif au déploiement du fil projectif (succession des réponses au sein de chaque planche, de planche en planche...), et aux effets de continuité et de discontinuité de la chaîne associative...
- la qualité de l'adresse au psychologue, figure d'altérité dont il s'agit de décrypter, par la médiation de l'épreuve de Rorschach, le statut qu'elle peut occuper dans la vie psychique de l'enfant ou de l'adolescent ; la capacité de ce dernier à prendre appui sur le psychologue, à moduler ses sollicitations, à s'inscrire dans une *histoire* avec lui, constituent autant de signes qui permettent d'entrevoir potentiels et ressources du sujet,
- enfin, la mesure des écarts qui s'établissent au sein de l'examen psychologique mérite une attention toute particulière ; ces écarts sont à envisager au regard de l'investissement de l'enfant ou de l'adolescent, et ce à plusieurs niveaux : écart entre deux temps de rencontre entre l'enfant ou l'adolescent et le psychologue, écart entre deux passations d'épreuves (considérant l'importance de construire le dispositif de l'examen psychologique sur *plus d'une épreuve*) et, enfin, écart au sein même de la passation de l'épreuve de Rorschach entre le temps de la passation à

proprement parler et le temps de l'enquête, entre le temps de l'enquête et le temps de l'épreuve des choix : se met en scène ici la capacité de l'enfant ou de l'adolescent à mobiliser des modalités réflexives, ainsi que sa capacité à mettre en œuvre des stratégies de dégagement, autorisant un traitement de la conflictualité qui sous-tend de l'activité représentative.

Pour conclure

La pratique du Rorschach, dans une perspective psychanalytique, contribue à « la connaissance de l'enfant par la psychanalyse », pour reprendre le titre de l'ouvrage coordonné par S. Lebovici et M. Soulé. La mise en jeu, face à l'épreuve projective, des potentiels et des empêchements à symboliser, mobilise les traces des processus de symbolisation et de leur histoire, et permet d'en repérer les ressources tout comme et les points d'achoppement. Dans cette perspective, l'épreuve de Rorschach constitue une opportunité unique dans l'approche clinique de l'enfant et de l'adolescent, véritable levier pour penser les processus de changement au travers d'une démarche de psychothérapie ou de consultation thérapeutique... à la condition de prendre l'épreuve suffisamment au sérieux (elle exige des compétences cliniques et techniques spécifiques) et de se dégager d'une démarche de fétichisation (elle ne peut apporter une *vérité* du fonctionnement psychique). Au prix de ce double *renoncement*, et de l'investissement d'une rigueur théorique et méthodologique, l'alliance entre épreuve de rRorschach et psychanalyse pourra continuer à se montrer féconde pendant de nombreuses décennies !

PARTE 5
MÉTODOS PROJETIVOS E ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA

ADOLESCENTE DEFICIENTE FÍSICA VÍTIMA DE MAUS-TRATOS: UM ESTUDO DA EXPRESSÃO DA RAIVA POR MEIO DO STAXI E RORSCHACH

Adriana Stacy Teixeira Brito

Ana Carolina Melo Mendonça

Rejane Lucia Veiga Oliveira Johann

Universidade Federal de Sergipe

INTRODUÇÃO

Há uma grande probabilidade de ocorrer um processo de deteriorização do funcionamento mental em casos de violência intrafamiliar, principalmente quando se dá ainda na infância, podendo gerar dano psíquico à vítima e deixar-lhe seqüelas que afetam todas as fases da vida. Assim, o presente estudo buscou investigar a repercussão do evento violento doméstico em seus mais variados aspectos, bem como o impacto que provoca na esfera cognitiva, afetiva e comportamental.

Diversas pesquisas já constataram que a questão da violência está presente desde os primórdios da humanidade, sendo que o registro de casos de maus tratos infantis demonstra não somente o caráter indefeso das vítimas, mas, principalmente, a trajetória desajustada que o sistema familiar pode adotar. Tal problemática é descrita por Gallardo Cruz (1994) da seguinte forma: “abusar da criança é uma realidade desde que existe a raça humana” (p. 17).

Os principais tipos de maus tratos praticados contra crianças e adolescentes são o abuso físico, a negligência, a violência psicológica e o abuso sexual, que na maioria das vezes ocorre de maneira silenciosa no âmbito familiar e, que pode estar presente em qualquer classe social e meio cultural. Segundo Deslandes (1994, conforme citado por Santos, 2002).

“(...) define-se o abuso ou maus tratos pela existência de um sujeito em condições superiores (idade, força, posição social ou econômica, inteligência, autoridade) que comete um dano físico, psicológico ou sexual, contrariamente à

vontade da vítima ou por consentimento obtido a partir de indução ou sedução enganosa” (p. 39).

As conseqüências dos maus tratos vão muito além de marcas pelo corpo, suas evidências, ao contrário, se baseiam em conflitos psíquicos gerados pelos sentimentos de medo, desamparo, culpa e revolta, que de maneira progressiva destroem a auto-imagem desestruturando a personalidade ainda em formação da criança. Tal abalo emocional, além de promover outras formas de violência pode vir a se transformar em comportamentos disruptivos. Segundo Perrone e Nannini (1997)

“Nas famílias monoparentais (...) quando a figura da mãe está enfraquecida ou há sua ausência real devido a atividades de trabalho, enfermidade, alcoolismo, relações extraconjugais, depressão, dentre outras. Nessas famílias, a destruição dos laços filiais ou as dificuldades de reestruturação indicam as disfunções que podem ocorrer” (p. 93).

Muitos casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes acontecem de forma repetida e silenciosa, em que além de ocorrerem agressões constantes raramente são feitas denúncias, o que torna casos desse tipo difíceis de serem detectados, fato este, que potencializa a violência na sociedade como um todo, uma vez que gera sentimentos de impunidade.

Os diversos tipos de maus tratos ocorridos ainda na infância, geralmente, produzem seqüelas tão avassaladoras quanto à violência propriamente dita, principalmente quando essa situação é cometida repetidamente por um longo período. Isso porque, além de a vítima ter que suportar tais eventos totalmente aversivos, haverá a necessidade de aprender a lidar com as marcas dessas experiências violentas que desestruturam o bem-estar psicológico e que, atrapalham nas atividades do cotidiano.

Este trabalho teve por objetivo investigar a expressão da raiva e, identificar características da personalidade de uma adolescente vítima de maus tratos intrafamiliar, através dos inventários de frases IFVD e STAXI, e do teste projetivo Rorschach (pelo Sistema Compreensivo de Exner).

MÉTODO

Sujeito participante

Adolescente, sexo feminino, 13 anos de idade, portadora de deficiência física, vítima de maus tratos, residente em um abrigo de medida protetiva na cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe, o qual abriga crianças e adolescentes do sexo feminino com idades entre 5 e 18 anos.

Instrumentos

Para se obter informações sobre a história pregressa da adolescente, foi realizada leitura dos documentos a respeito dos fatos que motivaram sua institucionalização, desde a situação de maus tratos até as medidas legais tomadas, além de informações comportamentais da adolescente, através de entrevista com a Assistente Social da instituição.

Foram aplicados os seguintes instrumentos: IFVD – Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica contra crianças e Adolescentes (Tardivo & Pinto Junior, 2010), o STAXI – Inventário de Expressão de Raiva como estado e Traço (Biaggio, 2003) e o Teste de Rorschach (Exner, 1999).

Agosta, Barilari e Colombo (2001) desenvolveram um instrumento qualitativo (inventário de auto descrição) elaborado a partir das expressões verbais mais utilizadas pelas crianças e adolescentes (entre 07 e 16 anos) vítimas de violência física e/ou sexual e que objetiva avaliar transtornos nas esferas: emocional, cognitiva, social, física e comportamentos observáveis na clínica. Este instrumento foi traduzido, adaptado padronizado para o Brasil por Tardivo & Pinto Junior (2010) A versão brasileira avaliou crianças entre 6 e 16 anos de idade.

O inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI, do inglês, State-Trait Anger Expression Inventory) tem a finalidade de mensurar experiências e expressões de raiva. A experiência de raiva no STAXI é avaliada como estado e traço. O STAXI é composto de oito subescalas que medem estado, traço, temperamento, reação, raiva para dentro, raiva para fora, controle da raiva e expressão de raiva (Biaggio, 2003).

O Teste de Rorschach foi avaliado segundo o Sistema Compreensivo (Exner, 1999). Foram levados em conta os Traços Afetivos, as Relações Interpessoais e o Controle e Tolerância ao Estresse.

Procedimentos

Este estudo de caso faz parte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida como Projeto de Incentivo à Iniciação Científica (PIIC) da Universidade Federal de Sergipe, intitulado “Expressão da raiva por adolescentes vítimas de abuso e/ou mau-trato”. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFS sob número 542. Após a aprovação do CEP, foi feito contato com a instituição a fim de marcar a aplicação dos instrumentos. A adolescente foi convidada a participar e assinou, juntamente com a Assistente Social da instituição, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os instrumentos foram aplicados obedecendo à seguinte ordem: IFVD, STAXI, Rorschach, sendo que este último não foi aplicado no mesmo dia que os demais.

Histórico pessoal

Bia (nome fictício), filha de mãe alcoólatra e pai viciado em drogas nasceu no sudeste do Brasil e, ainda bebê, veio com a mãe para a o interior de Sergipe, cidade de origem da mãe. Ainda cedo, por negligência desta, Bia contraiu paralisia infantil que sem os cuidados e a atenção necessária ficou com muita dificuldade para se locomover e para fazer suas necessidades fisiológicas sozinha.

Após três anos, a mãe de Bia teve outro filho, agora um menino que de maneira semelhante à irmã não chegou a conhecer o pai. A mãe da adolescente ingeria bebida alcoólica de maneira freqüente e utilizava para esse fim, a aposentadoria da filha interdita judicialmente. As agressões contra Bia eram constantes e ela recebia tratamento diferenciado do irmão, pois além de passar praticamente o tempo todo numa casinha no quintal de casa, dormia numa esteira e o alimento era jogado no chão.

Freqüentou a escola por pouco tempo, pois pela grande dificuldade para andar necessitava que alguém a carregasse no colo e quem fazia isso às vezes era o tio (marido da irmã da mãe de Bia). Quando a adolescente conseguia dar alguns passos e

sair com a mãe (o que ocorria muito raramente), era bastante humilhada e agredida psicologicamente por andar muito devagar e em alguns momentos cair no chão.

Bia, durante a aplicação dos testes, chegou várias vezes a falar sobre as agressões sofridas e como se sentia quando os fatos ocorriam. Relatou que a avó materna morou um tempo na casa dela e sabia o que acontecia, mas *“por ser muito velha não podia fazer nada”* (SIC). Disse ainda, que quando o irmão já estava com aproximadamente quatro anos, a mãe o mandava bater na irmã que praticamente vivia deitada no chão com alimentação e higiene precárias.

Quando Bia estava com oito anos de idade, a tia materna (cujo marido vez ou outra carregava a adolescente no colo para levá-la a escola) tirou-a da casa da irmã e a levou para morar com ela, o marido e dois filhos. Entretanto, por motivo de dificuldade financeira, não teve condições de ficar com Bia e a levou para o Conselho Tutelar. Assim, foi realizada uma audiência que determinou que temporariamente fosse encaminhada para uma instituição de medida protetiva e, que sua mãe fosse presa por agressão física e negligência de vulnerável. Bia foi levada para o abrigo e sua mãe fugiu para uma grande cidade do sudeste brasileiro.

Atualmente, a adolescente está com treze anos de idade e ainda se encontra na instituição. Após fazer cirurgia e tratamento voltou a andar e consegue se locomover de maneira autônoma, apesar das seqüelas e de algumas limitações físicas. Está cursando a 5ª série do ensino fundamental e relatou que sente muita dificuldade em aprender matemática. Em relação ao comportamento com as outras meninas do abrigo, segundo informações da Assistente Social: *“ (Bia) tem um bom relacionamento, mas se utiliza da deficiência para mostrar dependência, além de não ter atitudes de uma adolescente de treze anos, pois se comporta de maneira bastante infantil”* (sic).

Quando se fala sobre a mãe, Bia demonstra muita tensão e fala que tem medo que a mãe volte para matá-la, não consegue nem ao menos ver uma foto da mãe. A adolescente deseja ser adotada e ter um lar, porém, em virtude da idade e da deficiência encontra dificuldade para tal processo.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados por instrumento.

Tabela 1: Pontuações obtidas no IFVD

Transtornos	Pontos
Cognitivo	04
Emocional	12
Social	03
Comportamental	08
Físico	01
Total	28

Existem fortes indícios que confirmam a presença de maus-tratos e de transtornos nas áreas emocional e comportamental. Destaca-se que o ponto de corte do IFVD para a população brasileira é de 22 pontos e Bia totalizou 28 pontos.

Tabela 2: Pontuações obtidas no STAXI

Subescala	Escores Brutos	Percentil
Estado	14	80
Traço	28	95
Temperamento	09	75
Reação	13	85
Dentro	13	25
Fora	12	5
Controle	16	20
Expressão	25	40

A Tabela 2 aponta que a adolescente em estudo obteve altos escores em Raiva Estado, Raiva Traço, Reação de Raiva e Temperamento, muito baixo escore em Raiva para Fora, baixo escore no Controle da Raiva e escores dentro da normalidade em Raiva para Dentro e expressão da Raiva.

Tabela 3: Características afetivas, relações interpessoais, controle e tolerância ao estresse segundo o Teste de Rorschach

Variável	Traços Afetivos	Relações Interpessoais	Controle e Tolerância ao Estresse
Lambda	0,53	0,53	0,53
EA			10,5
EB	7:3,5		7:3,5
EBPer	ausente		
Eb	6:4		6:4
ES			10
D Ajustado			0
FC:CF+C	01:03		
Afr	0,44		
S	02		
SumC':WSumC	1:3,5		
DEPI	04		
CDI		03	03
HVI		02	
a:p		7:7	
Fd		0	
T		02	
H:Hd+(H)+(Hd)		3:5	
Índice Isolamento		0,04	

Nota: A adolescente não apresentou respostas PER, COP, AG, CP, nem Determinantes Mistos de Cor e Sombreado.

De acordo com a Tabela 3 pode-se observar que Bia apresenta tipo vivencial introversivo, não aproveita seu potencial, tem capacidade para tolerar frustrações, seu interesse interpessoal está acima da média, denotando intensa necessidade de proximidade, embora sugira deficiência em se identificar com as pessoas.

DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados encontrados através do IFVD apontam para uma sustentação da presença de maus-tratos e transtornos emocionais e comportamentais na adolescente em função da negligência que a mãe tinha nos seus cuidados e bem-estar.

De acordo com Rosas e Cionek (2006), a violência pode ocasionar conseqüências muito severas, principalmente quando ocorrem no período da infância e por parte da família. Segundo os autores, as crianças aprendem com cada situação

que vivenciam, e seu psicológico é condicionado pelo social, sendo a família o primeiro grupo social com o qual a criança tem contato. Tal meio social é considerado como fundamental para o desenvolvimento físico, mental e psicológico da criança, de modo que, esse desenvolvimento pode ser fortemente deteriorado caso o ambiente seja avaliado como hostil, violento e desequilibrado.

As crianças e adolescentes, de uma forma geral, dispõem de recursos precários para lidar com eventos estressores, como a violência doméstica (Lisboa et al, 2002). Segundo as autoras, o problema da violência para as crianças é considerado um evento estressor, cuja resolução está fora do seu alcance, uma vez que geralmente é determinada por relações hierarquicamente determinadas, nas quais o agressor detém o poder e a força física sobre a criança.

No caso da adolescente avaliada no presente estudo, percebeu-se que a esfera emocional foi a mais afetada pela exposição prolongada de abusos físicos, psicológicos e da negligência praticada ainda nos primeiros anos de vida. Nesse sentido, Lisboa et al. (2002) afirmam que a violência doméstica influencia de modo decisivo nos processos cognitivos e emocionais da criança, de modo a gerar ineficácia na formulação de estratégias de enfrentamento.

No que diz respeito aos dados encontrados pelo Inventário de Expressão de Raiva como estado e Traço (STAXI) percebeu-se através dos escores obtidos que a adolescente tem forte tendência a sentir raiva e a reagir com raiva a determinadas situações que envolvem sua auto-estima. Ademais, a adolescente não apresentou características de atitudes agressivas para com os outros ou em situações estressantes, e demonstrou uma tendência a suprimir a raiva, mantendo o controle frente a determinadas situações.

De uma forma geral, a literatura aponta que crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos sentem-se com sua segurança ameaçada. Essas crianças comumente ficam estressadas e manifestam sua raiva de forma física e verbal, imitando o comportamento observado nos pais. A criança aprende que os comportamentos de raiva e agressividade são considerados como uma maneira eficaz de atingir seus objetivos e controlar os outros de modo que passa a utilizá-los nas relações em que se envolve e nas possíveis contrariedades (Lisboa, 2001).

Porém, o resultado encontrado contraria a literatura na medida em que não revela um comportamento de raiva/agressividade por parte da adolescente perante os outros e/ou situações estressantes. Tal resultado pode ser analisado como um aspecto positivo para a adolescente que, apesar de vivenciar inúmeras situações de violência por parte da mãe, consegue ter um controle sobre tais sentimentos negativos.

No que se refere às análises possibilitadas pelo teste Rorschach, o resultado revelou um tipo vivencial introversivo e carência afetiva extrema, necessitando de proximidade das pessoas. Tais comportamentos são condizentes com a história de vida da adolescente, uma vez que as vivências de uma relação de amor, carinho e amizade foram poucas no decorrer da sua vida, a qual não teve contato com o pai e era negligenciada pela mãe e mal-tratada pelo irmão, mediante incentivos da mãe. Ademais, ainda no abrigo, percebe que suas chances de adoção diminuem cada vez mais em função da idade e da deficiência.

O teste também revelou indícios de que tenham ocorrido situações violentas ou traumáticas, devido à presença do código especial MOR e, nos conteúdos, no qual consta a categoria sangue. As pranchas que continham respostas que mais indicavam algum tipo de relação com situações traumáticas que a adolescente teve que enfrentar, foram:

- a prancha I: *“Parece a cara do mau...com olhos de mau e a boca de mau, como se tivesse desejando o mau do outro”*;
- a prancha III: *“Parece que tá escorrendo da parede o sangue... tá descendo assim da parede porque mataram alguém”*;
- a prancha IV: *“Meu Deus o que é isso, uma assombração é? Parece com um ogro”*;
- e a prancha VI: *“Um lobo mau com a cabeça para cima”*.

Percebe-se, desse modo, que, apesar de tentar se adaptar às adversidades vivenciadas, a adolescente ainda leva vestígios da violência da qual foi vítima, podendo caracterizá-la como uma situação traumática. De acordo com Day et al. (2003), os efeitos da violência doméstica contra a criança e o adolescente podem durar a vida inteira e diminuem significativamente as chances de uma criança ter um desenvolvimento integral e saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou a investigação de traços de raiva e características da personalidade de uma adolescente de 13 anos de idade, portadora de deficiência física, residente de um abrigo e vítima de maus tratos por parte de sua mãe.

Percebeu-se, mediante os testes de IFVD, STAXI, Rorschach, que a adolescente apresenta traços que comprovam a presença de maus-tratos e transtornos emocionais e comportamentais na adolescente em função de negligência nos seus cuidados por parte da mãe, o que, segundo a literatura traz conseqüências muito severas no desenvolvimento físico, mental e psicológico da criança.

A partir do resultado obtido, conclui-se a necessidade do acompanhamento biopsicossocial desta adolescente com a intervenção de uma equipe interdisciplinar especializada composta de médicos, psicólogos e os assistentes sociais. É necessário ter em vista que definir e estudar a ocorrência dos maus-tratos ou violência contra crianças e/ou adolescentes pode auxiliar na obtenção de maiores dados sobre o problema, favorecendo o treinamento adequado de profissionais, o manejo e a prevenção, para assim, quem sabe um dia, mudar esse quadro.

REFERÊNCIAS

- Agosta, C.B.; Balarini, Z.; Colombo, R.I. (2001) *Abuso y maltrato infantil: inventario de frases*. Buenos Aires: Sainte Claire.
- Biaggio, A. M. B. (2003). *Manual do Inventário de Expressão de raiva como Estado e Traço (STAXI)*. (2ª ed. Rev. e Ampl.). São Paulo: Vetor Editora.
- Day, V.P.; Telles, L.E.B.; Zoratto, P.H.; Azambuja, M.R.F.; Machado, D.A.; Silveira, M.B.; Debiaggi, M.; Reis, M.G. Cardoso, R.G.; Blank, P. (2003). *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 25 (suppl.1).
- eslandes, S. F. (1994). *Prevenir a violência-um desafio para profissionais de saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Gallardo Cruz, A. J. (1994). *Maus Tratos à Criança*. Porto: Porto Editora.
- Lisboa, C.S.M. (2001). *Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica*. Dissertação de mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Lisboa, C.; Koller, S.H.; Ribas, F.F.; Bitencourt, K.; Oliveira, L.; Porciuncula, L.P.; March, R.B.; (2002). Estratégias de Coping de Crianças Vítimas e Não Vítimas de Violência Doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica.*, 15(2), pp. 345-362
- Perrone, R., Nannini, M. (1997). *Violencia y abusos sexuales em la familia. Um abordaje sistêmico y comunicacional*. Buenos Aires: Piados.
- Rosas, F.K.; Cionek, M.I. (2006). O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. *Conhecimento Interativo*, São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 10-15, jan./jun.
- Tardivo, L.S.L.P.C. & Pinto Junior, A.A. (2010). *Inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Vetor Editora.

DIFERENTES PERFIS PSICOLÓGICOS DE ADOLESCENTES QUE COMETERAM HOMICÍDIO

Carolina Cardoso de Souza

Ana Cristina Resende

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Goiânia

INTRODUÇÃO

O homicídio se caracteriza como um ato violento onde ocorrem lesões fatais infligidas por outra pessoa com a intenção de ferir ou matar (Reza, Krug & Mercy, 2001). Trata-se de um crime de ação livre no qual o agente pode praticar o crime por qualquer meio, seja ele direto (por ação direta contra a vítima: disparo de arma de fogo, golpe de arma branca, envenenamento, transmissão de vírus letais), indireto (coação ao suicídio, aqular um cão contra a pessoa que se quer matar), por meios morais ou psíquicos (o agente utiliza o estado de medo ou de emoção súbita para alcançar o seu objetivo), por omissão (abstenção do dever jurídico de agir) (Souza, 2004).

Não há um fator único que explique por que algumas pessoas se comportam de forma violenta em relação a outras, ou porque a violência ocorre mais em algumas comunidades do que em outras. Por trás de cada ato violento existe sempre uma rede de outras violências, que não raras vezes são de origem familiar, social ou institucional. A violência não se manifesta isoladamente, é o resultado da complexa interação de fatores de risco (biológicos, familiares, situacionais, sociais e individuais, como comportamentos e características de personalidade) por certo período de tempo, especialmente durante a infância, que encoraja o indivíduo ao comportamento violento (OMS, 2002; Bartol, 2008; Souza, 2004).

De acordo com vários autores, dentre os fatores biológicos que podem predispor um indivíduo ao comportamento violento estão: a nutrição inadequada, a falta de cuidados médicos, complicações no parto, problemas perinatais, distúrbios da infância, como déficit de atenção e hiperatividade (Flores, 2002; Heide, 1997; OMS, 2002; Bartol, 2008; Englander, 2006). Na categoria de fatores familiares e situacionais

destacam-se principalmente a instabilidade familiar, ausência ou negligência das figuras parentais, irmãos com problemas de conduta, vítima de maus tratos, abusos físico e psicológico, participação em lutas físicas, porte de armas, consumir e/ou traficar drogas, abandono escolar e ociosidade (Heide, 1997; Bartol, 2008; Englander, 2006; OMS, 2002; Widom, 1989). Entre os fatores sociais sobressaem a exposição prolongada de conflitos armados, ser testemunha de violência, pertencer a gangues que praticam comportamentos antissociais, baixo nível socioeconômico e morar em bairro violento (Gartner, 1990; OMS, 2002; Englander, 2006). Os fatores individuais, como características de personalidade e comportamentos também podem influenciar as atitudes violentas, tais como a hiperatividade, impulsividade, ausência de controle comportamental, agressividade, problemas de atenção, nervosismo, ansiedade, baixo nível intelectual, raiva, falta de habilidades sociais e interpessoais, baixa motivação, baixa autoestima, autocríticas negativas, entre outras (Bartol, 2008; OMS, 2002).

Marty (2010) aponta que a violência pode estar também vinculada à angústia, reação manifestada face em todo traumatismo que é tratada de modo diferente de acordo com a estrutura psicológica do sujeito. Para os adolescentes em conflitos com a lei e cuja estrutura de personalidade repousa em bases narcísicas frágeis, a questão da angústia é feita através do recurso ao ato.

A violência praticada por pessoas jovens é uma das formas de violência mais expostas na sociedade. Em todo o mundo, jornais e meios de comunicação relatam diariamente a violência das gangues nas escolas ou praticada por jovens nas ruas (Reza, Krug & Mercy, 2001).

A violência praticada pelo adolescente pode se desenvolver de diversas maneiras. Alguns apresentam problemas de conduta na primeira infância, que progressivamente aumentam para formas mais graves de agressão antes da adolescência e durante mesma. Adolescentes que se integram nesta categoria cometem os atos violentos mais graves e, em geral, mantêm este comportamento violento até se tornarem adultos (Moffit, 1993; Tolan & Gorman-Smith, 1998; OMS, 2002).

Características de Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio

Alguns autores apontam que as características psicológicas que se destacam em jovens que cometeram homicídios são: tendência a evitar estímulos afetivos, oposição negativa em relação ao meio, raiva, falta de ansiedade, tensão e nervosismo, indícios de não sentirem necessidade de mudar sua maneira de agir, pensar e sentir, impulsividade, pobreza dos padrões morais, comportamento violento, falta de habilidades para os relacionamentos interpessoais, interesse por gratificação pessoal imediata, desprezo pelo outro, narcisismo, dificuldade de controle do comportamento e das emoções, características antissociais (Durat, 2006; Garcia, 1999).

Entre os adolescentes, um dos quadros diagnósticos mais problemáticos tem sido o Transtorno de Conduta. Esse transtorno se caracteriza como um modo repetitivo e persistente de comportamentos violentos, agressivos ou desafiadores por um período de no mínimo seis meses, segundo a Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento (OMS, 1993) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR (APA, 2002).

Estudos que avaliaram adolescentes diagnosticados com Transtorno de Conduta e que cometeram homicídio, por meio do Método de Rorschach (Sistema Compreensivo), destacam as seguintes características de personalidade mais comuns entre eles: falta de habilidade nos relacionamentos interpessoais ($PHR > GHR$) (Durat, 2006; Gacono, Gacono & Evans, 2008); pouca disponibilidade para a cooperação interpessoal ($COP \downarrow$) (Gacono et al., 2008); dificuldade de se perceber e perceber o outro ($H < (H) + (Hd) + Hd$) (Gacono & Meloy, 1994); pouco interesse pelas pessoas, pelo que elas fazem ou dizem ($H \downarrow$) (Gacono & Meloy, 1994; Gacono et al., 2008); narcisismo pernicioso, típico de pessoas com uma determinação hostil em explorar e manipular o outro para atingir seus próprios fins ($Fr + rF > 0$) (Corredor, 2000; Gacono et al., 2008; Loving & Russell, 2000; Olin & Keatinge, 1998; Lowen, 1983; Garcia, 1999), contudo, a presença de reflexo sozinha só é patológico caso há uma combinação com outros fatores, como o desprezo pelo outro e a ausência de culpa e remorso ($Fr + rF > 0 + H \downarrow + Somb \downarrow$) (Exner & Sendín, 1999); pouca capacidade de lidar com situações emocionalmente complexas, muitas vezes se precipita na tomada de decisões quando está diante dessas circunstâncias ($Blends \downarrow; L \uparrow$) (Gacono et al., 2008) esse traço pode ser frequentes em perfis psicopáticos, indivíduos que não refletem, e atuam de forma

repentina (Exner & Sendín, 1999); poucos recursos para lidar com as demandas da vida diárias, o que está altamente associado a faltas de habilidades sociais (EA↓) (Gacono et al., 2008); juízo crítico e coerência rebaixados (F+%↓) (Gonçalves, 2004; Olin & Keatinge, 1998); desconsideração pelos comportamentos socialmente esperados (Xu%↑) (Gacono et al., 2008); baixa autoestima (Ego↓) (Gacono et al., 2008; Gacono & Meloy, 1994); tendência a interpretar o que as pessoas fazem e falam de modo equivocado (M-↑) (Durat, 2006; Gacono et al., 2008; Gacono & Meloy, 1994).

Diante do que foi exposto, o presente estudo tem o objetivo de avaliar as características de personalidade de jovens que cometeram homicídio e estão cumprindo medidas socioeducativas em instituições goianienses. Entendemos que a avaliação do funcionamento da personalidade desses adolescentes que cometeram tal ato infracional é um passo inicial muito importante para que os programas de aconselhamento, orientação, encaminhamento e prevenção desses adolescentes obtenham resultados satisfatórios. Ao avaliarmos esses adolescentes, estaremos na busca de respostas do que os levam a apresentar um padrão repetitivo de comportamentos inadequados. A intenção é de avaliá-los, para conhecê-los e, posteriormente, auxiliá-los a mudarem o padrão de conduta.

MÉTODO

Participantes

Participaram do estudo 16 adolescentes, sendo três do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades entre 15 e 18 anos, que cometeram homicídio e estavam cumprindo medida socioeducativa de internação em instituições do Estado de Goiás/Brasil.

Instrumentos

Entrevista semiestruturada com os adolescentes: o roteiro foi elaborado utilizando como base algumas questões da Escala Hare de Psicopatia (Morana, 2004) e do Questionário Multimodal (Lazarus, 1980). Esta entrevista buscou fazer um apanhado histórico, procurando compreender como os comportamentos inadequados

surgiram e se estabeleceram ao longo da vida dos adolescentes. A resposta às questões foram estudada e analisada em suas complexidades e contradições que apresentaram. A entrevista enfocou aspectos sociodemográficos, constituição e organização familiar, vida escolar (início dos estudos; quantidade de escolas que estou no ensino fundamental e ensino médio; frequência escolar; casos de reprovação, expulsão ou advertências; comportamento na escola; relação interpessoal com professores e colegas), ocupações com e sem remuneração, aspectos relacionados à saúde e à sexualidade; o envolvimento com ato infracional, drogas usadas, expectativas e projetos para o futuro. Aspectos tais como se o examinando tem como alvo um tipo particular de vítima, o grau de dano causado à vítima, o padrão de interação entre a vítima e o (a) adolescente, os recursos e a armas que geralmente usavam também foram questionados e o comportamento durante a entrevista também foi observado.

Prontuários dos adolescentes: utilizado para levantar informações sobre os adolescentes no período de internação, sobre o tempo de internação, sobre o (s) ato (s) infracional (nais) cometido (s) e para confirmar informações colhidas na entrevista.

Método de Rorschach (Sistema Compreensivo): É composto por dez cartões,—contendo manchas de tinta, os quais servem de estímulos pouco organizados que levam o indivíduo em avaliação a expressar conteúdos associativo-perceptivos representativos de seu mundo interno. A aplicação e a interpretação do teste seguiram as orientações padronizadas descritas no manual do Exner (2003).

Procedimentos

Os 16 adolescentes participantes desse estudo foram selecionados de uma amostra de testes aplicados durante a coleta de dados do projeto de pesquisa “Estudo da personalidade do adolescente que cumpre medidas socioeducativas” que foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e que ainda está em andamento. No projeto os critérios de inclusão de participantes foram: todos os adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de internação que se

disponibilizaram a colaborar com o estudo e cujos pais ou responsáveis deram o consentimento para participação deles.

Após aceitação do Comitê, foi realizado contato com a gerência da Secretaria de Cidadania e Trabalho, responsável pelas instituições que acolhem os adolescentes autores de atos infracionais e que atualmente cumprem medidas socioeducativas privados de liberdade. Após a autorização da gerente do sistema socioeducativo, fez-se o contato com os Centros de Atendimento Socioeducativo, onde foi apresentada a proposta do presente estudo, bem como a justificativa, objetivos e metodologia.

Após a aprovação do estudo pelas instituições, os pais ou responsáveis pelos adolescentes, e posteriormente os próprios adolescentes, foram contatados, informados e esclarecidos acerca dos procedimentos da avaliação, e autorizaram a participação dos adolescentes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após essa etapa foi iniciada a coleta de dados de forma individual numa sala adequada para atendimento e testagem psicológica, nas próprias instituições, onde regularmente as psicólogas realizam seus atendimentos. No primeiro encontro, com duração de aproximadamente 1h e 30min, realizou-se a entrevista semiestruturadas com cada um dos adolescentes. No segundo encontro, com duração aproximada de 1h e 30min, aplicou-se o método de Rorschach. Para confirmar algumas informações colhidas por meio dos testes e das entrevistas com os adolescentes foram consultados os prontuários dos mesmos, cedidos pela instituição.

Após a coleta de dados, as informações adquiridas por meio da entrevista e prontuários foram analisadas em termos de coerência e incoerência entre essas três fontes, priorizando aquelas informações que se reiteravam. Posteriormente, esses dados foram integrados com os dados apresentados pelo método de Rorschach. Os testes de Rorschach foram codificados, lançados no *software* RIAP5, mediante o qual fez-se o levantamento de vários índices individuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão expostos e discutidos a partir dos dados levantados pelos dois instrumentos utilizados de forma separada (entrevista e método de Rorschach). No final serão realizadas algumas articulações entre as informações levantadas pelos dois instrumentos.

Entrevista

De uma forma geral os adolescentes demonstraram-se colaborativos no momento da entrevista, com características adequadas para a realização de uma entrevista como um discurso coerente, atenção, memória, senso percepção e psicomotricidade preservadas.

Cinquenta por cento dos participantes (n=8) tinha 17 anos de idade, dois adolescentes apresentaram idades de 15 e 16 anos, e quatro possuíam 18 anos. Um dos adolescentes tinha um filho, e um outro declarou ter uma união estável.

Todos os adolescentes eram de baixo nível socioeconômico, seis jovens declaram estar estudando quando foram internados na instituição, e apenas três concluíram o Ensino Fundamental.

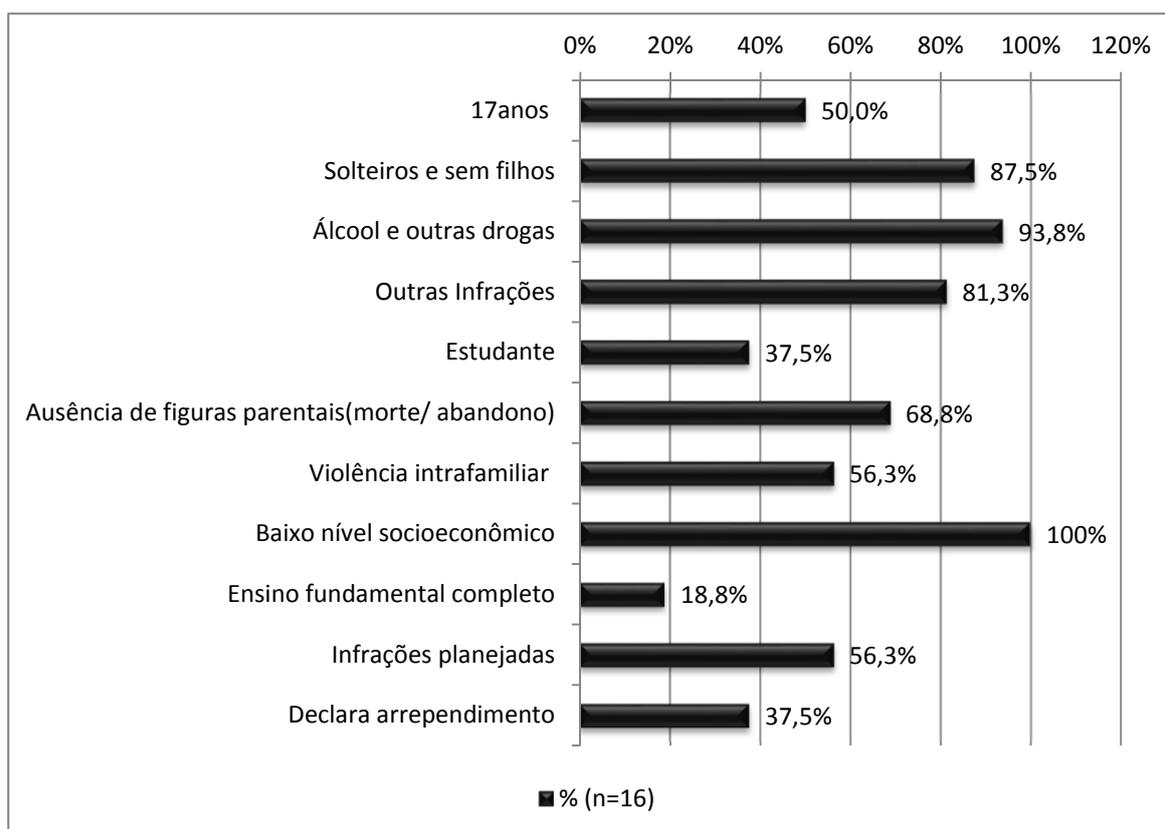
Apenas um jovem revela que nunca usou álcool ou outras drogas, os outros 15 adolescentes assumem que já fizeram uso abusivo de álcool e outras drogas ilícitas, mesmo que eventualmente. Todos relatam a prática de condutas socialmente inadequadas anteriores ao homicídio que são acusados de cometer. Dentre as condutas inadequadas as mais citadas foram brigas, envolvendo agressões físicas, uso de álcool e drogas, furtos e roubos. Todos esses dados foram confirmados no prontuário desses jovens.

Na história de vida, a maioria (68,8%, n=11) revelou a perda de pelo menos uma das figuras parentais, quer seja por morte violenta ou por abandono durante a infância, o que pode ter colaborado no prejuízo do desenvolvimento das potencialidades afetivas e reparadoras, bem como suas noções de limites. Nove jovens (56,2%) declararam já ter presenciado alguma forma de violência doméstica. Esse mesmo número de adolescentes também relatou ter planejado e realizado com frieza o homicídio. Houve relato de arrependimento em apenas seis casos. Ou seja, a maior

parte dos adolescentes deste estudo que cometeram homicídio (n=10, 62,5%) revelou ausência de ansiedade, remorso ou culpa pelo ato praticado.

Os dados levantados por meio das entrevistas confirmam as informações fornecidas por outros estudos citados na revisão bibliográfica deste artigo (Flores, 2002; Heide, 1997; OMS, 2002; Bartol, 2008; Englander, 2006; Widom, 1989; Gartner, 1990): os fatores familiares, situacionais, sociais e de personalidade se mostram presentes na história de cada um dos participantes e podem estar favorecendo os comportamentos violentos. A ilustração gráfica dos principais dados levantados pelas entrevistas semiestruturadas com os adolescentes e confirmadas pelos prontuários (Figura 1), se encontra no Gráfico 1.

Gráfico 1: Características sociodemográficas e aspectos pessoais dos adolescentes entrevistados.



Método de Rorschach

Os testes dos participantes contêm número suficiente de respostas para fornecer um relatório confiável e interpretativamente válido (média $R=20$, variando entre 14 e 32 respostas e sem rejeições de cartões). Não há indícios evidentes nos dados estruturais dos testes de esforços deliberados na tentativa de dissimulação de um transtorno psicótico ou do humor. Embora a dissimulação ou exagero dos sintomas não sejam descartados com base somente nos testes, pode-se ao menos dizer que os dados dos testes não fornecem provas de que estas pessoas estão tentando parecer mais perturbados do que é realmente o caso (Verbalizações mais concisas do que extensas, W_{sum6} quase sempre na média, compreensão adequada de como realizar a tarefa solicitada).

Os adolescentes foram divididos em grupos conforme as características que se sobressaíram em relação às outras encontradas, e que estavam relacionadas à literatura que trazia dados de indivíduos que praticaram homicídio, conforme foram citadas na revisão bibliográfica. A separação dos adolescentes em grupo facilita na avaliação de cada aspecto encontrado, para que sejam realizados encaminhamentos e planejamentos de tratamento diferenciados para esses grupos. Na Tabela 1 é possível visualizar quais são os participantes integrantes de cada grupo. Excepcionalmente um participante não se enquadrou nos perfis avaliados em grupo e por isso, a análise de suas características será realizada individualmente.

Tabela 1. Grupo no qual o participante pertence de acordo com as variáveis do Rorschach

Grupos Participantes	Grupo A $Fr+rF>0$ $H=0$ $SumT=0$ $SumV=0$	Grupo B $CDI\geq 5$ $COP=0$ $PHR>GHR$	Grupo C $EA\leq 3$ $Blends\leq 2$ $L\geq 2.0$	Grupo D $Xu\%\geq 0.38$ $F+\%\leq 0.38$ $P\leq 2$
1			X	
2	X			
3			X	
4		X		
5			X	
6		X		

7			X	
8		X		
*9	-	-	-	-
10				X
11				X
12		X		
13	X			
14			X	
15	X			
16	X			

*O participante 9 não se enquadra em nenhum dos grupos.

Na análise dos dados, os adolescentes que apresentaram características narcísicas mais proeminentes ($Fr+rF>0$), juntamente com a falta de interesse pelo ser humano ($H=0$), ausência de indício de remorso por alguma atitude, com conseqüências emocionais irritativas e dolorosas ($SumV=0$) e ausência de qualquer indício de maior interesse de contato físico e proximidade com o outro ($SumT=0$) foram incluídos no Grupo A. Quatro participantes se enquadraram neste perfil.

A presença de reflexo no teste assinala a existência de componentes narcisistas integrados na organização da personalidade desses indivíduos. Este elemento gera no indivíduo uma necessidade de reafirmação e confirmação exagerada da própria valia, elevando suas aspirações de importância social. Entretanto, não se pode afirmar que o reflexo é uma patologia por si só, como foi relatado por Exner e Sendín (1999), é necessário avaliar as demais características do indivíduo além do meio onde ele vive.

Dessa forma, a união das quatro variáveis num protocolo e ainda o fato dos adolescentes terem crescido em um meio pouco generoso e nada sustentador das suas necessidades de atenção, sugere que há grande possibilidade de promover condutas abertamente antissociais. O indivíduo com estas características primária pela distância interpessoal, pela falta de vínculos significativos e pela supervalorização do seu valor pessoal, tornando-se preocupado com suas próprias necessidades em detrimento da preocupação com as necessidades dos outros, sem qualquer indício de culpa ($H=0+SumT=0+Reflexo>0$ e $SumV=0$). Infere-se, portanto, que há uma predisposição para explorar e manipular o outro para atingir seus próprios fins, sem remorso ou arrependimento, quando estas quatro características de personalidade estão presentes num protocolo de Rorschach e, ao mesmo tempo, há a vivência prolongada

de fatores sociais, situacionais e familiares de risco pra que o jovem adquira comportamentos violentos.

No Grupo B as características que sobressaíram em relação aos outros grupos foram: falta de habilidades sociais ($CDI \geq 5$), interações interpessoais conflituosas com tendência a comportamentos sociais inadequados ($PHR > GHR$), ausência de interesse em estabelecer vínculos cooperativos ($COP = 0$ e $AG \leq 1$).

Quatro adolescentes se encaixaram neste contexto de variáveis e demonstram indícios de um perfil psicológico típico de alguém com déficit para tudo que seja relacional, com problemas na interação com os que os rodeiam, com dificuldades de manter-se cooperativo, acolhedor e simpático, estabelecendo vínculos pouco agradáveis. Assim, é bem provável que este tipo de pessoa opte por relacionamentos mais superficiais e pouco duradouros, demonstrando distância e insensibilidade às necessidades dos outro.

Durat (2006) e Gacono et al. (2008) observaram em seus estudos que a falta de habilidades sociais e a dificuldade em se posicionar no meio, de se aproximar das pessoas e manter vínculos saudáveis contribui consideravelmente para que pessoas com este perfil adotem comportamentos inadequados na sociedade.

No terceiro grupo, ou no Grupo C, estão cinco adolescentes que revelaram os seguintes traços de personalidade: dificuldade de organizar e direcionar as condutas, de enfrentar situações cotidianas de desconforto ($EA \leq 3$), bem como limitações em responder às situações que exigem uma maior complexidade emocional ($Blends \leq 2$) e estilo evitativo de responder às situações ($L \geq 2$).

No caso desses adolescentes, nota-se a dificuldade em lidar com as múltiplas tensões da vida cotidiana e, assim, acabam simplificando excessivamente suas percepções, buscando nunca se envolver profundamente nas situações. Esse comportamento é típico de pessoas com um campo de visão estreito, que decide sem pensar muito e com pouco investimento emocional para não tomar consciência de circunstâncias ameaçadoras ou indesejáveis em sua vida, e que mantém o equilíbrio devido a uma vida restrita e de esquiva. Com essa simplificação excessiva da percepção, acabam por tomar atitudes de forma precipitada sem analisar a situação como um todo, ou seja, acabam perdendo o controle diante das situações e agindo sem pensar. Segundo Exner e Sendín (1999) essas características podem se mostrar

bastante frequentes em traços psicopáticos, indivíduos que não refletem, e atuam de forma repentina.

No Grupo D foram observados déficits nos aspectos cognitivos ($Xu\% \geq 0.38$, $F+\% \leq 0.38$ e $P \leq 2$), mais precisamente na avaliação do que é mais apropriado em cada circunstância. Dois adolescentes apresentaram indícios de um excessivo autocentrismo, orientando suas percepções de acordo com suas necessidades ($Xu\%$). Somado à este aspecto observa-se ainda o descentramento do pensamento coletivo ($P \leq 2$) e o baixo nível de coerência e juízo crítico ($F+\% \leq 0.38$). Inferese então que esses jovens não vêem as coisas como a maioria das pessoas do seu meio muito mais por incapacidade e por desajustamento da percepção, por déficits cognitivos que geram interpretações equivocadas da realidade, com percepções errôneas de si mesmo e das ações dos outros. Tudo isso acaba gerando condutas afastadas do convencional, o que pode também ter contribuído para a realização de atos infracionais, como foi o caso desses jovens que cometeram um atentado contra a vida de outro.

Uma adolescente não apresentou nenhuma característica que a incluísse em algum grupo, por este motivo sua análise será realizada separadamente. Os aspectos que chamaram a atenção foram: a tendência ao pensamento incompatível com a realidade quando tem que compreender como as pessoas geralmente pensam, falam e agem ($M=2$); a capacidade insuficiente de vivenciar e expressar afetos ($WsumC=1,5$) e o distanciamento de situações emocionalmente carregadas ($Afr=0,42$ e $Blends=3$). Todos esses aspectos podem gerar certo prejuízo da adaptação. As demais variáveis do teste encontravam-se dentro do esperado num teste de pessoas com a sua faixa etária e nível de escolaridade. Nos estudos de Durat (2006), Gacono et al. (2008), Gacono & Meloy (1994) essas características também foram consideradas como fator de risco para comportamentos violentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo consistiu em levantar os diferentes perfis de adolescentes que cometeram homicídio, para que ao conhecer seus aspectos

deficitários possamos auxiliar os programas de tratamento que visam a modificação das condutas não adequadas ou socialmente inaceitáveis. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, que exige um número muito maior de participantes para que seus resultados possam ser generalizados.

De uma forma geral, foi possível discriminar quatro grupos diferentes de perfis de adolescentes que cometeram homicídio. Apenas uma adolescente não encaixou em nenhum dos grupos. Nos adolescentes do Grupo A observa-se a presença de traços de personalidade típicos de pessoas que desenvolvem condutas abertamente antissociais e traços psicopáticos. No caso desse grupo, a literatura indica que há poucos estudos sistematizados sobre o tratamento de pessoas com essas características que possam orientar a elaboração de programas mais efetivos (Costa & Valerio, Kaplan & Sadock, 2007). Talvez o mais indicado seria uma psicoterapia em grupo, com limites firmes, com pessoas que apresentam as mesmas características. Isso poderia ser bastante desafiador para esses adolescentes que apresentam comportamentos auto e heterodestrutivos, para que possam começar a identificar suas próprias características um no outro, pois todos geralmente apresentam dificuldade de lidar com a desconfiança, fogem de intimidade, tendem a agir com desonestidade e também tem dificuldade de trabalhar com metas a longo prazo e de pensar nas conseqüências de suas ações antes de agir.

Os participantes do Grupo B, que apresentaram uma deficiência de enfrentamento das situações do dia-a-dia, podem frequentemente se beneficiar de tratamento focado na redução da ansiedade interpessoal e no treinamento de habilidades sociais. O Grupo C, com um perfil de adolescentes com características de esquiva – com jovens que funcionam melhor em meios bem estruturados e familiares, sendo mais ineficazes do que a maioria quando aumenta a tensão ou a complexidade em seu meio – uma medida adequada seria apresentar a eles situações simples, familiares e objetivas, em que as responsabilidades sejam repassadas por etapas, aumentando gradativamente os objetivos a serem cumpridos, para que eles desenvolvam maneiras cada vez mais eficazes de lidar com as situações e adquiram mais auto-estima e autoconfiança.

No Grupo D encontram-se os jovens com mais prejuízos cognitivos. Esse tipo de comprometimento pode gerar falhas freqüentes na capacidade de antecipar as

conseqüências de suas ações e de discriminar os limites do comportamento adequado na maioria das situações. Suas percepções imprecisas podem constituir uma fonte crônica e generalizada de dificuldade de adaptação na vida. A maioria das pessoas com este grau comprometimento cognitivo têm dificuldades de gerenciar os aspectos psicológicos básicos da vida diária sem a ajuda ou a supervisão de um psicólogo.

Conclui-se que o levantamento de perfis específicos de adolescentes que cometeram homicídio permite estabelecer tratamentos e abordagens mais adequados a cada tipo de perfil. Ainda que os adolescentes que cometeram homicídio não se constituam como um grupo homogêneo e que não haja um padrão de características universais que os represente, os principais resultados permitiram constatar a insuficiência de recursos psicológicos que interferem na capacidade de adaptação ao meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association – APA. (2002). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR (4ª ed.)*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Bartol, C. R. (2008). Resilience and Antisocial Behavior. In C. R. Bartol & A. M. Bartol (Eds). *Current perspectives in forensic psychology and criminal behavior*, London: Sage.
- Corredor, M. (2000). *Transtorno de conduta em niños: Um estudio de caso*. Trabalho de especialização. Universidad Católica Andrés Bello de Caracas, Venezuela.
- Costa, J. B. P., & Valerio, N. I. (2008). Transtorno de personalidade anti-social e transtornos por uso de substâncias: caracterização, comorbidades e desafios ao tratamento. *Temas em Psicologia*, 16 (1). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 29 março, 2012.
- Durat, C., Jr. (2006). *O Rorschach na avaliação psicológica de adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade São Francisco de Itatiba.
- Englander, E. K. (2006). *Understanding Violence*. New York: Psychology Press.

- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E., Jr. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system: Vol. 1. Basic foundations and principles of interpretation* (4ª ed). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Flores, R. Z. (2002). A biologia na violência. *Ciência, saúde coletiva*, 7(1), 197-202.
- Gacono, C. B., & Meloy, J. R. (1994). *The Rorschach assessment of aggressive and psychopathic personalities*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gacono, C. B., Gacono, L. A., & Evans, F. B. (2008). The Rorschach and antisocial personality disorder. In: Gacono, C. B.; Evans, F. B.; Kaser-Boyd, N.; Gacono, L. A. (Eds.), *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment*. New York, NY: Lawrence Erlbaum Associates.
- Garcia, J. C. R. (1999). Aproximacion a la Personalidad del Homicida a traves del Psicodiagnostico de Rorschach. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2): 27-32.
- Gartner, R. (1990). The victims of homicide: a temporal and cross-national comparison. *American Sociological Review*, 55, 92-106.
- Gonçalves, C. M. T. S. (2004). O adolescente autor de ato infracional: Um estudo pelo método de Rorschach. In: C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.), *Técnicas Projetivas: Produtividade em Pesquisa*. Porto Alegre: SBRO – Anais do III Congresso Nacional da SBRO e outros métodos projetivos. Porto Alegre: PUCRS, 413-417.
- Heide, K. M. (1997). Juvenile homicide in America: how can we stop the killing? *Behavioral Sciences & the Law*, 15, 203–220.
- Kaplan, H. I., & Sadock, B. J. (2007). *Compêndio de psiquiatria: Ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. (9 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Lazarus, A. A. (1980). *Terapia multimodal do comportamento*. Tradução organizada por U. C. Arantes. 1ª Edição. São Paulo: Manole.
- Loving, J., & Russell, W. (2000). Selected Rorschach variables of psychopathic juvenile offenders. *Journal of Personality Assessment*, 75, 126–142.
- Lowen, A. (1983). *Narcisismo: Negação do Verdadeiro Self* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Editora Cultrix.
- Marty, F. (2010). Violência e Passagem ao Ato Homicida na Adolescência. In: Amparo, D.; Almeida, S.; Brasil, K. & Marty, F. (Org). *Adolescência e violência: teorias e*

práticas nos campos clínicos, educacional e jurídico. Brasília: Liber: Universidade de Brasília, p. 45-66.

- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674-701.
- Morana, H. (2004). *Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia revisados*. Versão brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Olin, J., & Keatinge, C. (1998). *Rapid psychological assessment*. New York: John Wiley.
- Organização Mundial De Saúde – OMS (1993). *Classificação dos transtornos mentais e de comportamento – CID-10*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Organização Mundial De Saúde – OMS. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Reza, A., Krug, E. G., & Mercy, J. A. (2001). Epidemiology of violent deaths in the world. *Injury Prevention*, 7, 104-111.
- Souza, I. M. (2004). *Homicídio Passional: Uma Teoria in Extremis*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Goiás.
- Tolan, P. H., & Gorman-Smith, D. (1998). Development of serious and violent offending careers. In: Loeber, R., Farrington, D. P (Eds.). *Serious and violent juvenile offenders: risk factors and successful interventions*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Widom, C. S. (1989). Child abuse, neglect, and violent criminal behavior. *Criminology*, 244, 160-166.

INTERAÇÃO FAMILIAR E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO¹¹

Maria das Graças Rodrigues¹²

Júlia S. N. Ferro Bucher-Maluschke¹³

Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

O presente estudo realizou-se por ocasião da percepção de várias mudanças significativas na Política Penitenciária Nacional, período 1982-1986, entre as quais, destacam-se: a implantação do Conselho de Política Penitenciária e a integração da Política Penitenciária na Política Social e a Lei de Execução Penal (Lei nº. 7210/84). Inspirado no movimento internacional de reforma do Direito Penal e Política Criminal da Organização das Nações Unidas (ONU), provocado pelo progresso das ciências criminológicas das ciências humanas, a Política Penitenciária em análise procurou dar uma resposta adequada à situação crítica da realidade nacional. Como acentuou Albergaria (1984, p. 66): “é essencial a planificação setorial da Justiça Penal, mas deve-se prestar maior atenção às forças e programas sociais e econômicos que possam contribuir para a solução do problemas da delinquência do menor e do adulto.”

Segundo entendimento, a Lei de Execução Penal foi implantada para corrigir os males crônicos do Sistema Penitenciário Brasileiro, considerado como fator criminógeno em face da violência institucionalizada, historicamente traduzida no tratamento desumano das prisões.

Imbuídos por um espírito de renovação e confiando nas mudanças que se propunham, iniciou-se um trabalho de estudo e pesquisa das temáticas no Centro de Internamento e Reeducação (CIR)/Fazenda da Papuda, em Brasília, Distrito Federal (DF). No CIR, observou-se que tais mudanças repercutiam juntos aos presos, conforme

¹¹ Pesquisa financiada pelo ProgramaCapes/PICD.

¹² Psicóloga e Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura – Universidade de Brasília.

¹³ Professora Dra. Emérita pela Universidade de Brasília. Professora Dra. Pela Universidade Católica de Brasília.

o registro do Jornal “O Alvará” (1984), produzido pelos detentos, onde a Lei de Execuções Penais começa a ser discutida e confrontada com os Direitos Humanos.

Ressalta-se que os estudos e as pesquisas sobre a questão da violência encontrava-se em forma embrionária, como aponta Peyrefitte (1977, p. 30) no famoso Relatório: “Réponse à la violence”, que destaca: “a violência, a criminalidade são comportamentos mal conhecidos não somente quanto às suas causas, mas também quanto à sua importância, suas circunstâncias, suas formas e sua natureza.” Muitas décadas depois de tal publicação, é possível confirmar que existem dificuldades de compreensão do fenômeno da violência e de sua conceituação, uma vez que tal aspecto encontra-se plenamente inserido no cotidiano, na vida e dos processos sociais, originando forte carga emocional àquele que comete o delito, aos familiares e ao meio circundante.

As ciências criminológicas ligam a violência ao fenômeno delitivo mediante os conceitos de “inadaptação social” e de “imaturidade psicológica”, afim de explicar o comportamento criminal (Pinatel, 1970). Privilegia, ainda, o olhar da Psiquiatria e da Psicopatologia, enfatizando o exame criminológico na classificação do detento.

A vivência adquirida em Instituições Jurídicas, como por exemplo, o Juizado de Menores e as Penitenciárias, evidenciou a importância da contribuição sociológica e antropológica na compreensão de pessoas em conflito com a lei, bem como na prevenção da criminalidade. Conforme Chesnais (1981) e Burke (1995) apud Minayo (2003, p. 24): “não se pode estudar a violência fora da sociedade que a gera, porque ela se nutre dos fatos políticos, econômicos e culturais, traduzidos nas relações micro e macrosociais. Portanto, busca-se a inteligibilidade desse fenômeno, considerando-o de forma complexa, histórica, empírica e específica.”

Estudos pioneiros na área da família, em especial, com pacientes esquizofrênicos e famílias em situação de risco (Jackson, 1965; Bateson, 1974; Wynne, 1974), revelaram que a interação familiar tem papel fundamental na etiologia das “perturbações psicológicas”. Corroborando com a posição dos autores supracitados, Lidz *et al* (1980), acentuaram que “uma patologia grave do meio familiar constitui uma descoberta constante na etiologia da esquizofrenia.”(p.57)

O presente estudo situa-se na perspectiva dos estudos sobre a família e suas interações e no tipo de interação que se estabelece com a criança desde os primeiros

anos de vida, posicionando a família e o indivíduo como sujeitos interdependentes, bem como as condutas “violentas” originadas em tais interações.

Trabalhos de pesquisadores e estudiosos na área do desenvolvimento infantil (Spitz, 1957, 1959, 1965; Bowlby, 1958, 1969) apontaram a importância da afetividade nas relações mães-filho nos primeiros anos de vida para saúde emocional da criança; determinando a “qualidade da própria experiência”, ou seja, “percebemos e reagimos às manifestações afetivas de um maneira afetiva” (Spitz, 1960, p. 41).

Pinatel (1970, pp. 721-722) aponta que as afirmações de Bowlby despertou controvérsias entre os teóricos do desenvolvimento ao demonstrar que a privação materna tem efeitos nocivos no desenvolvimento psicológico da criança, ressaltando que “traumatismos infantis podem originar um caráter sem afeição, *“affectionless”*.”

Lebovici (1980) comenta a famosa monografia de Bowlby sobre os quarenta e quatro ladrões “privados de afeto”, ressaltando a tendência de tais infantes, desde cedo, carentes, e apresentando indiferença afetiva quando comparadas com o grupo de controle. E, ao se reportar às suas histórias de vida, quase a metade das mesmas havia sofrido uma separação completa de pelo menos seis meses durante os cinco primeiros anos de vida, fato que não foi identificado junto às crianças que não furtavam.

Lidz (1983) destaca as funções da família nos cuidados com o bebê e as influências que esta exerce nas suas subseqüentes experiências afetivas, ao ressaltar a dificuldade da discriminação das influências biológicas (principalmente genéticas) com que se inter-relacionam: “influências posteriores modificarão as da família, mas jamais poderão desfazer ou remodelar as primeiras que são nucleares.”(p.68)

Glueck & Glueck (1950), analisando o ambiente doméstico de cinquenta “delinquentes” e não “delinquentes” provenientes de famílias de classe baixa, entrevistaram pais e parentes a fim de investigar o tipo de disciplina oferecida aos seus filhos. Descobriram que na família dos “delinquentes”, o pai e a mãe faziam uso de castigos e poucos elogios. Já na outra família, os pais foram descritos como pessoas firmes, bondosas e coerentes, dialogando muito mais com os filhos e utilizando com menos frequência o castigo físico. Ressaltam a importância das atitudes da família frente aos filhos e põe em relevo a quebra de suporte familiar. A indiferença e a

rejeição emocional dos pais, com a falha de supervisão adequada (disciplina) podem dar origem à conduta divergente e à delinquência.

Di Tullio (1963), juntamente com outros autores da área da criminologia, entre os quais, Sellin (,1938), Taft (1943), Clinard (1951), Glasser (1955) e Reckless & Dinitz (1967), afirmaram a necessidade de incluir na análise dos criminosos os fatores biológicos e psicológicos, condutores de uma análise situacional pouco explicativa a uma compreensão individual.

Mergarges & Hokanson (1976), remetendo aos estudos de Sears, McCord & Levic (1957) que, juntamente com Glucks (1950), representam alguns dos estudos mais expressivos dos determinantes da agressão na perspectiva ambientalista, assinalaram que o comportamento destinado a ferir ou maltratar alguém estaria ligado à conduta dos pais frente à agressão: expressão franca da agressão e o uso de disciplina fisicamente punitiva.

Em um estudo pioneiro, Bronfenbrenner (1958) apresenta uma revisão e a interpretação de alguns estudos das relações entre *status* socioeconômicos e relatos maternos sobre a prática da criação infantil. Em tal ocasião, foram comparados os seguintes aspectos:

- a) Atitudes das mães quanto à amamentação e às práticas de treino de “*toilette*”;
- b) Tolerância em relação à expressão de impulsos (comportamentos oral, acidentes de “*toilette*”, sexo e agressão);
- c) As expectativas de comportamento e a realização independentes.

Como conclusão de seus estudos, Bronfenbrenner (1958) aponta que os pais de classe baixa utilizavam frequentemente a punição como técnica disciplinar, e os de classe média empregavam a disciplina orientada com amor.

Minuchin *et al* (1967), em um estudo com famílias de baixa renda, constataram que três quartos das famílias com os quais entraram em contato não tinham pai ou figura estável de pai. O pai delegava à esposa a criação e a educação dos filhos, como se esta responsabilidade fosse exclusivamente desta última. Por outro lado, a mãe só era capaz de responder e interagir com as crianças quando estas eram submissas ou

quando solicitava a satisfação de necessidades básicas; seu papel se restringia ao de provedor apenas das necessidades de nutrição; tornava-se ansiosa quando chamada a orientar ou controlar o comportamento dos filhos, transmitindo-lhes ansiedade; tendia a se considerar como desprovida de poder, desamparada e sobrecarregada com as exigências das crianças; punia de maneira inconsistente e caprichosa e havia pouca possibilidade de exercer controle para aquisição dos padrões de comportamento socialmente sancionados. Em muitas situações, o subgrupo dos irmãos funcionava como referência de autoridade.

Mormente, Harray (1976) afirma a importância do contexto político mais amplo e sua influência na formação das famílias e no desenvolvimento dos indivíduos: nas famílias pobres, não existe um suporte do seu conjunto ecológico, e estas sofrem com esta situação.

Os primeiros trabalhos do Grupo do Palo Alto (Gregory Bateson, John Weakland, Don Jackson, Paul Watzlawick, entre outros) enfatizaram o estudo da comunicação no campo da análise das relações no cotidiano. Para o pensamento interacionista, toda mensagem conjuncional possui um nível de conteúdo e um nível relacional.

Watzlawick, Beavin & Jackson (1973), ao se referirem à linguagem, apontam dois tipos, a saber: a analógica (virtualmente tudo o que não seja comunicação verbal) e a digital (comunicação verbal, enfatizando na área da relação humana a comunicação analógica). Esse tipo de comunicação “encerra uma validade muito mais geral que o modo digital da comunicação verbal relativamente recente e muito mais abstrata.”(p.3).

Os primeiros trabalhos no campo da interação familiar (Ferreira, 1963; Haley, 1964) enfocavam os estudos comparativos entre família “normais” e “anormais”, onde algum membro apresentava um distúrbio de comportamento de ordem neurótica ou psicótica. Visava, via método comparativo, encontrar traços comuns, ou melhor, padrões que pudessem diferenciar os grupos de famílias.

Um dos estudos mais significativos foi desenvolvido por Winter, Ferreria & Olson (1965), que pesquisaram cento e vinte e seis tríades familiares (cinquenta tríades normais e setenta e seis tríades anormais, dentre as quais: dezesseis com crianças esquizofrênicas, dezesseis com crianças delinquentes e quarenta e quatro

com crianças desajustadas), constituídas por pai, mãe e criança. A tarefa consistia na apresentação de lâminas do Teste de Apercepção Temática (Murray, 1937) em séries de três, em um total de nove pranchas. O grupo familiar (tríade) era instruído para que trabalhassem conjuntamente e inventasse uma história na qual se esperava que houvesse um consenso do grupo. Tais histórias deveriam descrever o que os personagens estavam sentindo e fazendo, além de especificarem o que os levou àquela situação e como resolveriam tal questão. Eles foram avisados de que o pesquisador deixaria a sala por cinco minutos. No referido período, imaginariam uma história e escolheriam alguém do grupo para contá-la. Tinha-se ainda um minuto extra caso não conseguissem imaginar a história no tempo estipulado.

As séries de pranchas do TAT usadas foram: A) VII, V, X; B) XIIIIV, IV, IIIIVH; C)VINM, IIIM, XVIIIN.

O produto final das histórias deu-se pelo método de Arnold (1962): uma análise das histórias em sequência, obedecendo ao seguinte sistema de pesos:

a) + 1 ou + 2: o herói supera uma adversidade ao engajar-se numa ação racional com bons resultados nos relacionamentos interpessoais de cooperação entre os personagens;

b) - 1 ou - 2: é dado para temas indesejáveis do ponto de vista social ou pessoal, como por exemplo: o herói procura sucesso simplesmente para agradar os outros; as relações interpessoais sadias são fadadas ao desastre e ao insucesso em tais histórias.

O método de avaliação de histórias foi adaptado por Winter, Ferreira & Olson (1965), e o procedimento diferiu do método de Arnold (1962) nos seguintes aspectos:

a) as histórias eram produto final dos três membros da família, e não de apenas de um indivíduo;

b) as histórias foram apresentadas oralmente pelo sujeito e não escritas;

c) as histórias foram baseadas em nove cartões em grupo de três, e vez de dez cartões separados.

De acordo com a análise dos resultados, foi possível diferenciar as famílias “normais” das “anormais”, baseando-se na análise da sequência de histórias nas três

séries, embora o sistema de avaliação de Arnold (1962) não tenha sido efetivo para a diferenciação de grupos anormais.

Existem vários instrumentos para uma efetiva coleta de dados nas temáticas abordadas. As situações são estudadas através de questionário (Winter, Ferreira & Olson, 1965) ou técnicas de entrevistas, livres ou estruturadas, como sugere Watzlawick (1966), ou através de técnicas projetivas grupais, o Teste de Rorschach o Teste de Apercepção Temática, entre outros.

Berenstein (1976, p. 53) realçou o uso do TAT aplicado ao contexto familiar, evidenciando que a “família com frequência tem um funcionamento cujo significado não está no campo da consciência dos integrantes do grupo familiar, não obstante regular é dar sentido à relação entre eles.” Em tal perspectiva, o grupo familiar é um sistema com uma estrutura inconsciente.

Juri (1979) sublinha que a técnica projetiva grupal fornece a visão das relações interpessoais dos sujeitos, das relações que estabelece com o outro real, e não somente em nível de fantasia como no caso das técnicas projetivas individuais; embora os mesmos sujeitos possam projetar um objeto de seu mundo interno no outro, a interação também tem lugar, como um objeto real que tem suas próprias reações e influi sobre eles com suas atitudes. Trata-se de uma relação interpessoal que cada integrante percebe de acordo com seu mundo interno de relações objetais (fantasias), mas onde o objeto externo influencia, em maior ou menor medida, sobre o perceptor.

Entretanto, Juri (1979) ressalta que o uso de técnicas projetivas aplicadas a grupos, requer uma adequação da teoria projetiva a fim de assentar as bases a um desenho adequado e correta utilização de tal instrumento. Observa-se que, embora seja escasso o uso da técnica projetiva na avaliação dos sistemas interacionais, existe uma preocupação crescente de aprimorá-los no sentido de maior conhecimento e aprofundamento.

Estudos realizados com o TAT, o Teste de Rorschach e o Teste de relações Objetais (Haskell, 1961) revelaram que o TAT é mais efetivo para avaliar o índice de agressão manifesta e está relacionado diretamente com a expressão desta, se comparado aos outros dois testes. Outros estudos revelaram que o TAT é mais apropriado pra avaliar processos interpessoais, necessidades e inclinações comportamentais. Anzieu (1979) realça seu valor clínico, sublinhando que fatores

como o grau e liberdade e a ambiguidade do material, por exemplo, favorecem as respostas do(s) sujeito(s).

Jacquemin (1984) analisa criticamente o papel do estímulo em três modelos (Murray, 1935; Hartman, 1968; Shentoub, 1972). Com relação a Murray, tomando por base seu manual de 1950, “parece que a escolha dos estímulos foi totalmente empírica” (Jacquemin, 1984, p. 111). Tem-se uma crítica a forma como as pranchas foram escolhidas, declarando-se “perplexo frente a tanta imprecisão quanta à falta de critérios objetivos para a elaboração dos estímulos”, além de que muitas interpretações das pranchas são hipótese não verificáveis” (Jacquemin, 1984, p. 111).

Embora a crítica de Jacquemin (1984) tenha valor, muitos estudos foram realizados a fim de estabelecer normas para os vários aspectos das histórias, destacando-se os trabalhos de Eron (1950, 1953), Eron, Terry & Callaham (1950) e Rosenweig & Fleming (1949).

MÉTODO

Os dados analisados no presente estudo são provenientes da Dissertação de Mestrado desenvolvida no Centro de Internamento e Reeducação (CIR-Papuda) realizada em Brasília-DF. Consideraram-se dois grupos de famílias e seus filhos, num delineamento de grupo controle quase experimental (Cambell & Stanley, 1973).

O primeiro grupo partícipe foi constituído por presos condenados do sexo masculino e de suas famílias, isto é, pai e mãe. O segundo grupo constituiu-se de sujeitos do sexo masculino, sem história de prisão, e de seus familiares, isto é, pai e mãe.

Os participantes do grupo de presos foram selecionados junto a uma população existente no Centro de Internamento e Reeducação (CIR-Papuda), tomando por base o crime cometido e considerado mais violento pelo Código Penal e Legislação Complementar (Pierangelli, 1980), bem como a situação jurídica, os antecedentes penais, a sentença condenatória e a conduta carcerária. Selecionaram-se os presos que cometeram os seguintes crimes: homicídio, estupro e lesões corporais.

O outro grupo de participante foi selecionado em cidades satélites do Distrito Federal, sobretudo em Ceilandia, em virtude da procedência e localização do grupo de presos. Os dois grupos apresentaram as seguintes características demográficas:

Tabela 1: Dados demográficos dos participantes

Variável	Preso	Não preso
Nº. de famílias	04	04
Nº. de filhos	x= 5	x= 5
Nível sócio econômico	Baixo ^a	Baixo ^a
Sexo/filho	Masculino	Masculino
Idade/filhos	18 a 25 anos	18 a 25 anos
Residência	Cidade Satélite	Cidade Satélite
Escolaridade	Primeiro grau	Primeiro grau

a Salário baixo: um salário mínimo vigente (1986).

Procedimentos e instrumentos

A pesquisa teve seu início dentro do espaço penitenciário supracitado, com a entrada da pesquisadora mediada pelo Presidente do Conselho Penitenciário Nacional, Dr. Jason Soares de Albergaria, responsável por encaminhar uma Carta de Apresentação ao Diretor da Papuda. Dado o consentimento do Diretor, desenvolveu uma sensibilização do pessoal técnico administrativo da penitenciária e dos presos. Escolheram-se os presos-participantes da pesquisa tomando por base o tipo de crime cometido - através dos prontuários -, o processo do crime e uma entrevista semi-estruturada (Carneiro, 1981). Em seguida, fez-se o contato com os presos e explicaram-se os objetivos da pesquisa e o pedido de sua participação voluntária.

Fez-se um contato inicial com as famílias dos presos, explicaram-se os objetivos da pesquisa, obtendo-se o consentimento para a participação na mesma, e os sujeitos partícipes foram encaminhados pelo pesquisador à penitenciária para a sessão conjunta (pai, mãe e filho) de aplicação do TAT; segundo a indicação de Winter, Ferreira & Olson (1965). Em seguida, a pesquisadora dirigiu-se às cidades satélites de origem de tais indivíduos e, através de um Centro de Saúde local, fez-se o

recrutamento de famílias de não-presos. Explicaram-se os objetivos da pesquisa, obteve-se o consentimento para participação na mesma e procedeu-se a aplicação do TAT (Ferreira & Winter, 1965) para a sessão conjunta técnica (pai, mãe e filho).

Após a aplicação do TAT, procedeu-se a avaliação dos resultados da técnica conjunta por um psicólogo clínico com experiência em TAT, onde os protocolos foram dados às cegas. Quatro juízes-psicólogos com experiência no TAT avaliaram a correção realizada pela psicóloga clínica e os critérios utilizados pela mesma. Em seguida, fez-se a apuração dos critérios dos juízes e a eliminação de itens não considerados válidos por estes. A pesquisadora realizou a análise dos protocolos validados pelos juízes.

O TAT foi aplicado como uma técnica de sistema de histórias em sequência, conforme a versão desenvolvida por Winter, Ferreira e Olson (1965). Seguindo as orientações dos autores supracitados, a aplicação foi conjunta (pai, mãe e filho) e as lâminas foram apresentadas na seguinte sequência: Série A-VIINM,V,X; Série B-XIIIV,IV,IIV; Série C-VINM,IINM,XVIINM. Convidou-se à família a contar histórias, descrevendo o que sentiam, o que faziam, o que estava ocorrendo nas situações apresentadas e como estas seriam resolvidas. Deu-se um tempo de mais ou menos cinco minutos para decidirem sobre a história e, ao término do período estipulado, orientou-se que um deles deveria ser escolhido pelos outros membros do grupo para contar a história montada. Caso não decidissem no tempo dado, outro tempo será concedido. As histórias foram contadas oralmente e registradas pela pesquisadora, sendo o procedimento repetido em todas as séries (esperava-se que tivessem um consenso ou uma concordância sobre a história).

Para assegurar a objetividade da apuração dos dados, utilizaram-se algumas definições operacionais relativas às categorias a serem analisadas:

a) Interação: definida como a relação entre os membros da família se manifestando verbal e não verbalmente.

b) Interação hostil: relacionadas a temas de hostilidade física direta entre as pessoas ou a própria pessoa, com temas envolvendo ódio (pensamentos, sentimentos, sonhos, ou ameaça de atos de hostilidade física direta entre as pessoas) ou temas como punição, morte, atos hostis etc. (Hafner & Kaplan, 1960).

c) Interação hostil verbal: expressão em palavras de hostilidade que atinja a outra pessoa (descrições depreciativas, pensamentos hostis, emocionalidade negativa,

rejeições, doença, acidentes, injúria, destruição de objetos, trocas de natureza destrutivas) (Hafner & Kaplan, 1960).

d) Hostilidade física: ações diretas, movimentos efetivos em direção a outra pessoa ou objetos, atos objetivos de impedir a outra pessoa de executar uma ação, movimento.

e) Hostilidade manifesta: explicitação de sentimentos de raiva e/ou comportamentos hostis dirigidos por um membro da família e outros ou na projeção (Carneiro, 1981). Pode também apresentar temas envolvendo morte, permanente debilitamento, ferimento e atos hostis diretos entre as pessoas.

f) Hostilidade latente: refere-se àquele tipo de hostilidade que é indireta, insidiosa, velada e perturbada, podendo figurar através de símbolos (Hafner & Kaplan, 1960).

g) Hostilidade parcial: aquela apresentada no grupo familiar apenas por um elemento do grupo e não partilhada pelo restante do grupo.

h) Hostilidade total: definida como aquela hostilidade que é apresentada por todos.

i) Ausência de interação: quando não se estabelece nenhuma relação entre os membros.

j) Interação não hostil: definida como ausência de hostilidade e manifestação verbal e não verbal de sentimentos afetivos, apoio, alianças, complementariedade, motivações positivas entre os membros para expressar ligação de amor que um (alguns) sente(m) pelo(s) outro(s). Pode ocorrer no nível do próprio teste ou na projeção, no nível das relações, ou melhor, das transações na tarefa, podendo ser parcial ou total.

O teste foi aplicado, em um primeiro momento, com a família dos presos e constataram-se algumas dificuldades em seguir as orientações sugeridas pelos autores supracitados. Frente a tais dificuldades, modificaram-se alguns aspectos: tempo (dez minutos); instruções dos trabalhos conjunto e história final (a tarefa foi realizada conjuntamente pelos membros da família, mas anotaram-se todas as falas, pois se observou em uma primeira experimentação da técnica que não havia consenso – a pesquisadora permaneceu junto às famílias, não deixando a sala, conforme sugestão própria do teste em questão). A psicóloga da penitenciária participou como

observadora e colaborou no manejo do grupo e registro das interações. A série “A” investigava os seguintes aspectos: relações mãe-filho, maternidade, cuidado materno, punição, relacionamento sexual. A série “B” investigava os seguintes aspectos: temas de infância, relacionamento com as figuras parentais, conflitos de relacionamento conjugal, infidelidade, expressão da agressão, suicídio, enfrentamento das situações agressivas. Já a série “C”, tinha por investigação: relacionamento pai e filho, situações depressivas, fracasso, desespero e culpa, conflitos em relação a mãe, inferioridade frente às mulheres e dominação feminina.

RESULTADOS

A seguir, apresentar-se-ão os principais resultados obtidos na pesquisa, inseridos no volume II da Dissertação de Mestrado supracitada, e descritos em tabelas concernentes (4, 5 e 6).

Na tabela 4: tipo de interações e hostilidade e não hostilidade, na série “A”: nas famílias de não-presos, um total de 92 interações; 16,3% foram identificadas como interações do tipo hostil (hostilidade verbal latente parcial, 7,6%; hostilidade verbal manifesta, 7,6%); nas famílias de presos de 75 interações, 4% se revelaram hostis (física manifesta, 2,7%, e verbal latente, 1,3%). Com relação a não hostilidade, as famílias de não presos apresentara 50% de interações não hostis, sendo que as categorias responsáveis pela sua presença foram: relação parcial, 18,5%, e verbal latente, 22,8%; da mesma forma, as famílias de presos também apresentaram um percentual ligeiramente semelhante (60%) de não hostilidade, e as categorias responsáveis foram: relação parcial, 24%, e projeção parcial, 30,7%. Com relação à ausência de interação, observou-se que ambos os grupos nesta série evidenciaram o mesmo percentual de interações: 35%. Na série “B”, observou-se nas famílias de não presos um percentual de 25% de interações hostis, de um total de 104 falas, manifestadas pelas categorias: física manifesta parcial, 8,7%; verbal manifesta parcial, 6,7 %; verbal latente total, 4,85; e verbal latente parcial, 2,9%; na família dos presos, o percentual de hostilidade foi de 19%, mediante as seguintes categorias: física manifesta parcial, 9,5%; verbal manifesta parcial, 7,1%; e física manifesta total, 2,4%.

Com relação à interação não hostil, as famílias de não presos apresentaram um percentual de 42,3% nas seguintes categorias: relação parcial, 15,4%, e projeção total, 16,3%. Nas famílias de presos, este tipo de interação ficou em torno de 34,6%, e as categorias foram: relação parcial, 23,8%. Com relação à ausência de interação, os grupos diferenciaram na intensidade de interação. O grupo de famílias de não presos obteve um percentual de 32,75%, e o de presos, de 46,4%. Na série "C", a hostilidade da família de não preso ocorreu a um nível de percentual de 37 %, sendo que as categorias responsáveis foram: verbal manifesta parcial, 13,9%; física manifesta parcial, 9,8%; e verbal latente parcial, 6,5%. Nas famílias de presos, o percentual de hostilidade ocorreu em torno de 32%, e as categorias foram: relação parcial, 14,3%, e física manifesta parcial, 9,9%. Em relação à interação não hostil, as famílias de não presos foram responsáveis por 45,7% das interações, e as categorias foram: relação parcial, 19,5%, e projeção parcial, 18,5%. Nas famílias de presos, tal presença se deu na percentagem de 44%, e as categorias responsáveis foram: relação parcial, 24,2% ,e projeção parcial, 16,5%. O índice de ausência de interações nas duas famílias obteve uma leve variação. Nas famílias de não presos, foi de 17,4%, e de presos, esta ausência ocorreu no nível de 24,1%. No computo geral das três séries analisadas, as famílias de não presos apresentaram 26,1% de interações hostis, ao passo que as famílias de presos apresentaram 19,2% do mesmo tipo de interação.

Tabela 4: Tipo de interação nas séries A, B e C do T. A. T.

SÉRIE	CONDUTA	INTERAÇÃO HOSTIL									INTERAÇÃO NÃO HOSTIL							NÃO INTERAÇÃO	TOTAL DE FALAS	
		VLP	VLT	FLP	FLT	VMP	VMT	FMP	FMT	TOTAL	PPP	RP	PP	PT	RT	PRT	TOTAL			
A	Normal	<i>g</i>	7	0	1	0	7	0	0	0	15	2	17	21	3	2	1	46	31	92
			7,6	0	1,1	0	7,6	0	0	0	16,3	2,2	18,5	22,8	3,2	2,2	1,1	50,0	33,7	100,0
	Preso	<i>t</i>	1	0	0	0	0	0	2	0	3	0	18	23	0	4	0	45	27	75
			1,3	0	0	0	0	0	2,7	0	4,0	0	24,0	30,7	0	5,3	0	60,0	36,0	100,0
B	Normal	<i>g</i>	3	5	0	0	7	2	9	0	26	5	16	17	2	3	1	44	34	104
			2,9	4,8	0	0	6,7	1,9	8,7	0	25,0	4,8	15,4	16,3	1,9	2,9	1,0	42,3	32,7	100,0
	Preso	<i>t</i>	0	0	0	0	6	0	8	2	16	2	20	3	0	3	1	29	39	84
			0	0	0	0	7,1	0	9,5	2,4	19,0	2,4	23,8	3,6	0	3,6	1,2	34,6	46,4	100,0
C	Normal	<i>g</i>	6	0	1	0	12	4	9	2	34	2	18	17	2	3	0	42	16	92
			6,5	0	1,1	0	13,0	4,3	9,8	2,2	36,9	2,2	19,5	18,5	2,2	3,3	0	45,7	17,4	100,0
	Preso	<i>t</i>	2	0	0	0	13	2	9	3	29	0	22	15	1	2	0	40	22	91
			2,2	0	0	0	14,3	2,2	9,9	3,3	31,9	0	24,2	16,5	1,1	2,2	0	44,0	24,1	100,0
TOTAL	Normal	<i>g</i>	16	5	2	0	26	6	18	2	75	9	51	55	7	8	2	132	81	288
			5,6	1,7	0,7	0	9,0	2,1	6,3	0,7	26,1	3,1	17,7	19,1	2,4	2,8	0,7	45,8	28,1	100
	Preso	<i>t</i>	3	0	0	0	19	2	19	5	48	2	60	41	1	9	1	114	88	250
			1,2	0	0	0	7,6	0,8	7,6	2,0	19,2	0,8	24,0	16,4	0,4	3,6	0,4	45,6	35,2	100,0

Onde:

VLP - Verbal Latente Parcial

VLT - Verbal Latente Total

FLP - Física Latente Parcial

FLT - Física Latente Total

VMP - Verbal Manifesta Parcial

VMT - Verbal Manifesta Total

FMP - Física Manifesta Parcial

FMT - Física Manifesta Total

PRP - Projeção Relação Parcial

RP - Relação Parcial

PP - Projeção Parcial

PT - Projeção Total

RT - Relação Total

PRT - Projeção Relação Total

Em relação à tabela 5: diferença de resposta de interação entre famílias de presos e não presos por série do TAT, na série “A”, as famílias de não presos evidenciaram maior hostilidade do que as famílias dos presos. Ambas as famílias apresentaram ausência de interação situada praticamente no mesmo nível. Na série “B”, na comparação das duas famílias, não existem diferenças significativas ($p < 0,30$, $gl=1$) na quantidade de interações hostis de uma família para outra. Quanto à não hostilidade, ambas interagiram na mesma intensidade. A ausência de interação ocorreu em ambas as famílias, embora a família de presos tivesse apresentado um leve aumento com relação à série “A”. Na série “C”, a um nível de significância ($p < 0,70$), observou-se que as famílias não diferem significativamente entre elas em relação às interações hostis. Ambas apresentaram praticamente o mesmo percentual de interação não hostil e a ocorrência de interação foi mais ou menos similar. Conclui-se que existe uma diferença nas respostas entre as famílias de não presos e presos ($p < 0,10$) quanto à interação hostil das primeiras e segunda séries e que tais diferenças, ou seja, o maior número de interações hostis nas famílias não presos, se deu mais em função da série “A”, momento em que ocorreu maior hostilidade nas famílias supracitadas.

Tabela 5: Diferença entre respostas de interação entre famílias de presos e normais por série do T.A.T. (Teste X^2).

SÉRIE	FAMÍLIAS	<i>g'</i> (%)			DELINEAMENTO		
		INTERAÇÃO			3 x 2 gl = 2	2 x 2 gl = 1	
A	Normal	H	NH	A			
	Preso	15	46	31	92	$X^2 = 6,61$ $P < 0,05$	$X^2 = 6,55$ $P < 0,02$
		(16,30)	(50,00)	(33,70)			
		3	45	27	75	$gl = 2$	
		(4,00)	(60,00)	(36,00)			
		18	91	58	167		
B	Normal	H	NH	A			
	Preso	26	44	34	104	$X^2 = 3,72$ $P < 0,20$	$X^2 = 1,46$ $P < 0,30$
		(25,00)	(42,30)	(32,70)			
		16	29	39	84		
		(19,05)	(34,52)	(46,43)			
		42	73	73	188		
C	Normal	H	NH	A			

		34	42	16	92	$\chi^2 = 1,37$	$\chi^2 = 0,36$
		(36,95)	(45,65)	(17,40)		$P < 0,70$	$P < 0,70$
Preso		29	40	22	91		
		(31,87)	(43,96)	(24,17)			
		63	82	38	183		
TOTAL	Normal						
		75	132	81	288	$\chi^2 = 4,87$	$\chi^2 = 2,74$
		(26,04)	(45,83)	(28,13)		$P < 0,10$	$P < 0,10$
Preso		48	114	88	250		
		(19,20)	(45,60)	(35,20)			
		123	246	169	538		

Observou-se ainda que houve um crescimento das interações hostis à medida em que as situações (pranchas em série) eram apresentadas como consta na tabela 6.

Tabela 6: Variação das Interações Hostis através das séries por Tipo de Família.

	A	B	C		
N	15 (10,98)	26 (26,61)	34 (38,4)	75	$\chi^2 = 4,76$
P	3 (7,02)	16 (16,39)	29 (24,59)	48	$g_1 = 2$
					$p < 0,10$

DISCUSSÃO

A hostilidade detectada nos protocolos das famílias estudadas aparece de forma diferenciada. Percebe-se que tanto nas famílias de não presos como nas famílias de presos, tal hostilidade vai surgindo gradativamente e, particularmente nas famílias de não presos, aparece de forma velada através da expressão emocional, traduzindo uma agressividade encoberta. O referido fato foi percebido na lâmina IIIVH (lamina da agressividade), onde houve omissão da arma em todos os protocolos – os estados emocionais vinham expressos verbalmente: inicialmente, através da palavra “droga” ou “embriagues” e, finalmente, se exteriorizava na hostilidade manifesta. No que tange ao aspecto de expressão da hostilidade ou mesmo no controle das mesmas, é possível especular que certas necessidades antissociais, como por exemplo, a

agressão, podem aparecer no TAT de modo não aberto, porque existem proibições e conflitos internos que impedem a satisfação manifesta das referidas fantasias, impedindo, assim, sua expressão.

Entretanto, na família dos presos, um fato peculiar foi observado. Embora a presença de hostilidade tenha sido menos que a família dos não presos, a família de presos expressaram mais abertamente sua hostilidade, ou seja, de modo “físico manifesto” individualmente ou em grupo (físico manifesto total); emitiram verbalizações, tais como: “bater”, “matar”, “casal assaltando” e a “solução é a morte”.

Winter, Ferreira & Olson (1965) sustentam que as famílias “anormais” de seu estudo apresentaram motivações básicas anormais e as diferenças encontradas entre as famílias normais e anormais podem estar ligadas a modos adquiridos de reagir e adir destes últimos. É possível ainda especular que nas famílias estudadas, tais processos motivacionais e reatividade negativa foram encontrados com frequência.

Bandura & Walters (1963) observaram que a aprendizagem social é muito significativa, revelando que o modelo parental nessas famílias é hostil nas relações afetivas, principalmente a mãe. Retomando Spitz (1960), a “atitude afetiva” requerida e vivenciada pelas famílias estudadas não foi encontrada. Nos protocolos de ambas as famílias, observou-se que as interações mãe-filho eram marcadas por hostilidade, seja na forma latente ou manifesta, seja na relação ou na projeção ou pela incapacidade da mãe “nutrir” o filho. Na família de não presos, observou-se algumas expressões próprias, a saber: “falta aconchego familiar”, “criança abandonada”, “falta entrosar” e “não conseguiu alimento”. Na família dos presos, registrou-se as seguintes expressões: “tá desprezado”, “tá desconsolado”, “sem carinho de mãe”.

Vale ressaltar que, conforme as características das famílias estudadas – provenientes de meio desfavorecido – observa-se com grande frequência que a interação familiar se faz no nível do concreto: aqui e agora. O confronto diário da luta pela sobrevivência e a satisfação de necessidade básica e primária compromete as outras relações, evidenciadas pelas expressões: “manter os filhos”, “mora em lugar retirado”, “busca o sustento do filho” (família de não preso).

Bernstein (1962) caracterizou as classes baixas como portadora de um “código restrito”, onde existe um conteúdo concreto, descritivo e narrativo que enfatiza a imediaticidade da relação pela redução de planejamento verbal, pela transmissão de

regras ao invés de princípios, por usar expressões faciais como princípios indicadores de mudanças de significado, por sua tendência impessoalidade, pela ausência de adequação e um referente específico.

Segundo as pesquisas de Winter, Ferreira & Olson (1965), o exame do processo de interação familiar de uma família disfuncional se mede principalmente por padrões de conflito e dominância (Farina, 1969), formação de coalizões (Haley, 1962), padrões de rejeição (Ferreira, 1963), conteúdo da comunicação entre os membros e igualdade de participação (Haley, 1964).

Em ambas as famílias analisadas não foram perceptível igualdade alguma de participação. Ora esta se centrava na mãe, ora na mãe e, algumas vezes, no filho. Em alguns momentos, formavam-se coalizões, percebiam-se rejeições claras e a comunicação era comprometida por mensagens contraditórias e paradoxais. Na família dos presos (protocolo 2) percebeu-se claramente a dificuldade de delimitação de papéis pai-filho: o poder era exercido pela mãe de forma restritiva e coercitiva, dando, às vezes, a impressão de que ela é a mãe de todos, inclusive do pai.

Nos protocolos 4 e 6 da família dos presos, observou-se que o pai, além de ser manipulado pela mulher, tem um atitude negativa frente a ela (de abandono) e motivações destrutivas. O filho faz uma aliança com a mãe e há uma confusão de fronteiras. No protocolo 8 da família dos presos, observou-se que tais disfunções se repetem, evidenciando ainda, confusão nos papéis e hostilidade entre o marido e a mulher (casal que discute).

CONCLUSÃO

Constatou-se que o TAT mostrou-se eficaz na diferenciação das famílias de presos e não presos, nas dimensões hostilidade e não hostilidades. Mormente, ficam algumas indagações: como detectar a interferência da influencia de um membro sobre o outro neste tipo de tarefa? Quais seriam a influências nos resultados da aplicação da técnica dentro do contexto da penitenciária?

A área de pesquisa sobre a interação familiar e violência apresentou muitos aspectos a serem pesquisados e desenvolvidos, e estudos futuros poderão clarificar as dúvidas e questões levantadas.

O aumento da hostilidade em famílias de não presos despertou para um tema fundamental: a necessidade da prevenção da violência, realçando a importância de se fazer identificações precoces no funcionamento das famílias com vulnerabilidades.

Cabe ressaltar, entretanto, que as conclusões a respeito dos resultados não pretendem ser definitivas. Servem, contudo, para desenvolver novos estudos na área da violência em contextos de vulnerabilidades, e o uso do TAT em tais contextos, além de ampliar as investigações na área da interação familiar.

REFERÊNCIAS

- Albergaria, J. (1978, b1989). *Noções de Criminologia*. Belo Horizonte: Editora Lemi.
- Bandura, A & Walters, R. H. (1963). *Social learning and personality*. New York: Hall, Rinehart & Winston.
- Anzieu, D. (1979). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Berenstein, J. (1978). *Familia y enfermedad mental*. Buenos Aires; Paidós.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Bronfenbrenner, V. (1958). Socialization and social class through time and space. Em Maccoby, E. *Reading in social psychology*. New York.
- Campbell, D. T. & Stanley, J. C. (1963). *Experimental and quasi-experimental design for research*. Chicago: Rand-McNally and Co.
- Carneiro, T. F. (1981). *Entrevista familiar estruturada, sua consistência, validade e aplicabilidade em Psicologia Clínica*. Tese de Doutorado. PUC/SP.
- Eron, L & Ritter, A. M. (1952). The use of the Thematic Apperception test to differentiate normal from abnormal groups. *Journal of Abnormal and Social psychology*. 47, (2), p.147.
- Eron, L. (1950). A normative study of Thematic apperception Test. *Psychol. Monograf*, 64. Whole n. 315.

- Ferreira, A. J (1963). Decision-making in normal and pathogenic families. *Archive of General psychiatry*, 8, 84-9.
- Ferreira, A. J. & Winter, W. D. (1965). Family interaction and decision. *Archives of General Psychiatry*, 13, 24-223.
- Ferreira, A. J.; Winter, W. D. & Olson, J. L. (1966). Hostility themes in the family TAT. *Journal of Projective and Personality Assessment*, 30, 271-4.
- Ferreira, A. J. (1968). Information exchange and silence in normal and abnormal families. *Family Process*, 7 (2)b, 251-76.
- Glueck, S. & Glueck (1950). *Unaveling juveny delinquency*. New York: Harper Row.
- Haley, J. (1964). Research on family pattern. An instrument measurment. *Family Process*, 3 (10), 41-65.
- Hafner, J. A. & Kaplan, A. M. hostility content analusis of the Rorschach and TAT's. *Journal of Projective Techniques*, 24 (2).
- Harry, J. A. (1976). Under organization in the poor family. Em Guerin, P. J. *Family Therapy. Theory and practice*. New York: Garder Press, Inc.
- Haskell, J. (1961). Relationship between aggressive. *Journal of Projective Techniques*. 25, (4),15.
- Lebovici, S. & Sole, M. (1980). *O conhecimento da criança pela Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jacquemin, A. (1884). Papel do estímulo nas Técnicas Aperceptivas Temática - análise critica em função dos modelos teóricos diferentes. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 36 (2) 108-17.
- Jackson, D. D. (1965) The study of the family. *Family Process*, 4 (1), 1-20.
- Juri, L. (1979). *Test de La pareja em interacción*. Buenos Aires: E. Nueva Vision.
- Levy, M. R. (1970). Issues in the personality assesement of lower class patients. *Journal of Projective Techniques Personality Assesement*, 34 (1), p.15.
- Lidz, T. (1883). *A pessoa em desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Mergargee, M. L. (1971). *Metrica de la personalidad*. Mexico:Editroial Trillas.
- Mergarges & Hokanson (1976). *A dinâmica da agressão*. São Paulo: EDUSP.

- Minayo, M. C. S. (2003). A violência dramatiza causas. Em Minayo, M. C. S & Souza, E. R. *Violência sob o Olhar da saúde*. (Organizadoras) Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- O Alvará - Jornal dos Detentos do Centro de Internamento e Reducação-Papuda*. 1986. Publicação interna.
- Pinatel, J. (1970). *Tratado de Derecho Penal y Criminologia*. Ed.Caracas
- Peyreffite, A. (1977). *Reponse à violence. Rapport du Comité d'Études sur la Violence, la Criminalité et la Délinquance*. Paris: Presses Pocket.
- Spitz. R. (1960). *Desenvolvimento emocional do recém-nascido*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Tullio, B. D. (1963). *Princípios de Criminologia Clinica y Psiquiatria Forense*. Madrid: Aguilar, S/A.
- Watzlawick, P & Beavin. (1975). *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.
- Winter, D. W; Ferreira, J. A. & Olson, L. J. (1965). Story sequence Analysis of family TAT's. *Journal of Techniques Personality Assesment*, 24, 343- 98.

PARTE 6
MÉTODOS PROJETIVOS E DEMANDAS ATUAIS EM AVALIAÇÃO
PSICOLÓGICA: SAÚDE, JURÍDICO E PORTE DE ARMA

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA E EM CONCURSOS PÚBLICOS

Miriam Siminovich

Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo iniciar debates com a classe sobre as normas da Resolução CFP que regulamentam a Avaliação Psicológica em concursos públicos e processos seletivos de mesma natureza. É necessário, também, ao se falar desta resolução, que esteja atrelado ao conhecimento dos profissionais a Resolução CFP que institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrente de avaliação psicológica. Cabe salientar que o psicólogo atuante na área de concursos deve estar sempre atualizado e atento aos aspectos legais relativos ao seu fazer. Em razão do decreto Federal nº 7.308, de 22 de setembro de 2010, que alterou o Decreto nº 6.944, de 21 de agosto de 2009, assinado pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, estamos sujeitos a novas regras. Além do acesso do candidato aos motivos de sua reprovação em exame psicológico para o cargo ou emprego na administração pública estadual, o mesmo também terá direito de acesso ao conteúdo da fundamentação de incompatibilidade e à submissão a novo exame, desde que requerido pelo candidato. No tocante à realização de avaliações em concurso público, este decreto vem corroborar as Resoluções do CFP quanto à aplicação dos instrumentos, elaboração dos laudos e principalmente no que tange à qualidade dos serviços de psicologia nesta área. O trabalho do psicólogo em concursos públicos exige mais do que simplesmente o uso de instrumentos padronizados e reconhecidos pelo CFP. É necessário que, frente às exigências impostas pelos órgãos responsáveis, o mesmo esteja ciente da importância de sua qualificação profissional, como também saiba estabelecer critérios seletivos embasados em pesquisas destinadas para cada cargo que seleciona.

Nas avaliações da área de segurança, onde estão incluídas as instituições militares e civis, a polícia federal, a guarda municipal e as empresas de segurança, o psicólogo deve questionar a dimensão que este processo ocupa, principalmente quando está em pauta o porte de arma, atuando com responsabilidade e compromisso com a sociedade.

É fundamental cumprir com as resoluções do Conselho Federal de Psicologia e com os preceitos éticos do Código de Ética Profissional, baseando o seu trabalho com responsabilidade e considerando que sejam também preservados os direitos dos candidatos.

CONCURSOS PÚBLICOS

O Decreto 7.308 da Presidência da República, em seu art.14, Inc. 3º exige: *Os requisitos psicológicos para o desempenho no cargo deverão ser estabelecidos previamente por meio de estudo científico das atribuições e responsabilidades dos cargos, descrição detalhada das atividades e tarefas, identificação dos conhecimentos, habilidades e características pessoais necessárias para sua execução e identificação de características restritivas e impeditivas para o cargo.* Esse decreto não foge ao conhecimento dos psicólogos que trabalham na área de avaliação e de concursos públicos, cientes de que não é possível estabelecer critérios sem fundamentar e elaborar pesquisas científicas do perfil profissiográfico de cada cargo a ser avaliado. Após a aplicação dos instrumentos e técnicas em concursos públicos, as decisões tomadas quanto à aptidão ou inaptidão do candidato devem ser examinadas através da análise conjunta de todos os instrumentos conforme a Resolução de Elaboração de Documentos, decorrente das avaliações. Verificamos, nesse sentido, que muitas instituições não seguem, ainda, as resoluções em sua íntegra e, por este motivo, os candidatos inconformados buscam seus direitos na justiça. E a ausência de fundamentação constitui vício capaz de gerar a invalidade das avaliações nos concursos públicos. Atualmente, muitas decisões são a favor do candidato para que o mesmo possa ter uma nova oportunidade e realizar uma nova avaliação. O candidato ingressa na Academia de Polícia para realizar o curso, aguardando, ao mesmo tempo,

ser chamado para realizar esta avaliação, dessa situação, decorrendo uma espera prolongada.

O exame psicotécnico em concursos públicos é uma exigência legítima e prevista constitucional e legalmente, mas algumas decisões enunciam que o psicotécnico viola a Constituição quando a realização da avaliação verifica a adequação do candidato ao “perfil profissiográfico” considerado ideal pela Administração, sendo eliminado o candidato injustamente. Os juízes entendem que é suficiente para sua aprovação ter equilíbrio para o cargo, não podendo a Administração exigir, sem amparo legal, que o candidato se adapte ao perfil esperado.

Portanto os psicólogos que trabalham na área de concursos públicos devem rever os conceitos e procedimentos, dessa maneira, embasando os laudos em conjunto com técnicas projetivas, pois, sem as mesmas, não é possível concluir se o candidato apresenta ou não equilíbrio emocional.

Em nossa trajetória profissional, na Perícia Médica do Estado do Rio Grande do Sul (atual DEMEST), em concursos públicos estaduais, na área de segurança pública e atualmente em Empresa de Segurança Privada de Transporte de Valores Nacional, avaliações para o porte de arma, recursos administrativos e liminares, utilizamos, em conjunto com outros instrumentos, a Técnica de Zulliger, pois a mesma propicia uma melhor compreensão do candidato e de suas condições emocionais mais inconscientes. Também é importante que possamos detectar se o sujeito apresenta ou não psicopatologias incapacitantes para o porte de arma. Essa técnica possibilita uma maior compreensão do avaliado para a tomada de decisão quanto à indicação ou contra-indicação nessa área.

Em nossa experiência profissional, na área de segurança, com a aplicação do Z-Teste, observamos as seguintes características de personalidade que incapacitam o candidato: fantasia, ansiedade exacerbada, impulsividade, tendência à excitabilidade emocional, reação emocional intensa, depressão. Outras determinantes encontradas em protocolos, como angústia, conflitos intrapsíquicos e depressão situacional, devem ser investigadas com mais cuidado. É possível encontrar, nestes protocolos, candidatos, em difíceis situações financeiras e em condição de desemprego, prestando exames para concursos públicos e psicotécnicos para seleção.

A opção por técnicas projetivas no contexto de concursos públicos, principalmente na área de segurança, é fundamental, pois a mesma fornece ao psicólogo, a compreensão integrada do candidato, como também psicopatologias incapacitantes.

TÉCNICAS PROJETIVAS

Segundo Urbina (2007), as técnicas projetivas surgiram na década de 1920, como ferramentas para a avaliação da personalidade e da psicopatologia, pois os profissionais da área da saúde sentiram a necessidade de valer-se de instrumentos para avaliações nesta área. Portanto a técnica de Rorschach, juntamente com outros instrumentos pictóricos, como o Teste de Apercepção Temática, testes de complemento de sentenças e desenhos da figura humana, vieram fornecer um repertório novo de ferramentas mais incisivas para a investigação de aspectos da personalidade.

Hall, Lindzey e Capmbel (2000), em sua obra da Teoria da Personalidade, observam que a teoria psicanalítica tem um interesse por instrumentos que parecem mais sensíveis a motivos e a conflitos inconscientes. Os testes e questionários devem ser cuidadosamente avaliados. Por sua vez, as técnicas projetivas liberam a imaginação e a fantasia e, assim, proporcionam uma investigação mais aprofundada. E Vaz (1997) menciona, em sua obra O Rorschach - Teoria e Desempenho, que esta técnica avalia a personalidade em seus aspectos dinâmicos de forma abrangente e global, fornecendo subsídios para a avaliação do funcionamento das condições intelectuais, nível de ansiedade, depressão, condições afetivas e emocionais e traços de personalidade, aspectos, estes, importantes para um psicodiagnóstico. Por sua vez, Zulliger e Solomon (1970) consideram que a Técnica Zulliger, em sua aplicação, exige menos tempo do que outras técnicas e detecta as predisposições, caráter e estrutura psíquica do sujeito, dessa maneira, sendo ideal para avaliações de seleções.

A Técnica de Zulliger como o psicodiagnóstico de Rorschach, é uma técnica projetiva de personalidade que pode ser quantificada em seus aspectos funcionais e

dinâmicos da personalidade, proporcionando ao psicólogo maior segurança para os resultados das conclusões da avaliação psicológica (Vaz, 1998).

Outro aspecto importante nas técnicas projetivas é a capacidade de produção e desempenho da pessoa, pois se observa o rendimento mental do indivíduo no que tange à objetivação do pensamento diante de uma realidade, tarefa ou situação que ela tem de resolver, entretanto levando-se em conta seu estado afetivo-emocional e seu contexto cultural (Vaz & Veit, 2002).

As técnicas projetivas, como o Rorschach, TAT, Pfister, Zulliger e HTP, são utilizadas com a finalidade de fornecer características de personalidade do candidato, sua dinâmica interna, potencialidades e conflitos, desse modo, possibilitando ao psicólogo dar um parecer embasado cientificamente.

A Academia de Polícia Civil do Rio Grande do Sul coordenou e desenvolveu, de 1998 a 1999, um programa de Qualificação Humana para detectar os problemas relativos à saúde mental e social dos agentes policiais de todas as regiões que ingressaram em 1994 e que estavam apresentando problemáticas significativas. Participaram deste trabalho: psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e delegados de polícia. Equipes de trabalho viajaram pelo interior do estado promovendo trabalhos grupais, palestras relativas a técnicas policiais, então, aplicando questionários de cunho social, inventários e o Z. Teste - Forma Coletiva. Observou-se, através deste trabalho, um número significativo de policiais que apresentavam problemas de estresse e depressão, alguns até com risco de suicídio.

Siminovich, Vaz e Santos, em 1998, realizaram uma pesquisa que incluía 50 protocolos da testagem de ingresso, em 1994, destes policiais e 50 outros da retestagem do Z. Teste, em 1998. A conclusão desse trabalho foi de que a depressão não era uma característica original desse grupo de profissionais, sendo desenvolvida possivelmente em consequência de fatores circunstanciais, como ambiente de trabalho, problemas sociais e econômicos, além de outras variáveis.

O trabalho de Qualificação Humana e nossa trajetória em avaliações em concursos públicos, na área de segurança pública e privada, deram-nos a certeza de que somente com a aplicação de uma técnica projetiva podemos nos certificar dos fatores incapacitantes para essa área. A Técnica Projetiva de Zulliger, por nós utilizada durante toda a nossa vida profissional, levou-nos a realizar avaliações na área de

segurança, seleções na área de transporte de valores, avaliações de porte de arma, laudos para recursos administrativos nos fornecendo maior segurança para tomada de decisões, assim, dando credibilidade ao nosso trabalho.

ÉTICA PROFISSIONAL

A resolução CFP nº 010/05 do Código de Ética Profissional do Psicólogo surgiu da necessidade, assim como de outras práticas profissionais, para a autorreflexão exigida de cada indivíduo, com o objetivo de responsabilizar, pessoal e coletivamente, ações e consequências no exercício profissional. Portanto o psicólogo, como todo o profissional de outras áreas, deve seguir o seu código e assim respeitar os compromissos para com a sociedade, em sua íntegra.

Diz o código de ética, em seu art. 1º, que o psicólogo tem o dever de assumir responsabilidades profissionais por atividades para as quais esteja capacitado pessoal, teórica e tecnicamente. As falhas que ocorrem nas avaliações em concursos públicos são principalmente as relacionadas com os editais incompletos ou com excesso de informações, número elevado de candidatos, laudos que não respeitam a Resolução nº 007/2003, falta de isonomia, inadequação nas devoluções de testagem, falta de critérios seletivos quanto à decisão da inaptidão do candidato, descumprimento dessa forma às Resoluções do Conselho Federal de Psicologia.

Segundo Bicalho (2011), o psicólogo deve ter um posicionamento crítico sobre o seu fazer, em qualquer instituição que o convoque. A prática em avaliação psicológica realizada com ética promove os direitos humanos, seja em qualquer lugar em que se encontre, quer na empresa, na escola ou na prisão. E, ainda, segundo Bicalho, necessitamos demonstrar clareza de que nosso trabalho profissional é também político, mas nunca isento e tampouco neutro. Nossa intervenção, que envolve nossas práticas, tem sempre efeitos, dessa forma, exigindo tomadas de decisão.

A ética profissional está atrelada aos Direitos Humanos, os quais devem ser garantidos ao concursado. A tomada de decisão repercute na vida e no futuro do candidato.

A avaliação psicológica é prática exclusiva dos psicólogos. O profissional que pretende trabalhar nesta área deve manter um processo de permanente aprendizado, o que se conseguirá somente na prática do dia a dia.

De candidatos que realizaram avaliações psicológicas em concursos públicos, chegam-nos relatos os quais informam sobre situações de locais e ambientes sem estruturas, testes utilizados que ainda não estão aprovados pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos — Satepsi—, aplicações inadequadas e devoluções de testagem por parte de profissionais que não são da área de avaliação e despreparados. Portanto são inúmeras as situações que ferem o Código de Ética. Enfim, ser ético em avaliações de concursos públicos é respeitar o código de ética profissional, as resoluções do Conselho Federal de Psicologia, bem como os direitos humanos dos candidatos, com isso, visando à necessária credibilidade no exercício da nossa profissão e reconhecimento da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2011 foi eleito, pelo Sistema Conselhos como o ano Temático da Avaliação Psicológica, com o objetivo de discutir os diversos contextos de atuação da psicologia nessa área e com o intuito de promover reflexão sobre a mesma, como sendo um processo complexo, no qual está inserida a garantia dos direitos humanos e dos princípios éticos e técnicos da profissão. A avaliação psicológica vem sendo amplamente discutida e a classe dos psicólogos mobiliza-se para que os procedimentos, a ela inerentes, realizem-se de forma responsável, técnica e ética. O profissional da área tem à sua disposição um número significativo de procedimentos (testes e técnicas) que o auxiliam na coleta de dados e informações necessárias para conduzir o processo avaliativo (Borges, 2011).

Todo psicólogo que pretende atuar na área de avaliação psicológica e em concursos públicos deve manter-se atualizado e conhecer as resoluções, decretos e leis referentes à sua prática profissional para que realize seu trabalho com ética e profissionalismo. Na área da avaliação psicológica, em que o porte de arma se faz necessário, o psicólogo deve se conscientizar de sua responsabilidade e da importância

de uma avaliação realizada com conhecimento técnico, pois o profissional é quem decidirá, a partir deste procedimento, a indicação ou não para que o indivíduo possa portar arma de fogo (Madeira, Siminovich & Chardosim, 2011). Resende (1999) refere que o profissional deve ter uma formação adequada, estar habilitado, ser íntegro, idôneo e cientificamente embasado, para exercer com dignidade seu trabalho. Uma avaliação malfeita pode produzir danos irreparáveis.

Para que possamos realizar um adequado trabalho em concursos públicos, na área de segurança, mais do que seguirmos todo o processo técnico-científico que se encontra nas resoluções do CFP, devemos investigar os fatores individuais e situacionais do candidato obtendo, dessa forma, através de questionários e entrevistas, os dados de sua vida profissional e pessoal, assim, em conjunto com os instrumentos e técnicas aplicadas, tornando possível avaliar todos os aspectos importantes para a tomada de decisão quanto à sua indicação ou não.

A falta de critérios seletivos em concursos públicos e a não obediência às resoluções desqualificam o trabalho profissional e resultam no descrédito da categoria. É necessário, então, zelar pela qualidade dos serviços de psicologia prestados na área de avaliação psicológica para o reconhecimento dos órgãos competentes e da sociedade em geral. A mobilização da categoria, no ano de 2011, levou à conscientização da importância da qualificação profissional nessa área. Logo, dar continuidade aos debates na área de avaliação psicológica em concursos públicos é fundamental, dessa forma, vislumbrando maior uniformidade nos procedimentos avaliativos. Assim como trabalhar a reformulação da resolução CFP que regulamenta a Avaliação Psicológica em Concursos Públicos, com isso, objetivando o respeito aos direitos humanos e, conseqüentemente, o reconhecimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

- Bicalho, P.P.G. (2011). Ética e Direitos Humanos sob crivo da avaliação psicológica: validade e fidedignidade em questão. In. Conselho Federal de Psicologia (CFP), *Ano da Avaliação Psicológica: Temas geradores* (p.89). Brasília: CFP.

- Borges, V.R. (2011). Avaliação Psicológica: novos fazeres são possíveis. *Entre Linhas*, n. 55, p.4-5, abr./maio/jun.
- Brasil. Presidência da República do Brasil (Casa Civil). *Decreto nº 7.308*, de 22 de setembro de 2010. *Avaliações Psicológicas em Concurso Público*. Brasília: Presidência da República.
- Campbell, J., Hall, C. & Lindzey, G. (2000). *Teorias da personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2003). *Resolução CFP nº 007/2003*, de 14 de junho. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2005). *Resolução CFP nº 010/2005. Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia (2002). *Resolução nº 001/2002*. Brasília: CFP, 2002. Recuperado em 12 de dezembro de 2011 de: <http://www.pol.org.br/legislação>.
- Hall, C.S. & Lindzey, G. (1973/1999). *Teorias da personalidade* (10ª ed.) L. Bretones. (Trad.) São Paulo: EPU/EDUSP/Universidade de São Paulo.
- Madeira, C.A. Siminovich, M. & Chardosim, N. (2011). Avaliação Psicológica para o porte de arma de fogo. *Entre Linhas*, n. 55, p.12, abr./maio/jun.
- Resende, M.A. & Cavazza, B.I.S. (1999). A Avaliação Pericial. *Revista de Psicologia-Saúde Mental e Segurança Pública*, n. 01, p. 32.
- Siminovich, M. Vaz, C.E. & Santos, G.A. (1998). Técnica de Zulliger - Reteste e a Depressão em Profissionais da Área de Segurança Pública. In: *Pesquisas Básicas no Brasil* (p.21). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Vaz, C.E. (1997). *O Rorschach. Teoria e Desempenho*. São Paulo: Manole.
- Vaz, C.E. & Veit, C.A. (Org.) (2002). *Personalidade, cultura e técnicas Projetivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Vaz, C.E. (1998). *Z. Teste-Técnica de Zulliger: Forma Coletiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zulliger, H. & Salomon, F. (1970). *El Test Z. Versão Espanhola*. Buenos Aires: Kapelusz.

**AFETIVIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM PACIENTE COM DERMATITE ATÓPICA:
ESTUDO DE CASO**

Joyce Fernanda Ferraz Constantini

Universidade de Taubaté

Paulo Francisco de Castro

Universidade de Taubaté

Universidade Guarulhos

INTRODUÇÃO

A pele

A pele, é o maior órgão do corpo humano, correspondendo a 15% de seu peso corporal. É o órgão mais externo que reveste e delimita o organismo. Dotada de inúmeras funções, é caracterizada pela sua resistência e flexibilidade. Entre suas funções, encontra-se a impermeabilidade, que protege todo organismo de entrar em contato com o meio exterior, a regulação da temperatura corpórea que deve estar entre 36,5°C – 37,5°C, e além disso a pele funciona como um receptor sensorial, ou seja, a pele recebe estímulos através de receptores especializados para diferentes percepções (tato, frio, calor, dor...) funcionando como um órgão sensorial e emocional. Portanto a função maior e mais vital da pele é a conservação da homeostase do corpo humano (Azulay & Azulay,1997).

Os autores ainda colocam, que a pele pode manifestar aspectos culturais, raciais, sexuais dos seres humanos, como é o caso da cor da pele, das tatuagens, das manifestações de afetos e sentimentos, como o toque e outros. Portanto a pele, é mais do que um órgão biológico do corpo humano, ela é um órgão também simbólico que pode carregar consigo aspectos da personalidade do ser humano.

Fontes Neto et al. (2005) apontam a estreita relação entre pele e emoções, ou seja, a pele expressa emoções, como é caso de tomar um susto e ficar pálido, envergonhar-se e ficar vermelho, estar diante de uma situação estressante e suar excessivamente, ficar arrepiado quando fica com medo, entre outras.

A partir disso, cresce a necessidade de estudar os mecanismos emocionais que estão relacionados às doenças de pele, sendo necessário olhar o indivíduo doente como um todo, um ser global, biopsicossocial e não somente à pele enferma. Compreender que a doença não pode ser olhada focalmente, mas sim, de uma maneira abrangente, acreditando na complexidade e na multifatorialidade que compreende o processo de adoecer. Assim como afirmam Azulay e Azulay (1997, p.417) “qualquer que seja a doença, é preciso haver uma visão bidirecional entre corpo e psique”. Para isto, o profissional tem que abandonar o modelo biomédico, que acredita na causa biológica da doença, e assumir o modelo biopsicossocial de compreender o indivíduo enfermo.

Dermatite Atópica

A dermatite atópica (DA) ou eczema atópico, como também é chamada, é uma doença inflamatória da pele, não contagiosa, crônica evoluindo por crises, que acomete pacientes que sofrem de atopia, que é a tendência hereditária a possuir alergias, como asma, rinite alérgica, febre de feno e outros (Arndt,1987). Segundo Azulay e Azulay (1997), 70% dos pacientes com DA, possui familiares atópicos, e são por sua vez atópicos.

Para Bertolus (2004), a dermatite atópica é caracterizada por ser uma doença do sistema imunológico, em que há um equilíbrio inadequado na regulação deste sistema, ou seja, as células que reagem e inibem os possíveis agressores do corpo humano, ficam perturbadas, e então reagem instantaneamente aos estímulos externos, produzindo exageradamente anticorpos e citocinas, que formam lesões inflamatórias da pele.

Essa resposta imunológica do corpo humano dá-se a fatores do ambiente que normalmente são inofensivos aos seres humanos. A causa ainda é desconhecida, porém acredita-se que é uma doença, que resulta da interação entre o sistema imunológico, meio ambiente, fatores hereditários e emocionais (Bertolus, 2004).

Para Coghi (2005), 70% dos casos de Dermatite atópica têm seu início ou é desencadeado por um evento estressor. O estresse que acomete o portador é um importante indicador da gravidade da DA.

Na primeira infância (até os dois anos), as lesões aparecem mais frequentemente no couro cabeludo, pescoço, face, punhos, tórax e áreas de fraldas.

Na segunda infância (até os 10 anos), é provável que a dermatite atópica entre em remissão, ou que as lesões tornem-se menos agudas, aparecendo mais comumente no pescoço, cotovelo, punho e joelhos, isto é, nas pregas flexoras. Com a chegada da adolescência, as lesões podem tornar mais escamativas e agudas, localizam-se nas pregas flexoras. Esta doença tende a entrar em remissão, após os 30 anos.

Aspectos Psicológicos da Dermatite Atópica

De acordo com Arndt (1987), a dermatite atópica, influencia diretamente o bem-estar físico e mental do paciente, podendo prejudicar o desenvolvimento emocional, pois está presente nos momentos mais críticos na vida do ser humano.

Na infância, prejudica o relacionamento mãe-bebê, e na adolescência - fase adulta pode prejudicar relações humanas devido ao aspecto que as lesões deixam na pele, causando no indivíduo certo constrangimento. Além, disso o uso excessivo de corticoides, pode provocar efeitos colaterais tais como retenção de líquido, aparecimento de estrias, comprometimento dos rins e outros, que podem agravar a saúde, a imagem corporal e a autoestima do paciente (Arndt, 1987).

De acordo com Azulay e Azulay (1997), há uma intrínseca relação entre pele e sistema nervoso, pelo fato de que pele e sistema nervoso originam-se do mesmo folheto embrionário, o ectoderma, sendo assim é possível verificar uma intrínseca relação entre pele e cérebro.

Ferreira, Muller e Jorge (2006), apontam mais especificamente no caso da dermatite, a relação entre sistema imunológico e sistema nervoso central. Sendo necessário levar em consideração os fatores psicológicos tanto na causalidade quanto no tratamento da dermatite atópica. Não se sabe ainda, quais mecanismos psíquicos interferem nesta dermatose, nem se existe algum tipo de relação entre traços de personalidade e o desenvolvimento da dermatite, o que se sabe é que os fatores psicológicos e imunológicos são determinantes na compreensão da dermatite atópica.

Segundo Taborda, Weber e Freitas (2005), os transtornos psicocutâneos, ou seja, as dermatoses que são diretamente influenciadas por estresse, distúrbios emocionais e transtornos psiquiátricos, podem ser divididos em quatro grupos:

O primeiro grupo consiste nas doenças dermatológicas, com seqüela psiquiátrica secundária, ou seja, aquelas que reduzem a autoestima, podendo levar o paciente a quadros de isolamento e depressão; as manifestações mais comuns são: albinismo, alopecia areata e vitiligo.

No segundo grupo, estão as dermatoses influenciadas pelo estado emocional, ou seja, as condições psicológicas podem ser predominantes para o aparecimento das lesões dermatológicas, e exacerbação durante sua evolução; dentre as manifestações estão a acne, a dermatite atópica, o eczema, a psoríase e a urticária.

O terceiro grupo consiste em transtornos psiquiátricos primários com seqüelas dermatológicas secundárias, as lesões da pele podem ser auto-inflingidas e se constituir em sinal de distúrbio mental; são transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno somatoformes e transtorno delirante, tipo somático (parasitose).

O quarto grupo engloba condições ou lesões dermatológicas como resultado do uso de drogas psicotrópicas, como lítio, anticonvulsivantes, antipsicóticos, antidepressivos e ansiolíticos.

A partir disso, segundo o autor pode-se perceber que a Dermatite Atópica encontra-se no segundo grupo, cujos transtornos são altamente influenciados pelo estado emocional. Reforçando esta classificação, Azulay e Azulay (1997), também propõem uma classificação dos transtornos psicocutâneos, em que a dermatite atópica, encontra-se no terceiro grupo, designado à condições dermatológicas afetadas pelo desequilíbrio emocional.

Pesquisas sobre o Tema

Dentre as pesquisas encontradas, foram selecionadas três pesquisas, pois mostraram maior relação com o tema estudado, além de terem sido realizadas nos últimos dez anos.

A primeira pesquisa, foi realizada por Fontes Neto et al. (2005), cujo objetivo foi avaliar a presença de sintomas emocionais e comportamentais em um grupo de

crianças atendidas no serviço dermatológico do hospital das clínicas de Porto Alegre (RS), o HCPA, e assim poder investigar a existência de um possível perfil comportamental de crianças com dermatite atópica (DA). O título da pesquisa é: “Avaliação dos sintomas emocionais e comportamentais em crianças portadoras de dermatite atópica.”

Foi utilizado o inventário CBCL (*Child Behavior Checklist*), considerado um instrumento adequado para a avaliação de sintomas emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes com idades ente 4 e 18 anos. É eficiente em pesquisas na área da saúde mental, com capacidade de discriminar indivíduos psicopatológicos de indivíduos mentalmente saudáveis. Após a aplicação do inventário e a sua devida correção e análise, os principais resultados encontrados na pesquisa foram que as crianças portadoras de DA:

- Possuem características em comum com as crianças sem a doença;
- Possuem algumas dificuldades em participar de atividades sociais, mas com o desejo de fazê-las;
- São dependentes, sensíveis e com muita necessidade de chamar a atenção;
- São crianças ansiosas, que não gostam de ficar sozinhas, choram muito e acham que devem ser perfeitas para agradar aos outros;
- Tem dificuldade de verbalizar seus pensamentos, expressando-se por comportamentos tensos, agressivos e teimosos;
- São crianças com o perfil de baixa autoestima, inseguras e apresentam mudanças repentinas de humor;

A segunda pesquisa foi realizada por Ferreira, Müller e Jorge (2006), com o título de: ‘Dinâmica das Relações em Famílias com um Membro Portador de Dermatite Atópica: Um Estudo Qualitativo’. O principal objetivo desta pesquisa foi investigar qualitativamente as vivências de três famílias com um membro (filho), portador de DA e os elementos que envolvem a dinâmica familiar. Para isto, foram realizadas entrevistas semiestruturada, com todos os integrantes de cada família. As famílias foram buscadas no serviço público de saúde em Porto Alegre – RS, onde há um grupo de apoio à pacientes portadores de DA. Os membros portadores de DA, eram os filhos, sendo dois meninos (6 anos) e uma menina (9 anos). Após realização das entrevistas e a análise, os principais resultados obtidos foram:

- As famílias tiveram grande sofrimento até descobrirem a verdadeira enfermidade de seus filhos, peregrinaram por inúmeros especialistas até descobrirem a verdadeira doença das crianças;

- Após o surgimento dos sintomas, a vida familiar passou a girar em torno da dermatite atópica;

- Os sintomas obrigaram as famílias a reorganizarem suas rotinas, hábitos, ambiente e outros;

- O sistema familiar foi afetado pela dermatite atópica, assim como os sintomas da dermatite atópica são influenciados pelo sistema familiar;

- Brigas e punições presentes na família, estavam relacionadas com o desencadeamento da crise;

- Muitas vezes as crianças utilizam de seus sintomas para manipular certos comportamentos familiares;

- As mães relataram ter um sentimento de culpa e de incompetência diante da doença do filho;

- Os conflitos familiares parecem ficar ocultos, durante a manifestação de uma crise.

A terceira pesquisa encontrada foi uma Dissertação de Mestrado, realizada por Coghi (2005), com o título: "Avaliação da Qualidade de Vida dos Pacientes Adultos com Dermatite Atópica." Foram avaliados 75 pacientes adultos portadores de DA, utilizando um questionário geral (SF-36) e específico (DLQI) de qualidade de vida, além de anamnese e exames clínicos e dermatológicos. O principal objetivo desta pesquisa foi avaliar o impacto da dermatite atópica na qualidade de vida em pacientes adultos, correlacionando as características clínicas e demográficas, medidas subjetivas e objetivas, adaptando instrumentos estrangeiros para a população estudada.

Os resultados apresentados são inúmeros, pois se trata de uma pesquisa de Mestrado, mas os mais relevantes foram:

- o aspecto emocional é o domínio mais comprometido nestes pacientes havendo predomínio do sexo feminino;

- os estudos de todos os índices de qualidade de vida relataram que os pacientes possuem problemas de baixa autoestima, dificuldade de relacionamento em geral, sentimentos de vergonha e ansiedade;

- pacientes com DA grave, ou seja, com o prurido severo tem pior qualidade de vida;
- pacientes portadores de DA, possuem maior facilidade de apresentar distúrbios de sono;
- o impacto da doença na vida social do indivíduo foi maior com o aumento da idade.

Além desses resultados, houveram resultados relacionados à características sócio demográficas dos pacientes estudados que atenderam aos objetivos propostos pela autora.

A autora ressalta que a doença é apenas um dos aspectos que podem influenciar a qualidade de vida, ou seja, as características pessoais e emocionais podem ser determinantes na qualidade de vida de pacientes com ou sem dermatite atópica. A autora ainda coloca a dificuldade de encontrar estudos relacionados à pacientes adultos portadores de DA no Brasil.

A autora finaliza apontando que os questionários de qualidade de vida representam importantes ferramentas para analisar a eficácia terapêutica de cada enfermidade, e que seria adequado e interessante que os testes psicológicos complementassem a avaliação dos portadores de DA, uma vez que os fatores emocionais podem vir a modificar a análise de qualidade de vida destes indivíduos.

OBJETIVO

Apresentar os dados referentes à afetividade e relações interpessoais identificados em um estudo de caso de adulto com dermatite atópica, avaliado pelo Método de Rorschach, segundo o sistema compreensivo.

ESTUDO DE CASO

A aplicação foi realizada em um sujeito do sexo masculino, com 20 anos de idade, ensino médio completo, atua como motorista, sofre de dermatite atópica grave

há aproximadamente dez anos, esta se manifestou segundo a família sem causa aparente. Faz tratamento médico para minimização dos sintomas, mas não se submete à psicoterapia.

A aplicação seguiu os procedimentos técnicos do sistema compreensivo (Exner, 1995/1999; Exner & Sendín, 1998/1999).

RESULTADOS

Após codificação das respostas e cotação do sumário estrutural, foram selecionados os dados dos agrupamentos de Traços Afetivos e Relações Interpessoais, os dados interpretativos foram pautados em Exner (1995/1999) e Exner e Sendín (1998/1999), os valores obtidos foram comparados com os dados normativos expostos por Nascimento (2010). Optou-se pelo estudo dos dois agrupamentos indicados pois a literatura sobre o tema traz questões relacionadas aos elementos afetivos e relacionais em pacientes com dermatite atópica.

Traços Afetivos

O agrupamento referente aos dados afetivos compreende os índices que avaliam aspectos ligados às emoções e sentimentos expressos pelo paciente.

Quadro 1.: Comparação dos dados do agrupamento de afeto

Índice	Valor obtido	Normas
FC: CF + C	3 : 2	Predomínio FC
C puro	0	Média 0,31 – DP 0,69
SumC' : WSumC	0 : 3,5	Predomínio WSumC
Afr	0,57	Média 0,55 – DP 0,23
S	1	Média 1,76 – DP 1,65
Blends / R	0,1	Média 0,15 – DP 0,12
CP	0	Média 0,03 – DP 0,16

DP = Desvio padrão

É possível observar pelos dados do Quadro 1, que os dados relacionados às variáveis do agrupamento de Traços Afetivos estão compatíveis com o que se espera para a população brasileira.

A proporção FC : CF + C (3 : 2) indica predomínio de respostas de forma-cor, o que revela capacidade de articulação e controle dos afetos de forma produtiva, dado também observado na ausência de respostas de cor pura (C = 0).

O predomínio de respostas de cor cromática indica que suas vivências afetivas são de ordem positiva e de aproximação, não revela vivência de sentimentos disfóricos ou de cunho depressivo.

O índice Afr revela a reatividade afetiva, e observa-se que o paciente possui indicadores compatíveis com a população brasileira (Afr = 0,57), indicando capacidade em reagir de forma adequada às solicitações afetivas do ambiente.

As respostas em espaço em branco também se mostram dentro do esperado (S = 1), significando capacidade em utilizar recursos de oposição com vistas à adaptação de forma mais adequada.

A relação entre determinantes mistos e as respostas emitidas revela que o paciente possui capacidade de articulação dos estímulos como a maior parte da população (Blends/R = 0,10). Entretanto, a presença de um determinante misto de cor e sombreado (CF.TF) indica a vivência de certo sofrimento vivenciado na esfera emocional, este aspecto sugere mais observações.

A não incidência da projeção de cor – CP é observada na maior parte da população normativa, como os valores observados no paciente (CP = 0).

Relações Interpessoais

Este agrupamento é composto por variáveis que avaliam a maneira como as relações interpessoais são constituídas e moduladas.

Quadro 2.: Comparação dos dados do agrupamento de relações interpessoais

Índice	Valor obtido	Normas
a : p	2 : 4	Predomínio a
COP	0	Média 0,68 – DP 0,91
AG	0	Média 0,29 – DP 0,63
Fd	1	Média 0,30 – DP 0,59
Isolamento	0,13	Média 0,22 – DP 0,16
H : (H) + Hd + (Hd)	2 : 2	Predomínio H
(H) + (Hd) : (A) + (Ad)	0 : 3	-
H + A : Hd + Ad	18 : 4	Predomínio H+A

DP = Desvio padrão

Os valores expressos no Quadro 2, indicam que a maior parte das variáveis do agrupamento estão compatíveis com o que é esperado para a população brasileira, entretanto alguns aspectos podem ser observados.

Na proporção entre os dois tipos de movimentos: ativos - a e passivos - p, verifica a ação de responsabilidade diante das relações humanas. O predomínio de p revela que o paciente evita a tomada de decisões importantes no tocante ao aspecto relacional, tendendo a deixar tais decisões nas mãos de outras pessoas que façam parte seu convívio mais próximo.

A avaliação da incidência do movimento cooperativo (COP = 0) e do movimento agressivo (AG = 0) inexistente no protocolo, como no caso do paciente ora avaliado, corresponde aos valores observados na população brasileira. Em índices elevados essas duas variáveis tomam interpretações específicas.

As respostas de conteúdo alimento também são pouco incidentes na população brasileira, no caso da avaliação do paciente corresponde ao que se espera ($F_d = 1$), em valores altos tal variável assume significado interpretativo

O índice de isolamento é a combinação de diferentes categorias de conteúdo que verificam o interesse no contato e nas relações humanas. No caso do paciente avaliado (Isol = 0,13), o índice mostra-se compatível com o que se espera na população brasileira, o que revela que este possui interesse nos contatos e relações humanas de acordo com o que se espera.

O estudo das relações das categorias de conteúdo humano e animal revela os elementos relacionados ao interesse e prioridade do indivíduo diante da relações humanas, a visão integral [Conteúdo H] e a parcial [Conteúdos (H) + Hd + (Hd)] indicam a maneira que esse interesse se processa. No caso do paciente avaliado, observa-se valores iguais na proporção $[H : (H) + Hd + (Hd) = 2 : 2]$, indicando que este possui certo interesse e busca no contato humano, entretanto tende a ser de forma mais particularizada. Assim, observa-se que este indivíduo tem interesse no contato humano, mas este pode ser mais difícil a ele pelo fato desta maneira peculiar de se relacionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar, neste estudo de caso, que o paciente com dermatite atópica que participou da avaliação indicou certa alteração na maturidade e articulação afetiva, bem como da disposição para contatos humanos. Apesar de ser observada uma estrutura afetiva compatível com o esperado, dados revelam certa constituição imatura. Nas relações humanas, o que se observa é um interesse em contato humano que é vivenciado com certa dificuldade na articulação das relações, criando certo impasse quanto a esse aspecto.

Os dados ora apresentados são referentes ao estudo de um caso específico e não podem ser generalizados sem pesquisas sobre o tema. Pela importância do tema, pesquisas devem ser ampliadas para possibilitar compreensão mais consistente.

REFERÊNCIAS

- Arndt, K. A. (1987). *Terapêutica em dermatologia*. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Atheneu.
- Azulay, R. D. & Azulay, D. R. (1997). *Dermatologia*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Bertolus, S. (2004). Psicossomática e dermatologia: da teoria à prática. In: SAMI-ALI. (Col.). *Manual de terapias psicossomáticas*. (pp. 27-45). Porto Alegre: Artmed.
- Coghi, S. L. (2005). *Avaliação da qualidade de vida de pacientes adultos com dermatite atópica*. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de Dermatologia, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Exner, J.E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. (L.Y. Massuh, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1998).
- Exner, J.E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. (A. C. P. Silva Neto, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1995).

- Ferreira, V.R.T.; Müller, M. C. & Jorge, H.Z. (2006). Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 11 (3), 617-625.
- Fontes Neto, P. T. L. et al. (2005). Avaliação dos Sintomas Emocionais E Comportamentais Em Crianças Portadoras De Dermatite Atópica. *Revista Psiquiatrica RS*, 27 (3), 279- 291.
- Nascimento, R.S.G.F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: Teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Taborda, M.L.V.V.; Weber, M. B. & Freitas, E. S. (2005). Avaliação da prevalência de sofrimento psíquico em pacientes com dermatoses do espectro dos transtornos psicocutâneos. (Investigação clínica, epidemiológica, laboratorial e terapêutica). *Anais Brasileiros de Dermatologia*, 80 (4), 351-354.

ANÁLISE DOS RECURSOS COGNITIVOS DE ENFRENTAMENTO OBSERVADOS EM PACIENTES COM ESCLEROSE MÚLTIPLA

Edson Gomes da Silva

UnG

Paulo Francisco de Castro

UnG e Universidade de Taubaté

INTRODUÇÃO

Esclerose Múltipla

Conforme descrição na Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde a Esclerose Múltipla - EM é uma patologia SOE (sem outras especificações), que se apresenta de forma disseminada, generalizada, atingindo principalmente a Medula espinhal e Tronco Cerebral. Classificada como uma das Doenças do sistema nervoso sob o código G35 (O.M.S., 1995).

Esclerose múltipla é uma doença desmielinizante inflamatória autoimune do sistema nervoso e pode se apresentar de forma crônica e progressiva que afeta a bainha de mielina (Compston, 2002).

Conforme apresenta Fernandes (2005), a bainha de mielina assemelha-se à forma de um isolamento de um fio elétrico, que permite que impulsos elétricos sejam conduzidos ao longo da fibra nervosa com velocidade e precisão.

Quando há uma lesão na mielina os nervos não conseguem conduzir os impulsos nervosos de modo adequado. O desenvolvimento anormal pode acarretar defeitos neurológicos permanentes e, frequentemente, extensos como, por exemplo, acidente vascular cerebral, doenças autoimunes e os distúrbios metabólicos. O processo de destruição da bainha de mielina no adulto é denominado desmielinização, em situações onde este processo é extenso, o nervo geralmente morre, acarretando em uma lesão irreversível. A desmielinização do sistema nervoso central ocorre em vários distúrbios de etiologia desconhecida (Fernandes, 2005).

Conforme aponta o Projeto Diretrizes da Associação Médica Brasileira – AMB, Conselho Federal de Medicina - CFM e Academia Brasileira de Neurologia - ABN (2005), para que um paciente receba o diagnóstico de Esclerose Múltipla as seguintes situações são requeridas, cumulativamente, como critérios de inclusão:

- Portador de Esclerose Múltipla definida clínica ou laboratorialmente pelos critérios de Poser e colaboradores;
- Idade entre 18 e 50 anos, no início do tratamento;
- Portadores de esclerose múltipla – forma definida clinicamente como “surto-remissão” ou progressiva secundária;
- Doença caracterizada como ativa: pela história clínica e ou por neuro-imagem com ressonância magnética;
- Ter apresentado pelo menos 2 surtos da doença antes do início do tratamento;
- Apresentar pontuação na escala EDSS (escala de incapacidade para esclerose múltipla) igual ou inferior a 6,5. Ter capacidade de deambular com ou sem ajuda;
- Paciente ou familiar capaz de assegurar que a adesão ao tratamento será mantida e que a monitorização dos efeitos adversos será adequadamente identificada tanto pela família como pelo médico neurologista que prescreveu o imunomodulador;
- Paciente foi avaliado por neurologista em Centro Especializado em Esclerose Múltipla, credenciado pelo Comitê Brasileiro de Tratamento e Pesquisa em Esclerose Múltipla (BCTRIMS) e pelo gestor estadual;
- Foram excluídas outras doenças que clinicamente possam se assemelhar a Esclerose
- Múltipla, utilizando também o auxílio dos exames: ressonância magnética do neuro eixo e do líquido cefalorraquiano (ABM, CFM & ABN, 2005).

Possíveis causas estudadas

No século XIX o francês Jean-Martin Charcot foi, sem dúvida, um dos mais importantes personalidades na história da Esclerose Múltipla. Com seus achados

representou uma enorme abertura para a compreensão clínica da doença estabelecendo ligações definitivas entre, a até então, misteriosa sintomatologia. Atualmente denominada Esclerose Múltipla, e as alterações patológicas observadas nas amostras *post-mortem* (Moreira, 2004).

O desenvolvimento dos critérios de diagnóstico, os quais incluíram a hoje famosa tríade de Charcot, diplopia (visão dupla), ataxia (distúrbios do equilíbrio ou da coordenação) e disartria (dificuldades de fala ou fala pastosa), foram baseados nos estudos que o mesmo observou em sua própria governanta. Charcot em sua primeira avaliação histológica completa das lesões da Esclerose Múltipla, descreveu muitos aspectos importantes, como por exemplo, a perda da mielina e a proliferação das fibras e núcleos da glia (Moreira, 2004).

Atualmente ainda não foi determinada uma etiologia para EM, embora muitos teóricos versem seus estudos para confirmar a causa como de origem autoimune. É importante entender as possíveis causas da EM para que posteriormente entendam-se suas características (Fernandes, 2005).

Conforme apresentado por Berkow et al. (1999) uma das causas, estudadas, são as infecções virais do sistema nervoso central que são causadas por uma grande variedade de vírus afetando principalmente o cérebro e a medula espinhal, além das membranas que os envolvem, chamadas de meninges.

Outra possibilidade seria a anormalidade genética de um ou mais genes. As características herdadas são codificadas pelos genes, no caso de doenças hereditárias podem ser o resultado do desenvolvimento anormal de um gene, normalmente os genes são fatores que diferenciam as pessoas umas das outras e não são considerados anormais (Berkow et al., 1999).

A possibilidade mais estudada atualmente refere-se a autoimunidade que pode acarretar em uma doença autoimune, segundo Rubin (2006), a autoimunidade é uma resposta imune produzida contra auto antígenos, ou seja, há uma perda de capacidade por parte do sistema imunológico de conseguir diferenciar entre antígenos próprios e não próprios. Este autor afirma que as respostas autoimunes são atualmente consideradas ações comuns e necessárias para que o organismo consiga regular o sistema imunológico (Rubin, 2006).

Quando os mecanismos reguladores não têm seu funcionamento adequado, a produção exagerada de auto anticorpos, ou o surgimento de reconhecimento anormal entre as células provocam a doença. Quanto há a presença de auto anticorpos específicos facilita a identificação da doença, mas ainda não é o suficiente para determinar um diagnóstico de doença autoimune. Para isso, é necessário que consiga a identificação de causa e efeito na qual a relação autoimune esteja diretamente direcionada ao processo da patologia. Atualmente a EM ainda não preenche a este critério, apenas algumas outras patologias como, por exemplo, lúpus eritematoso e tireoide (Berkow et al., 1999).

Baseando-se nas diferenças sintomáticas dos pacientes é possível classificar a EM em quatro diferentes tipos, esta classificação pode auxiliar no tratamento e acompanhamento do paciente. O quadro abaixo demonstra as principais características de cada classificação.

Quadro 1: Classificação da Esclerose Múltipla

EM recidivante com remissão	Caracterizada por um curso de recidivas recorrentes discretas, entremeadas por períodos de remissão quando a recuperação é completa ou parcial
EM progressiva secundária	Depois de um período de recidiva e remissão, a doença entra em uma fase em que há deterioração progressiva, com ou sem recidivas sobrepostas identificáveis
EM progressiva primária	Tipificado por déficit neurológico progressivo e cumulativo desde o início
EM benigna	Esta associada a sintomas iniciais menos graves, por exemplo, sensoriais.

Fontes: Cash (1987), Associação Médica Brasileira – AMB, Conselho Federal de Medicina – CFM e Academia Brasileira de Neurologia ABN (2005).

Na EM recidivante com remissão se o paciente tiver uma recuperação parcial ou total (remissão) após os surtos, podem viver normalmente, sem sintomas, entre

dois surtos. A evolução da EM progressiva secundária é uma fase da EM que se segue à EM recidivante com remissão. Ocorre quando o grau de incapacidade persiste e/ou agrava durante os surtos. Podem ocorrer mais surtos ou nunca sequer aparecerem. Cerca de 30-50 recidivante com remissão desenvolvem a EM secundária progressiva ao fim de dez anos (European Medicines Agency – EMEA, 2005).

A forma primária progressiva da EM é mais rara. Aqui a incapacidade e os sintomas agravam-se continuamente desde o início, sem ataques e sem remissões intermédias da incapacidade (EMEA, 2005).

Evolução da EM benigna acontece se o doente viver sem limitações na sua vida por um período maior do que 15 anos após o diagnóstico. Esta forma não agrava com o tempo e só pode ser identificada com análise do histórico clínico do paciente (AMB, CFM & ABN, 2005).

O prognóstico é relativamente bom quando sintomas sensoriais ou visuais prevalecem no curso da EM em adultos, e não há recuperação completa do indivíduo dentre os episódios. Este padrão é ainda mais comum em mulheres jovens. Quanto há envolvimento motor, que perturbe especialmente a coordenação ou o equilíbrio, os prognósticos são menos positivos. A perspectiva também é reduzida em homens mais velhos que desenvolvem a patologia (Compston, 2002).

Recaídas frequentes e prolongadas durante um período em que ainda não houve a recuperação incompleta, com um curto intervalo de tempo entre o primeiro episódio e a primeira recaída são diagnósticos desfavoráveis, mas o principal determinante da deficiência é o início de uma fase progressiva (Compston, 2002).

Aspectos psicológicos na esclerose múltipla

Almeida et al. (2007) afirmam que a família é o principal apoio que os pacientes podem ter ao receber o diagnóstico, ter uma estrutura familiar adequada e que acompanhe o paciente durante todo o processo é um facilitador para a aceitação e início do tratamento, é o fator definitivo para adesão ao tratamento, quando mais apoio o paciente recebe de seus familiares melhor consegue aceitar sua situação, buscando muitas vezes alternativas para melhoria da qualidade de vida.

Tal aspecto é corroborado por Balsimelli et al. (2007) que enfatizam ser fundamental o papel que a família desempenha diante das dificuldades que o paciente pode viver face a uma doença crônica. A capacidade de comunicação entre os membros da família e o apoio que os mesmos podem oferecer ao paciente com EM garante melhoria na qualidade de vida dos mesmos.

A Esclerose múltipla dentro de sua definição traz como patologia concomitante da depressão, ao mesmo tempo em que o paciente pode ter suas habilidades físicas prejudicadas sua dependência aumenta e muitas vezes familiares não tem uma estrutura psíquica para conseguir auxiliar o paciente, facilitando que a depressão seja acentuada, é possível perceber no relato de pacientes que sua vida mudou totalmente e que seus familiares deixaram de fazer parte dela, ou ainda um sentimento de culpa nos pacientes por que a vida das pessoas próximas passa por diversas alterações significativas (Mendes, 2003).

Fato igualmente observado nas reflexões de Balsimelli (2005) que explica o fator depressivo como um sintoma típico no paciente com EM. Relata que a vivência de depressão pode manifestar-se diante do diagnóstico, das perdas sucessivas das funções ou mesmo em virtude do próprio tratamento, uma vez que a melhora do quadro não é alcançada como a maioria dos pacientes deseja.

A alteração no curso de vida destes pacientes é significativa, por ser um marco decisório, muitos destes pacientes sofrem pelo diagnóstico, sintomas da patologia e ainda mais por se distanciarem de seus familiares, em alguns casos os pacientes por características depressivas acabam tendenciados ao afastamento social, para outros casos a estrutura familiar antes da patologia acaba sendo alterada, por separações, por exemplo. Para alguns pacientes o distanciamento não acontece, nesses casos é uma forma de reforçarem ainda mais o relacionamento, observando que continuam sempre apoiados por sua família e parentes.

Para Mendes (2003), o diagnóstico deve ser claro, na tentativa de fazer com que o paciente consiga entender o que realmente está passando, como será seu tratamento e possíveis alterações no curso de sua vida, não pode descartar todas as características da patologia não há necessidade de adaptação diante das limitações que ocorrem, EM é uma patologia que tem diversos estudos sobre sintomatologia e possíveis tratamento, mas não consegue responder aos seus pacientes sua causa e

curso de tratamento, este pode ser um motivo que dificulta ainda mais a aceitação dos pacientes para o diagnóstico.

O momento do recebimento do diagnóstico deve ser, para os pacientes, esclarecedor, ao mesmo tempo em que exige que o médico, preferencialmente trabalhando em uma equipe multidisciplinar de apoio, consiga auxiliar este paciente e direcionar apoio para um tratamento adequado, conscientizando-o sobre todas as características da patologia, possibilidades de tratamento e direcionando para outras especialidades de apoio, como acompanhamento psicológico, nutricionista e fisioterapêutico de acordo com as necessidades de cada paciente.

Pedro e Pais-Ribeiro (2008) afirmam que as mudanças vividas por pacientes portadores de esclerose múltipla começam desde o primeiro sintoma, após a patologia ter suas características definidas e diagnosticadas corretamente o paciente tem o peso da informação, a partir deste momento o paciente passa a ter, além de todas as dificuldades trazidas pela patologia, o medo de ter não existir uma cura e um tratamento certo. Passar por todas as fases, desde o diagnóstico até o tratamento faz com que o paciente tenha um sofrimento psíquico demasiado, e que pode ser confortado ao conseguir desenvolver novas atividades adaptadas a sua realidade física, quando há alguma alteração, por exemplo, na capacidade de andar.

A ansiedade experienciada no período diagnóstico pode se prolongar durante o tratamento, criando uma circunstância a ser observada pelos profissionais e que passa a fazer parte da rotina de atendimento dos pacientes (Balsimelli, 2005).

Almeida et al. (2007) afirmam que a EM, por ser uma patologia singular e que não dá aos pacientes uma perspectiva de vida prolongada sem interferência dos surtos, leva os pacientes tem tendência à depressão e à auto exclusão do meio em que está inserido, busca a reclusão como recurso para não enfrentar o diagnóstico, tratamento e até mesmo a adaptação de sua vida como consequência dos sintomas apresentados, a instabilidade da patologia pode ser outro fator que causa insegurança, quando os pacientes recebem um bom acompanhamento médico e/ou de uma equipe multidisciplinar a possibilidade de aceitação do diagnóstico e identificar possibilidades de melhoria de suas condições, manutenção de atividades como trabalho e envolvimento com pessoas do seu meio são muito melhores.

Balsinelli (2005) retrata aspectos relacionados à qualidade de vida nos pacientes com EM, ressaltando que fatores de ordem psicossocial devem ser observados, uma vez que o quadro altera significativamente a rotina dos pacientes, exigindo dos mesmos grande adaptação diante do tratamento necessário e das perdas sucessivas que ocorrem.

OBJETIVO

O presente estudo possui como objetivo a apresentação e discussão dos dados referentes à avaliação da tríade cognitiva do Rorschach, que podem ser utilizados como recursos de enfrentamento em pacientes com esclerose múltipla.

MÉTODO

Trata-se de um estudo que foi realizado com um grupo de dez colaboradores pacientes portadores de EM e um grupo de dez não-pacientes. Foram convidados para participar, um grupo de dez colaboradores não pacientes e um grupo de dez pacientes com diagnóstico de EM de acordo com os critérios de diagnósticos da OMS (1995), estes pacientes são cadastrados pela Associação Brasileira de Esclerose Múltipla e de clínicas de neurologia e neurocirurgia da cidade de São Paulo, atingindo um número esperado de dez pacientes. Totalizando vinte colaboradores que foram submetidos a um Questionário de saúde Geral de Goldberg (QSG) antes da aplicação do Método de Rorschach.

Para verificação do estado de saúde geral dos participantes do grupo de não pacientes foi utilizado o Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG), que é um instrumento de avaliação psicológica, com estrutura de auto relato, composto por 60 questões fechadas. A tarefa do indivíduo avaliado é responder cada um dos itens em uma folha de respostas, comparando seu estado psicológico usual com uma das alternativas propostas em uma escala do tipo Likert de quatro pontos. Segundo Cunha

(2000), o QSG foi delineado para avaliar a gravidade do estado psicopatológico sem características psicóticas em indivíduos para efeito de triagem.

O referido instrumento avalia cinco aspectos específicos de saúde geral, sendo estresse psíquico, desejo de morte, desconfiança no desempenho, distúrbios do sono e distúrbios psicossomáticos. Quando os escores desses cinco fatores são somados, compõe-se o escore de saúde geral (Goldberg, 1972/1996). Para efeito deste estudo, foi utilizado o escore geral do QSG de cada um dos participantes.

Todos os participantes forem submetidos ao Método de Rorschach, de acordo com as especificações técnicas do sistema compreensivo (Exner, 1993/1994 e 1995/1999).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Guarulhos – SISNEP/469, Parecer nº 179/2009, segundo a resolução 196. Após o consentimento e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos colaboradores (TCLE), foi aplicado uma breve entrevista seguida da aplicação QSG como parte do protocolo previamente estabelecido para os colaboradores, que inclui dados sobre o indivíduo (dados demográficos e profissionais), família (possíveis problemas de saúde e auxílio na renda familiar) e, no grupo de portadores, sobre a doença (história natural, comorbidades, sintomas e medicamentos).

RESULTADOS

Os testes foram codificados, os dados dos pacientes e não pacientes foram analisados de acordo com as tabelas normativas para a população brasileira (Nascimento, 2010), depois disso, os dados entre os dois grupos foram comparados.

Os índices foram interpretados de acordo com os manuais do Método de Rorschach para o sistema compreensivo. Todas as interpretações a seguir foram pautadas nas informações de Exner (1993/1994 e 1995/1999), Exner e Sendín (1998/1999) e Nascimento (2010).

Os dados revelaram índices que demonstram dificuldade e outros que revelam capacidade em enfrentar psicologicamente as conseqüências do quadro de esclerose

múltipla. Foram destacados para apresentação, os índices cujos valores indicaram diferenças entre os grupos, principalmente no que segue:

Ideação

No agrupamento de ideação é analisada a qualidade dos processos de pensamento sobre as emoções. A diferença observada no agrupamento de ideação foi observada na emissão de respostas de movimento humano com distorção de forma.

Tabela 1. Análise das respostas de movimento humano mal vistas

M-	Pacientes		Não Pacientes	
	N	%	N	%
M- elevado	3	30%	0	0%
M- média	7	70%	10	100%
M- rebaixado	0	0%	0	0%
Total	10	100%	10	100%

É possível observar nos dados da Tabela 1 que, 30% da população de pacientes apresentam respostas M- elevado e 70% apresentam respostas dentro da média, o grupo de não pacientes apresentou 100% das respostas dentro da média de M-.

Estes dados revelam que os pacientes podem ter mais dificuldade de pensamento em determinadas situações, podendo ter relação com o processo degenerativo da patologia que pode inclusive causar a perda de memória curta que deve resultar na dificuldade de codificar, e /ou recuperar informações da memória episódica (Fuso, Callegaro, Pompeia & Orlando, 2010).

Mediação

Os dados agrupados para avaliação da mediação verificam a distorção ou não da realidade por meio das respostas por serem convencionais ou não. Nesse item, observou-se diferença em WDA% que se encontra aumentado ou na média, que indica capacidade de utilização de recursos.

Tabela 2: Análise do comprometimento de mediação

WDA%	Pacientes		Não Pacientes	
	N	%	N	%
WDA% elevado	5	50%	10	100%
WDA% média	5	50%	0	0%
WDA% rebaixado	0	0%	0	0%
Total	10	100%	10	100%

Na Tabela 2 pode-se perceber que 50% das respostas do grupo de pacientes apresentam WDA% elevado e 50% dentro da média, diferindo do grupo de não pacientes que apresenta 100% de WDA% elevado.

Desta forma é possível identificar que o grupo de não pacientes tem certa facilidade de mediação e uso apropriado para diferentes situações do que o grupo de não pacientes que pode ter mais dificuldade para aplicação adequada da mediação.

Almeida et al. (2007) apresenta em seu trabalho a importância da interação dos indivíduos portadores de EM com equipes multidisciplinares, este processo em diversos grupos terapêuticos tem gerado resultados satisfatórios na habilidade de readaptação dos indivíduos portadores, que tem em geral boa capacidade de mediação idêntica aos demais.

A incidência das repostas populares também foi observada na amostra de pacientes.

Tabela 3: Análise das repostas populares

P	Pacientes		Não Pacientes	
	N	%	N	%
P elevado	3	30%	0	0%
P média	4	40%	6	60%
P rebaixado	3	30%	4	40%
Total	10	100%	10	100%

Na Tabela 3 pode-se observar resultados diferentes na quantidade de respostas populares (P) entre os grupos, o grupo de pacientes tem 30% de sua população com número de respostas P elevado, 40% dentro da média e 30% com resultado rebaixado, no grupo de não pacientes 60% das respostas estão dentro da média e 40% estão abaixo, não havendo neste grupo nenhum indivíduo com número de respostas elevado.

Respostas P são as respostas mais recorrentes as manchas de Rorschach quanto a localização e conteúdo em uma prancha, tendo uma recorrência bastante grande entre os indivíduos, na aplicação nos pacientes portadores de EM percebe-se uma elevação nestes indicadores, 30% da população respondente apresenta níveis elevados de respostas populares, o que significa um alto índice de convencionalidade, indicando que estes indivíduos podem caracterizar submissão excessiva às normas sociais, e que sofrem muito se não o fizerem, apresentando um superego muito rígido.

Este indivíduo constitui-se por uma grande interiorização das exigências do meio, o que dificulta a execução de ações que considera importante, sempre pensando nas conseqüências causadas pelas exigências externas, causando grande sofrimento em não atender ambas as demandas, este poderia ser utilizado como recurso de defesa para auto conservação.

Processamento das informações

No agrupamento de processamento das informações, aspectos de incorporação da realidade são avaliados. Observou-se diferença nos seguintes itens:

Tabela 4: Análise da frequência de nota Z

Zf	Pacientes		Não Pacientes	
	N	%	N	%
Zf elevado	3	30%	0	0%
Zf média	7	70%	6	60%
Zf rebaixado	0	0%	4	40%
Total	10	100%	10	100%

É possível observar diferença entre os resultados na Tabela 4 da análise do índice Zf, onde o grupo de pacientes apresenta 30% dos resultados acima da média esperada e 70% na média, no grupo de não pacientes observa-se 60% dos resultados na média esperada e 40% da amostra com resultados abaixo da média.

Na amostra 30% dos pacientes apresentam índice Zf elevado o que demonstra que sua capacidade de motivação está acima da média esperada, trata-se de um grupo de pessoas que tenta se organizar para uma situação previamente inexistente, o que pode significar um nível de auto exigência excessivo, podendo ter sua atividade organizadora aumentada exagerada por medo de errar.

Para Haase et al. (2004), há diferença de comportamento apresentado entre os pacientes de EM, esta diferença de motivação está relacionada a evolução da patologia, e as patologias associadas, pacientes que apresentaram quadro de depressão acentuado apresentaram conseqüentemente menor nível de realização de atividades, o que pode revelar que o diagnóstico de EM sem outras patologias associadas, não indicaria diminuição significativa do nível de atividade destes indivíduos.

Tabela 5: Comparação entre as categorias de localização

W:D:Dd	Pacientes		Não Pacientes	
	N	%	N	%
Predomínio W	5	50%	2	20%
Predomínio D	3	30%	4	40%
Predomínio Dd	2	20%	2	20%
W=D	0	0%	1	10%
D=Dd	0	0%	1	10%
W=Dd	0	0%	0	0%
Total	10	100%	10	100%

A tabela 5 apresenta a comparação da quantidade de respostas W:D:Dd emitidas pelos dois grupos, pode-se observar algumas diferenças nos resultados, onde o grupo de pacientes apresenta 50% das respostas com predomínio de W, 30% com predomínio de D e 20% com predomínio de respostas Dd, para o grupo de não

pacientes as respostas tem 20% de predomínio de W, 40% da população tem predomínio de respostas D, 20% predomínio de respostas Dd, 10% da população apresenta equivalência de respostas W:d e 10% apresenta equivalência para respostas d:Dd.

O grupo de pacientes participantes apresenta maior número de respostas W que demonstra a tentativa de abranger toda a figura, são respostas mais difíceis e exigem maior investimento de energia.

Estes pacientes, embora não tenham apresentado grande número de respostas W+ ou Wv/+ que integram toda a figura com mais detalhes, apresentaram 50% de suas respostas W, volume maior do que o grupo de não pacientes, esta diferença pode caracterizar a necessidade de autoafirmação e auto exigência destes indivíduos na busca de superação, comum na maioria dos pacientes portadores de EM, que tem a necessidade de adaptação a cada nova crise, que altera significativamente seu estilo de vida (Morales et al., 2007).

O predomínio de respostas D que correspondem a 30% da população é de respostas mais comuns e simples de serem identificadas, este dado não difere de forma significativa da quantidade de respostas de não portadores, assim como respostas com predomínio Dd, que demonstram necessidade de mais exatidão nas respostas dadas, estes indicadores estão idênticos em ambos os grupos.

Pacientes de EM podem apresentar déficit de atenção e capacidade de processamento, assim como possibilidade de aumento de reconhecimento seletivo de um determinado estímulo, excluindo estímulos que considera desnecessário, passando da observação espontânea e processamento automático para a seleção de estímulos por um processamento controlado, esta alteração pode ser causada déficit destes processos, bem como a capacidade de armazenamento de memória temporária (Balsimelli et al., 2007).

Tabela 6: Análise da Qualidade evolutiva sintetizada

DQ+	Pacientes		Não Pacientes	
	N	%	N	%
DQ+ elevado	0	0%	0	0%
DQ+ média	10	100%	7	70%
DQ+ rebaixado	0	0%	3	30%
Total	10	100%	10	100%

A observação da Tabela 6 apresenta diferença de resposta entre os grupos, onde 100% da população de pacientes apresentam respostas dentro da média e no grupo de não pacientes 70% dos indivíduos apresenta resultado dentro da média e 30% apresentam resultados abaixo desta média.

Esta modalidade assinala a capacidade de elaboração do indivíduo para respostas mais sofisticadas, no grupo de pacientes 100% da amostra está dentro da normalidade, não sendo percebida dificuldade deste grupo para adaptação a situações que exijam mais trabalho cognitivo, quanto ao grupo de não pacientes existe uma diferença, demonstrando que uma parte do grupo está abaixo da normalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os dados dos pacientes com EM que participaram da presente investigação apresentaram certa desorientação no pensamento e dificuldade em articular adequadamente seu processo de elaboração, por outro lado revelaram capacidade de se submeter às exigências externas associadas a grande motivação para resolução de dificuldades por meio da reflexão. Tais dados indicam certa capacidade de análise cognitiva da situação, o que possibilita, apesar das dificuldades vividas, enfrentamento diante das limitações e perdas geradas pelo seu estado de saúde.

Embora os pacientes apresentem certa dificuldade de articulação do pensamento o que pode dificultar o enfrentamento do quadro de esclerose múltipla pelo fato de uma tendência a pensar de forma comum, os fatores motivacionais associados à capacidade de utilizar recursos de análise da situação podem oferecer

estratégias para que os pacientes possam se organizar diante do sofrimento causado pela patologia.

Os dados descritos são referentes à amostra investigada e possibilitam levantar hipóteses sobre as características de enfrentamento nos pacientes com esclerose múltipla, para generalizações novas investigações são necessárias.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L.H.R.B. et al. (2007). Ensinando e aprendendo com portadores de Esclerose Múltipla: relato de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60 (4), 460-463.
- Associação Médica Brasileira - AMB, Conselho Federal de Medicina - CFM & Academia Brasileira de Neurologia - ABN (2005). *Diagnóstico e Tratamento da Esclerose Múltipla*. São Paulo. Recuperado em 10 de março, 2009 de www.projetodiretrizes.org.br/projeto_diretrizes/047.pdf.
- Balsimelli, S.F. (2005). Aspectos emocionais na esclerose múltipla. In: C.P. Tibery (Ed.). *Esclerose múltipla no Brasil: aspectos clínicos e terapêuticos*. (pp. 149-163). São Paulo: Atheneu.
- Balsimelli, S. et al. (2007). Attention impairment associated with relapsing-remitting multiple sclerosis patients with mild incapacity. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 65 (2A), 262-267.
- Berkow, R. et al. (1989). *Manual Merck de Medicina*. 5 ed. São Paulo: Roca.
- Cash, J (1987). *Neurologia para fisioterapeutas*. (4ª ed.). São Paulo: Panamericana.
- Compston, C.S. (2002). Multiple sclerosis. *The Lancet*, 359, 1221-1231.
- Cunha J.A. (2000). Catálogo de técnicas úteis. In: J.A. Cunha e cols., *Psicodiagnóstico – V* (5ª ed.). (pp. 202-290). Porto Alegre: Artes Médicas.
- European Medicines Agency - EMEA (2005). *Guideline on clinical investigation of medicinal products for the treatment of Multiple Sclerosis*. London : EMEA.
- Exner, J.E. (1994). *El Rorschach: un sistema comprehensivo* (3a ed.). (M. E. Ramírez, trad.). Madrid: Psimática. (original publicado em 1993).

- Exner, J.E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. (A. C. P. Silva Neto, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1995).
- Exner, J.E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. (L.Y. Massuh, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1998).
- Fernandes, I.R. (2005). *Avaliação do aprendizado da aplicação subcutânea executada pelo portador de esclerose múltipla*. Dissertação de Mestrado não publicada. São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo.
- Fuso, S.F., Callegaro, D., Pompeia, S.B. & Orlando, F.A. (2010). Prejuízo de memória operacional em pacientes com esclerose múltipla recorrente-remitente com déficits de memória episódica. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 68 (2), 205-211.
- Goldberg, D. P. (1996). *Questionário de saúde geral de Goldberg: Manual técnico*. (L. Pasquali et al., trad. e adapt.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (original publicado em 1972).
- Haase, V.G., Lacerda, S.S., Lima, E.P., Correa, T.D., Brito, C.S. & Lana-Peixoto, M.A. (2004). Avaliação do funcionamento psicossocial na esclerose múltipla. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 62 (2-A), 282-291.
- Mendes, M.F. et al. (2003). Depressão na esclerose múltipla forma remitente-recorrente. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 61 (3A), 591-595.
- Morales, R.R., Morales, N.M.O., Rocha, F.C.G., Fenelon, S.B., Pinto, R.M.C. & Silva, C.H.M. (2007). Qualidade de vida em portadores de esclerose múltipla. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 65 (2-B), 454-60.
- Moreira, M.A. (2004). A história da esclerose múltipla. In: Haussen, S.R. *Esclerose múltipla: Informações científicas para o leigo*. (pp. 17-21). Porto Alegre: Conceito.
- Nascimento, R.S.G.F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: Teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Organização Mundial de Saúde - OMS (2005). *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde - CID-10*. (10ª ed). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Pedro, L. & Pais-Ribeiro, J. (2006). Revisão de instrumentos de qualidade de vida na esclerose múltipla. In: Leal, I., Pais-Ribeiro, J. & Neves, S. (eds.). *Actas do 6º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. (pp. 121-126). Lisboa: ISPA.

Rubin, E. (ed.). (2006). *Patologia: bases clinicopatológicas da Medicina*. (4ª ed). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

LIMITES E CONTRIBUIÇÕES DOS INSTRUMENTOS PROJETIVOS NAS AVALIAÇÕES FORENSES

Sonia Liane Reichert Rovinski

Psicóloga Judiciária

Os testes projetivos foram construídos com o propósito da investigação clínica, visando à construção de diagnósticos e de planejamento de tratamentos psicoterápicos. Seu propósito está diretamente relacionado ao conhecimento do mundo interno do paciente, de onde se buscariam indicadores para a formulação de hipóteses quanto ao funcionamento psíquico deste sujeito avaliado. Para Groth-Marnat (2003), o adequado uso dos instrumentos psicológicos estaria associado a um treinamento com preparo intenso na administração e interpretação do teste e, posteriormente, a um longo exercício supervisionado. As falhas neste treinamento seriam responsáveis pela falta de credibilidade aos resultados, seja pela produção de achados duvidosos, decorrentes de uma má administração ou de um levantamento incorreto dos dados, ou pela incapacidade do técnico em avaliar os limites de seu instrumento e extrapolar suas interpretações para além dos objetivos ao que o teste foi proposto.

No contexto forense, a avaliação psicológica tem por objetivo trazer subsídios para a tomada de decisão dos agentes jurídicos, ultrapassando as questões meramente clínicas para inferir sobre comportamentos que terão repercussão legal. Neste sentido, seu resultado final deve ultrapassar tais dados, de forma a relacionar os achados clínicos com os construtos legais que a eles estão relacionados. O diagnóstico e a possível necessidade de tratamento são elementos importantes para a compreensão do caso, mas não será a resposta final do trabalho do perito. Na avaliação forense o foco dirige-se a eventos que são definidos de forma mais restrita ou a interações de natureza não-clínica decorrentes da demanda judicial, não podendo restringir-se à visão do próprio avaliando (Rovinski, 2011).

Desta forma, o uso de instrumentos projetivos na avaliação forense passa inicialmente pelas mesmas exigências de uso no contexto clínico quanto ao preparo do profissional, mas exige maiores cuidados quanto sua adaptação aos propósitos da

demanda legal. A definição das estratégias de investigação na avaliação forense deve basear-se em critérios que justifiquem sua escolha. Para a determinação de quando e como usar os testes psicológicos, Melton e colaboradores (1997, apud Rovinski, 2011) propõem a observação dos seguintes critérios:

1. *Relevância à questão legal específica.* Os testes devem ser relevantes para a questão legal que motivou o pedido de perícia ou, pelo menos, para um construto psicológico que seja subjacente à questão legal. Sempre que possível esta relevância legal deverá ser fundamentada por pesquisas de validação devidamente publicadas em jornais especializados. Infelizmente, a maioria dos testes tradicionais utilizados é de enfoque clínico e não possuem estudos de validação para populações forenses. Assim, o psicólogo deve ter o máximo cuidado para fazer julgamentos sobre comportamentos de relevância legal e a primeira preocupação deveria ser em definir se a informação prestada pelo teste será de importância “primária” em relação à questão legal, ou “secundária”, servindo apenas de base (*background*) para a compreensão mais ampla do problema.

2. *A natureza hipotética dos resultados do teste.* Os autores avisam sobre o risco dos psicólogos caírem na armadilha de acreditar que um teste poderia demonstrar que um determinado sujeito tem uma característica ou tendência x ou y. Lembrem que as normas interpretativas sugeridas por manuais apenas representam compilações de traços que foram encontrados em grupos de sujeitos que apresentaram determinado perfil. Assim, ao encontrarmos este perfil em nosso avaliando, podemos apenas inferir que ele possui grandes chances de apresentar características comuns aquele grupo. O grau de ajuste entre ele e o grupo de referência deve ser determinado por outras fontes de informação. Esta discussão já vem ocorrendo em nossa realidade brasileira por autores que discutem as diferenças e complementariedades das abordagens nomotéticas e idiosincráticas em uma avaliação psicológica, com ênfase no construto da validade clínica, onde se busca estimar a validade das informações coletadas em relação a um sujeito em particular (Tavares, 2003; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Assim, os avaliadores forenses devem ser mais cautelosos em suas conclusões em relação a tendências comportamentais sugeridas pelos perfis levantados quando houver falta de informações que possam corroborar os achados da testagem,

3. *Limitações na reconstrução de contextos.* Muito cuidado deve ser tomado pelos psicólogos ao ter de responder questões legais que envolvam avaliações retrospectivas, isto é, que envolvam reconstruções quanto ao funcionamento psíquico do sujeito em um determinado período de tempo no passado. De maneira geral, os testes convencionais permitem avaliar as condições atuais do sujeito. Sabe-se que alguns aspectos de personalidade, como funcionamento intelectual, se mantêm relativamente estáveis através do tempo, mas, mesmo nestes casos, fatores intervenientes da situação atual de testagem podem causar diferenças. No máximo pode-se sugerir a possibilidade de uma determinada desordem psíquica ter ocorrido no passado. Dados de história ou testagens realizadas em períodos anteriores são de fundamental importância para serem relacionados aos achados atuais, de modo a justificar as inferências realizadas.

4. *Considerações sobre a validade aparente.* Todo relatório resultante de uma avaliação deve levar em consideração o grupo a que ele foi destinado. Os psicólogos devem estar preparados em relação à recepção de seus métodos de investigação pelo contexto legal em que tiverem inseridos. Suas técnicas são de difícil compreensão por parte dos agentes jurídicos, que, inclusive, resistem a justificativas exclusivas de dados estatísticos. Isto não significa que os psicólogos devam abandonar as técnicas tradicionais de avaliação, mas torná-las mais compreensivas ao contexto forense, facilitando o entendimento de onde foram produzidas suas inferências clínicas.

No Brasil a avaliação psicológica forense restringe-se ao uso dos instrumentos clínicos, que eventualmente, podem possuir alguns dados normativos ou de aplicação prática em populações forenses. Um estudo realizado por Rovinski e Elgues (1999) com psicólogos forenses do Rio Grande do Sul mostrou que 87% dos entrevistados utilizavam instrumentos de avaliação (testes), com preferência aos projetivos e gráficos (HTP, desenho da família e TAT). Castro e Rocha Jr. (2004), ao investigar os instrumentos preferenciais dos psicólogos em avaliações realizadas no sistema penitenciário de São Paulo, também encontraram preferência marcante pelo uso do HTP. Infelizmente, a justificativa para tal uso não foi a existência de pesquisas de validade para o contexto forense, mas a facilidade de aplicação, o baixo custo e a

rapidez na interpretação e análise. Nestas duas pesquisas citadas o Rorschach apresentou-se como um dos instrumentos de última escolha dos psicólogos, justificado, apenas, quando uma avaliação profunda e dinâmica dos aspectos de personalidade se fazia necessário.

Conforme Rovinski (2011), uma análise dos trabalhos apresentados nos últimos congressos de avaliação psicológica nos mostra que cada vez mais tem se pesquisado com instrumentos projetivos no contexto forense. Entre as áreas mais pesquisadas estão os estudos voltados para a investigação da violência e abuso sexual, preferencialmente em crianças, sempre com o enfoque da vitimização. Foram realizados estudos com o Rorschach (Mariuza, Azeredo & Santos Netto, 2004; Vagostello, Aguiar & Silva e Tardivo, 2006; Jung, 2006; Martins & Resende, 2006, Scortegagna & Villemor-Amaral, 2009), com o Desenho da Figura Humana (Fonseca & Capitão, 2006, Capitão, 2009), e com testes de Apercepção Temática (CAT ou TAT) (Thomé & Silva, 2006; Vagostello, Aguiar e Silva & Tardivo, 2006). Com algumas exceções, estes trabalhos foram realizados com um pequeno número de sujeitos, contribuindo mais para a descrição da dinâmica interna das vítimas através das técnicas projetivas do que para a construção de indicadores da ocorrência do fenômeno estudado. Assim, os leitores que buscarem fundamentos para seu trabalho na área forense, através da leitura destes estudos, devem ter uma postura crítica em relação ao poder preditivo de tais pesquisas, quando se propõem a encontrar indicadores que possam ser “discriminadores” de crianças vítimas de abuso sexual daquelas que não sofreram este tipo de violência (Fonseca & Capitão, 2006).

Faust, Bridges e Ahern (2009), ao discutirem as características psicométricas que deveriam ter os indicadores de abuso sexual que fossem utilizados por psicólogos forenses, trazem uma discussão importante que pode ser generalizada aos indicadores de testes projetivos usados nas mais diversas demandas da área jurídica. Para eles os indicadores deveriam ter tanto característica de validade como de valor de diferenciação. A característica de validade supõe apenas uma associação entre a variável e a ocorrência do que está se propondo a medir (no caso a situação de abuso sexual). A variável pode ser válida ainda que seja aplicada a uma parte da amostra ou até a uma minoria do grupo investigado. Muitas vezes, pode até carecer de fundamentos teóricos ou estar associada ao fenômeno estudado através de uma

terceira variável que a intermedia. A característica do valor de diferenciação, entretanto, seria a capacidade de um determinado indicador em separar as crianças que foram abusadas daqueles que não foram, quando sua ocorrência não poderia ser explicada por nenhum outro tipo de evento estressor que não fosse o próprio abuso sexual. Assim, uma variável que não é válida não poderá ter valor de diferenciação, mas uma variável válida nem sempre terá poder de diferenciação.

De maneira geral, a literatura internacional já demonstrou que os testes projetivos são capazes de discriminar crianças com sofrimento psíquico daquelas que não se encontram em tal circunstância, porém, isto não significa que possam identificar o tipo de trauma que tenha ocasionado tal sintomatologia. Se o objetivo do estudo científico for avaliar o poder discriminativo dos indicadores de um teste para a determinação de um grupo específico de vítimas (por exemplo, abuso sexual), a metodologia, necessariamente, deveria incluir nos estudos de pesquisa um terceiro grupo que representasse vítimas com sofrimento psíquico decorrente de fatores diversos daquele estudado (West, 1998; Dies, 1995).

Nesta linha de raciocínio, podemos acrescentar as contribuições de Groth-Marnat (2003) quando diz que o momento da realização das inferências e das generalizações, pelo psicólogo forense, é aquele considerado como o mais delicado e o mais propenso a críticas. É importante que o profissional possa diferenciar na discussão final de seus achados as questões pertinentes à Psicologia, que possam auxiliar na tomada de decisão do agente jurídico, daquelas que se constituem no próprio ato de julgamento - função que caberia exclusivamente ao juiz. Ao psicólogo cabe apresentar uma "visão técnica" do caso, que ainda poderá vir a ser questionada pelo princípio jurídico do contraditório e da ampla defesa.

Por outro lado, observados os limites e o cuidado no uso dos instrumentos projetivos, podemos citar as vantagens e contribuições dos mesmos para as avaliações forenses. Muitas destas avaliações exigem uma compreensão ampla e profunda da personalidade, das emoções e das capacidades cognitivas do avaliando, para poder fundamentar uma opinião especializada à demanda solicitada pelo juízo. Neste sentido, os testes tradicionais de enfoque clínico podem trazer uma contribuição única. Aprofundam o conhecimento sobre o sujeito avaliado, tanto em relação à

estrutura como à dinâmica da personalidade e possibilitam uma análise do estilo de resposta, permitindo avaliar a cooperação do sujeito durante o processo avaliativo.

Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006), em uma análise sobre a cientificidade das técnicas projetivas para a avaliação da personalidade, discutem os resultados de pesquisas que vêm sendo obtidos no Brasil. Demonstaram que o Rorschach (Sistema Compreensivo), se comparado a outras técnicas como o Desenho de Figura Humana (DFH) ou o Teste de Apercepção Temática (TAT), é aquele instrumento mais valorizado e estudado em pesquisas de validação e normatização. Isto ocorre devido ao *status* que ele já possui em diversos países do mundo quanto à validade e confiabilidade de seus achados e o potencial único que possui para o estabelecimento de diagnósticos e planejamento dos processos interventivos. A literatura internacional também mostra que, em função destas propriedades psicométricas comprovadas, a frequência de uso pelos profissionais e as características de sua proposta de investigação sobre estrutura e dinâmica da personalidade, o Rorschach (Sistema Compreensivo) se apresenta como um dos instrumentos mais aceitos e utilizados nas avaliações forenses (Gacono, Evans III & Viglione, 2008).

Weiner (2001, apud Rovinski, 2011), ao abrir o *XI Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras técnicas proyectivas*, apresentou o valor do Rorschach na prática forense através de quatro pontos, que segundo ele, além de satisfazer a juízes e advogados, não poderiam ser alcançados por nenhum outro instrumento de avaliação. Primeiro, afirma que o Rorschach, apesar de ser uma técnica projetiva, oferece uma avaliação da personalidade através de índices quantitativos. Este aspecto possibilita que em um tribunal deixemos de lado justificativas do tipo “em minha opinião” para podermos afirmar “isto é o que o teste mostra”. Os índices quantitativos também permitem comparações entre sujeitos ou de um sujeito em relação a dados de normatização. O segundo ponto diz respeito ao fato do Rorschach se constituir em uma técnica de “medição indireta”. Weiner salienta que prefere usar este tipo de expressão para qualificá-lo do que o descrever como uma “técnica projetiva” - que nos tribunais tenderia a produzir distorções avaliativas de viés negativo. Procura salientar que toda medida auto-informada sofre influências da compreensão que o sujeito tem dele mesmo, seja em nível consciente ou inconsciente, principalmente em situações em que o avaliado procura oferecer uma imagem favorável a seu respeito. No caso do

Rorschach, os indicadores levantados no protocolo, por serem de medida indireta, sofrem pouco controle por parte do sujeito e podem trazer informações além da visão que ele tem de si mesmo. O terceiro ponto relaciona-se com o anterior e diz respeito às características inestruturadas da técnica que dificultariam o manejo intencional por parte de sujeitos simuladores. Ainda que o instrumento não possa ser considerado totalmente imune a este tipo de controle por parte do avaliado, este tem limitações quanto à compreensão de como deveria se portar para apresentar determinado tipo de patologia. A tendência é que o sujeito exagere em suas respostas, tornando o protocolo pouco compatível com o quadro que busca aparentar. Por último, o quarto ponto está relacionado à possibilidade do Rorschach de levantar indicadores que tratem de disposições ou atitudes mantidas a longo prazo. A descrição de traços de personalidade possibilita dar maior fundamentação às discussões de previsibilidade de conduta. Apesar do psicólogo não poder garantir a ocorrência futura de uma determinada conduta por parte do sujeito, há maior possibilidade de que ele venha a se conduzir dentro de padrões habituais de comportamento, que no laudo poderiam servir para justificar determinadas inferências.

Concluindo, podemos dizer que muito já se tem pesquisado, nacional e internacionalmente, com instrumentos projetivos para a área forense, principalmente com o Rorschach, de forma a possibilitar que o psicólogo possa se posicionar com maior credibilidade frente às questões legais. No entanto, para um uso ético e metodologicamente correto, é essencial que o profissional tenha uma boa formação para a aplicação e levantamento da técnica, como conheça as possibilidades e os limites da mesma no uso forense, de forma a não gerar falsas inferências em seu relatório pericial.

REFERÊNCIAS

Capitão, C. (2009). As Técnicas projetivas e o abuso sexual infantil. *Anais IV Congresso de Avaliação Psicológica/ V Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos/ XIV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos*. Campinas.

- Castro, P. F. & [Rocha Júnior, A.](#) (2004). A (não) utilização do Método de Rorschach no Sistema Penitenciário de São Paulo. In: *3º Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e métodos projetivos, 2004, Porto Alegre. Programação e resumos dos trabalhos*. Porto Alegre : SBRO, p. 67.
- Dies, R.R. (1995). Conceptual issues in Rorschach research. In: J.E. Exner Jr., *Issues and methods in Rorschach research* (pp 25-51). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Faust, D.; Bridges, A.J. & Ahern, D.C. (2009). Methods for the Identification of Sexually Abused Children. In: K.Kuehnle & M. Connell. *The Avaluation of Child Sexual Abused Allegation – A comprehensive Guide to Assessment and testimony*. New Jersey: Wiley & Sons.
- Fonseca, A.R. & Capitão, C. G. (2006). O DFH na avaliação de crianças abusadas sexualmente: um estudo de validade. N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (org.). *Trabalhos completos IV Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp.725-732). Brasília: SBRO.
- Gacono, C.B.; Evans III, F.B. & Viglione, D.J. (2008) Essencial issues in the forensic use of the Rorschach. In: C.B. Gacono & B. Evans, *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment* (pp 3-20). New York: Routledge.
- Groth-Marnat, G. (2003). *Handbook of Psychological Assessment*. 4ed. New Jersey: Wiley & Sons.
- Jung, F. (2006). Abuso sexual na infância: uma leitura fenomenológica-existencial através do psicodiagnóstico de Rorschach. In: N.A. Silva Neto & D.M.Amparo (org.). *Trabalhos completos IV Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp.678-684). Brasília: SBRO.
- Mariuza, C.A.; Azeredo, C.; Santos Netto, L. (2006). Abuso sexual na infância: um estudo através da técnica de Rorschach. In: C.E.Vaz & R.L. Graeff (org.). *Trabalhos completos III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp.193-196). Porto Alegre: SBRO.
- Matins, L.D. & Resende, A.C. (2006) Elos feridos: a investigação dos vínculos de crianças vítimas de incesto. In: N.A. Silva Neto & D.M.Amparo (org.). *Trabalhos completos IV Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp.685-698). Brasília: SBRO.

- Melton, G.B.; Petrila, J.; Poythress, N.G.; Slobogin, C. (1997). *Psychological evaluation for the courts - a handbook for mental health professionals and lawyers*. 2 ed. New York: The Guilford Press.
- Rovinski, S.L.R. & Elgues, G.Z. (1999). Avaliação psicológica na área forense: uso de técnicas e instrumentos. In: *Anais do III Congresso Ibero-americano de Psicologia Jurídica*. São Paulo.
- Rovinski, S.L.R. (2011). O Rorschach e as técnicas projetivas no contexto forense. In: A.E. de Villemor-Amaral & B.S.G. Werlang (org.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp. 107-119). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Scortegagna, S.A. & Villemor-Amaral, A.E. (2009). Método de Rorschach e a autopercepção em vítimas de abuso sexual. *Anais IV Congresso de Avaliação Psicológica/ V Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos/ XIV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos*. Campinas.
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-USF*, 8 (2), 125-136.
- Vagostelo, L.; Aguiar e Silva, M. S.; Tardivo, L. S. P. C. (2006). Os efeitos do abuso sexual em crianças pequenas: um estudo de caso. In: C.E.Vaz & R.L. Graeff (org.). *Trabalhos completos III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp.197-201). Porto Alegre: SBRo.
- Thomé, A.M. & Silva, I.M.F. (2006) Indicadores de abuso sexual infantil no CAT-A. In: N.A. Silva Neto & D.M.Amparo (org.). *Trabalhos completos IV Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp.712-724). Brasília: SBRo.
- Villemor-Amaral, A.E. & Pasqualini-Casado, L.P. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11, (2), 185-193, jul-dez.
- Weiner, I.B. (2001). *El valor Del Rorschach em la clínica y en la práctica forense*. Conferência apresentada no XI Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras técnicas proyectivas, ALAR, Rosário, Argentina.
- West, M.M. (1998). Meta-analysis of studies assessing the efficacy of projective techniques in discriminating child sexual abuse. *Child Abuse Neglect*, 22, (11), 1151-1166.

APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS PROJETIVOS EM AVALIAÇÕES FORENSES

Álvaro Pereira da Silva Junior
Universidade Católica de Brasília

INTRODUÇÃO

A história demonstra que os instrumentos projetivos ao mesmo tempo em que iniciaram a trajetória na prática clínica, também foram introduzidos em avaliações forenses. O *Teste de Associação de Palavras de Jung* talvez possa ser considerado como o primeiro teste psicológico clínico com emprego na área forense.

O presente trabalho não pretende esgotar o tema relacionado à utilização de instrumentos projetivos (método, técnicas ou teste) utilizados em avaliações para fins forenses, mas sim apresentar uma visão de como está a evolução desta área do conhecimento, tanto em nível nacional como em outros países considerados como fonte de referência.

Um dos primeiros estudos sobre a capacidade de expressão humana por meio de desenhos foi realizado em 1857 por John Ruskin, na verdade, um crítico de arte, que ao publicar o seu livro intitulado *Elements of Drawing*, realizou uma análise crítica do desenho como forma de expressão da realidade (Ruskin, 1857).

A utilização de desenhos como meio de análise do desenvolvimento infantil surgiu com o trabalho de Conrado Ricci em 1887 quando lançou seu livro *L'arte dei bambini*, no qual coletou desenhos de crianças e fez correlações com as diversas fases evolutivas (Ricci, 1887).

De acordo com Anzieu (1986) o emprego de desenhos e relatos livres como forma de substituir a expressão verbal para fins clínico teve início entre os anos de 1920 e 1930 pelos psicanalistas de crianças. Nesta mesma época surgem alguns instrumentos psicológicos projetivos para avaliação da personalidade também com aplicação clínica.

Em 1939 o psicólogo americano Lawrence K. Frank utilizou pela primeira vez em um periódico de Psicologia o termo *método projetivo*, como forma de se referir ao conjunto formado pelo Teste de Associação de Palavras de Jung (1904), o teste de manchas de tintas de Rorschach (1920) e o Teste de Apercepção Temática de Murray

(1935), que tinham como objetivo o estudo dinâmico e holístico da personalidade (Anzieu, 1986). Backes-Thomas (1974) considera que a unidade desses instrumentos está no mecanismo de base: a projeção.

Para Anastasi (1977) a principal característica dos instrumentos projetivos está no fato de apresentarem uma tarefa relativamente não estruturada, geralmente com estímulos vagos e ambíguos, que permitem uma variedade de respostas e o livre exercício da imaginação. Para a autora, a maneira de perceber e responder ao instrumento reflete os aspectos fundamentais do funcionamento psicológico do examinando.

Anzieu (1986) não concorda com a classificação dos instrumentos projetivos como testes, pois para isso é preciso uma situação padronizada para o sujeito. Mas, para Anastasi (1977) praticamente todos os testes psicológicos podem servir como um instrumento projetivo.

A origem dos instrumentos projetivos deu-se em meio clínico, como forma de atender às demandas de diagnóstico e até mesmo de processo terapêutico. Mas, devido à versatilidade na aplicação e adaptabilidade a outras situações, houve uma boa recepção em outras áreas da Psicologia, desde a seleção de pessoal até mesmo na aplicação em avaliações forenses.

De acordo com Rovinski (2004) o processo de avaliação forense não difere substancialmente do processo de avaliação clínico, o que é preciso é uma adaptação dos procedimentos ao contexto forense.

O termo avaliação psicológica forense corresponde a um processo aonde o psicólogo conduz avaliações a pedido dos integrantes do Sistema de Justiça Criminal (no Brasil inclui a figura do Delegado de Polícia, os advogados das partes, além de Promotores e Juizes). As avaliações utilizam técnicas variadas que dependem do caso em estudo e das questões legais levantadas.

Não se tem ao certo a data precisa de quando começou a utilização de técnicas projetivas em meio forense. O registro inicial da utilização dessas técnicas deu-se no ano de 1905 com o surgimento do Teste de Associação de Palavras de Jung. Mas é a Max Wertheimer, que se registra como o primeiro a realizar um trabalho forense investigando culpabilidade e inocência em presos já na primeira década do século XX (Gomila, 2005).

Alguns autores apontam o ano de 1908 como o marco da integração entre Psicologia e Lei, quando então foi publicado o livro *On the witness Stand* de Hugo Münsterberg, no qual demonstra como a Psicologia, como ciência, pode auxiliar o sistema judiciário. Mas, Münsterberg sofreu uma forte resistência acadêmica e a semente por ele implantada demorou algumas décadas para germinar.

No Brasil, no ano de 1936, surgiu um dos primeiros livros associando Psicanálise e Criminologia. O livro era do psiquiatra francês Georges Genil-Perrin (1936). Na obra o autor descreve a prática psicanalítica em meio forense, apresenta sínteses de alguns casos, mas não faz menção a nenhuma técnica projetiva de avaliação da personalidade.

No ano de 1966 o psicólogo Ermanno Ducceschi, publicou o livro *Teste da Árvore* e sua aplicação em ambiente clínico. Adotando a metodologia de Karl Kock o autor apresentou a análise de 25 casos clínicos e citou outro pesquisador brasileiro que trabalhava com o mesmo instrumento chamado Elso Arruda, o qual havia trabalhado com pacientes esquizofrênicos (Ducceschi, 1966).

Em 1969, o psiquiatra e médico penitenciário, Luiz Ângelo Dourado, com larga experiência de trabalho no sistema penitenciário do antigo Estado da Guanabara, publica seu o livro *Ensaio de Psicologia Criminal*, onde apresenta a utilização do método de Karl Kock (Teste da Árvore) na análise de alguns casos criminais.

Em seu livro, Dourado (1969) afirma ter aplicado o Teste da Árvore de Kock a um número superior a 10 mil sujeitos, considerando-o como um elemento de colaboração no processo diagnóstico e cujos resultados permitem uma análise estatística.

Campos (1978) publicou seu pequeno e famoso livro *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Nesta obra a autora apresenta critérios de avaliação para os desenhos da árvore, casa e pessoa.

Ainda no ano de 1978, em Brasília, a psicóloga Glória Fernandina Quintela, em um trabalho contratado pela Polícia Civil do Distrito Federal realizou uma avaliação psicológica, para fim forense, construindo o perfil psicológico de um suspeito que matara uma criança. Em seu laudo, a psicóloga utilizou, entre outros, quatro instrumentos projetivos consagrados à época, a saber: *O Psicodiagnóstico de*

Rorschach, o Psicodiagnóstico Miocinético de Mira y López, o Teste de Apercepção Temática (Murray) e o Teste de Palavras-Estímulo de Jung.

No ano de 1986, também na cidade de Brasília, tem-se o registro de que a Seção de Psicologia da Academia Nacional de Polícia do Departamento de Polícia Federal, em situação de avaliação psicológica para fim forense (possibilidade de reversão de servidor ao serviço público), apresentava no rol dos instrumentos utilizados, entre outros, duas técnicas projetivas: *O Teste Zulliger e o Teste H-T-P (House-Tree-Person).*

Ainda em Brasília é conhecida a atuação de psicólogos da Seção de Psicopatologia Forense do Instituto de Medicina Legal “Leonídio Ribeiro”, os quais desde 1980 realizam perícias para fins forenses com o emprego de diversos instrumentos projetivos, entre eles: *A Técnica de Rorschach, o Teste Zulliger, o Teste H-T-P (House-Tree-Person), o Psicodiagnóstico Miocinético de Mira y López, o Teste de Apercepção Temática (Murray), o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.*

Nos Estados Unidos, Borum and Grisso (1995) pesquisaram os instrumentos utilizados em avaliações forenses em uma amostra de 96 profissionais desta área, sendo 53 psicólogos e 43 psiquiatras. A pesquisa demonstrou que 42% dos psicólogos entrevistados utilizavam testes projetivos de avaliação da personalidade. Entre os instrumentos projetivos utilizados 32% correspondiam à Técnica de Roschach, 8% ao Teste de Apercepção Temática, 6% de testes de complementação de sentença e 4% usavam desenhos projetivos.

Assim, no sentido de verificar o estado da arte na utilização de instrumentos projetivos (técnicas, métodos ou testes) em avaliações psicológicas para fins forenses na realidade brasileira, buscou-se um levantamento sobre o que se tem de publicação (livros e artigos) sobre o tema nos últimos dez anos.

MÉTODO

Para este trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica. De acordo com Marconi e Lakatos (2005) as fontes para a pesquisa podem originar-se da experiência

pessoal ou profissional do pesquisador, de estudos e leituras, de trabalhos discrepantes ou mesmo de temas análogos de outras disciplinas ou áreas científicas.

A fonte de pesquisa utilizada foi o mecanismo de busca do portal de periódicos CAPES (<http://novo.periodicos.capes.gov.br/>), o qual está integrado com diversas bases de dados científicas. Dentre essas bases, estão as pesquisadas por este trabalho: JSTOR, SciELO, Medline, SAGE, PubMed, ScienceDirect e Wiley Interscience.

Como critério de pesquisa foi utilizado inicialmente a seguinte sentença “*instrumentos projetivos em avaliação forense*”. Em seguida foram realizadas outras pesquisas substituindo, alternativamente, o termo “*instrumento*” por *técnica, método* ou *teste*. Também foram empregados os termos em inglês: *projective tests in forensic evaluation, projective instruments, projective tests, projective techniques, projective methods, forensic evaluation, forensic assessment*, e em espanhol: *las pruebas proyectivas en la evaluación forens, instrumentos proyectivos, pruebas proyectivas, técnicas proyectivas, métodos proyectivos, evaluación forense*.

Foi estabelecido como critério de aceitabilidade o resultado obtido nas pesquisas que trouxesse a indicação de livros e artigos científicos, com data de publicação entre os anos de 2002 e 2012, que abordassem de alguma forma o tema em estudo e disponíveis gratuitamente na internet ou em bibliotecas, inclusive a do autor.

RESULTADOS

A pesquisa logrou êxito em obter alguns resultados dentro dos parâmetros especificados, tanto em publicações em língua nacional como em línguas estrangeiras (inglês e espanhol). As referências bibliográficas passarão a ser apresentadas em ordem cronológica, independente da origem da língua de escrita.

No Brasil, encontramos o trabalho de Wechsler (2003) que se dedicou a validação e precisão do desenho da figura humana como medida do desenvolvimento das crianças brasileiras, tendo uma amostra inicial de 10.274 crianças de escolas públicas na faixa etária entre 5 a 11 aos de idade. Por questões de logística a amostra foi reduzida para 2391 com uma distribuição quase que igualitária entre os sexos.

O estudo de Wechsler (2003) permite o uso do desenho da figura humana como medida cognitiva de crianças e além de aplicações na área clínica, seu uso em avaliações forenses é perfeitamente viável e respaldado pela sua padronização em nossa população infantil. Embora não seja direcionado para este fim, o *Desenho da Figura Humana – DFH-III* é um instrumento projetivo adequado aos casos forenses em que a inteligência da criança, por alguma razão, é o ponto crucial do processo judicial. Lally (2003), nos Estados Unidos, apresentou uma pesquisa com 64 psicólogos forenses registrados na *American Board of Professional Psychology*, cada um com pelo ou menos 1.000 horas de atividades forenses ao longo de um período de 5 anos e 100 horas de treinamento especializado.

A pesquisa solicitou aos respondentes que classificassem alguns testes como *recomendado, aceitável, inaceitável e duvidoso* para serem utilizados em seis áreas forenses (norte-americana) alguns instrumentos psicológicos apresentados em uma lista. Os participantes também tiveram a opção de responderem "sem opinião" e foram encorajados a declarar que não estavam familiarizados com qualquer um dos testes ou técnicas apresentadas.

As seis áreas forenses norte-americana são: a) avaliação do estado mental ao tempo da ação (delituosa), b) avaliação do risco de violência futura, c) avaliação do risco para a violência sexual futura, d) simulação, e) competência para ser julgado e f) competência para renunciar direitos constitucionais (Miranda Rights).

Os testes apresentados aos psicólogos forenses da *American Board of Professional Psychology* por meio da lista foram os seguintes (Lally, 2003):

WAIS—III - Wechsler Adult Intelligence Scale—III

MMPI-2 - Minnesota Multiphasic Personality Inventory—2

R-CRAS - Roger's Criminal Responsibility Assessment,

Halstead—Reitan - Battery

PAI - Personality Assessment Inventory

Luria—Nebraska Neuropsychological Battery

MCMI—III Millon Clinical Multiaxial Inventory—III (MCMI—III),

MCMI—II - Millon Clinical Multiaxial Inventory—II (MCMI—II),

Stanford—Binet—Revised

Rorschach Test

16PF - Sixteen Personality Factor Questionnaire

Projective drawings

TAT - Thematic Apperception Test (TAT).

Sentence Completion

KBIT - Kaufman Brief Intelligence Test

WASI - Wechsler Abbreviated Scale of Intelligence

PCL-R Psychopathy Checklist—Revised

HCR-20 – Assessing Risk for Violence

PCL-SV - Psychopathy Checklist—Screening Version

VRAG - Violence Risk Appraisal Guide (VRAG),

LSI - The Life Styles Inventory

SORAG - Sexual Offender Risk Appraisal Guide

Penile Plethysmograph

SVR-20 - Sexual Violent Risk–20,

Abel Screen – Abel Assessment for sexual interest - 2

ASBI - Aggressive Sexual Behavior Inventory

CSFQ - Coercive Sexual Fantasies Questionnaire

MASA - Multidimensional Assessment of Sex and Aggression

RMAS – Rape Myth Acceptance Scale

MSI - Multiphasic Sex Inventory,

CAT-CA - MacArthur Competence Assessment Tool—Criminal Adjudication ,

GCCT– Georgia Court Competency Test,

CADCOMP Test

KBIT - Kaufman Brief Intelligence Test

SIRS - Structured Interview of Reported Symptoms

BRMAS - Burt Rape Myth Acceptance Scale

Rey - Rey Fifteen Item Visual Memory Test

VIP - Validity Indicator Profile

TOMM - Test of Memory Malingering,

VSVT - Victoria Symptom Validity Test

M-Test

Portland Digit Recognition Test

MPS Test

CSFQ - Coercive Sexual Fantasies Questionnaire.

No tocante aos testes projetivos, objeto de interesse desse artigo, os resultados da pesquisa de Lally (2003) apontam uma rejeição unânime pelos instrumentos projetivos apresentados (Rorschach, TAT, desenhos projetivos e complemento de sentenças) cujas as classificações podem ser assim sintetizadas por áreas de atuação forense:

Para a avaliação do estado mental ao tempo da ação (delituosa)

Instrumento	Classificação
Rorschach	Duvidoso
Desenhos projetivos TAT Complementação de sentenças	Inaceitáveis

Para a avaliação do risco de violência futura

Instrumento	Classificação
Rorschach Desenhos projetivos TAT Complementação de sentenças	Inaceitáveis

Para a avaliação do risco para a violência sexual futura

Instrumento	Classificação
Rorschach Desenhos projetivos TAT Complementação de sentenças	Inaceitáveis

Para a competência para ser julgado

Instrumento	Classificação
Rorschach Desenhos projetivos TAT Complementação de sentenças	Inaceitáveis

Para a competência para renunciar direitos constitucionais (Miranda rights).

Instrumento	Classificação
Rorschach Desenhos projetivos TAT Complementação de sentenças	Inaceitáveis

Para a verificação de Simulação

Instrumento	Classificação
Rorschach Desenhos projetivos TAT Complementação de sentenças	Inaceitáveis

Agrawal (2004) em uma pesquisa entre os anos de 1999 e 2004 com psicólogos forenses norte-americanos detectou um decréscimo no uso de instrumentos projetivos, em especial a Técnica de Rorschach e os desenhos projetivos. A causa levantada pela autora é que estes instrumentos vêm sendo criticados, sobretudo pela falta de padronização como ferramenta de avaliação.

Em contrapartida, Agrawal (2004) notou um movimento incoerente por parte dos psicólogos forenses norte-americanos, pois ao mesmo tempo em que identificou um afastamento das técnicas projetivas tradicionais (Rorschach e desenhos projetivos) a pesquisa mostrou um aumento na utilização do TAT nas avaliações forenses. Porém, o grande deslocamento dos psicólogos forenses norte-americanos foi para os testes objetivos (MMPI-2, Wechsler Scales,...), com menos subjetividade e controvérsia, visando um maior apoio para os seus resultados e reforço nas avaliações.

Villemor-Amaral (2005), no Brasil, resgata, após três décadas, o vigor científico do *Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister* realizando uma nova normatização, precisão e validação deste instrumento projetivo. O estudo acrescenta uma validação da técnica para o diagnóstico diferencial de alguns quadros psicopatológicos de acordo com os critérios do DSM-IV, o que permite a sua utilização em avaliações psicológicas forenses.

Gomila (2005), na Espanha, faz uma síntese das principais revisões acadêmicas sobre os testes projetivos. A autora aponta um aumento e vitalidade na utilização das técnicas projetivas e ressalta o emprego de três técnicas conhecidas: o Rorschach, o TAT e os desenhos projetivos, entre eles o Desenho da Figura Humana, o H-T-P, o Desenho da Família, o Desenho do Animal e o Desenho do Casal.

Duarte e Arboleda (2006), na Espanha, apresentam um guia para avaliação em casos de abuso sexual infantil. Não há citação de instrumentos projetivos, mas sim de protocolos com forte influência norte-americana. Porém, os autores dedicam um capítulo a uma técnica muito utilizada por psicólogos em meio forense, sobretudo no Brasil que são os bonecos anatômicos. Após uma exaustiva revisão da literatura os autores concluem que a utilização dessa técnica é controversa, sem confiabilidade e não deveria ser utilizada em juízo.

Villemor-Amaral e Werlang (2008), no Brasil, publicam um livro por elas organizado, no qual apresentam estudos atualizados sobre a credibilidade e utilidade das principais técnicas projetivas utilizadas no Brasil, entre várias, a Técnica de Rorschach, o Teste de Zulliger, o Teste de Apercepção Temática, Testes das Pirâmides Coloridas de Pfister e alguns desenhos projetivos (H-T-P e Figura Humana). O livro apresenta um capítulo dedicado a utilização da técnica de Rorschach em avaliações psicológicas na área forense.

Nudel (2009), na Argentina, reafirma a utilização de técnicas projetivas como ferramentas a serem utilizadas em perícia psicológica forense em casos de delitos sexuais intrafamiliares. A autora cita os tradicionais testes projetivos H-T-P e Desenho da Figura Humana, além do Psicodiagnóstico de Rorschach. Mas, em sua obra Nudel também cita outras técnicas projetivas denominadas como *gráficas* para avaliação dos vínculos familiares, a saber:

- O desenho do plano da casa;
- O desenho da Árvore Genealógica;
- O desenho do conjunto familiar;
- O Teste do Personagem;
- O Teste do desenho da família presente, passada e prospectiva;
- O Teste da Família Cinética.

Na Espanha, Sierra, Jiménez e Buela-Casal (2010) em um extenso manual apresentam um rol de técnicas para avaliação em psicologia forense, mas não citam nenhuma técnica projetiva. A maioria dos instrumentos citados são baterias, inventários, questionários e escalas. Há também a citação de instrumentos desenvolvidos especificamente para o ambiente forense, mas que se configuram também como uma lista de critérios.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa apontou que os instrumentos projetivos utilizados nas avaliações forenses no Brasil ainda são os mesmos de décadas passadas entre os quais se destacam *a Técnica de Rorschach, o Teste Zulliger, o Teste H-T-P (House-Tree-Person), o Psicodiagnóstico Miocinético de Mira y López, o Teste de Apercepção Temática (Murray)*. Apesar de seu pioneirismo o *Teste de Associação de Palavras de Jung* deixou de ser empregado ao longo do tempo.

Em que pese o contínuo uso das técnicas projetivas em avaliações forenses no Brasil, observou-se que há pouca literatura científica sobre o tema, sobretudo que apresentem pesquisas validando o uso na área forense, o que implica na utilização de parâmetros clínicos, também pouco pesquisados e divulgados.

Na Argentina o uso de instrumentos projetivos ainda tem a preferência dos psicólogos forenses e, assim como no Brasil, há também o concurso de outros testes psicológicos objetivos para completar a avaliação. Porém, há o registro de novas técnicas, ainda não conhecidas em nosso país, e que merecem um estudo para adaptação e validação junto a nossa população forense.

Por outro lado, a pesquisa revelou que nos Estados Unidos houve um forte decréscimo no uso de instrumentos projetivos em avaliações forenses entre a década de 90 e o início dos anos 2000. Havendo uma tendência estável pela utilização de instrumentos objetivos tais como inventários, escalas e questionários.

A principal razão para este abandono dos instrumentos projetivos pelos psicólogos forenses norte-americanos remonta ainda ao século passado. Cox (2001) relata os trabalhos de Clifford Swensen já em 1957 o qual colocou em descrédito os

resultados obtidos nos Desenhos da Figura Humana de Karem Machover. Lally (2003) apresenta como explicações o fato dos psicólogos americanos buscarem técnicas menos subjetivas e controversas, evitando assim os embates nas cortes judiciais.

Na Espanha, os instrumentos projetivos ainda são utilizados pelos psicólogos forenses, mas, é nítida a atual tendência ao decréscimo dessas técnicas, indicando um movimento parecido ao que ocorre nos Estados Unidos.

CONCLUSÃO

A história demonstra que desde o seu surgimento os instrumentos projetivos foram utilizados não só na prática clínica como também na área forense. No passado, sem a pressão por um rigor científico, os instrumentos projetivos eram usados com mais profusão em avaliações forenses em quase todos os países ocidentais. Porém, a prática do contraditório, comum no ambiente forense, trouxe à baila a questão da validade e confiabilidade dos resultados obtidos nestes instrumentos.

Nos países onde a validade e confiabilidade dos instrumentos projetivos ainda não foram severamente questionadas como prova admissível em direito, o emprego desses instrumentos, com raras exceções, se faz com os parâmetros obtidos para a área clínica.

Por outro lado, nos países onde já houve um forte questionamento jurídico quanto a validade e confiabilidade dos instrumentos projetivos, os psicólogos forenses optaram por recuar no uso desses instrumentos e passaram a utilizar aqueles considerados objetivos e menos sujeitos à crítica feroz no judiciário.

A prática forense não exige a construção de testes psicológicos específicos, exige apenas a segurança de que estão trabalhando com instrumentos confiáveis e que avaliam, com rigor científico, aquilo para o qual foram construídos, evitando assim possíveis erros jurídicos em sede de julgamentos.

Assim, a melhor forma de amparar e incrementar a utilização de instrumentos projetivos em avaliações forenses é incentivar a pesquisa e, sobretudo, a padronização junto à população forense, obtendo assim dados confiáveis para a aplicação nas diversas áreas nas quais a Psicologia Forense pode contribuir para o Direito.

REFERÊNCIAS

- Agrawal, S.P. (2004). *Current trends for Rorschach use in forensic settings*. Doctoral dissertation, Chicago School of Professional Psychology, Chicago, Illinois.
- Anastasi, A. (1977). *Testes psicológicos* (2ª ed.). São Paulo: Editora EPU.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Backes-Thomas, M. (1974). *Teste dos três personagens – contribuição ao estudo dos métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Baumgart, M.R. (2010). *Differences in forensic assessment practices between professional: a survey of licensed, board-certified clinical, and board-certified forensic psychologist*. Doctoral dissertation, Alliant International University, Los Angeles, California.
- Borum, R., & Grisso, T. (1995). Psychological test use in criminal forensic evaluations. *Professional Psychology: Research and Practice*, 26(5), 465-473.
- Campos, D. M. S. (1978). *O Teste do Desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade* (9ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Cox, M. (2001). *Desenho da Criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dourado, L. A. (1969). *Ensaio de Psicologia Criminal – O Teste da Árvore e a Criminalidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Duarte, J. C., & Arboleda, M. R. C. (2006). *Guía para la evaluación del abuso sexual infantil* (2ªed.). Madrid: Pirámide.
- Ducceschi, E. (1966). *O Teste da Árvore*. Porto Alegre: La Salle.
- Gomila, M. V. (2005). *Tests Proyectivos: aplicación al diagnóstico y tratamiento clínicos*. Barcelona: Ube, Psicologia2. Recuperado em 11 maio, 2012 do site: http://www.teclasala.cat/intranet/documents/web/fotos/fotos_noticies/tests_proyectivos.pdf
- Genil-Perrin, G. (1936). *Psychanalyse e Criminologia* (L. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara
- Lally, S. J. (2003). What Tests Are Acceptable for Use in Forensic Evaluations? *Professional Psychology: Research and Practice*, 34(5), 491-498

- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2005). *Fundamentos da Metodologia Científica* (6ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Nudel, C. R. (2009). *Herramientas para la pericia psicológica em delitos sexuales intrafamiliares*. Buenos Aires: Akadia.
- Ricci, C. (1888). *L'arte dei bambini*. Recuperado em 08 maio, 2012 do site: <http://archive.org/stream/lartedeibambini00riccgoog#page/n9/mode/2up>
- Rovinski, S. L. R. (2004). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paulo: Vetor.
- Ruskin, J. (1857). *The elements of Drawing: In three letters to beginners*. Recuperado em 08 maio, 2012 do site: http://books.google.com.br/books?id=8SoDAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Sierra, J. M. , Jiménez, E. M., & Buela-Casal, G. (2010). *Psicología forense: manual de técnicas y aplicaciones*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Villemor-Amaral, A. E. (2005). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: CETPP.
- Villemor-Amaral, A. E. & Werlang, B. S. G. (2008). (Orgs.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wechsler, S. M. (2003). *O desenho da Figura Humana - DFH III - avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças brasileiras* (3ªed.). Campinas: LAMP/PUC.

PSICOLOGIA FORENSE E RORSCHACH: PESQUISAS E ATUAÇÃO¹⁴

Paulo Francisco de Castro

*Universidade Guarulhos**Universidade de Taubaté***INTRODUÇÃO**

A inserção da psicologia a serviço da lei não é recente e ganha espaço a cada dia, fazendo com que os profissionais dessa área façam adequações técnicas para que as estratégias psicológicas enquadrem-se às necessidades impostas a cada caso. Observa-se um interesse cada vez maior de estudantes e de psicólogos no estudo das estratégias de aplicação da psicologia junto às necessidades impostas pelo trabalho nos diferentes contextos forenses.

Uma das grandes contribuições da psicologia para a área forense é a de avaliação psicológica. A avaliação psicológica forense pode ser empregada em diferentes circunstâncias, dependendo da necessidade de investigação da personalidade e da inteligência dos indivíduos envolvidos (Azevedo & Fernandes, 2000; Fernandes, 2000; Rovinski, 2004).

Historicamente, a avaliação psicológica tem se mostrado demanda principal nos operadores do Direito, configurando-se, talvez, como a mais antiga prática em psicologia jurídica por meio das perícias em todas as intersecções entre as duas áreas. O aprimoramento da prática da avaliação forense exige do profissional mais atividade e focalização do que na prática clínica. No serviço da avaliação psicológica à Lei, condutas de simulação e dissimulação são constantes, e o profissional deve atentar para essa possibilidade, utilizando-se de instrumental que dificulte ou até mesmo impeça a ocorrência de tais ações dos indivíduos avaliados (Lago & Bandeira, 2009).

¹⁴ Apoio: PESQDOC/UnG - Programa de Pesquisa Científica Docente da Universidade Guarulhos.

O processo de avaliação ou de perícia na área forense ou criminal, embora possua características próprias da área, deve seguir um conjunto de procedimentos técnicos e cientificamente embasados para que o profissional possa basear-se em critérios bem definidos e científicos (Levin, 2000; Lopes, 2000; Rovinski, 2000). Para Lago e Bandeira (2009), é necessário definir foco e traçar estratégias eficientes para poder executar os procedimentos de avaliação psicológica.

A entrevista mostra-se como uma das principais estratégias na articulação da avaliação no contexto forense e, diferente da entrevista de investigação clínica, busca a identificação de elementos ligados ao mundo externo e a discriminação das vivências internas em contraste daquelas realmente vividas. Dessa maneira, a entrevista psicológica no contexto forense possui características investigativas (Rovinski & Stein, 2009). Além da entrevista, outros recursos de avaliação são igualmente importantes na verificação de aspectos psicológicos em trabalhos forenses.

Estudos envolvendo levantamento de técnicas de exame psicológico e o emprego de instrumentos de avaliação têm sido desenvolvidos por profissionais da área, no sentido de discutir a grande viabilidade do uso de estratégias de avaliação, permitindo melhor compreensão dos aspectos psíquicos dos avaliados, garantindo maior confiabilidade e segurança para a realização das perícias criminológicas (Castro, 2000, 2006b; Castro & Rocha Júnior, 2000a, 2004; Rovinski & Elgues, 2000). O estudo sobre o emprego de técnicas psicológicas na avaliação da estrutura psicológica de indivíduos que, de alguma forma, infringiram a lei, tem crescido cada vez mais. O objetivo desses estudos foi analisar a relação entre as características de personalidade e o cometimento de algum tipo de ato infracional. Os dados são utilizados em trabalhos de diagnóstico e prevenção à reincidência (Mikulic, 1996).

Rovinski (2000) propõe uma divisão da atuação em psicologia forense em três áreas: direito penal, direito de família e ressarcimento. Essa divisão expõe a melhor forma de compreender o alcance e as limitações das estratégias de avaliação quando inseridas no contexto jurídico.

A prática psicológica no direito penal, talvez a mais conhecida, avalia indivíduos que se envolveram em delitos e infringiram a lei, tanto na fase de julgamento como no cumprimento das penas (Rovinski, 2000). Sua importância centra-se na compreensão

dos fatores cognitivos e de personalidade que influenciaram o comportamento dos indivíduos que geraram os delitos.

Nesse âmbito, a utilização de técnicas de exame psicológico mostra-se de extrema importância para o levantamento das capacidades e dificuldades dos indivíduos, bem como compreender os dinamismos que influenciaram nas suas condutas delitivas.

Costa (2006) esclarece que a escolha das estratégias e dos instrumentos a serem empregados na avaliação psicológica é prerrogativa do psicólogo e devem atender aos objetivos traçados pela necessidade da investigação.

Tem-se a indicação para uso de TAT e PMK historicamente determinados para verificação de personalidade em indivíduos que infringem a Lei (Myra y Lopez, 1967/2007). Estudos demonstraram a importância da utilização de técnicas de investigação psicológica na avaliação de características de personalidade de indivíduos que cometeram algum tipo de delito, fornecendo importantes informações para a avaliação pericial desses casos (Castro, 2006b; Castro & Rocha Júnior, 2000b; 2002, 2004a, 2004b; Rovinsky, 2008).

Na avaliação de personalidade, aspecto de suma importância no estudo jurídico, enfatiza a importância do Método de Rorschach como um dos melhores testes psicológicos a serem empregados na avaliação em situação penal, entretanto, enfatiza a importância de outras técnicas projetivas como Pfister, TAT e Técnicas Gráficas. Os fundamentos do Rorschach, seu desenvolvimento e sua aplicabilidade nesse contexto (Costa, 2006).

No direito de família, a avaliação é empregada em situações de separação, guarda e capacidade, auxiliando os componentes dos núcleos familiares num momento de muita necessidade de investigação e carência de apoio (Rovinski, 2000). Nessas atividades, o uso de técnicas psicológicas permite a avaliação da estrutura da personalidade e dos seus dinamismos, inserindo-os no contexto relacional da família.

Estudos na área de família destacaram a importância e a necessidade de domínio das técnicas de avaliação psicológica, bem como da contextualização dos resultados aplicados ao âmbito da família. Há a necessidade de uma compreensão ampla dos indivíduos e seu papel no contexto familiar para que as conclusões de avaliação sejam pertinentes (Mello, 2000; Silva, 2004).

Necessidades de compreensão psíquica dos conflitos familiares fizeram com que o profissional de psicologia desenvolvesse um conjunto de estratégias de avaliação psicológica que pudesse articular a interface entre Psicologia e Direito, principalmente na prática de família. A avaliação psicológica nos casos de conflito familiar é a mais solicitada na prática em psicologia jurídica, principalmente nos casos de guarda e regulamentação de visitas que, por si, já carregam grande dificuldade pelas consequências advindas das decisões, quaisquer que sejam. O uso de técnicas de avaliação psicológica deve ser, como em outros casos similares, extremamente criterioso, lançando mão de estratégias seguras e que permitam análise aprofundada dos envolvidos (Maciel & Cruz, 2009).

Na avaliação para ressarcimento, a menos conhecida, é empregada para questões de indenização por danos. Nessa prática a avaliação psicológica poderá esclarecer as consequências advindas de uma determinada situação, conferindo a isso a possibilidade de ressarcimento (Rovinski, 2000).

Em se tratando do Método de Rorschach, autores enfatizam sua importância como recurso para verificação da personalidade dos indivíduos avaliados no contexto forense.

Caires (2003) descreve seu percurso profissional, a partir da exposição de casos atendidos e periciados pela autora, destaca-se a utilização de várias técnicas de avaliação psicológica, de cunho psicométrico e projetivo, enfatizando que os resultados dos testes sempre elucidam uma série de questões da perícia e fornecem amplo e rico material para que o psicólogo possa encaminhar suas conclusões e sugestões. Inclui na relação dos instrumentos o Método de Rorschach.

MÉTODO

Sobre análise de produção

A revisão de literatura é sempre oportuna e possibilita uma rica análise do material publicado, apoiando o desenvolvimento de investigações científicas na área. Witter (1997, 1999, 2005a, 2005b), apresentou ampla discussão e reflexão sobre a metodologia empregada para pesquisas envolvendo produção científica, bem como

expôs vários exemplos de pesquisas sobre o tema. Ampliando as possibilidades de investigações que envolvessem produção científica nos mais diferentes contextos e com as mais diferentes estratégias.

Esses estudos ampliam a possibilidade para o desenvolvimento de recortes, analisando a produção científica, contribuindo e incentivando novas investigações, desde que critérios bem estabelecidos permeiem o desenvolvimento dessas reflexões para que, amparados em um rigor científico, possibilite considerações consistentes (Freitas, 1998).

Os dados da efetividade do conhecimento produzido em determinadas áreas do conhecimento podem ser estudados, observando-se, assim, o próprio progresso científico. Esse conhecimento está relacionado ou dependente da avaliação sistemática da produção e do trabalho dos pesquisadores, garantindo o aperfeiçoamento constante em benefício da sociedade (Witter, 1997, 1999, 2005a, 2005b).

A análise da produção científica proporciona uma ampla visão do material publicado, podendo caracterizar-se pela interpretação de uma área, um assunto, uma base de dados ou de um periódico específico.

A Ciência tem como necessidade converter a informação obtida em conhecimento produtivo de qualidade, sendo significativo na busca de melhores soluções para os problemas e questionamentos humanos. Numa perspectiva de análise da produção científica com foco na identificação de áreas onde mais trabalhos foram desenvolvidos, é possível com base nos dados levantados, refletir sobre os interesses e a política de apoio à pesquisa e aos pesquisadores, bem como ao número de pesquisadores por título, representando a força produtiva da instituição. Por meio da apresentação de resultados dessas observações, amplia-se a possibilidade de novas pesquisas, identificando outras questões, também relevantes para atender às necessidades e problemas da realidade e da sociedade (Gonçalves et al., 1999; Oliveira, 1999).

Material

Foram analisados 892 resumos de artigos publicados no período compreendido entre 2000 e 2010, indexados em sete bases de dados:

- ADOLEC BRASIL - Saúde de Adolescentes e Jovens no Brasil;
- IBECs - Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud;
- LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde;
- PEPsIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia;
- PsYcINfO - Psychological Information of American Psychological Association;
- REDALYc - Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal;
- SCIELO - Scientific Electronic Library Online.

Procedimento

As bases de dados indicadas possuem acesso eletrônico e o levantamento foi realizado com a inclusão do termo 'Rorschach' para a busca de artigos.

Após esse levantamento, os resumos dos artigos foram lidos detalhadamente, para a verificação dos itens previstos.

Dentre as diferentes possibilidades de investigação, está o estudo a partir de artigos publicados em periódicos científicos. Os periódicos científicos são responsáveis pela divulgação mais ágil das recentes descobertas nas mais variadas áreas do conhecimento, configurando-se como uma das principais fontes bibliográficas para o desenvolvimento e fundamentação de pesquisas (Castro, 2011; Malozze, 1999).

A análise dos resumos (*abstracts*) dos periódicos possibilita uma rica visão do material analisado, pois um resumo bem redigido pode descrever, de forma sintetizada, todas as informações relevantes sobre o material que trata o artigo publicado: objetivos, introdução, método, resultados e conclusões, possibilitando uma visão ampla do trabalho investigado (Domingos, 1999).

RESULTADOS

Após a leitura e análise dos resumos dos artigos, foi possível a verificação e sistematização dos dados em vários elementos de investigação, separados em aspectos formais e aspectos de conteúdo. Foram destacados os artigos que tratavam de assuntos ligados à área de psicologia forense. Do total investigado, apenas 35 textos referiam-se a questões na área forense, perfazendo 5% do material analisado. Os dados são os seguintes:

Aspectos Formais

Observou-se o ano de publicação dos artigos, conforme dados na Tabela 1.

Tabela 1. Ano de publicação dos artigos

Ano	N	%
2000	4	11,4
2001	4	11,4
2002	1	2,9
2003	4	11,4
2004	6	17,1
2005	3	8,6
2006	2	5,7
2007	1	2,9
2008	5	14,3
2009	1	2,9
2010	4	11,4
Total	35	100

Os dados revelam que a maior parte dos artigos foi publicada em 2004 (17,1% - N=6) e 2008 (14,3% - N=5). A média anual de publicação dos artigos foi de três artigos. Observa-se que nos anos indicados o número de trabalhos superou a média sobre o assunto.

Tabela 2. Periódicos responsáveis pelas publicações dos artigos

Periódico	N	%
Rorschachiana	3	8,6
Bulletin de Psychologie	2	5,7
International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology	2	5,7
Journal of Personality Assessment	2	5,7
Professional Psychology: Research and Practice	2	5,7
Psychologie Clinique et Projective	2	5,7
Estudos de Psicologia*	2	5,7
American Journal of Forensic Psychology	1	2,8
Child Maltreatment	1	2,8
International Journal of Law and Psychiatry	1	2,8
Journal of Child Custody: Research, Issues, and Practices	1	2,8
Journal of Forensic Psychology Practice	1	2,8
Journal of Forensic Sciences	1	2,8
Journal of Projective Psychology & Mental Health	1	2,8
Journal of Trauma & Dissociation	1	2,8
Nordic Journal of Psychiatry	1	2,8
Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*	1	2,8
Psicologia: Reflexão e Crítica*	1	2,8
Psychological Assessment	1	2,8
Psychology in the Schools	1	2,8
Psykhe	1	2,8
Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*	1	2,8
Revista Cubana de Psicología	1	2,8
Revista de Psicología - Escuela de Psicología, Universidad Central de Venezuela	1	2,8
Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica	1	2,8
Revista Mal-estar e Subjetividade*	1	2,8
Revue Européenne de Psychologie Appliquée	1	2,8
Total	35	98,8

*Periódicos brasileiros.

A Tabela 2 apresenta a lista de periódicos onde os artigos sobre psicologia forense foram publicados. Os textos foram publicados em 27 diferentes periódicos, sendo a Rorschachiana a revista com maior quantidade de publicações, com três trabalhos no período. Segue-se: Bulletin de Psychologie, International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, Journal of Personality Assessment, Professional Psychology: Research and Practice, Psychologie Clinique et Projective e Estudos de Psicologia com a publicação de dois artigos cada. O restante dos periódicos publicou apenas um texto sobre psicologia forense no tempo analisado.

Outra característica analisada foi o idioma de publicação dos artigos. Os dados relacionados ao idioma foram os seguintes:

Tabela 3. Idioma de publicação dos artigos

Idioma	N	%
Inglês	20	57,2
Português	6	17,2
Francês	5	14,3
Espanhol	4	11,2
Total	35	99,9

A tabela 3 expõe os idiomas de publicação dos artigos analisados, onde se verifica a prevalência de artigos em inglês (57,2% - N=20), seguido por português (17,2% - N=6), francês (14,3% - N=5) e espanhol (11,2% - N=4).

Quando a quantidade de autores é verificada, tem-se o seguinte:

Tabela 4. Quantidade de autores dos artigos

Quantidade de Autores	N	%
1	11	31,4
2	5	14,3
3	12	34,3
4	5	14,3
5	1	2,8
6	1	2,8
Total	35	99,9

A maior parte das publicações foi desenvolvida com três autores (34,3% - N=12) seguida por autoria única (31,4% - N=11). Os dados da Tabela 4 indicam que as pesquisas e reflexões realizadas com o Método de Rorschach na área forense são desenvolvidas, em sua maioria, com até quatro autores, os trabalhos envolvendo cinco ou seis autores são menos expressivos.

Embora alguns trabalhos indiquem a importância dos trabalhos serem escritos por mais autores, pelo fato de ampliar a possibilidade de discussão e promover reflexões interdisciplinares (Nakano, 2005; Reinhold, 2005; Witter, 2005b), nos levantamentos de pesquisas com o Método do Rorschach, observa-se uma tendência geral de produção de trabalhos com autoria única (Castro, 2004a; 2004b, 2006a).

Outro aspecto formal importante para análise é o número de vocábulos do título do trabalho. O título deve ser constituído de tal forma que elucide o que será tratado no artigo e merece atenção especial por parte dos autores. Segundo Witter (2005b), foca-se em 12 como número de vocábulos esperado para um título, permitindo-se uma variação entre dez e 15, quantidade que, para a autora, possibilita a identificação do texto de forma clara.

Tabela 5. Quantidade de vocábulos nos títulos dos artigos

Vocábulos título	N	%
05 a 09	13	37,1
10 a 15	15	42,8
16 a 28	7	20
Total	35	99,9

A Tabela 5 apresenta a distribuição da quantidade de vocábulos nos títulos dos artigos analisados e pode-se observar que a maior parte dos textos possuía entre dez e 15 vocábulos (42,8% - N=15), com média em 11,4 vocábulos empregados, o que caracteriza que o material alvo do presente estudo atende ao que se considera recomendado para nomear uma pesquisa.

Aspectos de Conteúdo

O primeiro aspecto de conteúdo a ser analisado é o tipo de pesquisa, caracterizado como investigações empíricas ou teóricas.

De acordo com a caracterização utilizada, 85,7% dos artigos tratavam de investigações empíricas (N=30), sendo a maior parte dos trabalhos. Nessas pesquisas diferentes delineamentos de pesquisas de campo foram empregadas, sempre na busca de compreensão factual das hipóteses levantadas. O restante, ou seja, 14,3% dos artigos tratavam de reflexões de cunho teórico (N=5) a partir das discussões de amplo material publicado sobre o Método de Rorschach.

A prevalência de trabalhos empíricos com o Rorschach é uma constante nos levantamentos em metanálise realizados com o referido instrumento. Todos os estudos realizados apontam para essa tendência que, a partir desses dados, revelam uma característica das pesquisas sobre o teste (Castro, 2004a, 2004b, 2006).

A fonte de dados das pesquisas empíricas também foi identificada. Nos estudos com seres humanos, foram identificadas as faixas etárias dos participantes das pesquisas, nos estudos sobre metanálise, história ou outros levantamentos, foi considerado material como fonte de informações.

Tabela 6. Participantes / Fonte de dados das pesquisas

Participantes / Fonte	N	%
Adulto	26	86,7
Adolescentes	1	3,3
Crianças	1	3,3
Material	2	6,7
Total	30	100

A Tabela 6 indica que a maior parte das pesquisas com o Método de Rorschach foi desenvolvida utilizando-se a população de adultos (86,7% - N=26), tal fato é corroborado em estudos anteriores (Castro, 2004a; 2004b, 2006). O emprego do Rorschach em adultos pode ser explicado pelas características do próprio instrumento e dos dados normativos disponíveis. A tarefa proposta pelo teste exige a associação perceptiva de imagens com forma indefinida, o que pode ser mais facilmente desenvolvido por adultos. Entretanto, estudos com outras faixas etárias são muito importantes, o desenvolvimento de normas e estudos com adolescentes e crianças é imprescindível para que o instrumento possa ser aplicado nesse período de vida.

Importante salientar sobre a necessidade de ampliação dos estudos com adolescentes e crianças para a efetivação mais ampla do uso do Método de Rorschach na área forense.

Em relação ao sistema de classificação do Rorschach empregado nos estudos que foram publicados, tem-se que apenas 14,3% (N=5) dos resumos identificou o sistema compreensivo como enfoque técnico utilizado, o restante dos trabalhos analisados não indicava o sistema utilizado. Tal aspecto pode ser justificado pelo fato da análise ter sido feita com os resumos, em uma análise do artigo como um todo, possivelmente a identificação seria fácil, pois cada sistema possui um conjunto de características que o define. Entretanto, como o sistema de classificação define a estratégia técnica a ser utilizada e resumo deve sintetizar o material da publicação de

forma completa, entende-se importante que a informação do sistema de classificação seja inserida no texto do resumo.

Foi feito um levantamento de outros instrumentos de avaliação psicológica utilizados para o desenvolvimentos das pesquisas analisadas.

Tabela 7. Outros instrumentos de avaliação psicológica utilizados

Outros instrumentos	N	%
Não utilizou	22	57,9
Escalas / Inventários	7	18,4
MMPI	2	5,3
TAT	2	5,3
WAIS	2	5,3
CAT	1	2,6
Desenho	1	2,6
Vários testes	1	2,6

Observa-se que 57,9% (N=22) dos trabalhos foi desenvolvido exclusivamente com os dados do Método de Rorschach, isso possivelmente se deve ao fato do teste fornecer amplo conjunto de dados que possibilita a investigação de vários aspectos psicológicos importantes para avaliação nos diferentes contextos forenses.

Além do uso do Rorschach, seis outras estratégias de avaliação psicológica foram empregadas nos estudos e reflexões das pesquisas. Os dados apresentados na Tabela 7 trazem os outros testes que foram utilizados nos estudos e observa-se a utilização de diferentes tipos de escalas e inventários (18,4% - n=7) para associação dos dados na avaliação forense. Atualmente, amplo material sobre escalas e inventários está disponível para utilização de clínicos e pesquisadores, possibilitam a avaliação objetiva de vários quadros psicológicos e orgânicos. Segue-se outros instrumentos de avaliação psicológica utilizados em conjunto com o Rorschach em dois estudos cada: o Teste de Apercepção Temática - TAT, Inventário Multifásico de Personalidade Minnesota - MMPI e Escala Wechsler de Inteligência para Adultos - WAIS.

A área de investigação constitui-se como uma das informações mais importantes dos estudos em metanálise. No presente trabalho os resumos sobre psicologia forense foram categorizados segundo os seguintes critérios:

Tabela 8. Áreas de investigação das pesquisas na área forense

Área de investigação	N Área	%
Crimes Sexuais	11	31,4
Psicopatia	8	22,8
Questões Técnicas	7	20
Psicopatologia	4	11,4
Homicídio	2	5,7
Agressividade	1	2,9
Direito de Família	1	2,9
Aspectos Gerais	1	2,9
Total	35	100

Segundo é possível observar na Tabela 8, houve a publicação de artigos em oito diferentes áreas de investigação. As mais incidentes foram categorizadas como reflexões que envolveram crimes sexuais (31,4% - N=11), estudos sobre o uso do Rorschach no estudo da psicopatia (22,8% - N=8), análise sobre diferentes questões técnicas do uso de testes psicológicos e Rorschach na área forense (20% - N=7) e associação de quadros psicopatológicos na área forense (11,4% - N= 4). Além dessas áreas de investigação, ainda destaca-se 5,7% de trabalhos sobre homicídios e um artigo sobre agressividade, direito de família e aspectos gerais da avaliação forense.

Cada grupo de trabalhos destacados na área de investigação foram analisados, com vistas a se levantar suas principais considerações, descritas a seguir:

Os artigos que tratavam sobre crimes sexuais enfatizaram algumas considerações importantes como: é possível traçar um perfil de personalidade comum em agressores sexuais, que indicam falta de recursos para organizar seus conteúdos, associados a traços perversos e narcísicos, mas sem vivência psicopatológica, assim pode-se diferenciar esses indivíduos de outros que cometeram delitos diferentes. Em relação às vítimas, tem-se que a experiência de abuso sexual gera fortes

consequências psíquicas, levando a alterações da personalidade, esses fatores podem ser observados na linguagem das vítimas por meio da emissão das respostas. Também se observou certa controvérsia entre duas publicações, pois uma enfatiza a importância e eficiência do uso do Rorschach nas perícias de vítimas de crime sexual, mas outro estudo conclui que técnicas projetivas não devem ser usadas para identificar abuso infantil.

Nos trabalhos sobre psicopatia observou-se que os autores enfatizam a utilização do Rorschach e das técnicas projetivas como recursos eficientes na identificação de quadros de psicopatia, inclusive traçam um conjunto de indicadores para essa finalidade. Além disso foi destacado a relação entre comprometimento cognitivo e condutas agressivas em psicopatas e uma ilustração de indicadores de psicopatia em mulheres que se encontravam presas.

Em relação às questões técnicas, a maior parte dos estudos reflete sobre a utilização do Rorschach na prática da avaliação em psicologia forense, enfatizam sua importância e a qualidade das avaliações que, por sua profundidade de análise, permitem amplo conjunto de informações psicológicas que auxiliam nas decisões judiciais. Além disso, reforçam que o uso de outras técnicas também se faz importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais o psicólogo é convocado para contribuir com os conhecimentos técnicos da área nas ações judiciais, criando espaço para atuação em psicologia forense. São muitas as possibilidades de trabalho nessa área e a avaliação psicológica assume importante papel na aplicação dos conhecimentos psicológicos a serviço da Lei.

Nesse cenário, o Método de Rorschach mostra-se como um dos principais recursos de avaliação psicológica, por sua profundidade de análise e ampla possibilidade de investigação de diferentes aspectos da personalidade.

O levantamento apresentado mostra as diferentes possibilidades de uso do Rorschach no contexto forense, revelando vários estudos em áreas de grande relevância no tema como crimes que envolvem questões sexuais, psicopatia e outros.

Importante salientar a necessidade de mais estudos sobre o tema, ampliando a possibilidade de uso do Rorschach e outras técnicas de avaliação na importante tarefa de se realizar a avaliação psicológica na área forense.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, M.S., & Fernandes, S.M. (2000). Implantação do serviço de psicologia no sistema penitenciário do Estado do Rio Grande do Norte: relato de experiência. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*, 3 (pp. 241-242). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.
- Caires, M.A.F. (2003). *Psicologia Jurídica: implicações conceituais e aplicações práticas*. São Paulo: Vetor Editora.
- Castro, P.F. (2000). O Método de Rorschach como instrumento para a investigação da psicopatia. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*, 3 (pp. 290-293). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.
- Castro, P.F. (2004a). Caracterização da produção científica da Sociedade Brasileira de Rorschach. In: C.E. VAZ & R.L. GRAEFF (org.). *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa*. (pp. 385-390). Porto Alegre: ASBRo.
- Castro, P.F. (2004b). Descrição da produção científica publicada em artigos no Boletim da Sociedade de Rorschach de São Paulo. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, 14 (1), 19-37.
- Castro, P.F. (2006a). A utilização de técnicas de exame psicológico em diferentes contextos da prática forense. In: N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (Org.). *Métodos projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura*. (pp. 189-196). Brasília: ASBRo.
- Castro, P.F. (2006b). Histórico da produção científica do sistema compreensivo no Brasil a partir dos eventos da ASBRo. In: N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (Org.).

Métodos projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura. (pp. 114-123). Brasília: ASBRo.

Castro, P.F. (2011). Pesquisas em metanálise: o uso artigos na investigação científica. *Anais do Encontro de Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo, 19* (pp. 97-102). Guarulhos: Universidade Guarulhos.

Castro, P.F. & Rocha Júnior, A. (2000a). Organização intelectual de reeducandos que cometeram o delito de assalto avaliados pelo Método de Rorschach. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica, 3* (pp. 56-59). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.

Castro, P.F. & Rocha Júnior, A. (2000b). Dinâmica afetiva em indivíduos, cumprindo pena em regime fechado, avaliados pelo Psicodiagnóstico de Rorschach. *Anais do Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos, 3* (pp. 118-121). Ribeirão Preto: SBRo.

Castro, P.F. & Rocha Júnior, A. (2002). Representação simbólica das figuras parentais de autoridade em indivíduos que cometeram crimes sexuais avaliados pelo Rorschach. *Anais do Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica, 5 e Conferência Internacional de Avaliação Psicológica, 8* (pp. 267-269). Belo Horizonte: PUC Minas.

Castro, P.F. & Rocha Júnior, A. (2004a). A (não)utilização do Método de Rorschach no Sistema Penitenciário de São Paulo. In C.E.Vaz & R.L. Graeff (orgs.) *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa.* (pp. 401-404). Porto Alegre, RS : SBRo.

Castro, P.F. & Rocha Júnior, A. (2004b). Técnicas projetivas utilizadas em atividades de avaliação psicológica no Sistema Penitenciário de São Paulo. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo, 14* (1), 59-70.

Costa, G.B.P. (2006). A utilização dos exames de personalidade nos processos penais: A Prova de Rorschach e outras técnicas projetivas. In: A.P. Serafim, D.M. Barros & S.P. Rigonatti. *Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica II.* (pp. 169-192). São Paulo: Vetor Editora.

Domingos, N.A.M. (1999). Análise da estrutura dos resumos de dissertações e teses em psicologia. In G.P. Witter (org.) *Produção científica em psicologia e educação.* (pp 47-78). Campinas: Editora Alínea.

- Fernandes, M.A. (2000). O trabalho do psicólogo no sistema penitenciário gaúcho. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*, 3 (pp. 222-229). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.
- Freitas, M.H.A. (1998). Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2 (3), 211-228.
- Gonçalves, C.L.C. et al. (1999). Avaliação da produção científica. In: G.P. Witter (org.). *Produção científica em psicologia e educação*. (pp. 131-139). Campinas: Alínea.
- Lago, V.M. & Bandeira, D.R. (2009). O uso de instrumentos de avaliação psicológica no contexto do direito de família. In: S.L.R. Rovinski & R.M. Cruz. *Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção*. (pp.55-66). São Paulo: Vetor Editora.
- Levin, E. (2000). La evaluación psicológica forense en poblaciones de bajos recursos culturales. *Libro de Resúmenes del Congreso Nacional de Psicodiagnóstico*, 4 (p. 63). Salta: ADEIP.
- Lopes, R. (2000). Avaliação psicológica: limites e conseqüências: os (des)caminhos da prática no sistema penitenciário. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*, 3 (pp. 325-328). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.
- Maciel, S.K. & Cruz, R.M. (2009). Avaliação psicológica em processos judiciais nos casos de determinação de guarda e regulamentação de visitas. In: S.L.R. Rovinski & R.M. Cruz. *Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção*. (pp.45-54). São Paulo: Vetor Editora.
- Malozze, G.L.M. (1999). Produção científica: periódicos. In: G.P. Witter (org.). *Produção científica em psicologia e educação*. (pp.103-122). Campinas: Alínea.
- Mello, A.C.M.P.C. (2000). Avaliação psicológica na Vara da Infância e da Juventude. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*, 3 (pp. 38-42). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.
- Mikulic, I.M. (1996). La evaluación psicopedagógica de los delincuentes: un instrumento para la prevención de la reincidencia. *Psicodiagnosticar*, 6 (6), 44-51.

- Myra y Lopez, E. (2007). *Manual de Psicologia Jurídica*. São Paulo: Impactus (Original publicado em 1967).
- Nakano, T.C. (2005). Pesquisa em criatividade: análise da produção científica do banco de Teses da CAPES (1996-2001). In G.P. Witter (org.). *Metaciência e psicologia*. (pp. 35-48). Campinas: Alínea.
- Oliveira, M.H.M.A. (1999). Título dos trabalhos do II seminário sobre currículo da PUC-Campinas. In: G.P. Witter, G.P. (org.). *Produção científica em psicologia e educação*. (pp. 9-22). Campinas: Alínea.
- Reinhold, H.H. (2005). Análise da produção científica de um congresso brasileiro de estresse. In G.P. Witter (org.). *Metaciência e psicologia*. (pp 111-135). Campinas: Alínea.
- Rovinski, S.L.R. (2000). Perícia psicológica na área forense. In J.A. Cunha e cols. *Psicodiagnóstico V* (5ª ed rev. e ampl.). (pp. 183-195). Porto Alegre : Artmed.
- Rovinski, S.L.R. (2004). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paulo : Vetor Editora.
- Rovinski, S.L.R. (2008). O Rorschach e as técnicas projetivas no contexto forense. In: A.E. Villemor-Amaral & B.S.G. Werlang (org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (pp. 107-119). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rovinski, S. & Elgues G.Z. (2000). Avaliação psicológica na área forense: uso de técnicas e instrumentos. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*, 3 (pp. 361-366). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Asociación Iberoamericana de Psicologia Jurídica / Associação Brasileira de Psicologia Jurídica.
- Rovinski, S.L.R. & Stein, L.M. (2009). O uso da entrevista investigativa no contexto da psicologia forense. In: S.L.R. Rovinski & R.M. Cruz. *Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção*. (pp.67-74). São Paulo: Vetor Editora.
- Silva, M.T.A. (2004). O uso dos testes psicológicos no trabalho de perícia das Varas da Família e das Sucessões do “Fórum João Mendes Júnior - São Paulo - Brasil”. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, 10 (1), 23-33.
- Witter, G.P. (org.). (1997). *Produção científica*. Campinas: Editora Átomo.

Witter, G.P. (org.). (1999). *Produção científica em psicologia e educação*. Campinas: Alínea.

Witter, G.P. (org.). (2005a). *Metaciência e psicologia*. Campinas: Alínea.

Witter, G.P. (2005b). Leitura no Reading Research Quaterly (2000/2002). In: G.P. Witter (org.). *Metaciência e psicologia*. (pp. 137-154). Campinas: Alínea.

A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS PROJETIVAS NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PARA PORTE DE ARMA DE FOGO

Salvador Juliano Neto

Departamento de Polícia Federal – RJ

INTRODUÇÃO

O Sistema Nacional de Armas foi criado por meio da Lei nº 10.826, de 22/12/2003, que dispõe sobre o registro, posse e comercialização de armas de fogo. Com esta Lei, tornou-se obrigatória a avaliação psicológica para o candidato que desejar obter o porte de arma. O Departamento de Polícia Federal, como primeira medida para viabilizar o que exige a Lei, constituiu uma comissão composta por Psicólogos, que seriam responsáveis pela normatização de todos os procedimentos relacionados à avaliação psicológica para expedição de autorização para compra de armas de fogo e concessão de porte das mesmas. Esta normatização engloba a elaboração do Manual do Psicólogo, Ordem de Serviço, assim como o credenciamento dos psicólogos para atuarem junto ao Sistema Nacional de Armas.

Foram feitos estudos para elaboração do perfil do portador de arma de fogo através das avaliações psicológicas para o porte de arma até então realizadas no Departamento de Polícia Federal, e também toda a experiência nos concursos, chegando-se aos seguintes critérios: **IMPRESINDÍVEIS:** Conformidade e comportamento social, Agressividade controlada, Resistência à frustração, Recursos Mentais, Controle emocional, Estabilidade emocional, Maturidade, Relacionamento intrapessoal e interpessoal, Segurança e bom senso. **NECESSÁRIOS:** Autocrítica, Auto estima, Confiança, Energia Psíquica, Tensão psíquica, Afetividade e vida interior. **RESTRITIVOS:** Ansiedade, Dependência química, Fanatismo de qualquer tipo, Impulsividade, Agressividade e Psicopatologias.

Após a elaboração do perfil do portador de arma de fogo, foram feitas consultas ao Conselho Federal de Psicologia para definição dos instrumentos de avaliação. Consta na bateria uma gama de aproximadamente 20 instrumentos, que no

entender da comissão avaliam de forma bastante satisfatória. **INVENTÁRIOS E QUESTIONÁRIOS:** Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo – EFN, Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool – IECPA, Escalas de Beck, Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço – STAXI, Inventário de Sintomas de Stress para Adultos – ISSL, Questionário de Saúde Geral de Goldberg: Manual Técnico QSG, Inventário Fatorial de Personalidade: IFP, Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), Questionário de avaliação psicológica – QUATI Escalas de personalidade de Comrey – CPS; **PROJETIVOS:** HTP – Buck, Zulliger – Sistema compreensivo e aplicação coletiva, Rorschach – Sistema Compreensivo, Pirâmides coloridas de Pfister, Teste de Atenção Temática TAT; **EXPRESSIVOS:** Palográfico e PMK (completo) e **HABILIDADES ESPECÍFICAS:** Bateria Geral de Funções Mentais (testes de atenção BGMF 1 e 2), Teste D2, Atenção Concentrada AC, Teste de Atenção Concentrada TEACO. A aplicação e correção dos instrumentos deverão estar de acordo com as normas técnicas previstas nos respectivos manuais, podendo ser aplicados tanto individualmente como coletivamente. É permitida a aplicação de no máximo 10 (dez) baterias por dia e as correções deverão seguir as normas técnicas previstas nos respectivos manuais.

Outro aspecto importante foi com relação ao credenciamento dos profissionais que irão trabalhar com avaliação psicológica para o Sistema Nacional de Armas, bem como os procedimentos referentes à rotina do profissional credenciado. Psicólogo Indicado é o servidor pertencente ao PEC da Polícia Federal, Psicólogo Credenciado é o profissional designado pelo Superintendente Regional do DPF que deverá Possuir título de Psicólogo, 03 (três) anos de efetivo exercício da profissão, cursos dos testes exigidos com carga horária mínima de 80 (oitenta) horas, Dispor de ambiente e equipamentos adequados, Instalações comerciais deverão atender às normas legais e obter parecer favorável feito pelos psicólogos indicados, o credenciamento terá vigência por 02 anos. O descredenciamento do psicólogo se dará a qualquer tempo, se o mesmo descumprir as normas estabelecidas no Manual do Psicólogo tais como, código de ética profissional, resoluções do CFP, não dominar as técnicas e instrumentos psicológicos e ou apresentar baixa qualidade técnica. A fiscalização é periódica “in loco” por Psicólogo do DPF, divididas em Ordinária (anualmente) e Extraordinária (por solicitação da DARM/DPF/DF).

No Rio de Janeiro os profissionais credenciados estão assim distribuídos: CABO FRIO 01, CAMPOS DOS GOITACAZES 02, ITAPERUNA 02, NOVA IGUAÇU 01, NOVA FRIBURGO 01, NITEROI 03, PETRÓPOLIS 01, RIO DE JANEIRO 15, SÃO GONÇALO 01 E VOLTA REDONDA 02. A concessão do porte de arma de fogo é uma realidade e cabe à Psicologia intervir para garantir que tudo seja feito no sentido do cumprimento da Lei. Alguns exemplos demonstram a importância da Avaliação e dos resultados apresentados no teste Zulliger forma coletiva: 95 Inspetores de Segurança Interna da Petrobras avaliados; 11 ficaram inaptos sendo que 03 por aparecimento de fenômenos especiais e o restante em critérios de personalidade e habilidades específicas. 155 Guardas Municipais de Barra Mansa avaliados: 31 ficaram inaptos sendo que 05 por aparecimento de fenômenos especiais e o restante em critérios de personalidade e habilidades específicas.

REFERÊNCIAS

SENARM/DARM, DPF/DG – Ordem de Serviço 001/2004